MICHAEL COX

Holanda
(1992-1996)

Itália
(1996-2000)

França
(2000-2004)

ENTRE LINHAS

Portugal
(2004-2008)

De Ajax a Zidane,
a construção do futebol moderno
nos gramados da Europa

Espanha
(2008-2012)

Alemanha
(2012-2016)

Inglaterra
(2016-2020)

GRANDE ÁREA

PREFÁCIO DE RAFAEL OLIVEIRA

MICHAEL COX

Holanda
(1992-1996)

Itália
(1996-2000)

França
(2000-2004)

ENTRE LINHAS

Portugal
(2004-2008)

De Ajax a Zidane,
a construção do futebol moderno
nos gramados da Europa

Espanha
(2008-2012)

Alemanha
(2012-2016)

Inglaterra
(2016-2020)

GRANDE ÁREA

PREFÁCIO DE RAFAEL OLIVEIRA

MICHAEL COX

ENTRE LINHAS

De Ajax a Zidane,
a construção do futebol moderno
nos gramados da Europa

GRANDE ÁREA

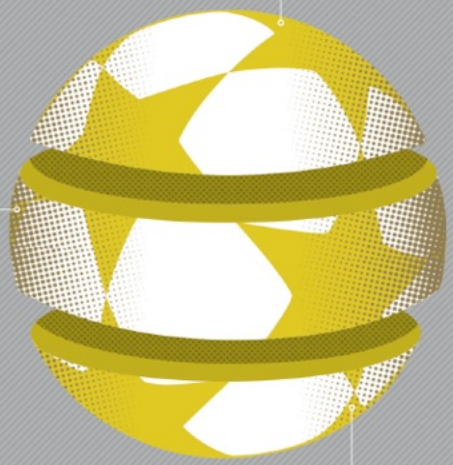
PREFÁCIO DE RAFAEL OLIVEIRA

O livro de Michael Cox é um convite para pensar além dos clichês. Um passeio por momentos curiosos e partidas marcantes, com uma contextualização histórica que ajuda a organizar as ideias e a compreender, de forma mais ampla, o intercâmbio entre as escolas de futebol.

Rafael Oliveira, jornalista e autor do prefácio de *Entre linhas*

Graças à meticulosa pesquisa e ao foco na estratégia, Michael Cox encontra novas perspectivas para uma história que os fãs de futebol acreditavam já conhecer.

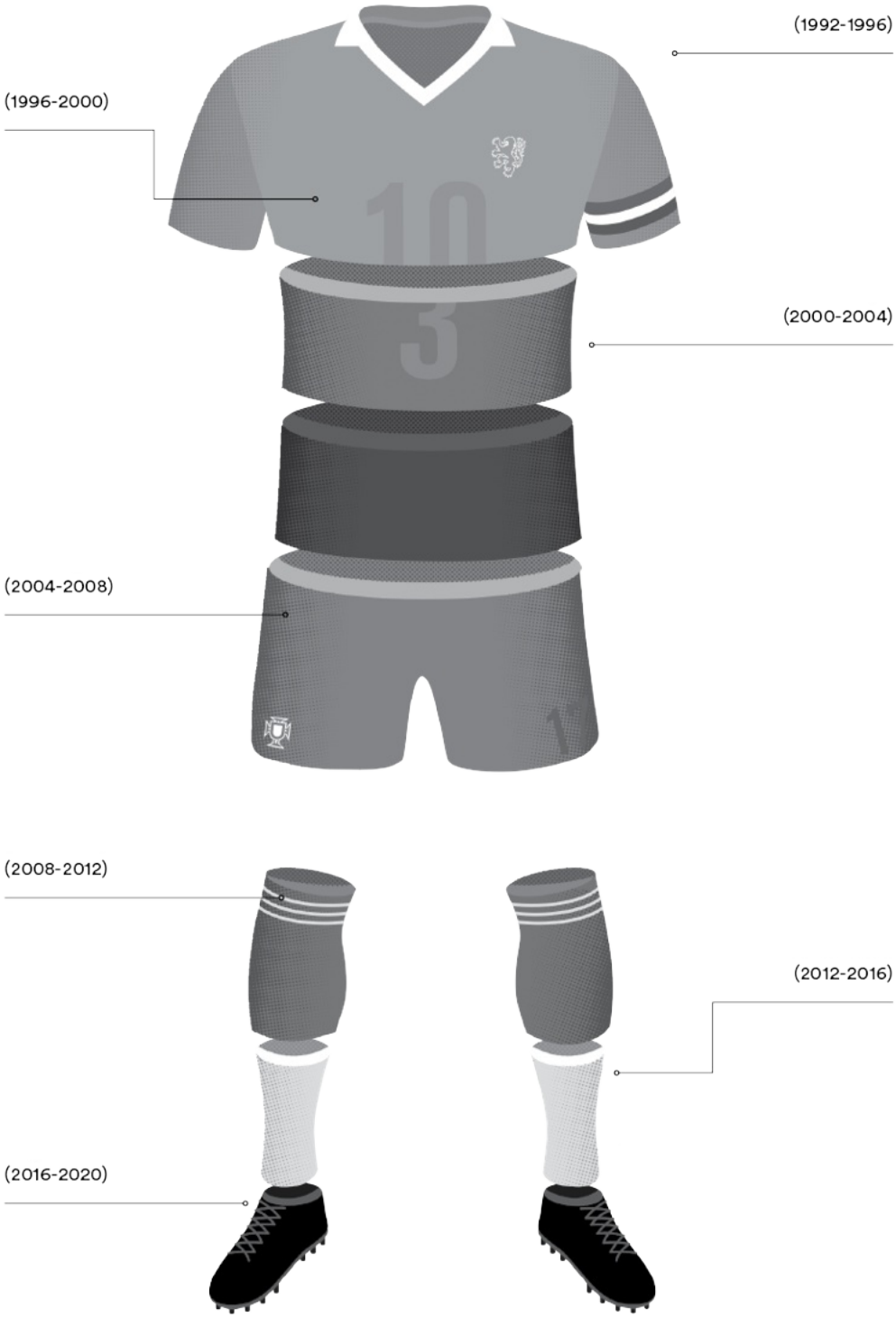
The Economist



Cox, um obcecado pela tática, ignora as novelas do futebol para explicar o que realmente acontece em campo. Neste livro, recheado de anedotas e boas histórias, ele traça o percurso do desenvolvimento tático do jogo ao longo dos últimos 30 anos.

Simon Kuper, autor de *Football Against The Enemy* e *The Barcelona Complex*

GRANDE ÁREA


(1992-1996)
(1996-2000)
(2000-2004)
(2004-2008)
(2008-2012)
(2012-2016)
(2016-2020)

MICHAEL COX

ENTRE LINHAS

De **A**jax a **Z**idane,
a construção do futebol moderno
nos gramados da Europa

GRANDE ÁREA

Copyright © 2019 Michael Cox
Copyright desta edição © 2022 Editora Grande Área

Tradução
Téo Benjamin

Preparação
Christian Schwartz

Revisão
BR75 | Rowena Esteves

Adaptação da capa original
BR75 | Luiza Aché

Projeto gráfico de miolo
BR75 | Raquel Soares

Diagramação
BR75 | Catia Soderi

Produção editorial
BR75 | Clarisse Cintra e Silvia Rebello

Ilustrações de miolo
Gonza Rodriguez

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

C916e Cox, Michael

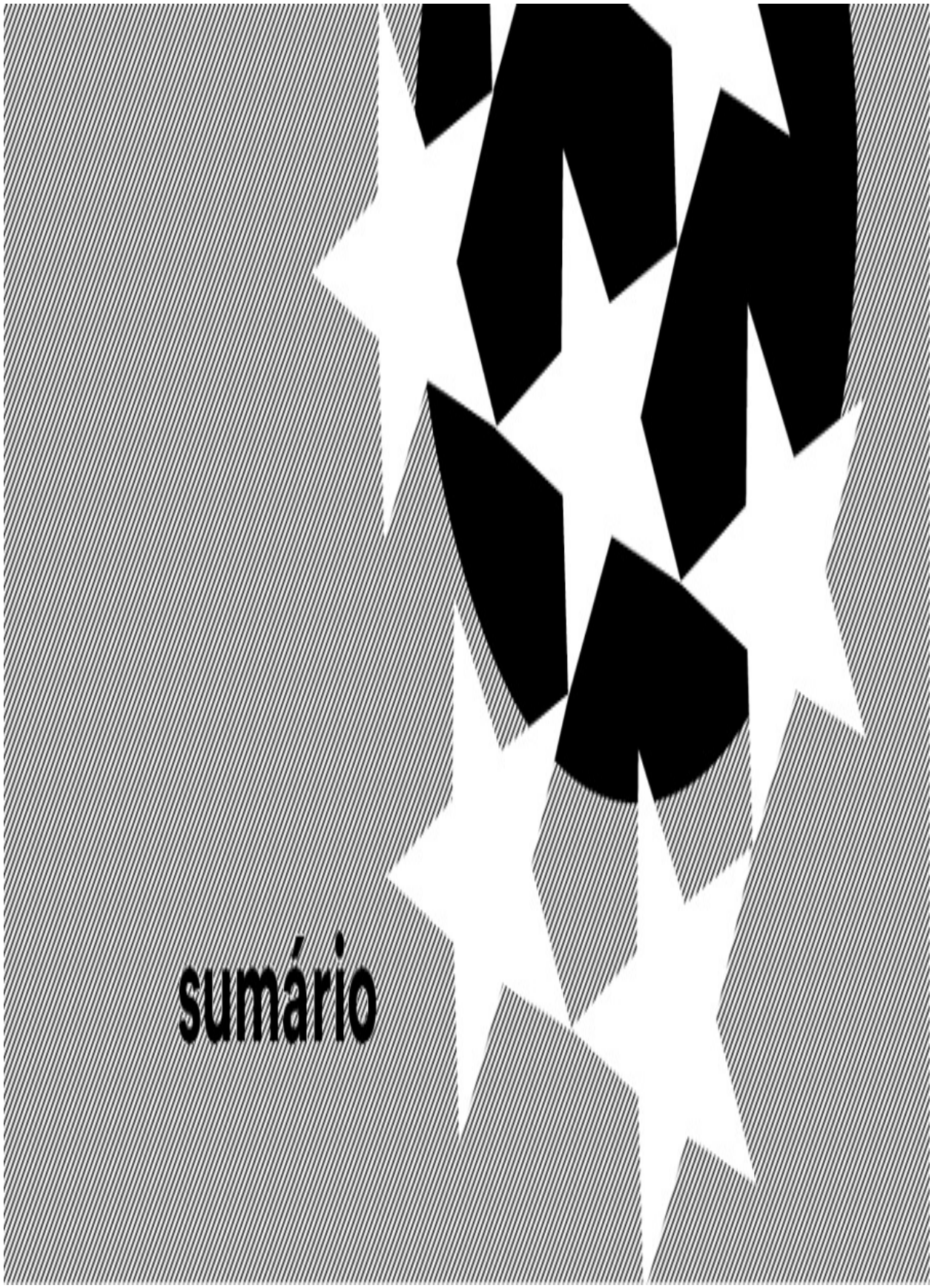
Entre linhas: de Ajax a Zidane, a construção do futebol moderno nos gramados da Europa/Michael Cox; tradução de Téo Benjamin. –– Campinas: Editora Grande Área, 2022.
440 p.

ISBN: 978-65-88727-16-4
Título original: Zonal Marking

1. Futebol - História 2. Futebol - Tática 2. Futebol - Europa I.
Título II. Benjamin, Téo

21-5512 CDD 796.334094

Índices para catálogo sistemático:
1. Futebol - História


sumário

Prefácio

Introdução

Parte Um: Voetbal, 1992 — 1996

1. Individual versus coletivo

2. Espaço

3. Saída de bola pelo chão

Transição: Holanda — Itália

Parte Dois: Calcio, 1996 — 2000

4. Flexibilidade

5. O terceiro atacante

6. Catenaccio

Transição: Itália — França

Parte Três: Foot, 2000 — 2004

7. Velocidade

8. O camisa 10

9. O carregador de água

Transição: França — Portugal

Parte Quatro: Futebol, 2004 — 2008

10.Estrutura

11. O primeiro porto de parada

12. Pontas

Transição: Portugal — Espanha

Parte Cinco: Fútbol, 2008 — 2012

13. Tiquitaca

14. O falso 9 e os argentinos

15. El Clásico

Transição: Espanha — Alemanha

Parte Seis: Fussball, 2012 — 2016

16. Verticalidade

17. Gegenpressing

18. Reinvenção

Transição: Alemanha — Inglaterra

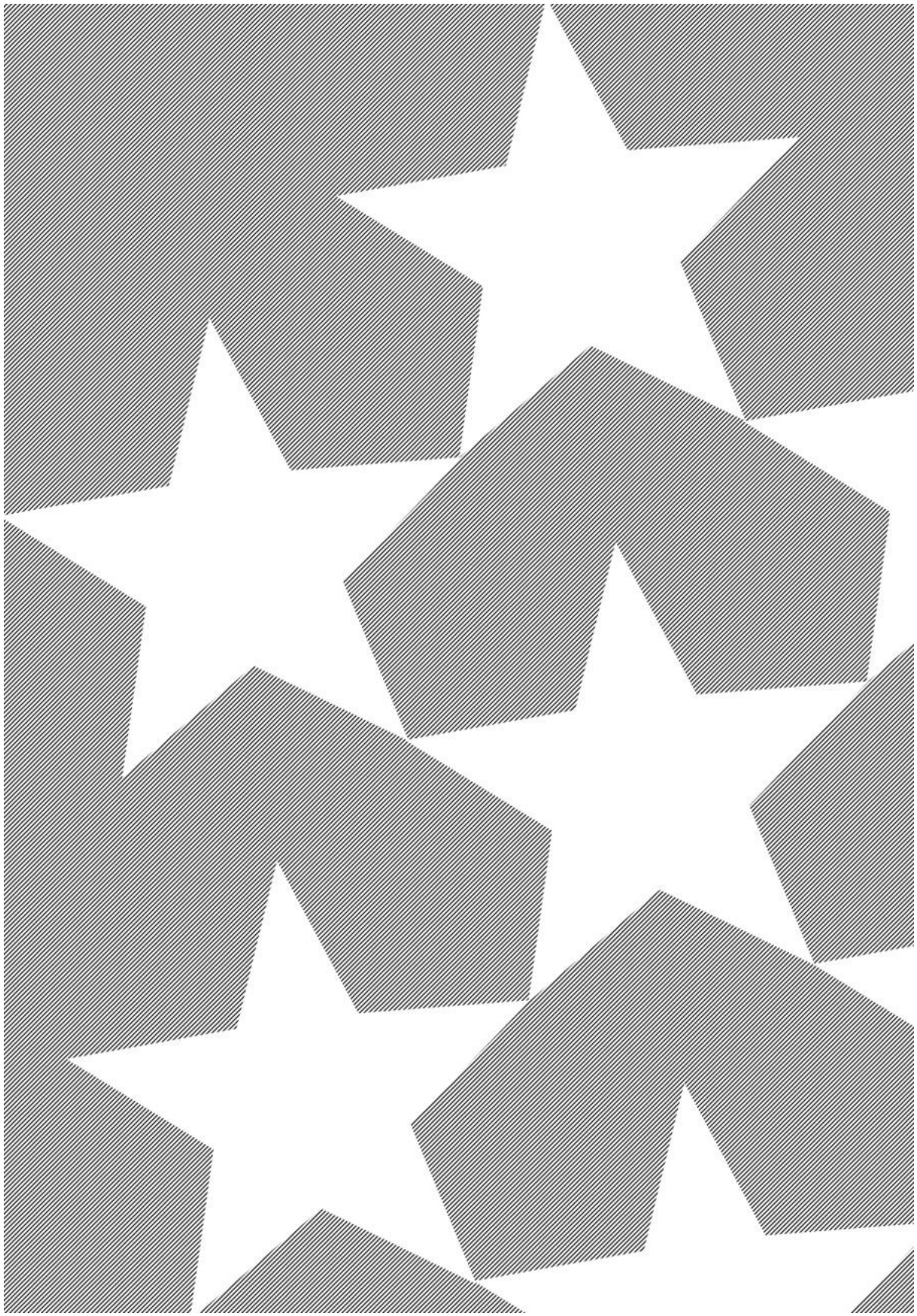
Parte Sete: Football, 2016 — 2020

19. A mistura

Epílogo

Agradecimentos

Bibliografia



Prefácio

“Contexto” é uma das palavras mais importantes e menos valorizadas no futebol. Uma opinião pode ser apenas polêmica ou contundente, mas qualquer análise deve necessariamente observar mais aspectos ao tentar estabelecer uma visão racional.

Mergulhar no contexto para apresentar cada estilo é o diferencial de Michael Cox, com sua capacidade de transformar temas que estão aparentemente distantes na linha do tempo, construindo uma lógica que conecta de forma cronológica eventos influentes no jogo que vemos e debatemos hoje.

Sem ser essencialmente tático ou profundo a ponto de dificultar a compreensão, o conteúdo desta obra nos dirige ao entendimento das visões e razões para as ideias e os personagens de cada tempo. Guardiola, Mourinho, Klopp, Van Gaal, Cruyff… Os dilemas filosóficos que provocam debates e embates estratégicos dentro e fora de campo. As transformações táticas na Holanda, na Alemanha e na Itália. A adaptação de determinados conceitos como respostas ao modelo dominante, além das tendências cíclicas ao longo da história.

Ocupação de espaços predeterminados ou liberdade para o talento? São formas diferentes de atacar que presenciamos até hoje. Assim como as abordagens defensivas. Marcação por zona ou com referências individuais? O Campeonato Italiano, parâmetro de qualidade nas décadas de 1980 e 1990, promoveu discussões e mudanças.

Também é importante notar como certas decisões aparentemente similares podem ter objetivos bem diferentes. É o caso do uso de três zagueiros, seja pelas variações ofensivas holandesas, pelos encaixes italianos ou pela consagrada figura do líbero alemão.

Isso vale para o boom da posse de bola após o sucesso da Espanha ou dos times de Guardiola. O catalão impactou profundamente cada liga por onde passou. A estatística correspondente à posse, isolada do contexto e da

execução da proposta, diz pouco.

Mourinho revolucionou os métodos de treinamento e mudou a forma de encarar as transições — aqueles momentos em que a bola muda de dono, com os times se ajustando entre as fases e os posicionamentos no campo.

Os duelos entre Mourinho e Guardiola moldaram um período inesquecível do clássico entre Real Madrid e Barcelona. A imposição física como antídoto contra a qualidade técnica de um dos melhores times de todos os tempos.

O comportamento sem bola também é cíclico. Em dado momento, a tendência foi recuar o bloco defensivo e reduzir espaços perto da própria área; depois, passou a ser adiantar a marcação e tentar forçar erros na saída do adversário, princípios da seleção holandesa décadas atrás.

Klopp virou um símbolo do estilo rock'n'roll, marcado pelo ritmo acelerado e agressivo. O conceito de Gegenpressing ganhava a Bundesliga e o mundo. Cada etapa é abordada por Michael Cox em uma linha do tempo que nunca se descola de influências passadas e consequências futuras.

A partir da evolução física e seus efeitos nos aspectos técnico e tático, o futebol de mais alto nível caminhou para a constante batalha entre pressionar e superar pressões. A precisão é chave nas valiosas e perigosas saídas elaboradas desde a própria área. Um exercício de risco e recompensa, assumido ou não de acordo com as intenções de cada treinador.

Com o fluxo de informações na era da internet, é natural que o jogo nunca tenha sofrido mudanças tão rápidas como as vistas nas últimas três décadas. O recorte coincide com a Lei Bosman, que alterou radicalmente a dinâmica de mercado e a composição dos elencos dos clubes europeus.

O início da década de 1990 também viu a criação da Premier League, o novo formato da Liga dos Campeões e o fim do recuo que permitia ao goleiro pegar a bola com as mãos — eventos de diferentes naturezas que ajudam a estabelecer esse momento como o ponto de partida do autor.

O futebol atual é um jogo cada vez mais global e estilisticamente semelhante, até pelo impacto quase instantâneo gerado pelas principais influências. É raro descobrir uma real novidade em um torneio como a Copa do Mundo, que antigamente representava o aguardado choque entre

escolas.

Hoje, todos se conhecem, enfrentam-se semanalmente e se estudam. Nem por isso a resposta será sempre a mesma. Futebol não é ciência exata e não há fórmula perfeita. Cada país ou região traz sua bagagem esportiva e cultural, produzindo diferentes resultados e questionamentos.

E por que então cobrar respostas objetivas e definitivas para cada questão? O que o autor oferece é justamente uma viagem que contempla a trajetória e reconhece contribuições de diferentes origens. Não se trata de reduzir algo a certo ou errado a partir de convicções pessoais, mas de identificar a relevância de cada período.

O livro de Michael Cox é um convite para pensar além dos clichês. Um passeio por momentos curiosos e partidas marcantes, com uma contextualização histórica que ajuda a organizar as ideias e a compreender, de forma mais ampla, o intercâmbio entre as escolas de futebol.

Rafael Oliveira

Introdução

Apesar de sua natureza cronológica, este livro não foi originalmente pensado como um relato sobre a história do futebol moderno. A intenção inicial era analisar, com base na performance recente das seleções e na força dos campeonatos locais, na Europa, os diferentes estilos de jogo que dominaram os sete países mais importantes do continente em termos futebolísticos: Holanda, Itália, França, Portugal, Espanha, Alemanha e Inglaterra — um grupo relativamente indiscutível.

O estilo de futebol de uma nação pode ser visto na prática de diferentes formas. Não se trata apenas das características de sua seleção, mas também da filosofia dos seus maiores clubes, da natureza das grandes estrelas e do pensamento de seus treinadores. Pode ser igualmente identificado pelas experiências de seus atletas que vão atuar fora do país e pela trajetória dos estrangeiros que chegam. Também envolve a forma como os árbitros conduzem as partidas e como os torcedores se expressam nos estádios. Era sobre tudo isso que esse livro sempre havia pretendido tratar.

Surgiu, porém, uma questão ligada à estrutura da obra: em que ordem os países deveriam ser organizados? Geograficamente? Tematicamente? Por meio de um sorteio feito com bolinhas dentro de uma bacia de plástico na sede da Uefa? Imediatamente ficou claro que a história contada não se restringia aos diferentes estilos de cada país, mas tratava também de como a nação dominante — assim como o estilo dominante — vinha mudando com regularidade ao longo dos anos no futebol europeu.

A data óbvia para o início de tudo foi 1992, ano da mudança na regra do recuo para o goleiro, da reformulação da Copa dos Campeões da Europa — que passou a se chamar Champions League — e da formação da Premier League. Desse ponto em diante, cada país poderia ser desbravado individualmente, focando-se em ciclos bem-sucedidos de quatro anos.

No início dos anos 1990, a filosofia de futebol dos holandeses era venerada ao redor do continente, mas sua influência declinou a partir do Caso Bosman. O bastão foi passado à Itália, que claramente era a casa do melhor

campeonato nacional em toda a Europa. Mas, então, a França começou a vencer todos os torneios internacionais e sua academia nacional se tornou referência para todos os outros países quando o assunto era a formação de jovens jogadores; até que, de repente, quase do nada, tanto o melhor jogador quanto o melhor treinador da Europa se revelaram como provenientes do mesmo país: Portugal. Depois, o Barcelona e a seleção espanhola ganharam tudo o que era possível ganhar num período bastante claro de dominância que durou quatro anos, até que o declínio do tiquitaca deu lugar à ascensão do Bayern e da Alemanha. Por fim, os mais bem-sucedidos treinadores da Europa se reuniram para competir na Inglaterra, introduzindo os mais variados estilos de jogo à Premier League.

É natural que cada seção do livro cubra um pouco mais do que essas janelas de quatro anos. É impossível falar do futebol holandês dos anos 1990 sem buscar suas origens no Futebol Total dos anos 1970, assim como é impossível analisar as performances de Didier Deschamps pela seleção francesa na virada do século ignorando o fato de que ele venceria a Copa do Mundo como treinador em 2018. Nenhum dos capítulos recebe o nome de indivíduos ou equipes específicas de cada período; em vez disso, todos se baseiam em conceitos mais gerais que se refletiram no estilo de futebol de cada nação ao longo dos anos.

As sete partes têm também feitios diferentes. A primeira, sobre a Holanda, fala sobre como os holandeses ditaram a própria natureza do futebol europeu moderno, enquanto a segunda, sobre a Itália, foca em debates táticos específicos, e a parte sobre a França detalha a formação de certos tipos de jogadores. O capítulo sobre Portugal busca entender a evolução do país até se tornar uma das grandes forças do esporte, a parte sobre a Espanha mergulha no compromisso do país com uma filosofia específica de jogo, a seção sobre a Alemanha trata essencialmente sobre a reinvenção de seu futebol, e a última, sobre a Inglaterra, explora a importação de conceitos estrangeiros.

Por causa dessa estrutura do livro, alguns times de destaque não são cobertos com profundidade aqui: há apenas breves menções sobre o chocante triunfo da Grécia na Eurocopa de 2004, o título mundial da Itália dois anos depois e o sucesso do Real Madrid na Champions League mais recentemente. Mas os jogadores, treinadores e equipes mais influentes desde 1992 são esmiuçados em detalhes, e, portanto, mesmo que não tenha sido a

intenção original, este livro acaba oferecendo uma história do futebol moderno, a partir da Europa, ao realçar as mais importantes inovações ocorridas no jogo, como o Gegenpressing, a saída de bola pelo chão, a periodização tática, o tiquitaca e, é claro, a marcação por zona.[1]

---

1 Aqui o autor faz uma brincadeira com o título original do livro, Zonal Marking, cuja tradução direta é "marcação por zona" — questão tática de grande relevância quando considerada a evolução do futebol nas últimas décadas. Ao mesmo tempo, faz também uma referência à delimitação geográfica dos "estilos de jogo" pretendida pelo livro. (N.T.)

parte 1
1992
1996
VOLIBOL

1

Individual versus coletivo

O ano de 1992 marcou o início da era moderna do futebol e, àquela altura, a nação dominante na Europa era a Holanda. A Copa dos Campeões da Europa foi conquistada pelo Barcelona comandado por Johan Cruyff, o maior representante da escola holandesa do Futebol Total, enquanto o Ajax venceu a Recopa Europeia no mesmo ano. E ainda havia bastante força no âmbito doméstico — o psv venceu o Campeonato Holandês e o Feyenoord venceu a Copa da Holanda.

A seleção holandesa não conseguiu repetir o título da Eurocopa, que havia conquistado em 1988, mas jogou um futebol entusiasmante e fluido em uma Euro 1992 decepcionantemente defensiva, o último grande torneio antes da alteração da regra do recuo para o goleiro. O jogador mais dominante da Europa era igualmente holandês — naquele ano, a Bola de Ouro foi vencida por Marco van Basten. Seu parceiro de ataque na seleção, Dennis Bergkamp, terminou em terceiro na votação.

O domínio holandês, no entanto, não se baseava em times ou indivíduos específicos. Decorria, na verdade, de uma filosofia particular. As equipes holandesas — ou aquelas comandadas por treinadores holandeses, como Cruyff — promoviam essa abordagem de maneira tão bem-sucedida que todo o futebol moderno passaria a ser compreendido a partir da clássica interpretação holandesa do jogo.

A natureza do Futebol Total, que revolucionou o esporte na década de 1970, era amplamente associada à própria natureza de Amsterdã. A capital do país era o centro do liberalismo europeu, a Meca para os hippies de todo o continente, e isso se refletia no esporte. Os jogadores do Ajax e da seleção supostamente não tinham a responsabilidade de guardar posições e pareciam ter permissão para flutuar pelo campo da forma que achassem melhor, criando um futebol vibrante, fluido e bonito.

Na realidade, a abordagem holandesa era altamente sistematizada — os jogadores trocavam de posição exclusivamente em linhas verticais ao longo do campo e, se um defensor subisse ao ataque, um meio-campista ou um

atacante precisava recuar para fazer a cobertura. Nesse sentido, enquanto os atletas recebiam, na teoria, liberdade para se movimentar, na prática estavam constantemente raciocinando sobre os papéis que deveriam cumprir em campo em relação às ações dos companheiros. Num tempo em que os atacantes de outras nações europeias frequentemente atuavam com máxima liberdade, sem deveres, os homens de frente no Ajax e na seleção holandesa eram limitados por diretrizes impostas por seus treinadores. Arrigo Sacchi, o grande técnico do AC Milan do fim dos anos 1980, explicou de maneira concisa: "Só existiu uma verdadeira revolução tática: quando o futebol se transformou de um jogo individual em um jogo coletivo", declarou. "Aconteceu no Ajax." Daquele momento em diante, o futebol holandês passou a abrigar um debate filosófico contínuo: o futebol deveria ser individualista, como a representação típica do estereótipo da cultura holandesa, ou sistematizado, como nos times clássicos do Futebol Total?

Na metade dos anos 1990, esse debate acabou simbolizado pela rivalidade entre Johan Cruyff — treinador do Barcelona e garoto prodígio do Futebol Total — e Louis van Gaal, então técnico do Ajax, que havia chegado ao topo por uma via mais prosaica. Ambos promoviam o clássico modelo do Ajax em termos de posse de bola e formação da equipe, mas Cruyff acreditava de coração em favorecer as grandes estrelas, enquanto Van Gaal enfatizava incansavelmente a importância do coletivo. "Van Gaal trabalha de maneira ainda mais estruturada que Cruyff", observou o mentor comum de ambos, Rinus Michels, que dirigiu os times lendários do Ajax e da Holanda na década de 1970. "Na abordagem de Van Gaal, existe menos espaço para o oportunismo e as trocas de posição. Por outro lado, a construção das jogadas é aperfeiçoada até os mínimos detalhes."

A ideia de liderança, na cabeça dos holandeses, é alguma coisa complexa. Como povo, eles se orgulham de sua abertura e capacidade de argumentação. No contexto do futebol, isso significa que os jogadores às vezes participam de decisões que, em outros lugares, seriam de responsabilidade exclusiva do treinador. Cruyff, por exemplo, deixou o Ajax para ir jogar no Barcelona em 1973 porque o clube holandês implementou um sistema em que os próprios jogadores elegiam seu capitão. Ele se sentiu tão ofendido ao não ser o escolhido que desertou rumo ao Camp Nou. Considerando seu impacto subsequente em Barcelona, foi uma decisão de consequências épicas — e que tem tudo a ver com os princípios holandeses.

Os jogadores na Holanda estão acostumados a influenciar seus treinadores e a ajudar na formulação das estratégias de jogo. Conforme explicou Van Gaal sobre o sistema do Ajax, "Ensinamos os jogadores a ler o jogo, a serem como treinadores. (…) Treinadores e jogadores debatem, discutem e, acima de tudo, se comunicam. Se o treinador adversário aparece com uma boa ideia tática, os jogadores olham para o campo e acham uma solução". Enquanto em muitos países os jogadores instintivamente apenas seguem ordens, um time de atletas holandeses pode oferecer onze opiniões diferentes sobre a melhor maneira de jogar, o que explica em parte por que a seleção nacional é famosa pelas constantes disputas internas durante grandes torneios. Todos são encorajados a articular suas ideias e isso leva inevitavelmente a discordâncias. Os atletas da seleção só parecem chegar a um consenso quando decidem derrubar o treinador.

Michels, o pai do Futebol Total, encorajava ativamente as desavenças com seu conhecido "modelo de conflito", que incluía induzir os jogadores a entrarem em discussões no vestiário. "Às vezes, eu usava deliberadamente uma estratégia de confronto", admitiu ele depois da aposentadoria. "Meu objetivo era criar um campo de tensão e melhorar o espírito de equipe." Mais importante do que isso, Michels reconhecia sua implicância constante com seus principais atletas. Se um dos mais reconhecidos treinadores de um país admite provocar seus melhores jogadores de propósito, não chega a ser surpreendente que as gerações seguintes não vejam qualquer problema no acirramento das disputas internas.

Essa ênfase em externar opiniões faz os jogadores holandeses serem considerados arrogantes pelos estrangeiros — e esse é outro conceito ligado à natureza de Amsterdã. Os seguidores originais do Futebol Total do Ajax nos anos 1970 eram descritos por Cruyff como sendo "habitantes de Amsterdã por natureza", o tipo de comentário que, de fato, é melhor compreendido por seus compatriotas. Ruud Krol, extraordinário defensor daquele time, foi ainda mais longe: "Tínhamos um jeito de jogar muito ligado a Amsterdã — arrogante, mas não realmente arrogante. Um jeito de se exibir a ponto de colocar o adversário para baixo. Queríamos mostrar de verdade que éramos melhores". Dennis Bergkamp, por sua vez, afirma com mais simplicidade que "não é permitido ser realmente convencido na Holanda", e descreve o notoriamente autoconfiante Johann Cruyff como alguém "não arrogante — é só uma coisa holandesa, uma coisa de Amsterdã".

Louis van Gaal talvez fosse ainda mais arrogante que Cruyff, e era tão frequentemente descrito como “cabeçudo” que os críticos às vezes pareciam estar fazendo uma comparação física. Ao ser escolhido como treinador do Ajax, ele disse à diretoria: “Parabéns por contratar o melhor treinador do mundo”. Em sua primeira entrevista coletiva, foi apresentado pelo presidente Tom Harmsen com as seguinte palavras: “Louis é absolutamente arrogante, e gostamos de pessoas arrogantes aqui”. Van Gaal também associava o jeito de ser do Ajax com a cidade. “O modelo do Ajax tem algo a ver com a nossa mentalidade, a arrogância da capital e a disciplina da pequena Holanda”, disse. Todos em Amsterdã reconhecem sua arrogância como um aspecto da coletividade, mas ninguém parece admitir algum tipo de prepotência individual, o que acentua a confusão.

Cruyff, rival de longa data de Van Gaal, tinha motivo para ser arrogante: foi o maior jogador de futebol da década de 1970 e o maior jogador holandês de todos os tempos. Sua carreira foi repleta de sucessos: os mais notáveis, suas três Bolas de Ouro e as três Copas dos Campeões da Europa conquistadas em sequência. Ele também venceu seis Campeonatos Holandeses com o Ajax, depois foi para Barcelona e ganhou o Campeonato Espanhol, passou um tempo nos Estados Unidos e, no retorno ao Ajax, conquistou mais duas vezes o Campeonato Holandês. Em 1983, quando o clube de Amsterdã não quis lhe oferecer um novo contrato, Cruyff se vingou indo jogar no arquirrival Feyenoord por uma derradeira temporada: venceu a liga e foi eleito o melhor jogador holandês daquele ano, para só então se aposentar. Cruyff fazia o que bem entendia e conseguia tudo o que queria, desfrutando de todas essas glórias enquanto, ao mesmo tempo, afirmava que o sucesso importava menos que o estilo. Ele personificava o Futebol Total, o que tornava seu status — de única verdadeira individualidade em um time voltado para o coletivo — bastante peculiar. Ele foi, portanto, uma escolha popular para o cargo de técnico do Ajax em 1985, apenas um ano depois de sua aposentadoria dos campos. Venceu a Recopa Europeia em 1987 e inevitavelmente seguiu seu caminho para ser recebido mais uma vez como herói em Barcelona, onde ganhou a Recopa Europeia em 1989 e a primeira Copa dos Campeões da Europa do Barça em 1992, além de ter sido o responsável pela primeira sequência de quatro títulos seguidos do Campeonato Espanhol na história do clube. Um jogador lendário havia se tornado um treinador lendário.

Em gritante contraste, quando Van Gaal foi nomeado treinador do Ajax em

1991, depois de vários trabalhos decepcionantes dos treinadores que sucederam Cruyff, os torcedores se mostraram infelizes. Havia fortes boatos indicando um retorno de Cruyff ao clube e a torcida cantou seu nome nos primeiros jogos de Van Gaal no comando, enquanto o De Telegraaf, jornal mais vendido da Holanda, liderou uma campanha pedindo o retorno do grande ídolo ao clube. Alguns acreditavam que Van Gaal seria apenas uma solução temporária até que a volta de Cruyff se consumasse, então seria compreensível que o então treinador nutrisse certo ressentimento em razão dos rumores. Na realidade, porém, a origem das tensões remontava a duas décadas antes.

Louis van Gaal foi um jogador relativamente talentoso. Alto e com pouca mobilidade, começou no futebol jogando no ataque. Sempre foi mais um criador de jogadas que propriamente um finalizador, portanto mais tarde acabou recuando para jogar no meio de campo. Teve uma carreira decente, principalmente pelo Sparta Rotterdam, mas sempre considerou sua trajetória como jogador decepcionante, especialmente porque esperava ter se tornado titular do Ajax. Ele havia chegado ao clube de sua cidade em 1972, aos 20 anos de idade, e jogava regularmente pelo segundo time, mas não conseguiu entrar em campo uma única vez pela equipe principal antes de ser vendido. O titular em sua posição, claro, era Cruyff, o que significa que toda a carreira de Van Gaal no Ajax se desenrolou à sombra do rival: primeiro como seu reserva nos campos, depois como escolha impopular à beira do gramado.

No início da década de 1990, Cruyff era o treinador do Barcelona enquanto Van Gaal treinava o Ajax — e os dois não eram amigos. "A química entre a gente é ruim", confirmou Cruyff. Inicialmente, como treinadores, os dois até mantiveram uma relação tranquila. Em 1989, quando era auxiliar no Ajax, Van Gaal fez um curso em Barcelona durante o Natal e passou várias noites na casa da família de Cruyff, dando-se especialmente bem com o filho de Cruyff, Jordi, então jogador das categorias de base do Barça. Foi nesse momento, no entanto, que as coisas supostamente azedaram. Van Gaal recebeu um telefonema da Holanda trazendo a notícia de que sua irmã estava gravemente doente e voltou correndo a Amsterdã pouco antes de ela falecer. Algum tempo depois, sugeriu que Cruyff teria ficado irritado por ele ter saído sem agradecer à família pela hospitalidade. O próprio Cruyff

negou veementemente, afirmando que os dois tiveram um encontro amigável em Amsterdã pouco tempo após o acontecido. Parece improvável que Cruyff fosse usar a trágica notícia evolvendo a família de Van Gaal para iniciar uma briga. A explicação mais plausível é um mal entendido em um momento de vulnerabilidade. Mas a verdade talvez seja ainda mais simples: tratava-se de um confronto de filosofias futebolísticas e de um embate de egos.

Cruyff dedicou tempo considerável aos ataques a Van Gaal, enquanto também ia se desgastando cada vez mais. Em 1992, os jornalistas inevitavelmente faziam comparações entre o Barcelona de Cruyff e o Ajax de Van Gaal, o campeão da Copa dos Campeões da Europa e o campeão da Recopa Europeia, respectivamente. A resposta de Cruyff foi furiosa. "Se ele pensa que o Ajax é muito melhor que o Barcelona, vai se dar mal, está cometendo um grande erro", vociferou. "Quem olha para o Ajax hoje em dia, vê que a qualidade está caindo." Com o tempo, Cruyff foi se tornando cada vez mais mesquinho. Em 1993, disse que preferia ver o Feyenoord campeão em vez do Ajax de Van Gaal. Em 1994, perguntado sobre quais times europeus mais admirava, respondeu Auxerre e Parma — os dois times que haviam eliminado o Ajax de competições europeias nas duas temporadas anteriores. Em fevereiro de 1995, quando um jornalista sugeriu que o Ajax poderia ser mais forte que o Barça, a resposta foi contundente: "Por que você não para de falar merda?". Mas o time holandês demonstrou sua superioridade vencendo a Champions League naquele ano.

Van Gaal sempre enfatizou a importância do coletivo: "O futebol é um esporte de equipe e os membros da equipe são, portanto, dependentes uns dos outros", explicou. "Se certos jogadores não desempenham suas tarefas no campo de maneira apropriada, seus colegas sofrem. Isso significa que cada jogador precisa exercer suas funções básicas da melhor forma possível." Coisas simples, mas Cruyff jamais usaria uma linguagem tão funcional e desprovida de entusiasmo para falar sobre o jogo — ele queria que seus jogadores se expressassem, se divertissem. Para Van Gaal tudo se resumia a "desempenhar funções básicas". Quando o Ajax não conseguia vencer, Van Gaal costumava reclamar que alguns de seus jogadores "não haviam feito o que foi combinado", efetivamente acusando-os de trair a confiança dos companheiros ao fazer o que bem entendiam. No entanto, os times de Van Gaal não se preocupavam exclusivamente com o resultado — jogavam um futebol extremamente ofensivo, ainda que de forma

mecanizada. “Suspeito que prefiro jogar bem a vencer”, disse ele certa vez.

Um bom exemplo da antipatia de Van Gaal pelo individualismo veio em 1992, quando ele criou polêmica ao vender o insinuante ponta Bryan Roy. Cruyff o criticou, reclamando que o rival não apreciava o brilho individual. A explicação de Van Gaal soou intrigante: Roy tinha sido mandado embora porque “não via problema em correr pelo time, mas não conseguia pensar no time”. Van Gaal não foi o primeiro treinador autoritário a se frustrar com um ponta de desempenho inconsistente. Os outros técnicos, no entanto, abriam mão completamente desse tipo de jogador, favorecendo sistemas de jogo com utilização mais restrita dos espaços do campo. Como a abordagem do Ajax dependia muito da manutenção da amplitude no ataque, Van Gaal precisava de dois pontas autênticos.

Marc Overmars, pela esquerda, e Finidi George, pela direita, eram instruídos rigorosamente a não tentar driblar mais de um adversário: em situações de mano a mano, poderiam tentar ultrapassar o oponente, mas contra dois defensores, deveriam girar para dentro e inverter o lado da jogada. Os torcedores do Ajax, acostumados com pontas imprevisíveis e empolgantes, frustravam-se com a falta de liberdade, assim como os próprios jogadores. Finidi acabou indo para o Real Betis, onde falou sobre sua satisfação por poder finalmente se expressar dentro de campo. Van Gaal, de fato, odiava dribles. Além de considerá-los ineficientes, acreditava que nada representava melhor os jogadores que só pensavam em si mesmos. “Vivemos em uma sociedade que valoriza o indivíduo”, disse. “Mas, em um time, é preciso ter disciplina.”

O jeito de ser que lembrava o de um professor de escola era natural para Van Gaal, considerando que ele permaneceu lecionando por doze anos enquanto levava adiante a carreira de jogador, seguindo os passos de seu ídolo Michels, que também havia trabalhado em salas de aula. Van Gaal era um educador rígido, que trabalhava em uma escola com alunos difíceis, muitas vezes de origem pobre, e essa experiência moldou sua filosofia como treinador. “Jogadores são, na realidade, apenas crianças crescidas, então realmente existe uma semelhança entre os papéis de professor e treinador”, disse ele. “Você lida com os estudantes de uma certa forma, baseado em uma certa filosofia, e faz exatamente o mesmo com os jogadores de futebol. Tanto na escola quanto em um time de futebol você encontra uma hierarquia preexistente e diferentes culturas.”

Antes de treinar o time principal do Ajax, Van Gaal comandou as divisões de base do clube, onde trabalhou com um grupo de jogadores extraordinários, que incluía jovens como Edgar Davids, Clarence Seedorf e Patrick Kluivert. Foi essa experiência, em vez de passagens como treinador de clubes menores na Eredivisie, que serviu como ponte entre as funções de professor e técnico profissional. Ele gostava de trabalhar com jovens justamente porque eram mais maleáveis; acreditava que o jogador, ao chegar aos 25 anos de idade, já não podia mais ser transformado. Os únicos veteranos no Ajax campeão da Champions League em 1995 eram o defensor Danny Blind, em seu nono ano com o clube, e Frank Rijkaard, que havia retornado depois de ter iniciado a carreira na base do Ajax nos anos 1980. Van Gaal não apoiaria a contratação de uma grande estrela formada fora do Ajax, mesmo que o atleta fosse individualmente superior às opções disponíveis no elenco. "Eu não preciso dos onze melhores", afirmou. "Preciso do melhor grupo de onze."

Enquanto Van Gaal foi professor, Cruyff em certo sentido não foi sequer aluno. Ao ser contratado como treinador do Ajax em 1985, nem mesmo a licença profissional exigida ele tinha: Cruyff era Cruyff, e, como sempre, abriu-se uma exceção. Se Van Gaal suspeitava profundamente das individualidades, Cruyff adorava fazer a vontade de superastros do futebol. Seu Barcelona era capaz de mostrar muito mais magia individual no terço final do campo porque contou, em diferentes momentos, com quatro das maiores estrelas da época: Michael Laudrup, Hristo Stoichkov, Romário e Gheorghe Hagi. A ascensão e a queda do Barcelona de Cruyff decorreram, em grande parte, do tratamento dispensado por ele a esses jogadores.

Entre eles, o indivíduo mais fascinante era sem dúvida Laudrup, efetivamente o "elemento Cruyff" do Dream Team montado pelo holandês. Seu herói na infância havia sido o próprio Cruyff e, na Copa do Mundo de 1986, torneio para o qual a Holanda não se classificou, Laudrup foi o maior destaque da fabulosa "Dinamáquina", equipe comparada por muitos aos holandeses do Futebol Total da década de 1970. Laudrup chegou ao Barça em 1989 e se tornou imediatamente o líder técnico do time, recuando de sua posição central no ataque a fim de abrir espaços para o avanço dos meios-campistas. Era capaz de lançamentos primorosos com os dois pés e fazia passes sem olhar, usando a parte de fora do pé direito enquanto corria para

a esquerda, deixando os zagueiros absolutamente confusos. Laudrup terminou a carreira, aliás, depois de passar uma temporada no Ajax, em 1997/98.

Cruyff, por um lado, amava o talento natural de Laudrup. Quando marcou um magnífico gol de empate no último minuto contra o Real Burgos em 1991/92, levantando a bola com o pé esquerdo e acertando o ângulo num chute com o pé direito, Laudrup correu para comemorar junto a um maravilhado Cruyff — um dos abraços mais afetuosos entre jogador e treinador já visto. Por outro lado, Cruyff também o classificou como "um dos jogadores mais difíceis com quem trabalhei", acreditando que Laudrup não se esforçava suficientemente para desenvolver seu enorme talento e sempre reclamando de sua falta de espírito de liderança. Cruyff usava o "modelo de conflito" de Michels, o que só servia para aborrecer ainda mais o dinamarquês, um jogador irritadiço e reservado cuja personalidade pedia uma abordagem mais cuidadosa.

O maior beneficiado pelos passes milimétricos de Laudrup era outro astro excepcionalmente talentoso, o lendário búlgaro Stoichkov. "Dos mais de cem gols que marquei, tenho certeza de que mais de cinquenta foram com assistência de Michael", disse Stoichkov sobre seu período no Barça. "Jogar com ele era extremamente fácil. Nos achávamos no campo por intuição." Essa é, a propósito, uma descrição significativa: se no time de Van Gaal atacar era realizar movimentos pré-determinados, com Cruyff a base eram as relações orgânicas entre os jogadores.

Assim como Laudrup, Stoichkov idolatrava Cruyff e ainda guardava em casa vídeos do holandês quando acertou sua transferência para o Barcelona, mas era completamente diferente de Laudrup em termos de personalidade: agressivo, impetuoso e imprevisível. Havia sido banido para sempre do futebol em seu país natal — pena que foi posteriormente reduzida para um ano — por uma briga na final da Copa da Bulgária em 1985. Depois de impressionar Cruyff marcando um magnífico gol por cobertura contra o goleiro do Barcelona, Andoni Zubizarreta, jogando pelo cska Sofia na Recopa Europeia, chegou ao Camp Nou em 1989. "Ele tinha velocidade, capacidade de finalização e personalidade", recordou Cruyff. "Tínhamos muitos caras bonzinhos no time, precisávamos de alguém como ele." Mas, em seu primeiro El Clásico, Stoichkov foi expulso, pisou no pé do árbitro enquanto saía do campo e acabou punido com uma suspensão de dez

semanas. Fosse em outro clube, Stoichkov poderia ter perdido espaço definitivamente, mas Cruyff continuou confiando nele e o búlgaro marcou o gol da vitória no seu retorno ao time. Na semana seguinte, fez quatro no triunfo por 6 × 0 contra o Athletic Bilbao. Stoichkov fazia valer a paciência com que era tratado, ainda que tenha recebido dez cartões vermelhos em sua passagem pelo Barça, número impressionante para um atacante.

Diferentemente de Laudrup, Stoichkov se encaixava bem no "modelo de conflito" de Cruyff, entendendo perfeitamente o propósito dos ataques do treinador. "Diante do grupo ele me dizia que eu era um desastre, que não jogaria o próximo jogo e que iria me vender", explicou Stoichkov. "Mas, no fim do treino, nós saíamos para comer juntos." Stoichkov sempre declarava seu ódio irremediável pelo Real Madrid e os torcedores adoravam seu jeito de ser — ele se recusava a assinar autógrafos, mas ainda assim a torcida simplesmente se divertia com sua natureza anárquica. "Hristo sacudiu as coisas", disse Zubizarreta. "Mesmo que às vezes fosse longe demais, sou grato por pessoas como ele, capazes de quebrar a monotonia do dia a dia."

Ainda assim, em 1993/94, quando Cruyff conquistou seu último título do Campeonato Espanhol, Stoichkov não era nem mesmo o atacante mais arrogante do Barcelona, já que o clube havia trazido do psv, rival do Ajax, o centroavante brasileiro Romário, extraordinariamente talentoso e também famoso por faltar a alguns treinos. "Dizem que ele é uma pessoa difícil", sugeriu um jornalista na chegada de Romário. "Você poderia dizer o mesmo sobre mim", rebateu Cruyff, exultante por contratar um jogador que compartilhava sua natureza individualista. Romário se declarou o melhor atacante de todos os tempos, anunciou que faria trinta gols — de fato o fez, levando o Troféu Pichichi como artilheiro de LaLiga — e passou a temporada inteira prometendo que a Copa do Mundo de 1994 seria "a Copa do Romário", o que ele também confirmou, com o atacante terminando eleito como melhor do mundo naquele ano. Enquanto no psv Romário se envolvia com frequência na construção das jogadas, no Barcelona ele desaparecia dos jogos por longos períodos até ressurgir com uma finalização implacável e decisiva. Sua aceleração era incrível, ele sabia como surpreender os goleiros ao finalizar com o bico do pé e não tinha a menor vergonha de comemorar seus gols sozinho, mesmo que tivesse apenas empurrado a bola para dentro de um gol vazio depois de uma jogada totalmente construída por um companheiro.

Stoichkov e Romário tiveram uma relação de amor e ódio durante os dezoito meses que passaram juntos. Cruyff dizia que tinham "o mesmo problema": acreditavam que o time era escalado em função deles. Às vezes, pareciam competir para ver quem marcava mais gols em vez de buscar jogadas em conjunto como uma dupla de ataque tradicional. Mesmo assim, a rivalidade serviu como estímulo para que os dois alcançassem níveis ainda mais altos, e uma improvável amizade se estabeleceu. "Parece bizarro e eu ainda me pergunto como foi possível", disse Stoichkov algum tempo depois. "Nós nos tornamos amigos logo de cara. Éramos inseparáveis." As esposas dos dois se tornaram melhores amigas, seus filhos frequentavam a mesma escola, Stoichkov foi padrinho de um dos filhos de Romário e serviu como uma espécie de guarda-costas improvisado do parceiro, tirando um fotógrafo do caminho com um soco quando Romário visitava seu recém-nascido no hospital.

No âmbito europeu, a atuação mais memorável da dupla foi a destruição do Manchester United por 4 × 0 no Camp Nou em novembro de 1994. Stoichkov marcou o primeiro, Romário fez o segundo. Stoichkov driblou, passou para Romário, que devolveu de calcanhar para Stoichkov fazer o terceiro. O lateral Albert Ferrer fechou o placar. "Simplesmente não conseguimos lidar com a velocidade de Stoichkov e Romário", o treinador do United, Alex Ferguson, admitiu. "Enfrentar um ataque tão rápido foi uma experiência nova para nós." Mas, para os torcedores do Barcelona, o 5 × 0 contra o Real Madrid, um pouco antes naquele mesmo ano, tinha significado ainda mais. Romário fez três gols — o que os ingleses chamam de hat-trick —, o primeiro fintando o zagueiro Rafael Alkorta, do Real, com um drible incrível que ficou conhecido na Espanha como "rabo de vaca": ele recebeu de costas para o gol, girou sobre o próprio eixo tocando a bola duas vezes em um só movimento, mantendo-a colada ao pé, e finalizou rápido. "Vai entrar para a história", declarou Stoichkov sobre a jogada de Romário, quando poderia muito bem estar falando sobre o placar do jogo. Mas o Barça era muito inconsistente nesse período e apenas uma excelente sequência final permitiu que o time conseguisse roubar a liga das mãos do Deportivo La Coruña no saldo de gols, na segunda temporada seguida em que o título aconteceu por cortesia de um tropeço do rival na última rodada do campeonato. A inconstância, por si só, não chegava a ser um grande drama, mas desastrosa mesmo foi a derrota para o Milan por 4 × 0 na final da Champions League daquele ano.

O castelo começava a ruir. A relação entre Cruyff e Laudrup havia se deteriorado, o dinamarquês tinha ficado de fora na final contra o Milan e não teve seu contrato renovado. Ele então replicou a polêmica transferência de Cruyff para o Feyenoord em 1983 ao fechar contrato com o Real Madrid, levando os merengues ao título no ano seguinte enquanto Cruyff, curiosamente, declarava que Laudrup havia se tornado individualista demais. "Faltava disciplina a ele", reclamou Cruyff. "Se você tem muitas estrelas em um time, é necessário impor um limite no que cada um pode fazer enquanto indivíduo." Essa era, no entanto, uma explicação intrigante, considerando que Laudrup era evidentemente um jogador altruísta que adorava dar assistências para gols dos companheiros. A realidade é que o Barcelona simplesmente tinha passado a contar com estrelas de brilho maior e, com a regra dos três estrangeiros ainda vigente, Laudrup havia se tornando o quarto na fila de preferências, atrás de Romário, Stoichkov e do zagueiro Ronald Koeman.

Romário, enquanto isso, vinha se mostrando igualmente problemático, e sua amizade com Stoichkov havia terminado por conta das reclamações do búlgaro sobre o estilo de vida cada vez mais hedonista do brasileiro. Outros jogadores do Barça também estavam irritados. Depois de vencer a Copa do Mundo de 1994, Romário inevitavelmente passou um mês festejando no Rio e demorou a retornar a Barcelona. Cruyff não se incomodou com o atraso, mas um grupo de jogadores mais experientes do Barça, que incluía Koeman, Zubizarreta, José Bakero e Txiki Begiristain, pediu uma reunião para tratar do assunto. Inicialmente, Cruyff resistiu, mas acabou cedendo e, junto com Romário, sentou-se à mesa com os jogadores para ouvir as queixas dos atletas. Romário escutou atentamente, mas depois explodiu de raiva. "Você, você e você não deram nem pro começo [na Copa]", disparou para o trio espanhol e, virando-se para Koeman: "E você foi eliminado por mim! Vocês perderam! Eu sou o campeão aqui! Achei que essa reunião seria para me dar as boas-vindas e me parabenizar, que vocês iam me dar um troféu. Que é que eu estou fazendo aqui, ouvindo vocês? Vão tomar no cu!". A resposta de Cruyff foi típica: "Ótimo, de volta ao treino".

Enquanto isso, Cruyff recrutou outro meia-atacante extremamente talentoso para suprir a saída de Laudrup. Gheorghe Hagi era um jogador magnífico de perfil muito parecido com o de Stoichkov: dois maravilhosos camisas 10, responsáveis por levar seus respectivos países ao ápice futebolístico na metade da década de 1990. Só Cruyff seria suficientemente

louco para escalar os dois lado a lado, e recebeu o romeno comparando-o diretamente com o dinamarquês que tinha deixado o clube: “Se a gente troca Laudrup por Hagi, a ideia é não baixar o nível”, disse o comandante. “Aposto que Hagi vai marcar pelo menos o dobro de gols e fazer o mesmo número de assistências que Laudrup.” A realidade mostrou que Cruyff estava errado. Independentemente disso, era pouco comum ver um treinador comparar tão ostensivamente os números de dois atletas, em especial considerando que, com isso, estava depreciando um jogador fundamental para o seu Dream Team.

Hagi havia sido contratado por força de sua performance na Copa do Mundo de 1994, o que significa que Cruyff tinha reunido três jogadores escolhidos para a seleção do campeonato: Romário, Stoichkov e Hagi. O romeno tinha personalidade explosiva: era individualista, agressivo, inconsistente, arrogante e indolente, mas também capaz de produzir momentos de pura magia. Sua passagem pelo Barcelona, marcada pelas lesões, foi decepcionante, mas Hagi a considerou um sucesso pela liberdade de que dispunha em campo. “Eram vários os boatos e discussões a meu respeito, mas Cruyff tinha confiança em mim e me deu a oportunidade de mostrar o que eu podia fazer. E eu retribuí essa confiança”, declarou. Hagi produziu um momento genial em uma vitória por 4 × 2 contra o Celta de Vigo, quando, depois de um gol do adversário e sob neblina espessa, chutou direto do meio de campo logo na saída de bola e balançou as redes — a maior demonstração possível de individualismo.

Mas a obsessão de Cruyff por jogadores individualistas estava fugindo do controle. A atitude de Romário em seu retorno da Copa do Mundo era um sinal do que estava por vir, e o brasileiro passava a maior parte do seu tempo em Barcelona em festas, mantendo dois quartos de hotel permanentemente alugados para receber seus convidados. “Faça sexo todos os dias, mas no máximo três vezes”, era seu lema. Ao longo de sua segunda temporada no clube, diversos jogadores do Barcelona sugeriram que Romário chegava aos treinos praticamente sem conseguir se mexer, depois de ter passado a noite acordado. Cruyff era forçado a mandá-lo de volta para casa, e o jogador muitas vezes se atrasava para as reuniões do time porque dormia demais e perdia a hora. “Romário nunca voltou da Copa do Mundo. Seu corpo estava lá, mas sua mente continuava no Rio”, suspirava Stoichkov, enquanto Cruyff simplesmente reclamava que “ele não tinha disciplina”, as mesmas palavras usadas para descrever Laudrup. O início

do fim veio exatamente um ano depois da goleada sobre o Real Madrid por 5 × 0. Dessa vez, o time perdeu por 5 × 0 para o mesmo Real, com grande atuação de Laudrup. Stoichkov foi expulso no primeiro tempo, enquanto um absolutamente improdutivo Romário acabou substituído no intervalo e nunca mais voltou a campo vestindo a camisa do Barcelona. Cruyff tinha depositado sua confiança nos indivíduos errados.

Na semana seguinte, Romário foi eleito o melhor jogador do mundo, enquanto Stoichkov ficou em segundo. O búlgaro ainda venceu a Bola de Ouro, à época oferecida exclusivamente a jogadores europeus. Foi a demonstração mais clara do problema de Cruyff: o Barcelona contava oficialmente com os dois melhores jogadores do mundo, mas os dois mal se falavam, mal se relacionavam com o treinador e, na partida mais recente, um clássico contra o maior rival, nem sequer tinham conseguido chegar ao segundo tempo. Cruyff se irritou com o fato de Stoichkov querer ir à cerimônia de premiação e o forçou a treinar no mesmo dia, fazendo-o se atrasar para o evento. "Tive um problema com o treinador", lamentou Stoichkov na chegada, antes de fazer referência ao dilema entre o individual e o coletivo mais uma vez. "Quando perdemos, sempre sou o culpado. Quando vencemos, o time todo recebe os elogios." Mais adiante, disse algo parecido, mas intensificou o ataque ao treinador. "Quando vencemos, é mérito do Cruyff, quando perdemos, a culpa é dos jogadores." O "modelo de conflito" imposto por Cruyff chegara, enfim, ao limite.

Chegado o verão europeu, Stoichkov havia deixado o clube, Romário já tinha retornado ao Brasil, Laudrup comemorava o título em Madrid e apenas o decepcionante Hagi permanecia. O trabalho de Cruyff tinha sido minado por suas disputas com as estrelas e ele resolveu agir — talvez olhando com certa inveja para o modelo de Van Gaal no Ajax, que promovia talentos caseiros — estendendo sua confiança a um grupo de jovens: Iván de la Peña, os irmãos Roger e Óscar García e seu filho Jordi, nenhum dos quais correspondeu às expectativas. O novo contratado, Luís Figo, ainda não estava pronto para comandar a equipe, enquanto o ataque tinha a presença do nada espetacular Meho Kodro, bósnio de perfil pouco afeito à tradição do Barça que conseguiu marcar apenas nove gols no ano. Cruyff foi demitido ao fim da temporada 1995/96 em meio a uma briga com o presidente do clube, José Luis Núñez, embora as discussões com os jogadores mais importantes tenham sido igualmente decisivas.

O embate Cruyff versus Van Gaal continuou dentro do próprio clube. Van Gaal chegou ao Barcelona apenas um ano após a saída de Cruyff e anunciou orgulhosamente, ao ser apresentado, que "Louis van Gaal é a estrela agora". Ele tentou trazer seu modelo do Ajax, incluindo a compra de vários jogadores do clube. Inicialmente, a abordagem se mostrou bem-sucedida, e Van Gaal venceu o Campeonato Espanhol e a Copa do Rei em sua primeira temporada. Na segunda, manteve o título da liga, mas, como era de se prever, não soube lidar com os grandes nomes do Barcelona, em particular Rivaldo, o gênio brasileiro de pernas arqueadas que foi, durante um breve período, o melhor jogador do mundo. Comparado a Stoichkov e Romário, Rivaldo era um verdadeiro profissional, e enquanto as brigas de Cruyff com suas estrelas eram essencialmente sobre questões disciplinares fora de campo, os problemas de Van Gaal com Rivaldo tinham a ver com disciplina tática.

Em sua terceira temporada juntos pelo Barça, Van Gaal já se mostrava enfurecido com a predileção de Rivaldo por driblar os adversários, uma qualidade que seria reverenciada no Dream Team, sobretudo pelo próprio Cruyff. No dia que foi confirmado como vencedor do prêmio de jogador do ano na Europa, Rivaldo criticou explicitamente seu treinador, em um incidente que lembrou a briga entre Stoichkov e Cruyff. O brasileiro declarou que não jogaria mais aberto pela esquerda. "É diferente no Brasil. Lá, as pessoas não falam sobre tática e isso significa liberdade", disse. "Aqui é um pouco mais complicado, mais tático… há vários anos eu venho fazendo tudo pelo time e nada por mim. Quero aproveitar mais. Joguei pelo lado por um tempo e agora quero jogar centralizado, não apenas com a camisa 10, mas como um camisa 10."

Esse grau de autoimportância era intolerável para Van Gaal, e então, na viagem para enfrentar o Rayo Vallecano dois dias depois, o melhor jogador da Europa não foi nem relacionado para compor o grupo de dezoito jogadores. O Barça não saiu do empate. Rivaldo ficou de fora também da vitória contra a Real Sociedad, até que Van Gaal cedeu e o brasileiro saiu do banco para marcar o segundo gol na vitória por 2 × 0 contra o Celta de Vigo. Rivaldo não perdeu mais nenhum minuto nos sete jogos seguintes. Ele havia vencido a queda de braço que marcou o início do fim para Van Gaal. "Dei chances demais a ele", lamentou o treinador depois. "O equilíbrio do vestiário se foi — meu maior erro nessa temporada foi esse. Essa cultura precisa de estrelas. Hoje, tenho dois jogadores na lista dos dez melhores do

mundo [Figo era o outro]. No Ajax, em 1995, quando não perdi um jogo sequer, eu não contava com ninguém dessa lista." Um vestiário sem estrelas combinava muito mais com ele. Van Gaal também brigou com Sonny Anderson e Geovanni, dois companheiros de Rivaldo e, por sinal, seus compatriotas. A cultura futebolística brasileira valoriza a inspiração individual dos jogadores de ataque, o que simplesmente não faz sentido para Van Gaal. Ele foi demitido ao fim da temporada.

Para dois treinadores lendários, obcecados em promover o estilo clássico do Ajax, Cruyff e Van Gaal eram extraordinariamente diferentes em quase todos os sentidos. Considere-se, por exemplo, as abordagens de cada um em relação à preparação para os jogos. Cruyff simplesmente confiava que seus jogadores conseguiriam se impor sobre qualquer rival e nem mesmo pensava no modelo tático do adversário. Van Gaal era o oposto: estudava vídeos dos adversários seguintes e explicava em detalhes a construção das jogadas rivais e como anulá-las, enquanto seu auxiliar, Bruins Slot, sempre surpreendia os jogadores com seu nível de conhecimento sobre oponentes específicos.

Era a arte de Cruyff contra a ciência de Van Gaal, que se sentava no banco de reservas com uma prancheta no colo, confiava em estatísticas para medir a performance de seus jogadores e empregava um homem chamado Max Reckers, descrito por muitos como um "nerd dos computadores" em uma era em que os analistas estatísticos ainda eram incomuns. Quando Van Gaal mudava de clube, seus arquivos, incluindo pilhas intermináveis de dossiês e fitas de vídeo, precisavam ser fisicamente realocados para o outro lado do continente com grandes custos envolvidos. Era a antítese de Cruyff, que certa vez chegou a afirmar que suas qualidades futebolísticas fenomenais "não eram detectáveis por um computador", que seu entendimento do jogo era "um sexto sentido", e que muitas vezes admitiu ter péssima memória e não se importar muito com detalhes. Tudo em Cruyff tinha a ver com instinto, e ele de fato encarnava uma filosofia no sentido mais verdadeiro do termo. Van Gaal acreditava em uma abordagem estudiosa e desenvolvia jogadores robotizados, desencorajando-os de demonstrar criatividade.

A saga da rivalidade entre os dois continuou pelos quinze anos seguintes. Van Gaal foi escolhido como treinador da Holanda em 2000 e imediatamente descartou os planos de Cruyff para o desenvolvimento de novos talentos holandeses. Fracassando na tentativa de conseguir a

classificação para a Copa do Mundo de 2002, sua passagem pela seleção foi um desastre, e em 2004 ele retornou como diretor técnico do Ajax, onde deixou enfurecido um jovem atacante que carregava a indispensável arrogância típica de Amsterdã. “Van Gaal queria ser um ditador”, Zlatan Ibrahimovic escreveu em sua autobiografia. “Ele gostava de falar sobre sistemas de jogo. Era um daqueles no clube que se referiam aos jogadores como números. Havia um monte de ‘o 5 vai aqui’ e ‘o 6 vai ali’. (…) A mesma ladainha sobre como o número 9 defende o lado direito enquanto o número 10 vai para a esquerda. Sabíamos de todos os detalhes e sabíamos que ele era o inventor daquilo.” Àquela altura, Cruyff já havia se aposentado do trabalho como treinador fazia oito anos, mas continuava dando conhecidos recados nas suas entrevistas. “O que eu percebo particularmente é que os tomadores de decisão no futebol nunca estão preocupados com os indivíduos. Tudo que importa para eles é a equipe como um todo”, disse. “Mesmo assim, um time consiste de onze indivíduos, cada um dos quais precisa de atenção.”

Em 2009, Van Gaal foi treinar o Bayern de Munique, levando o clube aos títulos do Campeonato Alemão e da Copa da Alemanha, além da final da Champions League. “Meu time sente uma ligação e uma confiança em mim que eu nunca experimentei antes”, devaneou o técnico , atraindo até mesmo raros elogios de Cruyff. Seu velho rival, porém, fez questão de pontuar que “o Bayern de Munique e Van Gaal formam uma combinação particularmente boa — a gestão e os jogadores do clube estavam preparados para aceitar sua maneira de pensar e tomar decisões”. Vindo de Cruyff, soava como uma crítica mal disfarçada, na verdade uma acusação de que Van Gaal era mais Bayern que Ajax, mais alemão que holandês.

Mais tarde, o próprio Van Gaal cogitou trabalhar como técnico da seleção alemã. “Sonho em vencer uma Copa do Mundo com um time que possa fazê-lo e a Alemanha é um desses times”, admitiu. Tudo isso fazia eco às reclamações constantes na mídia holandesa de que Van Gaal simplesmente não era muito holandês, e de que tinha mais a ver com a eficiência desprovida de alegria dos alemães, tradicionalmente os maiores rivais da Holanda. Van Gaal era seguidamente rotulado como “um ditador” e, ao escrever uma intrigante biografia do treinador, o jornalista holandês Hugo Borst intitulou um dos capítulos de “Hitler” e examinou as similaridades entre os dois homens. É uma parte inquietante do livro, que traz Geovanni, ex-jogador do Barcelona, referindo-se a Van Gaal como “doente”, “maluco”

e “um Hitler”, e conta a história de um jornal romeno que certa vez publicou a manchete “Van Hitler”, afirmando se tratar de um apelido corrente de Van Gaal na Holanda. A alegação era completamente falsa, mas o fato de parecer plausível diz muito sobre a reputação do treinador.

O último desentendimento entre os dois antigos rivais veio em 2011, depois que Van Gaal foi anunciado como diretor-geral do Ajax. A essa altura, Cruyff integrava o conselho-diretor do clube, mas a contratação de Van Gaal foi fechada durante suas férias em Barcelona. Ele contestou a decisão com tanta veemência que a questão foi parar nos tribunais, que decidiram em desfavor de Cruyff. Mesmo assim, Cruyff de certa forma venceu, já que Van Gaal não chegou a iniciar o trabalho, pois assumiu a seleção nacional pela segunda vez. Uma contratação que levou a outra nova rodada de acusações e insultos entre os dois.

“Van Gaal tem uma boa visão do futebol”, aceitou Cruyff. “Mas não é a minha visão. Ele quer criar times vencedores e tem uma maneira militarista de trabalhar sua visão tática. Eu não. Quero indivíduos que pensem por si mesmos e tomem as melhores decisões em campo para cada situação. Ele quer controlar todas essas situações como treinador. Nós precisamos fazer o clube ser bem-sucedido, incluindo as categorias de base, e isso significa treinamento com foco no indivíduo, e não em táticas que são como camisas de força. Se o Louis vier para o Ajax, não vou durar muito tempo aqui. Pensamos de maneira diferente sobre tudo na vida.”

Van Gaal era mais pragmático, mas não pôde resistir a uma provocação final. “Não existe uma ‘linha Cruyff’ mais do que existe uma ‘linha Van Gaal’”, insistiu. “Existe apenas uma ‘linha Ajax’, e há pelo menos 25 anos. Contribuí para ela, assim como Cruyff contribuiu — a diferença é que fiquei lá por mais tempo.”

2

Espaço

A Holanda é, por natureza, uma nação devotada ao conceito de uso do espaço. A própria ideia da construção de um lugar que também pode ser chamado de "Países Baixos" já é por si extraordinária: seus terrenos foram sendo gradualmente conquistados do mar, através do uso revolucionário de diques e represas. Dezessete por cento do território holandês deveria estar debaixo d'água e apenas cerca de metade do país se encontra mais de um metro acima do nível do mar.

A Holanda também é o país europeu com maior densidade populacional (excluindo países muito pequenos como Malta, San Marino e Mônaco). Mesmo considerando países do mundo todo, com população similar ou maior, apenas a Coréia do Sul, Bangladesh e Taiwan são mais densamente habitados. A história da Holanda é baseada, portanto, no aumento gradual do território e, a partir daí, na tentativa desesperada de encontrar espaço dentro dos limites dessas fronteiras.

Esse fenômeno se reflete, claro, no futebol holandês. É através do prisma da geografia que David Winner explica o Futebol Total em um livro seminal, Brilliant Orange. "O Futebol Total foi construído a partir de uma nova teoria sobre o espaço flexível", começa o autor. "Assim como Cornelis Lely havia concebido e executado a ideia de criar novos espaços habitáveis no século X, Rinus Michels e Johan Cruyff exploraram a capacidade de uma nova safra de jogadores para modificar as dimensões de um campo de futebol."

Foi Michels quem trouxe as ideias e Cruyff quem, como ninguém, representou-as dentro de campo e as explicou de maneira mais poética. Ele ressaltava a importância do espaço em duas situações distintas: com e sem a posse da bola. "Michels deixou uma marca permanente na minha maneira de entender o jogo. Quando tem a bola, você deve abrir o maior espaço possível. Quando perde a bola, precisa minimizar o espaço do seu adversário. Na verdade, tudo no futebol está relacionado às distâncias." Essa se tornou a norma na mentalidade do jogo holandês: tudo pensado a partir do posicionamento dos jogadores e da formação assumida pela

equipe dentro de campo. Algumas escolas futebolísticas consideravam as características dos jogadores como os fatores mais importantes (“rápidos e fortes”), algumas focavam em eventos específicos (“vencer os duelos individuais”) e outras se preocupavam apenas com o que fazer com a bola (“chegar à frente o mais rápido possível”). A partir da era do Futebol Total, no entanto, a abordagem holandesa passou a ser amplamente baseada na ocupação dos espaços — e gradualmente outras nações europeias passaram a tentar copiar esse jeito de pensar o jogo.

Para Michels, o Futebol Total era uma combinação de duas coisas: trocas de posição e marcação por pressão. No Ajax, a marcação se baseava no estilo agressivo de Johan Neeskens para anular o jogador mais criativo do rival, enquanto Velibor Vasovic, o líder da defesa, comandava a última linha, ordenando avanços para deixar os adversários em posição de impedimento. Esse tipo de jogada se tornou a marca registrada da seleção holandesa na Copa do Mundo de 1974.

“O principal objetivo ao pressionar quem tinha a bola era retomar a posse o mais rápido possível depois de perdê-la no campo do adversário”, explicou Michels. “Só podemos deixar os adversários encurralados se todas as linhas se adiantarem e jogarem próximas.” A linha de impedimento da Holanda de Rinus Michels era impressionante, com o time todo correndo para frente, pressionando o adversário subitamente, deixando cinco ou seis jogadores rivais simultaneamente em posição irregular — isso antes que as mudanças na interpretação da regra sobre quem de fato “interfere na jogada” fizessem essa abordagem radical se tornar muito mais arriscada.

Mesmo com as mudanças na interpretação da regra do impedimento, a marcação por pressão se manteve como um elemento central do jogo, tanto para Cruyff quanto para Louis van Gaal, durante a era de dominação holandesa. Ambos estimulavam seus jogadores a manter a linha defensiva bastante adiantada e a pressionar na intermediária de ataque. O Barcelona de Cruyff e o Ajax de Van Gaal conseguiam determinar o tamanho do terreno efetivo de jogo, encaixotando os oponentes no próprio campo e utilizando meios-campistas na defesa, uma vez que eles passaram a jogar a maior parte do tempo próximos à linha central do campo.

“Gosto de virar o pensamento tradicional de cabeça para baixo, dizendo ao meu atacante que ele é o primeiro defensor”, destacou Cruyff. “E

explicando aos defensores que são eles que determinam o comprimento do campo, a partir da compreensão de que não pode haver mais de dez ou quinze metros de distância entre as linhas da equipe quando o time não tem a bola. Todos precisam estar conscientes do espaço que deve ser criado quando recuperamos a posse e de que, sem a bola, o time precisa estar compacto."

A abordagem de Van Gaal era similar, com zagueiros rápidos formando uma linha bastante alta e intensa marcação por pressão no campo de ataque. "O camisa 10 do Ajax é Jari Litmanen, e ele precisa dar o exemplo a todos pressionando o adversário. Compare essa ideia com a do meia organizador de dez anos atrás!"

A melhor representação da ênfase holandesa na ocupação dos espaços, no entanto, foi vista nas formações empregadas por Cruyff no Barcelona, por Van Gaal no Ajax e pela seleção nacional. O esquema de jogo clássico holandês era o 4-3-3, que, na prática, podia adotar duas variações bastante distintas.

A interpretação moderna do 4-3-3, sintetizada pelo Barcelona de Pep Guardiola, utiliza um volante atrás de dois outros meios-campistas, na prática uma formação 4-1-2-3. Os holandeses muitas vezes realizavam a inversão do triângulo no meio de campo, criando um 4-2-1-3, mas continuavam chamando a formação de 4-3-3. Hoje, parece estranho que as duas ideias possam se confundir, especialmente se considerarmos que representam basicamente a diferença entre o 4-3-3 e o 4-2-3-1 modernos, as duas formações dominantes da década de 2010. Mas, nesse período anterior, o 4-3-3 era tanto uma filosofia quanto um sistema de jogo e, com a preferência de outras escolas europeias pelo uso do 4-4-2 compacto, ou até mesmo de um 5-3-2 mais defensivo, o conceito de formar o ataque com três jogadores ocupando toda a largura do campo era, em si, arrojado. O posicionamento exato dos jogadores de meio de campo se tornava um detalhe menos relevante.

Tanto Cruyff quanto Van Gaal, porém, foram tornando o sistema ainda mais ousado. Quando chegou ao Ajax como treinador, Cruyff trocou a linha defensiva de quatro jogadores por uma com apenas três, explicando que a maioria dos times na Eredivisie jogava com dois atacantes, portanto um trio de defensores deveria ser capaz de controlar a situação. Efetivamente,

substituiu um defensor por um camisa 10, formando um losango no meio de campo, colocado entre os três zagueiros e os três atacantes. Era o 3-4-3 holandês, muito diferente do 3-4-3 italiano, que usava alas e seria popularizado mais tarde, por exemplo, por Antonio Conte no Chelsea. O cabeça de área, meio-campista mais recuado nas equipes treinadas por Cruyff, movimentava-se entre o meio de campo e a linha de defesa, enquanto o camisa 10 fazia o mesmo entre o meio de campo e o ataque, com dois meias cobrindo o espaço de uma área a outra, cada um de um lado. "Cruyff soube lidar com os riscos da sua decisão", destacou Michels. "O sucesso do 3-4-3 depende muito da excelência individual que serve como alicerce para esse estilo espetacular, porém arriscado, de jogar futebol. (…) O esquema exige demais em termos de coesão tática dos jogadores centrais e demanda um alto nível de inteligência futebolística."

Van Gaal discordava de Cruyff em muitos temas, mas de modo geral passou a usar a mesma formação-base de seu antigo rival, adotando o 3-4-3 durante sua passagem pelo Ajax. Rinus Michels, antigo mentor de Cruyff, também se converteu, utilizando a formação com a seleção holandesa na Eurocopa de 1992, mesmo que considerasse o 3-4-3 apenas uma variação de seu velho 4-3-3. Nesse torneio, a singularidade e a fluidez da formação holandesa confundiram os observadores estrangeiros, fazendo o mesmo sistema de jogo ser descrito como 4-3-3, 3-4-3 e até mesmo 3-3-4 — um desenho que parece absolutamente extravagante no papel se comparado aos mais tradicionais 4-4-2 e 5-3-2, dominantes na época, e que também demonstra como os holandeses estavam pensando sobre o jogo de maneira completamente diferente de alemães, italianos e escandinavos.

O elemento crucial e inegociável de todos esses sistemas era a amplitude. Independentemente do número de defensores, do formato do meio de campo ou da escolha por ter ou não um camisa 10 atrás do centroavante, os treinadores holandeses insistiam em dois pontas clássicos, sempre muito abertos, pisando na linha lateral. Mais uma vez: isso não era comum na época, já que o 4-4-2 exigia meias que afunilassem em direção ao centro e o 5-3-2 dependia da ultrapassagem dos alas para alargar o campo. Os holandeses, porém, acreditavam profundamente na importância de ocupar os dois corredores laterais, esgarçando a defesa adversária para criar buracos que seriam explorados pelos demais jogadores. Michels falava sobre a importância de se usar "pontas verdadeiros, com grande velocidade e habilidade (…) selecionados e treinados desde muito jovens". E ainda

insistia que “a Holanda é um dos poucos países que buscam desenvolver esse tipo de jogador para o sistema 4-3-3”.

Comandado por Louis van Gaal, o Ajax campeão da Copa da Uefa de 1992 dependia de John van’t Schip pelo lado direito, um ponta à moda antiga que ostentava três qualidades clássicas: a capacidade de alternar o ritmo na corrida, a finta e um bom cruzamento. Van’t Schip nunca aparecia entre as linhas adversárias para receber a bola, nem mesmo cortava para dentro. Era um ponta que sempre ficava colado à linha lateral. Do lado esquerdo, Bryan Roy atuava de forma similar, embora fosse ainda mais veloz e não tão bom nos cruzamentos. Ele deveria, supostamente, exercer função idêntica à de Van’t Schip, mas deixava Van Gaal furioso por abandonar constantemente o corredor lateral, flutuando para o meio. O contraste entre os sistemas usados pelas duas equipes na final da Copa da Uefa em 1992 foi particularmente marcante: o Torino jogou no 5-3-2 enquanto o Ajax usou o 3-4-3.

Bryan Roy também jogou pelo lado esquerdo na Holanda de Rinus Michels durante a Eurocopa de 1992, enquanto, pelo lado direito, atuava Ruud Gullit, jogador com perfil bastante atípico para esse sistema — essencialmente um atleta acostumado ao corredor central que precisou ser encaixado em outra posição porque era importante demais para ficar fora do time. Na Copa do Mundo de 1994, os holandeses foram comandados por Dick Advocaat, que continuou com Roy, mas também descobriu o talentoso Gaston Taument e, ainda mais importante, Marc Overmars, do Ajax.

Overmars foi o mais típico e mais completo ponta holandês de sua época. Tinha aceleração explosiva, era capaz de jogar pelas duas extremidades do campo por ser praticamente ambidestro, adorava se esquivar de carrinhos adversários e sabia cruzar e chutar como poucos. Era empolgante e também eficiente, um ponta que baseava seu jogo em produtividade, e não na ostentação de habilidades — o que o tornava perfeito para Van Gaal.

“Eu era um treinador que queria atacar usando as pontas, mas não há muitos bons pontas por aí. Marc Overmars era um dos melhores”, lembrou Van Gaal. “Era bom driblador, capaz de passar pelo adversário no mano a mano — e isso era importante para um ponta no nosso sistema —, mas contava também com uma boa média de assistências e sabia marcar gols. A cada temporada, fazia dez ou quinze. Quase sempre, gols importantes.

Precisamos desse tipo de jogador para manter o futebol como um espetáculo atraente para o público.” Se Van Gaal pudesse ter dois Overmars, um de cada lado, certamente faria essa escolha. Preferiu utilizá-lo pelo lado esquerdo, enquanto o rapidíssimo Finidi George jogava do lado oposto.

O mais curioso na forma como Van Gaal fazia uso de seus pontas, no entanto, é que eles funcionavam quase como iscas para atrair e enganar os adversários. Eram parte de uma estrutura maior, e não os astros do time. De certa forma, o mesmo acontecia com os centroavantes: Stefan Pettersson e Ronald de Boer (que também era empregado como meio-campista) serviam como referência na linha de ataque, mas não eram necessariamente os responsáveis por marcar todos os gols. Recebiam instruções para espaçar a linha defensiva do adversário e manter os zagueiros sempre ocupados. A lógica de Van Gaal era simples: se os pontas atraíssem os laterais adversários para os lados e o centroavante empurrasse os zagueiros para trás, surgiria mais espaço para a verdadeira estrela, o camisa 10.

E tanto para o Ajax quanto para a seleção holandesa, durante esse período, esse homem era o mesmo: Dennis Bergkamp. Embora não tenha sido necessariamente o melhor jogador holandês da época — Marco van Basten venceu a Bola de Ouro em 1992, enquanto Bergkamp ficou em terceiro no mesmo ano e depois em segundo, em 1993 —, ele foi certamente o jogador mais tipicamente holandês da década de 1990, já que todo o seu entendimento do jogo girava ao redor de um conceito familiar: “No campo, minha maior qualidade era ver exatamente onde o espaço já existia e onde nós poderíamos criar o espaço”, explicou. Ao longo de toda a sua autobiografia, Bergkamp descreve cada detalhe a respeito de seu jeito de jogar, e tudo o que envolve sua carreira, usando uma mesma palavra: espaço. Por que ele era obcecado por fazer gols por cobertura? “É a melhor maneira, já que há muito espaço acima do goleiro.” Por que teve dificuldades para se relacionar com os companheiros na Inter de Milão durante sua passagem pelo futebol italiano? “Havia uma enorme lacuna entre nós, um espaço morto.” Por que se transferiu para a Premier League? “Eu sabia que poderia encontrar meu espaço na Inglaterra.” Qual foi a chave para o lendário gol da vitória contra a Argentina na Copa do Mundo de 1998? “Foi uma questão de criar aquele pequeno espaço.” E, ainda, por que detestava tanto as viagens de avião? “Não tem espaço nenhum, tudo é muito apertado e me sinto claustrofóbico.”

Bergkamp era um típico nativo de Amsterdã, que havia começado nas categorias de base do Ajax e vivera uma jornada curiosa até se tornar o camisa 10 do clube. Na adolescência, ele era considerado um centroavante puro, e estreou em 1986/87, sob o comando de Cruyff, na ponta direita. "Pontas jogavam um jogo mais simples naquele tempo", Bergkamp lembrou, referindo-se à maneira mais comum de se jogar pelas pontas na época. "Ninguém esperava que a gente entrasse na área e finalizasse. Tinha que se manter sempre aberto, sentir a cal da linha lateral na sola da chuteira. A ideia era espaçar a defesa adversária, passar pelo marcador na velocidade e cruzar na área."

Depois da saída de Cruyff, Bergkamp foi mandado de volta ao time B por Kurt Linder, um treinador alemão que não entendia a mentalidade holandesa e preferia um 4-4-2 bastante rígido. No retorno aos juvenis, Bergkamp foi treinado por Van Gaal, que reconheceu seu talento e passou a escalá-lo como um meia por trás do atacante, um típico camisa 10. Quando Linder foi demitido, Antoine Kohn assumiu como treinador interino, mas Van Gaal, já auxiliar técnico, era o encarregado pela parte tática do time e insistiu na escalação de Bergkamp como meia, por dentro. Jogando assim, o jovem estabeleceu um novo recorde na Eredivisie ao marcar gols em dez jogos consecutivos. Leo Beenhakker foi finalmente escolhido como treinador efetivo, mas voltou a usar Bergkamp no comando do ataque ou pelos lados. Só quando Van Gaal assumiu definitivamente a equipe principal, em 1991, que Bergkamp retomou seu lugar de direito. A mídia holandesa ficou tão encantada com suas performances que precisou inventar um novo termo para explicar sua função: schaduwspits, ou "sombra do atacante".

Nessa função, Dennis Bergkamp era sensacional. Pelo Ajax, desenvolveu uma ótima parceria com o atacante sueco Pettersson, um centroavante mais convencional que se movimentava de forma inteligente a fim de criar espaços para o companheiro de ataque. Durante esse período, Bergkamp foi artilheiro da Eredivisie três vezes consecutivas: empatado com Romário em 1990/91 e isolado nas duas temporadas seguintes, mesmo sem ser um camisa 9 — ou, como os holandeses diriam, precisamente por não ser um camisa 9. Cruyff era o maior exemplo de artilheiro que preferia recuar para participar das jogadas, em vez de permanecer ocupando a área. O maior artilheiro da Eredivisie em todos os tempos, Willy van der Kuijlen, também jogava como segundo atacante, não exatamente como centroavante. Ele passou quase toda a carreira no psv, mas teve o azar de jogar na mesma

época de Cruyff, e as frequentes brigas entre os jogadores do Ajax e do psv o fizeram ser subutilizado pela seleção holandesa. Na Eredivisie, no entanto, Van Der Kuijlen marcava muitos gols, e formou dupla com o camisa 9 sueco Ralf Edström — parceria exatamente igual, em termos de nacionalidades e estilo, à de Bergkamp com Pettersson duas décadas depois: um centroavante típico sueco junto de um segundo atacante artilheiro nascido na Holanda.

Essa era a essência do estilo holandês: o camisa 9 se sacrificando pelo camisa 10, e esse arranjo se repetia na seleção, apesar de o centroavante da Holanda ser o incrível Marco van Basten. Na Eurocopa de 1992, quando a Holanda brilhou antes de perder para a Dinamarca na semifinal, a melhor atuação do time foi na célebre vitória sobre os arquirrivais alemães por 3 × 1. O terceiro gol foi bem ilustrativo: o meia Aron Winter subiu pela direita e olhou para a área procurando opções para um cruzamento. Van Basten vinha em disparada pelo meio, aparentemente buscando uma bola no primeiro pau. Quando Winter levantou a cabeça, no entanto, Van Basten já havia olhado por cima do próprio ombro para checar se Bergkamp o estava acompanhando. E ele estava. Então, enquanto ocupava a atenção dos dois zagueiros alemães e corria a toda velocidade na direção da primeira trave, Van Basten levantou o braço direito e apontou para trás, na direção de seu companheiro de ataque. Winter viu, cruzou para trás, e deixou Bergkamp em ótimas condições para cabecear no canto e fechar o placar. Foi a mais fantástica demonstração de um camisa 9 holandês criando espaços para o camisa 10.

Bergkamp foi o artilheiro da competição e Van Basten não fez um gol sequer, mas recebeu diversos elogios pela forma altruísta de jogar. Ambos foram escolhidos para a seleção do torneio. A parceria funcionava de maneira brilhante. “Marco era um matador, um verdadeiro artilheiro, sempre no comando do ataque, enquanto eu era mais o atacante que vinha de trás”, disse Bergkamp. “Se fizessem esse tipo de contagem, as estatísticas mostrariam que ele marcava mais gols de perto da pequena área, a dez metros ou menos do gol. No meu caso, eu fazia mais gols de uns quinze metros de distância.”

Bergkamp tinha uma relação curiosa com Van Gaal, que inicialmente havia demonstrado grande confiança nele, “inventando” sua função como “sombra do atacante”. Depois de Bergkamp ter perdido, em razão de uma

gripe, o jogo de volta da final que deu o título da Copa da Uefa ao Ajax contra o Torino, o ônibus que levava os campeões em um desfile pela cidade no dia seguinte pegou um desvio para que a taça passasse em frente a seu apartamento. Na chegada, Van Gaal gritou seu nome com o microfone nas mãos, diretamente da sacada do teatro Stadsschouwburg, para a massa que se aglomerava logo abaixo. A torcida respondeu com a maior ovação do dia. Mas os dois passaram a discutir constantemente na última temporada de Bergkamp pelo Ajax, em 1992/93, antes de sua transferência para a Itália. Já tendo anunciado seu desejo de sair do clube, Bergkamp passou a ter suas performances criticadas por Van Gaal, que o substituiu em momentos cruciais da campanha, quando o Ajax precisava de gols importantes para se manter na briga pelo título. Na opinião do treinador, o jogador havia se tornado uma estrela grande demais. Tratando seu principal atleta de maneira tão rigorosa, Van Gaal enviava uma mensagem à nova geração que surgia no Ajax: os superastros não seriam tolerados — o time e o sistema seriam sempre muito mais importantes.

Bergkamp teve duas temporadas ruins na Inter de Milão, antes de se tornar o catalisador da transformação do Arsenal no time de futebol mais fascinante da Premier League. A razão para seu fracasso no futebol italiano, assim como a de seu sucesso inquestionável na Inglaterra, foi inevitavelmente o tamanho do espaço que tinha à disposição. "Os times ingleses sempre usavam quatro jogadores na defesa, em linha, o que significava que esses jogadores precisavam defender o espaço às suas costas", disse ele. "Na Itália existiam os líberos. Mas na Inglaterra eram geralmente dois zagueiros enfrentando dois atacantes, então eles não conseguiam cobrir um ao outro. Eu gostava disso, porque me permitia jogar entre as linhas." A partir daquela zona do campo, Bergkamp se tornou o atacante mais venerado da Premier League — mesmo que tenha passado a fazer mais assistências do que gols.

O Ajax, no entanto, não sentiu muita falta de Bergkamp. Nas três temporadas em que foi artilheiro, ele não conseguiu levar o clube ao título do Campeonato Holandês nenhuma vez — o psv venceu duas vezes e o Feyenoord ficou com um título. Nas três temporadas seguintes à sua saída, por outro lado, o Ajax enfileirou três títulos em sequência; ainda venceu a Champions League em 1995 e chegou à final no ano seguinte. Nada disso se deveu unicamente à saída de Bergkamp, claro, e tem muito mais a ver com a nova geração de atletas que chegou ao time profissional, mas um fator

fundamental foi o clube ter conseguido trazer um substituto à altura: o camisa 10 finlandês Jari Litmanen. “Dennis Bergkamp foi brilhante pelo Ajax, mas o melhor camisa 10 que já tivemos foi Jari”, disse Frank Rijkaard. Litmanen não era holandês, portanto não é possível traçar um paralelo perfeito com a escola de futebol do país, mas ele encapsulava perfeitamente a ideia de camisa 10 cultivada pelo Ajax: era excelente para encontrar espaços, tinha muita habilidade para controlar a bola no primeiro toque e sabia jogar com os dois pés. Van Gaal dizia que, enquanto Bergkamp era um segundo atacante, Litmanen jogava como um quarto meio-campista.

Depois de sua aposentadoria, quando perguntado pela revista FourFourTwo sobre qual seria o time perfeito contando apenas com jogadores com quem ele atuou, Litmanen passou dois dias pensando sobre suas opções — vencedores da Bola de Ouro como Luís Figo, Michael Owen e Rivaldo, e outros talentos extraordinários como Michael Laudrup, Steven Gerrard, Zlatan Ibrahimovic e Pep Guardiola —, mas acabou simplesmente escalando todo o time do Ajax de 1995. No fim das contas, a resposta enfatiza a harmonia existente no time campeão da Champions League com Van Gaal. Litmanen não quis melhorar a qualidade individual porque o coletivo poderia sair perdendo.

A temporada 1994/95 foi extraordinária para o Ajax. O time não apenas levantou o troféu de maior prestígio no futebol europeu, mas também venceu a Eredivisie de maneira invicta. Van Gaal contava com uma geração sensacional, mas construiu igualmente o time mais bem estruturado e organizado daquele período.

A organização tática, àquela altura, era considerada importante muitas vezes apenas quando o time não tinha a bola. As equipes se defendiam em bloco, mas os homens de frente tinham liberdade para se movimentar no ataque. Van Gaal, no entanto, era obcecado por manter a formação também quando o time tinha a posse, chegando quase a remover qualquer espontaneidade de suas armas ofensivas. A diferença fundamental entre o sistema de Van Gaal e a abordagem de seus predecessores, Michels e Cruyff, era a proibição das clássicas trocas verticais de posição que constituíam a grande marca do Futebol Total. Antes era frequente, no Ajax, que o lateral-direito, o meia-direita e o ponta daquele mesmo lado, por exemplo, aparecessem nas posições uns dos outros, mas Van Gaal ordenava que seus

meias sempre jogassem atrás dos pontas — não porque não gostasse do conceito da versatilidade, mas porque as trocas constantes prejudicariam a estrutura do time. O Ajax deveria ocupar os espaços de forma simétrica, eficiente e sempre seguindo as movimentações pré-determinadas pelo treinador. "Muitos técnicos gastam seu tempo se perguntando como podem fazer seus jogadores correrem mais e mais durante as partidas", zombou ele. "O Ajax treina seus jogadores para correr o mínimo possível. Por isso o jogo de posição é sempre essencial nos treinamentos do clube."

A escalação clássica do Ajax de Van Gaal tinha Edwin van der Sar no gol e uma defesa com três jogadores técnicos e de bom domínio: Michael Reiziger, Danny Blind e Frank de Boer. À frente deles estava Frank Rijkaard, um jogador absolutamente completo que jogava parte do tempo como defensor e parte como meio-campista, permitindo ao time alternar entre a linha de três e a de quatro homens na defesa. Os dois meios-campistas pelos lados do losango eram nascidos no Suriname e ambos ostentavam cabelos com dreadlocks: Clarence Seedorf e Edgar Davids eram tecnicamente excelentes, mas também tinham energia e intensidade suficientes para brigar pela bola no meio de campo antes de subir ao ataque para ajudar os homens de frente mais centralizados, e não os pontas, Finidi George e Marc Overmars, que ficavam bem abertos, de modo a isolar os laterais rivais. Litmanen jogava entre as linhas, recuando para oferecer superioridade ao Ajax no meio e disparando rumo à área para dar suporte ao centroavante, geralmente Ronald de Boer — que às vezes também era escalado no meio, deixando Patrick Kluivert ou Nwankwo Kanu à frente.

O time do Ajax de 1995 é certamente comparável ao Barcelona montado por Pep Guardiola uma década e meia depois — baseado na posse da bola, taticamente flexível e adepto da marcação por pressão —, mas, enquanto o Barça tentava marcar gols por meio de elaboradas trocas de passes pelo meio, muitos dos gols do Ajax aconteciam de forma bem mais simples. Os meios-campistas acionavam os pontas, que driblavam o lateral adversário e cruzavam para a área. Quando o Ajax enfrentava uma defesa muito fechada, a parte mais fundamental da construção ofensiva envolvia levar a bola a uma das pontas, perceber que o ponta daquele lado não conseguiria uma situação de um contra um e rapidamente inverter a jogada para o lado oposto, onde haveria mais espaço para a tentativa do outro ponta. Esse tipo de lance acontecia normalmente depois de dois ou três passes rápidos envolvendo Davids, Rijkaard e Seedorf, em vez das bolas longas cruzando o

campo todo. Dessa forma, os adversários eram momentaneamente atraídos em direção aos meios-campistas, o que abria ainda mais espaço para o ponta do lado oposto.

O grande momento daquele Ajax foi a vitória na final da Champions League de 1995, contra o Milan de Fabio Capello. O treinador italiano quase sempre usava o sistema 4-4-2, mas preferiu jogar com um meio de campo mais compacto na decisão a fim de fazer frente ao losango do Ajax. Capelo atribuiu ao seu criativo camisa 10, Zvonimir Boban, a tarefa de marcar Rijkaard na saída de bola, recuando em seguida para fechar o flanco esquerdo, enquanto o volante Marcel Desailly faria a marcação individual sobre Jari Litmanen. Com os voluntariosos atacantes Marco Simone e Daniele Massaro posicionando-se inteligentemente para evitar que Danny Blind e Frank de Boer tivessem tempo e espaço com a bola, o que forçava o início das jogadas pelos pés do zagueiro menos talentoso, Michael Reiziger, o Ajax teve grandes dificuldades no primeiro tempo.

Depois do intervalo, Van Gaal fez três mudanças cruciais para abrir o time ultracompacto do Milan. Primeiro, Rijkaard foi instruído a recuar e se posicionar entre os zagueiros, sabendo que os meios-campistas adversários não avançariam tanto para bloqueá-lo. Rijkaard começou a ditar o jogo. Depois, Ronald de Boer foi trazido para o meio de campo e Seedorf foi substituído por Kanu, que era muito mais veloz e deixava a defesa italiana desconfortável, forçando-a a se retrair. Por fim, Van Gaal deu ainda mais velocidade ao ataque do time quando, aos 25 minutos, Litmanen foi sacrificado para a entrada do rapidíssimo Patrick Kluivert, de dezoito anos de idade.

De forma tipicamente holandesa, o Ajax havia aumentado o campo efetivo de jogo ao provocar o ataque do Milan a marcar em posições mais avançadas, forçando ao mesmo tempo o recuo da defesa rival. Assim, ganhou mais espaço no meio de campo. O gol da vitória veio a cinco minutos do fim, com Patrick Kluivert explorando a falta de coordenação coletiva na defesa italiana e finalizando depois da assistência de Rijkaard da entrada da área. Pode parecer estranho: o volante do Ajax havia sido instruído a recuar para ajudar na saída de bola durante o segundo tempo, mas acabou dando o passe decisivo já no último terço do campo. Defensores exibindo qualidades técnicas, no entanto, era outra característica-chave do futebol holandês durante aquele período.

3

Saída de bola pelo chão

A transformação mais importante para o futebol europeu em 1992 não foi a formação da Premier League ou a reformulação da Copa dos Campeões da Europa, que se tornou a Uefa Champions League, mas a mudança na regra do recuo de bola para o goleiro. Forçada a agir depois de uma Copa do Mundo assustadoramente defensiva em 1990, e em razão do recurso cada vez mais popular de gastar tempo passando a bola continuamente entre os zagueiros antes de voltar a recuá-la para o goleiro, a Fifa decidiu, então, que o arqueiro não poderia mais agarrar com as mãos qualquer passe vindo dos pés de um companheiro. O último grande torneio que ainda utilizou a antiga regra foi a Eurocopa de 1992, em que a Dinamarca se sagrou campeã graças a uma estratégia defensiva que confiava ativamente nos recuos de bola para Peter Schmeichel.

O impacto da mudança foi extremamente positivo — goleiros e defensores, forçados a sair jogando sob pressão, tornaram-se mais confortáveis com a bola no pé e a velocidade do jogo aumentou radicalmente. O primeiro grande torneio a utilizar as novas regras foi o de futebol masculino nas Olimpíadas de 1992, uma competição muito agradável de assistir vencida no Camp Nou por uma Espanha que tinha Pep Guardiola no meio de campo.

Inicialmente, no entanto, a reação geral à mudança foi negativa. A revista World Soccer lançou uma campanha chamada "Save Our Backpass" [algo como "Salve o Nosso Recuo"], enquanto críticas ainda mais surpreendentes vieram de alguém geralmente obcecado por promover o futebol mais técnico e veloz possível: Johan Cruyff. "As alterações nas regras não fazem sentido para mim", reclamou ele. "Só vão complicar a vida dos árbitros, treinadores e jogadores. É o tipo de decisão tomada por quem joga futebol sentado atrás de uma mesa num escritório e nunca pisou em um campo de verdade." Mas os maiores beneficiários da mudança foram justamente os holandeses e todos os adeptos de uma filosofia cruyffista de jogo. Na maioria das nações da Europa, os goleiros precisariam se adaptar rapidamente e desenvolver a habilidade com os pés, enquanto os zagueiros de estilo mais antiquado e rudimentar logo foram extintos. A Holanda, contudo, já estava produzindo goleiros e defensores tecnicamente bem dotados.

Cruyff, talvez mais do que qualquer outro personagem na história do futebol, tinha uma visão muito peculiar — e influente — a respeito dos goleiros, o que é de certa forma surpreendente, já que ele mesmo não jogou no gol. Exceto por um fato: ele foi, sim, goleiro. Sua capacidade para o futebol era tão ampla que ele defendia o gol pelo terceiro time do Ajax — mesmo depois de ter estreado no ataque do time profissional, em 1964. Defender, agarrar e arremessar não eram problemas para Cruyff, que havia sido ótimo jogador de beisebol quando mais jovem, demonstrando potencial tanto como lançador quanto como rebatedor. Para ele, porém, jogar no gol não tinha a ver fundamentalmente com usar as mãos. Era "uma questão de visão", e poucos eram capazes de rivalizar com ele nesse aspecto. Cruyff acreditava que o goleiro deveria ser o décimo primeiro jogador de linha, iniciando os ataques e patrulhando a área atrás de uma linha defensiva adiantada. E como bom superastro holandês, tipicamente articulado e sincero, Cruyff exerceu influência considerável sobre a abordagem tática de seus treinadores, atuando como catalisador para o desenvolvimento dos goleiros em seu país.

Quando o Futebol Total mudou o esporte na Copa do Mundo de 1974, havia em campo um exemplo perfeito do jeito holandês de pensar em goleiros. O camisa 1 era Jan van Beveren, do psv, considerado em toda a Europa um excelente goleiro, mas sem qualquer habilidade com os pés. "Eu não sabia jogar futebol! Nasci goleiro: reflexos, saltos e força", admitiu ele. Mas Cruyff se preocupava mais com velocidade, inteligência e qualidade no passe, então convenceu o técnico Rinus Michels a deixar Van Beveren no banco e a ignorar o igualmente elogiado Pieter Schrijvers, do fc Twente. A Holanda acabou usando, no fim, Jan Jongbloed, que atuava pelo relativamente obscuro fc Amsterdam e havia jogado pela seleção apenas uma vez, doze anos antes. Jongbloed era rápido e não tinha problemas em jogar como líbero, protegendo os espaços às costas da defesa, além de ser bom com os pés e, portanto, perfeito para o Futebol Total. Assim se estabeleceu o modelo de goleiro para o futebol holandês e, no início da era moderna do jogo, em 1992, os holandeses se adaptaram melhor do que ninguém. Seus goleiros sempre estiveram, de maneira bastante literal, muitos passos à frente de seus rivais europeus.

Em 1992, o Ajax tinha Stanley Menzo no gol, perfeito exemplo de atleta do clube na época: proveniente da colônia holandesa no Suriname, ele havia se formado nas categorias de base e era um jogador completo, não um

especialista abençoado com as habilidades tradicionais para sua posição. Menzo era um goleiro que sabia jogar futebol no time que jogava o melhor futebol da Europa e fez sucesso no Ajax justamente porque era excelente com a bola nos pés. Seu período como titular do clube teve início sob o comando de Johan Cruyff em 1985 e terminou com Louis van Gaal em 1994. Ele conquistou tanto a Eredivisie quanto as copas europeias sob o comando de ambos e, sem surpresa, cita os dois como os melhores treinadores com os quais trabalhou. Tanto Cruyff quanto Van Gaal adoravam o talento de Menzo com os pés. De forma significativa, porém não surpreendente, Menzo contava com muita experiência atuando em uma outra posição. "Eu comecei como líbero, era zagueiro, mas depois de um ano passei a jogar como goleiro", disse. "Sendo sincero, eu era capaz de jogar no gol, mas também sabia jogar futebol. Eu era as duas coisas, podia fazer as duas coisas. No fim das contas… não é que escolhi, mas me tornei um goleiro."

Estava tudo em conformidade com a longa e vanguardista tradição do Ajax em relação a seus goleiros, introduzida por Cruyff ainda em seus tempos de jogador. Quando foi escolhido como treinador do clube em 1985, ele colocou o atlético e veloz Menzo no lugar de Hans Galjé como o camisa 1 do time. Menzo ficou famoso por jogar bastante adiantado e por suas excelentes bolas longas, lançadas com as mãos, e era constantemente elogiado por Cruyff, que chegou a dizer que o goleiro foi o jogador mais importante do Ajax no título da Recopa Europeia de 1987 por causa de sua contribuição na saída de bola. Ele acreditava que Menzo podia, inclusive, jogar na linha.

Se Cruyff, como sempre, tinha opiniões bem formadas sobre o papel dos goleiros, ele também sabia da importância de se cercar de verdadeiros especialistas, e por isso empregou o primeiro treinador de goleiros da história da Holanda, Frans Hoek — que se tornou o mais influente da era moderna. Enquanto mantinha uma loja nos arredores de Amsterdã dedicada exclusivamente a vender equipamentos para goleiros, Hoek teve Stanley Menzo como seu primeiro pupilo. A dupla continuou trabalhando até o fim dos anos 1980 e seguiu junta no início da era Van Gaal no Ajax. O problema, no entanto, era a instabilidade de Menzo nas funções mais ortodoxas debaixo das traves. Cruyff, o ideólogo teimoso, perdoava qualquer tipo de erro de Menzo, declarando que sua habilidade com a bola compensava os esporádicos gols sofridos, mas Van Gaal era mais pragmático. A gota d'água veio quando a campanha do então campeão

Ajax, na Copa da Uefa, foi abruptamente interrompida pelo Auxerre em março de 1993, depois de um erro terrível de Menzo, que espalmou um cruzamento de Pascal Vahirua para dentro do próprio gol. Van Gaal decidiu barrar o goleiro e promover seu reserva, o então desconhecido Edwin van der Sar.

Van der Sar tinha o mesmo tipo de vivência futebolística de Menzo. Também havia jogado na defesa, mas precisou calçar as luvas nas categorias de base simplesmente por ser o mais alto do time em um jogo em que o goleiro titular não apareceu. Ele acabou chegando a 1,97m de altura, enorme até mesmo para os padrões verificados na Holanda, a nação mais alta do mundo. Seu início como jogador de linha permitiu que ele se tornasse um importante revolucionário no gol, já que conseguiu se adaptar instintivamente à mudança nas regras em 1992. "A nova regra do recuo para o goleiro mudou minha vida, porque eu já era bom com os pés", lembrou depois da aposentadoria.

"Pensávamos em quais deveriam ser as qualidades de um goleiro do Ajax e Edwin já dispunha de quase todas", disse Hoek, o treinador de goleiros. "Contava com ótima noção espacial e participava bem da saída de bola. Isso era difícil para a maioria dos goleiros, pois eles estavam acostumados a ficar pregados em cima da linha do gol, apenas bloqueando chutes adversários. Além disso, Edwin era muito alto e, portanto, tinha uma enorme envergadura. Ele era calmo e estável, e um ótimo ponto de partida para a construção das jogadas. E, também muito importante, era ambicioso e muito dedicado aos treinamentos." Conforme explica Jonathan Wilson em seu livro sobre a história dos goleiros, The Outsider, Van der Sar foi "o primeiro goleiro a operar realmente como líbero".

Tudo isso pode soar surpreendente para aqueles que só acompanharam o fim da carreira de Van der Sar, que continuou jogando até depois dos quarenta anos de idade. A essa altura, ele já havia vencido oito títulos nacionais e duas Champions League com o Ajax e o Manchester United e tinha 130 convocações para a seleção — um recorde na época. No fim da carreira, Van der Sar exibia menos mobilidade e acabou se tornando um goleiro mais tradicional. Em sua rápida — e infeliz — passagem pela Juventus, ele foi encorajado a ficar mais fixo no gol, e mesmo no Manchester United adotou um perfil mais conservador. Mas o jovem Van der Sar do Ajax era reconhecido por sua coragem e autoconfiança, tanto em

termos de posicionamento quanto em relação ao jogo com os pés, e acabou se transformando no óbvio modelo para a geração seguinte de goleiros. De fato, Van der Sar foi tão influente que aquilo que era considerado digno de nota no início de sua carreira já havia se tornado verdadeiro lugar-comum no dia de sua aposentadoria.

“Um dos primeiros a nos apresentar uma nova perspectiva foi Edwin van der Sar. Ele jogava muito com os pés e fez a posição evoluir para uma nova fase”, disse o goleiro campeão do mundo pela Alemanha, Manuel Neuer. “Eu me inspirei no estilo dele e adorava a filosofia do Ajax.” Thibaut Courtois, David de Gea e Vincent Enyeama também citam Van der Sar como uma grande inspiração. É claro que outros também tentaram jogar como líbero. Na Copa do Mundo de 1990, o extravagante René Higuita foi desarmado quase na intermediária por Roger Milla, que depois praticamente só empurrou a bola para o gol vazio. Mas goleiros como ele eram considerados loucos — Higuita ganhou ainda mais fama quando fez a famosa defesa do escorpião, anos depois.

Van der Sar era o oposto. Ele era chato e eficiente, parecia um homem de negócios. Quando parou de jogar, não se tornou treinador ou comentarista, foi ser ceo do Ajax. Quando abordado sobre uma possível autobiografia, mostrou-se preocupado por não ter material suficiente para preencher as páginas. “Desculpe, eu simplesmente não sou muito rock and roll”, insistiu. Mas sua calma e discrição foram perfeitas para promover o papel do goleiro que joga com os pés, e demonstraram que a ideia era lógica e muito valiosa, em vez de um experimento arriscado de quem não tinha medo de errar. Quando saía jogando, o Ajax usava seu goleiro muito mais do que outros grandes da Europa porque poucos times eram tão comprometidos com a ideia de construir o jogo com a bola passando de pé em pé. Em outros lugares, um passe para o goleiro era tido como último recurso, especialmente considerando que o camisa 1 simplesmente daria um chutão para a frente. No Ajax, no entanto, Van der Sar era tratado pelos jogadores de linha como se fosse um deles, extremamente útil na manutenção da posse de bola.

Defendendo debaixo das traves, Van der Sar era inegavelmente melhor que seu antecessor, Menzo, mas não fazia defesas espetaculares como, por exemplo, Peter Schmeichel ou David de Gea, os outros dois goleiros mais famosos do Manchester United na era da Premier League. Van der Sar

explicou uma vez que seu papel era simplesmente “defender as bolas que as pessoas esperam que eu defenda”. Seu único ato de “loucura” foi cobrar alguns pênaltis quando o Ajax já estava goleando times menores da Eredivisie — perdeu um contra o Sparta Rotterdam e converteu outro contra o De Graafschap, apesar de ter ficado visivelmente irritado mais tarde, quando ele concedeu um gol no último minuto, fechando o placar em 8 × 1.

A demonstração mais clara da habilidade de Van der Sar com os pés pôde ser vista no início de um famoso gol marcado pelo Ajax contra o mvv Maastricht em maio de 1995, pouco antes do título da Champions League. O zagueiro Michael Reiziger estava sob pressão perto da lateral direita e acabou recuando mal a bola para o goleiro. Van der Sar teve que sair correndo do gol em direção à linha lateral. A prática mais comum nesses casos era simples: chutão para a arquibancada, bronca furiosa no zagueiro e corrida apressada de volta ao gol. Não para Van der Sar. Em vez disso, ele se antecipou ao atacante adversário, evitando a dividida, e devolveu a bola calmamente para Reiziger, que já estava perto da bandeirinha de escanteio. O que aconteceu a seguir não deixou dúvidas sobre a importância da tranquilidade do goleiro naquela situação. Reiziger driblou um adversário e tocou na frente para Litmanen, que entregou a bola a Ronald de Boer. O atacante se livrou de mais um marcador e passou para Edgar Davids à sua esquerda, que também deu um drible antes de enfiar a bola na frente para o defensor Danny Blind, fazendo a ultrapassagem pela direita. Blind carregou para dentro da área e deu um ótimo passe para o ponta-esquerda Marc Overmars empurrar para o gol na segunda trave.

Foi um extraordinário gol coletivo, o mais completo exemplo do estilo do Ajax de Louis van Gaal, e tudo começou com a tranquilidade de Van der Sar. Os atacantes correram para comemorar, não com o autor do gol, Overmars, que pareceu confuso com a falta de companheiros ao seu redor, mas com o setor defensivo do time, que havia construído toda a jogada lá de trás. Um maravilhado Van Gaal levantou do banco aplaudindo euforicamente. Era tudo parte da filosofia do Ajax: atacantes recuando para participar da jogada, defensores fazendo ultrapassagens no ataque, troca rápida de passes e, mais que tudo, um goleiro que sabia jogar com os pés.

Quando o Ajax venceu a Champions League com Van Gaal, Cruyff disse

que o principal jogador do time era Van der Sar. Ele tinha pretendido implementar o modelo holandês de goleiro no Barcelona, mas se viu frustrado pelas atuações de Andoni Zubizarreta. Em termos de personalidade, Zubi podia ser comparado a Van der Sar: era altamente profissional e muito sério, alcançou 126 convocações para a seleção espanhola — também um recorde na época — e acabou se tornando diretor de futebol do Barça mais tarde. Como goleiro, porém, seu estilo era clássico — ele permanecia a maior parte do tempo em cima da linha e era criticado frequentemente por Cruyff por sua falta de habilidade com a bola, um problema que ficou mais evidente depois da mudança na regra do recuo. "Cruyff não conseguiu me transformar enquanto goleiro; mas transformou a posição de goleiro", declarou Zubizarreta, um bom resumo dos fatos. O treinador holandês pedia a ele que atuasse como líbero, mas no fundo Zubi ocupava o gol simplesmente para bloquear os chutes adversários. "Um tipo de goleiro sério e confiável", em suas próprias palavras. Cruyff o utilizava no meio de campo durante jogos-treino, tentando desesperadamente incrementar sua autoconfiança com a bola nos pés.

Zubizarreta durou até 1994, quando Cruyff se voltou para Carles Busquets, reserva de longa data e pai do futuro volante Sergio Busquets. Ele era consideravelmente mais receptivo às ideias táticas de Cruyff, e jogava muito à frente do próprio gol, o que produziu bons e maus resultados. Sua primeira grande chance no Barcelona veio quando Zubizarreta estava suspenso para a final da Recopa Europeia de 1991, uma derrota por 2 × 1 para o Manchester United que contou com três erros graves do goleiro. Primeiro, Busquets correu para fora de sua área para interceptar um lançamento, não chegou nem perto da bola e pôde apenas acompanhar o chute de Lee Sharpe, que errou por muito pouco o gol vazio. Em seguida, ficou no meio do caminho no lance do primeiro gol do United, ameaçando sair do gol para defender uma cobrança longa de falta e mudando de ideia subitamente. Steve Bruce cabeceou por cima dele e Mark Hughes, ex-atacante do Barça, colocou para dentro. Hughes ampliou o placar sete minutos depois, quando recebeu um lançamento nas costas da defesa e encontrou Busquets 25 metros fora de seu gol, tentando um carrinho desesperado. Depois de driblar o goleiro, o atacante chutou para um gol novamente vazio.

Cruyff tinha muita fé em Busquets, que era baixo para um goleiro (apenas 1,81m), mas mostrava muita confiança com a bola nos pés e adorava dar

passes cavados para os companheiros, por cima dos atacantes adversários. Para o gosto da maioria, no entanto, ele representava um enorme perigo. Pouco depois de substituir Zubizarreta como o camisa 1 do Barça, cometeu um erro característico durante a chocante derrota para o Gotemburgo, saindo do gol para interceptar um lançamento longo. Ao se aproximar do limite da área, Busquets ficou na dúvida se deveria socar ou cabecear a bola, não fez nenhum dos dois e Jesper Blomqvist, um ponta sem grande aptidão para o jogo aéreo, cabeceou para o fundo das redes. Um lance típico do estilo de Busquets, o tipo de erro que o grande Zubizarreta nunca cometeria. Mais importante do que isso, a habilidade de Busquets com a bola estava longe de ser à prova de falhas, e ele acabava perdendo-a frequentemente. Até sua aparência provocava arrepios nos torcedores, já que ele insistia em jogar de calças, que, quando combinadas com os gramados lamacentos da época, formavam uma imagem desleixada demais para inspirar confiança.

A mídia muitas vezes especulou sobre possíveis tentativas de Cruyff de contratar Van der Sar, ao que ele respondia, diplomaticamente, que não havia mais nenhuma vaga para estrangeiros no time. Além disso, Cruyff perdoava os erros dos goleiros que tentavam jogar, acreditando que as contribuições positivas mais sutis, como o posicionamento às costas dos zagueiros e o trabalho com os pés, compensavam eventuais falhas. Esse conceito se tornou uma espécie de mantra no Barcelona e a maneira de jogar de Busquets passou a ser considerada tão importante que ele acabou se transformando em treinador de goleiros do clube, ajudando na formação de jogadores como Pepe Reina e Victor Valdés — e garantindo que a visão de Cruyff a respeito dos goleiros se tornasse parte definitiva do jeito Barcelona de jogar.

Há ainda um último e esquecido goleiro do Barcelona daquele período que merece ser lembrado: Jesus Angoy, outro goleiro-líbero das categorias de base do clube. Ele jogou apenas nove jogos em LaLiga entre 1991 e 1996 — em geral, nada memoráveis — e foi quase sempre reserva de Zubizarreta e depois de Busquets. Mas é importante por duas razões não ligadas ao futebol. Primeiro, era casado com a filha de Cruyff, Chantal, o que sugere que a afeição por goleiros que sabiam jogar com os pés, de certa forma, estava no sangue da família. Quando o casal teve seu primeiro filho, o radiante avô Johan Cruyff disse à mídia que o recém-nascido "tem pés e mãos grandes — os pés para jogar futebol e as mãos para recolher o

salário", ignorando completamente que as mãos poderiam ser úteis para seguir os passos do pai como camisa 1. Segundo, Angoy deixou o Barça em 1996 junto com Cruyff, mas se manteve na cidade para continuar a carreira como jogador no Estádio Olímpico de Barcelona. No entanto, não foi atuar no rival Espanyol. Em vez disso, trocou de esporte e assinou contrato para jogar futebol americano pelo Barcelona Dragons, da nfl Europe. Você poderia pensar que essa seria uma transição natural para um goleiro, já que o futebol americano é muito baseado em arremessar e agarrar, mas Angoy se tornou o kicker do Dragons — e um ótimo kicker, por sinal. Ele terminou sua segunda carreira como o segundo maior pontuador da história da nfl Europe e recusou uma transferência para o Denver Broncos porque queria permanecer em Barcelona com Chantal. Até mesmo em um esporte focado primordialmente no uso das mãos, o ex-goleiro do Barcelona se especializou em uma função que usa os pés. Seu sogro deve ter aprovado.

Sair jogando pelo chão não era, claro, apenas questão de ter goleiros confortáveis com a bola. O futebol holandês dava muita importância a defensores que ofereciam, nas palavras de Van Gaal, "mais do que apenas habilidades defensivas". Os torcedores ingleses ficaram espantados quando Ruud Gullit, um extraordinário meia-atacante vencedor da Bola de Ouro, chegou ao Chelsea de Glenn Hoddle em 1995 e logo de cara declarou a intenção de jogar como líbero, sua posição nas categorias de base. "Como defensor eu poderia me juntar ao meio de campo e, de lá, disparar para o ataque", disse ele. Mas o experimento durou poucos meses, já que os companheiros de Gullit simplesmente não conseguiam acompanhá-lo. "Eu dominava uma bola difícil, encontrava um espaço e dava um bom passe para o lateral-direito", relembrou. "Mas ele não queria aquele passe. No fim, Glenn me disse: 'Ruud, seria melhor se você fizesse essas coisas jogando no meio de campo'." Os holandeses estavam muito à frente dos outros.

Essa tinha sido uma característica fundamental do Futebol Total nos anos 1970: defensores subindo ao ataque quando as oportunidades surgiam, com meios-campistas e atacantes recuando para oferecer cobertura. Para que o movimento de fato valesse a pena, no entanto, o Ajax e a seleção holandesa precisavam de futebolistas realmente talentosos na defesa, capazes de usar de sua liberdade para criar jogadas de impacto no terço final do campo. Além disso, a ênfase na marcação por pressão exigia que esses jogadores também fossem velozes, a fim de cobrir os espaços nas costas de uma linha

defensiva que jogava muito adiantada.

Quando os holandeses adotaram esse estilo na década de 1970, realmente foi algo revolucionário. O líder da defesa era Ruud Krol, do Ajax, um jogador absolutamente completo que possuía as três qualidades que tornariam os defensores holandeses famosos: inteligência, velocidade e habilidade com a bola. Ele lia muito bem o jogo, exercia o papel de líbero na retaguarda dos companheiros de defesa e fazia longos lançamentos em diagonal para os pontas — às vezes as três coisas na mesma jogada. Krol foi um dos únicos defensores — ao lado dos lendários Bobby Moore e Franz Beckenbauer — a chegar entre os três finalistas do prêmio Bola de Ouro nos anos 1970, tamanha influência tinha tanto em seu clube quanto na seleção. Ele também resumiu elegantemente a maneira holandesa de defender: "Tentávamos manter o adversário no meio de campo. Nossa perspectiva era a de que não estávamos defendendo o nosso gol, estávamos atacando a linha de meio-campo".

Krol atuou como lateral-esquerdo na Copa do Mundo de 1974, e seus três parceiros de defesa também eram particularmente ofensivos. O lateral-direito Wim Suurbier, igualmente do Ajax, era mais conhecido pela velocidade e resistência do que por suas qualidades defensivas, e subia o tempo inteiro ao ataque. No espaço central, o lateral-direito Wim Rijsbergen, do Feyenoord, foi convertido em zagueiro, e de modo mais significativo, Arie Haan, do Ajax, um meio-campista confiável, tornou-se o quarto integrante da defesa, apesar de nunca ter jogado como zagueiro antes. Também é interessante notar que os únicos dois estrangeiros memoráveis do Ajax no mesmo período foram o iugoslavo Velibor Vasović e o alemão Horst Blankenburg, ambos de estilo mais físico, zagueiros à moda antiga, já que o Ajax simplesmente não produzia esse tipo de defensor em suas categorias de base. "Os estrangeiros trouxeram algo diferente", admitiu Cruyff sobre aquele time. Esse tipo de declaração na Inglaterra ou na Itália trataria certamente de jogadores estrangeiros agregando criatividade e imprevisibilidade, mas na Holanda tinha a ver com estrangeiros agregando força física.

Quando os times de Cruyff e Van Gaal já dominavam a Europa nos anos 1990, os dois técnicos pareciam determinados a enfatizar a importância do zagueiro construtor de jogo, ajudados pela mudança na regra do recuo. Cruyff seguiu falando sobre a importância de atacar a linha do meio de

campo em vez de defender o próprio gol mesmo depois de sua aposentadoria, reclamando de "defensores que correm para trás, em direção ao próprio gol, assim que o time perde a posse, em vez de correr para frente e colocar pressão no adversário que tem a bola". Seu time do Barcelona, mais que qualquer outro naquela década, tentava jogar sempre no campo do adversário.

A ênfase em utilizar zagueiros construtores era tão destacada que Van Gaal passou a descrevê-los usando um termo previamente reservado exclusivamente aos meias. "No futebol moderno, os defensores centrais na linha de quatro se tornaram armadores", disse ele. "É por isso que Danny Blind e Frank Rijkaard eram tão importantes no Ajax. O camisa 10 certamente não pode ser chamado de armador porque atua em um espaço muito restrito… Os armadores atualmente se encontram no centro da linha de quatro defensores. Isso significa, claro, que não se pode mais usar aquele jogador pesado, como os de antigamente, nessas posições. É preciso usar jogadores talentosos do ponto de vista técnico e tático, como Blind e Rijkaard." Blind era o capitão do Ajax e havia jogado ao lado de Van Gaal por sete anos no Sparta Rotterdam. Era calmo e técnico, mas seu parceiro de defesa, Rijkaard, era a verdadeira estrela, venerado por Cruyff em sua autobiografia como "um dos jogadores mais completos que já vi — capaz de defender como os melhores, organizar o meio de campo e ainda fazer gols. Tudo isso em uma só pessoa, que ainda tinha a mentalidade certa e cabeça boa".

Rijkaard era um sujeito reservado e peculiar, que constantemente sofria de algum tipo de crise de identidade. Acabou malvisto por muita gente por ter literalmente cuspido em Rudi Völler na Copa do Mundo de 1990, mas era, na realidade, uma das figuras mais amáveis do mundo do futebol. Parecia ter um senso natural de liderança, mas quando Cruyff, então treinador do Ajax, quis que ele se envolvesse mais em assuntos extracampo, Rijkaard explodiu e se recusou a jogar sob o comando do técnico. Por conta de seu talento futebolístico, tornou-se uma celebridade mundial, embora considerasse a fama sufocante. Depois da aposentadoria, transformou-se em um treinador de sucesso, venceu a Champions League com o Barcelona em 2006, mas se afastou da carreira aos cinquenta anos de idade, dizendo: "Não me vejo como treinador. Fiz algo por dezesseis anos que não encaixava comigo". O mais importante em todo esse contexto, porém, é que Rijkaard era um defensor excepcional que não queria apenas defender.

Essa tendência não era novidade para os holandeses, claro, mas o caso de Rijkaard é particularmente radical. Formado nas categorias de base do Ajax, ele surgiu como um excelente zagueiro, de vocação ofensiva, fez dupla com Ronald Koeman na Eurocopa de 1988 e terminou em terceiro na votação para a Bola de Ouro. Enquanto os holandeses estavam acostumados com sua qualidade no ataque, outros treinadores pareceram se surpreender. "Esse é o melhor zagueiro que vi nos últimos anos", disse Carlos Bilardo, treinador da Argentina. "Ele ganha todas pelo alto, marca perfeitamente, lê bem o jogo, tem ótimo lançamento e ótimo chute. É o defensor perfeito, nascido para o futebol atual." O técnico da Irlanda, Jack Charlton, repetiu o elogio: "Ele consegue fazer tudo! Na Inglaterra, valeria ouro. Não temos ninguém como ele, um jogador que consegue defender e atacar de maneira brilhante."

Rijkaard se transferiu para o Milan em 1988 e, como Arrigo Sacchi havia formado o melhor quarteto defensivo daquele tempo — Mauro Tassotti, Franco Baresi, Alessandro Costacurta e Paolo Maldini —, foi jogar no meio de campo ao lado de outro futuro vencedor da Champions League como técnico: Carlo Ancelotti. Essa passou a ser sua posição principal; ele venceu a Copa dos Campeões da Europa de 1989 jogando no meio, além de terminar mais uma vez em terceiro lugar na votação da Bola de Ouro. No ano seguinte, ajudou o Milan a chegar ao bicampeonato europeu marcando o único gol da final, avançando a partir do meio de campo, recebendo um passe enfiado por Marco van Basten e finalizando com frieza. Rijkaard, àquela altura, jogava de uma área à outra. Mas, pela Holanda, foi escalado como zagueiro na Copa do Mundo de 1990, com o meio de campo sendo construído em função de Ruud Gullit, seu companheiro de Milan e amigo de infância, cujo desempenho ficou abaixo do esperado. Ter que jogar como zagueiro frustrou Rijkaard e contribuiu para sua decisão de se aposentar da seleção. Ele queria ser o armador, não um marcador, e só voltou à equipe nacional quando lhe foi prometida uma posição no meio de campo.

Em seu retorno ao Ajax, em 1993, Rijkaard tinha menos mobilidade, era mais maduro e não se importava em jogar mais defensivamente — de modo que a posição que Van Gaal havia reservado para ele era perfeita. No 3-4-3 do Ajax, Rijkaard jogava como cabeça de área, entre as linhas de defesa e de meio de campo, recuando para se tornar um zagueiro extra quando necessário. Mas o melhor, para um jogador que sempre quis armar jogadas, é que isso era exatamente o que Van Gaal exigia dele, e, muito embora

recebesse a tarefa de acompanhar a movimentação dos atacantes adversários, Rijkaard também tinha liberdade para subir ao ataque.

Ele foi fundamental na final da Champions League de 1995, contra o Milan, com sua assistência para Patrick Kluivert. Mas teve participação provavelmente ainda mais importante no vestiário durante o intervalo, quando repreendeu Clarence Seedorf e incendiou os companheiros, ocasião que Van Gaal citaria repetidas vezes como exemplo de momento em que um atleta dá um passo à frente e assume a responsabilidade. Rijkaard se aposentou logo depois do título — o que significa que ele saiu do Ajax pela primeira vez em 1987, quando seu treinador, Cruyff, reclamou de sua falta de liderança, e saiu pela segunda vez em 1995, quando seu treinador, Van Gaal, encantava-se com seu papel como líder.

Ao lado de Blind e Rijkaard estava Frank de Boer, capaz de jogar como lateral-esquerdo ou como zagueiro pela esquerda e, portanto, perfeito para a natureza flexível da defesa do Ajax. Ele era um excelente passador, especialmente com seus lançamentos longos em diagonal diretamente para o atacante que se deslocava tentando encontrar um corredor livre. O exemplo clássico é do mais famoso passe holandês dos anos 1990: um lançamento de sessenta metros com precisão milimétrica para Dennis Bergkamp nos segundos finais do jogo contra a Argentina, pelas quartas de final da Copa do Mundo de 1998. Foi um bom lançamento, transformado em excelente pela excepcional capacidade de Bergkamp para dominar a bola, tirar Roberto Ayala do lance e acertar um chute a meia-altura com apenas três toques rápidos. Mas o gol favorito de Bergkamp teve tudo a ver com sua relação com De Boer, como ele explicou mais tarde: “Você precisa de contato visual. (…) Frank sabe exatamente o que vai fazer. Existe o contato, você está olhando para ele. Ele está olhando para você, e você conhece a linguagem corporal dele: ele vai lançar a bola".

Bergkamp sabia de tudo isso porque De Boer já tinha feito aquele lançamento para ele muitas outras vezes quando jogavam juntos pelo Ajax, sendo o melhor exemplo o gol contra o psv, em 1993. De Boer saiu com a bola pela esquerda e deu um lançamento em curva perfeito para Bergkamp, que recebeu do lado direito e respondeu de maneira típica, com três toques: controlou a bola com a coxa direita, passou pelo adversário usando o pé esquerdo e encobriu o goleiro com o pé direito. Ignorando o contexto e olhando somente para a qualidade técnica envolvida, o lance talvez tenha

sido mais impressionante que o gol contra a Argentina. “Não era algo simples, mas eu já tinha feito aquilo muitas vezes com Dennis quando jogamos juntos no Ajax”, relembrou De Boer quando perguntado sobre o gol na Copa do Mundo. “Se você assistir a vídeos de Dennis no Ajax, verá que dei a ele três ou quatro assistências como aquela. A gente ficava à vontade um com o outro — quando ele fingia avançar, eu sabia que queria recuar para receber e vice-versa. (…) Deu tudo certo e o passe foi bonito. Mas essa era uma das minhas virtudes, e a chance de acertar o lançamento era maior para mim do que para outros jogadores.” Isso porque De Boer era simplesmente um excelente passador, e aquela bola específica, a diagonal longa partindo dos pés dele até o atacante, tornou-se um movimento característico do sistema de ataque do Ajax sob o comando de Van Gaal.

O último defensor do time, Michael Reiziger, que jogava pelo lado direito, era um tipo de jogador totalmente diferente dos demais: menos criativo, mas extremamente rápido, o que fazia dele o mais efetivo quando se tratava de cobrir os espaços às costas da defesa ou nas arrancadas de surpresa para o ataque. Era mais um jogador formado nas categorias de base do Ajax e, quando emprestado ao Groningen, chegou a atuar como ponta-direita, dada a sua capacidade ofensiva. “Ele é rápido, se antecipa bem e tem habilidade suficiente para participar da construção das jogadas”, disse Van Gaal — sendo bem cuidadoso na escolha da palavra “suficiente”. “De início ele não era tão bom defendendo, mas esse aspecto do jogo pode ser ensinado rapidamente. Costumo dar mais tempo a jogadores como ele para que encontrem seu lugar no time. Não é uma aposta tão arriscada, já que jogamos sempre perto da linha de meio-campo, e Reiziger tem tempo para usar sua velocidade a fim de corrigir qualquer erro.”

É fundamental que Van Gaal tenha sugerido que as habilidades defensivas podiam ser “ensinadas rapidamente”, enquanto os padrões de passe e construção de jogadas do Ajax demandavam mais tempo para serem dominados. Era, portanto, muito mais fácil converter um jogador de ataque em defensor do que o contrário. Na verdade, Reiziger algumas vezes parecia ser o elo fraco do time do Ajax, mas a importância de sua velocidade não deveria ser subestimada, quando combinada à qualidade técnica de seus parceiros de defesa; e sua capacidade atlética e adaptabilidade fizeram Van Gaal certa vez declarar que ele era “o símbolo do time”. No geral, essa foi a linha de quatro homens de defesa tecnicamente mais talentosa da história

do futebol. Três deles, inclusive, acabariam indo parar no Barcelona mais tarde: Reiziger em 1997, De Boer em 1999 e Rijkaard, como treinador, em 2003.

Mas o estilo defensivo holandês já havia sido implantado no Camp Nou por Cruyff no início dos anos 1990 e, naturalmente, foi melhor representado por outro jogador nascido na Holanda. O magnífico Ronald Koeman, que demonstrava uma disposição para atacar como a de poucos outros zagueiros na história. O fato mais notável de sua carreira — junto com oito campeonatos nacionais, dois troféus europeus, um título continental pela seleção e 78 convocações para representar seu país — é sua extraordinária marca de 239 gols marcados por todos os clubes por onde passou. Ele chegou a ser artilheiro da Champions League de 1993/94, com oito gols, sendo três de pênalti. Koeman também marcou muitas vezes em cobranças de falta ao longo da carreira — o gol da vitória na Copa dos Campeões da Europa de 1992 contra a Sampdoria foi o mais importante —, mas 239 segue sendo uma marca impressionante para um defensor. Foram 39 gols a mais que Kluivert e 25 a menos que Bergkamp. Koeman é considerado o zagueiro mais artilheiro de todos os tempos.

“Eu era um zagueiro que não era exatamente zagueiro”, explicou Koeman. “Marcava tantos gols porque costumava avançar a partir da defesa o tempo todo, e meus treinadores esperavam que eu fizesse isso. As bolas paradas eram uma grande virtude também, mas mesmo com a bola rolando eu geralmente me colocava em boa posição para tentar chutes de longa distância.” Seu principal mentor foi Cruyff, que o comandou no Ajax em 1985/86 e, depois da polêmica transferência de Koeman para o psv, voltou a encontrá-lo mais uma vez no Barcelona em 1989. Seus potentes lançamentos em diagonal se tornaram um traço permanente do jogo do Barça, especialmente quando o objetivo dos passes era o atacante pela esquerda Hristo Stoichkov. Cruyff depositava uma confiança especial em Koeman, talvez comparável apenas à sua afeição por Pep Guardiola. “Ele é o jogador ideal na linha de defesa, um zagueiro que garante quinze gols por temporada. Consegue jogar ali porque queremos atletas como ele, que conseguem fazer a diferença nos menores espaços.”

“Koeman foi um dos primeiros zagueiros com qualidade não apenas para defender”, disse Guardiola, acolhido pelo holandês no Barça quando jovem. “Acho que Johan Cruyff trouxe Ronald Koeman para nos ensinar, para nos

mostrar por que precisávamos de um zagueiro como ele. (…) Sua grande qualidade estava na construção das jogadas, lançamentos incríveis, bolas de quarenta metros, bolas rápidas. Ele é um dos melhores zagueiros que vi na vida." Os avanços constantes de Koeman raramente expunham o Barcelona defensivamente porque o time podia contar com o inteligente e altruísta Pep Guardiola no papel de volante. Essa sincronia era particularmente importante quando Cruyff optava por jogar no 3-4-3, com Koeman como zagueiro central e Guardiola na cabeça de área. Pep, muitas vezes usando a camisa 3 àquela altura, acabava se transformando efetivamente no principal defensor do time, cobrindo os espaços deixados pelo companheiro de perfil ofensivo, como acontecia no modelo original do Futebol Total.

Enquanto Guardiola era tido pela maioria como volante, Cruyff se referia a ele como defensor. "Como jogador, ele era taticamente perfeito, mas dizia que não sabia defender", revelou Cruyff. "Eu respondia: 'Concordo, mas só até certo ponto. Você será um defensor ruim se tiver que cobrir um espaço enorme, mas defendendo apenas essa pequena zona, você é o melhor. Tem que se assegurar de que outros companheiros estão cobrindo as outras áreas. Se fizer isso, você será um excelente defensor'. E ele, de fato, se tornou excelente." No Barcelona de Cruyff, Guardiola às vezes era usado como zagueiro convencional; no fim de 1991, ele chegou a destacar Pep para marcar individualmente o excelente Emilio Butragueño, do Real Madrid, artilheiro do Campeonato Espanhol na temporada anterior. Mas o exemplo mais relevante aconteceu no empate por 2 × 2 pela Copa da Uefa, em abril de 1996, na casa do Bayern de Munique — e a ideia de usar Guardiola, um meio-campista, na zaga, justamente nessa partida, mostraria-se um interessante prenúncio do futuro, se considerarmos como o próprio Guardiola empregou Javier Mascherano e Javi Martínez nos dois clubes quando os dirigiu como técnico, anos depois.

Cruyff insistia que Koeman e Guardiola, dois jogadores que elogiava primordialmente pela capacidade de passe, formavam uma dupla perfeita por causa da inteligência e da capacidade de posicionamento de ambos. "Como dupla de defesa centralizada, eles não eram rápidos, nem eram propriamente zagueiros", admitiu. Cruyff acreditava, porém, que só três tipos de passes deveriam preocupar a defesa do Barcelona: as bolas por cima da defesa, que seriam interceptadas pelo goleiro-líbero, Busquets; as viradas de jogo, de um lado para o outro, que eram responsabilidade dos velozes laterais, Albert Ferrer e Sergi Barjuan, formados na base do

Barcelona como pontas; e as enfiadas por dentro da defesa, que não constituíam um problema, já que Cruyff confiava na capacidade de comunicação e no posicionamento impecável da dupla Koeman e Guardiola. Às vezes ele se referia aos dois como "zagueiros meios-campistas", o que resume muito bem a interpretação holandesa acerca dos defensores: a de que eles, na verdade, não são defensores.

Transição: Holanda — Itália

A Juventus precisou da disputa de pênaltis para garantir o triunfo sobre o Ajax na final da Champions League, em 1996, mas o título pareceu, de todo modo, um ponto de virada no futebol europeu, o momento em que o domínio holandês cedeu lugar à ascensão dos italianos. O Ajax, campeão na temporada anterior, foi incapaz de lidar com a velocidade e a força dos atacantes da Juve, e os italianos poderiam muito bem ter matado o jogo antes mesmo do intervalo.

O maior problema para o time holandês não foi apenas a derrota e a perda do título, mas a consciência de que o fim de uma era se aproximava. Na metade da temporada 1995/96, o futebol europeu teve suas fundações abaladas pelo Caso Bosman, cujos impactos principais foram dois: primeiro, os jogadores passaram a poder cumprir seus contratos até o fim e então se transferir livremente, de graça, para outro clube; e, além disso, o limite de três estrangeiros por time deixou de existir no âmbito europeu. Todos os clubes da Europa podiam usar um número ilimitado de jogadores nascidos no continente.

Nenhum clube sofreu tanto quanto o Ajax. Ao final daquela temporada, Edgar Davids, talvez o meio-campista mais cobiçado de toda a Europa, saiu de graça com destino ao Milan — anteriormente, o Ajax receberia um valor pela transferência e poderia reinvesti-lo em novos jogadores. Enquanto isso, o afrouxamento das regras ligadas ao limite para jogadores estrangeiros significou que passava a existir uma demanda extra pelos outros astros do Ajax, e dentro de três anos o clube viu quase todo o elenco campeão da Champions League ser desmontado. Além de Davids, partiram rumo à Serie A italiana Winston Bogarde, Edwin van der Sar, Michael Reiziger, Nwankwo Kanu e Patrick Kluivert, ilustrando bem a transição de poder em curso. A Lei Bosman deu muito mais poder aos próprios jogadores e aos clubes das maiores e mais ricas ligas, e o Ajax deixou de fazer parte da elite do continente.

Foi também em 1996 que o Ajax deu adeus a seu amado Estádio De Meer, passando a jogar na Amsterdam Arena — mais tarde rebatizada como

Johan Cruyff Arena —, no sul da cidade. Em um primeiro momento, houve muitos problemas com o novo estádio, que não era apenas um campo de futebol, mas uma arena multiuso também utilizada para shows. A grama não crescia adequadamente, o que prejudicava o estilo de toque de bola do time, e muitos torcedores simplesmente não se sentiam em casa. Louis van Gaal tinha a intenção de deixar o clube em 1996, mas ficou por mais uma temporada por questões pessoais. Enquanto isso, Cruyff deixou o Barcelona e não voltaria a treinar nenhum outro clube até o fim de sua vida, e a campanha da Holanda na Eurocopa de 1996 foi totalmente decepcionante — a seleção foi humilhada pela Inglaterra por 4 × 1 na fase de grupos e eliminada pela França nas cobranças de pênaltis nas quartas de final. As já tradicionais disputas internas da seleção também pareceram particularmente graves dessa vez, com diversos relatos sobre uma divisão entre jogadores brancos e jogadores negros do grupo.

Enquanto a reputação do futebol holandês sofria um sério abalo, portanto, a Itália se convertia no palco principal do futebol europeu. O Campeonato Italiano havia sido o mais forte do continente ao longo de toda a década de 1990 — fato evidenciado pelo domínio dos clubes italianos nas competições europeias —, mas apenas naquele momento, com o futebol mais atraente e vanguardista do Ajax fora do páreo, é que essa superioridade se tornava inquestionável.

Enquanto o Ajax se concentrava no desenvolvimento de jovens em suas categorias de base, os clubes italianos confiavam no poderio financeiro. Os donos dos maiores clubes do país eram empresários absurdamente ricos — pelo menos em teoria, já que boa parte acabou arruinada financeiramente anos depois —, que competiam pela contratação dos maiores talentos globais. Emergiram ali as chamadas "sete irmãs" do futebol italiano: Juventus, Milan, Inter, Roma, Lazio, Parma e Fiorentina contavam com elencos recheados de estrelas e cada temporada começava com todas as sete tendo perspectivas reais de título. Em termos de qualidade e competitividade, provavelmente nunca existiu uma liga melhor que a Serie A da segunda metade dos anos 1990.

Em termos de estilo, o campeonato estava em um estágio peculiar. O futebol italiano sempre foi considerado defensivo, com o infame catenaccio dos anos 1960 ainda influenciando o pensamento tático vigente no país. Se o treinador Arrigo Sacchi, do Milan, de mentalidade ofensiva, havia

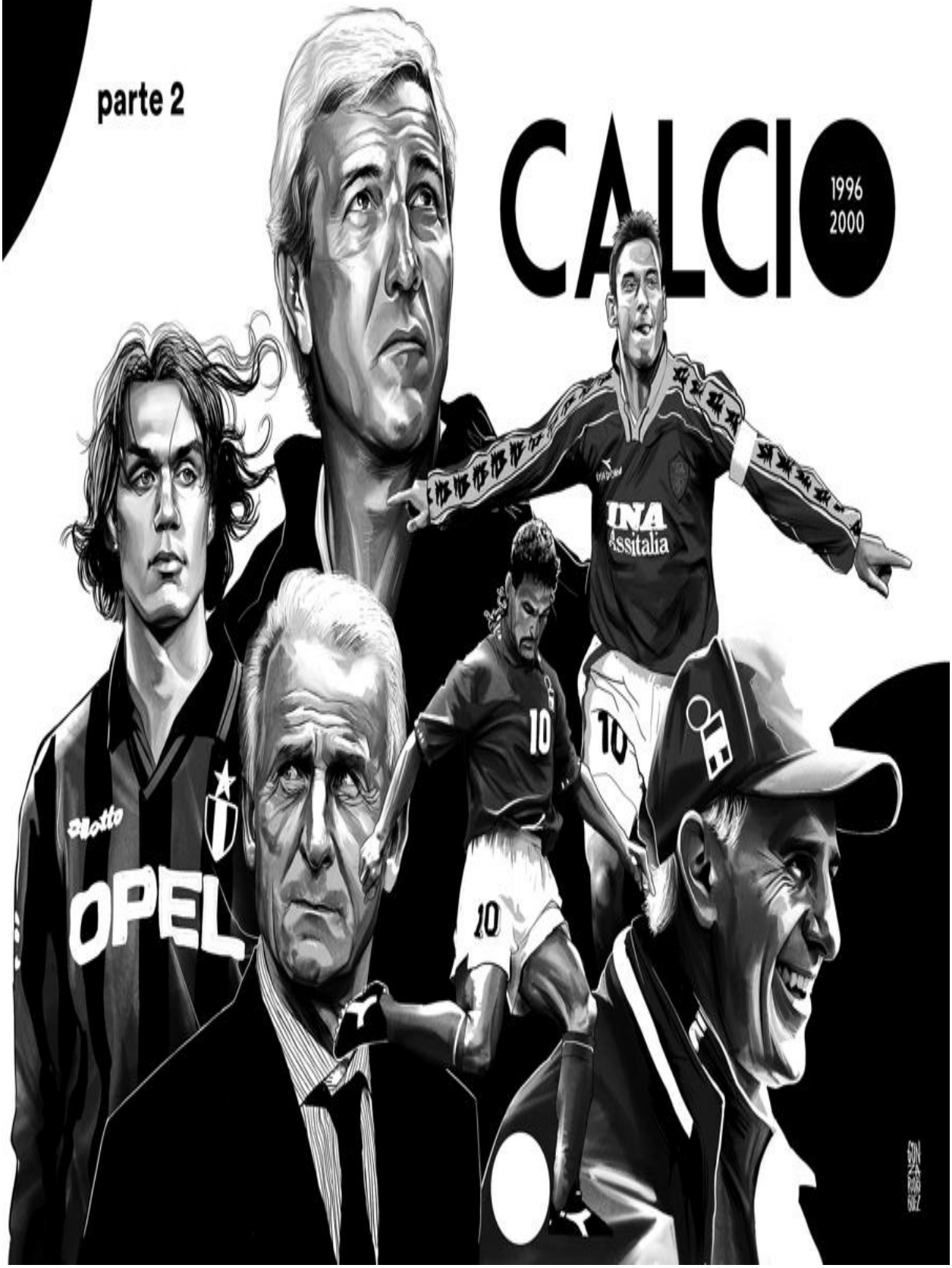
revolucionado o futebol no fim dos anos 1980, deixando o defensivismo de lado para introduzir um jogo de muita pressão, sua principal inspiração tinha sido o Futebol Total do Ajax, e sua abordagem era atípica para um treinador italiano.

Durante esse período, os maiores debates quando se falava de tática na Itália eram entre os treinadores pró-Sacchi e aqueles mais tradicionalistas do jogo italiano. Sacchi promovia um estilo de jogo proativo e utilizava sempre um sistema 4-4-2 sem o trequartista (o camisa 10 do futebol italiano) e sem o líbero. Por natureza, no entanto, os técnicos italianos adaptavam seus times à formação dos adversários, em sua maioria ainda amavam o trequartista e, no caso de alguns, seguiam insistindo com o uso do líbero. O futebol dessa época na Itália não se pautava nos ideais de Sacchi, inspirados pelos holandeses, mas na busca pela volta da Serie A ao antigo jeito de jogar dos próprios italianos.

parte 2

CALCIO

1996
2000



4

Flexibilidade

Já no fim da partida que consagraria a Juventus campeã da Champions League de 1996 contra o Ajax, um movimento tático peculiar resumiu perfeitamente o que era aquele time — e o próprio futebol italiano.

O Ajax, mantendo seu estilo costumeiro, virava o jogo constantemente de um lado para o outro no primeiro tempo, alternando entre o ponta-direita Finidi George e o ponta-esquerda Kiki Musampa. O agressivo 4-3-3 da Juve, com três atacantes de ofício — Alessandro Del Piero, Gianluca Vialli e Fabrizio Ravanelli — significava que nenhum dos dois melhores em campo pela Juventus naquela noite, os laterais e nada badalados Gianluca Pessotto e Moreno Torricelli, recebia suporte para lidar com os pontas do Ajax, mas ambos os defensores foram extraordinários, marcando de perto e impedindo que os pontas adversários virassem de frente. Pessotto anulou Finidi completamente, enquanto Torricelli interceptou passes e iniciou rápidos contra-ataques. Louis van Gaal, claro, percebeu que seu time dificilmente criaria algo contra Torricelli, então tirou Musampa no intervalo e passou Ronald de Boer, que começara o jogo no meio de campo, para o lado esquerdo.

Na etapa final, no entanto, Torricelli passou a sentir câimbras e, como a partida acabou indo para a prorrogação, Van Gaal colocou em campo Nordin Wooter, outro ponta veloz, para forçar o jogo sobre Torricelli, pondo à prova a mobilidade do lateral italiano. A Juve já havia usado as três substituições, portanto o técnico Marcello Lippi teve que encontrar uma solução diferente: ele inverteu os laterais. Pessotto havia atuado noventa minutos como lateral-esquerdo, mas jogou a prorrogação na direita e deteve Wooter completamente. Torricelli fez o movimento inverso e teve menos problemas com o exausto Finidi.

No papel, a solução foi simples, mas é difícil imaginar qualquer outra dupla de laterais da época fazendo o mesmo. Seria impossível ver a seleção brasileira invertendo Cafu e Roberto Carlos, ou o Barcelona colocando Albert Ferrer na esquerda e Sergi Barjuán na direita; seria algo simplesmente inimaginável, que fundamentalmente comprometeria a

naturalidade do jogo de qualquer um deles. Os times italianos, no entanto, não se preocupavam em jogar seu jogo com naturalidade, mas em impedir que o adversário fizesse isso. Eram times de mentalidade defensiva, reativos e taticamente inteligentes. Torricelli e Pessotto não estavam jogando fora de posição, apenas passaram a atuar em outra das posições em que eram capazes de jogar.

Mesmo com todas as estrelas que vestiram a camisa da Juventus ao longo da segunda metade da década de 1990, a natureza do futebol italiano era melhor ilustrada por esses atletas pouco valorizados, versáteis "jogadores de equipe" capazes de desempenhar diferentes funções. Lippi podia confiar em quatro futebolistas que teriam dificuldades para apontar sua melhor posição em campo, algo que seria considerado uma fraqueza em outros lugares, mas que constituía uma virtude na Serie A. Torricelli, Pessotto, Angelo Di Livio e Alessandro Birindelli podiam jogar como laterais, alas ou abertos na linha de meio de campo, tanto pela direita quanto pela esquerda. Em alguns casos, podiam até mesmo jogar por dentro. Esses eram os líderes do elenco. "Todo ano nós vendíamos nossos melhores jogadores, mas a espinha dorsal se mantinha intacta", recordou Lippi. "E quando os novos contratados chegavam e não trabalhavam tão duro, jogadores como Di Livio e Torricelli chegavam junto e diziam: 'Aqui nós nunca paramos. Vamos lá!'. A mensagem partia desses jogadores, que tinham vencido o Campeonato Italiano e a Champions League, mas no campo trabalhavam como loucos. Eram exemplos excepcionais."

Esse quarteto não era formado por gênios, mas por atletas dedicados, que entre eles somavam apenas uma temporada de experiência na Serie A antes de chegarem à Juventus. Torricelli foi pinçado direto do futebol amador ao custo de apenas 20 mil libras; Pessotto havia jogado cinco de suas seis temporadas completas como profissional nas divisões inferiores; Di Livio já contava oito temporadas de experiência, sem um único jogo na Serie A; e Birindelli havia atuado mais na Serie C do que na Serie B, e nunca tinha se aproximado da Serie A. "Não eram apenas os jogadores realmente talentosos, como Zinedine Zidane ou Del Piero, que chamavam a atenção de todos", observou Roy Keane, que enfrentou a Juventus várias vezes nesse período, jogando pelo Manchester United. "Mas os defensores duros e inteligentes, de que ninguém nunca tinha ouvido falar, que fechavam os espaços, tinham tempo de bola perfeito para desarmar, colocavam-se instintivamente nas posições corretas para fazer a cobertura e contavam

com uma leitura de jogo estupenda.”

Essa descrição serve perfeitamente para Torricelli, Pessotto e Birindelli, que provavelmente estavam mais para defensores que eram capazes de jogar no meio de campo, enquanto com Di Livio acontecia o oposto. Ele foi apelidado de Il soldatino por Roberto Baggio, já que corria para cima e para baixo na linha lateral, como um pequeno soldado. E não importava de que lado estava essa linha lateral, pois, apesar de ser destro, Di Livio às vezes batia escanteios com o pé esquerdo — em geral a marca de um jogador tecnicamente fantástico, categoria na qual o laborioso Di Livio não se encaixava. Nesse caso, tratava-se da marca de um atleta flexível que havia trabalhado duro para melhorar suas fraquezas e podia se adaptar a qualquer situação.

O resto da espinha dorsal da Juventus também era bastante versátil. Ciro Ferrara e Mark Iuliano eram zagueiros, mas quando a Juventus venceu o Ajax novamente, nas semifinais da Champions League do ano seguinte, ambos jogaram — e muito bem — como laterais, enquanto Alessio Tacchinardi, normalmente um cabeça de área, atuou na zaga. Antonio Conte, por sua vez, era a síntese perfeita do meio-campista italiano: um comandante confiável, capaz de jogar aberto ou centralizado. Esses jogadores aparentavam ter capacidade para atuar em qualquer posição no setor defensivo da equipe, o que permitiu a seu treinador, Marcelo Lippi, tornar-se o estrategista mais elogiado da Europa, alternando formações regularmente, entre os jogos ou dentro de cada jogo. “Se você tem jogadores inteligentes, que entendem de tática e ficam confortáveis em diferentes sistemas, então fazer mudanças frequentes pode ser uma vantagem considerável”, acreditava Lippi. Seus compatriotas concordavam.

Lippi era o mais celebrado entre os treinadores formados em Coverciano, o quartel general técnico da Federação Italiana de Futebol. Sediado em Florença, menos de dois quilômetros a leste do Estádio Artemio Franchi, da Fiorentina, Coverciano era diferente de Clairefontaine, na França, por exemplo, que ganhou fama pelo desenvolvimento de jovens jogadores. Em vez disso, o foco principal da escola italiana era o desenvolvimento de treinadores. Uma versão futebolística de Oxford — a maior universidade para técnicos de futebol na Europa.

Ter o certificado mais graduado de Coverciano era pré-requisito para

treinar um time na Serie A, mas os critérios para a entrada na escola eram rigorosos. Com apenas vinte vagas abertas por ano, o candidato precisava ter cidadania italiana ou ter residido no país por pelo menos dois anos, além de ter completado o segundo nível de certificação de treinadores no país. Por fim, tinha de obter uma pontuação baseada em sua carreira como jogador (35 pontos), como treinador (40 pontos) e acadêmica (5 pontos), com mais 20 pontos podendo ser alcançados mediante uma entrevista.

As pontuações relacionadas às carreiras de treinador e jogador eram calculadas com base em um sistema extremamente complicado que computava 0,02, 0,04 ou 0,06 ponto por jogos disputados nas Series C, B e A, respectivamente, e um bônus pela conquista do título da Serie A, por ter jogado pela seleção ou sido convocado para uma Copa do Mundo. A famosa declaração de Arrigo Sacchi, que nunca jogou futebol profissionalmente e disse que "um jóquei não precisa ter sido um cavalo", torna-se ainda mais significativa quando se percebe o quanto a escola italiana de treinadores estava predisposta a favorecer os ex-jogadores.

No total, a graduação em Coverciano envolvia 550 horas de estudo e, como era obrigatória para quem pretendesse treinar um time na Serie A, os técnicos italianos ficaram furiosos quando a Sampdoria encontrou uma brecha nas regras para assinar com David Platt — muito embora, oficialmente, ele fosse apenas um auxiliar, por não ostentar o diploma obrigatório. "É como se um estudante de enfermagem conduzisse uma cirurgia cardíaca", disparou o treinador do Bari, Eugenio Fascetti. Houve generalizado contentamento quando Platt foi embora, depois de uma passagem fracassada de apenas dois meses na Itália. Luciano Spalletti, por sua vez, chegou de maneira inesperada à Serie A, sem a exigida qualificação, depois de obter o acesso por dois anos seguidos dirigindo o Empoli. Após questionar a si mesmo publicamente se teria as qualidades necessárias para a primeira divisão, ele manteve o trabalho como técnico e os estudos em paralelo, cruzando a Toscana regularmente em direção a Coverciano. A abordagem acadêmica, porém, provou-se valiosa para uma série de técnicos italianos. Com módulos sobre "Técnica no Futebol", "Teoria do Treinamento", "Medicina", "Comunicação", "Psicologia" e "Dados", os formados costumam sair bem preparados para as dificuldades da Serie A. Antes da graduação, cada aluno é obrigado a escrever uma dissertação. Carlo Ancelotti escreveu sobre "Movimentos de ataque na formação 4-4-2", enquanto Alberto Zaccheroni nomeou seu texto de "A

zona” e Alberto Malesani ofereceu “Considerações gerais sobre a Eurocopa de 1996”. Esses documentos estão guardados na biblioteca de Coverciano, que abriga 5 mil textos do tipo.

Lippi é um dos grandes defensores de Coverciano. “Eu comecei a entender por que, quando jogador, me pediam para fazer certas coisas”, explicou no livro de Vialli, The Italian Job. “Me abriu os olhos porque me encorajou a questionar e avaliar tudo aquilo que nos parece natural no futebol. Foi isso que eu achei mais importante sobre Coverciano, a troca de ideias entre os colegas. Cada vez mais acredito que o que eu guardo com carinho não é o curso em si, mas a atmosfera ao redor. Aquele ambiente desafiador que nos provoca a pensar. Coverciano não oferece respostas, [mas] amplia o leque de possibilidades.”

Esse sentimento de abertura para novas ideias era ecoado por Gianni Leali, o chefe de Coverciano durante os anos 1990. “Nós não ensinamos um sistema de jogo”, explicava ele. “Ensinamos todos e mostramos as vantagens e desvantagens de cada um. Existe diversidade aqui — e isso torna a Serie A muito mais interessante.” Enquanto o futebol holandês era obcecado pelo 4-3-3 e pelo 3-4-3, o futebol italiano apresentava praticamente todas as formações possíveis e, assim como os defensores versáteis da Juventus não tinham uma posição definida, Lippi e outros treinadores italianos não contavam com um sistema preestabelecido. Eles reagiam às táticas do adversário em grau muito maior que os treinadores de outros países e rotineiramente substituíam os astros do ataque por reforços mais defensivos.

A Juventus de Lippi definiu o futebol italiano durante esse período. O clube se tornou campeão europeu e mundial em 1996, venceu o Scudetto nas duas campanhas seguintes e chegou à final da Champions League também em ambas as temporadas, perdendo para Borussia Dortmund e Real Madrid. A Juve vinha mantendo, fazia tempo, a fama de perder suas estrelas e seguir evoluindo da mesma forma, sacrificando campeões mundiais como Paolo Rossi e Marco Tardelli sem sofrer, enquanto os jogadores entravam em franco declínio depois de deixar Turim. Após a final de 1996, não foi apenas o derrotado Ajax que padeceu com a Lei Bosman: a Juve perdeu Ravanelli e Vialli para clubes endinheirados da Premier League. Ravanelli havia terminado a temporada como o artilheiro da equipe, enquanto Vialli tinha sido escolhido o Jogador do Ano pela revista World Soccer, que o elogiou

como um futebolista “igualmente à vontade atuando pela direita, pela esquerda ou pelo centro do ataque — que defende como um tigre e ataca como um leão”. Em outras palavras, bem afeito ao espírito da Juventus, ele era capaz de desempenhar qualquer papel que Lippi precisasse.

O clube ainda tinha Alessandro Del Piero, seu garoto prodígio, e substituiu a dupla que tinha acabado de sair com três jogadores: Alen Bokšić, que liderava a linha de ataque com eficiência, mas raramente fazia gols; Christian Vieri, um atacante completo que mudava de time todos os anos; e o jovem Nicola Amoruso, que não chegou a desenvolver todo o seu potencial — embora sua chegada tenha certamente sido apreciada por Del Piero, que se casou com a irmã do novo companheiro. O veterano Michele Padovano também continuava no clube e costumava ser um reserva muito útil.

Lippi, portanto, tinha cinco boas opções na frente, e a tabela de artilheiros da Juventus na temporada do título da Serie A, em 1996/97, destacou muito bem como ele utilizava seus diferentes atacantes em diferentes situações. Curiosamente, mesmo vencendo o campeonato, nenhum dos cinco atacantes da Juventus registrou mais do que oito gols — a metade de Sandro Tovalieri, que jogou a primeira parte da temporada pela Reggiana e a segunda pelo Cagliari, ambos rebaixados. Lippi havia tornado a rotação do elenco parte fundamental de sua filosofia, e cada um dos cinco atacantes atuou em uma quantidade parecida de jogos. Bokšić marcou apenas três gols em 51% dos minutos possíveis na Serie A; afetado por lesões, Del Piero conseguiu marcar oito gols em 48% dos minutos; Vieri fez oito em 43%; Padovano marcou oito em 39%; e Amoruso anotou quatro em 36%. Não havia hierarquia, nem clara divisão entre titulares intocáveis e reservas frustrados, e todos ofereciam qualidades diferentes ao time. Bokšić fazia a retenção da bola jogando de costas, Del Piero aportava criatividade, Vieri empregava sua grande capacidade para o jogo aéreo, Padovano se posicionava muito bem dentro da área e Amoruso trazia velocidade.

É significativo que Bokšić tenha sido o atacante com o menor número de gols e o maior número de minutos jogados, já que ele trabalhava muito para fazer o jogo dos companheiros florescer. “Sem estrelas, sem privilégios”, declarava Lippi. “Se um jogador não concorda com isso, pode ir embora. Você pode até gostar das artimanhas e excentricidades de um campeão, mas eu acredito que as pessoas ainda apreciam coisas como humildade e inteligência.” A tendência de Lippi de alternar seus atacantes, usando-os de

acordo com suas exigências táticas, permaneceu como uma de suas marcas registradas ao longo da carreira. Quando levou a seleção italiana ao título da Copa do Mundo em 2006, o treinador convocou seis atacantes para o elenco de 23 jogadores: Francesco Totti, Pippo Inzaghi, Luca Toni, Alberto Gilardino, Vicenzo Iaquinta e seu velho conhecido Del Piero. Todos acabaram marcando pelo menos um gol no torneio.

Quando Ronaldo, o melhor atacante do mundo, decidiu trocar o Barcelona pela Serie A, a Juventus se negou a participar de uma espécie de leilão que se formava. Não porque os valores fossem altos demais, mas porque Umberto Agnelli, presidente do clube, acreditava que uma estrela tão brilhante ofuscaria o espírito do clube. Até mesmo Zinedine Zidane, que chegou em 1996 e rapidamente se tornou o jogador mais celebrado da Europa, era um atleta aplicado, introvertido e trabalhador — um mundo de distância em relação ao galáctico autoindulgente que se tornaria mais tarde no Real Madrid.

Zidane se surpreendeu com a intensidade dos treinos físicos da Juventus, comandados pelo famoso Giampiero Ventrone. "Didier Deschamps me contou sobre os treinamentos, mas eu não acreditei que podia ser tão ruim", suspirou. "Era comum eu quase vomitar de cansaço no fim." Ventrone recebeu dos jogadores da Juventus o apelido de "Marine" [Fuzileiro Naval] e repetia três lemas aterrorizantes: "Trabalhe hoje para correr amanhã", "Morra, mas termine" e "A vitória pertence aos fortes". Os atletas mantinham uma relação de amor e ódio com ele. Ravanelli dizia que, sem ele, não conseguia jogar, enquanto Vialli certa vez ficou tão indignado com os métodos de Ventrone que o trancou dentro de um armário e chamou a polícia — e não seria a última vez que os Carabinieri se interessariam pelos métodos de condicionamento físico da Juve. Era Lippi, no entanto, quem se mantinha como o ativo mais importante do clube. "Ele foi como um interruptor de luz para mim", disse Zidane. "Ele me acendeu e eu entendi o significado de trabalhar por algo que importava. Antes de chegar à Itália, eu via o futebol como um trabalho, claro, mas o mais importante era me divertir. Depois de passar por Turim, a vontade de vencer tomou conta."

É isso, essencialmente, o que define o futebol italiano: a prioridade absoluta é vencer. Em outras nações importantes no mundo do futebol, em diferentes níveis, coloca-se a ênfase no espetáculo; o futebol ofensivo é respeitado e às vezes considerado um fim em si mesmo. Na Itália, porém, o resultado é

primordial e os fins justificam os meios — o que explica, em grande medida, por que os times italianos se satisfazem com vitórias obtidas pelo uso da tática, dispensando a técnica ou a classe. Evidentemente existe a admiração em relação a certos tipos de jogadores estilosos, particularmente o líbero clássico e o trequartista talentoso, mas os times do país sofrem pouca pressão por performances coletivas exuberantes, como acontece com o Ajax ou o Barcelona. O futebol italiano, portanto, dá enorme valor a jogadores esforçados que desempenham papéis funcionais.

"Para o jogador italiano, o futebol é um trabalho. Não é diversão, não é um jogo", observava Fabio Capello. "Quando comandei o Real Madrid, o treino terminava e todos ficavam no clube, comiam, recebiam uma massagem, iam à academia juntos. (…) Na Itália, os atletas ficam no clube apenas durante o tempo que é exigido e depois vão embora. Não temos essa alegria dentro de nós. É quase como se os atletas não gostassem de ser jogadores de futebol." Capello era outro famoso estrategista italiano e sua experiência no Real Madrid, durante a temporada 1996/97, foi particularmente esclarecedora.

Ele tinha sucedido Arrigo Sacchi no Milan em 1992, conquistou a Serie A quatro vezes em cinco temporadas, alcançou a inédita sequência de 58 jogos de invencibilidade e venceu a Champions League em 1994 com uma goleada memorável de 4 × 0 em cima do Barcelona. Capello era ideologicamente menos ofensivo que o revolucionário Sacchi, mas oferecia mais liberdade para que seus jogadores criativos se expressassem, normalmente os utilizando abertos no meio de campo na formação 4-4-2. Depois que o Real Madrid terminou em sexto na temporada 1995/96 — a pior temporada do clube em quase duas décadas —, o presidente Lorenzo Sanz foi atrás do italiano e o apresentou como "o melhor treinador do mundo". Capello venceu o Campeonato Espanhol na temporada seguinte, mas retornou imediatamente à Itália.

Capello levara a taça de volta ao Bernabéu, mas isso não bastara para os torcedores e o presidente do Real Madrid, que não apreciavam o estilo — ou a falta de estilo… — do time sob seu comando. Enquanto o Barcelona oferecia velocidade e habilidade, cortesia da lendária temporada de Ronaldo no Camp Nou, o jogo do Real Madrid era chato, funcional e exageradamente tático. Em poucas palavras, Capello transformou os merengues em um time italiano. Raúl González, nova estrela do futebol espanhol, foi jogar pelo lado esquerdo e viu os recém-chegados Davor Šuker

e Predrag Mijatović formarem a dupla de ataque. O mecanismo tático mais comum do time era o uso do zagueiro Fernando Hierro lançando bolas longas para as ultrapassagens do lateral-esquerdo Roberto Carlos — uma ideia perfeitamente legítima, mas que os torcedores do clube consideravam direta demais, crua demais. O clube insistiu em inserir uma cláusula no contrato de Capello que o impedia de assinar com o Barcelona até três anos depois de ele ter deixado Madri, mas, se o Real estava tão determinado a competir com o Barça em termos de atratividade e estilo, a eventual ida de Capello à Catalunha ajudaria a reequilibrar a balança. "Acredito que a coisa mais importante é vencer", declarou Capello certa vez. "Nada mais importa."

"Na Espanha, tudo aquilo que vem da Itália é visto de maneira negativa", disse o atacante espanhol José Amavisca, citado na biografia de Capello escrita por Gabriele Marcotti. "Tudo o que Capello fazia era visto como feio, sujo, chato ou desagradável só porque ele era italiano." Os treinamentos de Fabio Capello eram tipicamente italianos: longos períodos aperfeiçoando os movimentos da linha defensiva e grande ênfase no condicionamento físico. Ele passou a maior parte da temporada batendo boca com o presidente Lorenzo Sanz, em parte por se recusar a escalar seu filho, Fernando, vindo das categorias de base. Também encontrou problemas com os atacantes Mijatović e Šuker, frequentemente substituídos quando o treinador precisava de reforços defensivos. "Meus jogos duram só 75 minutos", reclamou Šuker. O croata foi substituído em mais da metade dos jogos que iniciou em LaLiga, um gritante contraste em relação ao tratamento normalmente reservado às estrelas do ataque no Real Madrid. Seus substitutos eram sempre zagueiros ou volantes.

Capello acabava compensando o sacrifício de seus jogadores mais famosos por sua leitura tática muito apurada. Durante a temporada 1996/97, o Real Madrid várias vezes começou mal e levou o primeiro gol, até que instruções vindas do treinador reajustassem a rota e garantissem a vitória. O time ganhou jogos de virada com incrível regularidade: contra Real Sociedad, Valencia, Atlético de Madrid, Deportivo La Coruña, Hércules, Racing Santander, Sevilla e Sporting Gijón.

A virada contra o Sevilla, no meio de abril, foi a mais significativa. Capello iniciou com seu 4-4-2 mais usual, com Raúl cortando para dentro a partir da esquerda, mas o Real foi absolutamente atropelado pelo corajoso rival,

especialmente pelos lados. Tarik Oulida, ponta-esquerda formado no Ajax, cruzou para o ponta-direita José Marí abrir o placar de cabeça logo no primeiro minuto e depois fez o segundo. O Real Madrid poderia tranquilamente ter levado mais dois gols, mas Capello fez duas alterações táticas no meio do primeiro tempo. O veterano defensor Manuel Sanchís substituiu o sobrecarregado lateral-direito Chendo. Além disso, Capello sacrificou Šuker a fim de colocar no jogo o volante Zé Roberto. Os torcedores ficaram compreensivelmente atônitos: perdendo por 2 × 0 em casa, precisando de gols, o Real tinha acabado de tirar de campo um atacante.

Antes de mais nada, porém, Capello sabia que o Real precisava de solidez defensiva. Raúl foi deslocado para o ataque e Zé Roberto entrou pelo lado esquerdo de um losango no meio de campo, dando suporte a Roberto Carlos. O time conseguiu controlar o Sevilla pelos lados e começou a entrar no jogo. Clarence Seedorf diminuiu a diferença pouco antes do intervalo e Raúl empatou no segundo tempo. Hierro virou o jogo com uma cabeçada a sete minutos do fim e ainda deu tempo de Seedorf criar a jogada para o gol de Mijatović. O Real Madrid perdia por 2 × 0, Capello fez duas mudanças táticas ainda no primeiro tempo — incluindo a substituição de seu artilheiro — e acabou vencendo por 4 × 2.

Uma vitória desse tipo teria sido celebrada no país natal de Capello, mas o Real Madrid precisava de performances mais espetaculares. Apesar do título, o casamento sem amor entre clube e treinador durou apenas um ano. Curiosamente, uma década depois Capello retornou ao Bernabéu, e o roteiro pareceu familiar: ele venceu o Campeonato Espanhol e foi demitido. "Temos que encontrar um técnico que nos dê algo mais", disse o diretor esportivo do Real depois da segunda saída do italiano. "Precisamos de um técnico que, além dos resultados — que são muito importantes — nos ajude a desfrutar mais uma vez do nosso futebol." Quem era o diretor? Mijatović, o atacante frequentemente substituído na primeira passagem de Capello. Duas temporadas, dois títulos, duas saídas amargas. Os métodos italianos não eram populares fora da Itália.

Mas eles claramente conduziam ao sucesso, pois os três treinadores italianos mais respeitados desse período realizaram um feito extraordinário em 1996/97. Lippi venceu a Serie A com a Juventus, Capello triunfou em LaLiga com o Real Madrid e Giovanni Trapattoni conquistou a Bundesliga

com o Bayern de Munique.

Era a segunda passagem de Trapattoni no Bayern, depois de uma temporada decepcionante em 1994/95, quando ele culpou o pouco domínio da língua alemã por seu insucesso — ainda que, em seu retorno, suas capacidades de comunicação tivessem melhorado bem pouco. Inicialmente, ele tentou usar uma linha defensiva com quatro jogadores. Depois de alguns resultados ruins, incluindo uma derrota por 3 × 1 no agregado para o Valencia pela Copa da Uefa, acabou adotando o sistema com o líbero, mais típico da Alemanha e, de certa forma, mais típico do próprio Trapattoni. "Mudanças demais acabaram sacrificando o ritmo da equipe", declarou o antecessor, Otto Rehhagel, depois da eliminação na competição continental. "O Bayern está pagando por seus erros na contratação dos jogadores e por não usar um sistema tático definido." Não ter um sistema tático definido, no entanto, era exatamente o plano de Trapattoni.

Seus experimentos táticos continuaram frustrando e deixando desconfortáveis os principais jogadores da equipe. No fim de novembro, o Bayern vencia o Hansa Rostock, ameaçado pelo rebaixamento, por 2 × 0 no intervalo; Trapattoni, então, ordenou que seus jogadores se concentrassem apenas em não tomar gols. Mas o centroavante Jürgen Klinsmann instava os companheiros a continuarem atacando. Os jogadores sentiram o peso da indecisão, cederam um gol aos vinte minutos do segundo tempo e suaram para vencer a partida por 2 × 1. "Foi por isso que perdemos nosso ritmo", reclamou o ala-esquerdo Christian Ziege. "Um defensor fazia uma ultrapassagem para o ataque e todo o resto do time continuava recuado, vendo-o desaparecer lá na frente. Era muito confuso." Mas o foco de Trapattoni na disciplina tática e sua recusa em permitir privilégios às grandes estrelas acabaram dando resultado. Em comparação com a temporada anterior, o Bayern fez só dois gols a mais, mas levou doze a menos. "Com ele, aprendi a defender", explicou o meio-campista Mehmet Scholl. "Mas também aprendi que seria substituído se desse um passe ruim."

Assim como Capello em Madri, Trapattoni foi muito questionado em Munique por suas substituições, especialmente por Klinsmann, que deixou de brigar com seu inimigo de longa data, Lothar Matthäus, para se concentrar no treinador. O atacante alemão sabia exatamente o que esperar, pois já tinha sido comandado por Trapattoni na Inter, mas reclamava

frequentemente das estratégias demasiadamente defensivas do técnico e por ser regularmente substituído no meio do segundo tempo, geralmente para que Trapattoni pudesse pôr em campo um jogador defensivo. A gota d'água veio quando faltavam três jogos para o fim da campanha, no empate sem gols, em casa, contra o Freiburg. O treinador chamou o jovem Carsten Lakies para sua primeira — e última — aparição na Bundesliga, entrando no lugar de Klinsmann, que, aos berros na direção do comandante na saída do campo, fez um sinal de "acabou" com as mãos e deu um chute furioso em um grande painel de publicidade em formato de bateria, ficando com o pé preso ali. "Eu só estava tentando abrir um pouco o jogo", explicou Trapattoni, gesticulando como se quisesse mais ultrapassagens pelos lados.

A placa de publicidade acabou indo parar no museu do Bayern, um monumento à fúria de Klinsmann e à tendência excessivamente italiana de Trapattoni de sacrificar seus astros quando a tática pedia. O Bayern venceu o Campeonato Alemão e, depois do desfile de comemoração, Trapattoni, vestido com roupas tradicionais da Baviera, cantou algumas músicas italianas para os torcedores diretamente da varanda da prefeitura de Munique. De fato, tinha acabado para Klinsmann. Depois de ter vencido o único campeonato nacional de sua carreira, ele retornou à Serie A para jogar pela Sampdoria. "Eu queria um clube que tivesse uma filosofia de futebol em que eu me encaixasse", anunciou. "A Sampdoria é esse clube e César Menotti é o tipo certo de técnico." Um tiro direcionado a Trapattoni.

"Sendo um treinador italiano na Alemanha, eu tentei mudar a mentalidade local", lembrou Trapattoni. "Encontrei resistência, porque é impossível mudar uma mentalidade em dois ou três meses. Queria que eles se acostumassem a pensar taticamente, desenvolvessem o próprio jogo e procurassem opções. Tive que deixar que jogassem do jeito deles e fui gradualmente introduzindo as minhas ideias. Depois do meu primeiro ano, eles começaram a mudar um pouco, mas foi um embate cultural. Na Alemanha, eles seguem um plano fixo. Na Itália, somos mais flexíveis."

A temporada seguinte de Trapattoni não trouxe tanto sucesso e é mais lembrada por seu famoso desabafo, em alemão truncado, durante uma entrevista coletiva na qual gritou ao microfone para tentar justificar a decisão de não ter escalado Scholl, um meia-armador clássico, e Mario Basler, um ponta imprevisível — pois os dois não vinham desempenhando seus papéis defensivos. Em seu discurso, Trapattoni fez questão de enfatizar

que o Bayern jogava um futebol ofensivo: “Nenhum time na Alemanha joga tão ofensivamente como o Bayern. No último jogo, tínhamos três atacantes em campo: Giovane Élber, Carsten Jancker e Alexander Zickler. Não podemos esquecer Zickler! Zickler é atacante, mais que Scholl, mais que Basler”. Mesmo visivelmente irritado, o treinador se sentiu obrigado a enfatizar que sua escalação não era defensiva demais, italiana demais.

Na Itália, claro, ninguém tinha problemas com o futebol defensivo. A Juventus de Lippi venceu a Serie A em 1996/97 de maneira estereotipicamente não espetacular. Depois de 34 jogos, a Juve registrou apenas o quarto melhor ataque do torneio, mas teve a defesa menos vazada. Venceu menos que o Parma, mas o vice-campeão perdeu quatro partidas a mais. Não era um time dedicado a fazer saldo e vencer bem seus jogos, mas em não tomar gols — e, assim, não perder.

A dupla de zaga da Juve, formada por Ciro Ferrara e Paolo Montero, era absolutamente dominante, ainda que os dois atletas tivessem problemas com os árbitros. Montero foi expulso nas partidas fora de casa contra o Napoli e o Cagliari, e ambos estavam suspensos para o jogo em casa contra o Milan, em novembro, uma partida extremamente disputada, cujo início foi atrasado por conta da chuva pesada que caía em Turim. As linhas do campo de jogo precisaram ser repintadas antes do apito inicial. A Juventus, como sempre, conseguiu se virar sem seus principais jogadores e a parceria improvisada na zaga entre Sergio Porrini e Alessio Tacchinardi — um lateral-direito e um volante, respectivamente — deteve a dupla Roberto Baggio e George Weah. O jogo terminou sem gols.

Houve grandes exibições de Zidane, que se recuperou de um lento começo de temporada e passou a ditar os movimentos ofensivos da Juventus, e de Del Piero, que sofreu com as lesões, mas também marcou gols cruciais ao longo do ano, incluindo o da vitória no Mundial de Clubes contra o River Plate. Lippi fez evoluir sua formação-base da temporada anterior, mudando do 4-3-3 para o 4-4-2, que mais tarde se tornou um 4-3-1-2 com Zidane se adiantando para ocupar a posição do camisa 10. Como sempre, o técnico soube aproveitar muito bem os seus jogadores multifuncionais. Os meios-campistas mais abertos, em geral Di Livio e Vladimir Jugović, participavam muito do jogo, fechando para ajudar Didier Deschamps — o principal cabeça de área da Juve depois da transferência de Paulo Sousa para o Dortmund. Quem alargava o campo para o time era o lateral-esquerdo —

normalmente Pessotto —, enquanto o lateral do outro lado — Porrini ou Torricelli — atuava mais centralizado, juntando-se aos zagueiros e permitindo que a Juventus mudasse para um desenho com três homens atrás quando tinha a bola, uma marca registrada do antigo catenaccio italiano.

A inversão dos laterais, que tinha acontecido na final da Champions League contra o Ajax, foi usada novamente depois de vinte minutos jogados na vitória por 2 × 1 sobre o Perugia em fevereiro. Porrini, jogando como zagueiro pela direita ao lado de Ferrara, machucou-se e foi substituído por Iuliano, que era canhoto e foi jogar do lado esquerdo, levando Ferrara para o lado direito da zaga. Lippi entendeu que Iuliano precisava de mais proteção, então passou Torricelli da lateral-direita para a esquerda, e Pessotto fez o movimento contrário. Mais uma vez, apenas um time italiano seria capaz de inverter seus laterais com tanto desembaraço.

Lippi não tinha o menor receio de fazer alterações defensivas cedo nos jogos, tendo sacrificado Pessotto depois de trinta minutos contra uma avassaladora Udinese porque precisava de mais velocidade. Di Livio, meio-campista pela direita no jogo anterior, foi jogar na lateral esquerda. Converter jogadores que atuavam pela direita do meio de campo em laterais esquerdos explosivos se tornou, de certa forma, especialidade de Lippi: em sua segunda passagem pela Juventus, ele fez algo parecido com Gianluca Zambrotta, que acabou se tornando o melhor do mundo naquela posição e jogou tanto na lateral-direita quanto na esquerda durante a campanha do título da Copa do Mundo de 2006, sob o comando do próprio Lippi.

Até quando aquela Juventus goleava os adversários, era muito mais de maneira eficiente que espetacular. Na vitória por 6 × 1 contra o psg no primeiro jogo da Supercopa da Europa, em um Parque dos Príncipes coberto pela neve, os quatro primeiros gols da Juve vieram de bolas paradas. Para sermos justos, o time também venceu um desastroso Milan pelo mesmo placar no San Siro depois de uma performance absolutamente dominante, mas a vitória mais impressionante de toda a temporada foi o 4 × 1 na semifinal da Champions League sobre um rival já conhecido: o Ajax.

Na final do ano anterior, a Juventus tinha sido melhor, mas só conseguira vencer nos pênaltis. Dessa vez, o time massacrou o adversário, reforçando a

noção de superioridade do futebol italiano sobre o holandês. Lippi, mais uma vez, levou a campo uma surpresa tática com seu 4-3-1-2, utilizando Ferrara e Iuliano, dois zagueiros de ofício, como laterais, enquanto Montero e Tacchinardi formaram a dupla de zaga. O resultado foi um quarteto defensivo extraordinário e fisicamente dominante. Na frente, a Juve pressionou intensamente, com Zidane se juntando a Bokšić e Vieri para fechar as alternativas de saída de bola do Ajax, com Danny Blind, Mario Melchiot e Frank de Boer. Sem conseguir jogar pelo chão, a equipe holandesa abriu mão de seu estilo e passou a recorrer a bolas longas, facilmente interceptadas pelos quatro zagueiros juventinos. O time italiano, por sua vez, era excelente na ligação direta, lançando a bola constantemente para que Vieri e Bokšić, os atacantes mais fortes de todo o elenco, duelassem com os zagueiros do Ajax.

Zidane, por sua vez, comandava o show. Sustentado pela disciplina posicional de Deschamps e a energia de Di Livio e Attilio Lombardo — que trocaram de lado no meio do primeiro tempo —, o francês foi sensacional. No primeiro tempo, pegou a bola a quarenta metros do gol, avançou com ela e diminuiu a velocidade antes de se livrar de três rivais correndo para o lado esquerdo do campo. Então cruzou para Vieri, e o chute foi desviado para fora. Zidane cobrou o escanteio e Lombardo abriu o placar. O craque francês também participou da construção da jogada do segundo gol, marcado por Vieri. No terceiro, sua velocidade permitiu que ele interceptasse a bola no meio de campo e iniciasse o contra-ataque, superando Danny Blind com uma pedalada e deixando Amoruso, que havia entrado pouco tempo antes, livre para marcar. O quarto foi anotado pelo próprio Zidane depois de receber um passe de Didier Deschamps e fingir o chute, deixando Edwin van der Sar no chão para, em seguida, tocar para o gol vazio. “Ele é, sem dúvida, o melhor jogador que já comandei”, disse Lippi. “E ainda acho que será o melhor jogador dos próximos vinte anos. Nos últimos vinte foi Maradona, nos próximos vinte será Zidane. Estou convencido disso.”

A vitória contra o Ajax foi provavelmente a maior da Juventus sob o comando de Lippi, e evidenciou as três áreas em que o futebol italiano levava vantagem sobre o holandês: a flexibilidade tática, a força física e a possibilidade de atuação magnífica de um talento de primeira linha. “Zidane é de um nível diferente, mesmo em um time tão bom”, declarou o derrotado Louis van Gaal. “A Juventus é um grande time, com muitas

qualidades, um prazer de assistir. Vou repetir o que disse depois do primeiro confronto: nunca enfrentei um adversário que nos tenha superado da maneira como a Juventus conseguiu."

Surpreendentemente, a Juve foi derrotada na final por 3 × 1 pelo Borussia Dortmund, que estava mais preparado para a disputa física e anulou Zidane com a excelente marcação de Paul Lambert. Mesmo assim, o jogo poderia ter sido muito diferente. A Juventus criou as melhores chances, acertou a trave duas vezes e teve um gol de Bokšić anulado de forma polêmica. Ao sair para o intervalo perdendo por 2 × 0, Lippi trocou o 4-3-1-2 pelo 4-3-3, com Del Piero substituindo Di Livio. A mudança forçou o Dortmund a recuar, e o gol de calcanhar de Del Piero, depois de cruzamento de Bokšić, parecia ser o início de uma reviravolta. Alguns minutos depois, porém, Lars Ricken, jovem de vinte anos, fruto das categorias de base do Dortmund, entrou no lugar de Stéphane Chapuisat e levou apenas dezesseis segundos para marcar o terceiro gol alemão em seu primeiro toque na bola, aproveitando um contra-ataque para arriscar um chute de longa distância que encobriu Angelo Peruzzi. Foi uma vitória surpreendente. "Depois de assistir à final como espectador, meu único sentimento é de raiva", disse o lesionado Conte. "Porque o time mais fraco venceu e porque não há nada a ser feito para corrigir isso — a não ser voltar no ano que vem e vencer a Champions League."

A temporada 1997/98 marcou uma mudança na abordagem de Lippi em relação ao ataque do time. Vieri foi para o Atlético de Madrid, e a chegada de Pippo Inzaghi, o jovem artilheiro mais promissor da Itália, deu à Juventus uma primeira opção bastante clara para o posto de centroavante titular. Lippi rodou menos o elenco e havia mais combinações de passes entre os três homens de frente. "Agora precisamos manter a bola no chão, em vez de colocá-la na cabeça de Vieri como fazíamos na temporada passada", explicou Del Piero. Zidane, Del Piero e Inzaghi eram na maior parte do tempo liberados das responsabilidades defensivas, e havia uma clara divisão no sistema de jogo da Juventus: os sete de trás eram jogadores funcionais, os três da frente tinham liberdade para se expressar. "Desta vez, temos a melhor defesa e o melhor ataque", gabou-se Lippi.

A Juventus continuou usando o 4-3-1-2, aproveitando-se das qualidades naturais de seus atacantes, mas a versatilidade dos defensores permitia que o time alternasse para o 3-4-1-2, especialmente quando enfrentava uma

dupla de ataque rival. De vez em quando, Lippi pedia que Zidane e Del Piero jogassem abertos, cortando para dentro, em um 3-4-3. “Não há tanta diferença entre o 4-3-3 e o 3-4-3”, explicava Lippi. “Quero uma base de sete jogadores formando um bloco entre defesa e meio de campo, e no ataque preciso de três jogadores que não devem se preocupar em perseguir os adversários correndo para trás. Eles precisam de liberdade para criar as chances.” Houve uma grande mudança na tabela de artilheiros do clube em relação à temporada anterior, quando ninguém havia conseguido fazer mais do que oito gols. Agora, Del Piero fez 21 e Inzaghi marcou dezoito.

A Juventus e Lippi foram sensacionais na reta final. No meio de março, o time estava perdendo por 2 × 0 para o Parma, mas o técnico fez duas mudanças no intervalo, chamando Di Livio e Tacchinardi para os lugares de Deschamps e Birindelli, e depois sacrificou Zidane, colocando um terceiro centroavante, Marcelo Zalayeta. A Juve foi do 4-3-1-2 para o 3-4-3 e conseguiu empatar por 2 × 2. No fim de semana seguinte, Zidane ficou no banco e a Juve atropelou o Milan por 4 × 1. Del Piero marcou um de pênalti e um de falta e Inzaghi fez duas vezes em lances cara a cara com o goleiro.

Mas a vitória mais célebre veio sobre a Inter — maior rival pelo título — em abril, quando a Juventus triunfou graças a uma clássica combinação italiana: elaborações táticas do treinador, a magia do camisa 10 e uma decisão extremamente polêmica do árbitro.

A estratégia da Juventus era focada em lançamentos longos para Del Piero e Inzaghi, mirando os espaços por fora do trio de zaga da Inter, e quando Taribo West, defensor do time de Milão, avançou perigosamente e perdeu a bola, a Juve imediatamente aproveitou o espaço deixado por ele. Edgar Davids acionou Del Piero, que partia de sua posição clássica, levemente à esquerda, avançando contra Salvatore Fresi, o líbero que se deslocara de sua posição na tentativa de cobrir West. O camisa 10 da Juventus marcou um gol sensacional, fingindo mudar de direção duas vezes, primeiro com uma pedalada e depois com uma finta, antes de parar a bola quase na linha de fundo e, de alguma forma, conseguir chutar no canto oposto.

Como resposta ao gol, a Inter avançou o time. A temperatura do jogo foi aumentando, com várias disputas ríspidas, até o infame minuto 24 do segundo tempo. Depois de um lançamento longo e uma sequência de disputas, a bola sobrou para Iván Zamorano, que foi desarmado já dentro

da área por um desesperado Birindelli. Ronaldo, parceiro de ataque de Zamorano, correu para ficar com a sobra, ajeitou a bola para o chute, mas foi derrubado por Iuliano em uma disputa de corpo. Para a fúria dos jogadores da Inter, o árbitro Piero Ceccarini deixou o jogo seguir. A Juve iniciou imediatamente um contra-ataque com Davids e Zidane. O francês passou a bola para Del Piero, que acabou sendo derrubado de maneira atabalhoada por West. Ceccarini marcou o pênalti.

Mesmo para os padrões da Serie A dos anos 1990, em que os jogadores não tinham o menor receio de confrontar a arbitragem, a reação subsequente foi sem precedentes. Em questão de segundos, Ceccarini foi cercado por dez enraivecidos jogadores da Inter — e logo depois, onze, quando Ronaldo conseguiu se levantar e voltar da área oposta. O normalmente calmo Gigi Simoni, treinador milanês, expulso, precisou ser contido por um policial aos gritos de "Vergonha!" para os árbitros. West definitivamente cometeu pênalti em Del Piero — a entrada foi tão violenta que sua chuteira chegou a tocar o ombro do atacante. Também é possível argumentar que o tranco de Iuliano em Ronaldo deveria resultar na marcação de uma penalidade máxima, mas era o tipo de choque que, em tempo real, poderia não ser assinalado pelo juiz, numa espécie de "erro honesto", sobretudo apenas dois segundos depois do desarme de Birindelli em Zamorano.

Os italianos, no entanto, não acreditam em "erros honestos" quando se trata de lances favorecendo a Juventus, e essa decisão da arbitragem deu início a anos de teorias da conspiração. O auge do debate aconteceu três dias depois do jogo, na Câmara dos Deputados da Itália. A sessão parlamentar foi suspensa depois de uma briga extraordinária entre o político de extrema-direita Domenico Gramazio, que declarou que "muitos árbitros italianos dirigem carros da Fiat" — a Fiat é a empresa-mãe da Juventus —, e Massimo Mauro, ex-atleta da Juve eleito deputado, que chamou o colega de "Palhaço" diversas vezes. Gramazio precisou ser contido fisicamente enquanto tentava dar um soco em Mauro. O pênalti cobrado por Del Piero, aliás, foi defendido por Gianluca Pagliuca, mas seu lance genial, mais cedo no jogo, garantiu a vitória por 1 × 0.

A Juve assegurou o título com uma vitória por 3 × 2 sobre o Bologna, com três gols de Inzaghi, sendo dois marcados de dentro da pequena área — sua marca registrada — e outro numa ótima finalização depois de linda tabela entre Zidane e Del Piero. O grande objetivo, no entanto, era reconquistar a

Champions League, mas a Juventus caiu na final pelo segundo ano consecutivo. Dessa vez, derrota por 1 × 0 para o Real Madrid, com gol de Predrag Mijatović.

Lippi parecia incapaz de explicar a derrota. “Foi uma daquelas noites em que grande parte do time jogou abaixo do que é capaz”, disse ele. “A realidade é que não ameaçamos o gol deles em nenhum momento ao longo dos noventa minutos.” O solitário título da Champions League de 1996 não representa adequadamente o domínio da Juventus no futebol europeu durante esse período. Deveriam ter sido três conquistas consecutivas.

5

O terceiro atacante

Em meados dos anos 1990, a Serie A se vangloriava de ter a mais incrível coleção de grandes atacantes já reunidos em um único país. Com bilionários donos de clubes investindo enormes quantias de dinheiro, a Itália se tornou destino inevitável para os melhores jogadores do mundo. Mesmo em meio a tanto talento, porém, um atacante em particular simbolizava o futebol italiano à perfeição.

Roberto Baggio foi um futebolista lendário, um atacante completo capaz de fazer praticamente qualquer coisa com a bola: driblar os rivais em velocidade, fazer passes que desmontavam as defesas, marcar gols a partir de posições impensáveis. Seu brilho na Copa do Mundo de 1990, disputada em casa, fincou a bandeira italiana na paisagem futebolística, dando a entender que o país seria a terra do futebol na década seguinte — seu gol depois de uma sequência de dribles desconcertantes contra a Tchecoslováquia foi eleito o mais bonito do torneio. Suas atuações já tinham levado a Juventus a quebrar o recorde mundial em valores de transferência para tirá-lo da arquirrival Fiorentina, um negócio que provocou grandes tumultos nas ruas de Florença, deixando dezenas de feridos. Baggio supostamente teria sido contrário à transação e, na temporada seguinte, recusou-se a cobrar um pênalti contra o ex-clube em seu retorno ao Estádio Artemio Franchi. No momento de sua substituição, um torcedor local arremessou para Baggio um cachecol roxo, que ele levou consigo para o banco — atitude que enfureceu a torcida da Juve, a qual nunca o acolheu completamente. Depois de deixar a Fiorentina, Baggio sempre pareceu mais um jogador da seleção italiana que passava por clubes diferentes do que um jogador de clube que eventualmente era chamado a atuar pela seleção; era idolatrado pelo país afora, mais do que pelos torcedores de seu clube de ocasião.

Ele não era exatamente um meia-atacante, mas também não era um atacante convencional. Era o arquetípico camisa 10, que crescia em desempenho atuando atrás de dois atacantes, ditando o ritmo do time e criando momentos de magia. Baggio era o tipo de jogador que necessitava — e justificava — que o time fosse montado em função dele, o tipo de

jogador que o futebol italiano adora. No entanto, o clássico papel do trequartista italiano, que normalmente se refere ao camisa 10 que joga atrás de dois atacantes, estava ameaçado. A ênfase de Arrigo Sacchi em um 4-4-2 de muita intensidade não deixava espaço para o elegante trequartista e, portanto, jogadores como Baggio precisavam mostrar continuamente todo o seu valor.

Baggio tinha personalidade reservada e amigável, mas suas declarações sempre lhe traziam problemas. "Eu gosto de jogar com a bola e acredito que é melhor ter dez jogadores de futebol desorganizados do que ter organização com dez caras que só sabem correr", sentenciou, com óbvio desdém pelos métodos de Sacchi. Antes da Copa do Mundo de 1994, Baggio havia sido eleito o melhor jogador do continente europeu, de modo que Sacchi não tinha como ignorar seu talento, mas o treinador sempre usava o camisa 10 como atacante no 4-4-2, e não em sua posição preferida, atrás de uma dupla de ataque. A mais famosa disputa entre os dois se deu no jogo da fase de grupos da Copa, contra a Noruega, quando o goleiro Gianluca Pagliuca foi expulso logo no início. A seleção precisava de uma substituição e Sacchi escolheu tirar Baggio, que saiu de campo chamando o treinador de "louco". Os torcedores se colocaram ao lado do futebolista genial, não do técnico autoritário, mas a decisão provavelmente foi a mais correta. A Itália venceu por 1 × 0 com o gol de um Baggio — Dino, sem parentesco — e acabou chegando à final, perdendo para o Brasil nos pênaltis. Baggio, claro, foi o vilão, mandando a cobrança decisiva por cima do travessão. De qualquer forma, o sentimento entre os italianos era o de que a seleção havia chegado à final por conta do talento de Baggio, não pelas estratégias de Sacchi. Ele não foi convocado para a desastrosa campanha italiana na Eurocopa de 1996, com Sacchi alegando que o jogador tinha problemas físicos. Mesmo assim, sua ausência serviu para aumentar o sentimento geral de que os treinadores italianos estavam dando muita importância aos sistemas de jogo e pouca atenção aos gênios criativos.

Baggio começou a temporada de 1996/97 no Milan de Óscar Tabárez, jogando como meia por trás de Marco Simone e George Weah. Depois de alguns resultados ruins, o clube tomou duas decisões que prejudicaram Baggio diretamente. Primeiro, retornou ao testado e aprovado 4-4-2; e depois, ainda pior, recontratou Arrigo Sacchi como treinador, após sua demissão da seleção. "Ele é duas caras. Me diz que estou jogando bem durante a semana, mas chega o domingo e ele me deixa no banco", disparou

Baggio depois de alguns meses. “Eu me sinto como uma Ferrari sendo dirigida por um guarda de trânsito. O técnico deve, acima de tudo, ser um bom psicólogo. Se ele impõe suas ideias de maneira ríspida, acaba sufocando as personalidades e a criatividade dos jogadores.” Baggio começara a procurar um novo clube para a temporada 1997/98.

Esse novo clube deveria ter sido o Parma, que surgia como sério candidato ao título devido à fortuna de Calisto Tanzi, fundador e ceo da Parmalat, uma produtora de laticínios multinacional baseada na cidade. Assim como aconteceu com vários outros donos de clubes na Serie A, descobriu-se mais tarde que a fortuna de Tanzi havia sido construída de maneira fraudulenta, e a Parmalat acabou colapsando, no maior caso de falência visto até então na história da Europa. O clube também ruiu, e Tanzi acabou preso. Mas, em meados dos anos 1990, o seu passatempo favorito atraiu vários superastros do futebol.

Nem todo técnico, porém, queria um elenco recheado de estrelas. Em 1996, Tanzi assinou com o iniciante Carlo Ancelotti, que tinha apenas uma temporada de experiência na Serie B, à frente da Reggiana, mas já havia sido auxiliar de Sacchi na seleção. Ancelotti era visto como o próximo grande treinador italiano e, no início, seguia à risca a fórmula de Sacchi: um time compacto, que marcava por pressão de forma agressiva e, mais importante, utilizava o 4-4-2.

Suas escolhas geraram polêmicas no Parma por duas razões. Primeiro, Ancelotti podia contar com o sensacional Gianfranco Zola, um clássico camisa 10 que havia terminado em sexto na votação da Bola de Ouro no ano anterior. Mas se recusou a mudar seu sistema de jogo para usar Zola em sua melhor posição e não acreditava que ele pudesse atuar como um dos dois atacantes, que eram instruídos a se movimentar pelas pontas e atacar o espaço às costas da zaga o tempo todo. Ancelotti então o escalou aberto pela esquerda na linha de meio de campo do 4-4-2. “Não nos querem mais”, reclamou Zola, referindo-se ao papel do trequartista. “Hoje em dia o mais importante é fazer pressão, dobrar a marcação e trabalhar duro.” Ele foi para o Chelsea, ressaltando que poderia “jogar na minha posição na Inglaterra”, e provocou impacto imediato na Premier League, conquistando o prêmio de melhor jogador da temporada de 1996/97, na eleição feita por jornalistas especializados [Football Writer’s Player of the Year], apesar de ter chegado ao país apenas em novembro. Suas atuações chamaram a

atenção do novo técnico da seleção italiana, Cesare Maldini, que chegou a tentar escalar o time em função de Zola, o qual também recebeu elogios de Baggio, uma alma gêmea. “Admiro Zola porque ele está se vingando brilhantemente de quem duvidou dele”, declarou. “Essa é a beleza do futebol. Do mesmo jeito que podem derrubá-lo num dia, você pode se reerguer no dia seguinte.”

No início da temporada 1997/98, Tanzi estava desesperado para levar Baggio ao Parma. O contrato foi acertado, mas Ancelotti vetou o acordo no último minuto. “Ele queria ser titular e queria jogar atrás de uma dupla de ataque, mas essa posição não existe no 4-4-2”, explicou o técnico. “Eu havia acabado de levar o clube à Champions League e não tinha planos de mudar meu sistema de jogo. Liguei para ele e disse: ‘Adoraria tê-lo no time, mas não tenho planos de colocá-lo sempre como titular. Você estaria competindo com Enrico Chiesa e Hernán Crespo por uma vaga’.” Baggio, então, acabou no Bologna. Ancelotti claramente não era contra a ideia de contratar gênios imprevisíveis — ele aprovou o retorno de Faustino Asprilla, explicando que a diferença era que o impetuoso colombiano gostava de jogar no ataque, enquanto Baggio e Zola teriam exigido atuar numa posição mais recuada. Simplesmente não queria um trequartista. Não se tratava apenas de esnobar o jogador mais popular do país, mas também do posicionamento de Ancelotti como treinador inflexível, que colocava o sistema acima dos indivíduos. “Eu era chamado de ‘Ancelotti, o anti-imaginação’. Me dê qualquer coisa, menos outro camisa 10!”, lembra ele de maneira autodepreciativa. “No Parma, eu ainda acreditava que o 4-4-2 era a formação ideal para qualquer situação, mas isso não é verdade. Se eu tivesse uma máquina do tempo para voltar atrás, contrataria o Baggio.”

Nessa época, a maneira como os italianos descreviam as formações em campo era um pouco confusa. A obsessão por manter times compactos significava que o camisa 10 era geralmente considerado um terceiro homem de frente, em vez de ter a própria “faixa” de campo. Portanto, o que era chamado de 4-3-1-2 em outros lugares, era descrito como 4-3-3 na Itália. “Há vários tipos de 4-3-3”, destacava Marcello Lippi. “Há o 4-3-3 com um centroavante e dois pontas, o 4-3-3 com dois atacantes e um meia por trás, e o 4-3-3 com três atacantes de ofício.” Lippi considerava sua última versão da Juventus, com Zidane atuando atrás de Del Piero e Inzaghi, um 4-3-3 e não um 4-3-1-2. Daí o debate não ser necessariamente sobre a presença ou não de um camisa 10, mas sobre a possibilidade de os treinadores escalarem

qualquer tipo de terceiro atacante. Por sorte, alguns técnicos mantinham o compromisso com a escalação de um trio no ataque.

Um exemplo extremo foi Zdeněk Zeman, o treinador mais excêntrico da Serie A na época. Nascido na Tchecoslováquia, na adolescência ele foi morar com o tio Čestmir Vycpalek, treinador que venceu o Scudetto duas vezes com a Juventus nos anos 1970. Zeman, portanto, cresceu cercado pela cultura do futebol italiano, mas nunca jogou profissionalmente — inspirava-se no handebol e manteve desde sempre um ar de misterioso outsider. Zeman foi contemporâneo de Sacchi em Coverciano, e os dois se tornaram muito próximos, determinados a demonstrar que outros treinadores italianos davam importância demasiada aos resultados. Ele dizia preferir perder por 5 × 4 a empatar em 0 × 0, já que os torcedores pelo menos veriam um bom espetáculo. Não era uma filosofia compartilhada por seus pares.

Zeman valorizava o jogo de passes curtos, a marcação por zona e a formação de jogadores jovens. Seu ídolo era Ştefan Kovacs, que havia vencido duas Copas dos Campeões da Europa com o Ajax no início dos anos 1970, e ele se mantinha fiel ao clássico 4-3-3 do clube holandês. Mas, enquanto os técnicos holandeses preferiam usar dois pontas bem abertos, encostados às linhas laterais, os trios de ataque de Zeman costumavam contar com três atacantes mais parecidos com centroavantes, o que forçava o adversário a estreitar a linha de defesa e abrir espaço nos corredores para a ultrapassagem dos laterais. Era ataque com força total.

Zeman foi muito bem no Foggia no início da década de 1990 e rumou para a Lazio em 1994, alcançando a segunda colocação no campeonato de 1994/95 e a terceira na temporada seguinte, quando seu trio ofensivo contava com três verdadeiros centroavantes: Alen Bokšić, Pierluigi Casiraghi e o maravilhoso Giuseppe Signori, ganhador do prêmio Capocannoniere — dado ao artilheiro da Serie A —, empatado com Igor Protti, do Bari. Bokšić acabou indo para a Juventus, e Zeman escolheu um substituto: Protti, claro. Seu trio de ataque, então, passou a incluir os dois artilheiros da temporada anterior, mas ele foi demitido na metade da temporada de 1996/97. O que aconteceu a seguir foi algo inusitado: Zeman passou o resto da temporada frequentando os jogos da Lazio no Estádio Olímpico, dizendo em tom de brincadeira que, depois de ter recebido diversas críticas a respeito da defesa do time, queria ver como seu sucessor, Dino Zoff, melhoraria as coisas. Na

temporada seguinte, ele continuou frequentando o Olímpico, mas por uma razão completamente diferente: estava treinando a Roma.

No time vermelho da capital, seu trio de ataque era mais equilibrado. Em vez de três centroavantes, Zeman passou a usar apenas um, Abel Balbo, apoiado pelo veloz Paulo Sérgio e pelo jovem Francesco Totti, que flutuava da esquerda para o centro, aproveitando o espaço entre as linhas do adversário. O 4-3-3 de Zeman se tornou mais um 4-3-1-2, com Totti como camisa 10.

Seu estilo de futebol ficou conhecido como "Zemanlândia" e explodiu para valer na vitória por 6 × 2 sobre o Napoli, em outubro de 1997. Uma performance extraordinariamente dominante em que a Roma poderia ter tranquilamente marcado mais de dez gols. Balbo anotou três vezes, mas os jogadores pareciam fazer fila para finalizar as várias jogadas de passes rápidos e diretos do time. Posteriormente, a Roma venceria o Empoli por 4 × 3, a Fiorentina por 4 × 1 e tanto o Milan quanto o Brescia por 5 × 0. Mas suas derrotas também eram por placares exagerados, e os técnicos italianos mais tradicionais adoravam tirar suas casquinhas de Zeman.

Em dezembro, a Roma perdeu para a Inter por 3 × 0 com grande atuação de Marco Branca. "Alguns treinadores gostam de ter a bola", disse o treinador da Inter, Gigi Simoni, depois do jogo. "Eu gosto de contra-atacar. Todo mundo tem razão, desde que vença." Zeman, no entanto, insistia que estava certo mesmo quando perdia. Seu time foi se tornando cada vez mais ofensivo à medida que a temporada avançava, marcando dezessete gols nos cinco últimos jogos para terminar em quarto lugar, com o melhor ataque ao lado da campeã Juventus. O trio de ataque de Zeman não mostrou equilíbrio apenas em termos de estilo, mas também na tabela de artilharia: Balbo fez catorze gols, Totti fez treze e Paulo Sérgio, doze. Totti também terminou com dez assistências, e essa foi a temporada de sua verdadeira confirmação; ele viria a ser a presença dominante na Roma ao longo das duas décadas seguintes.

O time caiu de rendimento e terminou a temporada 1998/99 na sexta posição, mas o trio ofensivo de Zeman brilhou mais uma vez. Balbo havia trocado a Roma pelo Parma, então o técnico promoveu o alto e ligeiramente desengonçado Marco Delvecchio, que marcou dezoito gols na Serie A, com Totti e Paulo Sérgio fazendo outros doze cada um. O estilo "Zemanlândia",

porém, acabou se tornando uma paródia de si mesmo: a Roma teve o melhor ataque da competição, com 65 gols marcados, mas sofreu 49, mais que o rebaixado Vicenza.

O jogo que melhor ilustrou o que era a Roma aconteceu a quatro rodadas do fim do campeonato, quando o time recebeu a Inter de Milão, que não marcava um gol com bola rolando fora de casa havia setecentos minutos e acabara de trazer seu quarto treinador na temporada: o eternamente cauteloso Roy Hodgson estava de volta. A Roma fez quatro gols com Totti, Paulo Sérgio, Delvecchio e Eusebio Di Francesco, mas levou cinco. Os atacantes da equipe de Milão, Ronaldo e Iván Zamorano, sempre encontravam espaços na avançada linha de defesa rival e cada um marcou dois gols, com Diego Simeone fechando o placar no fim. Um show de horrores defensivo como esse, assim como as derrotas por 3 × 2 para o Milan e para o Perugia e por 4 × 3 para o Cagliari, indicava que Zeman não era pragmático o suficiente para chegar ao título.

Zeman também consolidou seu status de outsider ao acusar gravemente a Juventus de estar usando substâncias ilegais a fim de melhorar a performance de seus jogadores. O médico da Juve, Riccardo Agricola, foi inicialmente sentenciado à pena de prisão em 2004, mas depois acabou absolvido. Zeman acredita que sua determinação em jogar luz sobre as práticas mais obscuras da Serie A o prejudicaram em termos de carreira. E é provável que esteja certo: nas duas décadas seguintes, ele treinou clubes como Salernitana, Avellino, Lecce, Brescia, Foggia e Pescara, uma sucessão de equipes modestas para um treinador que havia melhorado significativamente os resultados de Lazio e Roma, muitas vezes terminava os campeonatos entre os cinco primeiros e ajudou no lançamento das carreiras de Alessandro Nesta e Francesco Totti. Mesmo com toda a popularidade de Zeman entre os torcedores neutros, no entanto, sua influência sobre os colegas de profissão foi inexpressiva. Ele permaneceu como uma figura cult.

Em vez dele, o técnico mais importante para o estímulo à ideia do terceiro atacante foi Alberto Zaccheroni. Ele tinha ascendido através das divisões inferiores do futebol italiano, conquistando o acesso na quarta e na terceira divisões antes de vir a trabalhar na Serie B e, finalmente, chegar à Serie A para dirigir a recém-promovida Udinese, terminando a temporada de 1995/96 na décima primeira posição. Originalmente, Zaccheroni era um

discípulo de Sacchi — um homem do 4-4-2 — e, mesmo tendo três ótimos atacantes à disposição na campanha de 1996/97, colocava apenas dois para jogar. Ele podia escalar Oliver Bierhoff, o produtivo centroavante alemão que havia garantido o título da Eurocopa de 1996 com dois gols depois de sair do banco de reservas; Paolo Poggi, um atacante de muita disposição que sempre encontrava espaço nos corredores das defesas adversárias; e Amoroso, um brasileiro de cabeça raspada e grande capacidade de explosão, inevitavelmente comparado a Ronaldo, e que conseguiria ser o maior artilheiro em temporadas dos campeonatos Brasileiro, Italiano e Alemão. No início do campeonato, a dupla de ataque era Bierhoff e Poggi, com Amoroso entrando quando o alemão se machucava. A dois meses do fim, porém, a Udinese estava apenas três posições acima da zona de rebaixamento e tinha confrontos complicados nos dois jogos seguintes: enfrentaria Juventus e Parma, líder e vice-líder, fora de casa.

Essas partidas foram cruciais. O confronto contra a Juventus, campeã da temporada anterior e favorita a um novo título, terminou com uma inimaginável vitória por 3 × 0, mesmo com a Udinese tendo um jogador expulso aos três minutos de jogo. Zaccheroni adotou um 3-4-2 e, de alguma maneira, seus atacantes acabaram com o jogo: Amoroso abriu o placar de pênalti, Bierhoff ampliou numa cabeçada e, no fim, uma "casquinha" de cabeça de Bierhoff encontrou Amoroso entrando por trás da defesa da Juve para fechar o placar. Foi, possivelmente, o resultado mais surpreendente da Serie A na década. Depois de uma vitória tão extraordinária com três defensores e quatro homens no meio de campo, Zaccheroni decidiu manter a mesma formação defensiva para enfrentar o Parma, adicionando Poggi como terceiro atacante. Mais uma vez, a Udinese obteve uma vitória improvável, por 2 × 0, e o 3-4-3 tinha chegado para ficar. A nova formação ajudou a Udinese a subir na tabela de classificação. Em vez de lutar contra o rebaixamento, a equipe terminou em quinto e assegurou a classificação para um torneio europeu pela primeira vez na história do clube.

Zaccheroni manteve o 3-4-3 na temporada de 1997/98, levando a Udinese a um histórico terceiro lugar. Bierhoff comandava o ataque, com Poggi e Amoroso fazendo ultrapassagens e atacando o espaço às costas das defesas adversárias. O time marcou em todas as partidas da temporada, e Zaccheroni constantemente lançava mão do número de gols anotados por sua equipe para enfatizar sua crença em um futebol aberto e ofensivo. A Udinese venceu o Lecce por 6 × 0, o Brescia por 4 × 0, o Bologna por 4 × 3 e

a Roma de Zeman por 4 × 2. “Minha formação não era o 3-5-2 que se via em outros lugares, mas um sistema com quatro meios-campistas”, recordou Zaccheroni mais tarde. “E há uma grande diferença. Eu olhei ao meu redor, estudei e observei coisas de que não gostava. Muitas vezes, eram cinco homens no meio de campo, mas não gosto disso porque é muito comum que se torne um 5-3-2 e se perca capacidade ofensiva. Observei o Barcelona de Cruyff e o Foggia de Zeman, mas não eram as soluções que eu estava procurando. Eu não queria três homens no meio de campo (em um 4-3-3), o que inevitavelmente obriga a defender com um 4-5-1. Um meio de campo com quatro jogadores, no entanto, pode ajudar a defesa e o ataque simultaneamente de maneira efetiva. Meu objetivo era manter três homens na frente, sem que precisassem recuar o tempo todo, então comecei a trabalhar essa ideia, primeiro com caneta e papel, depois no campo.”

O 3-4-3 passou a definir Zaccheroni e, para além da frieza dos números, a Udinese estava demonstrando que os times menores também podiam atacar. “Antes, quando os técnicos levavam seus times, digamos, ao San Siro para enfrentar o Milan ou a Inter, precisavam rezar por um resultado. Agora, a mentalidade é diferente. Podemos ir até lá com as nossas ideias e o nosso próprio estilo de jogo”, declarou Zaccheroni.

Ele de fato levou seu estilo ao San Siro, de maneira bastante literal, tornando-se o treinador do Milan em 1998. Em teoria, um grande passo atrás, já que sua Udinese havia terminado na quinta e na terceira posições nas duas temporadas anteriores, enquanto o Milan vinha de duas campanhas desastrosas, terminando em décimo primeiro e décimo lugares, respectivamente. Zaccheroni era um treinador muito promissor, mas a ideia de implementar um 3-4-3 no clube que dominou o futebol italiano com o 4-4-2 de Sacchi — e se manteve essencialmente preso a essa formação desde então — era assustadora. “Não esperem uma cópia da Udinese”, declarou ele, apesar de ter trazido consigo tanto o centroavante Bierhoff como o ala-direito Thomas Helveg de seu ex-clube. “O Milan vai jogar com três defensores, quatro no meio de campo e três atacantes, mas isso não significa que jogará como a Udinese. O 3-4-3 não é uma fórmula mágica. Talvez essa venha a ser uma nova interpretação do 3-4-3.”

Foi uma espécie de presságio. Zaccheroni iniciou a temporada com sua formação usual, mesmo que houvesse apenas um titular absoluto no ataque. Seu velho favorito, Bierhoff, começou todos os 34 jogos e conseguiu anotar

dezenove gols: dois vieram de pênalti, três com os pés, em jogadas de bola rolando, e catorze em cabeçadas. Pelos lados, Zaccheroni teve dificuldades para encontrar o equilíbrio perfeito. George Weah não era a peça ideal para jogar aberto pela esquerda e, apesar de seu talento inquestionável, o vencedor da Bola de Ouro de 1995 não fazia muitos gols e nunca terminou uma temporada com uma diferença menor que dez para o artilheiro da Serie A. Enquanto isso, Maurizio Ganz chegou a marcar gols importantes no final de algumas partidas, mas era muito mais esforçado que decisivo. Zaccheroni até tentou empregar meias criativos em vez de atacantes no trio de ataque. O habilidoso brasileiro Leonardo teve momentos de brilho, mas era mais efetivo quando vinha do banco.

Milan, Lazio e Fiorentina surgiam como os três principais concorrentes ao título naquela temporada. A Fiorentina chegou a ser favorita, mas caiu muito de rendimento depois que Gabriel Batistuta machucou o joelho no empate sem gols contra o Milan e seu parceiro de ataque, Edmundo, permitiu-se uma pausa no meio da temporada para curtir o Carnaval no Rio. O empate sem gols entre Milan e Lazio no início de abril, a oito jogos do fim, fez a Lazio se tornar a principal candidata ao título. Mas então veio a grande mudança tática.

Ao longo da temporada, Zaccheroni havia sempre utilizado Zvonimir Boban, o talentosíssimo e genioso camisa 10 croata, como um de seus dois meios-campistas centrais. As duas expulsões de Boban na primeira metade da campanha, por sua vez, tinham significado duas suspensões, duas broncas gigantescas de Zaccheroni e a especulação generalizada de que ele deixaria o clube em janeiro, no meio da temporada. No entanto, uma semana depois do empate sem gols contra a Lazio, o Milan recebeu o Parma no San Siro e, pela primeira vez, usou Boban como autêntico camisa 10, flutuando por trás de Bierhoff e Weah em um 3-4-1-2 — uma mudança supostamente sugerida por Demetrio Albertini e Alessandro Costacurta, dois líderes do vestiário. O time começou nervoso e concedeu o primeiro gol, mas Boban assumiu o controle do jogo e, depois de Paolo Maldini empatar com um belo arremate de pé direito que venceu o goleiro Gianluigi Buffon, o Milan aumentou a pressão.

Boban era alto e irradiava confiança. Único jogador do Milan a usar a camisa para fora do calção, foi ele quem criou o lance que mudou a partida. Ao receber a bola sob pressão pelo lado esquerdo, ainda atrás do meio-

campo, driblou Diego Fuser de maneira quase casual, usando a parte de fora do pé, e avançou pela linha lateral tirando Guly, seu companheiro de equipe, da jogada. Ainda atrás da linha que divide o gramado, Boban acertou um longo lançamento por cima da defesa do Parma, com força suficiente para encorajar Buffon a sair de sua área a fim de tentar interceptá-lo, mas na medida para que o atacante do Milan, Ganz, desse um leve toque na bola, desviando-a do goleiro, e depois ganhasse na corrida do zagueiro Fabio Cannavaro antes de tocar para o gol vazio.

Boban teve uma atuação impressionante naquele 2 × 1, sendo aplaudido de pé pela torcida do Milan ao sair de campo substituído. Mais tarde, a Lazio perdeu o clássico romano por 3 × 1 para uma Roma inspirada por Francesco Totti. De repente, a disputa pelo título estava aberta. Mais importante do que isso: os camisas 10 estavam em alta mais uma vez.

No fim de semana seguinte, Zaccheroni e Bierhoff reencontraram a Udinese. Ambos tiveram calorosa recepção assim que saíram do túnel; Zaccheroni colocou os óculos escuros como se tentasse esconder as lágrimas, enquanto Bierhoff, numa passagem bizarra, recebia o prêmio de jogador do ano da Udinese, dez meses depois de ter deixado o Estádio Friuli. Mas nenhum dos dois estava no clima para amenidades. O Milan venceu por 5 × 1 na performance mais dominante de toda a campanha — uma demonstração perfeita do poderio de seu novo trio de ataque. Boban marcou os dois primeiros, Bierhoff fez os dois seguintes — ambos de cabeça, claro — e, por fim, veio o gol mais representativo da arrancada milanista. Boban recebeu a bola na posição típica para o camisa 10, escapou com tranquilidade de um duro carrinho de Valerio Bertotto e se viu com Weah correndo pelo corredor central esquerdo e Bierhoff pelo direito. Boban olhou em direção a Weah, mas passou para Bierhoff, que conseguiu chegar antes do goleiro Luigi Turci e "cavou" para Weah marcar de cabeça absolutamente sozinho na pequena área. O Milan tinha embalado, liderava a Serie A pela primeira vez depois de ter encontrado, meio que por acaso, seu melhor sistema de jogo. Era a trinca perfeita: Boban era inventivo, Weah era veloz e Bierhoff era mortal no jogo aéreo. "Eu sou o tipo de jogador que se sai melhor jogando atrás dos principais atacantes", disse Boban. "Não consigo dar o meu melhor nessa posição em todos os 34 jogos, mas prefiro jogar centralizado, onde me envolvo mais. (…) Zaccheroni possibilitou que eu desse o meu melhor. Muita coisa mudou."

Não foi um voo de cruzeiro até o título, e o Milan chegou a precisar de um gol contra no último minuto para vencer a Sampdoria por 3 × 2. Mas a vitória mais importante foi contra a Juventus fora de casa. O time de Zaccheroni foi dominado no primeiro tempo, mas uma bola longa em profundidade, logo depois do intervalo, quicou à frente de Weah, que abriu o placar com um toque de cabeça, antecipando-se ao goleiro Angelo Peruzzi. O segundo gol foi mais uma demonstração da variedade de habilidades dos homens de frente milanistas. Bierhoff disputou pelo alto, Boban ficou com a sobra e deu um toque sutil, por elevação, para Weah, que recebeu, ajeitou o corpo e fuzilou. O Milan ainda goleou o Empoli por 4 × 0 com três gols de Bierhoff e venceu o Perugia por 2 × 1 na rodada final, em um jogo que foi interrompido quando torcedores do time da casa invadiram o campo, supostamente na tentativa de atrasar o andamento da partida e permitir que o Perugia, ameaçado pelo rebaixamento, obtivesse uma vantagem ao conhecer os resultados finais dos jogos dos rivais. Isso fez o título do Milan também demorar alguns minutos a mais para chegar, mas no fim a equipe de Zaccheroni confirmou a conquista. Foi um dos campeões menos convincentes daquela era, mas o capitão Paolo Maldini fala desse Scudetto como o mais memorável de sua carreira — que terminou com sete títulos nacionais — justamente por ter sido tão inesperado. Zaccheroni conseguiu deixar para trás a obsessão do Milan pelo 4-4-2, implementou um trio de ataque e levou o troféu para o clube Rossonero, que havia terminado a temporada anterior na metade de baixo da tabela.

Ainda persistiam dúvidas sobre quem exatamente sugeriu a mudança na formação, mas um homem inevitavelmente insistiu em assumir todo o crédito para si. O dono do Milan, Silvio Berlusconi, disse que usar Boban como camisa 10 tinha sido ideia sua, o que ofendeu Zaccheroni profundamente.

Qualquer que seja a verdade, o camisa 10 havia retornado ao papel de protagonista e, mesmo que a temporada de 1999/2000 tenha sido feia para o futebol italiano, dominada por suspeitas de esquemas com a arbitragem e encerrada de forma polêmica na rodada final, foi uma campanha maravilhosa do ponto de vista do clássico trequartista.

Um bom exemplo desse tipo de jogador se via na Fiorentina comandada por Giovanni Trapattoni, que terminou em último lugar entre as “sete irmãs”, mas exibia provavelmente o trio de ataque mais coeso. Gabriel Batistuta era

o centroavante mais completo de seu tempo, e a seu lado jogava Enrico Chiesa, um velocista ambidestro capaz de cair pelos lados e de finalizar a partir de posições desfavoráveis. Atrás dos dois estava Rui Costa, um camisa 10 clássico, que adorava driblar em velocidade e abrir espaço às costas das defesas adversárias com passes sutis.

O gol de empate da Fiorentina no 1 × 1 contra a arquirrival Juventus, logo antes do Natal, foi uma demonstração perfeita do potencial ofensivo do time. Rui Costa carregou a bola pelo meio de campo e lançou Chiesa, que corria pela esquerda do ataque. Chiesa avançou e cruzou forte na primeira trave, onde Batistuta se apresentou para marcar. Era exatamente como o trio gostava de jogar: o camisa 10 acelerando a jogada no início, o segundo atacante abrindo pelas pontas e o camisa 9 colocando a bola na rede. O primeiro gol na vitória por 2 × 1 contra a Inter também foi bem característico: Rui Costa passou para Chiesa na esquerda; o cruzamento venenoso fez Angelo Peruzzi tentar interceptar, mas o goleiro não alcançou a bola e Batistuta tocou de cabeça para o gol vazio. No entanto, o time não produziu momentos como esses de forma consistente, e a decepcionante colocação final decretou o fim do caso de amor entre Batistuta e a Fiorentina, que já durava nove anos. Ele assinaria com a Roma.

Treinada por Fabio Capello, a Roma terminara o campeonato apenas uma posição acima da Fiorentina, mas era um time promissor. Capello havia sido um disciplinado adepto do 4-4-2 e, portanto, sua decisão de montar o time em função de Totti, o próximo grande trequartista do futebol italiano, foi um momento significativo para a ressurreição do camisa 10. Cafu e Vincent Candela eram mais alas do que laterais, de modo que Capello foi mais um técnico a adotar o 3-4-1-2.

Jogando sempre atrás de dois atacantes, Totti era fenomenal. Voltava para criar jogadas no meio de campo e chegava à área no momento certo para marcar gols. Mas o habitat natural de Totti era entre as linhas, e sua especialidade, um tipo de passe específico: ele recuava um pouco para receber a bola no meio e batia forte, de primeira, para encontrar algum companheiro que avançava rapidamente pela direita, geralmente Vincenzo Montella, às costas da defesa adversária, ou Cafu, subindo em velocidade desde a retaguarda.

A melhor atuação da Roma aconteceu na vitória por 4 × 1 sobre a Lazio, no

clássico local, em novembro. Todos os quatro gols aconteceram nos primeiros trinta minutos de jogo e foram marcados de maneira parecida, com Delvecchio e Montella correndo por trás da defesa adversária — cada um fez dois gols — enquanto Totti flutuava entre as linhas. A Roma assumiu a liderança brevemente no outono, ainda no início da competição, mas colapsou de maneira dramática na primavera, vencendo apenas um jogo dos últimos dez e deixando de marcar gols em cinco deles. O destino, porém, estava escrevendo certo por linhas tortas, já que a queda de rendimento fez a Roma contratar Batistuta, cujos gols levariam os romanos ao título no ano seguinte — o único de Totti pelo clube.

O quinto colocado Parma teve campanha inconsistente na temporada 1999/2000. O time acabou sendo prejudicado pelas oscilações de seu camisa 10, Ariel Ortega, que, depois de ter substituído Juan Verón com sucesso na Sampdoria, não conseguia voltar a substituí-lo de maneira convincente no Parma. Uma vitória por 3 × 0 sobre o Verona em outubro mostrou que o 3-4-1-2 tinha potencial, com Ortega fazendo um gol, dando uma assistência e uma pré-assistência, e os atacantes Hernán Crespo e Amoroso marcando também.

Ortega se entendia particularmente bem com os alas Fuser e Paolo Vanoli, mas infelizmente lutou contra o alcoolismo durante a carreira, raras vezes justificou a classificação como o primeiro de muitos "novos Maradonas" e iniciou menos da metade das partidas em 1999/2000. Sem ele, o técnico Alberto Malesani variava entre um 3-5-2 mais cauteloso e um 3-4-3 com Amoroso e Di Vaio jogando abertos e Crespo centralizado. Nas duas formações, o Parma sentia falta de um trequartista.

De maneira significativa, porém, o Parma terminou com a mesma pontuação da Inter, que começou a temporada 1999/2000 com um conjunto inigualável de opções de ataque: Ronaldo, Christian Vieri, Iván Zamorano, Álvaro Recoba e, por último e absolutamente menos importante aos olhos do técnico Marcello Lippi, Roberto Baggio. Sua excelente passagem pelo Bologna tinha convencido a Inter a contratá-lo no verão de 1998, mas ele viveu um ano difícil numa temporada tipicamente caótica da Inter, com três trocas de treinador.

Assim como havia ficado devastado pelo reencontro com Sacchi no Milan, Baggio também sofreu pela contratação de Lippi, com quem havia tido

problemas na Juventus. O treinador tinha pouco interesse em Baggio e menos ainda em utilizar um camisa 10. Esperava que Vieri e Ronaldo dessem conta do ataque sozinhos, muito embora as lesões não tenham permitido que os dois começassem juntos mais do que um jogo em toda a temporada — uma derrota por 2 × 1 no clássico contra o Milan, quando Ronaldo foi expulso aos trinta minutos do primeiro tempo por acertar uma cotovelada em Roberto Ayala.

Assim como o Parma, a Inter tinha dificuldades na criação de chances de gol quando jogava no 3-5-2, conseguindo apenas dez pontos nos nove jogos antes da abertura da janela de transferências, em janeiro. O clube, então, fechou uma contratação importante: Clarence Seedorf, do Real Madrid. Apesar de o holandês ter passado a maior parte da carreira jogando em posições mais recuadas, foi logo escalado como camisa 10 e transformou a Inter. Em sua estreia, vitória por 5 × 0 sobre o Perugia. Seedorf deu a assistência para o primeiro gol, depois avançou pelo lado esquerdo do ataque e pedalou de maneira tão impressionante que deixou Roberto Ripa no chão antes de colocar a bola no ângulo. Após mais três gols da Inter, saiu substituído e aplaudido de pé. Sua chegada e a mudança do 3-5-2 para o 3-4-1-2 fizeram a Inter obter 23 pontos nos dez jogos subsequentes.

Baggio, por sua vez, não iniciou nenhum jogo na Serie A até o meio de janeiro — Lippi usava qualquer um que pudesse encontrar. Para a viagem a Verona, Ronaldo, Vieri e Zamorano não tinham condições de jogo e Seedorf jogou atrás de Álvaro Recoba e de um então desconhecido Adrian Mutu, que fazia sua estreia na Serie A aos 21 anos de idade. A Inter saiu perdendo e Lippi passou o fim do primeiro tempo conversando com um perplexo Baggio na área técnica, passando suas instruções e gesticulando de maneira tão deliberada e aberta que estava claro que buscava afirmar sua autoridade tanto quanto comunicar os detalhes de sua estratégia.

Baggio voltou para o segundo tempo jogando como camisa 10 da Inter e, como nunca dera muita atenção às instruções dos técnicos, atuou à sua maneira. Depois de dois minutos, sua enfiada de bola para Vladimir Jugović rebateu de maneira fortuita e sobrou para Recoba, que empatou a partida. A quinze minutos do fim, Recoba subiu pela esquerda e fez um cruzamento na direção de Baggio, que, no limite da pequena área, se jogou em direção à bola e a desviou para o gol. Baggio comemorou de maneira explosiva e, como era quase previsível, usou a entrevista pós-jogo para criticar Lippi por

ter questionado sua forma física.

Esse episódio não impediu que, na semana seguinte, Baggio começasse como titular pela primeira vez na temporada, no confronto em casa contra a Roma. Mais uma vez, ele ganhou o jogo para a Inter. Aos oito minutos, recebeu um passe de Seedorf pelo lado esquerdo, driblou em direção ao gol e enfiou ótima bola para Vieri, que finalizou. Os três se abraçaram: um trio que se entendia muito bem. Pouco depois, criaram mais uma jogada juntos, mas Vieri acabou dominando errado e desperdiçou o lance. A Roma empatou, mas a Inter respondeu. Vieri chutou em cima do zagueiro e a bola sobrou para Francesco Moriero, na corrida. Seu chute foi defendido por Francesco Antonioli e a bola subiu. Baggio deu dois passos para trás e acertou um voleio perfeito, encobrindo Cafu e fazendo a bola morrer mansamente na rede. Mais uma vez, ele comemorou com muita intensidade, como Lippi. Mesmo assim, com o retorno dos jogadores lesionados, Baggio não jogou na semana seguinte e foi usado esporadicamente até o fim do campeonato, mais uma vez preterido por um treinador autoritário.

O Milan, rival local da Inter, tentava defender o título conquistado na temporada anterior, mas sua campanha foi prejudicada pelas lesões de Boban, que perdeu os dois primeiros e dois últimos meses do campeonato, o que fez Zaccheroni voltar a usar ocasionalmente o 3-4-3. O time melhorava visivelmente quando contava com Boban; ele foi o melhor em campo na vitória por 2 × 1 contra o Parma, marcando os dois gols de falta e ganhando a inevitável aprovação de Berlusconi: "Boban foi brilhante hoje, voltou ao seu melhor. Hoje pudemos vê-lo jogando atrás da dupla de ataque, uma das formações das quais eu gosto".

Zaccheroni seguia frustrado com a escassa dedicação e a petulância de Boban, mas o atleta continuava provando seu valor. Em janeiro de 2000, o Milan saiu perdendo para o Lecce por 2 × 0 no San Siro, depois de ter iniciado o jogo com três atacantes de ofício. Zaccheroni, então, trocou José Mari por Boban, e o 3-4-3 deu lugar ao 3-4-1-2. O Milan rapidamente diminuiu a diferença, e então Boban cruzou para o gol de empate de Bierhoff, que correu apontando para o meia na comemoração. No final do jogo, Boban cobrou uma falta por cima da barreira na junção da trave com o travessão. O jogo terminou 2 × 2, e Boban foi o melhor em campo mesmo tendo jogado apenas meia hora.

Ele também foi o grande destaque na vitória por 2 × 1 contra a Lazio em fevereiro, sendo aplaudido de pé ao deixar o campo, substituído. Depois disso, vieram as novas lesões, que fizeram o Milan sair dos trilhos. "Nós nos acostumamos a tê-lo jogando por trás de nós", disse Andrei Shevchenko — artilheiro do campeonato com 24 gols em sua primeira temporada na Serie A. "Ele criava as chances, era o cérebro do time; tinha muita criatividade, que conseguia traduzir em oportunidades de gols para nós. Agora precisamos encontrar outros caminhos que nos levem até o gol, e isso leva tempo."

A vice-campeã, Juventus, também usou o 3-4-1-2 ao longo da temporada de 1999/2000. O uso da formação em si não chegava a surpreender, pois o time já jogava assim com Lippi, mas se torna mais significativo quando se considera quem era o treinador: Ancelotti. Antes um adepto incondicional do 4-4-2 que se recusava a usar um camisa 10, alguém que não quis Zola e não quis Baggio, na Juventus ele não conseguiu resistir a Zidane.

Em sua chegada a Turim, Ancelotti descobriu que o elenco não se incomodava em fazer concessões a Zidane. Um dia, antes de um jogo fora de casa, o francês se atrasou para a saída do ônibus do time e ninguém conseguia encontrá-lo. Furioso, Ancelotti ordenou que o motorista saísse sem ele, mas o zagueiro Paolo Monteiro correu até a parte da frente do veículo e declarou que o time não sairia sem seu amuleto. Ancelotti cedeu, Zidane chegou dez minutos depois, jogou bem e a Juve venceu. Gradualmente, Ancelotti foi entendendo a necessidade de fazer as vontades dos camisas 10, e começou a se arrepender pela forma como lidara com Baggio.

"Eu deveria ter trabalhado com Baggio até encontrar um caminho", admitiu Ancelotti anos depois. "Aprendi minha lição e passei a entender a vantagem de ser mais flexível com as formações quando fui para a Juventus. Tive que mudar minhas noções de futebol para acomodar Zidane, adaptando o sistema em função dele, em vez de forçá-lo a se adequar ao meu preferido 4-4-2. Eu não queria usar Zidane pelo lado esquerdo de um 4-4-2, onde ele não se sentia confortável. Em vez disso, passamos a jogar no 3-4-1-2, e ele atuava entre as linhas." A reviravolta de Ancelotti foi a maior indicação do retorno do camisa 10.

Zidane mostrou lampejos de genialidade, com suas melhores atuações

muitas vezes incluindo gols de falta, como contra a Roma, o Perugia e o Lecce. Mas a performance ofensiva da Juventus em 1999/2000 foi terrível, e o time só conseguiu marcar 46 gols em 34 jogos — o pior desempenho entre as sete irmãs. As contribuições do trio de ataque foram questionáveis: Zidane fez apenas um gol com a bola rolando e deu uma assistência em 32 jogos como titular. A criatividade vinha de Del Piero, que foi o líder de assistências na Serie A, com catorze passes para gol. E, muito embora tenha convertido oito pênaltis, ele não marcou um único gol que não fosse de bola parada até a penúltima rodada do campeonato. Inzaghi fez respeitáveis quinze gols, mas o ataque juventino não tinha coesão, especialmente porque Del Piero e Inzaghi não se entendiam.

O problema ficou mais evidente em fevereiro, na vitória por 4 × 0 fora de casa sobre o Venezia. Del Piero marcou de pênalti, mas ainda buscava desesperadamente o seu primeiro gol com a bola rolando — uma pauta muito debatida pela mídia àquela altura. A dez minutos do fim, Inzaghi aproveitou a falha da defesa e driblou o goleiro Fabrizio Casazza. Del Piero estava se aproximando da bola com um ângulo melhor para finalizar, mas Inzaghi fez questão de chutar e marcou o gol. Nada de muito errado nisso: Inzaghi criou a oportunidade e merecia a chance de concluí-la.

Nos acréscimos, porém, Inzaghi apareceu cara a cara com o goleiro mais uma vez. Casazza saiu do gol e o atacante da Juve poderia ter tentado um passe simples para Del Piero marcar com o gol vazio. Em vez disso, Inzaghi sendo Inzaghi, tentou o chute, que parou no goleiro. O rebote voltou para ele mesmo; outros tentariam o passe simplesmente pelo sentimento de culpa, mas Inzaghi chutou de novo, dessa vez com sucesso. E comemorou sozinho diante da torcida, com Del Piero estático na pequena área.

Finalmente, Inzaghi completou seu hat-trick aparecendo rapidamente em boa posição na área, logo à frente de um desesperado Del Piero, para converter um cruzamento rasteiro. Ainda houve tempo para mais uma chance quando a bola sobrou exatamente entre os dois atacantes. Inzaghi fez o movimento de chute com o pé direito, mas Del Piero chegou primeiro com o pé esquerdo e Casazza desviou a bola antes que ela batesse na trave. No fim, uma vitória indiscutível da Juventus, que passava a liderar a Serie A; mas estava claro que aquela não era uma verdadeira parceria de ataque.

“Inzaghi e Del Piero formavam uma boa dupla, mas se davam bem apenas em

teoria", admitiu Ancelotti depois. "O problema era o mais comum a acontecer entre jogadores. Um dos dois era o jogador menos solidário de todos os tempos — e não me refiro a Alessandro." A relação deteriorada entre os dois atacantes custou muito à Juventus nos últimos oito jogos, quando o time deixou de marcar em quatro deles e Inzaghi não fez mais nenhum gol. Depois de liderar o campeonato por treze rodadas consecutivas, a Juventus perdeu o título na última partida.

O último dia da temporada 1999/2000 foi um caos absoluto. A Juventus tinha chegado àquela rodada dois pontos à frente da Lazio e precisava apenas de uma vitória simples contra o Perugia, time de meio de tabela que já não disputava mais nada, de modo que não houve invasão de campo estrategicamente pensada pelos torcedores da casa dessa vez. A Juve começou bem e poderia ter aberto o placar quando Zidane desperdiçou uma grande chance, optando pelo chute em vez do passe para Inzaghi, completamente livre. No fim do primeiro tempo, no entanto, uma tempestade tornou o campo de jogo mais propício para Mark Spitz do que para Marco Materazzi. O intervalo durou uma hora, com os jogadores enclausurados nos vestiários assistindo às imagens da tevê que mostravam Pierluigi Collina andando de um lado para o outro no gramado debaixo de um guarda-chuva, soltando a bola sobre as gigantescas poças d'água. A partida certamente teria sido adiada se estivesse acontecendo em qualquer outra rodada, mas precisava ser finalizada naquele dia, o último do campeonato. Houve apenas um gol: uma bela finalização de Alessandro Calori, zagueiro do Perugia. A Juventus e seus atacantes egoístas tinham desperdiçado a chance.

A derrota abriu caminho para a Lazio de Sven-Goran Eriksson, que venceu seu primeiro título desde 1974 depois de bater o Reggina por 3 × 0 — incluindo um gol de pênalti do irmão mais novo de Inzaghi, Simone. Eriksson não era um grande admirador do trequartista e geralmente utilizava um 4-4-2, revezando Inzaghi, Marcelo Salas, Alen Bokšić, Fabrizio Ravanelli e Roberto Mancini à frente.

Na reta final daquela temporada, no entanto, ele começou a adotar o 4-5-1, e apesar de o esquema significar que Salas tinha passado a jogar isolado no ataque, com a introdução de mais um meio-campista, a mudança permitiu também que Juan Verón e Pavel Nedvēd gozassem de mais liberdade. Verón foi o melhor em campo pela Lazio em dois jogos cruciais, marcando o gol da

vitória no clássico de Roma com uma impressionante cobrança de falta de muito longe e, na semana seguinte, dando a assistência para Diego Simeone marcar o único gol da vitória sobre a Juventus, grande rival na corrida pelo título.

Quando voltou ao 4-4-2, Eriksson encontrou espaço para três camisas 10 de origem na vitória sobre o Reggina na rodada final: Verón, Nedvēd e Mancini, que fazia seu 541º e último jogo na Serie A. O intervalo nessa partida durou 35 minutos, já que as autoridades do futebol italiano pretendiam inicialmente que o segundo tempo começasse simultaneamente para Lazio e Juventus. Mas, no final, desistiram de aguardar e permitiram o reinício antecipado do jogo em Roma. "Seria difícil escrever um roteiro de suspense melhor do que esse", disse Eriksson depois, com sua típica serenidade. Foi um fim extraordinário para uma temporada memorável.

Exceto, no entanto, pelo fato de que não foi exatamente o fim. Cada time havia jogado seus 34 jogos e a Lazio havia se consagrado campeã. De acordo com as regras da Serie A na época, porém, times que terminassem empatados em número de pontos em alguma posição crucial da tabela — na luta pelo título, por vaga nas competições europeias ou contra o rebaixamento — teriam sua classificação final definida não pelos critérios de desempate comuns, como saldo de gols ou confronto direto, mas em um jogo extra. Como Inter e Parma haviam terminado com 58 pontos, uma nova partida decidiria quem faria companhia a Lazio, Juventus e Milan na Champions League da temporada seguinte.

Se a Inter fosse derrotada, Lippi ficaria desempregado. O problema é que o clube estava sofrendo com inúmeras lesões e o técnico foi forçado a recorrer mais uma vez a Roberto Baggio. Nas quatro rodadas finais da temporada, ele havia formado o ataque ao lado de Recoba, uma dupla sem a imposição física de que Lippi gostava. De qualquer forma, nesse último trecho da campanha, Baggio havia marcado com um forte arremate contra o Bari, tinha convertido um pênalti contra o Cagliari e dado uma assistência para Seedorf, com um lindo lançamento longo, contra o Perugia. No outro jogo, a Inter perdeu por 4 × 0 para a Fiorentina — até então sua pior derrota em casa pelo Campeonato Italiano na história — e Baggio saiu de campo espumando de raiva depois de ser substituído aos dez minutos do segundo tempo. Lippi se mostrou confuso: "Se os atletas não querem ser substituídos, então deveriam assinar contrato com clubes que só têm treze

jogadores no elenco", disparou. "Assim, poderão jogar sempre." O treinador, porém, precisaria de Baggio uma última vez.

O Parma dominou o início do jogo extra, chegando a acertar a trave. Vieri, começando como titular depois de três meses e evidentemente fora de forma, deixou o jogo depois de meia hora e acabou não podendo disputar a Eurocopa de 2000. A Inter estava em apuros. Mas então Baggio disputou uma bola com Lilian Thuram e conseguiu uma falta no limite lateral da área. Era uma posição difícil para o chute, mais para a direita, de onde um canhoto teria mais chances de marcar. Ou Roberto Baggio. Quando todos aguardavam um cruzamento, Baggio deu um chute mágico, fazendo a bola passar por fora da barreira e entrar no alto, junto à trave, sem chances mesmo para o melhor goleiro do mundo, Gianluigi Buffon.

O Parma ainda empatou com um gol de cabeça de Mario Stanić depois de um escanteio. Mas, a sete minutos do fim, a Inter jogou a bola na área e Iván Zamorano — que havia substituído Vieri — ajeitou de cabeça para trás, em direção à meia-lua. Baggio deixou a bola quicar, ajeitou o corpo e soltou um chute incrível, de primeira, com o pé esquerdo, que venceu o salto de Buffon e entrou no ângulo. Dois gols de Baggio de fora da área: o primeiro, preciso e com o pé direito, o segundo, potente e com o pé esquerdo.

Já nos acréscimos, Zamorano fechou o placar, mas o dia tinha sido de Baggio. E, de certa forma, o seu último dia. Depois, ele passou quatro anos felizes no Brescia, onde se tornou amigo de Pep Guardiola, e fez, mais tarde, um jogo de despedida pela seleção italiana, cinco anos depois de sua última convocação. Mas essa foi a última aparição de Baggio por um clube grande. Ele, generosamente, havia salvado o emprego de Lippi, o técnico que tantas vezes o desprezara; e, mais importante do que isso, lembrara a todos os outros treinadores sobre o valor do trequartista.

6

Catenaccio

Nenhum outro país produz tantos extraordinários jogadores de defesa como a Itália, e essa era de domínio italiano testemunhou uma excepcional geração de defensores passando o bastão a seus sucessores. Atletas como Franco Baresi e Giuseppe Bergomi estavam em fim de carreira, enquanto Alessandro Nesta e Fabio Cannavaro se firmavam como os próximos grandes zagueiros da Europa. O sensacional Paolo Maldini funcionou como ponte entre as duas gerações, no meio do caminho de seus 647 jogos na Serie A.

Durante esse período, porém, o futebol italiano se viu mergulhado em uma disputa incrivelmente desgastante sobre uma questão fundamental: o que exatamente significava defender? Os jogadores de defesa deveriam se preocupar em anular um adversário específico ou em cuidar de uma zona particular do campo? Não era apenas uma discussão sobre a abordagem mais eficiente, mas também sobre qual seria a abordagem mais italiana.

Ao longo das primeiras décadas do pós-guerra, o futebol italiano havia se tornado sinônimo da tática mais infame do esporte: o chamado catenaccio. Embora tenha sido frequentemente usado como simples sinônimo para "futebol defensivo", o catenaccio — que literalmente significa "tranca", em italiano — se refere na verdade a uma tática de defesa muito específica: o uso de um líbero jogando por trás de zagueiros "caçadores", que marcavam individualmente os atacantes adversários. A ideia de manter um defensor na sobra era uma novidade relativa e inevitavelmente significou a perda de jogadores em regiões mais avançadas do campo, o que geralmente resultava em um futebol de enfoque defensivo.

O catenaccio foi popularizado — se é que esta é a palavra correta — primordialmente nos anos 1960 pelos dois clubes de Milão, cujos títulos na Copa dos Campeões da Europa vieram imediatamente depois de Real Madrid e Benfica terem dominado o continente com um futebol ofensivo e envolvente. O contraste era enorme, e a abordagem italiana foi amplamente criticada ao redor da Europa. Seu adepto mais famoso era o técnico da Internazionale, Helenio Herrera, que admitia que seu catenaccio se resumia

à troca de um meio-campista por um defensor extra, o líbero. Herrera insistia que a mudança havia liberado o lendário lateral-esquerdo Giacinto Facchetti para desempenhar um papel ofensivo, e que outros treinadores simplesmente copiaram a ideia do líbero sem os ajustes necessários nas funções de outros defensores, tornando o catenaccio mais defensivo do que ele desejara inicialmente. No Milan, Nereo Rocco também venceu duas Copas dos Campeões da Europa utilizando o mesmo sistema. Diferentemente de Herrera, no entanto, ele nunca rejeitou o rótulo de defensivista. Seu lema era brilhantemente elucidativo: "Vamos torcer por um grande jogo, mas que o melhor time não vença". Rocco não via problemas em ser dominado no meio de campo se conseguisse garantir mais solidez defensiva.

Gradualmente, a fim de resolver a questão da inferioridade numérica no meio de campo, os líberos se tornaram mais capazes no trato com a bola, avançando até o meio e iniciando os ataques, mas a base do sistema se manteve inalterada. O catenaccio foi repaginado na Itália como "il giocco all'Italiana" (literalmente, "o jogo à italiana"), muito embora no resto do mundo a alcunha catenaccio tenha se mantido firme. Independentemente do nome, o sistema continuou a dominar o futebol do país. Seu mais famoso entusiasta nos tempos modernos foi Giovanni Trapattoni — o maior vencedor da história da Serie A, com sete títulos, e o mais óbvio discípulo de Rocco, tendo atuado como volante no seu Milan durante os anos 1960. "Graças às conquistas da Inter, do Milan e da seleção nacional entre os anos 1960 e 1980, a Itália se tornou um dos países mais heterogêneos do mundo em termos táticos", explicou Trapattoni orgulhosamente na introdução de seu livro sobre táticas de futebol. "O jogo italiano necessita de um jogador atrás da linha defensiva, o líbero." Ele, mais do que a maioria dos treinadores, manteve-se apegado a essa forma de pensar o jogo.

A Juventus de Trapattoni, com seis conquistas da Serie A entre 1977 e 1986, adotava um esquema híbrido entre o 3-5-2 e o 4-4-2, com marcação por zona no meio de campo, mas rigorosamente individual na defesa. Trapattoni acreditava firmemente que líberos e zagueiros ortodoxos eram tipos de futebolistas completamente diferentes. Os líberos tinham que "ser capazes de ler o jogo e antecipar as situações", enquanto os zagueiros tradicionais precisavam de "força física, jogo aéreo, capacidade para ações diretas de marcação e uma agressividade inteligente". Os italianos admiravam ambos: líberos elegantes como Gaetano Scirea e marcadores agressivos como

Claudio Gentile. A bela e a fera.

Então, no fim dos anos 1980, veio Arrigo Sacchi. Em contraste absoluto com a maioria dos treinadores italianos, ele nunca havia sido jogador profissional e passou seus anos de formação trabalhando como vendedor de sapatos. Portanto, desenvolveu suas ideias de maneira independente dos ex-atletas acostumados a atuar no catenaccio. Em vez de endeusar o Milan de Rocco, a Internazionale de Herrera ou a Juventus de Trapattoni, desprezava o estilo italiano tradicional e adorava a escola holandesa do Futebol Total. Sacchi estava determinado a montar equipes que atuassem de forma propositiva e a reeducar seus defensores de acordo com os princípios da marcação por zona.

No Parma e depois no Milan, onde venceu duas Copas dos Campeões da Europa em 1989 e 1990, Sacchi deixou de lado a antiga obsessão italiana por líberos e zagueiros marcadores, introduzindo a defesa com quatro jogadores em linha. Enquanto as outras equipes italianas recuavam para defender perto da própria meta, os defensores de Sacchi praticavam uma linha de impedimento agressiva e comprimiam o jogo no campo do adversário, permitindo que o Milan dominasse os jogos. Foi uma verdadeira revolução na Itália, especialmente a ideia de jogar ofensivamente fora de casa. "Os times italianos costumavam jogar montando armadilhas para tentar surpreender os adversários", lembrou Carlo Ancelotti, que trabalhou sob o comando de Sacchi tanto como jogador quanto como auxiliar. "Não tentavam mostrar que eram melhores, mas que eram mais perspicazes. Sacchi mudou essa mentalidade. Seus times iam a campo para vencer e dominar os adversários." Arrigo Sacchi ainda é admirado por seu pensamento revolucionário, um grande fator de influência sobre a geração seguinte de treinadores campeões da Champions League, como Pep Guardiola, Rafael Benítez e, claro, Ancelotti.

Mas a Itália é essencialmente conservadora e, mesmo que a abordagem de Sacchi recebesse elogios entusiasmados por toda a Europa, em seu país natal seus métodos eram considerados uma afronta às tradições italianas — ele estava, afinal, virando de cabeça para baixo um sistema que seus compatriotas chamavam de "jogo à italiana". Sacchi havia transformado o Milan em um time de estilo holandês, contando inclusive com três jogadores da Holanda: Frank Rijkaard, Ruud Gullit e Marco van Basten. Quando, em 1991, ele levou sua metodologia para a seleção italiana, foi considerado

quase um traidor. A Itália chegou à final da Copa do Mundo de 1994, perdendo para o Brasil nos pênaltis, mas Sacchi seguiu sendo muito criticado por sua obsessão pela marcação por pressão, pelo 4-4-2 e pela defesa por zona. No início da era de domínio do Calcio, em 1996, Sacchi ainda era o treinador da seleção nacional, apesar de uma campanha desastrosa na Eurocopa disputada na Inglaterra, com a Squadra Azzurra eliminada na fase de grupos. Ele dizia que a Itália tinha jogado o melhor futebol do torneio, mas a maior parte dos torcedores queria sua demissão.

O crítico mais importante e mais ativo de Sacchi era, inevitavelmente, Trapattoni. "A aparência de que a Itália de Sacchi era um bom time só durou uns cinco jogos", reclamou ele. "O Milan de Sacchi venceu apenas um campeonato nacional em quatro disputados, mas seu estilo de jogo foi glorificado por uma máquina de propaganda bastante efetiva. Eu adoraria ter visto aquele Milan sem os três holandeses e tantos jogadores da seleção italiana. Experimente tentar explicar os mesmos mecanismos táticos a onze jogadores comuns e você vai descobrir que eles continuarão sendo jogadores comuns. A ideia de que a defesa por zona é sinônimo de espetáculo é um erro colossal, mas foi cultivada junto a uma audiência de torcedores dependentes da tevê que engoliram tudo sem pestanejar."

Mas Trapattoni era suspeito para falar, claro, pois havia sido profundamente afetado pelo sucesso de Sacchi. Tinha se dado muito bem utilizando os métodos tradicionais italianos, mas passara a ser considerado anacrônico em determinados círculos por continuar a insistir no jeito italiano de jogar. Ele acusou Sacchi de ter contrabandeado do basquete a defesa por zona e disse que preferia Fabio Capello — sucessor de Sacchi no Milan —, que jogava de maneira mais defensiva e ganhara mais troféus. Contudo, Trapattonni estava longe de ser um crítico isolado de Sacchi, e suas reprovações foram ecoadas por muitas pessoas do meio futebolístico na Itália. Na verdade, apesar de sua condenação à "propaganda" a favor de Sacchi, a maior parte da imprensa italiana era pró-Trapattoni e anti-Sacchi.

O exemplo mais óbvio era o respeitado editor do jornal La Gazzetta dello Sport, Gianni Brera, o qual declarou, certa vez, que "o jogo de futebol perfeito terminaria 0 × 0", e que gostava de se dizer um entusiasta do futebol "defensivista". Ele era amigo próximo de Rocco, o padrinho do catenaccio, e portanto promovia fortemente Trapattoni, seu equivalente moderno. "Quando constrói uma casa, a gente começa pela fundação, e não

pelo telhado", argumentava Brera. "Rocco e Trapattoni sempre construíram seus times usando como base o princípio de que é mais fácil conceder um gol a menos ao adversário do que marcar um gol a mais. Parece perfeitamente lógico." Embora parte do público italiano apreciasse a revolução promovida por Sacchi, as visões de Brera ainda predominavam.

Sacchi foi finalmente demitido da seleção no fim de 1996, depois de passar metade de uma década tentando superar a obsessão italiana por recuar demais o time para defender. Deixou para trás um país dividido entre seus discípulos de um lado e, do outro, aqueles que se mantinham fiéis ao passado.

O substituto de Sacchi no comando da Azzurra foi Cesare Maldini. Ainda que seu filho, Paolo, fosse um pilar da defesa por zona de Sacchi tanto no Milan quanto na seleção, Maldini pai era um tradicionalista. Ele havia sido um líbero de grande categoria quando jogador, atuara no catenaccio do clássico Milan de Rocco e mais tarde se tornara seu auxiliar antes de sucedê-lo, além de ter sido também auxiliar de Enzo Bearzot no título mundial da Itália em 1982 e treinador da seleção sub-21 por uma década. A indicação de Maldini para a seleção principal marcou uma brusca reviravolta, e, embora o treinador tentasse diminuir a importância da mudança de rumo, insistindo que "não há novo e velho no futebol", sua chegada foi considerada pela maioria como uma volta à abordagem mais tipicamente italiana no futebol. Depois de anos aprendendo os métodos de Sacchi, os defensores do país tiveram de voltar a jogar com o líbero, e até o próprio filho de Maldini pareceu confuso pela perspectiva de retorno do catenaccio. "Se meu pai me disser como se faz, então não tem problema", brincou ele depois da contratação de Cesare Maldini. "Antes de eu entrar como líbero, ele vai ter que me explicar algumas coisas."

Paolo Maldini, capitão da Itália, era o defensor mais respeitado de sua geração e um futebolista extremamente versátil. Apesar de ter se tornado o melhor lateral-esquerdo do mundo, tinha iniciado no futebol profissional como defensor pela direita, e só mudou de lado pela presença do já estabelecido lateral-direito Marco Tassotti. Maldini era admiravelmente ambidestro, de modo que jogar na lateral oposta não chegou a ser um problema. Ele também atuava pelo centro da defesa, como zagueiro — inclusive jogou assim durante a campanha da Itália na Copa do Mundo de 1994, até a semifinal — e ganhou fama pelo estilo calmo e equilibrado de

defender, jamais recorrendo a carrinhos. Ele teria sido um grande líbero.

Em vez disso, no entanto, Maldini acabou escalado em sua posição costumeira, a lateral-esquerda, e o retorno do jogo à italiana, promovido por seu pai, beneficiou outros jogadores. O magnífico Fabio Cannavaro se tornou titular, confirmando toda a sua capacidade ao anular o inglês Alan Shearer em um jogo das eliminatórias da Copa do Mundo, em 1997, enquanto Giuseppe Bergomi, veterano do título da Copa de 1982 e capitão na Copa de 1990, foi surpreendentemente convocado após seis anos de ausência. Ele era um clássico zagueiro para esquemas que favoreciam a marcação individual, mas havia sido ignorado por Sacchi por não ter as características para atuar em uma linha de quatro. Alessandro Costacurta, do Milan, era tão flexível quanto Paolo Maldini e acabou se tornando o líbero da seleção.

O público italiano — e sobretudo a imprensa — adorou o novo regime. "Depois de Sacchi, queríamos um futebol mais simples, um estilo verdadeiramente italiano que já demonstrou seu valor tantas vezes. E foi o que conseguimos", elogiou o Corriere dello Sport depois do primeiro jogo sob o comando de Maldini, uma vitória por 2 × 0 sobre a Irlanda do Norte. Gianni Mura, do jornal La Repubblica, escreveu que o comando de Maldini "traz de volta o gostinho de um pão com salame depois de anos de nouvelle cuisine". Para muitos, podia soar como um passo atrás, mas Mura estava saudando de braços abertos o retorno de um produto tipicamente italiano.

Mas nem todos ficaram animados com a volta do catenaccio à seleção nacional, e vários dos treinadores da Serie A preferiam o sistema por zona implementado por Sacchi. Um dos que defenderam o conceito foi Roy Hodgson, durante a primeira de suas duas passagens pela Inter, equipe que levou à final da Copa da Uefa em 1997. Hodgson tinha feito sucesso pela primeira vez ao "dar uma de Sacchi" na Suécia durante os anos 1970, introduzindo uma defesa por zona em um país anteriormente obcecado pela marcação homem a homem. Assim, levou o pequeno Halmstad, que sobrevivera ao rebaixamento pelo saldo de gols na temporada anterior, ao primeiro título nacional de sua história. Vinte e cinco anos depois, Hodgson travava a mesma guerra em um novo país. "Os melhores times da Itália jogam com a linha de quatro na defesa", declarou. "Continuará sendo assim? Não. Os italianos estão tentando mudar isso. A nova era que surgiu com força, e quer negar Arrigo Sacchi, fala de um retorno ao catenaccio. No

momento, a seleção nacional está jogando com cinco na defesa. Tudo que fizeram, na verdade, foi adicionar um defensor e jogar no 5-3-2." Essa também tinha sido a mudança introduzida por Herrera na Inter, nos anos 1960.

Um dos aliados de Hodgson foi outro futuro treinador da seleção inglesa, Sven-Goran Eriksson, que nesse período treinou a Sampdoria e a Lazio e era um adepto convicto da defesa com quatro homens jogando em linha. Na realidade, Hodgson havia sido sua maior inspiração durante seus anos de formação na Suécia, e o próprio Eriksson chegou a descrever a controversa introdução da marcação por zona como "a maior batalha ideológica da história do futebol sueco". Ele terminou seu curso de técnico na Suécia — que forçou o adiamento de seu casamento, e aquela não seria a última vez em que suas vidas profissional e pessoal se cruzariam — com uma tese sobre as vantagens de jogar no 4-4-2, fazer pressão no campo de ataque e manter a linha de defesa adiantada.

No início da carreira, Eriksson trabalhava com a repetição de uma fórmula aonde quer que fosse. Ele chegou ao ifk Gotemburgo, abandonou a marcação individual, introduziu a marcação por zona e foi campeão sueco. Passou pelo Benfica, abandonou a marcação individual, introduziu a marcação por zona e foi bicampeão português. Seguiu para a Roma, que já vinha usando um sistema de marcação por zona sob o comando de seu compatriota Nils Liedholm, e, portanto, teve dificuldades para melhorar o time, mas depois viveu uma boa experiência pela Fiorentina, onde mais uma vez deixou de lado a marcação individual. Após uma segunda passagem pelo Benfica, chegou à Sampdoria, onde alcançou razoável sucesso e regularmente repetia que seu time jogava o futebol mais bonito da Serie A. Em parte, isso acontecia porque Eriksson usava quatro defensores de mentalidade ofensiva, uma consequência subestimada da escolha pela marcação por zona — como os defensores não precisavam se preocupar mais com os duelos diretos contra os atacantes adversários, era possível a utilização de jogadores mais inteligentes e bem dotados tecnicamente na linha de defesa.

Um exemplo perfeito era Siniša Mihajlović, que ganhou fama ao vencer a Copa dos Campeões da Europa pelo Estrela Vermelha de Belgrado como um imponente meio-campista. Com muita relutância, ele aceitou jogar como lateral-esquerdo durante dois anos infelizes passados na Roma e, ao chegar

à Sampdoria de Eriksson, ficou frustrado ao saber que seria utilizado mais uma vez na defesa. Depois de tentar colocá-lo como lateral-esquerdo, Eriksson acabou por escalá-lo no miolo da zaga, uma posição tão desconhecida para ele que inicialmente Mihajlović se recusou a jogar ali.

Mas o sérvio se tornou excelente na posição, com a capacidade de Eriksson para treinar a defesa por zona garantindo seu bom desempenho, apesar de seus instintos ofensivos. Ele era o zagueiro mais criativo da Serie A, demonstrando que defensores podiam oferecer a capacidade de armação dos líberos, mesmo jogando em uma linha de quatro. Mihajlović, ao lado de Juan Sebastián Verón e Roberto Mancini, foi muito bem sob o comando de Eriksson na Sampdoria, e os três acabaram se juntando ao treinador novamente na Lazio, onde venceram o Scudetto em 2000. Com a camisa da Lazio, Mihajlović alcançou a incrível façanha de marcar três gols de falta no mesmo jogo, com seu incrível pé esquerdo. Sua carreira foi, de certa forma, ofuscada por episódios polêmicos que incluíram de racismo a cusparadas, e sua tendência a jogar um futebol de marcação muito duro, à moda antiga, lhe trazia problemas constantes. Mas Mihajlović foi possivelmente o defensor que melhor sabia jogar com a bola nesse período na Serie A, suficientemente criativo para justificar o número 11 de sua camisa.

Na Lazio de Eriksson, Mihajlović formava uma excelente dupla com o mais clássico dos zagueiros italianos dessa era: Alessandro Nesta. Crescendo em Roma na mesma época em que Francesco Totti, Nesta era torcedor da Lazio na infância e jogou no meio de campo nas categorias de base, até ser transformado em lateral e, por fim, em razão de lesões dos titulares, virar zagueiro sob o comando de Zdeněk Zeman. Era sempre comparado a Franco Baresi, naturalmente mais líbero que zagueiro marcador, ainda que, assim como Baresi, também fosse capaz de atuar em alto nível em uma linha de quatro. "É maravilhoso tirar o adversário do jogo sem ter que recorrer ao jogo bruto", dizia Nesta. "É o que mais me dá prazer."

Nesta não precisava ter qualidade no jogo aéreo e marcou apenas um gol em quase duzentos jogos pela Lazio na Serie A — de maneira bastante incomum para um zagueiro, com um acrobático voleio contra a Salernitana, em 1999. Ele era ambidestro, mas deixava o trabalho criativo para outros companheiros. Frio sem parecer arrogante, seu estilo de jogo refletia sua maneira de pensar fora de campo; certa vez, Nesta comprou um Porsche,

mas o vendeu logo depois por considerar o carro muito chamativo. Zeman merece bastante crédito pelo desenvolvimento de Nesta, mas foram as orientações de Eriksson que o transformaram em um zagueiro de nível internacional. “Meus dois desejos são: jogar pela Lazio para sempre e jogar com Eriksson para sempre”, disse ele durante a temporada em que foi campeão no clube da capital. Às vezes, Eriksson era criticado por adotar um tedioso 4-4-2 enquanto outros clubes usavam o trequartista, mas sua preferência pelos quatro defensores em linha permitia a utilização de dois zagueiros habilidosos com a bola, o que era incomum no catenaccio.

Não seria razoável, no entanto, sugerir que todos os treinadores adeptos da marcação por zona tinham essa mesma inclinação, e é provável que esteja aí o motivo do fracasso de Hodgson na Inter. Ele insistia que Roberto Carlos, o ofensivo lateral-esquerdo brasileiro, era ponta e não lateral, até que conseguiu vendê-lo ao Real Madrid. Fazendo justiça a Hodgson, Roberto Carlos era realmente irregular na parte defensiva, e suas melhores atuações aconteceram jogando como ala, e não lateral. O melhor exemplo para ilustrar o debate sobre o jogo de defesa na Itália foi, no entanto, Salvatore Fresi.

Em meados dos anos 1990, ele parecia ser o próximo grande líbero italiano, considerado o novo Baresi depois de ter levantado a taça do torneio europeu sub-21 como capitão da seleção de Cesare Maldini. Fresi era um líbero elegante, que antecipava o perigo e levava a bola à frente com tranquilidade. Apareceu bem na Salernitana e foi recrutado pelo técnico da Inter, Ottavio Bianchi, um devoto do catenaccio. Mas a chegada de Hodgson foi desastrosa para Fresi — ele não só introduziu a linha de quatro na defesa, como também insistiu que o lugar de um jogador de tanta qualidade com a bola como Fresi era o meio de campo, o que prejudicou muito o desenvolvimento de seu jogo como defensor. “Joguei na zaga por poucos meses”, lembrou Fresi sobre a sua experiência na Inter. “Depois me colocaram no meio de campo e eu passei a não ser nem uma coisa, nem outra.”

Fresi se tornou o garoto-propaganda daqueles que defendiam a abordagem clássica italiana, e Hodgson passou a ser perguntado sobre o posicionamento do jogador já no início de quase todas as entrevistas coletivas. O próprio Fresi reforçava continuamente seu desejo de jogar como líbero e servia como uma espécie de porta-voz da posição. “Eu estaria mentindo se dissesse

que me sinto confortável na função em que Hodgson me escala", admitiu em 1997, pouco depois da chegada de Cesare Maldini à seleção principal. "Para mim, é natural jogar como líbero. O futuro está no passado, ou melhor, em redescobrir o papel do líbero. A Itália de Maldini pode ser muito importante, tanto para mim quanto para a reorientação do futebol italiano no resgate do líbero." De fato, Fresi foi o único novato na primeira convocação de Maldini, mas nunca entrou em campo nas seis vezes em que foi chamado.

Em 1998, Roy Hodgson trocou a Internazionale pelo Blackburn Rovers — coincidentemente depois que Eriksson voltou atrás na promessa de ir comandar o time de Ewood Park. O inglês foi substituído por Gigi Simoni, outro devoto ferrenho do catenaccio, que havia jogado sob o comando de Rocco e o venerava. O novo treinador imediatamente trocou a linha de quatro pela fórmula italiana mais tradicional, o jogo defensivo e as saídas rápidas em contra-ataque. "Fresi será o líbero, Paganin e Sartor, zagueiros, com Zanetti e Tarantino jogando como alas", declarou em sua primeira entrevista coletiva, não deixando dúvidas sobre sua preferência pelo jeito italiano de jogar.

E jogar à maneira italiana ainda trazia resultados, como a Inter demonstrou na final da Copa da Uefa, em 1998, contra a Lazio. Era o catenaccio de Simoni contra a linha de quatro de Eriksson. A Inter saiu com a vitória por 3 × 0, em um jogo muito lembrado pelo maravilhoso gol de Ronaldo, que colocou o goleiro da Lazio, Luca Marchegiani, sentado no chão depois de uma série de pedaladas e na sequência só empurrou a bola para o gol. Na defesa, a Inter jogou da maneira mais italiana possível, com Taribo West marcando Pierluigi Casiraghi individualmente, enquanto Francesco Colonnese cuidava de Roberto Mancini. Ambos colados em seus adversários específicos, mesmo quando eles trocavam de lado. O ala-direito Aron Winter também marcava Pavel Nedvěd de perto quando o jogador da Lazio flutuava por dentro e, do outro lado, Javier Zanetti tentava anular Diego Fuser. Nas raras ocasiões em que um atacante da Lazio conseguiu se livrar de seu marcador, Fresi fez calmamente a cobertura, desempenhando o papel de líbero de que tanto gostava. Foi o auge de sua carreira.

Conforme lhe disse seu compatriota Gianfranco Zola certa vez, Fresi teve simplesmente o azar de nascer na época errada. Ele acabou se tornando uma figura cult, com uma trajetória ainda mais enigmática por nunca ter

atuado pela seleção nacional. Em 2013, quando a Inter foi comprada por Erick Thohir, o indonésio fez menção ao velho líbero. "É fácil falar sobre os três alemães [Jurgen Klinsmann, Lothar Matthaus e Andreas Brehme], sobre Roberto Baggio ou Ronaldo. Mas Salvatore Fresi… A maioria provavelmente se esquece dele, mas eu me lembro." Thohir estava apresentando suas credenciais de hipster do futebol, citando casualmente um jogador que havia sido esquecido, além de subestimado em sua época.

O amor de Simoni pelo catenaccio lhe custou, em última instância, o emprego. Ele foi demitido horas depois da vitória da Inter por 2 × 1 sobre a Salernitana e apenas quatro dias depois da vitória por 3 × 1 sobre o Real Madrid. A justificativa: o presidente do clube, Massimo Moratti, não conseguia entender o modelo ofensivo do time. "Para mim e para muitas outras pessoas, parecia que a Inter simplesmente não tinha um plano de jogo e que não vínhamos jogando bem desde o início da temporada. E eu acho que essa é uma razão suficientemente importante para tomarmos essa decisão." Quando questionado sobre o momento peculiar da demissão, Moratti rebateu. "Ora, é simplesmente banal demais demitir um treinador depois de algumas derrotas."

Na seleção, Cesare Maldini pode não ter usado Fresi como líbero, e sua defesa acabou adotando um modelo híbrido, e não de marcação estritamente individual, mas de modo geral era um retorno ao jeito italiano de jogar — com resultados absolutamente previsíveis. Em seis jogos das eliminatórias para a Copa do Mundo, a Itália não tomou nenhum gol. O problema, no entanto, é que o time deixou de fazer gols em três desses jogos — contra Polônia, Geórgia e, finalmente, Inglaterra —, mesmo tendo à disposição provavelmente o melhor grupo de atacantes do continente. A Itália de Maldini era simplesmente defensiva demais. A seleção foi forçada a disputar um jogo de repescagem em que passou por pouco pela Rússia, parcialmente graças à atuação de gala de um goleiro estreante de dezenove anos, Gianluigi Buffon.

Na Copa do Mundo de 1998, a Itália continuou usando o mesmo sistema, uma mistura de 4-4-2 e 3-5-2, com um defensor tão destacado na sobra que a formação era descrita algumas vezes como um 1-3-4-2, relembrando a Juventus de Trapattoni dos anos 1970 e a própria seleção italiana de 1982, que teve Maldini como auxiliar técnico. Costacurta atuava como líbero atrás de Cannavaro e Nesta ou Bergomi. Paolo Maldini continuava na

lateral-esquerda, enquanto Angelo Di Livio ou Francisco Moriero jogavam pelo lado direito do meio de campo, mas voltando sempre para marcar. Na prática, a função era a de um ala numa defesa com cinco jogadores. A Itália, claro, foi excelente na defesa, e não sofreu gols em três dos cinco jogos do Mundial, mas voltou a encontrar dificuldades pela ineficiência do ataque e foi eliminada nos pênaltis depois de um empate sem gols contra a anfitriã França. Cesare Maldini deixou o cargo, mas a reação dos italianos à performance na Copa foi consideravelmente mais positiva do que quatro anos antes, com Sacchi, ainda que a seleção tenha caído nas quartas de final.

Enquanto isso, Sacchi havia retornado ao Milan para uma passagem desastrosa na segunda metade da temporada 1996/97, terminando o campeonato na décima primeira posição depois de sofrer a pior derrota da história do clube na Serie A, um 6 × 1 para a Juventus. "É um daqueles dias em que tudo dá errado", disse Sacchi depois da goleada. "Uma noite para esquecer rapidamente." Era uma leitura otimista; os jornais italianos estavam dispostos a garantir que aquele fracasso não fosse esquecido jamais. "Daqui a cem anos, as pessoas ainda estarão falando sobre esse jogo, sobre como o Milan sofreu seis gols e entregou o título a seu rival histórico", dizia a primeira página do periódico La Gazzetta dello Sport. Era o fim de Sacchi no futebol italiano. Ele ainda teve uma passagem apagada pelo Atlético de Madrid na temporada 1998/99, terminando o campeonato em décimo terceiro lugar, e assumiu o Parma em 2000/01, mas se demitiu depois de um mês alegando estresse.

Sacchi se tornou um comentarista de destaque e, inevitavelmente, crítico feroz de qualquer tentativa de reintrodução do catenaccio. No início da temporada 1999/2000, a maioria dos clubes grandes da Serie A voltara a usar três defensores em vez da linha de quatro, cada vez se aproximando mais da clássica tradição italiana, em oposição ao "jeito Sacchi" de jogar. "Não estamos nos divertindo muito", declarou Sacchi. "Tenho a impressão de que o futebol italiano andou para trás. Existe muito conformismo. Todos os times jogam da mesma forma, é difícil distinguir um time do outro e enxergar algo de novo. Como estão atuando com três zagueiros, a verdade é que quase todos os times se defendem com uma linha de cinco, o que permitiu o retorno do líbero. Voltamos a jogar o futebol que jogávamos há quinze anos." Para muitos de seus colegas, isso era considerado um grande sucesso.

A essa altura, o técnico da seleção italiana era Dino Zoff, o goleiro campeão do mundo em 1982. Foi uma escolha curiosa, já que sua carreira como treinador havia começado de maneira nada espetacular, primeiro pela Juventus e depois em duas passagens pela Lazio — na segunda, jogou no 4-4-2 antes de subir na hierarquia, tornando-se diretor esportivo do clube e chefe de Eriksson. Zoff ainda tinha status de lenda, mas era difícil compreender precisamente quais eram suas crenças futebolísticas. Na seleção começou com um 4-4-2, mas explicou que sua formação "dependerá de como as coisas evoluírem na Serie A. Vou ouvir o que os clubes me dirão e, obviamente, a seleção deverá levar em conta as indicações táticas que o Campeonato Italiano me dá". Era uma espécie de terceira via italiana: Sacchi insistia na linha de quatro, Maldini se manteve fiel ao líbero e Zoff não tinha preferência.

O time começou as eliminatórias para a Eurocopa de 2000 com uma linha de quatro na defesa e venceu os três primeiros jogos. Daí em diante, as coisas ficaram mais imprevisíveis. O empate em casa contra a pequena seleção da Bielorrússia foi seguido de uma impressionante vitória por 4 × 0 contra o País de Gales, e em seguida de uma atuação ruim no empate sem gols contra a Suíça. Depois, o time caiu em Nápoles contra a Dinamarca, perdendo por 3 × 2, após ter começado ganhando por 2 × 0, e empatou em 0 × 0 na Bielorrússia. Zoff havia mantido o 4-4-2 e, com a partida fraca jogada em Minsk, foi questionado sobre a popularidade do 3-4-1-2 na Itália. Em 1999/2000, 69% dos times da Serie A utilizavam três defensores, incluindo seis das "sete irmãs". A campeã Lazio era a exceção, além de — não por acaso — o único clube comandado por um treinador estrangeiro.

De resto, os treinadores italianos haviam retornado unanimemente à defesa com três homens. A Juventus de Carlo Ancelotti usava os italianos Ciro Ferrara (descrito por Ronaldo como o melhor defensor do mundo) e Mark Iuliano ao lado do agressivo uruguaio Paolo Monteiro. O Milan de Alberto Zaccheroni geralmente escalava o trio Paolo Maldini, Costacurta e Roberto Ayala, atleta que nunca se destacou na Serie A apesar de seu brilho em outros lugares. Na Inter, Marcello Lippi jogava com o talentosíssimo Laurent Blanc por trás de uma dupla composta por Dario Šimić, Christian Panucci ou o colombiano Iván Córdoba, que compensava a baixa estatura com a mais extraordinária impulsão da Serie A. Já na Roma, Fabio Capello tinha os brasileiros Aldair e Antônio Carlos ao lado de Amedeo Mangone ou Alessandro Rinaldi, enquanto a Fiorentina de Giovanni Trapattoni escalava

Alessandro Pierini ao lado do vigoroso zagueiro tcheco Tomaš Řepka e de Daniele Adani.

O trio mais formidável, no entanto, atuava pelo Parma, com Nestor Sensini como líbero atrás de Fabio Cannavaro e Lilian Thuram, dois dos melhores zagueiros de todos os tempos, que jogavam agressivamente e levavam a bola para o ataque quando necessário. Cannavaro era um defensor verdadeiramente completo, capaz de jogar como zagueiro marcador ou como líbero, roubando a bola dos adversários de maneira limpa ou usando o físico. Thuram era um atleta maravilhoso, transformado de ponta-direita em defensor por Arsène Wenger no Monaco, o que o tornava perfeito para o lado direito de uma defesa com três zagueiros.

Como havia prometido, Zoff seguiu a tendência tática da Serie A e mudou para um 3-4-1-2 no primeiro amistoso depois das eliminatórias da Euro, uma derrota por 3 × 1 para a Bélgica. Manteve a formação nos amistosos seguintes, ainda que todos parecessem confusos sobre qual era precisamente a estratégia ofensiva da seleção. "Era uma maneira estranha de jogar. O time não impunha seu estilo aos adversários, mas também não era voltado ao contra-ataque", disse o meio-campista Paulo Sousa, então no Parma, depois que a Itália venceu sua seleção portuguesa por 2 × 0. "A Itália está à frente dos outros quando se fala de preparação: tática, condicionamento e estudo dos adversários. Mas não há tempo para que a seleção trabalhe esses aspectos, e isso tem um impacto."

O futebol italiano, que sempre havia se orgulhado de sua sofisticação tática, parecia então estar perdendo o passo em relação às principais tendências do futebol europeu. Na temporada 1999/2000, a performance dos clubes da Serie A nas competições continentais foi desastrosa: não houve semifinalistas italianos na Champions League nem na Copa da Uefa, o que podia ser considerado um fracasso depois do domínio dos anos 1990. Antes da Eurocopa de 2000, a reputação do futebol italiano já estava abalada em todo o continente. O Corriere dello Sport resumiu a situação com uma manchete em que simplesmente se lia "Fique em casa, Azzurra!", já que as expectativas tinham sido rebaixadas ainda mais pelas ausências dos lesionados Buffon, o melhor goleiro do continente, e Christian Vieri, o jogador mais caro do mundo.

Zoff, porém, ainda podia confiar na melhor defesa da Europa. Nesta jogava

na sobra, entre Cannavaro e Iuliano, com Maldini na esquerda e Gianluca Zambrotta como ala mais ofensivo pela direita, porém voltando para marcar. Assim, a seleção venceu os três jogos da fase de grupos, contra Turquia, Bélgica e Suécia, mas sua performance seguiu sendo criticada por uma figura familiar. "A Itália venceu jogando à italiana", escreveu Sacchi no La Stampa depois da vitória sobre a Bélgica. "Foi uma boa Itália, que manteve nossos hábitos e nossa mentalidade. A Itália de sempre: defensiva, oportunista e às vezes um pouco chata. Fomos bem na defesa, mas defendemos com jogadores demais, sempre usando o mesmo 3-5-1-1." Qualquer pequeno elogio era seguido por uma crítica — mesmo que, fazendo justiça a Sacchi, ele tenha se restringido a análises táticas, em vez de recorrer a insultos pessoais aos quais havia sido submetido em seu período como treinador.

Nas quartas de final, a Itália superou a Romênia por 2 × 0 e chegou às semifinais contra a anfitriã Holanda, em Amsterdã. Os holandeses eram favoritos, pois, superada a tensão da vitória por 1 × 0 no último suspiro contra a República Tcheca na estreia, haviam derrotado a Dinamarca por 3 × 0, a França por 3 × 2 e a Iugoslávia por 6 × 1. Era um clássico time holandês, jogando sempre com grande amplitude na frente, e a semifinal seria o confronto entre a defesa da Itália e o ataque da Holanda, especialmente depois que Gianluca Zambrotta foi expulso com trinta minutos de jogo por duas faltas no ponta Boudewijn Zenden, forçando sua seleção a jogar com dez homens por noventa minutos. Mesmo assim, a Itália conseguiu, da maneira mais estereotípica possível, segurar o 0 × 0 e vencer nos pênaltis, consagrando o goleiro Francesco Toldo como herói. A defesa italiana não foi infalível — a Holanda chegou a perder dois pênaltis no tempo normal —, mas segurou a pressão por duas horas e não sofreu gols. A análise mais sucinta vinha das arquibancadas, onde a torcida italiana abriu uma faixa que simplesmente dizia: "Catenaccio!".

Por pouco, a Itália não conseguiu derrotar a França na final, levando o empate no último minuto, pelos pés de Sylvain Wiltord. A derrota veio com o gol de ouro marcado na prorrogação por David Trezeguet, jogador da Juventus. Zoff pediu demissão após o torneio, depois das críticas do presidente do Milan e então líder da oposição, Silvio Berlusconi. "Como um amante do meu país, não posso permanecer calado. Por que Zoff não colocou alguém para marcar Zidane? Não se pode permitir que um jogador desse nível faça o que quer dentro de campo. É óbvio que a final girou em

torno dele, até um amador seria capaz de ver isso. Precisávamos de alguém com inteligência e um cérebro — e Zoff não tem nenhum dos dois."

Os comentários foram amplamente rechaçados pela crítica especializada, que observou que Zidane havia sido anulado de maneira efetiva e tivera sua atuação mais discreta em todo o torneio. Zoff, no entanto, levou para o lado pessoal e se demitiu. "Essa decisão é um resultado direto das falas ofensivas de Berlusconi. Me sinto atingido como homem, e essa é a razão para a minha saída."

Mais significativo do que a saída de Zoff foi o nome escolhido para substituí-lo: Trapattoni, o homem que havia conquistado sete vezes a Serie A, todas nos anos 1970 e 1980, sempre jogando da clássica maneira italiana. "Acredito que o sistema usado na Eurocopa funcionou bem", declarou ele ao ser apresentado. "Vou começar do ponto onde o time terminou o último jogo, com a formação e os jogadores usados por Zoff. Tradições são importantes no futebol. Não temos as características para jogar como a Holanda ou a França." E esses dois países eram os mais pertinentes, de fato, para as comparações envolvendo essa era italiana do jogo: o domínio holandês foi sucedido pela ascensão da Itália, mas a derrota na final da Eurocopa de 2000, para a França, marcou, uma vez mais, a troca de guarda.

Transição: Itália — França

O futebol europeu havia sido dominado pela Serie A ao longo dos anos 1990, mas a chegada do século xxi viu o futebol italiano ser deixado para trás de forma decisiva.

A identidade dos times que chegaram às quartas de final da Champions League entre 2000 e 2002 ilustra bem essa história. Das 24 vagas, nove foram preenchidas por times espanhóis, sete por ingleses e quatro por alemães, enquanto Itália, Portugal, Grécia e Turquia classificaram apenas um clube cada. Se antes a Serie A era dominante, seus clubes passaram a se equiparar aos das ligas de segundo escalão do continente. A Itália já não podia se gabar de bons resultados, e estilo era algo que os italianos não ofereciam. A final da Eurocopa de 2000 acabou sendo o ponto de virada, com o futebol francês assumindo o controle.

A França tinha vencido a Copa do Mundo em casa em 1998, mas era difícil não pensar naquele time, ao menos do ponto de vista estilístico, como um time italiano. "Eles venceram por causa do goleiro, dos quatro defensores e de Zinedine Zidane", disparou o excêntrico técnico do Olimpique de Marseille, Rolland Courbis, em um comentário relativamente justo que poderia servir como resumo também para várias das performances da Juventus. A França jogava essencialmente um futebol italiano, simplesmente com jogadores mais talentosos.

O confronto pelas quartas de final da Copa do Mundo de 1998 entre França e Itália terminou em 0 × 0 e foi descrito pela revista World Soccer como "um jogo extraído diretamente da Serie A — sete dos onze titulares da França tinham jogado na Itália". Os próprios jogadores franceses atribuíram seu sucesso, em diversas ocasiões, à influência da Serie A. "Nossa geração deve tudo ao futebol italiano e ao que ele nos ensinou", afirmou o capitão Didier Deschamps. Seu parceiro de meio de campo, Zidane, tinha dito que sua ida para a Itália o ensinara sobre a importância de vencer.

Ainda assim, a vitória francesa na final da Eurocopa de 2000 foi retratada

como um triunfo do bem contra o mal. “Tanto os puristas quanto os parisienses teriam ficado devastados se a Itália tivesse prevalecido”, escreveu o Daily Telegraph. “Enquanto certamente existe admiração pela capacidade italiana de planejar uma estratégia e executá-la com tanta correção, simplesmente falta ao time a joie de vivre que inunda o futebol francês.” O sentimento era ecoado por outros veículos de imprensa. “Em última instância, a Eurocopa de 2000 foi vencida pela magia, não pelo método”, afirmou o Guardian. O próprio treinador francês, Roger Lemerre, declarou que a final tinha sido “uma vitória do futebol ofensivo”. Foi em 2000, não em 1998 que, pelo menos em termos de estilo, a era francesa começou para valer.

O período de grandes resultados do futebol francês seria evidenciado pelo sucesso nos torneios de seleções, e deve muito a jogadores talentosíssimos que desenvolveram seu jogo em terras estrangeiras, especialmente na Itália, na Inglaterra e na Espanha. O clube “francês” mais influente do período era, na verdade, inglês: Arsène Wenger, comandante do Arsenal, tornou-se um dos técnicos mais reverenciados do continente e chegou a escalar cinco franceses em seu time titular. A Ligue 1 se manteve relativamente em segundo plano, com os altos impostos cobrados no país incentivando os jogadores locais a ir embora o mais rápido possível.

De qualquer forma, essa dinâmica criava as condições para que as novas gerações pudessem brilhar na primeira divisão francesa antes de seguirem em frente. Em nenhum outro lugar da Europa se produziram tantos bons jogadores durante esse período, parcialmente graças à famosa academia de Clairefontaine, que acabou se tornando uma inspiração para países rivais. A França obtinha sucesso nos torneios internacionais mais por conta de talento que de tática. Na Eurocopa de 2000, o meio-campista Emmanuel Petit afirmou — com certa razão — que a França contava com oito dos onze melhores jogadores do continente.

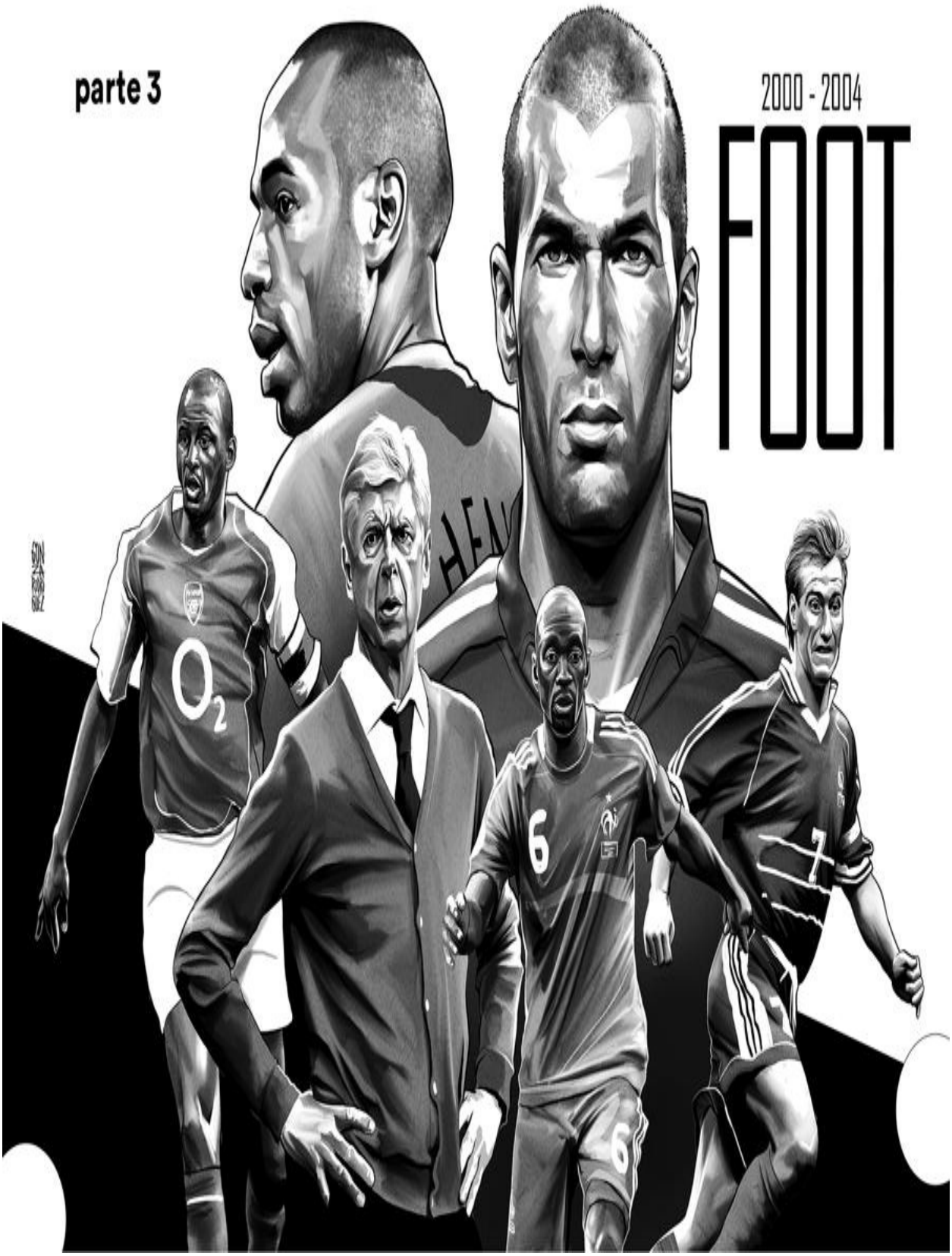
Nesse período, a França ostentava o jogador mais criativo da Europa, Zidane, e o maior goleador do continente, Thierry Henry. Zidane seguia os passos de outros grandes camisas 10 da história francesa, e Henry ajudou a definir um novo modelo de centroavante. Enquanto isso, o futebol francês produzia também volantes sólidos, confiáveis e de estilo sóbrio que protegiam a defesa e permitiam que os homens de frente pudessem brilhar. Depois de um período de conservadorismo italiano, o brilho do talento

francês puxou a fila rumo ao século xxi.

parte 3

2000 - 2004

FOOT



7

Velocidade

Os triunfos franceses na Copa do Mundo de 1998 e na Eurocopa de 2000 foram igualmente históricos, mas a identidade futebolística do time havia se transformado radicalmente no intervalo entre as duas competições. Enquanto a seleção da Copa dependia de uma defesa sólida e não contava com muita inspiração no terço final do campo, a campeã da Eurocopa jogava um futebol fluente, veloz e ofensivo. Em 1998, a França provou o sabor do sucesso ao jogar como um time italiano, mas em 2000 seus jogadores acrescentaram o estilo que faltava e criaram uma verdadeira identidade futebolística francesa.

A melhor forma de resumir essa evolução é comparar as duas escalações: o time titular que venceu o Brasil na final da Copa do Mundo, de um lado, e o que jogou na estreia da Eurocopa, do outro. Fabien Barthez se manteve no gol, e a única mudança na defesa se deveu à suspensão de Laurent Blanc da final de 1998. Ele naturalmente reassumiu seu posto como titular ao lado de Marcel Desailly, entrando no lugar de Franc Leboeuf, com Lilian Thuram e Bixente Lizarazu nas laterais. Didier Deschamps ainda era o cabeça de área e Emmanuel Petit seguia como seu companheiro mais próximo no meio de campo, enquanto Zinedine Zidane e Youri Djorkaeff aportavam ao time, mais uma vez, toda a sua criatividade. Ignorando-se a suspensão de Blanc, nove titulares idênticos nas duas equipes.

Mas aí a gente olha para o ataque. Em 1998, a França dependia de Stéphane Guivarc'h, zombado implacavelmente pela falta de jeito com a bola, lentidão e incapacidade de marcar um único gol durante a campanha vitoriosa na Copa do Mundo — "feito" que, coincidentemente, Olivier Giroud repetiria vinte anos depois. Após a seleção francesa ter levantado o troféu, Guivarc'h foi elogiado em retrospectiva por ter corrido pelo time e conseguido reter a bola no ataque, mas os elogios soavam mais como críticas disfarçadas. No primeiro jogo da Eurocopa de 2000, a França contou com dois atacantes ultravelozes: Thierry Henry e Nicolas Anelka. Eles pertenciam a um universo diferente em relação a Guivarc'h, oferecendo mais velocidade, mais técnica e mais categoria. O outro titular a ter perdido o lugar no time desde a final da Copa do Mundo havia sido, não por acaso, o

aplicado meio-campista Christian Karembeu. Ou seja, a França deixou de usar três meios-campistas defensivos, escalando apenas dois, e aumentou o número de armas ofensivas, de três para quatro.

A seleção também tinha um novo treinador. Roger Lemerre havia sido auxiliar de Aimé Jacquet na Copa do Mundo, vindo a substituí-lo imediatamente após o título, e seu impacto foi amplamente ignorado até o triunfo na Eurocopa de 2000. Antes disso, ele era ridicularizado por seguir o mesmo modelo de jogo de seu antecessor, e sátiras o retratavam como um bajulador que havia sido promovido para além de suas capacidades e tomava decisões unicamente imaginando o que Jacquet faria em seu lugar — o que soa inacreditável em retrospectiva, considerando-se a evolução da equipe. É verdade que a adequação de Lemerre para o cargo era questionável; seus melhores trabalhos como técnico datavam dos anos 1970 e 1980, e, exceto por um breve período como interino no Lens em 1997, sua única experiência recente como treinador havia sido a passagem de uma década no comando do time do exército francês que venceu a Copa do Mundo Militar em 1995, derrotando por 1 × 0 a seleção iraniana — a qual, presume-se, tinha um bom contingente de onde selecionar seus jogadores. Não era a trajetória mais comum para se chegar ao comando da seleção nacional.

Esse era, no entanto, um padrão para os treinadores franceses da época: eram figuras discretas, de bastidores. Enquanto os técnicos holandeses davam aulas sobre suas filosofias e os italianos se apresentavam como estrategistas estudiosos, os franceses eram, de maneira apropriada, mais do tipo laissez-faire. Não eram ideólogos ou grandes mestres. Em vez disso, mantinham a mentalidade dos treinadores de categorias de base e acreditavam que a parte mais fundamental de seu trabalho era guiar os jogadores e ajudá-los a realizar seu potencial.

Além de Jacquet e Lemerre, os outros dois técnicos franceses mais famosos do período adotavam o mesmo estilo. Gérard Houllier, que viria a obter tremendo sucesso com cinco troféus conquistados comandando o Liverpool em 2001, era um antigo professor de colégio que, depois do enorme fracasso à frente da seleção francesa, deixando de classificá-la para a Copa do Mundo de 1994, passou os três anos seguintes dirigindo as seleções sub-18 e sub-20, onde treinou Anelka, Henry e David Trezeguet. Arsène Wenger, comandante do Arsenal, também parecia mais um professor do que um

treinador. Não se tratava de um grande inovador nos aspectos táticos, mas se especializou em transformar jovens talentosos em craques da elite mundial. “Eu sou, antes de mais nada, um educador”, declarou Wenger certa vez. Dois atletas que se beneficiaram de seus ensinamentos foram os atacantes da seleção francesa naquela estreia de Eurocopa em 2000, Anelka e Henry, o que significa que Wenger também merece enorme crédito pela transformação da filosofia futebolística de seu país. É igualmente relevante que tanto Anelka quanto Henry tenham sido lapidados em Clairefontaine, a academia nacional do futebol francês que acabou ficando famosa depois do duplo sucesso da seleção. Ela levou outras grandes nações europeias a reconsiderarem seu sistema de desenvolvimento de jovens e a se inspirarem no modelo francês de estrutura centralizada. O foco principal deveria ser a evolução dos atletas.

É importante salientar que Henry havia jogado a Copa do Mundo de 1998, marcando um gol contra a África do Sul e dois contra a Arábia Saudita na fase de grupos, muito embora tenha acabado no banco de reservas nos jogos de mata-mata, e que, durante sua malfadada passagem de seis meses pela Juventus na temporada 1998/99, ainda fosse considerado um ponta, não um centroavante. “Não sou como Trezeguet. Não esperem de mim uma mala cheia de gols”, afirmou ele em sua chegada à Itália, referindo-se ao grande amigo e antigo companheiro de ataque no Monaco, um típico atacante de área. A Juventus aceitou o conselho de maneira literal demais, chegando a usar Henry como ala em várias ocasiões antes de vendê-lo na janela de transferência seguinte e comprar Trezeguet no verão posterior. A má fase fez Henry ser rebaixado para a seleção sub-21, mesmo depois de ter participado do título mundial em 1998 pela seleção principal.

Anelka, enquanto isso, havia deixado o psg de maneira polêmica, levado por Wenger ao Arsenal numa transferência que explorou uma brecha na legislação francesa relativa à contratação de jovens atletas e permitiu ao técnico trazer o atacante — causando insatisfação generalizada em sua terra natal. Anelka era uma figura curiosa, que fazia pouco esforço para aprender inglês ou se comunicar com seus companheiros de equipe, mas que obteve sucesso imediato no futebol inglês por conta de sua impressionante velocidade. Ele marcou um dos gols da vitória do Arsenal na final da Copa da Inglaterra de 1998, arrancando rapidamente para receber no espaço às costas da defesa do Newcastle antes de finalizar. A primeira vez que marcou três gols na mesma partida pelo clube foi na goleada por 5 × 0 sobre o

Leicester, com três lances muito parecidos, em que usou a velocidade para alcançar lançamentos de Dennis Bergkamp — que dizia considerá-lo seu parceiro de ataque preferido. “O jogo de Nicolas se encaixava perfeitamente ao meu porque ele sempre procurava correr na direção do gol. Seu foco era disparar rumo ao gol e marcar, então ele adorava receber as bolas na corrida para ficar frente a frente com o goleiro.” Anelka, aliás, havia sido pré-convocado para a Copa do Mundo de 1998, mas ficou de fora da lista final, preterido em favor de Henry e Trezeguet.

Enquanto Henry encontrava dificuldades na Juventus, Anelka vivia um excelente momento no Arsenal ao longo da temporada de 1998/99, marcando dezessete gols que o credenciaram a ser o centroavante da seleção francesa. Depois de marcar os dois gols da vitória francesa por 2 × 0 sobre a Inglaterra em Wembley, em 1999, contra uma defesa dominada por seus companheiros de Arsenal, um empolgado Didier Deschamps, capitão francês, declarou à imprensa: “Encontramos nosso Ronaldo!”. Na Copa do Mundo de 1998, a reputação da seleção francesa havia ficado manchada pela falta de um atacante realmente capaz, e o rescaldo da final se concentrou mais no misterioso problema de saúde de Ronaldo do que na vitória do time da casa. Agora, a França redesenhava o cenário, pois passava a contar com um centroavante genuinamente talentoso.

Aliás, dois. Anelka trocou o Arsenal pelo Real Madrid em 1999 e Henry o substituiu pela metade do preço. Foi um ótimo negócio do clube inglês, que ganhou em qualidade e lucrou financeiramente, mesmo que Wenger tenha confessado mais tarde que uma das coisas que mais lamentava era nunca ter conseguido usar Anelka e Henry juntos. Lemerre, por outro lado, gozou desse privilégio na seleção, e sua dupla de ataque era promessa de pesadelo para defensores lentos das zagas rivais. Na estreia da Eurocopa de 2000, a velocidade de Henry e Anelka explorando as costas da defesa causou muitos problemas para a Dinamarca. Houve um primeiro alerta logo cedo, quando Zidane enfiou ótima bola para Anelka, que driblou o goleiro Peter Schmeichel mas chutou para fora, enquanto Henry reclamava por não ter recebido o passe com o gol vazio. O placar foi aberto quando Anelka fez uma infiltração pelo corredor direito, Schmeichel saiu para bloqueá-lo e a bola sobrou para Blanc, em um de seus arrojados avanços desde a defesa, apenas completar para o gol.

O padrão continuou o mesmo, e a França seguiu castigando a defesa

dinamarquesa com a velocidade de seus dois atacantes. Já no fim do primeiro tempo, Henry recebeu a bola aberto pelo lado esquerdo, arrancou para cima dos defensores e acertou a rede pelo lado de fora. No início do segundo, um lançamento longo em diagonal de Blanc encontrou Henry, que chutou para fora enquanto os defensores adversários gesticulavam uns para os outros, incapazes de acompanhar o ritmo. Henry marcou o segundo gol em um contra-ataque, recebendo a bola na linha de meio de campo e simplesmente disparando em direção à meta adversária, sem que ninguém fosse capaz de chegar perto dele, até a finalização na saída de Schmeichel. O gol não teve nada além de pura velocidade: nenhuma troca de passes, assistência inteligente ou deslocamentos para distrair a atenção da marcação. O placar foi fechado com mais uma enfiada de bola para dois jogadores franceses que disparavam por trás da defesa. Dessa vez, o lance envolveu dois reservas que haviam entrado no jogo, com Henry acionando Patrick Vieira, seu companheiro de Arsenal, que deixou Sylvain Wiltord — prestes a se juntar a eles em Highbury — sozinho para marcar. Todos os gols se valeram da velocidade dos jogadores. Aquela era uma nova França.

Na segunda partida, uma vitória por 2 × 1 sobre a República Tcheca, Henry abriu o placar da maneira esperada, finalizando a jogada depois de receber a bola por trás da defesa, muito embora a origem do lance, nesse caso, tenha sido o recuo terrivelmente equivocado do zagueiro tcheco Petr Gabriel. O segundo veio com Djorkaeff passando a bola por elevação para Henry, que mais uma vez fazia sua típica corrida pelo corredor esquerdo; o atacante do Arsenal, então, devolveu a bola para que Djorkaeff concluísse a jogada.

Com o time já classificado, Lemerre poupou quase todos os titulares na derrota por 3 × 2 para a anfitriã Holanda na última rodada da fase de grupos. Nas quartas de final contra a Espanha, a França derrapou ao tentar uma abordagem diferente, que não confiava tanto na velocidade. Lemerre colocou em campo um 4-2-3-1 com Djorkaeff e Christophe Dugarry nos lados do campo, flutuando para o meio em vez de buscar as infiltrações às costas da defesa. Henry foi escalado como atacante único, numa função que não gostava de desempenhar, e teve seu jogo mais discreto do torneio na vitória pouco convincente da França por 2 × 1.

Na semifinal, os franceses venceram Portugal por 2 × 1 voltando à sua formação básica. Ao analisar o rival, antes do jogo, Lemerre notou que a defesa portuguesa não era particularmente rápida. “Foi por isso que

optamos por injetar mais velocidade no nosso jogo", lembrou o ponta Robert Pires, mais um francês prestes a se juntar ao Arsenal. "Por isso Henry e Anelka iniciaram a partida. Ele queria que jogássemos pelos lados porque os zagueiros deles (Fernando Couto e Jorge Costa) eram fortes e bons pelo alto." O problema, no entanto, era que Portugal se defendia com um bloco mais recuado que os adversários anteriores e, portanto, fazer lançamentos em profundidade não era uma estratégia eficaz. Mesmo assim, Anelka, avançando pelo corredor direito, cruzou para trás, encontrando Henry, que marcou o gol de empate; Zidane converteu um pênalti já nos minutos finais da prorrogação, decidindo o jogo. A penalidade máxima havia sido conseguida pelos dois atacantes reservas: Wiltord e Trezeguet, que entraram nos lugares de Anelka e Henry, trocaram passes e criaram a jogada concluída com o chute de Wiltord que forçou o defensor Abel Xavier a evitar com a mão o gol certo.

O impacto dos dois substitutos prenunciou os últimos minutos da partida decisiva contra a Itália. Depois de Lemerre mais uma vez ter optado, sem sucesso, pelo 4-2-3-1 com Henry sozinho à frente, e de a França ter sofrido o primeiro gol, Djorkaeff e Christophe Dugarry foram sacrificados para as entradas de Wiltord e Trezeguet, respectivamente. No último ataque do tempo normal, o chutão de Barthez foi desviado de cabeça por Trezeguet em direção a Wiltord, que matou no peito, ajeitou o corpo e acertou um belo chute rasteiro de pé esquerdo, por baixo de Francesco Toldo. O jogo foi para a prorrogação com os franceses demonstrando mais energia e velocidade que os perplexos italianos. A última substituição de Lemerre acabou sendo igualmente fundamental. Pires — que havia entrado no lugar de Lizarazu nos últimos minutos do tempo regulamentar, quando o treinador decidira lançar o time todo ao ataque — passou por dois marcadores pelo lado esquerdo, segurando a passada e depois acelerando, e em seguida cruzou para trás. Trezeguet acertou um foguete de pé esquerdo no ângulo: o gol de ouro que liquidou o torneio. Dois anos antes, a França havia se sagrado campeã mundial pelos méritos defensivos; na Eurocopa de 2000, porém, somente em uma partida — a estreia — sua defesa não foi vazada, mas a equipe passara a confiar em sua capacidade de marcar mais gols que o adversário. Mais do que qualquer outra coisa, a seleção francesa tinha sido abençoada com uma grande profusão de talento no ataque, algo inimaginável apenas dois anos antes.

O quarteto formado por Anelka, Henry, Wiltord e Trezeguet não oferecia

apenas velocidade e faro de gol, mas também quatro opções táticas distintas. Anelka era visto principalmente como um centroavante de ofício, mas preferia jogar um pouco mais recuado. Henry era algo entre um ponta esquerda e um centroavante, enquanto Wiltord apresentava perfil parecido, mas jogando pelo lado oposto. Trezeguet era um centroavante puro, mas não era lento, e funcionava muito bem, melhor que os companheiros, recebendo cruzamentos — o que o tornava, de certa forma, diferente. "As pessoas não param de falar sobre como Henry e Anelka são velozes", disse seu pai, Jorge, ex-jogador profissional. "Mas o David pensa rápido. Sua velocidade está na cabeça. Acho que, na final, ele provou que aquilo que os outros fazem com as pernas, ele consegue fazer mentalmente em um segundo."

Henry, no entanto, era o principal atacante, e a Eurocopa de 2000 foi possivelmente a única ocasião em que ele conseguiu transpor sua boa fase do Arsenal para a seleção nacional. "Thierry ganhou muita confiança durante o torneio", lembrou Vieira, companheiro de clube e seleção. "Ele tentou muitas coisas novas. Eu o conhecia bem e sentia que, quando ele jogava pela França, segurava-se um pouco. Pelo Arsenal era capaz de pegar a bola e passar por dois ou três adversários antes de cruzar ou marcar o gol. Pela seleção ele não se sentia tão livre para isso — mas, na Eurocopa, conseguiu."

A França chegou à Copa do Mundo de 2002 como favorita ao lado da Argentina de Marcelo Bielsa, e as opções de ataque de Lemerre já eram conhecidas: Henry, Trezeguet e Wiltord. Anelka, no entanto, tinha ficado de fora porque os franceses haviam descoberto um atacante ainda mais rápido: Djibril Cissé.

A ascensão de Cissé foi, muito apropriadamente, rapidíssima. Ele havia iniciado seu primeiro jogo na Ligue 1 apenas um mês depois de a seleção ter conquistado a Eurocopa, e só se tornaria titular do Auxerre de Guy Roux na primavera seguinte. Roux era mais um técnico francês conhecido pelo desenvolvimento de jovens talentos, tendo ajudado a formar jogadores como Eric Cantona, Laurent Blanc e Basile Boli durante sua extraordinária e incomparável jornada no comando do Auxerre, de 1961 a 2005. Jogando ao lado de Guivarc'h, Cissé marcou oito gols na temporada 2000/01, e 22 em 2001/02, terminando como artilheiro da Ligue 1, mas seu treinador parecia não entender a empolgação que cercava o jovem atacante. "Ele tem um pé

direito razoável, um pé esquerdo ruim e não sabe cabecear. Então, por que toda a badalação?", questionou Roux, depois de Cissé ter alcançado o topo da tabela de artilheiros. O comedimento do técnico era provavelmente uma tentativa de manter os pés de Cissé no chão, muito embora as críticas tivessem certa razão; muitos questionavam se Cissé era realmente talentoso, mas sua inacreditável velocidade o tornava extremamente perigoso naquele Auxerre talhado para jogar no contra-ataque.

Cissé nunca realizou de fato todo o seu potencial, em parte por ter quebrado as duas pernas depois de sua chegada ao Liverpool, que o contratou a pedido de Houllier — o qual também foi buscar em seu país natal a dupla de ataque do título mundial sub-17 da França, os primos Anthony Le Tallec e Florent Sinama Pongolle. Jovens atacantes franceses eram o sonho de consumo na Premier League: o Arsenal descobriu Jérémie Aliadière e o Manchester United trouxe David Bellion. Nenhum dos quatro chegou à seleção principal, mas o desespero por contratar garotos franceses para o ataque revelava o entusiasmo em relação aos talentos forjados do outro lado do Canal da Mancha.

A França havia sido campeã do mundo sem um grande artilheiro. Mas quatro anos depois viajou para a Copa do Mundo no Japão e na Coréia com o objetivo de lutar pelo bicampeonato como favorita, com nada menos que três atacantes que haviam acabado de terminar a temporada como artilheiros em grandes ligas europeias: Cissé na França, Henry na Inglaterra e Trezeguet na Itália. Não se sabe como, porém, a seleção foi eliminada na fase de grupos do torneio, sem conseguir marcar um único gol. E, ainda mais estranho, o modo como fracassou apenas reforçava a reputação francesa como produtora de atacantes velocistas.

A queda da França se anunciou logo na primeira partida: uma surpreendente derrota por 1 × 0 para a seleção de Senegal, estreante em Copas do Mundo. A identidade do adversário era significativa; os senegaleses vinham sendo subestimados antes da partida, chamados de "seleção B da França", já que 21 dos 23 convocados atuavam no Campeonato Francês. As únicas exceções eram os dois goleiros reservas. A crítica implícita era que qualquer jogador nascido no Senegal e criado na França, se tivesse qualidade suficiente, escolheria jogar pela seleção mais forte, como aconteceu no caso de Patrick Vieira. Era uma simplificação das coisas e, apesar de a maioria dos atletas realmente ter se mudado para a

França na adolescência e sido formada por clubes franceses, apenas dois deles tinham nascido em solo francês e não senegalês. O técnico da equipe, o cabeludo e carismático Bruno Metsu, também era francês e acreditava que seu país natal era o favorito à conquista do título — mas insistia que sua equipe seria capaz de competir. "As pessoas estão dizendo que somos o time reserva da França, mas alguns dos nossos jogadores são tão bons quanto os do time deles."

A maior arma senegalesa era El-Hadji Diouf, do Lens, mais um jovem atacante que dependia da velocidade. Seu desempenho como principal homem de ataque no clube francês era irregular, mas ele havia sido eleito o melhor jogador africano no ano anterior, depois de marcar duas vezes três gols numa mesma partida em jogos das eliminatórias da Copa e de ter ajudado sua seleção a chegar à final da Copa Africana de Nações, a melhor campanha da história do Senegal. Diouf acabaria se tornando uma das figuras mais impopulares do mundo do futebol, sempre arrumando encrenca em episódios de mau comportamento — incluindo vários incidentes em que cometeu o maior crime para um futebolista: cuspir em um colega de profissão. No início da Copa do Mundo de 2002, no entanto, era possivelmente o jogador que gerava mais expectativas e já havia sido contratado pelo Liverpool de Houllier, cujo palpite era de que, se Diouf fizesse uma boa Copa, seu preço iria às alturas, portanto decidiu agir rápido.

Antes do confronto, Metsu mostrou a seus jogadores uma série de vídeos dos jogos da França e, em vez de ressaltar as qualidades dos rivais, enfatizou as fraquezas da equipe que vinha defender o título. A principal delas era a lentidão da defesa: Thuram tinha 30 anos, Desailly, 33, Leboeuf, 34, e Lizarazu, 31. Diouf, 21 anos de idade. "Vejamos se os aprendizes são capazes de ensinar uma coisa ou outra aos mestres", disse Metsu a seus jogadores antes do apito inicial.

A estratégia senegalesa era simples: povoar o meio de campo, a fim de dificultar a vida dos jogadores mais criativos da França, e fazer rápidas ligações com passes em profundidade para Diouf. A insistência nessa tática fez o atacante alcançar um recorde um tanto peculiar: na longa história das Copas do Mundo, nenhum outro jogador conseguiu ser pego em impedimento dez vezes em noventa minutos. Mas, nas raras ocasião em que ele sincronizou bem sua corrida, a França não conseguiu reagir. Em uma

disparada pelo corredor direito, Diouf deixou Desailly para trás, desesperado na tentativa de alcançá-lo, e criou a primeira chance do jogo para Khalilou Fadiga, do Auxerre. Disparando pelo lado esquerdo, fez exatamente a mesma coisa com Leboeuf, e seu companheiro no Lens, Papa Bouba Diop, não desperdiçou a chance, finalizando na pequena área antes de correr para a bandeirinha de escanteio e estender sua camisa no chão para que seus companheiros, de forma memorável, dançassem ao redor dela. O gol foi uma demonstração perfeita do plano de jogo senegalês — explorar a velocidade de Diouf no contra-ataque com os meios-campistas chegando por trás — e talvez tenha sido um dos melhores momentos de uma Copa do Mundo que, de modo geral, foi decepcionante.

Na sua vez de atacar, a França não teve sorte, com Trezeguet e Henry acertando a trave, mas não havia desculpas possíveis no apito final. "Ao concentrar cinco jogadores no meio de campo, meu amigo Metsu elaborou um bom plano", admitiu Lemerre. "Individualmente e coletivamente, não conseguimos encontrar soluções. A seleção de Senegal foi melhor que a nossa." Foi uma derrota para a França, mas, de certa forma, uma vitória para a Ligue 1: a equipe senegalesa tinha os onze titulares jogando na primeira divisão da França, enquanto o time francês, apenas um.

Os franceses não conseguiram se recuperar. Henry foi expulso por um carrinho imprudente na segunda partida, um tedioso empate em 0 × 0 contra o Uruguai, e estava suspenso no último confronto do grupo, contra a Dinamarca, em que a França foi batida de forma categórica. Zidane retornou, mas claramente não estava em boa forma física. A eliminação da França causou enorme surpresa, muito embora a outra favorita, a Argentina, também tenha ido para casa depois da primeira fase, em um torneio dominado por azarões. De maneira geral, esses acontecimentos foram atribuídos ao cansaço dos principais atletas, e a França sofreu mais do que a maioria por ter disputado a Copa das Confederações no ano anterior. Mas a impressão que ficou foi a de que a seleção francesa não conseguira se recuperar da derrota para a "França reserva", e o time de Metsu acabou sendo a grande revelação da Copa do Mundo, produzindo um excelente futebol de contra-ataques e chegando a marcar um dos gols mais bonitos do torneio, anotado por Salif Diao contra a Dinamarca. Senegal chegou às quartas de final, igualando a melhor performance de uma seleção africana na história. Diouf era claramente o maior talento do time e também foi responsável pelo resumo mais preciso da campanha ao

declarar, às vésperas da eliminação para a Turquia: “Hoje nós representamos Senegal, a África, mas também a França”.

Henry viveu uma Copa do Mundo terrivelmente decepcionante, mas manteve o status de atacante mais reverenciado da Europa. No período entre a Eurocopa de 2000 e a de 2004, com seus 95 gols marcados, nenhum outro jogador de ataque nas principais ligas chegou perto dele. Se excluirmos Mateja Kežman, que inflava seus números em uma Eredivisie pouco competitiva e marcou 105 gols, o atacante mais próximo de Henry na lista, o português Pauleta, anotou 83 gols jogando por Bordeaux e psg. Henry também era o jogador mais consistente do continente, independentemente de posição. Embora nunca tenha vencido a Bola de Ouro, nenhum outro atleta ficou entre os dez primeiros colocados na votação em todos os anos entre 2000 e 2004. É possível que o que lhe faltou para que conquistasse o maior prêmio individual do futebol tenha sido um gol verdadeiramente decisivo. Tirando a Copa das Confederações em 2003, Henry nunca marcou em uma final, o que é de certo modo uma anomalia para um artilheiro tão prolífico.

Ainda que Henry tenha resolvido os problemas da seleção francesa no ataque, e fosse uma verdadeira máquina de fazer gols — foi artilheiro da Premier League quatro vezes e se tornou o maior artilheiro da história do Arsenal —, o aspecto mais fundamental de seu jogo era justamente o fato de ele não ser um centroavante puro. Henry tinha se inspirado em seu predecessor no Mônaco, George Weah, e na dupla de brasileiros Romário e Ronaldo, explicando que eles haviam reinventado a posição de centroavante ao variar muito seu posicionamento, “desorientando os defensores com seus piques em velocidade, suas mudanças na aceleração e seus dribles”. No nível de clubes, Henry esteve em constante disputa contra o holandês Ruud van Nistelrooy, do Manchester United, pela Chuteira de Ouro. Seu rival era um artilheiro clássico, mas Henry venceu a batalha pessoal em quatro das cinco temporadas em que os dois se enfrentaram na Inglaterra. Na única vez em que Van Nistelrooy ficou à frente, na temporada 2002/03, Henry bateu o recorde de assistências da Premier League — que perdura até hoje. Ele era um artilheiro de elite e um criador de jogadas de elite.

Quando chegou a vez da Eurocopa de 2004, a França havia aumentado ainda mais o seu leque de atacantes rápidos, mesmo considerando as ausências de Cissé e Anelka. Cissé ficou de fora por uma razão peculiar.

Mesmo tendo jogado regularmente pela seleção principal nos dois anos anteriores, foi levado, com certo cinismo da federação de seu país, de volta ao time sub-21, em manobra para garantir a classificação francesa contra Portugal em um jogo eliminatório. Cissé não só viu sua equipe ser eliminada, como conseguiu ser expulso por um lance violento e levou uma suspensão de cinco jogos que, na prática, o tirou da Eurocopa. Anelka, por sua vez, estava atuando pelo Manchester City e tinha péssima relação com o novo comandante da seleção, Jacques Santini, que afirmou ter "10 mil jogadores" à frente de Anelka em sua lista de possíveis convocados. Era um leve exagero, mas Santini certamente contava com boas opções e escolheu nada menos que seis atacantes para a competição continental. Ao lado de Henry, Trezeguet e Wiltord estavam Sidney Govou, Steve Marlet e Louis Saha.

Govou era mais um dos que pareciam ser mais velocistas do que jogadores de futebol. Provavelmente o mais rápido entre os convocados, ele havia surgido no Lyon em 2001 e se revelado a toda a Europa com duas finalizações brilhantes na memorável goleada de seu time por 3 × 0 sobre o Bayern de Munique. Govou formava dupla de ataque com o tanque brasileiro Sonny Anderson, que havia jogado com Henry no Monaco e, portanto, estava bem situado para comparar os dois: "Ele me lembra muito Thierry, mas Sidney é mais explosivo". Era uma análise que dizia muito, não apenas sobre a grande velocidade de Govou, mas igualmente sobre como Henry havia se tornado a referência óbvia para qualquer atacante francês em início de carreira. Da mesma forma que a Argentina seguia obcecada na busca pelo novo Maradona, a França já começava a procurar pelo novo Henry. Ele foi o modelo para a geração seguinte de jogadores de ataque franceses, como Anthony Martial e Kylian Mbappé — dois atletas que ascenderam para a fama no Monaco, o primeiro clube de Henry.

Govou, porém, sofreu para mostrar seu potencial de maneira consistente por causa das constantes lesões. Ele era impressionante nos dribles em velocidade e às vezes ainda conseguia bons chutes de longa distância, mas nunca foi um grande artilheiro, e com frequência se afobava ao ficar cara a cara com o goleiro. Assim, mesmo tendo iniciado a carreira como centroavante promissor, Govou acabou se tornando ponta-direita. Era um padrão comum entre esses jovens — Wiltord foi jogar pela direita no Arsenal, Diouf e Cissé jogavam abertos no Liverpool e Marlet, inicialmente considerado centroavante em sua chegada ao Fulham, em 2001, acabou

sendo usado aberto pelo lado direito na seleção, quando ficaram claras suas dificuldades para marcar gols. Henry, claro, tinha feito o caminho inverso, a partir da esquerda, mudando da ponta para o comando do ataque.

Sob a batuta do compatriota Jean Tigana, magnífico meio-campista da seleção campeã europeia em 1984, Marlet jogava ao lado de Saha no ataque do Fulham. Saha também era considerado um ponta quando começou a carreira, e dizia que Tigana fora o responsável por lhe dar a confiança necessária para jogar centralizado na frente. Seu bom momento como artilheiro levou o Manchester United a contratá-lo, e ele acabou vencendo a Champions League pelo clube. Saha foi mais um a sofrer com lesões, mas, em seus melhores dias, talvez tenha sido o mais completo de todos esses atacantes franceses, combinando a velocidade de Henry com o jogo aéreo de Trezeguet, além de saber finalizar com os dois pés. Era mais um atleta formado na já renomada academia de Clairefontaine, onde havia chegado junto com Anelka e Henry.

Os três se tornaram amigos próximos, em parte porque compartilhavam histórias parecidas. "Nossas famílias vieram do Caribe e costumávamos conversar em língua crioula", recordou Saha a respeito de seus dias em Clairefontaine. "Passávamos juntos as férias com a família de Thierry na casa dos pais dele nas Antilhas." Esse era um traço comum dessa nova leva de atacantes franceses, todos filhos de pais imigrantes, geralmente saídos das colônias caribenhas. As famílias de Anelka, Wiltord e Marlet eram da Martinica, os pais de Saha vinham da vizinha Guadalupe, e os de Henry eram cada um de uma das ilhas. Guadalupe e Martinica são territórios franceses, e não nações independentes e, portanto, não são membros da Fifa. Mas, como disse Henry: "Se houvesse uma seleção nacional das Antilhas, seria a minha seleção, da mesma forma como os jogadores de origem senegalesa querem usar as cores de seu país". Certa vez, ao marcar dois gols em uma vitória por 3 × 1 sobre o Manchester United, depois de dois erros de seu compatriota Barthez, Henry levantou a camisa sobre a cabeça e mostrou uma camiseta por baixo que dizia "Pelas Índias Ocidentais".[1] Já os pais de Govou eram do Benin, os de Trezeguet, da Argentina (seu pai, aliás, jogou pelo Chacarita), e os de Cissé, da Costa do Marfim (o pai deste, por sua vez, foi capitão da seleção nacional).

Essa faceta multicultural passou a ser o aspecto mais debatido da seleção francesa, e recebeu extensiva cobertura ante a ascensão em popularidade do

político de extrema-direita Jean-Marie Le Pen, sempre histriônico em relação à composição étnica do elenco. A vitória na Copa do Mundo de 1998 foi amplamente considerada um triunfo do multiculturalismo da França. Depois da conquista e durante esse período de domínio francês no futebol europeu, os oito jogadores de ataque que representaram a seleção nacional em grandes torneios internacionais, de 2000 a 2004 — Henry, Anelka, Wiltord, Trezeguet, Saha, Marlet, Govou e Cissé —, eram todos nascidos em solo francês, mas com pais vindos de fora do país. Le Pen reclamava que esses jogadores não representavam a França, mas a verdade era o oposto: eles deram à França a identidade futebolística de que ela precisara desesperadamente em 1998.

1 Em inglês, West Indies é uma referência genérica às colônias e ex-colônias da Europa no Caribe. (N.T.)

O camisa 10

O jogador mais celebrado do mundo durante essa era de domínio da França foi, naturalmente, um francês. Zinedine Zidane foi eleito o melhor jogador da Eurocopa de 2000, tornou-se o jogador mais caro do mundo no ano seguinte, quando trocou a Juventus pelo Real Madrid, e marcou o gol mais sensacional desse período em 2002, quando seu magnífico sem-pulo de pé esquerdo valeu o título da Champions League.

Zidane era um armador elegante, venerado por sua incomparável qualidade técnica. Controlava a bola com graça, era maravilhosamente ambidestro e exibia um arsenal de truques que atestavam todo o seu equilíbrio e toda a sua classe. Um movimento em particular ficou conhecido pelo nome de seu local de nascimento: no "giro de Marselha", Zidane pisava na bola com o pé direito, rodava sobre o próprio eixo e imediatamente puxava a bola com a sola do pé esquerdo, livrando-se do marcador e seguindo com o lance. Um atleta que inspirava poesia e obras cinematográficas, que foi descrito em biografias quase como um conceito abstrato, e que era exatamente o tipo de jogador que a França vinha desesperadamente tentando formar.

Depois da Segunda Guerra Mundial, o futebol francês se transformou em uma batalha entre duas ideologias opostas: um lado apostava na força física e no trabalho duro, enquanto o outro enfatizava a técnica e o estilo. A primeira abordagem era representada por Georges Boulogne, que a partir de 1958 elaborou o currículo de formação dos treinadores franceses. Ele acreditava que o futebol de seu país se preocupava demais com o entretenimento e o espetáculo, e usava palavras como "organização", "esforço" e "produtividade" para explicar sua filosofia. Boulogne chegou a ser técnico da seleção nacional, mas teve desempenho ruim — o país nem sequer se classificou para as Copas do Mundo de 1970 e 1974, assim como para a Eurocopa de 1972 — e depois se tornou o primeiro diretor técnico nacional da França ao longo dos dez anos seguintes. Ninguém influenciou mais o futebol francês durante esse período e, apesar de Boulogne merecer crédito pela introdução das academias de formação de jovens talentos, seu tipo de futebol nunca teria produzido um Zidane.

O maior expoente da abordagem oposta era Albert Batteux, o treinador mais vitorioso da história do futebol francês. Nos anos 1950 e 1960, Batteux venceu o campeonato nacional cinco vezes com o Reims, levou a seleção à terceira posição na Copa do Mundo de 1958 e, mais tarde, conquistou outros três campeonatos com o Saint-Étienne. Numa época em que o jogo físico dominava o futebol francês, Batteux ressaltava a importância de oferecer um espetáculo aos torcedores, com passes rápidos, dribles diretos e brilho individual. "Planeje o jogo para que o talento floresça", foi o seu lema. O principal jogador de seu Reims era o lendário Raymond Kopa, que fez sucesso mais tarde atuando pelo lado direito do ataque do Real Madrid e chegou a ganhar uma Bola de Ouro, muito embora Batteux o utilizasse como camisa 10, ditando o ritmo do jogo atrás de dois atacantes.

Naquele time do Reims, quem jogava aberto pela direita era Michel Hidalgo, outro nome importante que se tornaria técnico da seleção francesa em 1976, mantendo-se fiel aos ensinamentos do antigo comandante. Hidalgo levou a França às semifinais da Copa do Mundo de 1982, só perdendo para a Alemanha Ocidental nos pênaltis depois de um empate por 3 × 3, num jogo considerado por muitos como o melhor da história das Copas do Mundo. Dois anos depois, liderou a seleção na conquista da Eurocopa em casa, com Michel Platini se sagrando artilheiro da competição com nove gols em cinco jogos, mesmo sendo mais um camisa 10 do que um centroavante. Essa, portanto, é a linhagem que originou Zidane: o futebol de estilo criativo promovido por Batteux e Hidalgo, somado à importância dedicada ao papel do camisa 10, popularizado por Kopa e, em especial, por Platini. Zidane tinha um grande desafio pela frente, e seguiria os passos de seus dois predecessores, atuando cinco anos na Juventus, ex-clube de Platini, e mais cinco no Real Madrid, onde jogou Kopa.

Platini era sua referência mais óbvia. Mesmo quando os técnicos falavam em não rotulá-lo, eram inevitáveis as comparações. "É preciso ter cuidado para não estereotipar jogadores, não perder de vista seu encanto e talento pessoais", alertou Gérard Houllier, diretor técnico da França, quando Zidane foi convocado pela primeira vez para a seleção principal. "Precisamos confiar no trabalho de equipe, e é possível encontrar um sistema sofisticado, mas um jogador extraordinário pode trazer uma qualidade adicional e fazer a diferença num lance. Era o que Platini tinha, o que Johan Cruyff conseguia fazer e o que Zidane é capaz de fazer também." Quando Zidane entrou pela primeira vez no vestiário da Juventus, foi

imediatamente direcionado a um canto específico porque aquele havia sido o espaço de Platini.

“É um fardo pesado demais para carregar”, reclamou ele no início de sua passagem pelo clube italiano. “As pessoas precisam entender que eu nunca serei Platini. Não sou um líder e nunca serei.” Platini era um dos dois jogadores sempre citados por Zidane como ídolo. O outro era o camisa 10 uruguaio Enzo Francescoli, que jogou apenas uma temporada solitária no Olympique de Marseille, clube de infância de Zidane, alcançando o título nacional e as semifinais da Copa dos Campeões da Europa em 1989/90. “Eu amava a elegância dele”, disse Zidane. “Quando eu via Francescoli jogar, ele era o jogador que eu queria ser. Enzo era como um Deus.” O filho mais velho de Zidane, que jogou pela seleção sub-19 da França, se chama Enzo.

Enquanto Zidane tentava desesperadamente se livrar das comparações, Platini adorava falar sobre a continuação da tradição do camisa 10 francês. Antes de ir trabalhar na gestão do futebol, Platini era um romântico autodeclarado, que parecia se considerar o porta-voz oficial de sua antiga posição em campo. “O número 10 sempre representou certas qualidades especiais em um jogador. Ele é o criador de jogadas que também sabe fazer gols. (…) No futebol atual, há pouquíssimos jogadores com o estilo de Zidane. Temos Rui Costa no Campeonato Italiano e, na Inglaterra, o último verdadeiro camisa 10 que vi em ação foi Gary McAllister. Esse tipo de jogador está desaparecendo, e eu realmente quero que as coisas caminhem bem para Zidane, para que os treinadores contratem mais jogadores como ele. Nem Barcelona nem Real Madrid têm um verdadeiro camisa 10. A última vez que Rivaldo passou a bola foi provavelmente quando ainda estava na escola.”

Rui Costa não esteve na Copa do Mundo de 1998 porque Portugal não se classificou, e McAllister — uma referência um pouco mais surpreendente — ficou de fora por lesão. Platini, líder do comitê organizador do torneio, afirmou então que havia apenas dois verdadeiros camisas 10 na Copa do Mundo: o argentino Ariel Ortega e, claro, Zidane. Ele ficou eufórico quando seu compatriota foi premiado com a Bola de Ouro daquele ano. “Aqueles que amam o futebol precisam estar felizes, porque o exemplo de Zidane traz credibilidade à camisa 10 e dá vida nova a um tipo de jogador que está ameaçado de extinção”, declarou. Foi a única Bola de Ouro conquistada por Zidane, o que o deixou com duas a menos que o próprio

Platini.

Zidane acabou sendo o garoto-propaganda do triunfo francês em casa, marcando dois gols na vitória por 3 × 0 sobre o Brasil na final. Mas a Copa do Mundo havia sido, na verdade, decepcionante para ele até aquele último jogo. Sua expulsão na goleada por 4 × 0 sobre a Arábia Saudita pela fase de grupos, por um pisão em Fuad Amin, resultou numa suspensão de duas partidas, com sua ausência praticamente eclipsando o progresso da seleção, tamanha a ansiedade para que as atuações do time fossem iluminadas pelo talento de seu camisa 10. Ele retornou no empate sem gols contra a Itália nas quartas de final, mas não foi decisivo e fez uma partida apenas razoável; em grande parte do jogo, foi anulado por Gianluca Pessotto, seu companheiro na Juventus, que jogou fora de posição para vigiar o melhor jogador francês — numa manobra tipicamente italiana. Zidane foi igualmente discreto na semifinal contra a Croácia, antes de seu impacto crucial no jogo final. Seus dois gols foram semelhantes: ambos saíram de cabeça depois de cobranças de escanteio, longe de serem grandes exemplos de sua genialidade.

A imagem de Zidane foi projetada no Arco do Triunfo enquanto os parisienses festejavam na avenida Champs-Élysées, mas ele não tinha sido um dos melhores jogadores do time durante o torneio. Também havia frustrado as expectativas dois anos antes, na Eurocopa de 1996, quando um acidente de carro pouco antes do torneio atrapalhou sua preparação física. Ao chegar à Eurocopa de 2000, portanto, Zidane ainda precisava provar seu talento em uma grande competição de seleções, mesmo que tivesse marcado dois gols em uma final de Copa do Mundo e já houvesse conquistado a Bola de Ouro. "Estamos definitivamente melhores que dois anos atrás", prometeu ele às vésperas da estreia. "Todos são dois anos mais velhos e experientes, e jogamos nos melhores campeonatos da Europa. Agora temos cinco atacantes de qualidade incrível, que é o que nos faltava na Copa do Mundo. Falando por mim, eu me sinto maduro agora, com 28 anos, e sinto que alcancei o auge da minha arte."

Poucos jogadores poderiam se referir às suas performances usando a palavra "arte", mas a qualidade técnica de Zidane justificava o termo, com a Eurocopa de 2000 se revelando o palco perfeito. O torneio foi um maravilhoso festival de futebol aberto e ofensivo, um contraste gritante com a Eurocopa de 1992, disputada nos últimos dias antes da mudança na regra

do recuo para o goleiro, e com a Eurocopa de 1996, que teve uma vergonhosa média de 2,06 gols por jogo. Os outros semifinalistas igualmente contavam com craques sublimes vestindo a camisa 10: Dennis Bergkamp pela Holanda, Rui Costa por Portugal e Francesco Totti pela Itália. Mas quem de fato dominou o torneio foi Zidane. O meia francês foi impressionante na fase de grupos e magnífico no mata-mata.

Nas quartas de final, a vitória sobre a Espanha foi apertada. O placar final foi de 2 × 1, mas o espanhol Raúl González perdeu um pênalti no último minuto. Roger Lemerre levou a campo um 4-2-3-1 com Thierry Henry no ataque e Zidane ao lado de dois jogadores criativos: Youri Djorkaeff e Christophe Dugarry. Eles trocavam de posição e flutuavam por dentro para sobrecarregar a defesa espanhola entre as linhas. No papel, Djorkaeff atuava pela esquerda, mas foi se movimentando por dentro que ele sofreu a falta cobrada com categoria por Zidane no primeiro gol francês. Depois, o próprio Djorkaeff marcou o gol da vitória se infiltrando pelo corredor direito, alcançando um lançamento de Patrick Vieira. A presença de vários jogadores criativos no time francês provocou constantes dificuldades para o time espanhol.

Djorkaeff, aliás, era outro excelente camisa 10 e contribuiu de maneira decisiva para o sucesso francês ao longo dos anos. Seu gol mais importante foi em 1995: uma cobrança de falta que empatou o confronto contra a Polônia nas eliminatórias para a Eurocopa de 1996 e provavelmente salvou o emprego de Aimé Jacquet. Nas fases de mata-mata daquela Eurocopa — quando a França chegou às semifinais — e da Copa do Mundo de 1998 — quando foi campeã —, Jacquet usou um 4-3-2-1, formação conhecida como "árvore de Natal", com Zidane e Djorkaeff flutuando juntos atrás de um atacante centralizado. Em geral, Zidane recuava para participar no meio de campo e Djorkaeff chegava mais ao ataque. Mais tarde, Djorkaeff afirmou que o sistema havia sido ideia sua, já que estava cansado das críticas que o colocavam contra Zidane. Ele acreditava não haver razão para que os dois não pudessem jogar juntos, ainda mais com a falta de atacantes qualificados no elenco francês. Isto dito, o jogador também provocou polêmica após a eliminação na Eurocopa de 1996 na disputa por pênaltis, depois de um empate sem gols contra a República Tcheca, ao afirmar que Zidane deveria ter sido substituído.

"Youri é o tipo de jogador que ninguém consegue parar", disse o capitão da

seleção, Didier Deschamps. “E ele também sabe fazer gols.” Em 1993/94, Djorkaeff foi artilheiro da primeira divisão francesa com vinte gols, e suas três temporadas na Serie A com a Inter foram todas mais prolificas, em termos de gols, que as cinco de Zidane com a Juventus. Nesse sentido, provavelmente era Djorkaeff — e não Zidane — o jogador mais parecido com Platini, pois ele calculava muito bem o momento de chegar à área para finalizar as jogadas.

“A comparação me deixa lisonjeado”, disse Djorkaeff, quando perguntado sobre Platini. Ambos também compartilhavam a crença na importância dos camisas 10. “Sem eles, nada é possível dentro do jogo. Quando Alessandro Del Piero surgiu, Platini disse que ele era um 9,5, e não um 10. O mesmo serve para Roberto Baggio. Eu me considero mais um camisa 8, quando o time não tem a bola, e um camisa 10 com a bola. Percebi a importância da versatilidade. Hoje, se um jogador só é capaz de jogar em uma posição, está morto.” O futebol italiano lhe havia servido muito bem como escola, e Djorkaeff se ajustava perfeitamente quando era colocado para jogar aberto no 4-2-3-1.

Mas, quando Lemerre mudou para um 4-3-1-2 nas semifinais da Eurocopa contra Portugal, tirando Djorkaeff para usar dois atacantes velozes, o maior beneficiado foi Zidane. Sua movimentação havia sido um pouco limitada contra a Espanha, e agora ele passava a ter liberdade para cair pelos lados e encontrar os espaços vazios; parecia estar jogando na esquerda, na direita e no meio simultaneamente. Foi assim que Zidane teve uma de suas melhores atuações pela seleção.

A impressão era a de que todas as vezes que Zidane pegava na bola contra Portugal produzia algo de esteticamente memorável. Aberto pela esquerda, recebeu um passe simples de Bixente Lizarazu, mais centralizado, segurou a bola tempo suficiente para atrair a marcação e devolveu com um leve toque de letra ao companheiro, que já fazia a ultrapassagem por trás. Depois, pegou uma bola quicando no meio de campo e respondeu com um passe de primeira para a corrida de Nikolas Anelka, o que forçou o goleiro Vítor Baía a sair de sua área para a interceptação. Ainda no primeiro tempo, voltou a receber a bola no meio de campo com espaço, acelerou, pedalou com a perna direita e depois com a esquerda para se livrar de Costinha e atrair Jorge Costa, deu um leve toque para Henry fazer a parede, recebeu de volta e, quase caindo, com o lado de fora do pé direito, acionou Thuram

que avançava pela ponta. Após um lançamento longo de Emmanuel Petit, dominou a bola com extraordinária tranquilidade pelo lado direito da defesa portuguesa, fazendo-a "morrer" em seu pé e mudando de direção imediatamente. Também soltou um chute fortíssimo, a cerca de trinta metros de distância, que passou perto do travessão.

Depois do intervalo, Zidane continuou sua exibição de gala. Outra longa diagonal de Petit pareceu vir alta demais, mas Zidane, do lado esquerdo da defesa portuguesa, recuou e conseguiu tocá-la com o peito, sem perdê-la de vista enquanto viajava por cima de sua cabeça; depois de girar sobre o próprio eixo, ele usou a parte externa do pé direito para o domínio no momento em que a bola tocou a grama, e mandou o marcador, Dimas, para o lado errado. O cruzamento de pé esquerdo poderia ter resultado em gol, mas Anelka escorregou e não alcançou o passe.

A cinco minutos do fim da prorrogação, com o placar marcando 1 × 1 (gols de Nuno Gomes e Henry), Zidane quase produziu seu lance mais fenomenal. Ele recebeu um passe de Robert Pires ainda na intermediária de defesa, pelo lado esquerdo. Com seu primeiro toque, passou por Luís Figo e Paulo Bento, fazendo os dois se chocarem. No segundo toque, deu um drible da vaca em Abel Xavier, que chegava de carrinho. Já perto da linha do meio-campo, Zidane se viu com trinta metros livres à sua frente, acelerou, fez uma finta de corpo para passar com facilidade por Jorge Costa e, no momento em que a defesa portuguesa já estava completamente exposta, viu Vieira passando sozinho pelo lado direito; na hora do passe final, no entanto, Zidane acertou as pernas do lateral-esquerdo português Rui Jorge, que havia abandonado sua posição para, no desespero, fazer a cobertura. Não há garantia de que Vieira teria feito o gol da vitória, claro, mas é uma pena que a melhor atuação individual do torneio não tenha sido coroada com uma assistência magnífica.

Até mesmo para Portugal teria sido melhor perder dessa forma, em vez de levar o gol no último minuto em um pênalti marcado depois que Xavier, quase sobre a linha do gol, desviou com a mão um chute de Wiltord, já que as reclamações que se seguiram, de Nuno Gomes, João Pinto e do próprio Abel Xavier resultaram em suspensão para os três, de todas as competições da Uefa, por pelo menos seis meses. Zidane se apresentou para cobrar seu primeiro pênalti pela seleção e mandou a bola no canto alto de Vítor Baía. Para que o companheiro se mantivesse calmo, Pires foi esperto: pegou a

bola como se fosse ele o batedor, enquanto os adversários protestavam e tentavam atrasar a cobrança o máximo possível; transformou-se em alvo dos portugueses, garantindo que Zidane pudesse se concentrar.

Foi o auge da forma de Zidane em um grande torneio internacional, mas nem assim ele conseguiu fugir das comparações com Platini; na realidade, suas atuações fizeram apenas reforçar os paralelos com a celebrada performance do antecessor na Eurocopa de 1984. Zidane havia aberto o placar com um gol de falta contra a Espanha nas quartas de final, assim como Platini havia aberto o placar com um gol de falta contra a Espanha na final; Zidane tinha marcado o gol da vitória na semifinal, contra Portugal, aos 27 minutos da prorrogação, assim como Platini tinha marcado o gol decisivo na semifinal, contra a mesma seleção portuguesa, aos 29 minutos da prorrogação. Zidane devia saber perfeitamente dessa última coincidência, uma vez que era gandula no estádio Vélodrome, em Marselha, naquela partida realizada no dia de seu aniversário de doze anos.

A despeito do que poderia sugerir a análise pós-jogo de Silvio Berlusconi, o camisa 10 da França foi mais discreto na final, recuando demais e fazendo o meio de campo se desconectar do ataque. Depois do intervalo, ele conseguiu fazer bons passes por dentro da defesa italiana para Henry e Sylvain Wiltord, mas, no geral, acabou ofuscado por Totti, que criou ótimas oportunidades para Alessandro Del Piero e Marco Delvecchio, autor do primeiro gol.

Mesmo assim, depois da virada francesa no final da partida restavam poucas dúvidas de que aquele havia sido o grande torneio de Zidane, como demonstraram os elogios de seus companheiros de equipe. "Às vezes a gente tem vontade de parar só para assistir ele jogando", maravilhou-se Dugarry. "Quando não sabemos o que fazer com a bola, passamos para ele", acrescentou Lizarazu. "Zidane deslumbrou toda a Europa com sua qualidade", concluiu Petit. Parecia que o futebol havia entrado em uma nova era: o documentário da bbc sobre o torneio foi batizado de Euro 2000: o renascimento do futebol. A Eurocopa da virada do século apresentava o futebol 2.0, e Zidane era o líder da revolução.

Muitos, no entanto, continuavam incapazes de evitar a velha comparação. "Zidane não é Platini", afirmava a reportagem da revista World Soccer, "mas o equilíbrio entre individual e coletivo mudou, e agora a estrela serve

ao time, não o contrário". Lemerre, por sua vez, queria mais de seu astro. "Eu sinto que ainda veremos muito de Zidane. Ele pode melhorar. É fenomenal e está a caminho de se tornar um monumento do futebol francês, como Kopa e Platini."

Na verdade, Zidane não melhorou. A Eurocopa de 2000 foi, como ele havia dito antes do torneio, o auge de sua arte. De fato, apesar de todo o seu incrível talento e de seu inquestionável desejo de se mostrar decisivo nos grandes jogos, ele foi um jogador que sofreu de muita inconsistência nos clubes pelos quais passou.

No aspecto tático, era difícil definir Zidane. Suas melhores atuações geralmente aconteciam quando atuava como um clássico camisa 10 no 4-3-1-2, muito embora ele não tenha interpretado a posição como Platini ou Diego Maradona. Os camisas 10 mais puros são sempre uma combinação dos papéis do meio-campista e do atacante, pois conseguem exercer influência mais recuados antes de chegar ao ataque no momento certo para dar contribuições decisivas. A missão de Zidane era fazer essas duas funções, mas às vezes ele não cumpria nenhuma das duas, o que é estranho para um jogador de seu nível.

Nas categorias de base, era considerado mais um camisa 8 que um camisa 10, pois os treinadores acreditavam que seu físico lhe permitia tomar parte nas intensas disputas de meio de campo. No que era de certo modo pouco usual, Zidane constantemente ressaltava não ter preferência por jogar como meio-campista defensivo ou ofensivo. Muito embora tenha sido escolhido o melhor jogador do ano na França quando jogava bem avançado no meio de campo do Bordeaux, depois de sua chegada à Juventus, em 1996, acabou recuado à posição que mais tarde teria Andrea Pirlo como grande referência. Inicialmente, Zidane teve dificuldades, e só melhorou quando Marcello Lippi colocou outro atleta da seleção francesa, Didier Deschamps, como volante, liberando-o para avançar.

Gradualmente, a ofensividade de Zidane levou a Juventus a mudar do 4-4-2 para o 4-3-1-2, com os jogadores mais abertos do meio de campo fechando por dentro para aumentar a cobertura defensiva. Isso servia bem a seu estilo, já que ele era um meia criativo que subia ao ataque quase timidamente, muito mais do que um atleta nascido para jogar como camisa 10. Na realidade, foi só atuando pela França que ele realmente usou esse

número de camisa. No Bordeaux, jogava com a 7, na Juventus vestia a camisa 21 e, no Real Madrid, acabou surpreendendo a todos ao escolher o número 5. Em termos de posicionamento, ele muitas vezes foi colocado pelo lado esquerdo, tanto no Real quanto na França, recebendo instruções de flutuar por dentro, em vez de ter o time todo jogando em função dele.

O aspecto pelo qual Zidane mais sofria nas comparações com Platini era no número de gols marcados. Seu antecessor alcançou a extraordinária marca de 0,52 gols por jogo em campeonatos nacionais ao longo da carreira. Mesmo levando em consideração que seria absurdo exigir números parecidos de Zidane, sua marca de 0,19 gols por partida não chega nem perto. A comparação entre as passagens de ambos pela Juventus, cada um por meia década, é particularmente notável: Platini jogou 147 partidas na Serie A e marcou 68 gols, enquanto Zidane atuou 151 vezes e marcou apenas 24. Julgar Zidane simplesmente pelo número de gols seria um erro de apreciação. No entanto, uma análise mais cuidadosa da década que passou na Serie A e em LaLiga sugere que ele só fez duas temporadas genuinamente magníficas, com seus períodos de cinco anos na Juventus e no Real Madrid seguindo padrões quase idênticos.

Zidane chegou a cada um dos clubes com muita pompa, teve dificuldades para se adaptar nos primeiros meses, até que melhorou e conseguiu concluir primeiras temporadas bastante impressionantes. Nas respectivas campanhas seguintes — 1997/98 pela Juventus e 2002/03 pelo Real Madrid —, venceu o título nacional sendo o melhor jogador do campeonato. A partir daí, em ambos os clubes, aconteceu uma queda brusca de desempenho por dois anos. Na Juventus, o declínio ocorreu por graves oscilações individuais, mas no Real Madrid foi consequência de sua perda de mobilidade e da fragilidade tática da equipe como um todo. Então veio uma brilhante campanha final — pelos dois clubes —, mesmo que abaixo do nível de suas melhores temporadas, mas que o faz ser lembrado com carinho tanto na Itália quanto na Espanha. Apesar de tudo isso, os torcedores de Juventus e Real Madrid se referem a Zidane da mesma maneira, explicando que era maravilhoso vê-lo jogar, mas que provavelmente não tiveram a possibilidade de testemunhar sua melhor forma. Combinando esses dois pontos de vista, parece que Zidane realmente nunca conseguiu ficar consistentemente à altura das expectativas. Expectativas criadas, aliás, com base em seu desempenho pela seleção. Zidane foi mais um jogador da França que um jogador de clube.

Sua fase ruim na Juventus, entre 1998 e 2000, foi particularmente intrigante porque, em tese, aquele era Zidane no auge, justamente entre o dia em que seus gols de cabeça deram à França o título da Copa do Mundo e o torneio em que se destacou como o melhor jogador de todo o continente. Nas duas temporadas anteriores, o time de Marcello Lippi havia vencido a Serie A e chegado à final da Champions League com Zidane jogando bem. Quando, no entanto, o menino-prodígio da Juve, Alessandro Del Piero, sofreu uma séria lesão no joelho em 1998, a expectativa era de que Zidane assumiria o protagonismo. Mas ele teve imensas dificuldades, conseguindo apenas dois gols e três assistências, enquanto o time despencava para a sexta colocação na tabela.

Zidane continuou se arrastando na campanha seguinte, e só encerrou um muito discutido jejum de gols que já durava oito meses com um gol de falta contra a Roma. "Aquele gol me libertou", admitiu ele depois. "Eu nasci para ajudar os outros a marcarem gols, mas minha própria seca de gols estava se tornando um pesadelo. Ficar tanto tempo sem marcar, desde janeiro, foi se tornando um peso enorme. Oito meses sem gols era uma crise inexplicável." Carlo Ancelotti, substituto de Lippi como técnico, reconheceu depois da partida contra a Roma que Zidane havia sofrido com "um ano ruim" e, na vitória por 1 × 0 contra o já praticamente rebaixado Venezia, com um gol no último minuto marcado por Antonio Conte, no fim de semana anterior, o francês saíra de campo vaiado pela torcida da Juventus. "Não gostei de ser vaiado no jogo contra o Venezia, mas entendi o recado, como tem que ser. Não acho que joguei tão mal, mas eu já não era o mesmo Zidane de dois anos antes."

Mesmo que Zidane fosse muito mais um especialista em assistências do que um artilheiro, durante alguns períodos ele tampouco conseguiu dar muitos passes para gol. Em 1999/2000, fez a assistência para o primeiro gol da Juventus na Serie A, marcado por Pippo Inzaghi, mas não registrou nenhuma outra até o fim da temporada. Marcou três gols de falta, porém apenas um com a bola rolando. O melhor jogador do mundo, jogando como camisa 10 no time mais poderoso da Itália, fizera no ano o mesmo número de gols com a bola rolando e de gols contra (um); e tivera o mesmo número de assistências e de expulsões (uma de cada). Impressiona que de repente tenha voltado a ser um jogador extraordinário na Eurocopa de 2000, mas esse era, de certa forma, o padrão de sua carreira. Gianni Agnelli, dono da Juventus, cunhou uma frase que ficou famosa sobre Zidane: ele era "mais

espetáculo do que eficácia".

Espetáculo, no entanto, era precisamente o que o Real Madrid esperava. As duas grandes transferências de Zidane, primeiro para a Itália e depois para a Espanha, fizeram-no mudar suas características para se adaptar ao novo ambiente. A Juve transformou Zidane de apenas um mágico cheio de truques num jogador mais centrado. Em uma entrevista pouco depois de sua chegada, ele explicou como estava aprendendo a jogar com um ou dois toques, a driblar o mínimo possível e a passar a bola no momento certo. "Aprendi a ter mentalidade vencedora na Juventus", recordou ele. "Foi somente lá que entendi que a vitória é uma obrigação. Estar em um dos maiores clubes do mundo exige conseguir resultados." Mas depois da transferência para o Real Madrid, em 2001, seu jogo se modificou de maneira diametralmente oposta. Jogar pela Juventus significava treinar incansavelmente sob o comando de um treinador exigente e entrar em campo para um estádio apenas meio cheio. Jogar pelo Real, onde o poder emanava dos jogadores estelares e não do técnico, significava sessões de treino relaxantes para oferecer o que se esperava que viesse a ser um show ao estilo dos Globetrotters, sob as luzes cintilantes do Bernabéu.

Seu compatriota e colega de meio de campo, Claude Makélélé, explicou a situação no clube merengue. "Como eu entendia a mentalidade espanhola, pude explicar a ele: 'Esqueça a Juventus, esqueça o estilo italiano — aqui você tem que se impor como um verdadeiro meia criativo'. Era o que Zidane precisava colocar na cabeça: que no Real Madrid ele estava começando de novo do zero. A pior parte foi que a estreia dele foi um desastre. Perdemos por 4 × 2 para o Las Palmas, e a mídia colocou a culpa nele. Percebi que Zidane ainda estava jogando no estilo italiano, esforçando-se para voltar e ajudar a defesa. Mas no Real Madrid o esquema era open bar. Os atacantes estavam lá para atacar, não para defender. (…) Você faz a sua parte no terço final e eu vou ficar aqui para cobri-lo. Não tente fazer demais. Cada um tem o seu papel."

O jogador mais caro do mundo abraçou de vez a liberdade recém-adquirida. "Sou mais livre aqui — e é muito mais divertido", admitiu Zidane quando pediram para que comparasse a Juve e o Real. Os malabarismos dos seus dias de futebol de rua ressurgiram, muitas vezes produzindo momentos verdadeiramente excepcionais para quem assistia, mas o exibicionismo também tornava o ataque do Real mais lento. Quando

o ex-treinador da seleção espanhola, o disciplinador José Antonio Camacho, assumiu o comando do clube na metade de 2004, imediatamente ordenou que Zidane parasse com as firulas e começasse a jogar com um toque só. Sem chance. Camacho durou apenas seis jogos.

A regressão de Zidane, de atleta eficiente a jogador de estilo vistoso, também afetou sua performance pela seleção, em especial sua relação com a outra grande estrela francesa, Henry. Nesse período, o modelo de jogo da seleção francesa era construído muito mais em função de Zidane do que de Henry, mas o atacante provavelmente merecia ser o principal jogador, ainda que fosse menos reverenciado que o camisa 10. A forma de Zidane oscilava demais, de maravilhosa a medíocre, enquanto Henry vinha demonstrando incomparável consistência. Ele ganhou cinco vezes o prêmio de jogador francês do ano, enquanto Zidane foi o mais votado apenas duas vezes.

No papel, Zidane e Henry deveriam funcionar perfeitamente juntos: um prometia passes incisivos enquanto o outro oferecia velocidade e finalizações certeiras. Porém, mesmo que os dois tenham jogado juntos pela seleção francesa ao longo do auge de suas carreiras, Zidane deu apenas duas assistências para que Henry marcasse em todo esses anos. Nenhum dos dois gols, na verdade, produto de grande entrosamento. O primeiro aconteceu em um pique típico de Henry pelo corredor esquerdo contra a Dinamarca na Eurocopa de 2000, mas teve início com um passe simples de Zidane na linha de meio de campo, a partir do qual Henry fez todo o resto. O segundo foi o único gol da França na vitória sobre o Brasil pelas quartas de final da Copa do Mundo de 2006, uma cobrança de falta na área concluída pelo atacante na segunda trave.

“Eles parecem dois talentos que se repelem porque compartilham a mesma polaridade, talento e ego”, escreveu Vincent Duluc, do jornal L’Équipe. Zidane queria deixar o jogo mais lento, enquanto Henry queria sempre acelerar. “Talvez Titi (Henry) simplesmente não precise de mim”, sugeriu Zidane quando perguntado sobre a parceria. “Ele traz a bola desde lá de trás e consegue fazer coisas extraordinárias a partir disso. Na verdade, ele começa as jogadas tão atrás que é mais fácil participar tabelando com ele do que lhe dando uma assistência.”

“Quanto mais cedo eu pegar na bola — como no Arsenal, onde jogamos sem um meia de criação —, melhor”, declarou Henry em 2004. “Não estou

falando de ninguém especificamente, mas algumas vezes seria melhor se os atacantes recebessem a bola antes da chegada das duas linhas de marcação do adversário. Precisamos circular a bola com mais rapidez." Henry fingia não estar reclamando de ninguém em particular, mas a frase "onde jogamos sem um meia de criação" sugere o oposto.

Zidane ficou de fora da Copa das Confederações tanto em 2001 quanto em 2003, e a França jogou um futebol mais veloz. Na ausência de Henry, Pires foi o líder técnico da equipe em 2001, mas o retorno do principal atacante francês dois anos depois o fez retomar também o papel de liderança. A seleção francesa venceu os dois torneios, Pires foi eleito o melhor jogador em um e Henry no outro. Era apenas a Copa das Confederações, claro, mas considerando as decepcionantes exibições francesas na Copa do Mundo de 2002 e na Eurocopa de 2004, as circunstâncias geraram questionamentos sobre a hierarquia dentro do time. Havia uma suspeita, conforme explica Philippe Auclair em sua biografia de Henry, de que os jogadores do Arsenal — Henry, Pires, Vieira e Wiltord — mantinham uma espécie de pacto para tornar Henry, e não Zidane, a grande estrela do time, e até mesmo Arsène Wenger se frustrava com o fato de a seleção não ser escalada em função de seu atacante. Em meio aos boatos de um racha no elenco, Henry se sentiu compelido a telefonar para Zidane e acalmar os ânimos.

Em última análise, a França venceu a Copa do Mundo e a Eurocopa com Henry como artilheiro do time e com Zidane marcando gols na final ou sendo o melhor jogador da competição. Depois da Eurocopa de 2000, no entanto, a seleção francesa nunca tirou máximo proveito do privilégio de contar com o melhor meia criativo e o melhor atacante da Europa jogando juntos. Chegou como favorita tanto à Copa do Mundo de 2002 quanto à Eurocopa de 2004, o que ressaltava seu status de nação dominante do futebol europeu, mas muitas vezes sofreu com ajustes táticos estranhos.

Esse não foi o fator primordial na eliminação precoce da Copa do Mundo de 2002, quando uma suspensão e uma lesão fizeram Henry e Zidane não jogarem juntos por um minuto sequer. Já na Eurocopa de 2004, a França teve problemas de ordem tática sob o comando de Jacques Santini. Embora liderando o grupo B, as atuações não foram convincentes. No jogo de estreia em particular, o time foi dominado pela Inglaterra e precisou do pênalti perdido por David Beckham e de um verdadeiro colapso defensivo dos ingleses para virar o jogo de 1 × 0 para 2 × 1 já nos acréscimos. Zidane

marcou os dois gols de bola parada: um de falta e um de pênalti. Nos jogos seguintes, a França empatou com a Croácia — "Foi um milagre não termos perdido", afirmou o goleiro Fabien Barthez — e venceu a Suíça com um gol no fim da partida. Em seguida, nas quartas de final, os franceses foram eliminados pela Grécia, perdendo por 1 × 0. Olhando em retrospectiva, a derrota não parece tão escandalosa, já que a seleção grega chocou toda a Europa ao vencer a competição, mas o fracasso francês foi visto como uma grande surpresa. "Ficamos desolados", disse Makélélé. "Foi uma decepção total para o país inteiro."

Santini havia adotado uma formação que favorecia Henry: um 4-4-2 com Pires e Zidane flutuando de fora para dentro. Henry jogava à esquerda de Trezeguet e, portanto, podia sempre se juntar a Pires, uma combinação bastante eficaz no Arsenal. Mas outros jogadores não gostavam do esquema, especialmente Zidane, que se incomodou ao ser escalado pela direita, ainda que às vezes trocasse de lado com Pires. Depois de algumas atuações frustrantes nos amistosos de preparação, Zidane e o capitão Marcel Desailly foram conversar com Santini para pedir o retorno do 4-3-1-2, mas o treinador se recusou a jogar fora dois anos de trabalho com o 4-4-2. Com o insucesso no torneio europeu, Santini foi demitido e Zidane ficou tão desiludido que anunciou a aposentadoria da seleção. Sua ausência, porém, durou apenas um ano. Ele retornou com a promessa de que o novo chefe, Raymond Domenech, o escalaria sempre centralizado ou na esquerda, nunca na direita. Henry, por sua vez, não ficou especialmente satisfeito com o retorno do camisa 10.

A essa altura, as performances de Zidane pelo Real Madrid já estavam em declínio, mesmo que seja sempre importante salientar que ele teve algumas atuações fantásticas nas duas primeiras temporadas no clube. Seu gol na final da Champions League em 2002, no triunfo do Real por 2 × 1 sobre o Bayer Leverkusen, saiu num sem-pulo absolutamente extraordinário. O voluntarioso lateral esquerdo Roberto Carlos levantou a bola em direção à área, sem um objetivo específico, mas Zidane se viu em uma posição tão perfeita, com vinte metros de espaço livre entre as linhas do adversário e a bola descendo diretamente sobre ele, que nem precisou ajustar o corpo. De certa forma, isso tornava o chute ainda mais difícil, já que chegar na corrida para um disparo desse tipo teria sido relativamente simples para um jogador do seu nível; mas Zidane teve que esperar a bola cair. No momento certo, ele arrematou em cheio com o pé esquerdo, mandando a

bola com efeito, no alto, para o fundo da rede. O fato de Zidane ter desferido o chute com seu pé mais fraco só fez aumentar o impacto de sua maestria técnica.

A melhor partida de Zidane pelo Real Madrid veio em sua melhor temporada pelo clube, a de 2002/03. No início de janeiro, o Real enfrentou em casa o Valencia, campeão da temporada anterior, que estava apenas dois pontos atrás dos merengues na tabela de classificação. Na realidade, o jogo provavelmente nem deveria ter acontecido, já que uma tempestade fortíssima deixara uma das laterais do campo totalmente alagada. Mas, em meio ao caos, Zidane foi imparável. Ele criou a situação do primeiro gol com uma assistência impressionante: após a pedalada no mesmo movimento em que recebeu a bola, deu um passe de primeira, pelo meio da defesa, para o centroavante Ronaldo, que driblou o goleiro Andrés Palop antes de rolar para o gol. Zidane marcou o segundo depois de fazer o um-dois com Raúl e chutar de fora da área, e Guti anotou o 3 × 1.

Mas a noite era de Zidane. Já nos acréscimos, ele recebeu no círculo central e deixou a bola passar entre suas pernas após tocá-la com o pé-direito — escapando de um adversário com esse movimento. Em seguida, com uma pedalada na corrida, driblou mais um rival e, quando se aproximava da área, fez uma pausa por um, dois, três segundos enquanto esperava a infiltração de Javier Portillo, atacante reserva que havia entrado no jogo. Mais uma pedalada, que escondeu a intenção do movimento seguinte, e o passe por dentro da defesa saiu perfeito, para a finalização de Portillo. "Ele é mágico com a bola", delirou Portillo. "Fez todo o trabalho duro e aí me disse: 'Vai lá, garoto'. Não é fácil entender Zidane, porque ele é muito bom e consegue fazer qualquer coisa quando está com a bola. Achei que ele fosse dar a bola no lado direito, para Figo, mas tirou um passe brilhante da cartola." A ideia de que Zidane era tão talentoso que dificultava a compreensão dos companheiros dentro de campo era uma crítica, ainda que não intencional, ao francês.

Tanto na Juventus quanto no Real Madrid, a passagem de Zidane terminou um ano antes do esperado. Ele sempre teve a intenção de se mudar para a Espanha, país de sua esposa, mas o plano inicial era permanecer na Itália até 2002. A Juve, no entanto, já tinha acertado com Pavel Nedvěd para ser seu substituto, e estava disposta a liberá-lo. No Real Madrid, seu contrato iria até 2007, mas surpreendentemente Zidane decidiu se aposentar em

2006. “Não quero começar pela terceira vez um novo ano sabendo que não conseguirei ser melhor do que fui no passado”, declarou ao anunciar a decisão. “Eu não quero outro ano como este — ou mesmo como dois anos atrás. (…) Foram dois anos em que eu não joguei como gostaria.”

Assim como suas experiências por Juventus e Real seguiram padrões parecidos, ambos os clubes subiram de nível depois de sua saída. A equipe italiana não conseguiu vencer a Serie A nas três últimas temporadas de Zidane, mas ganhou duas vezes seguidas o Scudetto logo depois. O time espanhol não conseguiu vencer LaLiga nos três anos derradeiros de Zidane, mas foi campeão duas vezes em sequência logo depois. Em dez temporadas na Itália e na Espanha, Zidane venceu três ligas nacionais, uma Champions League e nenhuma copa nacional; longe de ser um absoluto fracasso, mas um desempenho nada impressionante para um jogador tido como o melhor de sua geração, que foi contratado por Juve e Real quando ambos os clubes foram considerados, cada um à sua época, a força dominante do continente e, claro, de seus respectivos países.

Zidane foi uma espécie de volta ao passado, mais renomado por suas performances pela seleção do que nos clubes pelos quais passou. A gente logo pensa em Zidane com a camisa de seu país, como acontece com Pelé ou Maradona com Brasil e Argentina, ao passo que com a geração seguinte de grandes nomes do futebol, Lionel Messi e Cristiano Ronaldo, é mais fácil imaginá-los usando as cores de seus clubes. Faz sentido, portanto, que o canto do cisne de Zidane tenha acontecido com a camisa francesa em uma Copa do Mundo, quando ele teve a oportunidade de emplacar uma despedida triunfal.

Jogando como camisa 10 em um 4-2-3-1, Zidane teve dificuldades na fase de grupos da Copa do Mundo de 2006. Recebeu cartões amarelos tanto no empate sem gols com a Suíça quanto no 1 × 1 contra a Coréia do Sul, o que o fez ficar de fora por suspensão do terceiro jogo, a vitória por 2 × 0 sobre Togo. Zidane retornou para a fase de mata-mata e desencantou com uma performance memorável no 3 × 1 sobre a Espanha nas oitavas. Sua cobrança de falta levou ao gol de cabeça de Vieira que pôs a França à frente no placar, e o próprio Zidane marcou o terceiro já nos acréscimos, depois de driblar Carles Puyol e finalizar com força. Nas quartas de final contra o Brasil, ele foi sem sombra de dúvidas o melhor em campo e deu a segunda assistência de sua carreira para Henry. Sua atuação na semifinal foi mais

discreta, mas Zidane acabou decidindo o jogo contra Portugal ao marcar o único gol do jogo de pênalti — assim como ele mesmo havia feito na Eurocopa de 2000 e como Platini fizera em 1984.

Aí veio a final — e o fim para Zidane. Ele abriu o placar cobrando um pênalti de "cavadinha", em que a bola tocou no travessão e quicou pouco depois da linha antes de voltar para dentro do campo. Zidane levantou o braço, em parte para comemorar e em parte para reivindicar a confirmação do gol. "Eu queria que aquele fosse lembrado como um pênalti bonito", confessou mais tarde. Foi, dependendo do ponto de vista, um momento de brilho técnico perfeitamente calculado, ou o desfecho afortunado de um maneirismo autoindulgente. Marco Materazzi empatou logo depois, e a partida acabou indo para a prorrogação. Zidane quase decidiu o jogo, assim como havia feito contra o Brasil oito anos antes, com uma cabeçada, mas Gianluigi Buffon fez grande defesa. O francês então conseguiu, também com a cabeça, literalmente acabar com o jogo.

Supostamente enfurecido por comentários feitos por Materazzi em relação à sua família, Zidane desferiu uma cabeçada contra o peito do defensor italiano e foi expulso. Aquele era o décimo terceiro cartão vermelho de sua carreira profissional, um número incrivelmente alto para um jogador que não tinha responsabilidades defensivas, e que o fez se tornar o segundo jogador a ser expulso duas vezes em jogos de Copas do Mundo. Sua caminhada em direção ao vestiário, passando ao lado do troféu, permanece como uma das imagens mais icônicas da história do futebol, e a última de Zidane como jogador profissional — ele sequer retornou ao campo para receber a medalha de prata.

Foi uma final incrivelmente dramática, repleta de coincidências e simbolismo. Os gols foram marcados por Zidane e Materazzi, os dois protagonistas do outro grande incidente da partida. O pênalti cobrado por Zidane havia tocado a parte de baixo do travessão e quicado dentro do gol, enquanto a cobrança de Trezeguet — a única perdida na disputa de penalidades decisiva —, tocou a parte de baixo do travessão e quicou do lado de fora. Trezeguet havia decidido a Eurocopa de 2000 contra a Itália com um chute forte no ângulo superior esquerdo do gol, e agora decidia a Copa do Mundo de 2006 contra o mesmo adversário com um chute apenas alguns centímetros acima.

No fim, Zidane recebeu o prêmio de melhor jogador do torneio, sua segunda condecoração do tipo — a primeira havia sido na Eurocopa de 2000. De maneira intrigante, ele declarara anteriormente que nunca tinha conseguido deixar uma marca definitiva num torneio internacional completo por sua autoridade técnica. “Quando eu parar de jogar, adoraria que as pessoas se lembrassem de mim pelo impacto produzido em uma competição inteira. Não quero ter tido apenas um bom jogo ou ter marcado só um gol importante. Quero ser influente do início ao fim”, explicou. “Todos nós lembramos de Pelé na Copa do Mundo de 1970, ou de Beckenbauer em 1974, ou de Maradona em 1986. E também falamos sobre os Campeonatos Europeus de Antonin Panenka em 1976, de Michel Platini em 1984 ou de Marco van Basten em 1988. Eu ainda não mereço essa honraria especial. Na Eurocopa de 2000, joguei bem, mas não fui brilhante. Não consegui brilhar o tempo todo.” A Copa do Mundo de 2006 acabou sendo a Copa de Zidane. Não com o gran finale que ele havia imaginado, mas a verdade é que as performances do francês nem sempre ficaram à altura das expectativas sobre ele.

9

O carregador de água

Nos anos anteriores a qualquer Copa do Mundo, reportagens no país-sede costumam dar enfoque a uma preocupação perene: todos os estádios estarão prontos a tempo? Antes da Copa do Mundo de 1998, no entanto, surgiu uma questão diferente. Os problemas com os estádios não eram muitos, mas havia sérias dúvidas quanto aos torcedores que iriam ocupá-los.

O público francês parecia apático em relação à seleção da casa e, portanto, em relação à competição em si. A França não havia sequer se classificado para as duas Copas do Mundo anteriores, não tinha disputado as eliminatórias por ter vaga garantida como país-sede e vinha jogando mal nos amistosos de preparação. Ao mesmo tempo, faltava glamour à Ligue 1, já que todas as estrelas francesas jogavam em outros países. O esporte francês, pelo que se ouvia falar, girava muito mais ao redor da camisa amarela do que da camisa azul: tratava-se de um país obcecado pelo ciclismo. O triunfo da seleção francesa em casa, no entanto, mudou essa percepção, ainda mais porque o torneio coincidiu com o Tour de France mais feio da história. Em 1998, a competição ciclística foi dominada pelo caso Festina, com as operações policiais ofuscando o ciclismo. Talvez tenha sido o pior momento do Tour na era moderna — exatamente ao mesmo tempo em que a seleção de futebol da França conquistava o título mundial em Paris.

A forma como as equipes profissionais de ciclismo operam oferece um interessante ponto de comparação com a estrutura dos times franceses de futebol. A trama tática do esporte sobre rodas nasce de sua condição peculiar de modalidade que é ao mesmo tempo coletiva e individual. Os ciclistas competem como equipe, mas o grande vencedor ao final é um indivíduo. Isso cria uma dinâmica fascinante, já que passa a existir claramente um líder dentro de cada equipe, com parte de, ou todos os seus companheiros, pedalando a seu lado como "domestiques", sacrificando ambições pessoais em nome das necessidades estratégicas do principal competidor. Esses ciclistas ditam o ritmo da prova para o líder nos trechos montanhosos ou formam um corredor para ajudá-lo nos sprints. Podem abrir mão de suas bicicletas se o líder sofrer problemas mecânicos e,

também por ele, buscam garrafas de água no carro de apoio da equipe.

O mesmo tipo de estrutura pode ser observado em times de futebol franceses. Nenhum outro país se preocupa em oferecer suporte tão deliberado aos astros de suas equipes, cercando-os de jogadores sem badalação, cumpridores de funções, às vezes limitados tecnicamente, mas que se posicionam atrás do líder criativo. Na Espanha, os meios-campistas centrais mais recuados são criadores, na Inglaterra espera-se que cubram grandes espaços do campo, na Itália são versáteis e capazes de atuar pelos lados. Na França, contudo, os cabeças de área desempenham papéis puramente funcionais, com o específico propósito de dar apoio à estrela do time. Sempre houve uma linha dividindo os jogadores mais criativos e ofensivos dos atletas mais esforçados de mentalidade defensiva, mas a tendência de separar os dois tipos de futebolistas se tornou especialmente marcante nos campos franceses ao longo desse período, em parte por conta de toda a reverência dirigida a Zidane.

Essa divisão vinha se tornado mais radical desde a conquista do título continental em 1984, quando a seleção francesa ostentou talvez o meio de campo mais celebrado da história do futebol europeu, o famoso "quadrado mágico". Michel Platini era a grande estrela, Jean Tigana avançava do meio em direção ao ataque com força e elegância, Alain Giresse oferecia qualidade no passe e capacidade de se esquivar dos rivais em velocidade, enquanto Luis Fernández, nascido na Espanha, a última peça do quebra-cabeças, atuava na posição mais recuada, mas era mais armador do que um volante puramente defensivo.

Quando chegou a época dos triunfos de 1998 e 2000, a seleção francesa já confiava em um cabeça de área que guardava posição e cuja maior virtude era a solidez: Didier Deschamps, que mais tarde viria a se tornar apenas o terceiro homem a completar a mais gloriosa dobradinha possível no futebol — a conquista da Copa do Mundo tanto como jogador quanto como treinador. O primeiro havia sido Zagallo, pela seleção brasileira, em 1958 e 1970. Depois veio o alemão Franz Beckenbauer, 1974 e 1990. Deschamps levantou o troféu em 1998 e em 2018. É o jogador menos celebrado dos três multicampeões, considerado um volante limitado de muita disposição e um treinador cauteloso, mas sua influência sobre o futebol francês tem sido considerável.

Deschamps muitas vezes era descrito de maneira condescendente, geralmente em comparações pouco favoráveis com Zidane, seu mais ilustre colega de meio de campo. “A missão de Zidane era mais difícil do que a minha porque tive o privilégio de atuar com companheiros que compartilhavam da minha visão do jogo”, disse Michel Platini certa vez, comparando a seleção de 2000 com a de 1984. “Entre Deschamps — que, como todos sabemos, não é alguém que move multidões, mas merece elogios por ter chegado ao nível que chegou, considerando-se suas qualidades — e Zidane, há uma diferença fundamental.”

O ponto crucial é que Deschamps entendia perfeitamente suas limitações. “Eu nunca seria tão talentoso quanto Zidane”, admitiu. “Em vez disso, eu compensava com uma quantidade absurda de trabalho e ajudando o meu time da melhor forma possível.” Deschamps não era um tipo atlético e intimidador, mas um futebolista baixo e ágil cujo bom desempenho decorria de sua noção de posicionamento e de seu altruísmo. Não seria razoável sugerir que Deschamps tornou mais atraente a posição do cabeça de área fixo, mas ele garantiu que passasse a ser considerada uma necessidade — ao menos em seu país. Ao lado de Dunga, representou a melhor versão do sólido, dedicado e subestimado meio-campista defensivo dos anos 1990, sempre trabalhando para dar suporte às referências técnicas do time.

Deschamps teve ótima formação futebolística nas famosas categorias de base do Nantes, que também produziram Marcel Desailly, Christian Karembeu e Claude Makélélé. Desailly e Deschamps venceram a Champions League juntos no Marseille em 1993, e os quatro acabaram saindo da França para jogar como cabeças de área e conquistar outros títulos da maior competição do continente: Desailly pelo Milan em 1994, Deschamps pela Juventus em 1996, Karembeu pelo Real Madrid em 1998, e Makélélé pelo mesmo clube quatro anos depois. O Nantes e sua base, portanto, provavelmente ajudaram a moldar a posição do meio-campista defensivo no futebol europeu moderno mais que qualquer outro clube, assim como o Ajax dominou a formação dos zagueiros que sabem sair jogando e o Barcelona, a dos meios-campistas armadores.

Em geral, o Nantes não é considerado tão importante quanto esses outros dois clubes, mas vale muito a pena recordar a memorável conquista do Campeonato Francês de 2000/01, um dos títulos nacionais mais surpreendentes do século. O clube havia escapado do rebaixamento por

apenas um ponto na temporada anterior e perdido seu principal jogador, o meia-atacante Antoine Sibierski, mas de repente arrancou de forma inesperada rumo à liderança do campeonato sob o comando do discreto Raynald Denoueix — que tinha dedicado ao Nantes toda a sua carreira como jogador e mais tarde trabalhado em suas categorias de base por quinze anos, antes de se tornar treinador do time principal. Denoueix é provavelmente o técnico mais subestimado de sua época, já que pouco depois foi treinar a Real Sociedad e levou o clube a um impressionante segundo lugar no Campeonato Espanhol de 2002/03.

A passagem de Denoueix pelo Nantes foi marcada por sua inabalável confiança nos jovens, com a maioria de seu time titular sendo formada por jogadores vindos da base do clube. O papel de Deschamps era cumprido pelo excelente meio-campista defensivo Mathieu Berson, que, ao lado do energético Salomon Olembé, dava suporte ao elegante meia-armador Eric Carrièrre. O sucesso do Nantes teve vida curta, e a temporada seguinte ao título foi marcada por mais uma batalha contra o rebaixamento, mas qualquer fã de ciclismo recentemente convertido ao futebol terá ficado feliz ao ver as camisas amarelas na liderança do campeonato.

Durante sua adolescência em Nantes, Deschamps havia jogado como meia-atacante e era conhecido pela visão de jogo e pelo fato de ser ambidestro. Nas seleções de base, sua inteligência o fazia ser escalado às vezes como líbero, uma posição que o agradava por permitir que estivesse "sempre de frente para a jogada". Mais que qualquer outra coisa, no entanto, Deschamps era um verdadeiro capitão. Ele usou a braçadeira em seu time sub-16 quando tinha apenas onze anos de idade, foi capitão do Nantes aos dezenove e se tornou o capitão mais jovem a vencer a Champions League, pelo Marseille em 1993, aos 24 anos. Era descrito como capitão com tanta frequência quanto era referido como futebolista — mais reconhecido pela inteligência tática e capacidade de liderança que por dribles ou passes. "A inteligência é o que caracteriza os grandes jogadores, os que conquistam títulos", disse seu companheiro de seleção, Christophe Dugarry. "Eu citaria Didier como um exemplo. É um cara que, para começo de conversa, era limitado tecnicamente, mas teve uma carreira excepcional graças à sua incrível capacidade de adaptação. Sua grande qualidade era a percepção das coisas — e a autopercepção. Ele sabia de suas qualidades e nunca tentava complicar as coisas. Seu foco era fazer muito, muito bem aquilo que ele sabia fazer. Nunca colocava o time em perigo."

O ponto comum quando se fala sobre esses meios-campistas defensivos, contudo, é que suas qualidades técnicas são sempre subestimadas. Deschamps não era tão talentoso quanto Zidane e ficava contente em desempenhar um papel mais discreto que o do companheiro ilustre, mas isso não quer dizer que lhe faltasse talento. Daniel Bravo, meio-campista da França campeã da Europa em 1984, cuja passagem pela seleção teve seus últimos capítulos quando a de Deschamps estava começando, acreditava que a capacidade técnica do colega não era reconhecida. "Ele consegue roubar a bola e deixar adversários para trás com suas fintas. Sua maneira de jogar parece simples, mas na verdade não é, porque ele realiza gestos técnicos incríveis. É por isso que os adversários raramente carregam a bola para a zona sob seu domínio."

Foi depois da ida à Juventus, com 25 anos de idade, que Deschamps ganhou respeito de verdade. Seu treinador, Marcello Lippi, estava entre seus maiores admiradores. "Ele já era um treinador enquanto jogava. Era um líder dentro de campo, um ponto de referência para todos os companheiros e também para mim, de modo que era comum eu ter discussões táticas e técnicas com ele." Inicialmente usado fora de posição, com a tarefa de ir e voltar no meio de campo por conta da presença de Paulo Sousa, de 1996 em diante Deschamps se tornou o principal meio-campista defensivo da Juventus. O momento foi crucial, já que Zidane havia chegado no início daquela temporada e Deschamps pôde ajudá-lo a se adaptar dentro e fora de campo. Juntos, os dois chegaram a duas finais de Champions League e venceram a Serie A duas vezes pela Juventus. "Um entende o jogo do outro perfeitamente", declarou Deschamps, enquanto Zidane se referia ao companheiro como "o chefe".

Tirando os primeiros meses na Juventus, Deschamps e Zidane não jogaram de fato lado a lado, já que geralmente outros dois jogadores se colocavam entre eles, em um losango no meio de campo. Mesmo assim, os dois inegavelmente costumavam ser vistos como uma dupla. "Encontrei a melhor tática para nunca ter problemas em campo", disse Deschamps a Lippi. "Assim que pego a bola, entrego-a para Zidane." Trata-se de um bom resumo da relação entre os dois, e é possível estabelecer estreito paralelo também na carreira de ambos como treinadores. Durante o período em que Deschamps levou a França à final da Eurocopa de 2016 e ao título da Copa do Mundo de 2018, Zidane venceu três Champions League seguidas comandando o Real Madrid. A equipe de Deschamps, claro, era

essencialmente cautelosa, enquanto a de Zidane favorecia a criatividade.

Foi outro talentoso camisa 10 francês, no entanto, quem fez a declaração mais memorável sobre Deschamps. No início de 1995, Eric Cantona atuava pelo Manchester United e era o capitão e principal criativo da seleção da França, mas foi suspenso do futebol por oito meses depois de pular nas arquibancadas do Selhurst Park para dar uma voadora em um torcedor. Ele, então, acabou se tornando vítima da conexão Deschamps-Zidane. O primeiro se estabeleceu como capitão da seleção e o segundo se tornou o astro do time. Cantona nunca mais foi convocado e acreditava que Deschamps havia conspirado contra ele. Antes de uma partida entre o United e a Juventus pela Champions League, em 1996, ele falou com jornalistas pela primeira vez em quase dois anos, unicamente para provocar seu compatriota.

“Deschamps se vira porque sempre dá 100%, mas nunca será nada além de um carregador de água”, zombou. “A gente encontra jogadores como ele a cada esquina. Hoje em dia, Didier age como um monge e um moralista, mas vai acabar metido com todo tipo de imoralidade. Os únicos dois bons jogadores franceses na Itália são Youri Djorkaeff e Zinedine Zidane. O resto não tem nada de especial.”

Deschamps ficou mais perplexo que ofendido. “Não tive nenhuma dificuldade com Eric nos cinco anos que passamos juntos na seleção da França, mesmo que nunca tenhamos sido amigos”, respondeu. “Quando o encontrar na quarta-feira, vou perguntar exatamente o que ele quis dizer. Ele possivelmente acredita que tive algo a ver com sua saída da seleção, mas nunca interferi nas convocações.” Deschamps relutou um pouco, mas acabou aceitando a nova alcunha que o acompanhou durante o resto de sua carreira. “Quantos jogadores você consegue achar por aí que venceram duas Champions League? Além disso, toda equipe precisa dos seus carregadores de água.” Quando consideramos a comparação com o ciclismo e o importante trabalho dos atletas que buscam as garrafinhas, “carregador de água” passa a se encaixar perfeitamente a ele.

Na final da Copa do Mundo de 1998, Zidane jogou protegido por três volantes: Deschamps, que era o mais recuado, e mais dois. Emmanuel Petit era um meio-campista alto, que usava rabo de cavalo e passava a bola de maneira elegante com a perna esquerda, mas atuava inquestionavelmente

como um jogador defensivo — originalmente, era zagueiro, e foi convertido em meio-campista relativamente tarde na carreira. No Arsenal, ele atuava ao lado de Patrick Vieira, que deu o passe para o gol de Petit na final contra o Brasil depois de entrar no segundo tempo. Pelo lado direito daquele meio de campo quem operava era Christian Karembeu, um atleta versátil que exerceu várias funções ao longo da carreira — cabeça de área, volante de área a área, meio-campista pela direita e lateral direito — e agregava ao time a energia explosiva que faltava a Deschamps, Petit e Zidane. Karembeu exibia impressionante resistência, supostamente porque durante a infância na Nova Caledônia, ilha no sul do Oceano Pacífico, viveu com treze irmãos e era o responsável por correr vários quilômetros todos os dias para buscar pão para a família na cidade mais próxima. Tinha a fama de ser insuperável nos treinos intervalados de alta intensidade. Pensando apenas em termos de posicionamento, Deschamps, Petit, Karembeu e Zidane podem ser comparados ao quadrado mágico de 1984, mas, enquanto aquele quarteto contava com quatro estrelas, este tinha um líder óbvio, acompanhado de três carregadores de água.

A reputação de Deschamps sofreu bastante no período pré-Eurocopa de 2000. Tanto ele quanto Zidane passaram por uma longa ressaca depois da Copa do Mundo no retorno à Juventus, e o capitão brigou feio com Lippi depois de descobrir pela imprensa que seria barrado em um jogo decisivo do Campeonato Italiano. Lippi deixou o clube pouco depois, o que pareceu enfatizar ainda mais a importância de Deschamps: perdê-lo equivalia a perder a liderança do vestiário. No fim da temporada, o francês também saiu: foi parar no Chelsea, onde permaneceu por apenas uma campanha — ganhou a Copa da Inglaterra, mas sofreu nos grandes jogos por sua falta de mobilidade. Também teve dificuldades em aceitar ser comandado por Gianluca Vialli, seu ex-companheiro na Juve.

Às vésperas da Eurocopa de 2000, Deschamps era considerado por muitos o elo fraco da seleção francesa, especialmente pelo fato de Roger Lemerre ter abandonado o 4-3-2-1 e adotado um 4-2-3-1, o que o fez passar a ter apenas um, em vez de dois outros carregadores de água ao seu lado. A França vinha jogando mal desde a Copa do Mundo e chegou a temer a possibilidade de não se classificar para o torneio continental, então a mídia francesa iniciou uma campanha para que Lemerre barrasse Deschamps e escalasse Vieira, que tinha se tornado possivelmente o melhor volante da Europa e já atuava ao lado de Petit, seu companheiro de Arsenal. Apesar de mais tarde Arsène

Wender ter passado a usar um volante mais técnico e armador no clube inglês, nesse período ele ainda se mantinha adepto do modelo francês, utilizando dois homens de perfil defensivo no meio de campo para proteger a defesa e deixando a criatividade para Dennis Bergkamp, que na prática era uma versão de Zidane no Arsenal.

Vieira era um fantástico meio-campista defensivo, que havia tido o privilégio de uma formação futebolística perfeita. Ele foi escalado ainda jovem no time do Cannes pelo treinador Luís Fernández, o volante do quadrado mágico, e depois aprendeu mais sobre posicionamento com Desailly no Milan. Quando chegou à seleção, olhava admirado para Deschamps. "Eu não seria capaz de encontrar um professor melhor que Dédé", relembrou mais tarde. "Alguns jornalistas diziam que ele não deveria jogar e eu deveria tomar seu lugar, mas eu não concordava, e o clima era muito bom entre nós. Tenho muito respeito por Dédé. Gosto dele como pessoa. Alguns o valorizam como jogador, outros não, mas essa é outra questão. (…) Nós falávamos muito sobre posicionamento, como cobrir um ao outro dentro de campo. Ele gosta disso: trocar ideias, falar sobre tática." Como sempre, os elogios a Deschamps eram repletos de menções a seus detratores.

Na realidade, dada a tendência de Vieira de atuar de área a área o tempo todo durante as partidas, seu verdadeiro rival na luta pela titularidade era Alain Boghossian, um volante aplicado que cobria grande parte do terreno de jogo e havia sido o parceiro de Deschamps durante as eliminatórias para a Eurocopa de 2000. "Quando 'Bogo' jogava no meu lugar, eu tinha dificuldades para entender", admitiu Vieira. "Por outro lado, a gente precisava de alguém como Dédé em campo. Talvez eu agregasse mais opções ao nosso jogo do que ele, porque era melhor indo ao ataque e tinha mais qualidade ofensiva, mas não me achava capaz de contribuir tanto quanto ele em termos de posicionamento e capacidade de ler a partida." No fim, Vieira conseguiu a vaga de Boghossian — que, além de tudo, acabou ficando de fora da Eurocopa por lesão — e se firmou ao lado de Deschamps — que já estava tão irritado pelos questionamentos da mídia sobre suas habilidades que começou a boicotar as coletivas antes do torneio, levando seus companheiros de equipe a fazer o mesmo.

A falta de mobilidade de Deschamps ficou aparente em certos momentos da Eurocopa de 2000. Ele fez um pênalti contra a República Tcheca ao

derrubar Pavel Nedvěd, e não conseguiu ser suficientemente preciso na jogada do gol de Nuno Gomes, o primeiro da semifinal contra Portugal. Mas, no geral, sua parceria com Vieira foi excelente, e os dois se beneficiaram da entrada de Petit, um terceiro volante, na semifinal. Vieira foi incluído na seleção oficial do campeonato, e Deschamps acabou sendo escolhido para a seleção da revista World Soccer. "Deschamps foi criticado antes do torneio como o elo fraco do time francês, mas ninguém consegue fazer as coisas simples de maneira tão eficiente quanto ele", descreveu a revista. "O joie de vivre ofensivo com o qual a França atropelou a Itália na prorrogação não teria sido possível sem o descomplicado empenho de seu capitão."

O sucesso na Eurocopa de 2000 foi o ato final de Deschamps, que anunciou sua aposentadoria da seleção. Ele já tinha vencido a Champions League, a Copa do Mundo e a Euro, todas com a braçadeira de capitão. O volante ainda passou uma temporada solitária no Valencia, mas teve dificuldades para lidar com as trocas de passes e os movimentos rápidos tão comuns em LaLiga e se retirou definitivamente do futebol em 2001, com apenas 32 anos. Desde muito jovem acostumado a ser capitão, Deschamps se tornou um treinador igualmente precoce, assumindo o comando do Monaco, que havia terminado a temporada da Ligue 1 no meio da tabela. Em três anos, levou o clube à final da Champions League.

Depois que Deschamps pendurou as chuteiras, a dupla de volantes titular da França passou a ser formada pela antiga parceria do Arsenal: Petit e Vieira. Petit havia se transferido ao Barcelona, onde regularmente jogava na defesa porque Pep Guardiola, Xavi Hernández e Phillip Cocu dominavam o meio de campo, e retornou a Londres em 2001 para jogar pelo Chelsea. Teve problemas físicos e terminou sua primeira temporada de volta à Premier League perdendo a final da Copa da Inglaterra para seu antigo clube, o Arsenal, e seu grande amigo Vieira. "Evitei de propósito qualquer contato visual durante o jogo e tenho certeza de que ele fez o mesmo. Reprimi qualquer coisa que pudesse despertar o afeto que eu sentia por ele", confessou Vieira mais tarde. "Aquela tarde foi bizarra para nós dois porque tínhamos jogado juntos e éramos muito próximos."

Vieira havia ficado desolado pela saída de Petit do Arsenal e, de início, teve dificuldades sem o parceiro. Foi expulso em seus dois primeiros jogos da temporada 2000/01, recebendo uma suspensão de cinco partidas. Seu

companheiro de meio de campo mais frequente nas duas temporadas seguintes foi o dinâmico Ray Parlour, cujo gol na final da Copa da Inglaterra mencionada há pouco, depois de um arremate de longa distância, mudou a sorte da partida a favor do Arsenal. Mas o jogo de Vieira se encaixava melhor com o de Gilles Grimandi, outro cabeça de área francês que havia chegado ao clube, vindo do Monaco, em 1997 — junto com Petit — e que era mais zagueiro do que meio-campista; um jogador comum, tanto física quanto tecnicamente. Mas foi Grimandi quem atuou ao lado de Vieira regularmente ao longo da campanha de 2000/01, provavelmente sua temporada mais dominante no Arsenal, apesar da falta de títulos do clube. Grimandi liberava Vieira para subir ao ataque e, ainda que não fosse do mesmo nível de Petit, funcionava como o clássico domestique, contente por fazer o trabalho duro a fim de dar liberdade aos astros do time. Esse estilo era perfeito para Vieira, que sempre foi um meio-campista de múltiplas virtudes, muito mais que um cabeça de área puro.

Depois do desastre na Copa do Mundo de 2002, a carreira de Petit entrou na descendente — primeiro pela seleção, depois pelo clube. Sua passagem pelo Chelsea foi discreta, mesmo com a reta final impressionante na temporada 2002/03, quando ajudou o clube a se classificar para a Champions League, o que acabou garantindo que os Blues fossem comprados por Roman Abramovich. A aquisição mais importante do russo em sua primeira janela de transferências foi outro carregador de água francês: Claude Makélélé.

Makélélé havia sido formado nas categorias de base do Nantes como um veloz meia-direita, e desenvolveu ótimo entrosamento com Karembeu, na época um lateral direito que avançava frequentemente ao ataque. Em retrospectiva, era uma combinação curiosa, considerando que Karembeu venceria a Copa do Mundo de 1998 e Makélélé chegaria à final da Copa de 2006, ambos como volantes.

Assim como Deschamps tinha trocado o Nantes pelo Marseille em 1989, Makélélé seguiu o mesmo caminho em 1997, e sua transferência para o Celta de Vigo na temporada seguinte o transformou em um meio-campista de primeiro nível, já que ele passou a jogar ao lado do campeão do mundo Mazinho, que tinha atuado na seleção brasileira ao lado do já citado Dunga. "Mazinho me ensinou a me movimentar e o que fazer em campo, e me ofereceu grande conhecimento tático sobre como administrar o jogo e sair

em velocidade", explicou Makélélé. "Ele me introduziu à essência dessa nova posição. Eu passava horas trabalhando com ele, aprendendo a me posicionar corretamente, quando jogar com um toque ou com dois." Juntos, eles formaram uma excelente dupla de meios-campistas centralizados e ajudaram o Celta a alcançar resultados memoráveis em competições continentais, como as vitórias sobre o Benfica de Jupp Heynckes por 7 × 0 e a Juventus de Lippi por 4 × 0. Makélélé balançou as redes nas duas goleadas, o que indica que ainda não havia se transformado em um jogador puramente defensivo. Então, em 2000, ele se transferiu para o Real Madrid a fim de substituir Fernando Redondo. O Real também contratou Flávio Conceição e Albert Celades, dois outros volantes, mas foi Makélélé quem passou a ser considerado o jogador mais importante do time da capital, em grande parte pela falta de experiência tática da equipe como um todo.

Nesta etapa, o Real Madrid estava embarcando em sua era dos galácticos. O presidente Florentino Pérez tinha a intenção de criar o mais brilhante grupo de jogadores de ataque do mundo e passou a contratar um grande astro por ano: Luís Figo em 2000, Zidane em 2001, Ronaldo em 2002. Com o favorito da torcida Raúl ainda como titular inquestionável, o Real construía um time cada vez mais desequilibrado, escalando diversos jogadores que exigiam liberdade para jogar, sem muitas responsabilidades defensivas. A defesa era quase inteiramente ignorada. O quinto galáctico era o lateral-esquerdo Roberto Carlos, que estava sempre avançando em velocidade rumo ao ataque.

Atuando atrás desse exército de jogadores ofensivos, Makélélé se tornou o jogador-chave do time. Vicente del Bosque, que levou o Real ao título da Champions League em 2002, explicava que a versatilidade do francês fazia dele "o primeiro defensor e o primeiro meio-campista ofensivo do time", já que ocupava a posição na base do meio de campo. Makélélé fazia a cobertura para todos e ainda protegia a dupla de zaga formada por Fernando Hierro e Iván Helguera, dois meios-campistas convertidos em zagueiros.

"Minha função no Real me proporcionava verdadeiro prazer", declarou Makélélé depois de sua saída. "Eu estava preparado para fazer o trabalho defensivo: sentia tanto prazer em impedir os gols adversários quanto em ajudar meus companheiros a chegar rápido ao ataque. O mais importante era oferecer proteção para aqueles à minha frente. Zidane, Figo, Raúl e

Ronaldo eram sensacionais porque podiam subir sabendo que eu ficaria na proteção à defesa para cobri-los. Para alguns, eu exercia o papel de um lacaio, fazendo o trabalho duro para permitir que as 'verdadeiras' estrelas pudessem se expressar, mas eu não enxergava as coisas dessa forma. Considerava minha função fundamental para o equilíbrio do time. Pensava em mim mesmo como o verdadeiro chefe do meio de campo, aquele que dita o ritmo e dá confiança ao grupo. Outros jogadores pensavam o mesmo."

Inevitavelmente, Makélélé era frequentemente comparado a Deschamps e considerado o novo carregador de água do futebol francês: assim como Deschamps no fim acabou assumindo a alcunha, Makélélé também recebeu a comparação de braços abertos. "Sob vários aspectos, o carregador de água é o novo camisa 10. Somos nós que ditamos o ritmo e comandamos as ações. Didier era uma figura muito importante e sua estante de troféus mostra o sucesso que ele alcançou."

Essa era a chave para o sucesso de Makélélé; ele pode não ter sido o jogador mais criativo ou espetacular, mas, assim como Deschamps, sabia muito bem como analisar o jogo, estudava o adversário dois dias antes das partidas, focava nas qualidades do melhor jogador rival e em como fazer para anulá-lo com eficácia. Esse tipo de inteligência tática fez Makélélé se tornar mais um embaixador da posição de cabeça de área. "Você sabe qual é o seu papel, como deve se movimentar, como seus companheiros se movimentam e o que precisam que você faça a cada momento", ressaltou. "É uma liderança silenciosa, e algo que deve ser preservado por ser importante. (…) Todo treinador gostaria de ter esse tipo de jogador, um meio-campista que sempre pensa no equilíbrio do time. Exige uma qualidade que nem todo jogador tem."

Os grandes astros do Real Madrid declaravam o tempo todo que Makélélé era o jogador mais importante do time, um reconhecimento à sua contribuição tática, mas também, talvez, uma estratégia para ajudar o companheiro, já que Makélélé sempre enfrentava dificuldades para conseguir um novo contrato com salários proporcionais à sua importância dentro de campo. Os elogios dirigidos a ele normalmente continham algum tipo de metáfora. "Quando as pessoas olham para um Porsche, admiram o carro por fora", disse Roberto Carlos. "Mas o que realmente torna aquele carro especial? O motor. E nosso motor é o Claude."

Pérez não concordava e vendeu Makélélé ao Chelsea em 2003 para substituí-lo por David Beckham, mais um galáctico que trazia ao time qualidades ofensivas, sem ostentar as características de ladrão de bola do francês. A troca permanece como um dos movimentos no mercado de transferências mais ridicularizados da era moderna, inclusive por causa dos comentários desdenhosos de Florentino após a saída de Makélélé. "Ele não sabe cabecear e raramente dá passes mais longos que três metros. (…) Queria metade do que Zidane ganha e isso não era possível."

Mas Zidane sabia, mais do que ninguém, da importância de um cabeça de área efetivo para fazer florescer o próprio talento, e repetiu a analogia de Roberto Carlos quando perguntado sobre a troca de Makélélé por Beckham. "Por que colocar mais uma camada de pintura dourada no Bentley se você perdeu o motor inteiro?" O treinador Carlos Queiroz se ateve ao universo automobilístico: "Eu disse na época que uma Ferrari sem uma das rodas teria problemas".

Exatamente como no caso de Deschamps, a qualidade de Makélélé com a bola era subestimada. Petit, seu companheiro tanto no Chelsea quanto na seleção, referia-se a ele como alguém do mesmo nível de dois meios-campistas amplamente celebrados. "Pep Guardiola, Fernando Redondo e Makélélé passaram a somar algo mais como cabeças de área", argumentava. "Tudo costumava girar em torno de brigar pela bola e dar carrinhos, mas o futebol começou a mudar com esse tipo de meio-campista centralizado — o objetivo deixou de ser ter apenas espírito de luta e capacidade de recuperar a posse. Claro, isso é importante, mas o ponto principal era controlar o jogo, e para isso é preciso controlar a bola."

Makélélé concordava, acreditando que havia revolucionado a posição por causa de suas habilidades para atacar, não para defender. "Talvez eu seja tecnicamente e taticamente melhor que os cabeças de área dos anos 1980 e 1990, como Luis Fernández, Franck Sauzée ou Didier Deschamps, mas não faço nada radicalmente diferente do que eles faziam. Sou apenas um futebolista mais completo", declarou. "Acho que o jogo mudou e, para ser um jogador de alto nível em qualquer posição, a gente agora precisa saber manter a bola, dar passes precisos e contribuir com cada fase de uma jogada."

Foi só depois de Petit ter se aposentado da seleção, em 2002, que Makélélé

ganhou a titularidade. Num momento curiosamente tardio de sua carreira: ele já tinha trinta anos, mas a verdade é que a trajetória pela qual foi recuando até ocupar uma posição na base do meio de campo constituiu um longo e lento processo. Makélélé ainda guarda certo ressentimento pelo tempo que levou para ser reconhecido internacionalmente. "É difícil, para mim, entender que fiz parte da mesma geração de Zidane, Petit, Barthez, Thuram, Pires e Djorkaeff, mas nunca ganhei nada com a seleção", admitiu. Makélélé havia perdido a Eurocopa de 1996 por ter sido convocado para os Jogos Olímpicos, ficou fora da Copa do Mundo de 1998 porque vinha jogando como ala pela direita no Olympique de Marseille, e em 2000 deixou de ir à Eurocopa porque atuava pelo Celta de Vigo, um clube sem glamour. Ele inclusive não foi à Copa das Confederações em 2001 e 2003, ambas vencidas pela França, porque a temporada espanhola terminou mais tarde, enquanto em 2002 esteve na Copa do Mundo, mas só começou jogando na última partida da fase de grupos. Na Eurocopa de 2004, no entanto, Makélélé formou com Vieira uma temível dupla de volantes, que pareceu impressionante até a surpreendente eliminação para a Grécia nas quartas de final. A mesma parceria foi igualmente muito bem na Copa do Mundo de 2006, quando a França chegou à final.

Foi o sucesso de Makélélé na Premier League, porém, que solidificou sua reputação como o novo carregador de água da França. Ele jogou como o meio-campista mais recuado em um 4-3-3, na maior parte do tempo sob o comando de José Mourinho, e o êxito do Chelsea inspirou outras equipes a replicarem a formação, retirando um atacante para substituí-lo por um volante cauteloso. A performance de Makélélé o fez ser agraciado com a maior honraria possível: a função de cabeça de área passou a ser conhecida na Inglaterra simplesmente como "função Makélélé".

O legado de todos esses carregadores de água franceses ficaria claro anos depois. Quando a França perdeu a Eurocopa de 2016 em casa nos instantes finais, a culpa recaiu em parte sobre Deschamps, agora comandante da seleção, por não ter conseguido encontrar espaço para N'Golo Kanté em seu meio de campo, preferindo usar uma dupla que atuava de uma área à outra, formada por Paul Pogba e Blaise Matuidi. Dois anos mais tarde, no título mundial de 2018, Matuidi foi jogar aberto e Pogba se posicionou ao lado de Kanté, versão ainda mais turbinada de Deschamps ou Makélélé, mas com muitas das mesmas qualidades: o altruísmo, a disciplina no posicionamento e a capacidade para recuperar a bola.

“Kanté não para de correr”, disse Makélélé. “Sem dúvida, é um dos melhores volantes do mundo. (…) Alguns jogadores são considerados grandes estrelas, mas outros, como N’Golo e eu, ficam felizes de fazer os demais parecerem melhores.” Nenhuma outra nação europeia entendeu isso tão bem quanto a França, que sempre conseguiu encontrar o equilíbrio perfeito entre o celebrado líder técnico e os humildes carregadores de água de uma equipe.

Transição: França — Portugal

A França tinha obtido tremendo sucesso com a seleção, e vinha produzindo mais jogadores de alto nível que qualquer outra nação europeia. Seus clubes, no entanto, ainda não conseguiam triunfar na Europa.

O retrospecto dos times da Ligue 1 nas competições europeias sempre foi terrível. O Olympique de Marseille venceu a Champions League em 1993 e se tornou o primeiro clube do país a conquistar um título continental, mas até mesmo essa conquista acabou ofuscada pela condenação por manipulação de resultados que retirou do clube o título da própria liga francesa naquela temporada. O triunfo do psg na Recopa Europeia três anos mais tarde ainda permanece como o único outro título de um integrante da Ligue 1 no cenário internacional, um desempenho que coloca a França atrás de países como Bélgica e Ucrânia.

Quase aconteceu um terceiro título francês em 2004, graças a um rosto familiar. Didier Deschamps havia assumido o Monaco imediatamente depois da aposentadoria em 2001 e, após uma problemática primeira temporada em que teve de lutar para evitar o rebaixamento, fez o clube se classificar para a Champions League ao fim de sua segunda campanha. Na terceira, conseguiu chegar à decisão da maior competição do continente com vitórias memoráveis sobre o Real Madrid e o Chelsea.

No jogo final, o Monaco de Deschamps encontrou o Porto de José Mourinho, que tinha vencido a Copa da Uefa na temporada anterior. A chegada dos dois clubes à final foi surpreendente, pois ambos provinham de ligas menores e seus treinadores tinham 35 e 41 anos de idade, respectivamente. A partida disputada na pouco glamorosa cidade de Gelsenkirchen era uma anomalia completa ou o início de uma nova era.

A final também foi rotulada como uma espécie de eliminatória para se decidir quem seria o próximo treinador da própria definição de clube emergente no continente europeu, o novo-rico Chelsea. Seria Deschamps ou Mourinho, e, como o francês havia sido jogador do clube, parecia ter uma vantagem óbvia. Olhando em retrospectiva, aparentemente Roman

Abramovich já tinha feito sua escolha, mas a vitória do Porto acabou confirmando o status de Mourinho como o mais desejado treinador jovem do continente, e marcou o fim da era francesa no futebol europeu, para que a era portuguesa se iniciasse.

Três semanas depois de o Porto ter vencido a Champions League, seu estádio foi o palco do jogo de abertura da Eurocopa de 2004. Simplesmente sediar o torneio já era uma grande conquista para um país de recursos relativamente modestos como Portugal, em especial considerando que a candidatura portuguesa havia derrotado a da vizinha Espanha — que, por sua vez, recusara a sugestão de Portugal de sediar conjuntamente o torneio, preferindo seguir sozinha. A composição dos votos revelou que a proposta portuguesa vencera por ter atraído o apoio quase universal das pequenas nações da Uefa. Portugal representava os azarões e construiu a mais ambiciosa e espetacular coleção de novos estádios jamais vista numa Euro. Enquanto alguns equipamentos se tornaram elefantes brancos, os três grandes clubes do país, Benfica, Sporting e Porto, passaram a jogar em arenas de primeira linha. "Investimos na modernização do futebol português", declarou Gilberto Madail, presidente da Federação Portuguesa de Futebol e responsável pela organização da Eurocopa de 2004. "Construímos novos estádios e centros de treinamento, que ajudarão a criar uma nova mentalidade. Tudo o que acontecer depois será por causa de 2004."

Portugal fez uma excelente campanha, chegando à final da Eurocopa, perdida para a Grécia. Se a consagração internacional teria que esperar até 2016, o país passava a ser uma força a se considerar; foi a única seleção do continente presente no mínimo às quartas de final na Eurocopa de 2004, na Copa do Mundo 2006 e na Eurocopa de 2008 — uma evolução impressionante quando se leva em consideração que os portugueses só haviam se classificado para três grandes torneios ao longo de todo o século xx.

Enquanto Mourinho se estabelecia como o melhor treinador desse período no Chelsea, seu compatriota Cristiano Ronaldo se tornava o melhor jogador da Europa, vencendo a Bola de Ouro em 2008.

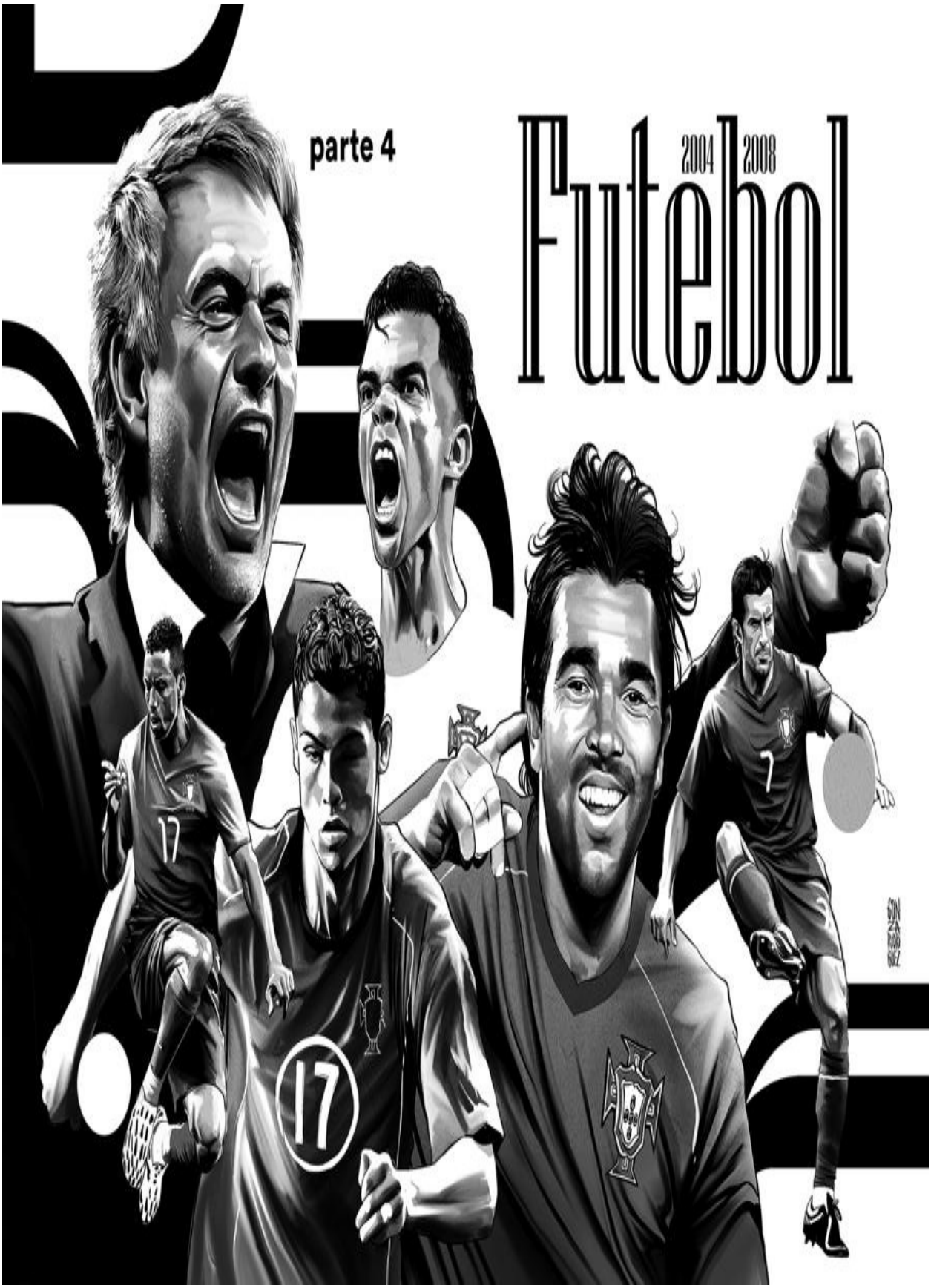
Nessa época, portanto, Portugal podia se gabar de ter um time campeão da Champions League, a seleção mais consistente da Europa, o treinador mais

valorizado e o jogador mais celebrado do continente. A liga portuguesa manteve seu status periférico, como havia acontecido antes com a Ligue 1, mas, mesmo assim, esse ciclo se consolidaria como a era portuguesa.

parte 4

Futebol

2004 2008



10

Estrutura

Nem mesmo José Mourinho acreditava, de verdade, que o Porto pudesse vencer a Champions League em 2004.

Na temporada anterior, Mourinho havia levado o clube ao título da Copa da Uefa com uma dramática vitória sobre o Celtic por 3 × 2, mas suas ambições na Champions League eram modestas. Mourinho tinha dois objetivos: queria se classificar para a fase de mata-mata e derrotar um dos gigantes do continente, colocando o Porto — ou, mais provavelmente, ele mesmo — no mapa. Isso explica por que comemorou a vitória sobre o Manchester United nas oitavas de final de maneira mais eufórica do que triunfos nas fases seguintes.

“Podemos fazer algumas coisas boas”, declarou Mourinho antes do início de sua primeira aventura na Champions League. “Mas acho que não temos como chegar ao título. Apenas os tubarões que conseguem gastar 40 milhões de libras em um jogador podem chegar lá.” O Porto mal havia reforçado o elenco durante a janela de transferência subsequente ao título da Copa da Uefa. Com a exceção da saída do centroavante Hélder Postiga, que foi jogar no Tottenham, e da chegada de Benni McCarthy para substituí-lo, o time era idêntico àquele que havia derrotado o Celtic. Mas a coesão ajudou a equipe do Porto na mais improvável conquista da era da Champions League.

A temporada 2003/04 talvez tenha sido a melhor da história da competição, porque foi dominada inteiramente por azarões. Alguns explicam isso apontando para a falta de grandes times, mas esse argumento está longe de ser verdadeiro. Essa foi a temporada em que o Arsenal ganhou a Premier League de maneira invicta, com o time que ficou conhecido como “Os Invencíveis”. Foi a única vez que o Milan de Ancelotti, o time mais dominante da Champions League na época, venceu a Serie A. Foi quando o Lyon, na metade de sua incrível sequência de sete títulos franceses, estava provavelmente em seu auge.

Mas as quartas de final terminaram com quatro zebras. O Arsenal foi

derrotado por um rival londrino, o Chelsea, com um gol de Wayne Bridge já no fim do jogo em Highbury. O Milan perdeu de maneira inacreditável: depois de ter vencido o Deportivo por 4 × 1 na ida, foi derrotado por 4 × 0 em La Coruña. O Porto eliminou o Lyon por 4 × 2 no placar agregado em um confronto eletrizante, enquanto a vitória do Monaco sobre os galácticos do Real Madrid foi ainda mais emocionante: o time comandado por Didier Deschamps se classificou por ter feito mais gols fora de casa, num empate em 5 × 5 na contagem agregada. Todos os semifinalistas pareciam ser outsiders, e o maior de todos os azarões venceu: o Porto, clube do país mais modesto, com um elenco formado por desconhecidos selecionados de times que frequentavam o meio da tabela da Primeira Liga portuguesa. A experiência do título continental conquistado na temporada anterior se provou decisiva, mas eles também contavam com o mais impressionante jovem treinador da Europa. Mais tarde, Mourinho passaria a ser conhecido como um técnico defensivo, mas nesse período, em Portugal, era adepto convicto de um futebol proativo, de muita intensidade e posse de bola.

O primeiro contato de Mourinho com o mais alto nível do futebol foi trabalhando como tradutor para Bobby Robson no Sporting e no Porto, antes de acompanhá-lo até o Barcelona, já como auxiliar do técnico inglês. Mourinho ganhou fama por traduzir as coletivas de imprensa de Robson incluindo detalhes táticos a mais, e também criou alguns problemas extras por ser mais agressivo que o chefe na relação com jogadores, árbitros e jornalistas. “Mourinho confrontava todos desde o primeiro dia”, escreveu Enric Bañeres, colunista do jornal La Vanguardia, na cidade de Barcelona. “Uma coisa é ser orgulhoso e arrogante se você é Johan Cruyff, mas é completamente diferente se você não é ninguém. Robson teria começado muito melhor se tivesse um braço direito que conhecesse o clube e os jogadores, alguém com habilidade para lidar com pessoas.” A atitude de Mourinho durante esse período no Barcelona acabaria se tornando relevante anos depois.

Quando Robson foi trabalhar na parte de gestão do clube, sendo substituído por Louis van Gaal à beira do campo, Mourinho seguiu como assistente. Seu papel, no entanto, mudou bastante. Robson era um técnico muito presente no dia a dia, com foco no futebol de ataque, e que se envolvia diretamente nos treinamentos. O trabalho de Mourinho, portanto, tinha duas finalidades principais: a de planejar o tipo de atividade a ser realizado nos treinos e, nas palavras do próprio português, “embora mantendo a

primazia do futebol ofensivo, tentar organizá-lo, e essa organização derivava diretamente da defesa". Van Gaal, por outro lado, concentrava sua atenção exatamente no planejamento e delegava o comando das atividades da semana a Mourinho e outros assistentes, que eram responsáveis por implementar os exercícios tipicamente holandeses de posse de bola. "Naquele tempo, falávamos a mesma língua, acreditávamos nas mesmas coisas", relembrou Xavi Hernández. "Trabalhávamos dentro da filosofia do Barça."

Considerando essa experiência, as declarações de Mourinho em sua apresentação como treinador do Porto em 2002 não soam como surpresa. "Prometo que minha intenção é fazer o time jogar de maneira ofensiva. Prometo que trabalharemos para esse objetivo todos os dias até que alcancemos um modelo de jogo perfeitamente sistematizado e automático. Quando esse momento chegar, prometo um futebol de ataque e, até lá, prometo que eu pretendo deliberadamente atacar. (…) Com jogadores como os do Porto, não faria sentido transformar uma filosofia ofensiva em um modelo mais defensivo. As próprias características desses jogadores nos impõem um caminho específico, que nunca incluirá uma forma defensiva de jogar."

A expressão "modelo de jogo perfeitamente sistematizado e automático" poderia ter sido dita por Van Gaal, mas essa abordagem também era tipicamente portuguesa, e o Porto era uma boa representação dessa identidade futebolística. Fazia muito tempo que os portugueses falavam em termos de sistema, adotando uma visão mais ampla e aplicando os princípios fundamentais do jogo de maneira meticulosa.

Essa tendência se iniciou no período entre as duas guerras mundiais, sob a influência de Cândido de Oliveira, que treinou o Sporting, o Porto e a seleção nacional em três passagens distintas. Depois de seu primeiro trabalho à frente da seleção na década de 1920, Oliveira viajou a Londres para participar de um curso organizado pela Federação Inglesa e acabou efetivamente estagiando no Arsenal, onde Herbert Chapman havia revolucionado o futebol com sua formação WM.

Oliveira escreveu, em 1936, um influente livro chamado Futebol: técnica e táctica, uma desconstrução do WM, que ele havia adotado durante sua segunda passagem pela seleção, muito antes de outras nações mais

estabelecidas no futebol começarem a utilizar o sistema. O livro foi amplamente lido por seus contemporâneos e promovia uma abordagem particularmente teórica do jogo. Depois de trabalhar como agente secreto das forças aliadas na Segunda Guerra Mundial, monitorando os movimentos da Alemanha nazista em Portugal, Oliveira escreveu outro livro importante, chamado Evolução táctica no futebol, em 1949. Ele também foi, em 1945, um dos cofundadores do jornal A Bola, ainda popular nos dias de hoje. Oliveira insistia que jornalistas esportivos não deviam apenas levar informações e entretenimento ao público, mas também ajudar a educá-lo. Foi uma figura de importância ímpar no desenvolvimento do futebol português, e a Supercopa de Portugal foi batizada em sua homenagem.

O futebol de Portugal também sofreu grande influência do lendário Béla Guttmann, que dirigiu o Benfica em seus dias de glória durante a década de 1960. Ainda que tenha ficado famoso por declarar que "o terceiro ano é fatal" para um treinador de futebol e pela "maldição" das finais europeias que teria lançado sobre o clube da capital depois de sua saída, seu verdadeiro legado foi a insistência em promover um futebol de ataque, jogando com pontas ofensivos e ressaltando a importância do sistema em detrimento do brilho individual.

A terceira figura central na história do futebol português foi José Maria Pedroto, que inspirou a ascensão do Porto no fim da década de 1970, em parte como resultado de ter lançado mão de um analista estatístico, José Neto. Os dois se encontraram quando Pedroto dirigia o Vitória de Guimarães e, simultaneamente, também atuava como professor. Como aluno, Neto compareceu a uma das aulas de Pedroto e lhe fez uma pergunta aparentemente simples: "Qual é a importância do jogo em relação à organização dos treinamentos?". O que conduziu a uma extensa discussão e, em seguida, a uma reunião no escritório de Pedroto; Neto mais tarde lhe ofereceu uma análise estatística completa de uma partida do Vitória, considerado o primeiro estudo do tipo em Portugal. Em seu retorno ao Porto, Pedroto levou Neto como analista e passou a ressaltar continuamente a importância de seu trabalho. "Mais do que os títulos que ele ganhou no Porto, sua doutrina é o maior legado para o futebol português", afirmou Neto anos depois.

Mourinho, portanto, se encaixava no molde do treinador português: um

estudioso da parte tática do jogo que acreditava na primazia do sistema. "Para mim, o aspecto mais importante para os meus times é ter um modelo de jogo, um conjunto de princípios que propicia organização e, desde o primeiro dia de treinos, nossa atenção é dedicada a isso", explicou. Se Mourinho é frequentemente acusado por não ter feito o futebol evoluir taticamente de forma comparável a contemporâneos seus, como Pep Guardiola ou Jurgen Klopp, essa é uma crítica que ignora sua abordagem revolucionária na preparação de cada partida, que inspirou quase todos os treinadores de alto nível na década seguinte. Ele foi o praticante mais relevante da metodologia de treinamento conhecida como "periodização tática", originada na cidade do Porto.

O criador do método foi Vítor Frade, professor de Educação Física e Filosofia na Universidade do Porto. No fim dos anos 1980 e durante os anos 1990, Frade criou um programa para "universalizar" o treinamento do esporte — o que, na prática, significava a completa rejeição da ideia de que os aspectos físicos, técnicos, táticos e mentais do jogo deveriam ser treinados separadamente. A filosofia de Frade exigia que todo e qualquer exercício incorporasse os quatro fatores, desse modo remodelando a abordagem estabelecida até então, que incluía, por exemplo, exaustivas sessões de treinamento físico, compostas unicamente de corrida, ou sessões de enfoque tático nas quais os padrões defensivos eram exercitados em velocidade de caminhada e sem a bola. Ainda existe uma crença entre muitos treinadores portugueses de que não é possível entender inteiramente a periodização tática — às vezes chamada de "processo de treinamento" — a menos que se tenha estudado diretamente com Frade, que se tornou "diretor de metodologia" do Porto durante a passagem de Mourinho. Em sua chegada ao clube, Mourinho afirmou querer "aportuguesar" o elenco em termos das nacionalidades dos jogadores, e, ao enfatizar uma clara estrutura e uma metodologia específica de treinamento, ele, de forma mais abrangente, aportuguesou igualmente o clube.

Mourinho conheceu Frade quando trabalhava nas categorias de base do Vitória de Setúbal, clube de sua cidade natal, no início dos anos 1990, e eles mantiveram contato ao longo da década seguinte. Quando Mourinho foi contratado como treinador do Leiria, na metade de 2001, o presidente do clube o informou de que havia identificado um local maravilhoso para a pré-temporada no interior do país, numa paisagem repleta de montanhas que seria perfeita para os treinos de corrida dos jogadores. O técnico, para

sua surpresa, respondeu que não haveria nenhuma sessão de corrida. Todo o trabalho seria concentrado no campo, sempre envolvendo a bola, para melhorar a técnica dos atletas; questões posicionais, para trabalhar a estratégia; e certo nível de complexidade, para manter os jogadores concentrados.

“Não acredito na prática segmentada das habilidades, como chutes, dribles, desarmes”, explicou Mourinho em um seminário sobre treinamento em Tel Aviv, em 2005. “Um garoto pode praticar o passe de maneira brilhante, mas no jogo é diferente. A atividade ‘universal’ é crucial — é preciso colocar todos esses aspectos juntos em uma situação de jogo. Muitos clubes fazem trabalhos físicos separados, deixando os jogadores por 45 minutos com o preparador físico, mas creio que isso seja adequado, pois existem exercícios que podem melhorar a condição física com o uso da bola. Faço os atletas jogarem um jogo simples, em campo reduzido, em que só podem cruzar a linha de meio-campo se estiverem correndo em velocidade. Os jogadores não gostam de trabalhar sem a bola, então por que tirá-la deles? Um grande pianista não corre ao redor do piano ou faz flexões de braço com as pontas dos dedos. Para ser excelente, ele toca piano. A melhor forma de se tornar um grande jogador de futebol é jogando futebol.”

Com Mourinho, as sessões de treinamento duravam sempre noventa minutos — ou 120, se ele estivesse preparando o time para uma partida que pudesse ir para a prorrogação. Mourinho também introduziu o uso obrigatório de caneleiras nos treinamentos, o que pode parecer um pequeno detalhe, mas é um sinal importante da sua nova abordagem. Antes, os jogadores faziam os exercícios técnicos de maneira isolada e muitos jogos em campo reduzido eram disputados em baixa intensidade, pois a tentativa de desarmar um companheiro não era realizada com o mesmo vigor dos jogos. Mas os treinamentos de Mourinho tentavam reproduzir à perfeição as situações de jogo, e portanto o uso de caneleiras se fazia necessário. Seu assistente, Rui Faria, tinha estudado educação física com Frade e era especialista em periodização tática. Em outros clubes, ele seria considerado um preparador físico, mas, como não havia sessões específicas para condicionamento físico em sua programação, Mourinho se recusava a chamá-lo dessa forma. “Nossa preocupação cotidiana é direcionada a tornar operacional o nosso modelo”, afirmava. “No entanto, a estrutura dos treinamentos está relacionada não apenas com objetivos táticos, mas também com o componente de condicionamento físico priorizado.” Mais

uma vez, um técnico português estava preocupado com o conceito de estrutura.

A condição física do elenco do Porto se revelou especialmente importante durante a campanha vitoriosa na Champions League, já que a equipe dependia muito mais da marcação por pressão do que os times que vieram a ser posteriormente comandados por Mourinho. O Porto pressionava de maneira agressiva na frente e utilizava uma linha de defesa bastante avançada, comandada pela dupla de zaga formada por Jorge Costa e Ricardo Carvalho. Costa brigara com o antecessor de Mourinho, Octávio Machado, e tinha sido emprestado ao Charlton, mesmo sendo o capitão do time, mas foi trazido de volta pelo novo treinador. Ricardo Carvalho era produto das categorias de base do próprio Porto e se tornou, sob o comando de Mourinho, um dos melhores zagueiros do continente capaz de defender usando a inteligência ou a força. O lateral direito era Paulo Ferreira, que antes jogava pela direita do meio de campo, mas foi convertido em defensor por Mourinho e teve grandes atuações na Champions League contra pontas-esquerdas como Ryan Giggs e Jérôme Rothen. Pela esquerda, jogava Nuno Valente, que o técnico trouxera com ele do Leiria.

Como quarteto, eles tinham entrosamento impecável na hora de avançar para deixar os adversários em posição de impedimento, muito embora existisse um detalhe peculiar nesse aspecto do jogo do Porto. Ao longo da campanha na Champions League, árbitros e auxiliares marcaram incorretamente muitos impedimentos dos atacantes que enfrentavam o clube, com as reprises dos lances mostrando que os jogadores estavam em posição legal. O exemplo mais famoso foi o gol mal anulado de Paul Scholes, do Manchester United, em Old Trafford. Aconteceu com tanta frequência durante a campanha que pareceu mais do que pura sorte; os defensores do Porto eram tão convincentes ao agir como se tivessem deixado os adversários impedidos que, mesmo quando não era esse o caso, os auxiliares levantavam a bandeirinha. Nas semifinais contra o Deportivo, o Porto teve quatro impedimentos marcados a seu favor, um dos quais foi claramente mal assinalado e impediu que o atacante do time espanhol ficasse cara a cara com o goleiro. Na final contra o Monaco, foram inacreditáveis doze impedimentos a favor do Porto, com três marcações incorretas, sendo que duas propiciariam claras chances de gol para o atacante. Em vez disso, o time de Deschamps não conseguiu uma única finalização na direção do gol. O Porto de Mourinho também era muito eficiente em receber cartões

amarelos que não resultavam em suspensões. No segundo confronto da semifinal, seis jogadores do clube estavam a um cartão de serem suspensos; outros dois jogadores foram "amarelados" durante a partida, mas os oito conseguiram caminhar todo o tempo sobre a corda bamba e continuaram disponíveis para jogar a final.

Naquela final, a linha alta da defesa do Porto manteve o centroavante do Monaco, Fernando Morientes, longe da área, impedindo que suas "casquinhas" de cabeça resultassem em bons lances de ataque. Jorge Costa e Ricardo Carvalho também se posicionaram de maneira inteligente para evitar passes pelo meio da defesa, enquanto o goleiro Vítor Baía patrulhou com eficiência o espaço à frente da área. Ainda que o 4-3-1-2 do Porto sugerisse em tese mais espaço e tempo com a bola para os laterais do Monaco, Patrice Evra e Hugo Ibarra (curiosamente emprestado pelo próprio Porto), o time português conseguiu pressioná-los, forçando-os em direção à linha de lado do campo. Os atacantes Carlos Alberto e Derlei cobriam os flancos, um de cada lado, enquanto os meios-campistas nos dois lados do losango, Pedro Mendes e Maniche, deslocavam-se para as laterais, povoando ainda mais essa região do gramado. Enquanto isso, Costinha atuou muito bem como cabeça de área, cumprindo ocasionalmente a função de terceiro zagueiro. Mourinho descrevia Costinha como seu "treinador em campo", o homem que corria rumo à linha lateral para receber instruções táticas e transmiti-las aos companheiros.

O Porto começou devagar e teve sorte quando Ludovic Giuly, o habilidoso meia-atacante do Monaco, foi obrigado a deixar a partida por lesão ainda na metade do primeiro tempo. Seu substituto, Dado Pršo, era um segundo atacante mais tradicional, e a linha alta dos portugueses lidou bem com ele. O time de Mourinho marcou o primeiro gol meio que do nada, pouco antes do intervalo, com o atacante Carlos Alberto. Ele dominou mal um cruzamento de Ferreira, a bola rebateu em um defensor e o brasileiro instintivamente virou o corpo para chutar de voleio, colocando a bola no fundo da rede. Foi sua única grande contribuição na final e, na realidade, o único momento memorável de sua carreira — um jogador de seleção brasileira já aos dezenove anos, cercado de expectativas nessa época, mas que se aposentou com menos de quarenta gols marcados em grandes ligas nacionais.

De fato, a substituição de Carlos Alberto deu início ao período do jogo que

garantiu o título do Porto. Mourinho pôs em campo o rápido meia-atacante Dmitri Alenichev para jogar na esquerda do losango de meio de campo, adiantando Maniche para atuar ao lado de Deco, o camisa 10 e estrela do time. O Porto tinha passado a jogar no contra-ataque, com Alenichev sendo particularmente importante. Na metade do segundo tempo, Deco carregou a bola pelo meio, encontrou Alenichev na esquerda e recebeu de volta na entrada da área. Ele ajeitou o corpo como se fosse chutar com efeito no ângulo direito, mas bateu no canto esquerdo, fazendo o goleiro Flavio Roma cair para o lado errado. Uma finalização de impressionante frieza. "Eu respirei fundo e avaliei a situação. Éramos só eu, o goleiro e os zagueiros", descreveu Deco mais tarde. "Concluí a jogada sem pensar muito, como se estivesse jogando na rua com os meus amigos. Se eu tivesse pensado sobre tudo que estava acontecendo ao meu redor naquele momento, sobre aquele ser o gol decisivo da Champions League, a reação mais normal teria sido chutar o mais forte possível."

Alenichev, então, marcou o terceiro, chutando com força depois de um lançamento desviado. A natureza desses dois gols deixou a impressão de que o Porto era um time de contra-ataque, mas a abordagem padrão do time era consideravelmente mais proativa.

Tamanha era a ênfase do Porto na marcação por pressão que Mourinho estimulava seus jogadores a poupar energia quando tinham a bola. "É o que chamo de 'descansar com a bola'", esclareceu Mourinho em sua biografia. "Com a velocidade que conseguimos imprimir ao jogo, é necessário descansar, ou ninguém conseguirá chegar ao fim das partidas. A questão é alternar momentos de muita intensidade e pressão com períodos de descanso com a bola, que são a 'posse pela posse'."

Esse "descanso com bola" fez o Porto ter mais posse de bola que os adversários em dez dos treze jogos daquela Champions League, incluindo os confrontos contra Real Madrid, Manchester United e Deportivo, tanto em casa quanto fora. As únicas exceções foram três partidas contra times franceses: fora de casa contra o Marseille na vitória por 3 × 2 pela fase de grupos, no segundo jogo contra o Lyon e na final contra o Monaco. Nessas partidas, o Porto esteve à frente no placar por longos períodos, e o adversário se sentiu compelido a avançar e pressionar. Em circunstâncias diferentes, o Porto dominava a posse.

O meio de campo em losango, no entanto, não era o sistema de preferência de Mourinho. Em geral, ele se inclinava mais para o 4-3-3, comum em todo o futebol português, muito embora uma sequência de lesões de seus pontas e a necessidade de fortalecer o meio para garantir a posse de bola contra adversários mais fortes no cenário europeu o tenham feito adotar o 4-3-1-2. O Porto era muito organizado em ambas as formações porque Mourinho treinava seus jogadores nos dois sistemas — e apenas nos dois sistemas. A alternância entre duas formações diferentes se tornou sua abordagem padrão; foi 4-3-3 e 4-3-1-2 no comando do Chelsea, 4-2-3-1 e 4-3-1-2 na Inter, e então, de maneira geral, 4-2-3-1 e 4-3-3 pelo resto de sua carreira. Mourinho treinou o Porto para que fosse possível fazer a troca entre as duas formações apenas gesticulando sutilmente com as mãos, o que desorientava os adversários. Em ambos os sistemas, o Porto exibia movimentos quase mecanicamente sincronizados, sempre mantendo uma clara formação básica, com ou sem a bola.

Depois do título da Champions League, Mourinho foi para o Chelsea e venceu a Premier League em sua primeira temporada. Na Inglaterra, ganhou fama como um técnico puramente defensivo; em sua primeira campanha, o Chelsea não tomou gols em 25 dos 38 jogos e, no total, concedeu apenas quinze, muito embora Mourinho insistisse que queria jogar de maneira mais ofensiva. "Eu gostaria de ter mais controle das partidas em termos de posse de bola. Em cinco anos em Portugal, nunca tive um jogo em que meu time tivesse tido menos posse que o adversário. Jamais. Podíamos jogar contra o Real Madrid, o Deportivo, o Manchester United, sempre tínhamos um percentual maior de posse. Então, acho que poderíamos ter mais posse aqui — e isso leva tempo —, mas estamos indo na direção certa." As estatísticas destacadas por Mourinho não eram exatamente corretas, como se viu linhas acima, mas o sentido geral de seu argumento era apropriado e o Porto, de fato, havia dominado a posse de bola contra os três adversários específicos que ele mencionou.

Na Premier League, o recém-adquirido gosto de Mourinho pelos contra-ataques significou maior foco no conceito de transição, uma ideia pouco familiar na Inglaterra. Mesmo que não fosse uma abordagem exclusiva dos portugueses, o foco nas transições era mais uma forma de o país olhar para o jogo de forma estruturada. O conceito aborda o futebol quebrando-o em quatro fases distintas, que se repetem em um ciclo contínuo: um time em fase de posse de bola entra em transição para a fase sem a posse, depois já

sem a posse faz a transição novamente para a fase de posse, que se reinicia. Como a formação de um time em campo varia muito dependendo de a bola estar em sua posse ou não, surgem oportunidades para se explorar a lentidão adversária nos momentos de transição. Essa, aliás, era mais uma parte fundamental do pensamento de Frade. "Não existe futebol ofensivo ou defensivo", argumentava ele. "Quando você tem a bola, precisa pensar no que vai acontecer quando perdê-la. Quando não tem, precisa saber o que vai fazer quando recuperá-la." O Chelsea de Mourinho era excepcional nesse aspecto.

"Mourinho focava muito nas transições", lembrou Damien Duff, que jogou nas duas pontas do 4-3-3 daquele Chelsea. "Foi provavelmente a primeira vez que ouvi falar nisso. Quando se perde a bola, há a transição do ataque para a defesa, correr rápido para trás, recomposição… Por outro lado, quando se recupera a posse de bola, há a transição ofensiva, o arranque em explosão ao ataque. A bola recuperada equivale ao momento em que os adversários estão mais vulneráveis porque não estão mantendo a formação defensiva, e aí bum!, a gente ataca. Nós atropelamos os adversários naquele ano porque dominávamos essa estratégia. Eu poderia citar aqui, de memória, trinta ou quarenta gols que marcamos assim: recuperamos a bola e chegamos à frente em quatro ou cinco segundos. Ele [Mourinho] provavelmente foi o primeiro [a falar sobre transições]. Não me lembro de ter ouvido isso de nenhum outro treinador." Mourinho também levou o conceito português de periodização tática para o Chelsea, surpreendendo Didier Drogba, que chegou para treinar na pré-temporada calçando tênis de corrida e foi avisado pelo técnico de que não fariam treinos de corrida.

Outro exemplo da abordagem metódica e estudiosa de Mourinho se tornava evidente em sua ênfase na observação dos oponentes. No papel de analista, ele tinha impressionado Robson no passado com sua abordagem meticulosa ao analisar as partidas e sintetizar o plano de jogo dos rivais. "Ele voltava e me entregava um dossiê simplesmente de primeira categoria", relembrou Robson. "O melhor que eu já tinha recebido. Era alguém com pouco mais de trinta anos, que nunca tinha sido jogador, nunca havia treinado uma equipe, e me entregava relatórios tão bons quanto os dos melhores profissionais que levei comigo para me ajudar em Copas do Mundo. Havia detalhes sobre a forma como os times jogaram na partida que ele havia observado — ambos os times —, defesa e ataque muito bem avaliados, padrões de jogo, explicações com diagramas e cores diferentes para cada

time, tudo muito claro.”

Mourinho tinha a expectativa de receber relatórios do mesmo nível. No início de sua carreira como treinador, ficou decepcionado com o departamento de análise em sua breve passagem pelo Benfica. Em seguida, recusou-se a usar os analistas do clube e, em vez disso, contratou um antigo colega de faculdade pagando do próprio bolso, tamanha a importância que dava a esse tipo de trabalho. Ele também passou a utilizar olheiros para espionar as sessões de treino adversárias, em busca da provável escalação de cada rival.

Quando retornou ao Porto como treinador, em 2002, Mourinho pôde contar com outro brilhante jovem técnico português como observador de adversários: André Villas-Boas, igualmente discípulo de Bobby Robson. Com apenas dezesseis anos de idade, Villas-Boas morava no mesmo prédio de Robson, então treinador do Porto, e decidiu colocar uma carta por baixo da porta do vizinho questionando sua decisão de barrar do time Domingos Paciência, um atacante querido pela torcida. Quando Robson o desafiou a lhe trazer seus argumentos, Villas-Boas desenvolveu uma extensa análise estatística, numa história que relembra a de José Neto impressionando José Maria Pedroto nos anos 1970. Robson ficou maravilhado e viabilizou a ida de Villas-Boas a um curso de treinadores organizado pela Federação Inglesa, ainda que seu apadrinhado fosse jovem demais. Depois, deu a ele um emprego no Porto, onde Villas-Boas trabalhou próximo a Mourinho, que mais tarde o utilizou como observador em seu retorno ao clube, já no posto de treinador.

“Como José me conhecia bem do seu tempo como auxiliar de Bobby, ele me pediu para criar o Departamento de Observação de Adversários”, explicou Villas-Boas mais tarde. “Levo quatro dias para criar um documento completo, então é muito abrangente. Os relatórios são entregues aos jogadores e ao treinador. A ideia é que, quando os atletas entrem em campo, estejam totalmente preparados e se deparem com poucas surpresas durante a partida. Meu trabalho permite que José saiba exatamente quando um jogador adversário tende a estar no seu melhor ou no seu pior. Viajo até diversos centros de treinamento, muitas vezes incógnito, para observar o estado físico e mental dos nossos adversários antes de tirar conclusões e entregar meu dossiê a José.”

Ao planejar a estratégia para um jogo específico, Mourinho levava o adversário em consideração tanto quanto o próprio time. Ao falar sobre o desafio de enfrentar os galácticos do Real Madrid, acabou fazendo uma observação bem-humorada, porém reveladora. "Aconteceu algo estranho quando minha equipe e eu estávamos nos preparando para esse jogo", disse ele. "Quando colocamos nosso plano de jogo no papel, percebemos que precisaríamos de treze jogadores para vencer o Real. (…) Eu precisava de um jogador para marcar Fernando Morientes e um volante livre ali perto, outro jogador para marcar Luís Figo e mais um no espaço que ele abre com seus passes em diagonal. Precisaria ainda de um jogador marcando Zinedine Zidane, mas, como ele sai muito de sua zona, faltaria igualmente um lateral direito para ocupar aquele espaço. Por fim, sempre jogo com três atacantes e tinha de mantê-los. Somando tudo, e incluindo os outros atletas que eu geralmente uso, precisaríamos de treze jogadores em campo para vencer o Real. Como nenhum árbitro permitiria isso, jogamos com onze e perdemos por 1 × 0." É difícil imaginar outros técnicos bem-sucedidos pensando no jogo dessa maneira, trabalhando o próprio time a partir da escalação da equipe rival.

Mourinho acreditava que conhecer o adversário era absolutamente fundamental na preparação para uma partida, e acabou transformando o processo em uma atividade coletiva. Nos amistosos de pré-temporada, ele às vezes fazia onze substituições no intervalo e pedia que os atletas que haviam disputado o primeiro tempo dessem aos colegas informações sobre o oponente. Antes da final contra o Monaco, o departamento de Villas-Boas preparou um DVD personalizado para cada jogador do Porto, ressaltando o que fazer contra cada adversário específico. Os atletas assistiram aos vídeos em casa e Mourinho organizou uma reunião para que as informações fossem compartilhadas. Ele não tinha um analista apenas, mas uma equipe inteira, literalmente.

Assim como estudava as características dos rivais, Mourinho muitas vezes tentava esconder deles as qualidades de sua própria equipe. Antes da final da Champions League, o Porto enfrentou o Benfica na final da Copa de Portugal. Não existia necessidade de Mourinho poupar jogadores, já que haveria dez dias livres entre um jogo e outro, mas ele fez mudanças apenas com o intuito de enganar o adversário seguinte. "Eu sabia que o treinador do Monaco estaria nos observando, então não usei o time que considerava o melhor naquele momento", disse Mourinho. "Benni McCarthy jogou no

lugar de Carlos Alberto e essa mudança, em termos de estratégia, alterava tudo. Busquei esconder de Didier Deschamps a maneira como jogaríamos na final da Champions League e, portanto, surpreendê-lo." O Porto perdeu a final local por 2 × 1 na prorrogação, mas pelo menos Mourinho não revelou seu plano de jogo para o confronto mais importante.

Villas-Boas acabaria seguindo com Mourinho para o Chelsea e depois para a Inter, antes de iniciar a própria carreira como treinador. Ele levou o Porto ao título invicto do Campeonato Português em 2010/11 e também igualou o feito de Mourinho no clube ao vencer a Copa da Uefa, já chamada de Europa League. Coincidentemente, o Porto bateu outro clube português naquela final, o Braga de Domingos Paciência — assunto da carta que havia iniciado a carreira de Villas-Boas no futebol. Seu Porto jogava no 4-3-3 com uma linha defensiva bastante agressiva, e a coordenação coletiva dos movimentos do time era bastante clara, extremamente sistematizada. Villas-Boas, então, refez os passos de Mourinho, rumando também para o Chelsea, onde teve menos sucesso; o gerenciamento de pessoas não era sua grande preocupação, e muitos o viam como um "treinador de laptop", tal era seu foco nos aspectos metódicos do jogo.

Em Portugal, no entanto, uma abordagem estudiosa em relação ao futebol é respeitada. Ao longo de sua carreira como treinador, Mourinho manteve sempre atualizado um documento ilustrando sua filosofia, que "contém os objetivos e metodologias da minha prática e como consigo alcançá-los. (…) Nada mais que uma explicação sistemática das minhas ideias. Se tivesse que nomeá-lo, eu o chamaria de 'A evolução de meus conceitos de treinamento'". Mourinho insiste que o conteúdo nunca será publicado, mas esse documento seria essencialmente como um manual para o treinamento de futebol em Portugal. Os técnicos da geração seguinte no país, como Villas-Boas e Paulo Fonseca, costumam afirmar que sua abordagem é mais parecida com a de Pep Guardiola do que com a de Mourinho. Porém, o Porto de Mourinho também era mais similar aos times de Guardiola do que aos do próprio Mourinho mais tarde em sua carreira, que se tornaram consideravelmente mais defensivos.

O Porto, no entanto, encontrou grandes dificuldades depois da saída de Mourinho. Seu sucessor, Gigi Delneri, foi contratado depois de uma ótima campanha na Serie A treinando um Chievo de mentalidade bastante ofensiva. Mas Delneri acabou demitido sem comandar a equipe em uma

única partida oficial. Mourinho — ainda em contato com seus ex-jogadores — sugeriu que o motivo teria sido o fato de Delneri não seguir os princípios da periodização tática.

“Da mesma forma que tive que suceder um treinador italiano [Claudio Ranieri] no Chelsea, não foi fácil para um treinador italiano me suceder no Porto”, contou Mourinho à revista World Soccer. “Temos conceitos de treinamento completamente distintos. Por exemplo, no Chelsea a maneira de desenvolver a capacidade aeróbica dos atletas costumava ser colocando-os para dar doze piques de cem metros. A forma como eu desenvolvo capacidade aeróbica é nos jogos de três contra três, homem a homem, em um quadrado de vinte por vinte metros. É completamente diferente — e imagino que Delneri tenha sentido o mesmo. Os jogadores do Porto estiveram comigo por dois anos e meio, acreditavam em mim, nos meus métodos e na nossa maneira de fazer as coisas. No dia seguinte à minha saída, um novo treinador chega com um trabalho completamente diferente. É fácil ver o problema.” Os jogadores do Porto insistiam em treinar de uma maneira que, àquela altura, era muito particular dos portugueses.

11

O primeiro porto de parada

Depois de declarar sua intenção de "aportuguesar" o Porto em sua chegada ao clube, no ano de 2002, Mourinho em grande medida conseguiu cumprir o objetivo antes de sua partida final — até um certo ponto do campo. Na vitoriosa final da Champions League, em 2004, o goleiro era Vítor Baía, da seleção portuguesa. Os quatro defensores — Paulo Ferreira, Jorge Costa, Ricardo Carvalho e Nuno Valente — eram todos portugueses. No meio de campo, o trio formado por Costinha, Pedro Mendes e Maniche também contava apenas com jogadores de Portugal.

No terço final do campo, no entanto, a situação era diferente, pois os atacantes Carlos Alberto e Derlei eram brasileiros. Além disso, o meia responsável por unir os oito portugueses e a dupla brasileira, o único meia de perfil ofensivo do 4-3-1-2 de Mourinho, era Deco. Muito apropriadamente, embora nascido no Brasil, ele jogava pela seleção portuguesa depois de ter se naturalizado.

Na metade dos anos 1990, o Ajax e a seleção holandesa confiavam em jogadores como Edgar Davids e Clarence Seedorf, nascidos no Suriname, antiga colônia holandesa na América do Sul. Na virada do século, a aposta da França em Thierry Henry e Nicolas Anelka, cujos pais eram egressos dos territórios ultramarinos no Caribe, ficou evidente. O impacto dos argentinos na Espanha também era significativo, mas Portugal foi a nação que teve seu estilo mais influenciado por jogadores nascidos em antigas colônias ou fora da porção continental do país.

Os dois maiores artilheiros da história da seleção vieram de Regiões Autônomas de Portugal, ambas situadas a milhares de quilômetros da costa oeste do país: Cristiano Ronaldo nasceu na Ilha da Madeira, enquanto Pauleta — que nunca jogou na primeira divisão portuguesa — provinha dos Açores. Carlos Queiroz, o treinador responsável por formar a "geração de ouro" do futebol português no início da década de 1990, nasceu na antiga colônia de Moçambique, assim como o mais lendário jogador português de todos os tempos — até Cristiano Ronaldo, pelo menos —, o herói do dominante Benfica dos anos 1960, Eusébio. Rui Jordão, o artilheiro da

seleção portuguesa na Eurocopa de 1984, era natural de Angola. Também foram muitos os futebolistas de seleção em Portugal com ascendência caboverdiana, como Nani, Jorge Andrade e Silvestre Varela.

Mas foi inevitavelmente o Brasil, a nação mais bem-sucedida do mundo no futebol, que provou ser o elo mais significativo. O país se tornou independente de Portugal em 1822, depois de um período em que os dois territórios estavam tão intimamente ligados que a capital do Império Português chegou a ser o Rio de Janeiro, não Lisboa. Os laços culturais entre os dois países se mantêm firmes, e uma das condições para se obter a cidadania portuguesa é um bom domínio da língua, o que dá aos brasileiros uma clara vantagem.

A evolução de Portugal até se tornar uma nação verdadeiramente futebolística nas décadas de 1950 e 1960 deveu muito à influência de um treinador brasileiro. Otto Glória nasceu no Brasil, mas tinha pais portugueses e teve breves passagens como técnico por Botafogo e Vasco da Gama. Depois de chegar ao Benfica, em 1953, venceu o Campeonato Português três vezes e treinou o Porto e o Sporting antes de comandar a seleção portuguesa na Copa do Mundo de 1966, o primeiro grande torneio disputado pelo país. Ele trouxe avanços significativos em termos de alimentação, fisiologia e cultura tática, e dava grande importância à disciplina e à organização, ao mesmo tempo em que incentivava seus jogadores de ataque a serem criativos e de espírito livre. "Ele revolucionou o futebol português", lembrou Eusébio.

Quatro décadas se passaram até que Portugal fosse dirigido por outro técnico estrangeiro, justamente na Eurocopa de 2004 disputada em casa. Foi outro brasileiro: Luiz Felipe Scolari, campeão do mundo pelo Brasil em 2002 que assumiu a seleção portuguesa no ano seguinte — sua primeira experiência no futebol europeu. Foi uma escolha polêmica, não apenas por Scolari ser estrangeiro, mas também pelo fato de seu salário ser muito maior do que o recebido por qualquer um de seus antecessores. A Federação Portuguesa de Futebol, no entanto, sentiu-se compelida a abrir os cofres para trazer alguém com currículo vitorioso no futebol internacional antes da disputa do maior torneio da história do futebol português. Scolari era a escolha óbvia.

Mas suas ideias táticas não se encaixavam no estereótipo do que se

considera como futebol brasileiro. No comando da seleção canarinho, ele declarou que os dias do futebol-arte haviam chegado ao fim; gostava de disciplina, encorajava seus times a cometerem faltas táticas e utilizava muitos jogadores de mentalidade defensiva em suas equipes. "Em São Paulo ou no Rio de Janeiro, as pessoas estão acostumadas a um futebol mais técnico, de habilidade, mas no Rio Grande do Sul, minha terra natal, a ênfase é no jogo físico", explicou. "Por isso, meus times podem não jogar de forma bonita, mas são organizados e produtivos." Ele, contudo, venceu a Copa do Mundo com um trio de ataque composto por Ronaldo, Rivaldo e Ronaldinho. Assim como Otto Glória, seu compatriota, Scolari combinava instruções táticas rigorosas com um amor pelo talento individual — e, portanto, se sentiu inevitavelmente atraído pelo futebol de Deco.

Durante a década anterior, o indiscutível camisa 10 de Portugal havia sido Rui Costa. No auge, ele era tão bom quanto os melhores meias armadores do futebol europeu, capaz de driblar de maneira objetiva e dar passes precisos pelo meio da defesa adversária. Também contribuía com gols marcados nos jogos pela seleção, ainda que tenha passado por um jejum no Milan, onde perdeu a condição de principal meia-atacante do time para o extraordinário Kaká, que oferecia nível similar de qualidade nos dribles e passes, mas também fazia gols com frequência. Rui Costa aceitou bem sua mudança de status no clube, ajudando no desenvolvimento de Kaká, mas a última coisa que esperava era perder também a posição de titular na seleção — para outro brasileiro.

As atuações de Deco pelo Porto de Mourinho eram impressionantes. Ele podia jogar como camisa 10 no 4-3-1-2 ou recuar para o lado esquerdo do trio de meio de campo no 4-3-3. Era conhecido por sua tranquilidade com a bola, particularmente ao recebê-la em espaços reduzidos, de cabeça erguida, e ser capaz de esperar o momento exato para um passe decisivo. Mas, de forma significativa, era igualmente elogiado pela intensidade na dedicação à marcação, por pressionar o rival agressivamente e recuar para proteger a defesa. "Deco é um jogador da elite mundial", declarava Mourinho. "Não só consegue produzir momentos de brilho individual, como também oferece muito mais ao time. É um grande passador e tem personalidade competitiva: tentar os desarmes e voltar para ajudar a equipe são coisas que ele faz com naturalidade". Pelo Campeonato Português de 2002/03, Deco recebeu quinze cartões em trinta jogos.

Quando em 2008 o diretor técnico da Uefa, Andy Roxburgh, discutiu a possibilidade de os times de futebol deixarem de escalar atacantes, ele identificou Deco como o grande exemplo de meio-campista completo para os novos tempos da tática. “Os seis jogadores de meio de campo poderiam alternar posições, atacar e defender”, disse. “Mas seria preciso ter seis Decos. Ele não é alguém que só ataca; ele corre, desarma e cobre o campo todo.” Isso deu a Deco a dianteira na disputa com Rui Costa — um camisa 10 de estilo clássico, à moda antiga —, sem falar em sua vantagem por jogar regularmente ao lado de Costinha e Maniche, os volantes da Eurocopa de 2004.

Scolari podia, portanto, tentar recriar a espinha dorsal do time do Porto e, logo depois de sua chegada à seleção, teve uma longa reunião com Mourinho. “Gostei muito de conversar com ele, que foi muito amigável e aberto”, disse Mourinho mais tarde. “Falamos basicamente sobre os meus jogadores. Scolari queria saber tudo sobre eles e eu me coloquei à disposição para responder todas as suas perguntas. Analisamos cada jogador, da altura de cada um às suas características. Também falamos sobre Deco, e ele me disse que era completamente favorável a tê-lo na seleção.”

Mas Deco não era português e não tinha nenhuma ligação familiar com o país, portanto só teria direito à cidadania depois de viver em Portugal por seis anos. Era de certo modo estranho que nunca tivesse sido convocado pela seleção de seu país natal, ainda que seu desenvolvimento até se tornar um jogador de primeira linha tenha acontecido relativamente tarde. Ele chegou a ser convocado para a seleção olímpica do Brasil em 2000, mas ficou de fora por lesão. Mais tarde, confirmou que já vinha negociando com Portugal “fazia dois ou três anos” antes de obter a cidadania em 2003 em caráter de urgência, imediatamente após completar seis anos no país.

A decisão de Scolari gerou polêmica, e os dois grandes astros da geração de ouro se mostraram descontentes com a chegada do novo companheiro. “Não tem mais por que chamar o time de seleção portuguesa”, disse Rui Costa. Luís Figo, capitão da equipe, reforçou o coro. “É algo que quebra o espírito de equipe e eu não concordo”, declarou. “Se você nasce chinês, então deve jogar pela China. Não tenho nada contra aqueles que se naturalizam, mas é [uma ligação] superficial.”

Até Mourinho, o treinador que havia transformado Deco em um jogador de

nível internacional, se opôs à convocação. “Quando, um dia, eu assumir a seleção, vou levar comigo apenas jogadores nascidos no meu país, com certeza”, declarou. “Ou, se não nascidos no meu país, pelo menos filhos de pessoas que tenham uma forte conexão com o país. Nunca levaria um jogador apenas por ter um passaporte do meu país, apenas por ter a capacidade de tornar o meu time melhor.” Mourinho repetiu o discurso muitos anos depois. “Se algum dia eu treinar a seleção portuguesa, usarei os jogadores portugueses. A seleção é de Portugal, não de ‘Portugal e amigos’. Portugal é dos portugueses.”

Scolari, por sua vez, insistia. “Sou eu que escalo o time, não os jogadores”, respondeu. “Não cedo à pressão de ninguém. Aqueles que não concordam têm a opção de não jogar.” A nacionalidade do próprio Scolari, claro, adicionava mais lenha à fogueira. Deco não era apenas um brasileiro sendo convocado para a seleção portuguesa, mas um brasileiro sendo convocado para a seleção portuguesa por outro brasileiro.

De sua parte, Deco sempre fez muitos elogios à nação que o adotou. “Portugal foi a minha casa nos últimos sete anos”, disse ele antes da Eurocopa de 2004. “É onde eu me estabeleci como jogador. Devo tudo ao futebol português e estou honrado de jogar pela seleção. (…) Eu adoro o Brasil, mas, quando volto para lá, é como se estivesse numa viagem de férias. Portugal é a minha casa.”

Sua estreia pela seleção portuguesa aconteceu em março de 2003, no estádio do Porto, contra o Brasil. Ele entrou no segundo tempo no lugar do ponta Sérgio Conceição e, faltando dez minutos para o fim da partida, os portugueses conseguiram uma falta a 25 metros do gol. Deco se apresentou para a cobrança e acertou um chute baixo, que passou pelo meio da barreira e entrou no canto do goleiro Marcos. Sem saber exatamente como reagir, levantou os braços e aplaudiu a si mesmo. O placar final foi 2 × 1, com um jogador brasileiro garantindo a primeira vitória de um treinador brasileiro pela seleção portuguesa, justamente contra o Brasil. Aliás, Portugal não derrotava o Brasil desde a Copa do Mundo de 1966, quando havia sido dirigido por Otto Glória, mais um brasileiro.

A despeito das inevitáveis reclamações de que Scolari não era capaz de sentir a mesma paixão que um treinador português sentiria, sua atitude tipicamente sul-americana ajudou a inflar o espírito nacional ao redor do

país. Em sua chegada, o treinador sentiu que o elenco português estava "deprimido" depois de não ter conseguido se classificar para a Copa do Mundo de 2002. Por isso, trouxe uma professora brasileira de psicologia, Regina Brandão, para melhorar o humor da equipe. "Temos atitudes diferentes. Sou sul-americano e gosto quando meus jogadores estão felizes e brincando", reconheceu Felipão. "Os jogadores portugueses não estão acostumados com isso. Eles estão habituados com caras fechadas. Em Portugal, todo mundo leva a sério demais todas as partidas. É preciso ter equilíbrio." Ele falava repetidamente sobre a importância da harmonia no "grupo", a palavra de ordem naquele momento, adotada mais tarde por outro colega de profissão, o igualmente bigodudo e técnico campeão mundial Vicente del Bosque.

Scolari também mudou a mentalidade dos torcedores portugueses. Antes da Eurocopa de 2004, ele anunciou que queria ver uma "bandeira portuguesa em cada janela" pelo país inteiro, o que não gerou quase nenhuma repercussão, já que esse tipo de manifestação patriótica deliberada simplesmente não fazia parte da cultura de Portugal, um país de pessoas reservadas. Depois do ceticismo inicial, porém, o público respondeu positivamente. "Ele fez o povo português se unir e nos incentivou a sentir orgulho de nossa bandeira", lembrou o goleiro Ricardo, citado no livro The Thirteenth Chapter, de Tom Kubert. "Não tínhamos a cultura da bandeira antes. Ela é tipicamente sul-americana, como se vê na Argentina e no Brasil." O defensor Fernando Meira concordou. "Scolari teve um papel fundamental na seleção portuguesa e no futebol português como um todo, pois ajudou a revolucionar e dar unidade ao nosso futebol como nunca. Foi incrível como ele conseguiu unir a seleção, fazendo o país inteiro e todas as comunidades portuguesas ao redor do mundo torcerem pelo time de uma maneira completamente diferente. Lembro da Eurocopa de 2004 e das bandeiras em todas as janelas dos lares portugueses, de cima a baixo do país. Foi algo que ele pediu, e que fez toda a diferença em Portugal."

Scolari tinha uma difícil missão antes da Eurocopa de 2004. Portugal passara uma década rezando para que a "geração de ouro" — a versão original, antes que o nome fosse usado também por outras seleções — rendesse frutos e vencesse o primeiro grande torneio para o país. Com a competição se aproximando, no entanto, vinha surgindo uma nova geração, formada por jogadores que haviam levado o Porto ao título da Champions League, muitos dos quais não faziam parte do núcleo central da seleção no

ano anterior, e por Cristiano Ronaldo. O novo treinador foi forçado a escalar um time que combinasse os dois grupos, com o maior debate centrado na polêmica Rui Costa contra Deco, ainda que ambos concordassem que podiam jogar juntos.

Enquanto Figo se mantinha contrário à convocação de Deco, Rui Costa passou a receber melhor a ideia. "No início, não concordamos com a incorporação de Deco ao time — eu também não", admitiu. "Não necessariamente por ser ele, mas por uma questão de princípio. Devo admitir, porém, que ele nos trouxe uma qualidade extra e acredito que será uma presença constante na seleção por muitos anos." Com Deco no banco, Rui Costa iniciou o jogo de estreia da seleção portuguesa, uma surpreendente derrota por 2 × 1 para a Grécia em que os anfitriões só marcaram seu gol de honra nos acréscimos, com uma cabeçada de Cristiano Ronaldo. Os jogadores portugueses admitiram ter sentido enorme pressão, mas também havia problemas táticos. Em especial quando tinha a bola, Portugal era lento demais para conseguir penetrar a fechada defesa grega, com Rui Costa frequentemente desacelerando o ritmo do time.

Portanto, para o segundo jogo de Portugal, contra a Rússia — descrito por Scolari como "de vida ou morte" —, ele optou por incluir mais três jogadores do Porto no time. Nuno Valente e Ricardo Carvalho entraram na defesa, enquanto Deco foi jogar como camisa 10, mandando Rui Costa para o banco. No fim das contas, a decisão se mostrou correta, já que Deco foi o melhor em campo e deu a assistência para o primeiro gol. Posicionado mais à direita, ele recebeu um passe de Maniche, deixou a bola correr sem tocá-la para se livrar da tentativa de desarme de Andrei Karyaka, e partiu em direção à área. Então balançou o corpo, fingindo que ia cruzar, mas devolveu a bola por baixo para o próprio Maniche, que, da marca do pênalti, finalizou com precisão.

No segundo tempo, Rui Costa entrou no lugar de Simão para fazer companhia a Deco. Fez alguns passes excelentes e, a dois minutos do fim, fechou o placar. Usando a braçadeira de capitão depois que Cristiano Ronaldo substituiu Figo, Rui Costa recebeu a bola no próprio campo, arrancou por cinquenta metros, passou para Ronaldo, que disparava pela esquerda, e chegou na área para finalizar o excelente cruzamento de trivela do companheiro. O Estádio da Luz explodiu e, na comemoração, Deco e Rui Costa, o antigo e o novo na armação de jogadas de Portugal, abraçaram-se

longamente. Scolari tinha conseguido unir o grupo e as diferentes gerações. "Jogamos de maneira diferente da usual, com passes rápidos e abrindo o jogo nas laterais", disse um aliviado Scolari mais tarde. Deco tinha acelerado o ataque da seleção.

A partida final do grupo foi uma das mais famosas vitórias da história de Portugal, a primeira em competições oficiais contra a arquirrival Espanha. Duas mudanças promovidas por Scolari foram cruciais. Primeiro, Nuno Gomes entrou no lugar de Pauleta, uma troca direta entre centroavantes. Além disso, Felipão decidiu inverter Deco e Figo, colocando o jogador do Porto em uma posição pouco familiar, aberto na ponta, para permitir que Figo jogasse centralizado. Essas mudanças resultaram no único gol do jogo. Depois de receber a bola entre as linhas, Figo conseguiu passar para Nuno Gomes, que segurou a bola esperando o avanço do companheiro e, com a defesa espanhola aguardando a devolução do passe, girou e acertou um belo chute cruzado no canto. Portugal estava classificado e a Espanha estava fora.

Nas quartas de final contra a Inglaterra, Scolari mais uma vez demonstrou sua capacidade de alterar o rumo da partida a partir do banco de reservas. Portugal perdia por 1 × 0 depois do gol de Michael Owen no início do jogo, e o treinador fez três mudanças ofensivas. Primeiro, substituiu o cabeça de área Costinha pelo ponta Simão, o que fez Figo passar a jogar centralizado mais uma vez. Mais tarde, o próprio Figo foi substituído — obviamente contrariado — por Hélder Postiga, outro centroavante. Por fim, o lateral direito Miguel deixou o campo para a entrada de Rui Costa. Para usar uma expressão clássica da língua portuguesa, Scolari havia raspado o tacho no uso dos recursos do elenco.

As alterações funcionaram de maneira magnífica. A sete minutos do fim, Simão fez um cruzamento fechado, da esquerda, e a bola encontrou a cabeça de Postiga, outro dos que tinham entrado no decorrer do jogo. O confronto foi para a prorrogação, e Portugal precisou jogar mais trinta minutos com um time absurdamente ofensivo, contando com seis jogadores de ataque: Deco, Rui Costa, Simão, Ronaldo, Postiga e Nuno Gomes. Scolari resolveu o quebra-cabeças adotando um 4-2-4, usando Rui Costa ao lado de Maniche no meio de campo e Deco na lateral direita. O meia criativo que tinha acabado de liderar seu clube ao título da Champions League, e que havia terminado o ano como o segundo mais votado na premiação da Bola

de Ouro, era capaz de jogar na defesa por conta de sua tenacidade e espírito coletivo. Algo que resumia suas qualidades como jogador completo — e Rui Costa foi visto dando força a ele antes da prorrogação.

As modificações permitiam que Rui Costa avançasse do meio para o ataque, e ele aproveitou bem as circunstâncias. No início do segundo tempo da prorrogação, recebeu a bola no círculo central e arrancou em velocidade. Phil Neville tentou contê-lo, mas acabou caindo depois do contato físico, e então, já um pouco mais à esquerda da entrada da área, Rui Costa cortou para o pé direito e acertou um chute fortíssimo que tocou o travessão antes de estufar as redes. Foi a maior explosão de alegria do torneio.

Mas não foi o gol da vitória. Frank Lampard empatou logo depois e levou a decisão para os pênaltis. Em uma disputa dramática, David Beckham isolou a primeira cobrança, Rui Costa também mandou a bola para fora e Postiga marcou com uma incrível cavadinha no momento em que um erro teria eliminado a seleção anfitriã. Com um emocionado Eusébio gritando suas instruções na linha lateral, a disputa chegou às cobranças alternadas e Ricardo, o goleiro português, tomou a bizarra decisão de tirar as luvas.

“Havíamos treinado pênaltis e eu tinha visto DVDs com cobranças dos jogadores ingleses”, explicou ele no livro Twelve yards, de Ben Lyttleton. “Mas quando vi Darius Vassell vindo na minha direção, pensei: ‘Merda, vi todos os jogadores naquele DVD, mas não esse cara. Nada. Ele já cobrou algum pênalti na vida?’. Olhei para as minhas mãos. Eu precisava fazer alguma coisa. Então, tirei as luvas. Vassell olhou para mim e para o juiz, que disse: ‘Tudo bem’. Até hoje não sei por que fiz aquilo.”

Não se sabe como, funcionou. Ricardo defendeu a cobrança de Vassell sem as luvas, e ficou tão empolgado que dispensou Nuno Valente e decidiu cobrar ele mesmo o pênalti final, um chute forte que entrou no canto. “As emoções foram muito fortes durante o jogo, e quero agradecer do fundo do coração a todos os portugueses que incentivaram os jogadores da seleção”, bradou Scolari. “Também quero agradecer aos meus jogadores”, acrescentou, quase se esquecendo.

A vitória na semifinal contra a Holanda foi menos memorável que os triunfos contra Espanha e Inglaterra. O placar final foi 2 × 1, alcançado com o segundo gol de Ronaldo na competição — o segundo marcado de

cabeça — e um impressionante disparo de Maniche após um escanteio curto, tão inesperado que a geração da tevê não conseguiu mostrar, pois ainda exibia um replay. Scolari seguia com sua mensagem de sempre. "Parabéns ao povo português, o apoio de todos foi fantástico", declarou, antes de anunciar que havia assinado a renovação de contrato por mais dois anos — com grande aprovação popular.

O dia 4 de julho de 2004 deveria ter sido o mais importante da história do futebol português: a primeira final da seleção em um grande torneio, em Lisboa, enfrentando a modesta Grécia. Mas, depois de já ter chocado Portugal no jogo de estreia, o time de Otto Rehhagel fechou a competição com uma segunda vitória sobre os anfitriões. Angelos Charisteas marcou o único gol do jogo, completando de cabeça uma cobrança de escanteio com o goleiro Ricardo mal posicionado no lance. Portugal teve dificuldades para criar chances nos primeiros sessenta minutos do jogo, embora Rui Costa, em sua última partida pela seleção, tenha jogado muito bem depois de entrar no lugar de Costinha. Ele comandou o meio de campo e criou as duas melhores oportunidades de Portugal, ambas em passes para Ronaldo, que não conseguiu aproveitar as ocasiões de gol.

"Pedimos perdão ao povo português", disse Scolari. Mesmo assim, os jogadores passaram a ser considerados heróis, e a derrota pareceu natural para muitos torcedores. Combinava bem com a aura triste e melancólica do fado português — um dos "três Fs" que supostamente definem o país, ao lado de Fátima, a cidade famosa pelas aparições da Virgem Maria e, claro, do futebol. O goleiro Ricardo, aliás, teve uma segunda oportunidade de vencer um título europeu em casa no ano seguinte, quando o Sporting alcançou a final da Copa da Uefa, jogada em seu próprio estádio, mas perdeu por 3 × 1.

Com a aposentadoria de Rui Costa, Deco se tornou o inquestionável líder do meio de campo português na Copa do Mundo de 2006, quando Scolari tentava conquistar o torneio pela segunda vez consecutiva. Os resultados de Portugal pareceram, de certa forma, familiares. Depois de passar confortavelmente pela fase de grupos, a seleção eliminou a Holanda, e Maniche marcou o gol da vitória, assim como na Eurocopa de 2004 — a partida, no entanto, é mais lembrada pelos dezesseis cartões amarelos e quatro vermelhos, o maior número da história das Copas do Mundo. Veio então uma reedição das quartas de final de 2004, uma vitória contra a

Inglaterra nos pênaltis, antes de uma viagem no tempo até a Eurocopa de 2000, com derrota para a França depois de um gol de pênalti de Zidane. A qualidade do jogo dos portugueses foi considerada pouco estimulante, já que foram seis horas de futebol sem conseguir marcar, desde o gol de Maniche contra a Holanda nas oitavas até o gol de honra anotado por Nuno Gomes já no fim da derrota para a Alemanha, na disputa pelo terceiro lugar. Mesmo assim, era apenas a segunda vez que Portugal havia passado pela fase de grupos, quarenta anos depois do time comandado por Otto Glória em 1966.

Enquanto isso, Deco continuou a brilhar depois de sua transferência para o Barcelona em 2004. Numa época em que Xavi Hernández e Andrés Iniesta ainda tentavam provar suas qualidades, Deco costumava ser o principal armador da equipe, como aconteceu na vitoriosa final da Champions League, em 2006, contra o Arsenal, quando passou a fazer parte de um seleto grupo de jogadores que venceram o torneio por duas equipes diferentes. Em conformidade com sua reputação como jogador que trabalhava arduamente em campo, o site oficial do Barcelona, em uma de suas seções, o descreve como "um jogador completo, que combinava comprometimento e trabalho duro com a qualidade técnica comum aos brasileiros. Ele era capaz de dar assistências, criar chances e marcar gols, mas também de cometer faltas táticas quando necessário". Um elogio estranho, porém revelador, vindo de um clube obcecado por passes no meio de campo. Deco permaneceu no Camp Nou por quatro anos antes de se transferir para o Chelsea, onde se tornou a primeira contratação do novo técnico do time londrino: seu velho aliado, Luiz Felipe Scolari.

Deco era o símbolo da influência moderna do futebol sul-americano sobre Portugal. Passou a ser comum ver Benfica, Sporting e Porto escalando duas vezes mais jogadores nascidos na América do Sul do que em Portugal. Muito mais tarde, em 2017, o Vitória de Guimarães fez história ao se tornar o primeiro time a disputar uma partida de um campeonato europeu sem nenhum europeu em campo. No confronto contra o Red Bull Salzburg pela Europa League, a equipe portuguesa tinha quatro brasileiros, dois colombianos, um venezuelano, um uruguaio, um peruano, um ganês e um marfinense. Foi um caso extremo, mas os clubes portugueses haviam se estabelecido, quase literalmente, como o primeiro porto de parada para sul-americanos buscando sucesso na Europa. Essa reputação não foi construída apenas por fatores como a língua ou a posição geográfica, mas também por

conta de um homem em particular. Em 2008, Portugal não contava apenas com o melhor jogador da Europa, Cristiano Ronaldo, e o melhor treinador do continente, José Mourinho, mas também com o agente mais influente. Jorge Mendes parecia estar presente em todas as grandes transferências envolvendo clubes europeus, e muitas vezes era descrito como o homem mais poderoso do futebol mundial.

Na juventude, Mendes tentou ser jogador profissional, antes de iniciar sua carreira nos negócios com uma locadora de vídeos, um bar de praia e uma boate. Sua entrada no mundo do futebol aconteceu quando ele conheceu Nuno Espírito Santo, um goleiro sub-21 vindo da antiga colônia de São Tomé e Príncipe, na costa oeste da África. Mendes intermediou a transferência do novo amigo do Vitória de Guimarães para o Deportivo, e depois o levou para o Porto de Mourinho. Sua fama decolou quando cuidou da transferência de Cristiano Ronaldo do Sporting para o Manchester United, em 2003, e da troca de Mourinho do Porto para o Chelsea, no ano seguinte. Gradualmente, a agência Gestifute, comandada por Jorge Mendes, passou a representar quase todos os grandes nomes do futebol português — a maioria absoluta dos jogadores da seleção, assim como Scolari e o treinador seguinte da seleção, Carlos Queiroz. A Gestifute afirma que, no período entre 2001 e 2010, foi responsável por 78% da receita de transferências obtida pelo Sporting, 70% no Porto e 51% no Benfica.

Mendes contribuiu para a importação em massa de talentos sul-americanos pelo futebol português, em parte valendo-se da chamada divisão dos direitos econômicos. A prática era ilegal em alguns países e foi banida no futebol europeu a partir de 2015. Antes disso, porém, em muitos lugares — incluindo Portugal — um percentual dos direitos federativos de cada atleta podia pertencer a empresas de investimento privado, na expectativa de uma grande venda futura que traria lucros exorbitantes.

Assim, além de representar diversos jogadores sul-americanos e trazê-los para Portugal, a Gestifute trazia igualmente parte de seus direitos ao país. Um exemplo clássico foi Anderson, talentoso meia brasileiro que teve 70% de seus direitos econômicos adquiridos pela Gestifute junto ao Grêmio em junho de 2005. Na semana seguinte, Anderson assinou um pré-contrato com o Porto, o que resultou numa transferência no valor de 7 milhões de euros, com o clube português assumindo a responsabilidade pela parte do Grêmio e também adquirindo um percentual da parte da Gestifute. Anderson foi

para Portugal em janeiro de 2006 e jogou na primeira divisão do país por dezoito meses antes de se transferir para o Manchester United, que o contratou por 30 milhões de euros.

Como a divisão dos direitos econômicos era ilegal na Inglaterra, o United teve que comprar a cota da Gestifute, pagando a Mendes algo em torno de 5 milhões de euros. A essa altura, Anderson tinha jogado apenas dezenove jogos pelo Campeonato Brasileiro e dezoito pelo Campeonato Português. Sua ascensão meteórica demonstrava o valor de ter Mendes como representante, assim como de fazer escala em um clube português. Ir para Porto, Benfica ou Sporting significava uma tranquila chegada à Europa em uma liga razoavelmente competitiva, normalmente sob o comando de um bom treinador e, em geral, com o bônus de disputar a Champions League.

Outros brasileiros viriam a replicar a decisão de Deco de jogar pela seleção portuguesa. Um exemplo foi Pepe, que havia se mudado para Portugal em 2001, com apenas dezoito anos de idade, para jogar pelo Marítimo e depois pelo Porto. Em 2006, o então técnico da seleção brasileira, Dunga, tentou convocá-lo, mas o jogador recusou o chamado e declarou que estava esperando sua cidadania portuguesa. "Ninguém no Brasil me conhecia. (…) Essa é a minha forma de mostrar gratidão a Portugal", explicou. Pepe recebeu o passaporte português em 2007 e imediatamente trocou o Porto pelo Real Madrid, como se deliberadamente tivesse permanecido no país apenas durante o tempo necessário para poder representar Portugal. Inicialmente, ele foi escalado na seleção portuguesa como um voluntarioso meio-campista, que avançou do meio de campo e tabelou para marcar o primeiro gol da Eurocopa de 2008. Mais tarde, passou a atuar como zagueiro e entrou em campo em mais de cem partidas representando a seleção. Ocasionalmente — e de forma bastante memorável —, ele jogou no meio de campo com José Mourinho no Real Madrid.

Em 2009, a seleção portuguesa foi reforçada com Liédson, centroavante brasileiro que já tinha feito cem gols pelo Sporting no Campeonato Português desde a sua chegada, em 2003. "Eu me sinto português já há um bom tempo", disse. "Nunca deixarei de ser brasileiro. Amo meu país assim como amo Portugal. Acontece que [no Brasil] a concorrência por uma vaga na minha posição é simplesmente maior."

O sindicato de jogadores profissionais de Portugal, o sjpf, contestou

publicamente a decisão de Liédson. O presidente da instituição, Joaquim Evangelista, afirmou, em tom melodramático, que os jogadores portugueses corriam "risco de extinção", e disse que a convocação de brasileiros como Liédson poderia "levar à perda de identidade da seleção nacional". Sob um certo ponto de vista, ele estava correto: não era típico de Portugal produzir grandes artilheiros.

12

Pontas

A maior prova de que um país possui identidade futebolística bem definida é a existência de um clichê já desgastado para sua seleção nacional. Antes de qualquer torneio internacional, comentaristas da tevê são forçados a falar sobre seleções que não acompanharam durante os dois — ou quatro — anos anteriores, mas podem sempre se apoiar em velhas caricaturas.

Assim, da mesma forma como a Itália sempre "começa devagar", a Alemanha é sempre "eficiente" e a Holanda sempre joga bem até ser eliminada porque seus jogadores começaram a discutir entre si, a seleção portuguesa passou a ter um estereótipo para chamar de seu: jogava bom futebol, mas não tinha um centroavante decisivo. E, mais do que os clichês mencionados anteriormente, essa era uma visão promovida pelos próprios portugueses.

A famosa geração de ouro de Portugal venceu a Copa do Mundo sub-20 tanto em 1989 quanto em 1991, a segunda em casa, em Lisboa, nos pênaltis contra o Brasil, diante de um público de 127 mil torcedores. O técnico que comandou a equipe em ambos os títulos foi Carlos Queiroz, um típico acadêmico formado nas escolas de treinadores do país.

Queiroz teve carreira modesta como goleiro em Moçambique, seu país natal, antes de se mudar para Portugal ainda jovem. Lá, estudou na Universidade Técnica de Lisboa e, em 1982, tornou-se o primeiro aluno a se graduar como mestre em futebol na instituição. "Foi quase uma revolução", contou ele mais tarde ao El País. "Lutei até a última gota do meu suor para receber um diploma em metodologia de treinamento no futebol. Fui o primeiro e, com isso, abri muitas possibilidades no campo intelectual como treinador."

Ele acreditava que o futebol de alto nível passaria a não fazer uso de atacantes — em vez disso, os times precisariam que seus centroavantes recuassem, não só para participar da construção das jogadas, mas para deslocar os defensores adversários de suas posições, com o objetivo de criar espaços para os companheiros. No título mundial sub-20 de 1991, João Pinto

jogou no comando do ataque, mas se movimentava para permitir que Toni, Luís Figo e Rui Costa pudessem chegar à área para concluir. Queiroz assumiu a seleção principal imediatamente depois, e sua visão se tornou o modelo padrão para Portugal.

Após impressionar a todos no caminho até as quartas de final da Eurocopa de 1996, levando Ruud Gullit, o jogador-treinador do Chelsea — e comentarista da tevê nas horas vagas —, a afirmar que o time jogava um "futebol sexy", a seleção portuguesa foi derrotada pela República Tcheca com um gol por cobertura de Karel Poborský. "O futebol português parece não produzir mais centroavantes de verdade", Luís Figo admitiu mais tarde. "Fica ainda mais difícil quando o Benfica e o Sporting decidem contratar atacantes estrangeiros. Paulo Alves é o único centroavante tradicional — Domingos e João Pinto gostam de recuar, participar da criação das jogadas e atacar as defesas de frente. De qualquer forma, nossa força é atacar com muita gente." No texto em que resumiu a Eurocopa de 1996, a revista World Soccer opinou: "Se o futebol moderno precisa de jogadores habilidosos e que saibam se movimentar, Portugal teve isso de sobra com Rui Costa, Luís Figo e João Pinto. Pareceu até mesmo ter tido mobilidade demais".

Embora Portugal não tivesse conseguido se classificar para a Copa do Mundo de 1998, as expectativas eram altas antes da Eurocopa de 2000. As estrelas do time, no entanto, expressavam preocupações similares. "Não temos um centroavante de verdade", reclamou Rui Costa. "Vejo tantos ótimos atacantes na Itália que não conseguem chegar à seleção, mas aqui — não por culpa de ninguém em particular — não temos um único jogador desse tipo. É uma pena. Quantos gols um jogador como Christian Vieri marcaria se tivesse Figo e Sérgio Conceição nas pontas?" O meio-campista Paulo Bento concordava. "Criamos muitas oportunidades, mas erramos de frente para o gol. É a mesma história há anos, um problema com os centroavantes. Trocamos dez passes antes de colocar a bola em posição de finalização. Precisamos de um atacante de verdade."

Naquela Eurocopa de 2000, porém, Portugal inesperadamente teve um dos artilheiros da competição. Nuno Gomes virou titular de última hora com a lesão sofrida por Ricardo Sá Pinto e marcou quatro gols, incluindo três nas fases de mata-mata. Ele impressionou tanto que a Fiorentina decidiu contratá-lo para substituir Gabriel Batistuta, já a caminho da Roma. A

performance artilheira, no entanto, era uma espécie de anomalia para Nuno Gomes, um jogador útil, mas que nunca foi letal como finalizador. Assim como vários outros centroavantes portugueses, seu jogo se baseava muito mais em criar espaços para a infiltração dos meios-campistas.

“Sou um atacante que sempre observou como Pippo Inzaghi se move em campo, na esperança de roubar alguns de seus segredos, ainda que eu jogue de maneira diferente, muito mais longe do gol”, disse Nuno Gomes. “Essa é a minha forma de ajudar o time — o aspecto mais importante.” A movimentação de Inzaghi fez dele um prolífico marcador de gols, mas a mobilidade de Nuno Gomes tinha a única intenção de desorganizar as defesas adversárias. Estranhamente, “Gomes” nem é seu sobrenome verdadeiro. Ele se chama Nuno Miguel Soares Pereira Ribeiro e recebeu a alcunha extra como forma de homenagem a Fernando Gomes, um raro fazedor de gols nascido em Portugal que venceu a Chuteira de Ouro como artilheiro do continente duas vezes nos anos 1980. Os portugueses estavam tão desesperados para encontrar o “novo Gomes” que literalmente inventaram um.

Nuno Gomes passou a maior parte da sua carreira na seleção competindo por um lugar no time com Pauleta, o qual, ao longo de suas oito temporadas na França, sempre marcou gols, acabando por se tornar o maior artilheiro da seleção com 47 bolas na rede. Porém, apenas quatro delas aconteceram em grandes torneios: três gols contra a Polônia na Copa do Mundo de 2002 e o gol da vitória contra Angola quatro anos depois, seu último pela seleção. Mas, se de um lado Portugal sentia falta de um centroavante de ofício, de outro produzia muitos atacantes rápidos, ambidestros, incisivos, e que sabiam fazer gols. A questão é que eles preferiam jogar abertos pelas pontas.

O exemplo mais óbvio foi Luís Figo, o verdadeiro craque da geração de ouro e o jogador mais venerado do planeta na virada do século. Sua transferência do Barcelona para o arquirrival Real Madrid, em 2000, tornou-se a mais cara da história, e até hoje não encontra rival em termos do tamanho da polêmica gerada. No fim daquele mesmo ano, Figo foi premiado com a Bola de Ouro — o primeiro jogador português a receber o prêmio desde Eusébio, em 1965.

Figo cresceu em Lisboa e chegou ao Sporting aos onze anos de idade,

tornando-se o modelo perfeito para o tipo de jogador que o clube passaria a formar regularmente nas duas décadas seguintes. Era um verdadeiro ponta, capaz de jogar pela esquerda e pela direita por ser maravilhosamente ambidestro, e de desnortear os laterais adversários porque sabia driblar para os dois lados. Figo tinha qualidade técnica, mas não a usava para fazer firulas. Era focado, eficiente e implacável. "Ele sabia fazer mil coisas diferentes: jogar por fora, por dentro, tocar e correr para receber", lembrou Albert Ferrer, que jogou atrás dele pelo flanco direito no Barcelona. Iván Córdoba, companheiro de Figo na Inter, fez comentários similares. "Ele mudava de direção dez vezes quando partia para cima do lateral adversário", brincou.

Rui Costa, o outro símbolo da geração de ouro, afirmou que Figo era "possivelmente o melhor ponta que já vi, pela sua habilidade em situações de mano a mano e pelos cruzamentos. Não era um ponta que ficava apenas aberto, mas caía para o meio e criava chances". No Sporting e no Barcelona, Figo era um ponta clássico no 4-3-3, mas passou a flutuar mais no Real Madrid, onde tinha mais liberdade, e depois jogou mais centralizado pela Inter. Se Figo tivesse sido formado em um ambiente diferente, possivelmente se tornaria um camisa 10 ou um atacante de velocidade. Mas o Sporting estava acostumado a produzir pontas. O português mais talentoso dos anos 1980, Paulo Futre, era um driblador incrível e muitas vezes chegou a ser comparado a Maradona. Ele jogou como camisa 10 na Itália e na Inglaterra, mas no Sporting havia sido moldado como ponta. Figo, contudo, estava em um patamar ainda mais alto. "Ele era o nosso Cristiano Ronaldo", definiu Nuno Gomes.

Vários fatores foram responsáveis pela tendência do Sporting a formar pontas. O uso do 4-3-3 em todas as suas categorias de base certamente influenciou; Rinus Michels gabava-se de que poucos países eram capazes de produzir "verdadeiros pontas" como a Holanda e o Ajax, mas Portugal e o Sporting se tornaram seus grandes rivais nesse quesito, e as similaridades em ambos os processos de formação são difíceis de ignorar. Na base do Sporting, havia também uma crença fundamental em permitir que os jogadores se expressassem dentro de campo, demonstrassem suas habilidades e tentassem coisas novas com a bola, com especial atenção aos que atuavam pelos lados do campo. "Sempre nos especializamos em pontas por aqui", um dos técnicos das categorias jovens, Michel Miranda, disse ao Guardian em 2017. "Os treinadores limitam o número de toques na bola dos

jogadores mais centralizados, que são estimulados a abrir rapidamente o jogo para as pontas, e estes podem manter a posse o quanto quiserem para criar as chances de gol.” Igualmente importante para a geração seguinte, porém, foi a própria presença de Figo, um grande exemplo para todos. Assim como Thierry Henry redefiniu o modelo de atacante para os franceses, os jovens portugueses passaram a sonhar em usar a camisa 7, e não a 9, e se tornar o novo Figo.

Depois da saída de Figo do país, em 1995, o próximo ponta talentoso formado no Sporting foi Simão Sabrosa, um jogador de perfil parecido, também capaz de jogar pelos dois lados do ataque. Ele não era tão forte, mas era tecnicamente excelente, além de ótimo cobrador de faltas. A semelhança era tanta que Simão replicou a ida de Figo para o Barça, em 1999, quando o clube espanhol estava sob o comando de Louis van Gaal, um amante dos verdadeiros pontas. Inevitavelmente, Simão se tornou reserva de Figo e só pôde jogar quando o compatriota, fora por lesão, lhe permitiu começar três jogos seguidos como titular. Em 2000, Figo partiu para o Real Madrid, e a expectativa era de que Simão assumisse seu lugar. Ele iniciou jogando em quinze das primeiras dezessete partidas daquela temporada, aparentemente confirmando seu status ao fechar o placar na vitória por 2 × 0 sobre o Real, no turbulento retorno de Figo ao Camp Nou. Mas Simão se lesionou e nunca mais voltou a se firmar como titular. Em 2001, retornou a Lisboa, mas para jogar pelo Benfica, grande rival do Sporting. Ou seja, mesmo que de forma indireta, e assim como Figo havia feito na Espanha, cruzava a fronteira da maior rivalidade no futebol português.

Nesse período, o futebol de Simão melhorou exponencialmente, em particular sua capacidade para marcar gols. Em sua segunda temporada após a volta a Portugal, ele terminou como um dos dois artilheiros do Campeonato Português, com dezoito gols, uma ótima marca, quando se considera, por exemplo, que Figo marcou apenas dezesseis vezes somadas as suas quatro campanhas pelo Sporting. Já capitão do time, Simão havia se tornado o jogador que o Barcelona pensava ter comprado. Em 2003/04, evitou a histórica tríplice coroa do Porto de José Mourinho ao marcar de cabeça o gol da vitória na final da Copa de Portugal, encerrando o jejum de oito anos sem títulos vivido pelo Benfica — um período quase inimaginavelmente desastroso para o clube mais vencedor do país. Simão tinha se transformado em um verdadeiro herói benfiquista; enquanto isso, seu antigo clube já havia formado mais dois jovens pontas incrivelmente

talentosos, e ninguém era capaz de dizer ao certo qual deles teria carreira mais bem-sucedida. Em uma ponta, jogava Ricardo Quaresma; na outra, Cristiano Ronaldo.

Os dois não se davam bem. Quaresma era um ano mais velho, mas, com o talento prodigioso de Ronaldo, era rotina jogarem juntos no sub-18 e pelo time B do Sporting; como um não gostava de passar a bola para o outro, os dois tentavam se destacar com dribles e firulas. Durante os anos de formação, Quaresma e Ronaldo jogavam de forma praticamente idêntica: eram absolutamente obcecados por pedaladas em velocidade, e seus treinadores regularmente lhes passavam sermões sobre a importância daquilo que, no fim, deveria resultar das jogadas. "Desde muito cedo sou criticado por tentar fazer muitas coisas sozinho", admitiu Quaresma ainda jovem. "Mas estou apenas jogando meu futebol de modo natural. Quando criança, eu já adorava inventar novos truques com a bola." Ronaldo declarou algo similar: "Driblar e escapar dos adversários é a minha forma de jogar. Jogo assim desde pequeno. Adoro fintar e driblar, passar pelos meus rivais. Sei que as pessoas se irritam, mas não estou tentando me divertir às custas de ninguém. É apenas o meu estilo."

Na época, de qualquer forma, era Quaresma quem oferecia resultados mais objetivos. Geralmente escalado pelo lado direito, ele costumava usar as pedaladas para superar os adversários e chegar ao fundo, antes de cruzar. Quando tinha a chance de finalizar, usava a parte externa do pé direito, normalmente surpreendendo os goleiros pela curva que colocava na bola. Esse chute de trivela se tornaria sua marca registrada, e ele tentaria o mesmo movimento repetidas vezes ao longo da carreira. "A coisa mais importante é 'fatiar' a bola de lado e por baixo", explicava. "O pé direito toca no canto inferior esquerdo da bola. É assim que se consegue o giro certo."

Quaresma foi decisivo no título português do Sporting em 2001/02, antes ainda de Ronaldo ter estreado no time de cima. Em algumas ocasiões, foi imparável, como na goleada por 5 × 1 contra o Salgueiros, em novembro, na qual marcou um golaço de longe. No mês seguinte, abriu o placar contra o Varzim no primeiro minuto com uma clássica trivela e, mais adiante, deu duas assistências cruzando para Jardel, uma com cada pé. E ainda construiu uma jogada pelo lado direito, deixando o lateral esquerdo adversário caído depois de um carrinho e rolando para João Pinto tocar

para o gol vazio — 4 × 0 no primeiro tempo. Na goleada por 4 × 1 contra o Leiria, Quaresma recebeu a bola na linha de meio-campo, atraiu a atenção de quatro defensores, conduziu em direção à quina da área e soltou um lindo chute que rebateu no travessão, depois na trave, e entrou. No entanto, seu jogo era muito mais propenso a assistências, e ele contribuiu demais para o absurdo desempenho de Jardel, que marcou 42 gols em trinta jogos do Campeonato Português.

Quaresma também se preocupava em se divertir enquanto jogava, e por um breve período foi apelidado de "o Harry Potter de Alvalade", o estádio do Sporting. Não havia dúvidas sobre quem era o seu ídolo. "Admiro muito Luís Figo porque ele começou nas categorias de base do Sporting", contou. "Depois ele foi para o Barcelona, fez sucesso lá e acabou no Real Madrid. Tudo Isso me inspirou a tentar seguir os passos dele." Foi exatamente o que aconteceu. Assim como Figo em 1995 e Simão em 1999, Quaresma repetiu o ciclo testemunhado de quatro em quatro anos ao trocar o Sporting pelo Barcelona em 2003, depois de uma segunda temporada levemente decepcionante na liga portuguesa. O Barça também poderia ter assinado com o outro jovem ponta do Sporting naquele início de temporada, mas tentou inicialmente negociar apenas um pré-contrato — e acabou perdendo Cristiano Ronaldo.

Enquanto Figo e Quaresma cresceram em Lisboa, Ronaldo precisou enfrentar uma situação mais complexa ao decidir jogar nas divisões de base do Sporting. Ele era da Ilha da Madeira e jogava pelo Nacional, mas foi convidado para um teste no clube da capital aos doze anos de idade. "Quando eu era criança, Figo era meu herói, então foi maravilhoso poder jogar por seu antigo clube", disse Ronaldo, que herdou o carinho por Figo e pelo Sporting de sua mãe, não do pai, que era torcedor do Benfica. Mas ir para o Sporting significava viajar mil quilômetros por sobre o Oceano Atlântico às vésperas da adolescência — e, ainda que em tese a mudança de Ronaldo acontecesse dentro de seu próprio país, a similaridade com a experiência de Lionel Messi é óbvia. Mas, enquanto o argentino se beneficiou da realocação junto com a família, Ronaldo chegou sozinho a Lisboa; e, assim como aconteceu com Messi, foi zombado pelos novos companheiros por seu sotaque diferente. Ganhou o apelido de Macarrão por ser alto e magro, e frequentemente era criticado por ser muito egoísta com a bola. De qualquer modo, sua ascensão foi impressionante, e ele se tornou o primeiro atleta a atuar avançar por sub-16, sub-17, sub-18, time B e

principal do Sporting no mesmo ano.

Mas ainda existiam dúvidas quanto à efetividade de seu jogo como um todo. Em 2002, ano de sua estreia entre os profissionais, o técnico do Sporting, Laszlo Boloni, elaborou um relatório detalhando o desenvolvimento de Ronaldo. De acordo com a biografia escrita por Guillem Balague, Boloni ressaltou que o jogo aéreo de Ronaldo era fraco, que ele não trabalhava suficientemente para melhorar sua técnica, que sua disciplina defensiva era questionável, que seu porte físico deixava a desejar, que ele era egoísta, que lhe faltava força mental e que não tinha "nenhuma noção tática como indivíduo ou membro de um coletivo". Considerando-se todos esses problemas, até que Ronaldo não se saiu mal. Apesar de todas as ressalvas, Boloni o levou para a equipe principal e, no início de 2002/03, anunciou à imprensa que Ronaldo "será melhor que Eusébio e Figo", os dois portugueses vencedores da Bola de Ouro. Uma declaração e tanto.

Ronaldo estreou em outubro de 2002 contra o Moreirense, marcando dois gols. O primeiro foi uma arrancada desde a linha de meio-campo, em que se livrou de um carrinho perigoso, pedalou com o pé esquerdo para atrair o último defensor e driblou para o lado direito para finalizar com uma cavadinha por cima do goleiro. Foi um excepcional gol de estreia. O segundo saiu de uma cabeçada a curta distância do gol. Ronaldo iniciou apenas mais dez jogos naquela temporada e marcou mais um gol, mas seu potencial era óbvio e, assim como Quaresma, ele produzia momentos de habilidade memoráveis.

Um aspecto interessante do desenvolvimento de Ronaldo no Sporting, no entanto, é que durante seus anos de formação ele foi usado muitas vezes como centroavante ou segundo atacante, não apenas como ponta, e José Mourinho o comparou a um artilheiro clássico. "Na primeira vez que o vi, pensei: 'É o filho do Marco van Basten'. Ele era um atacante, mas um jogador muito elegante." Quando Sir Alex Ferguson enviou um de seus assistentes, Jim Ryan, para observar Ronaldo em Portugal, o relatório final destacou: "Acredito que ele seja um ponta, mas está jogando como atacante centralizado no time de jovens". O Arsenal também entrou em negociações para assinar com o jovem português, e Arsène Wenger lhe prometeu a camisa 9.

Foi o Manchester United, contudo, que venceu a batalha pela contratação

de Ronaldo, fato que se pode atribuir tanto às conexões preexistentes do clube em Portugal quanto, indiretamente, à circunstancia de o país sediar a Eurocopa de 2004. No início da temporada anterior ao torneio continental, Ferguson trouxera Carlos Queiroz para ser seu auxiliar — e ele conhecia Ronaldo. Queiroz também conhecia a reputação do Sporting na formação de bons jovens talentos, e aconselhou Ferguson a contratar tanto Ronaldo quanto Quaresma e a formular um acordo informal entre o Sporting e o United baseado no compartilhamento de experiências na base. Enquanto isso, o Sporting queria enfrentar um clube grande na inauguração do seu novo estádio, construído para a Eurocopa e, portanto, o acordo incluiu uma visita do United a Lisboa na metade de 2003. O elenco estava exausto depois da pré-temporada nos Estados Unidos e tinha que enfrentar o Arsenal pela Supercopa da Inglaterra três dias depois. A viagem era um inconveniente, inútil tanto em termos de receita comercial quanto de preparação para o time. Mas a partida acabou sendo crucial para o futuro de Cristiano Ronaldo.

No primeiro jogo do Sporting no Estádio José Alvalade, Ronaldo vestiu as cores do clube pela última vez. Ele foi sensacional contra o United, começando aberto pela esquerda e superando John O'Shea repetidas vezes, pedalando antes de abrir para a ponta ou de cortar para dentro para chutar com o pé direito. Quando O'Shea lhe dava espaço, Ronaldo ganhava velocidade e passava fácil pelo rival. Quando o defensor marcava de perto, acabava fazendo a falta. Depois do intervalo, o português mostrou sua versatilidade ao mudar para o lado direito e começar a usar o espaço às costas da defesa, e o United continuou sem conseguir pará-lo.

Depois da partida, os jogadores do United imploraram a Ferguson para que contratasse Ronaldo, e cinco dias depois o acordo estava selado. "Estamos negociando com Ronaldo há um bom tempo, mas o interesse de outros clubes aumentou nas últimas semanas e tivemos que acelerar o negócio para garantir a sua vinda", disse Ferguson. "Foi apenas em razão de nossa associação com o Sporting que o acordo de meses atrás foi honrado", acrescentou. Quando Cristiano Ronaldo foi apresentado a O'Shea no centro de treinamento do United, o irlandês brincou que merecia parte das luvas do contrato, já que sua incapacidade para lidar com o ponta português convencera o clube a agir imediatamente.

Na apresentação do novo contratado, Ferguson especulou sobre sua posição.

“Ele é extremamente talentoso, um atacante ambidestro que sabe jogar em qualquer posição à frente: pela direita, pela esquerda ou centralizado”, disse. “É um dos melhores jovens que já vi jogar.” Ronaldo estreou atuando por trinta minutos contra o Bolton na primeira partida da temporada e foi, mais uma vez, fenomenal. Começando pela esquerda, deixou o lateral direito Nicky Hunt para trás e sofreu um pênalti cometido por Kevin Nolan. Depois, pela direita, forçou um cartão amarelo para Ricardo Gardner por uma entrada violenta. Ronaldo já era o queridinho da torcida. Quatro dias depois, fez seu primeiro jogo pela seleção — entrando, muito apropriadamente, como substituto de Luís Figo. “Fique calmo e jogue da maneira como você joga pelo clube”, foi o conselho do ídolo.

“De todos os jogadores que treinei em Portugal, um deles era especialmente importante para Cristiano Ronaldo: Luís Figo”, relembrou Luiz Felipe Scolari mais tarde. “Quando Ronaldo iniciou sua trajetória na seleção, o primeiro a ajudá-lo foi Figo. Ele foi o primeiro a desafiar Ronaldo a driblar e chutar mais, a marcar gols, a jogar seu próprio jogo, trabalhar o tempo todo e se tornar um jogador melhor.”

O progresso inicial de Ronaldo no United foi decepcionante. Ele parecia pouco desenvolvido fisicamente e se tornou alvo de piadas por sua obsessão pelas firulas, sempre passando a perna por cima da bola duas ou três vezes quando investia contra os laterais adversários. Também tentava com frequência os cruzamentos de letra, passando a perna direita por trás da esquerda. Às vezes, fazia um passe diferente para um lateral que o ultrapassava: tocava na bola com o calcanhar de um pé, fazendo-a rebater no outro e chegar ao companheiro em velocidade. Em outras ocasiões, recebia a bola junto à linha lateral e brincava com os oponentes, rolando um pé por cima da bola e fazendo pedaladas com a outra perna.

É claro que os laterais da Premier League respondiam a esse exibicionismo com pontapés, assim como seus companheiros nos treinos. “Quando ele chegou aqui, seu primeiro pensamento era entreter”, disse Rio Ferdinand. “Nós queríamos vencer. Sabíamos que teríamos mais chance se ele fosse mais objetivo. Na falta de uma palavra melhor, estávamos chutando o fator entretenimento para longe dele, para que nos desse gols e assistências.” Ronaldo fez apenas quatro gols no Campeonato Inglês em sua primeira temporada, um número baixo, embora também tenha aberto o placar de cabeça na vitoriosa final da Copa da Inglaterra, contra o Millwall. Seus dois

gols na Eurocopa daquele ano, em Portugal, também foram de cabeça. Enquanto isso, Quaresma vivia sua única — e frustrante — temporada no Barcelona, onde marcou apenas um gol. Assim como Simão antes dele, Quaresma voltou a Portugal, mas para jogar pelo Porto, como parte do acordo que levou Deco ao Camp Nou.

Na temporada 2004/05, Ronaldo continuou jogando pelo lado direito no Manchester United e marcou cinco gols em todas as competições, incluindo dois em uma vitória memorável sobre o Arsenal por 4 × 2. Em 2005/06, ele balançou as redes nove vezes, mas ainda era muito inconsistente: começou a temporada fazendo um gol em quinze partidas, depois marcou sete vezes em sete jogos, aí ficou onze partidas em jejum e voltou a marcar no último jogo da campanha, uma vitória por 4 × 0 sobre o Charlton. Esse jogo acabou sendo importante; Sir Alex Ferguson deixou de fora do time um furioso Ruud van Nistelrooy, que nunca mais jogou pelo clube. O atacante holandês, que havia dominado o ataque do United nas cinco temporadas anteriores, também vinha brigando constantemente com Ronaldo, reclamando que o jovem português não cruzava bolas suficientes.

Ronaldo impressionou a todos nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 2006, mas não foi muito bem no torneio em si. Ele geralmente jogava pela esquerda, com Figo na direita — mas, como sempre, os pontas portugueses mudavam de lado constantemente. Sua contribuição na fase de mata-mata da Copa foi prejudicada por uma lesão, causada por uma terrível entrada durante a vitória nas oitavas de final contra a Holanda. O lateral-direito Khalid Boulahrouz, apelidado de "Canibal", atingiu-o com o pé muito alto, cravando as travas da chuteira na coxa de Ronaldo quando os dois disputavam uma bola. O lance deveria ter sido punido com um cartão vermelho, mas acabou ditando o tom de um confronto que ganhou fama pela violência.

A presença de Ronaldo na Copa do Mundo de 2006 é mais lembrada por sua reação depois que o inglês Wayne Rooney, seu companheiro de Manchester United, pisou em Ricardo Carvalho em uma disputa de bola. Ronaldo correu em direção ao árbitro para chamar sua atenção para a entrada e foi flagrado pelas câmeras dando uma piscadela em direção ao banco depois que Rooney foi expulso. O português foi então rotulado como demônio pela imprensa inglesa, que o culpou pelo cartão vermelho. Ronaldo e Rooney se acertaram depois da partida, mas a coisa ficou tão séria que

Ronaldo declarou sua intenção de deixar o clube. No entanto, Ferguson e, principalmente, Queiroz o convenceram a ficar — e aquele acabou sendo o ponto da virada em sua carreira. A aposentadoria de Figo da seleção fez Ronaldo se tornar o principal jogador do ataque português, e ele logo herdou também a braçadeira de capitão. Já em seu clube, a saída de Van Nistelrooy significou que tinha se tornado igualmente o atacante mais importante da equipe.

Ele retornou à Premier League para a temporada 2006/07 como um atleta completamente diferente. "Me lembro de quando ele voltou da Copa do Mundo de 2006, depois da polêmica envolvendo o cartão vermelho para Rooney", recordou Gary Neville. "Ele entrou no vestiário e eu pensei: 'Meu Deus, o que aconteceu com ele durante o verão?' Quando chegou ao clube, era um garoto magrelo, mas tinha virado algo como um boxeador meio-pesado. Ele havia se exercitado durante o verão, e foi como assistir a alguém crescer em poucas semanas. E o que aconteceu nos dois anos seguintes foi impressionante."

Com Van Nistelrooy fora, Ronaldo e Rooney dominaram aquela equipe do Manchester United, que funcionava à base de contra-ataques rápidos. Queiroz, que tinha criado o modelo básico para o futebol português com sua ideia de jogar sem atacantes, passou a exercer maior influência tática no clube, e Ferguson não tentou contratar um substituto para o centroavante holandês. O time começou a usar vários jogadores se revezando nas chegadas ao ataque em velocidade — e Ronaldo era a estrela.

Ele havia mudado completamente sua maneira de jogar, e agora se tornara obcecado por marcar gols. A única firula reconhecível que manteve foi a "quebra de asa" — uma arrancada veloz por fora do lateral esquerdo seguida de um salto com um corte repentino para dentro, usando o calcanhar direito, que surpreende o adversário com a mudança rápida de direção e lhe permite arrancar rumo ao gol. Ronaldo também tinha aprendido a lidar melhor com o aspecto físico do jogo. Numa vitória por 1 × 0 fora de casa contra o Blackburn Rovers, os torcedores do time local começaram a vaiar Ronaldo pelo acontecido da Copa do Mundo. Pouco depois, ele foi derrubado por uma entrada violenta de Sergio Peter, mas em vez de exagerar na reação para tentar provocar um cartão vermelho, levantou-se e seguiu jogando. Os mesmos torcedores o aplaudiram de pé quando ele saiu de campo substituído. Ronaldo estava mais focado, mais

determinado, mais eficiente e mais matador. Além de tudo isso, também passou a jogar mais tempo pelo lado esquerdo, cortando para dentro para chutar com o pé direito, como no lance individual com o qual fez o gol da vitória contra o Bolton aos 43 minutos do segundo tempo, e regularmente começou a chegar à área na segunda trave para marcar gols de cabeça. De repente, Ronaldo havia se tornado um atacante completo, e foi votado o jogador do ano da Premier League. Ele tinha feito dezoito gols em suas primeiras três campanhas na Inglaterra, para então marcar dezessete vezes em uma única temporada.

Mas seguiu melhorando, e sua temporada 2007/08 foi possivelmente a melhor performance individual da história da Premier League. René Meulensteen, membro da comissão técnica do Manchester United, desafiara Ronaldo a chegar a quarenta gols, somando todas as competições na temporada, e passava horas com ele no centro de treinamento encorajando-o a se dedicar a fazer todos os tipos de gols, deixando de buscar apenas o gol perfeito. Juntos, eles trabalharam em técnicas de visualização que envolviam o desenho de diagramas, a divisão do gol em seções diferentes e a designação de cores a cada canto da rede. Quando perguntados sobre o que fazem quando se encontram de frente para o gol, os jogadores geralmente oferecem alguma resposta padrão, algo como "não tem segredo, é só se manter calmo e focado". Mas quando Ronaldo era perguntado, ele dizia algo completamente diferente: "Minha técnica para marcar gols é um segredo que nunca vou contar para ninguém".

Em 2007/08, a posição de Ronaldo era impossível de definir, mas o que se pode dizer é que ele raramente começava pela direita porque amava cortar para dentro e chutar de pé direito. Ferguson, porém, passou a usá-lo cada vez mais no comando do ataque. O exemplo mais memorável veio na célebre vitória por 2 × 0 contra a Roma fora de casa, quando Ronaldo recebeu a missão de atacar continuamente o espaço às costas da defesa adversária, esticando o campo nos contra-ataques velozes do United. Ele abriu o placar subindo alto para cabecear; quando Scholes levantou a bola da direita para o meio da área, Ronaldo, que tinha iniciado sua corrida fora da área, acelerou, voou com o impulso e fez o cabeceio certeiro, forte e para o chão. Esse foi o exato momento que confirmou sua capacidade para se tornar um verdadeiro centroavante, e que provavelmente também confirmou seu status como melhor jogador do mundo.

Adotando as já longevas convicções de Queiroz, o United às vezes jogava sem um atacante de verdade. Outras vezes, parecia ter três, com Rooney e Carlos Tevez vindo se somar a Ronaldo, que na prática jogava onde quisesse em um sistema de jogo extremamente fluido. Se o lateral esquerdo adversário fosse fraco defensivamente, Ronaldo jogava pela direita; se os zagueiros fossem lentos, jogava por dentro. Na final da Champions League disputada em Moscou, em 2008, Ferguson acreditava que o lateral direito improvisado do Chelsea, Michael Essien, era vulnerável pelo alto. Ronaldo, que havia jogado centralizado nas duas partidas das semifinais contra o Barcelona, foi escalado pelo lado esquerdo. Claro, ele abriu o placar de cabeça, saltando mais que Essien, de novo num cabeceio de grande qualidade. Ronaldo ainda perdeu sua cobrança na disputa de pênaltis, mas o United se recuperou e saiu campeão. Na temporada 2007/08, Ronaldo venceu a Champions League, o prêmio de jogador europeu do ano e a Chuteira de Ouro, como artilheiro do continente. O último prêmio talvez tenha sido o mais importante para o futebol português, já que indicava que a falta de um camisa 9 tradicional deixaria de ser uma preocupação.

Um dos jogadores do Manchester United que conseguiram converter sua cobrança em Moscou, aliás, foi Nani. Ele cresceu jogando nas ruas de Lisboa e foi incorporado pelo Sporting. Lá, desenvolveu-se como mais um ponta extraordinário, assim como Figo, Simão, Quaresma e Ronaldo. Seguiu os passos de Ronaldo rumo ao Manchester United em 2007, mas sofria de um antigo "problema" do antecessor: era muito exibicionista. Na goleada do Manchester sobre o Arsenal por 4 × 0, em fevereiro de 2008, Nani deixou vários adversários furiosos ao tentar o "drible da foca", controlando a bola com a cabeça na direção ao próprio gol para fugir dos adversários. "Nosso time ficou irritado — e com razão", reclamou Arsène Wenger. "Já é difícil engolir uma derrota por três ou quatro gols. Ninguém quer ser provocado ou humilhado."

"Em Portugal, fiz isso muitas vezes, mas só pelo espetáculo e pelo entretenimento, não para desrespeitar meus rivais", respondeu Nani, mesmo confessando que seu treinador, de maneira pouco usual, concordava com Wenger. "Sou profissional e sempre respeito os adversários, mas entendo que tenha parecido ruim. Depois do jogo, nosso técnico veio falar comigo e pediu que eu não repetisse aquilo." Nani claramente se espelhava em Ronaldo, com quem morou durante seu primeiro ano no Manchester United. Só depois da saída do astro, no entanto, realizou todo o seu

potencial, tendo um ano especialmente bom em 2010. Ele era provavelmente o mais ambidestro de todos esses pontas portugueses. Geralmente jogando pela ponta direita, sabia cruzar com o pé direito ou cortar para dentro e chutar forte com o esquerdo.

Figo, por sua vez, continuou a brilhar depois de se aposentar da seleção, em 2006. Foi para a Inter e venceu quatro títulos seguidos da Serie A — o último sob o comando de José Mourinho — até sua aposentadoria em 2009. Seu sucessor com a camisa 7 da Inter seria um rosto familiar: Quaresma, um jogador que nunca agradou completamente a Mourinho por colaborar pouco na marcação. "Tenho certeza de que ele vai mudar e desenvolver mais disciplina tática", afirmou Mourinho no início da carreira de Quaresma. "Hoje em dia, o que ele gosta é de bater na bola de trivela." Na verdade, contudo, Quaresma nunca se tornou taticamente disciplinado — e certamente nunca deixou de chutar de trivela.

Antes de se juntar à Inter, teve uma boa fase no Porto e recuperou seu lugar na seleção de Portugal. Seu primeiro gol pelo esquadrão nacional foi um clássico de Quaresma, em março de 2007, na vitória por 4 × 0 sobre a Bélgica durante as eliminatórias para a Eurocopa de 2008. Aberto pelo lado direito, ele recebeu um passe de Ronaldo, cortou em direção à entrada da área e soltou um lindo chute de três dedos, com a bola fazendo a curva para entrar no canto oposto ao protegido pelo goleiro — um gol quase igual à sua impressionante finalização na fase de grupos da Copa do Mundo de 2018, contra o Irã.

Em um mundo de pontas invertidos, como Ronaldo, que agora preferia jogar pelo lado esquerdo para poder cortar para dentro e chutar, Quaresma era quase um ponta duplamente invertido. Um jogador destro tão obcecado em usar a parte externa do pé que acabava sendo mais perigoso para o adversário, em termos de finalizações ao gol, quando atuava pelo lado direito, e uma ameaça mais significativa, nos cruzamentos, quando ocupava o lado esquerdo. Um atleta quase único no futebol moderno. Mesmo nunca tendo obtido sucesso em uma grande liga, com passagens decepcionantes pelo Barça e pela Inter, Quaresma se mantém como uma espécie de herói cult em Portugal e na Turquia, os dois países onde passou a maior parte da carreira.

Em meio a todos esses pontas talentosos, Portugal nunca conseguiu

melhorar sua produção de verdadeiros centroavantes. Entre a Eurocopa de 2008 e a Copa do Mundo de 2014, a seleção usou Hugo Almeida, um jogador alto e forte de quem se esperava que conseguisse reter a bola e criar chances para Ronaldo, ou Hélder Postiga, um atacante de movimentação no início de carreira, mas que igualmente foi se tornando cada vez mais estático. Nenhum dos dois fazia muitos gols, enquanto a passagem de Liédson pela seleção portuguesa foi breve, em parte porque ele preferia usar o espaço às costas da defesa adversária e não se encaixava bem com Cristiano Ronaldo.

Corta para a Eurocopa de 2016: Ronaldo havia marcado mais de 350 gols em sete temporadas pelo Real Madrid e se tornado, na verdade, mais um atacante do que um ponta. Enquanto isso, Nani e Quaresma jogavam na Turquia, por Fenerbahçe e Beşiktaş, respectivamente. Depois de décadas em que a seleção jogara no 4-3-3 ou no 4-2-3-1, com dois pontas velozes e um atacante sem faro de gol, o treinador Fernando Santos tomou uma decisão: ele simplesmente não se preocuparia em ter um centroavante de ofício, preferindo usar um meio-campista a mais. Ronaldo e Nani passaram a jogar juntos na frente. Um cortava para dentro vindo da direita, o outro vindo da esquerda, em um sistema que era essencialmente uma versão fluida do 4-4-2 com um losango no meio de campo. No empate sem gols contra a Áustria na fase de grupos, Santos voltou ao 4-3-3, com Quaresma se juntando aos outros dois ex-pontas do Sporting. A formação foi abandonada rapidamente, e Quaresma retornou ao lugar com o qual se acostumara na seleção, o banco.

Depois de se classificar a duras penas em seu grupo com três empates, o time português derrotou a Croácia na fase seguinte por 1 × 0, com um gol marcado a quatro minutos do fim da prorrogação. O lance teve participação dos três pontas, já que Quaresma havia entrado no lugar do meio-campista João Mário. Nani recebeu a bola na esquerda e cruzou rasteiro, de bico, para Ronaldo, cujo chute foi defendido pelo goleiro, mas Quaresma aproveitou o rebote e cabeceou para o gol vazio. Em seguida, vieram um triunfo suado nos pênaltis sobre a Polônia e uma vitória por 2 × 0 sobre o País de Gales na semifinal — Ronaldo abriu o placar de cabeça depois de um escanteio e Nani fez o segundo, desviando o chute de fora da área do próprio Ronaldo.

Na final, Portugal finalmente conseguiu conquistar seu primeiro título,

vingando-se do desastre na final de 2004 em Lisboa ao derrotar a França em Paris. Infelizmente, Ronaldo saiu do jogo machucado logo no início e foi substituído pelo antigo companheiro e rival Quaresma, que passou a jogar no ataque junto com Nani. Na prorrogação, no entanto, Fernando Santos colocou um centroavante de verdade: Eder, nascido na Guiné-Bissau. Ele havia jogado apenas treze minutos no torneio, vinha de uma temporada ruim em seu clube e nunca tinha marcado em jogos oficiais pela seleção. Não se sabe como, fez o gol da vitória, recebendo a bola de costas para a meta rival e girando o corpo antes de arrematar de longe, rasteiro, no canto. Foi algo absolutamente inesperado, um grande contraste em relação ao estilo português das duas décadas anteriores. Ronaldo, enquanto isso, mancava de um lado para o outro na área técnica, gritando e orientando os companheiros mais do que o próprio treinador.

Mas Eder, claro, tinha sido apenas o plano C de Portugal. A seleção não utilizou um centroavante clássico de início e, mesmo quando Ronaldo se machucou, Quaresma foi seu substituto natural. Fernando Santos depositara sua confiança em Ronaldo, Nani e Quaresma, três produtos das categorias de base do Sporting, a maior escola de pontas de toda a Europa. A formação dos três se deveu muito à inspiração proporcionada por Figo, e o modelo tático de Portugal era, em parte, resultado da doutrina implementada por Carlos Queiroz 25 anos antes.

A essa altura, era cada vez mais comum ver equipes da Espanha ou da Alemanha jogando sem centroavantes de ofício, marcadores de gols, numa tentativa de surpreender os adversários com a velocidade e a mobilidade de múltiplos atacantes. Mas foi Portugal que inovou adotando essa abordagem, e nada mais justo que — no fim — a seleção encontrasse seu momento de glória.

Transição: Portugal — Espanha

Na metade de 2008, depois de uma temporada longa e difícil, o Barcelona se despediu do treinador Frank Rijkaard. Era evidentemente o fim de uma era para o Barça, que não tinha a disciplina tática dos melhores times do continente e dependia de alguns astros que envelheciam a cada dia. No entanto, com o elenco talentoso e a promissora geração de jovens que estava prestes a se profissionalizar, dirigir o Barcelona era um emprego extremamente cobiçado, e o eleito pelo clube para a função se revelaria a mais significativa escolha para o futebol europeu moderno.

No fim, a diretoria catalã se decidiu pelo homem que vinha dirigindo o time B do Barça, Pep Guardiola. Igualmente relevante, porém, era quem a diretoria não escolheu: José Mourinho, que por um breve período foi uma possibilidade real. O português havia deixado o Chelsea um ano antes e, enquanto o Barcelona passava por dificuldades sob o comando de Rijkaard, ele se encontrou com o vice-presidente Marc Ingla e com o diretor de futebol Txiki Begitistain em Lisboa para lhes mostrar uma apresentação em PowerPoint que detalhava seus planos para reformular o clube, como parte de uma entrevista de emprego com duração de três horas.

Mourinho causou impacto e era um candidato forte. Ele havia montado dois times de sucesso no Porto e no Chelsea, já havia trabalhado no Barça, tanto com Bobby Robson quanto com Louis van Gaal, e gostava de usar o 4-3-3, formação fundamental dentro da filosofia do clube. Prometeu adaptar seus métodos e jogar um futebol mais propositivo, e até sugeriu ter Guardiola — com quem tinha gostado de trabalhar no Barcelona — como seu auxiliar.

Mas Johan Cruyff levantou dúvidas sobre a mentalidade defensiva de Mourinho, Begiristain achou que sua atitude agressiva nas coletivas de imprensa traria problemas, e Ingla disse que simplesmente não gostava do sujeito. O Barcelona, portanto, recusou o técnico mais venerado da Europa e, em vez dele, decidiu apostar tudo no inexperiente Guardiola, um novato que havia sido cogitado como possível auxiliar por Mourinho, com apenas um ano de experiência como treinador, e na quarta divisão. Foi uma afronta da qual Mourinho nunca se recuperaria, e uma decisão que moldou os

quatro anos seguintes do futebol europeu.

O Barcelona tinha preterido um português por um espanhol. Ou, conforme preferiam dizer, por um catalão. Guardiola, nascido e criado em Barcelona, teria como foco inicial a busca por restaurar a filosofia de Johan Cruyff, mas acabou conseguindo fazer o Barcelona evoluir muito, tornando-se o maior inovador tático do continente em muitos anos. Ele ficaria quatro anos no Camp Nou, vencendo três vezes o Campeonato Espanhol e duas vezes a Champions League.

Esse ciclo de quatro anos também coincidiu com o domínio do país no futebol internacional. Depois de muito tempo sendo considerada a equipe nacional mais frustrante da Europa, a Espanha se tornou a primeira seleção a vencer três grandes torneios consecutivos: a Eurocopa de 2008, a Copa do Mundo de 2010 e a Eurocopa de 2012.

A ascensão espanhola transformou o futebol europeu. Depois de uma era em que o futebol de alto nível foi predominantemente defensivo, baseado em contra-ataques e pouco preocupado com a técnica e o espetáculo, o Barcelona e a Espanha reverteram essa tendência completamente. De repente, o futebol parecia ter se tornado uma batalha para ver quem era mais capaz de dominar a posse de bola, e a filosofia espanhola se espalhou pelo continente.

O sucesso espanhol popularizou o uso de jogadores franzinos e bem dotados tecnicamente. A Espanha formou um grande número de armadores, a ponto de precisar empregá-los também no ataque, o que mudou a percepção a respeito da natureza dos centroavantes. Enquanto isso, o maior espetáculo futebolístico do país, El Clásico entre Barcelona e Real Madrid, tornou-se mais intenso que nunca — especialmente depois de Mourinho ter sido contratado como técnico do Real em 2010, dando início a uma guerra de dois anos entre ele e Guardiola.

Pelo sucesso dos clubes e da seleção, assim como pela presença dos dois maiores jogadores da era moderna — Leo Messi e Cristiano Ronaldo —, nunca houve um período igual ao vivido pelo futebol espanhol entre 2008 e 2012. Foram quatro anos incríveis, que tiveram incomparável impacto sobre o restante do continente.

parte 5
FÚTBOL
2008
2012

13

Tiquitaca

Por um lado, Pep Guardiola não pode reivindicar para si a responsabilidade pelo advento do futebol espanhol baseado no controle da posse de bola, porque no momento em que ele dirigiu o Barcelona pela primeira vez, em agosto de 2008, a bola já estava passando de pé em pé. O triunfo espanhol na Eurocopa de 2008 tinha deixado espectadores do mundo todo babando diante das hipnotizantes trocas de passes orquestradas por Xavi Hernández e Andrés Iniesta, os dois pilares dessa era.

Por outro lado, no entanto, a influência de Guardiola já era considerável. Quando Xavi e Iniesta cumpriam suas etapas de formação em La Masia, eram orientados a observar e aprender com o número 4 do time principal, um jogador lento e franzino, mas extremamente inteligente, chamado Pep Guardiola. Apesar da presença de tantos super astros no Camp Nou durante os anos 1990, nenhum outro futebolista esteve tão intimamente associado ao "jeito Barcelona" de jogar. Guardiola era o modelo para os jovens do Barça, e, portanto, ao ser anunciado como técnico em 2008, herdou uma geração de meios-campistas que tinham aprendido a jogar como ele.

Na adolescência, Guardiola havia sido levado do time reserva ao elenco principal do Barcelona por Johan Cruyff, que insistia em ter um jogador metódico e criativo, não apenas um ladrão de bolas, na base do meio de campo. Como jogador, suas principais características eram o bom posicionamento e o estilo tranquilo e discreto de distribuir o jogo. "Meu papel era mover a bola de um lado para o outro para que meus companheiros finalizassem as jogadas", explicou humildemente. Ele era o líder dentro de campo no time comandado por Cruyff, o jogador que recebia as instruções do técnico e ditava o ritmo do Barcelona. Louis van Gaal, por exemplo, ficou maravilhado com sua capacidade de, ainda enquanto jogador, "falar como técnico". Mesmo assim, em parte por suas qualidades, Pep sempre foi considerado uma figura misteriosa, que se prendia demais à análise das performances do time e se distanciava dos companheiros. Ele falava sobre seu interesse por política e poesia e, como consequência, era visto como uma espécie de forasteiro no mundo da bola.

A saída do Barcelona em 2001, com apenas trinta anos de idade, marcou efetivamente o fim de sua carreira em alto nível. Ele teve uma breve passagem pelo Catar — possivelmente para inflar sua conta bancária — e jogou na Serie A pelo Brescia e pela Roma antes de ir para o México. Essas experiências foram, em grande medida, parte do processo de preparação para sua carreira como treinador. Em Roma, Guardiola aprendeu sobre posicionamento defensivo com Fabio Capello, e no México foi treinado por Juanma Lillo, técnico cultuado e às vezes reputado como o inventor do 4-2-3-1 — uma inspiração para muitos treinadores espanhóis.

Foi um fim de carreira curioso para um jogador tão reconhecido, mas àquela altura Guardiola tinha poucas opções. Apesar de ser um futebolista experiente, bem-sucedido e influente, os meios-campistas que armavam o jogo desde a defesa simplesmente não eram valorizados nos primeiros anos do novo século. "Acho que jogadores como eu foram extintos porque o jogo se tornou mais tático e físico", ele disse ao The Times em 2004. "Na maioria dos clubes, os jogadores recebem funções específicas, e a criatividade só pode existir dentro daqueles parâmetros. Eu não mudei, minhas habilidades não decaíram, foi o futebol que mudou e se tornou muito mais físico. Para jogar à frente dos zagueiros hoje em dia, você precisa dar combate e recuperar bolas. Se eu tivesse vinte anos de idade hoje, não teria me saído tão bem." A missão de Guardiola era reverter essa tendência, e seu extraordinário sucesso dirigindo o Barcelona foi atingido graças a três meios-campistas com o seu perfil.

Durante o período de domínio da Espanha no cenário europeu, o futebol de posse de bola teve o representante ideal em Xavi, um atleta nada espetacular na parte física e que preferia passes simples, mas contava com a mais brilhante mente futebolística de sua geração, além da incomparável capacidade para compreender todas as facetas da batalha tática que se desenrolava a seu redor, posicionando-se de forma a forçar os movimentos dos rivais antes de fazer a bola passar por eles. Xavi é, assim como Guardiola, um catalão orgulhoso, um obcecado por futebol, um analista voraz e um ideólogo em relação ao jogo de posse. Seu apelido no Barcelona era "A Máquina", termo que seria usado em outros países para ressaltar atributos físicos, mas no seu caso se referia ao cérebro. "Sou basicamente um passador", autodefiniu-se. "Eu recebo a bola e passo a bola, recebo a bola e passo a bola, recebo a bola e passo a bola."

Xavi sempre foi um meio-campista talentoso, mas teve dificuldades para se firmar no time titular do Barça na virada do milênio por uma razão em particular: Guardiola. Teve a estreia em 1998 elogiada por seu então companheiro e futuro treinador, que destacou sua consciência de jogo e maturidade para, em seguida, com certa inquietação, reforçar que não estava pronto para abrir mão do próprio lugar no time. Van Gaal comparava os dois o tempo todo, e Xavi se tornou titular apenas depois da saída de Guardiola. "Meu golpe de sorte veio quando Pep se foi", admitiu Xavi mais tarde. "Como jogador, eu precisava que ele saísse, mas amei quando retornou como técnico."

Quando Guardiola assumiu o Barcelona, Xavi já havia começado a jogar em uma posição mais avançada e pela direita no 4-3-3. Mas, naquele início de carreira, o clube estava tão obcecado pela ideia de que Xavi seria o substituto de Guardiola que ele foi escalado regularmente como o jogador mais recuado do meio de campo, logo à frente da defesa. "Até a chegada de Frank Rijkaard, fui primeiro volante por seis ou sete anos", explicou Xavi. "Todos me pediam para subir ao ataque e dar assistências, mas é difícil quando se joga naquela posição. Jogar dez ou quinze metros mais avançado torna tudo mais fácil para mim." De fato, foi complicado para Rijkaard convencer Xavi a mudar de posição depois de ter passado a adolescência inteira sendo descrito como primeiro volante, "um camisa 4 [na tradição espanhola]" ou simplesmente "um Guardiola".

Ainda mais revelador foi o desenvolvimento de seu companheiro de muitos anos, Iniesta, que era, por natureza, um jogador muito diferente. Ele oferecia algo mais — a mudança de velocidade para escapar dos botes adversários, particularmente quando combinada à sua marca registrada, a croqueta, pela qual rapidamente tocava a bola de um pé para o outro a fim de fugir das tentativas de desarme. Iniesta era, portanto, capaz de jogar em espaços menores e em posições mais avançadas, mas em La Masia foi igualmente escalado como o homem mais recuado do meio de campo, tamanha a obsessão do Barça em transformar meias criativos em clones de Guardiola. O pai de Iniesta acredita que a adoção desse posicionamento atrapalhou seu filho. "Quando ele era pequeno, marcava muitos gols", contou José Antonio. "Ele sempre driblou bem, enxergava os espaços um segundo antes de todos e acelerava rapidamente. Ele também entrava na área. Nas categorias de base, fazia tudo, tinha tudo. (…) Mas as coisas mudaram quando ele chegou ao Barça B, aos dezesseis anos, e o fizeram

jogar como camisa 4. O primeiro homem do meio de campo, como Guardiola, Luis Milla, Xavi, Albert Celades, Iván de la Peña… Essa mudança o distanciou do gol. Me lembro das pessoas me dizendo que ele era o novo Guardiola. Fizeram ele jogar de uma maneira que não se encaixava totalmente com suas características."

O primeiro contato direto de Iniesta com Guardiola foi na Nike Cup, uma espécie de mundial de clubes sub-15 que o Barcelona venceu no Camp Nou. Na final, Iniesta deu a assistência para o gol de empate e marcou o da vitória. Logo depois, Guardiola lhe entregou o troféu e disse: "Daqui a dez anos vou estar vendo você jogar toda semana". Mais tarde, Josep Maria Gonzalvo, treinador do Barça B, percebeu que Iniesta ficava mais confortável atuando mais à frente, mas Lorenzo Serra Ferrer, técnico do time principal em 2000/01, voltou a instruí-lo a se espelhar em Guardiola. Nesse período, enquanto outros grandes europeus exigiam força e capacidade de desarme de seus volantes, o Barcelona era o único clube no qual se cogitava que Iniesta atuasse naquela posição, e ele jogou ali várias vezes durante seus anos de formação como atleta. Numa vitória por 2 × 0 sobre o Benfica, em 2006, pelas quartas de final da Champions League, por exemplo, Iniesta, aos 21 anos, jogou na "posição Guardiola", com o combativo Mark van Bommel sendo escalado pela esquerda, lugar que o jovem espanhol cobiçava.

Outro promissor futebolista formado em La Masia era Cesc Fàbregas. Atuando junto de Gerard Piqué e Lionel Messi nas equipes de base do clube, Fábregas era mais um jogador capaz de jogar avançado, mas foi regularmente escalado, em La Masia, na posição do camisa 4 espanhol. "Guardiola sempre foi meu ídolo, desde a infância", dizia. Fàbregas, como Iniesta, também recebeu apoio pessoal do próprio Guardiola. Quando tinha treze anos e passava por uma fase difícil, com a separação de seus pais, foi presenteado por um treinador da base com uma camisa do Barcelona estampada com o número 4 e uma mensagem autografada: "Para Francesc Fàbregas. Estou esperando para, daqui a alguns anos, vê-lo vestindo a camisa 4 no Camp Nou. Boa sorte, Pep Guardiola". Ao perceber o nível de concorrência por um lugar no meio de campo do Barça, Fàbregas rumou para o Arsenal, onde inicialmente era considerado um jogador ao estilo Guardiola, mas foi sendo paulatinamente avançado no campo até se tornar um meia ofensivo. Mais uma vez, apenas o Barcelona consideraria usar aquele tipo de atleta à frente da defesa.

Finalmente, havia também o clone mais literal de Guardiola, Sergio Busquets. Jogador alto e imponente, ele era naturalmente adaptado à proteção da defesa, apesar de ter jogado no ataque quando mais jovem. Embora Busquets só tenha chegado ao clube aos dezesseis anos, muito depois da saída do Guardiola jogador, seu pai, Carles Busquets, havia sido um dos goleiros-líberos de Cruyff no Dream Team; tivera, portanto, contato muito próximo com a filosofia do Barcelona. Busquets também foi o primeiro do quarteto a ser comandado por Guardiola, ainda no time B do Barcelona, em 2007/08 — a temporada anterior à chegada do treinador ao time principal. Xavi, Iniesta e Fàbregas incorporaram a influência de Guardiola atuando em posições mais avançadas, mas Busquets simplesmente jogava na clássica posição ocupada por Pep. "Se pudesse voltar a campo e jogar como qualquer jogador, eu seria Sergio Busquets", declarou o próprio Guardiola. Assim, tanto a seleção espanhola a partir de 2009 — quando Busquets fez sua estreia — quanto o Barcelona a partir de 2011 — quando Fàbregas retornou ao Camp Nou — costumavam colocar em campo regularmente quatro jogadores que tiveram Pep Guardiola como modelo. Seu impacto no futebol espanhol já era enorme, mesmo antes de começar a trabalhar como treinador.

Na Eurocopa de 2008, ainda antes da estreia de Busquets na seleção, Xavi, Iniesta e Fàbregas jogavam ao lado de outros excelentes criadores de jogadas: Xabi Alonso, volante do Liverpool conhecido pelos passes longos em diagonal, David Silva, meia do Valencia de pés velozes e muito criativo entre as linhas, e Santi Cazorla, jogador do Villarreal, criativo e ambidestro, parecido no estilo com Iniesta. Tanto Alonso quanto Silva, aliás, alcançariam o auge de suas carreiras bem mais tarde, por Bayern de Munique e Manchester City respectivamente — o primeiro ao adicionar a seu repertório passes incisivos que quebravam as linhas adversárias, e o segundo passando a atuar um pouco mais recuado, ditando o ritmo do jogo. O treinador dos dois atletas, em suas novas fases, foi o mesmo: Guardiola.

A grande variedade de armadores espanhóis já era amplamente reconhecida mesmo antes da Eurocopa de 2008, pelo simples fato de ser tão incomum. A Alemanha ainda não havia passado pela sua revolução estilística e a França evitava os genuínos criativos. Havia alguns jogadores assim no meio de campo de outras seleções do torneio: Deco em Portugal, Wesley Sneijder na Holanda e Andrea Pirlo na Itália; mas eles costumavam jogar ao lado de atletas de força, enquanto a Espanha venceu a final com

Xavi, Iniesta, Fàbregas e Silva juntos, com o brasileiro naturalizado espanhol Marcos Senna protegendo a defesa. O termo tiquitaca já tinha sido utilizado antes para descrever o estilo espanhol, assim como o vocábulo "jugones", que essencialmente se referia aos armadores, o que revelava como o futebol espanhol havia claramente assumido a liderança técnica no continente. Ainda havia dúvidas sobre a capacidade espanhola para transformar talento bruto em sucesso, mas por pouco tempo.

O aspecto mais surpreendente da evolução que levou a seleção espanhola à maestria na troca de passes na Eurocopa 2008 era a identidade de seu comandante: o aparentemente antiquado Luis Aragonés, conhecido como um treinador de táticas defensivas. O único título no Campeonato Espanhol daquele senhor de 69 anos de idade era de 31 anos antes, no comando de um Atlético de Madrid totalmente baseado na força física, que jogava no esquema 1-3-1-3-2, com um líbero atrás e um cabeça de área à frente da defesa. Seu período no Barcelona em 1987/88, pouco antes da chegada de Johan Cruyff como treinador, contou com um elenco de jogadores técnicos, mas posteriormente Aragonés voltou a optar por um futebol menos atraente, normalmente obtendo resultados impressionantes: levou o Valencia à segunda colocação no campeonato em 1995/96, e o modesto Mallorca ao terceiro lugar em 2000/01, sempre apostando nos contra-ataques.

Mais significativo, nesse contexto, foi o desabafo de Aragonés em 1998 a respeito da mudança de rumos do futebol espanhol, que vinha se afastando do estilo da "Furia Roja", velho apelido da seleção. "Todo país tem sua forma de viver o futebol e é assim que deve ser. A Itália venceu três Copas do Mundo com o catenaccio, os argentinos e brasileiros nunca se afastam de suas idiossincrasias. Na Espanha, temos as nossas também. O futebol espanhol nunca foi requintado, e não deveríamos ir contra o nosso DNA. 'Fúria' não era apenas um apelido, não era um termo usado para se vender ingressos — é uma filosofia que a seleção precisa recuperar. Passou a circular entre nós essa ideia de que todos devem ser brilhantes com a bola, mas não, não somos esse tipo de time. Atualmente, contamos com um grupo de dez ou doze jogadores de muita categoria quando têm a bola, mas eles não podem jogar todos juntos."

No entanto, quando foi anunciado como treinador da seleção espanhola e se deparou com tantos armadores de alto nível, Aragonés os colocou para

jogarem todos juntos, produzindo algumas atuações maravilhosas durante a Eurocopa de 2008, um torneio que impressionou pela ofensividade. “Foi como se a Eurocopa de 2004 nunca tivesse acontecido”, escreveu o editor da revista World Soccer, Gavin Hamilton.

A Espanha de Aragonés jogava em uma espécie de 4-4-2 modificado, com Marcos Senna como o homem mais recuado no meio de campo e David Villa atuando atrás de Fernando Torres. Era uma espécie de 4-1-3-1-1, e o trio formado por Iniesta, Xavi e David Silva foi fundamental, uma vez que Aragonés sacrificava a amplitude do time para ter três armadores juntos. Mesmo assim, o progresso da Espanha não se baseou inteiramente no tiquitaca — pelo menos não naquilo que o termo viria a representar mais tarde. O primeiro gol da seleção no torneio, na vitória por 4 × 1 sobre a Rússia, saiu excepcionalmente de uma ligação direta; quando o lateral esquerdo Joan Capdevila interceptou um passe na intermediária de defesa, a Espanha não tinha ninguém posicionado no meio de campo — era uma lacuna de quarenta metros entre a defesa e o ataque. Capdevila, então, deu um chutão na direção de Torres, que foi mais esperto que o zagueiro rival e, na saída do goleiro, rolou para Villa completar para o gol vazio. A Espanha havia ignorado o meio de campo completamente. O segundo gol do time espanhol resultou de um contra-ataque, finalizado por Villa, com Capdevila mais uma vez iniciando o lance, conduzindo a bola da defesa até o ataque. Villa fez seu terceiro naquela noite aos trinta minutos do segundo tempo, completando uma vistosa sequência de passes, típica daquele time, e Fàbregas fechou o placar de cabeça, pegando o rebote do goleiro depois de um contra-ataque veloz. “Gostamos de contra-atacar”, disse Aragonés mais tarde. Nos anos seguintes, porém, o contra-ataque seria considerado a antítese do estilo espanhol.

A Espanha venceu a Suécia por 2 × 1 no segundo jogo do grupo. Torres fez o primeiro depois de um escanteio curto, e o gol da vitória veio já nos acréscimos em mais um passe longo de Capdevilla: o lançamento de cinquenta metros era para Torres, mas a bola acabou sobrando para Villa, que avançou e bateu na saída do goleiro. Não era exatamente um futebol de ligação direta, mas também não era tiquitaca. Após uma vitória por 2 × 1 sobre a Grécia com o time bastante mudado na última rodada de seu grupo, a Espanha eliminou a Itália nas quartas de final, mas precisou das cobranças de pênalti depois de um frustrante empate sem gols. A seleção espanhola foi superior, embora estivesse longe de jogar um futebol fluido,

contra um time italiano que não teve Pirlo e Gattuso no meio de campo, ambos suspensos.

A Espanha derrotou a Rússia por 3 × 0 na semifinal, mas dessa vez Aragonés reclamou da falta de tiquitaca. "Começamos jogando como a Rússia queria: com passes longos", lamentou. Depois de quinze minutos ruins, porém, a seleção espanhola passou a se valer do jogo de posse de bola. Os três gols vieram no segundo tempo, e estava começando a ficar evidente que as trocas de passes da Espanha vinham deixando os adversários exaustos. A performance da semifinal foi especialmente ofensiva; quando Iniesta passou para Xavi abrir o placar de dentro da pequena área, eram cinco espanhóis na área rival, e a equipe registrou onze finalizações no alvo durante a partida. Silva e Dani Guiza, que tinha saído do banco, completaram o placar, ambos marcando após assistências de Fàbregas — um jogador cuja contribuição nos três títulos seguidos de sua seleção costuma ser subestimada.

Os espanhóis dominaram completamente os alemães na final e criaram uma enorme quantidade de chances. O gol da vitória foi marcado aos trinta minutos do primeiro tempo por Fernando Torres, que aproveitou o passe em profundidade de Xavi e concluiu com uma cavadinha na saída do goleiro. A dez minutos do fim, Marcos Senna — o homem que protegia a defesa e permitia que os outros meios-campistas chegassem ao ataque — driblou dois adversários, tabelou e invadiu a área para tentar a finalização. Por muito pouco não saiu o segundo gol. Era o cabeça de área espanhol tentando desesperadamente aumentar a vantagem no placar. Xabi Alonso, que entrou teoricamente para oferecer ainda mais disciplina tática ao meio de campo, partiu para o ataque com ambição semelhante no período de acréscimos. O tiquitaca da Espanha no modo ataque total.

"Acredito que todos os amantes do futebol querem ver boas jogadas, chegadas na área e gols", disse Aragonés em sua última partida comandando a seleção. Aos 69 anos de idade, depois de uma longa carreira na qual ficara conhecido como um treinador defensivo — sendo às vezes ridicularizado por isso —, ele passava a ser associado a um estilo proativo de jogo, de passes e movimentação. "A expectativa agora vai ser sempre por vitórias em grandes torneios. Só espero que a Espanha se mantenha nesse curso e alcance muitos outros triunfos."

Esse estilo e um nível similar de sucesso foram replicados no futebol de clubes. A primeira temporada de Guardiola à frente do Barcelona, em 2008/09, foi uma das mais impressionantes da história. O Barça venceu a tríplice coroa — LaLiga, Copa do Rei e Champions League — pela primeira vez, jogando o melhor futebol testemunhado na Europa em muitos anos e provocando comparações com a Holanda de Rinus Michels e o Milan de Arrigo Sacchi. Guardiola se mostrou um revolucionário que impactaria todos os aspectos da maneira de jogar do Barcelona: o goleiro-líbero agressivo, a linha de defesa adiantada e, mais tarde, a marcação por pressão realizada por todo o time, além da ausência de um centroavante tradicional. Mais do que qualquer outra coisa, no entanto, Guardiola se preocupava em dominar o meio de campo pela posse de bola.

Ele assumiu o Barcelona com o clube em frangalhos. O treinador anterior, Frank Rijkaard, estava exausto, e os maiores astros do time, totalmente fora de forma. Tinham se passado apenas dois anos depois do título na Champions League, mas naquela vitória de 2 × 1 sobre o Arsenal, Rijkaard deixara Xavi e Iniesta no banco, optando por um trio de meio de campo composto por um meia criativo, Deco, atuando ao lado de um zagueiro convertido em volante, Edmilson, e do já mencionado Van Bommel, meio-campista marcador que tendia a se preocupar mais com os rivais do que com a bola. É verdade que ambos os meias espanhóis enfrentavam problemas físicos, mas Rijkaard costumava preferir a força física à habilidade, e seu time era montado com base muito mais nos talentos do ataque que no trio de meio de campo. Apesar de toda a ênfase de La Masia na produção de jogadores parecidos com Guardiola, o time principal nem sempre os utilizava.

A essa altura, havia um debate sério sobre a viabilidade de Xavi e Iniesta jogarem juntos. Não era um questionamento completamente irracional, já que os dois tinham sido treinados nas categorias de base para jogar na mesma posição, e os melhores meios de campo em geral contam com três atletas diferentes, exercendo papéis distintos e assumindo responsabilidades variadas. Sob o comando de outros treinadores, Xavi e Iniesta não teriam coexistido. "Diziam que não podíamos jogar juntos! Quando a gente olha para trás e se lembra dessa discussão, pensa: 'Meu Deus!'", recordou Xavi alguns anos depois. "Diziam o mesmo sobre Pep e eu quando subi para os profissionais. (…) Que a gente não sabia defender, que não tinha lugar para os dois no mesmo meio de campo, blá blá blá." Para Guardiola, não era

Xavi ou Iniesta, mas Xavi e Iniesta. Ah, e Busquets também. Antes, ele só havia atuado na quarta divisão com o Barcelona B, mas de repente estava jogando em LaLiga.

O começo de Guardiola, porém, não foi auspicioso. Em sua estreia, o Barça perdeu fora de casa para o Numancia por 1 × 0, e o primeiro jogo em casa, contra o Racing Santander, terminou empatado em 1 × 1 — com as arquibancadas do Camp Nou cheias apenas pela metade. Um homem, no entanto, ficou impressionado: Johan Cruyff. "Vi uma das melhores atuações do Barcelona nos últimos anos", o holandês afirmou, causando certa perplexidade. Mas, como sempre, no final Cruyff mostrou que estava certo, e a sorte do Barcelona mudou na terceira partida.

Busquets, Xavi e Iniesta foram escalados juntos pela primeira vez e o Barça dominou completamente o Sporting Gijón fora de casa, vencendo por 6 × 1. O primeiro gol foi um bom indicativo do que o futuro guardava: Iniesta driblou da esquerda para dentro e mandou a bola na cabeça de Xavi, que marcou, com os dois se abraçando efusivamente na comemoração. Os dois gols seguintes saíram depois de escanteios cobrados por Xavi. Em seguida, Leo Messi deu a assistência para Iniesta, que retribuiu o favor no gol seguinte, e então, no minuto final, Messi fechou o placar após receber um passe de Xavi. Noventa minutos que foram as quatro temporadas seguintes em miniatura: Xavi e Iniesta ditando o ritmo do jogo e criando chances para Messi. O Barcelona tinha encaixado e obteve impressionantes 58 dos 60 pontos possíveis nas vinte partidas posteriores.

Não dá para dizer que o Campeonato Espanhol não esteja acostumado a ver os times grandes goleando os pequenos, mas o Barcelona reservou suas melhores atuações para as partidas contra equipes da primeira metade da tabela. Sobre o vice-campeão, o Real Madrid, uma goleada por 6 × 2. Contra o terceiro colocado, o Sevilla, um 4 × 0. Contra o quarto, o Atlético de Madrid, 6 × 1. O Valencia, o Deportivo e o Málaga, que terminaram na sexta, sétima e oitava colocações, respectivamente, levaram de 4 × 0, 5 × 0 e 6 × 0. Apenas o quinto colocado, o Villarreal, possivelmente o time com estilo mais parecido ao do Barcelona à época, competiu à altura. A vitória sobre o Málaga, em março, foi o melhor exemplo da influência de Xavi: ele marcou o primeiro gol e distribuiu assistências para os três atacantes — Messi, Thierry Henry e Samuel Eto'o — ainda antes do intervalo.

Já o título da Champions League na primeira temporada de Guardiola não veio com domínio tão amplo. O Barça teve sorte ao superar o Chelsea nas semifinais, com o famoso gol de Iniesta no apagar das luzes, e muito embora tenha sido bem melhor na vitória por 2 × 0 na decisão contra o Manchester United, em Roma, os ingleses dominaram completamente os primeiros dez minutos, e só não abriram o placar por causa de alguns bloqueios heroicos dos defensores do Barcelona — até que o gol de Eto'o, em um contra-ataque, mudou o jogo. A partida foi mais memorável pelos minutos finais, quando Sir Alex Ferguson colocou mais dois atacantes em campo, adotou efetivamente um 4-2-4 e permitiu ao Barcelona a liberdade no meio de campo para reter a posse e dominar o jogo. Os últimos momentos da temporada mais bem-sucedida da história do Barcelona, portanto, foram disputados como se fossem uma grande roda de "bobinho", um bom resumo da filosofia daquele time. Guardiola depositava sua confiança tanto no meio de campo (a região do campo) quanto nos meios-campistas (o tipo de jogador).

A análise de Ferguson sobre o Barcelona enfatizou exatamente essa zona. "Se você coloca três no meio de campo, eles põem quatro. Se você coloca quatro, eles põem cinco", disse. Guardiola com frequência instruía que seus jogadores de outras posições sobrecarregassem o meio de campo em grandes jogos, muitas vezes escalando Iniesta aberto pela esquerda, mas com liberdade para flutuar para o centro. A grande característica da segunda temporada sob o comando de Pep, no entanto, foi o uso cada vez mais proeminente de Lionel Messi como falso 9, abordagem que, em sua terceira temporada, a de 2010/11, já havia se tornado padrão. A popularização dessa função, cumprida por Messi, será analisada em detalhes no próximo capítulo, mas um benefício fundamental dessa estratégia é que ele recuava para atuar como camisa 10 à frente ao trio de meio de campo, outra maneira de criar superioridade na zona central do gramado, formando um losango.

A confiança de Guardiola nos meios-campistas também envolvia sua utilização em outras partes do campo. O Barcelona com muita frequência ficava sem zagueiros por conta de lesões, e Pep costumava usar seus volantes no miolo de zaga. Yaya Touré jogou ao lado de Gerard Piqué na final da Champions League, em 2009, e Sergio Busquets não tinha dificuldades para assumir a posição, enquanto Javier Mascherano acabou se tornando efetivamente um zagueiro depois de sua contratação junto ao

Liverpool. “Meios-campistas são jogadores inteligentes que precisam pensar no time como um todo”, explicou Guardiola. “Não são egoístas e entendem bem o jogo, e quanto mais meios-campistas no time, mais fácil fica utilizá-los em outras posições. É assim que eles se tornam versáteis, e isso nos ajuda a ter elencos menores.” Guardiola estava tentando criar um time de futebol com o maior número possível de meios-campistas.

Sua quarta e última temporada à frente do Barcelona foi a menos vitoriosa, a única em que Guardiola deixou de vencer o Campeonato Espanhol. Do ponto de vista tático, no entanto, foi fascinante, já que, para tentar confundir os adversários, ele passou a tentar implementar cada vez mais formações diferentes — e a aumentar o número de meios-campistas no time. Na vitória fora de casa por 3 × 2 sobre o Milan, em novembro de 2011, Guardiola usou um 3-3-1-3 importado diretamente do Ajax e colocou seis meios-campistas no corredor central: Mascherano na zaga central, Busquets, Xavi, Seydou Keita e Thiago Alcântara no meio e Fàbregas no ataque.

Os experimentos mais ousados aconteceram em duas decisões de torneios curtos. O Barcelona venceu o Porto por 2 × 0 na Supercopa da Europa, partida que terminou com dois volantes formando a dupla de zaga: Busquets e Mascherano. À frente deles, Xavi, Keita, Iniesta e Fàbregas. Já na final do Mundial de Clubes, no mesmo ano, o Barça goleou o Santos por 4 × 0 com Guardiola preenchendo ainda mais o meio de campo. Além do trio titular, formado por Busquets, Xavi e Iniesta, o time teve Fàbregas e Thiago jogando abertos e cortando para dentro, Messi como falso 9 e Dani Alves adiantado para se tornar um ala pela direita. O Barcelona jogou efetivamente em um 3-7-0, e o Santos simplesmente não conseguiu lidar com o rival. “Eles inventaram uma nova formação”, surpreendeu-se o técnico brasileiro, Muricy Ramalho. Seus jogadores estavam igualmente atordoados. “Não dá pra jogar se você não tem a bola, e tomá-la desses caras é quase impossível”, disse Ganso, o camisa 10 da equipe. Neymar, futura estrela do próprio Barcelona, parecia não acreditar nos próprios olhos. “Temos que aprender a jogar futebol com eles”, declarou. “Hoje eu vi os melhores jogadores do mundo: Messi e Xavi.”

Mas o Barcelona sempre pareceu mais confortável no 4-3-3 clássico, com Busquets à frente da defesa, Xavi controlando o jogo pela direita e Iniesta chegando à frente pela esquerda para unir meio de campo e ataque. Esses

três jogadores formados em La Masia, inspirados por Guardiola na juventude e então chegando ao auge sob o comando do técnico, dominaram todos os grandes confrontos em que atuaram juntos ao longo desses quatro anos. Às vezes o time era frágil na defesa, e às vezes tinha dificuldades de converter as chances criadas, mas nunca havia problemas para controlar o jogo pelo meio. "As pessoas se referem àquele meio de campo como Xavi-Iniesta-Busquets", disse Xavi. "Aquele meio de campo será eterno e lembrado para sempre, pela forma como jogava e por tudo que conquistou."

Vicente del Bosque substituiu Aragonés no comando da seleção espanhola em 2008 e não tentou replicar a formação de meio de campo do Barcelona, apesar da enorme similaridade entre os nomes escalados. Na Copa do Mundo de 2010, depois de muitos testes e mudanças no ataque, Del Bosque optou por usar à frente David Villa — já contratado pelo Barça para a temporada seguinte — e Pedro — atacante do próprio Barcelona —, com Busquets, Xavi e Iniesta também no time titular. Portanto, cinco dos seis jogadores entre o meio e o ataque também jogavam pelo melhor Barcelona de Pep Guardiola. Porém, em vez de ter alguém emulando a função de Messi para replicar perfeitamente o modelo, Del Bosque optou por Xabi Alonso, um volante criativo. Essa escolha fazia a Espanha conseguir reter a bola por mais tempo, mas a seleção tinha dificuldades para penetrar as defesas adversárias.

Era uma escalação que pedia uma formação diferente, o 4-2-3-1. Busquets e Alonso atuavam lado a lado na base do meio de campo, e Xavi era adiantado para a posição do camisa 10, onde parecia desconfortável ao receber a bola de costas para o gol, mas seguia ditando o ritmo do jogo quando recuava para participar de frente. Enquanto isso, Iniesta era uma espécie de ponta-esquerda que flutuava constantemente para o meio, às vezes criando uma espécie de "losango torto" com os outros três meios-campistas. Os três atletas do Barça mantiveram a excelente forma pela seleção, e Iniesta se tornou protagonista, já que a ausência de Messi lhe garantia mais liberdade no ataque. Ainda assim, o deslocamento de todos esses jogadores pareceu um desperdício da coesão do Barça, e a Espanha de Del Bosque sentia falta das sequências de passes que eram tão naturais no time campeão espanhol. Os triunfos da seleção vinham acompanhados de uma sensação frustrante, a de que o time poderia ser mais corajoso, mais divertido, mais "2008" — e, acima de tudo, um pouco melhor.

Uma percepção negativa sobre uma das maiores seleções de todos os tempos pode parecer dura demais, mas entre os críticos estavam algumas figuras importantes do futebol espanhol. O mais importante deles, o próprio antecessor de Del Bosque, Aragonés. "Xavi está sendo escalado fora de posição", ele reclamou durante a Copa do Mundo de 2010, afirmando que o meia precisava jogar mais recuado. Xavi concordava, e chegou a pedir internamente para que a comissão técnica mudasse a formação de meio de campo, escalando apenas um volante, Busquets, como forma de deixá-lo mais confortável para cumprir a função que exercia no Barcelona. Mas Del Bosque manteve-se firme com o 4-2-3-1, influenciado pela necessidade de escalar o time também politicamente, equilibrando as contribuições de Barcelona e Real Madrid.

Del Bosque, afinal, era uma lenda do Real, tendo atuado em mais de quinhentas partidas pelo clube como excelente cabeça de área, durante os anos 1970, conhecido por sua inteligência e capacidade de jogar pela equipe. Depois, ele também passara a maior parte da carreira como técnico no clube madrilenho, e sabia que adotar o sistema do Barcelona significava sacar Xabi Alonso, volante do Real, correndo o risco de frustrar o elenco, a imprensa e grande parte do público. Originário de Salamanca, uma cidade renomada pela vida universitária muito mais que pelo futebol, Del Bosque era um castelhano clássico: bigode impressionante, invariavelmente gentil, devotado à família e determinado a manter todos felizes. Falava repetidamente da importância do "grupo" e do clima geral nas viagens, considerando esse aspecto mais relevante que eventuais nuances táticas. De fato, ainda que o elenco fosse composto basicamente por jogadores de clubes rivais que vinham passando por uma disputa extremamente conflituosa, tudo parecia incrivelmente harmônico — a briga entre Sergio Ramos e Gerard Piqué só aconteceria depois.

Del Bosque era um treinador muito bem-sucedido. Assumindo o comando do Real Madrid em 1999, em quatro anos venceu dois Campeonatos Espanhóis e duas Champions League, mas foi demitido sem qualquer cerimônia em 2003, depois de vencer "apenas" LaLiga, já que Florentino Pérez, presidente do clube, exigia sucesso continental também. Pérez explicou mais tarde que "o perfil de Del Bosque é tradicional, e estamos procurando alguém que dê ênfase maior à preparação tática, estratégica e física". Del Bosque é um homem de ar sereno, mas ficou realmente furioso pela sugestão de que não era suficientemente moderno.

No entanto, a caricatura pintada estava mais para exagerada do que para incorreta, e o espanhol seguiu como uma figura paternal, mais parecido com Arsène Wenger do que com Guardiola: seu foco não era a inovação tática, mas ele acreditava firmemente em um futebol baseado no controle da posse de bola. "Sempre quero o máximo de meios-campistas no meu time. Adoraria que todos fossem meios-campistas", declarou. Também disse algo muito parecido com o que Guardiola havia declarado: "Se eu fosse jogador, seria como Busquets". Tanto o Barça quanto a Espanha eram treinados por ex-volantes passadores. "Há mais similaridades entre Guardiola e Del Bosque do que as pessoas imaginam", disse Xavi.

As preleções de Del Bosque, que às vezes duravam um minuto, mas com frequência não chegavam a quinze segundos, eram essencialmente uma repetição da filosofia espanhola. "Continuem jogando como sabem, sejam leais ao nosso estilo", ele disse calmamente a seus jogadores antes da final da Copa do Mundo, de acordo com o relato de Graham Hunter em seu livro Spain. Del Bosque não foi tão revolucionário quanto Guardiola, mas sua abordagem era ainda mais específica em termos de propósito: manter a posse.

A maior diferença entre o Barcelona de Guardiola e a Espanha de Del Bosque estava na intenção por trás desse objetivo. Enquanto o Barça e a seleção de Aragonés eram times entusiasmantes, de mentalidade ofensiva, cujo propósito era levar a bola ao campo de ataque, a Espanha de Del Bosque ganhou fama pelo baixíssimo número de gols sofridos, e usava o jogo de posse para impedir que os adversários criassem chances. A equipe sofreu apenas três gols nas treze partidas disputadas na Copa do Mundo de 2010 e na Eurocopa de 2012, porém a estatística mais significativa desse período de sucesso da seleção espanhola é a de número de jogos sem sofrer gols nos mata-matas dos grandes torneios: dez de dez, combinando a Eurocopa de 2008, a Copa do Mundo 2010 e a Eurocopa de 2012.

Mas a seleção de Del Bosque poucas vezes foi convincente no ataque. O início na Copa do Mundo de 2010 foi terrível: uma derrota por 1 × 0 para a Suíça, com Iniesta e David Silva jogando pelos lados e cortando para dentro, para a zona de Xavi, enquanto o próprio Xavi recuava para sua posição mais natural, próximo demais de Alonso e Busquets. A Espanha usou frequentemente cinco meios-campistas no espaço em que o Barcelona teria contado com apenas três, sacrificando a amplitude e permitindo que a

defesa adversária se mantivesse estreita e compacta. Essa maneira de abarrotar o centro do campo diferia muito da proposta de Guardiola no Barça, que costumava usar dois atacantes pelos lados para abrir o jogo e criar espaços na defesa adversária, alinhado com o modelo holandês.

Depois da derrota para a Suíça, um comitê de jogadores mais experientes se reuniu com Del Bosque para enfatizar que acreditavam na sua filosofia. Mas a abordagem do time mudou: Silva foi para o banco de reservas e a Espanha passou a utilizar sempre pelo menos um atacante pelo lado, que esticava o campo e atacava os espaços às costas da defesa. Às vezes, Villa partia da esquerda, às vezes Jesus Navas — um verdadeiro driblador, que jogava colado à linha lateral — atuava pela direita, sendo que Del Bosque no fim usou também Pedro na função que desempenhava no Barcelona, partindo do lado do campo para explorar por trás da defesa rival.

Ao longo da Copa do Mundo de 2010, as partidas da Espanha seguiram um padrão bastante reconhecível, essencialmente um roteiro em três atos. Primeiro, enquanto o placar estava em 0 × 0, o time jogava de maneira precavida, retendo a posse por longos períodos sem criar muitas chances, simplesmente movendo a bola de um lado para o outro com o intuito de exaurir os adversários. "A gente via o outro time se desesperando. Eles correm e correm, mas ficam pouquíssimo com a bola", explicou Juan Mata, mais um armador do elenco espanhol. "Isso vai desgastando os jogadores pouco a pouco."

O segundo passo, depois de mais ou menos sessenta minutos, era colocar em campo os jogadores que ofereciam mais opções de infiltração na defesa adversária, o que resultava em gols na parte final das partidas. A Espanha venceu todos os confrontos de mata-mata da Copa do Mundo de 2010 por 1 × 0, contra Portugal, Paraguai, Alemanha e Holanda, com gols marcados depois de 63, 83, 73 e 116 minutos jogados, respectivamente. Fernando Llorente, um centroavante de força, foi crucial como plano B contra Portugal, Fàbregas e Pedro incrementaram o potencial ofensivo contra o Paraguai, e Fàbregas e Navas foram decisivos na final contra a Holanda.

Finalmente, depois de abrir o placar, a Espanha voltava a segurar a bola no meio de campo, matando o jogo lentamente. Um contraste gritante em relação a 2008, quando a equipe continuava atacando até o fim das partidas.

A atuação mais marcante aconteceu na semifinal contra a Alemanha. O time de Joachim Löw, moldado para o contra-ataque, era completamente diferente da seleção de dois anos antes, e tinha passado a contar com uma geração de jovens relativamente desconhecidos. Os alemães já haviam vencido a Inglaterra por 4 × 1 e a Argentina por 4 × 0, em jogos nos quais abriram o placar cedo e acabaram tendo espaço para contra-atacar em velocidade.

Era o maior contraste estilístico daquela Copa do Mundo: a posse da seleção espanhola versus o contra-ataque alemão — e a posse prevaleceu. Busquets controlou Özil, a Espanha pressionou na marcação com eficiência e, depois de aumentar o ritmo aos poucos no segundo tempo, Carles Puyol abriu o placar com uma forte cabeçada após escanteio cobrado por Xavi. Nos dezessete minutos restantes, a posse de bola da Espanha foi mais efetiva do que nunca. A estratégia alemã para o contra-ataque, que envolvia recuar para atrair o adversário, tornou-se inútil porque a Espanha rodava a bola no meio de campo, mantinha posição e se recusava a avançar.

"Quando no fim conseguíamos recuperar a bola, já estávamos exaustos por ter corrido atrás dela por tanto tempo", admitiu o atacante alemão Miroslav Klose, enquanto seu treinador ressaltava a diferença entre os times de Aragonés e Del Bosque. "É extremamente difícil retomar a bola depois de entregá-la à Espanha", disse Löw. "Em 2008, eles venceram a Eurocopa de maneira espetacular, absolutamente convincente, mas nos últimos dois anos evoluíram, fizeram mudanças e agora jogam como se estivessem no automático. Esse time tem habilidade única para dominar e controlar os adversários."

Veio então a final da Copa do Mundo, na qual a Espanha enfrentaria o país ao qual seu futebol tanto devia em termos de filosofia, a Holanda. Os debates pré-jogo enfatizaram a conexão entre as duas escolas de futebol, principalmente a influência do Ajax sobre o Barcelona: Rinus Michels, Louis van Gaal, Frank Rijkaard e, mais do que qualquer outra pessoa, Johan Cruyff. "Vou assistir à partida junto de alguns amigos espanhóis", anunciou Cruyff. "E acredito que, independentemente de quem vencer, não vou sair derrotado."

A decisão, porém, não foi o espetáculo de futebol ofensivo que se poderia esperar. A Holanda, imaginando ser incapaz de se impor no futebol de posse

contra a Espanha, recorreu a uma abordagem antiquada, agressiva e violenta. O jogo terminou 8 × 5 para a Holanda — no número de cartões. A falta mais terrível foi a voadora de Nigel de Jong no peito de Xabi Alonso, com a bola praticamente já fora da disputa. De Jong recebeu o cartão amarelo, mas o árbitro Howard Webb admitiu mais tarde que deveria ter mostrado o vermelho. Igualmente repreensível, ainda que menos ostensivo, foi o comportamento de vilão de novela de Mark van Bommel, que foi se transformando ao longo da carreira a ponto de se tornar o homem do "trabalho sujo", cujo alvo eram os adversários mais talentosos. Na final, ele perseguiu Iniesta, um embate significativo, considerando-se que Van Bommel havia sido titular no lugar do espanhol na decisão da Champions League quatro anos antes. "Não foi um bom jogo, de futebol bonito", admitiu Van Bommel. "Mas qual final é?"

A abordagem holandesa por pouco não obteve sucesso. O único plano ofensivo era acionar o ponta Arjen Robben em velocidade por trás da defesa espanhola, e funcionou só duas vezes. Na primeira, Iker Casillas fez grande defesa, e na segunda Robben acabou — de maneira incomum — se mantendo de pé, mesmo sob pressão de Puyol, e perdendo a chance de marcar.

Para ser justo, os dois treinadores até tentaram vencer o confronto, e o jogo ficou mais aberto no segundo tempo e na prorrogação. Del Bosque pôs Fàbregas no lugar de Xabi Alonso, permitindo a Xavi o desejado recuo para atuar ao lado de Busquets. Enquanto isso, Bert van Marwijk trocou De Jong pelo meia Rafael van der Vaart, e então os holandeses passaram a oferecer mais espaços à frente da defesa, permitindo que Iniesta e Fàbregas brilhassem. Iniesta criou uma chance claríssima para Fàbregas, cara a cara com o goleiro, no início da prorrogação, mas o chute saiu em cima de Marteen Stekelenburg.

Foi Iniesta, porém, quem decidiu o jogo. A onze minutos do fim da prorrogação, sua arrancada em velocidade forçou Johnny Heitinga a derrubá-lo, provocando o cartão vermelho que deixou a defesa holandesa com um homem a menos. Sete minutos depois, ele teve mais uma chance após um passe sutil de Fàbregas. Fazer gols sempre foi uma grande deficiência de Iniesta, e ele já havia perdido duas chances na partida por ter demorado a chutar. "A gente nunca imaginaria que Andrés seria o autor do gol do título em uma Copa do Mundo", riu Guardiola anos depois. "Se

alguém fosse fazer uma enquete perguntando quem marcaria o gol, nem colocaria Andrés na lista.” Dessa vez, porém, ele ajeitou o corpo, esperou a bola cair e fuzilou para marcar o gol mais importante da história do futebol espanhol.

O título foi bem recebido pelo público, especialmente pela conduta dos holandeses. Johan Cruyff ficou muito decepcionado. “Eles não queriam a bola”, reclamou de seus compatriotas. “Esse estilo feio, vulgar e duro serviu para deixar a Espanha desconfortável. Se eles ficaram satisfeitos com isso, ótimo, mas acabaram perdendo de qualquer forma. A seleção jogou antifutebol.” O futebol holandês deixou de ser tão admirado, especialmente com a Espanha se firmando indiscutivelmente como o país da posse de bola. O único homem que se recusou a criticar os holandeses foi Del Bosque. “A final foi jogada com futebol ofensivo”, afirmou, diplomático como sempre. “Os dois times tentaram jogar como se deve.” Esta, uma declaração simplesmente equivocada.

Dois anos depois, na Eurocopa de 2012, o jogo espanhol se baseou ainda mais na posse de bola. O elenco tinha opções similares no meio de campo e no ataque, mas Del Bosque se aproximou mais do sonho de ter um time formado apenas por meios-campistas. Ele usava seis: Busquets e Alonso como volantes, Xavi como camisa 10, David Silva e Iniesta como pontas, flutuando para dentro, e Fàbregas no comando do ataque. O auge do tiquitaca.

Mais uma vez, a produção ofensiva da seleção foi questionável. Na fase de grupos, a Espanha goleou uma péssima seleção irlandesa por 4 × 0, mas teve dificuldades para criar chances no empate em 1 × 1 contra a Itália e na vitória por 1 × 0 sobre a Croácia. O compromisso com a manutenção da posse de bola garantiu, claro, excelente desempenho defensivo. Nas quartas de final, os espanhóis eliminaram os franceses por 2 × 0, com Xabi Alonso comandando o meio de campo e marcando os dois gols em seu centésimo jogo vestindo a camisa da seleção — a primeira vez, em um jogo competitivo, que ele brilhou mais que os companheiros que jogavam no Barcelona.

Na semifinal contra Portugal, a equipe de Del Bosque quase se arrependeu da falta de capacidade de infiltração. Em um confronto que se pareceu com um Barcelona × Real Madrid, com Cristiano Ronaldo, Pepe e Fábio

Coentrão jogando pelo lado português, o time comandado por Paulo Bento fez excelente marcação por pressão e explorou os contra-ataques. Del Bosque acabou usando a opção mais próxima de um ataque barcelonista com o que tinha à disposição, com Pedro e Navas atacando as costas da defesa pelos lados e Fàbregas como falso 9. A Espanha novamente teve dificuldades para criar grandes chances, e Portugal quase venceu o jogo no último minuto do tempo regulamentar, mas o passe ruim de Raul Meireles no início do contra-ataque forçou Ronaldo a apanhar a bola já sem ângulo. O confronto terminou 0 × 0 e os espanhóis venceram nos pênaltis.

Uma terceira final em sequência, mas a Espanha tinha passado a ser criticada pela abordagem excessivamente cautelosa. "O estilo espanhol é como amor sem sexo", disse o ex-lateral-esquerdo da seleção francesa Bixente Lizarazu. O maior crítico dos espanhóis era Arsène Wenger, amante da posse de bola que havia passado os anos anteriores maravilhado pela forma como o Barcelona tinha "transformado o futebol em arte", mas achava o ultratiquitaca da Espanha significativamente menos divertido. "Eles traíram a própria filosofia e a transformaram em algo muito mais negativo", reclamou, comentando os jogos da Eurocopa na televisão. "Originalmente, queriam a bola para atacar e vencer os jogos. Agora parece que o objetivo é, antes de mais nada, não perder. O time se tornou mais conservador e não quer entregar a bola porque não quer dar chance aos rivais. É a impressão que fica da Eurocopa de 2012. Sim, pode ser difícil quebrar uma retranca adversária, mas esse é um desafio que se coloca para qualquer time bem-sucedido. A Espanha ainda é incrível, mas tem menos capacidade de infiltração do que antes." Era uma crítica absolutamente razoável, e Wenger estava apenas dando voz ao sentimento de muitos. Mas os jogadores espanhóis, previsivelmente, se defenderam. "Aqueles que acham o nosso estilo chato não entendem o jogo, na minha opinião", disse Fàbregas. "Se as pessoas acham chato que a Espanha sempre vença, ótimo para nós", acrescentou Xavi.

Veio então a final, e a Espanha produziu aquela que foi inquestionavelmente sua melhor exibição sob o comando de Del Bosque, destruindo a Itália por 4 × 0. Os primeiros dois gols foram muito diferentes, mas ambos brilhantes. O primeiro aconteceu depois de uma linda combinação de passes: de Xavi para Iniesta, para Fàbregas, para Silva, que finalizou de cabeça. O segundo também envolveu alguns passes, mas foi um ataque bem mais direto. Xavi recolheu a bola no meio de campo e esperou a ultrapassagem em velocidade

de Jordi Alba, que se infiltrou na defesa italiana na corrida, recebeu um passe vertical e bateu para o gol. O placar marcava 2 × 0 no intervalo, e o jogo já estava liquidado. Conforme já sabíamos, depois de abrir o placar a Espanha não dava chance aos adversários. Cesare Prandelli, o técnico italiano de perfil incomum pela mentalidade ofensiva, e que usava o estilo de posse de bola espanhol como base para o modelo de jogo de seu próprio time, acabou fazendo as três substituições a que tinha direito antes dos doze minutos do segundo tempo, em parte por conta de lesões, em parte numa tentativa desesperada de se recuperar no placar, mas as mudanças foram fatais. Thiago Motta, nascido brasileiro e formado no Barcelona, foi o último a entrar em campo pela Itália — e não ficou nem cinco minutos no gramado antes de sair do jogo mancando. Os italianos disputaram a última meia hora com dez homens.

Em todos os outros confrontos de mata-mata sob o comando de Del Bosque, a Espanha tinha passado a jogar de maneira ultraconservadora após marcar o primeiro gol. Agora tinha a oportunidade de calar os críticos. Futebol chato? Ok, toma essa. Todas as três substituições espanholas foram para tornar sua linha de ataque mais perigosa. Pedro entrou no lugar de Silva, Torres, no de Fàbregas, e Mata, no de Iniesta. Tanto Torres quanto Mata acabaram marcando gols. Os torcedores neutros tinham acompanhado as partidas anteriores implorando para que a Espanha ficasse menos com a bola e atacasse mais, mas agora imploravam para que os espanhóis tivessem piedade dos italianos, que vinham tentando jogar seu futebol mais proativo e divertido das últimas décadas e não mereciam a humilhação. Porém, a Espanha foi implacável, e a vitória por 4 × 0 na final será para sempre usada para refutar qualquer insinuação de que aquela seleção era entediante. "Taí a Espanha de verdade", declarou Gerard Piqué depois da partida. Na realidade, contudo, a seleção espanhola tinha passado quatro anos sem jogar daquela forma num grande torneio, ainda que sempre dominasse a posse de bola.

O melhor jogador da final, como se esperaria, foi Xavi. Durante todo esse período, sua incomparável habilidade para controlar o ritmo das partidas fizera dele o maior exemplo do jogo espanhol de troca de passes que se espalhara por toda a Europa. Xavi não era exatamente popular até a Eurocopa de 2008, quando já tinha 28 anos, mas seu estilo de toques curtos passou a inspirar meios-campistas ao redor do continente. "As vitórias serviram para que as pessoas pudessem reavaliar o nosso estilo, o meu

estilo”, declarou o próprio Xavi. “Não é apenas uma questão de reconhecimento, é mais do que isso. Sendo bastante honesto, e falando de um ponto de vista egoísta, estou muito feliz, pois seis anos atrás eu estava acabado como jogador. Jogadores como eu corriam o risco de desaparecer.” Agora, jogadores como ele se tornavam mais adorados do que nunca.

14

O falso 9 e os argentinos

Em 2012, o conceito do falso 9 já havia se firmado na Europa. Porém, para demonstrar o quanto o futebol espanhol tinha deixado de lado os centroavantes tradicionais, vale a pena relembrar a escalação titular da Espanha na última partida em um grande torneio antes do início de seu período de dominação.

Na derrota para a França pelas oitavas de final da Copa do Mundo de 2006, Luis Aragonés usou três atacantes juntos: Raúl González, David Villa e Fernando Torres. Raúl era o capitão da seleção, Villa, o artilheiro mais consistente do Campeonato Espanhol, e Torres, um garoto com enorme potencial. Mas a decisão de colocar os três juntos em campo deu errado: Raúl e Villa foram substituídos aos dez minutos do segundo tempo por dois homens que jogavam pelos lados de campo, Luis Garcia e Joaquín, enquanto os espanhóis tentavam assumir o controle do jogo. O placar final foi 3 × 1 para os franceses, e ali estava a velha Espanha de sempre: pródiga do ponto de vista técnico, mas decepcionante, no fim das contas.

A intenção de Aragonés ao juntar os três atacantes no time titular, no entanto, era compreensível. A Espanha nunca esteve acostumada a ter tanto talento no setor de ataque, o que se comprova pelo fato de esse trio ter vindo a ocupar as três primeiras posições na lista de maiores artilheiros da história da seleção: Villa terminou sua carreira internacional com 59 gols, Raúl fez 44 e Torres, 38. De fato, a costumeira falta de grandes artilheiros espanhóis era tão evidente que o maior goleador da história da seleção antes dos três era um zagueiro: Fernando Hierro. Sim, Hierro cobrava pênaltis e às vezes jogava no meio de campo, mas a estatística ainda assim ressalta um tradicional problema de ataque.

Antes de Raúl, Villa e Torres, os maiores atacantes espanhóis pertenciam a gerações muito distantes no tempo. Pichichi, artilheiro do Athletic Bilbao nos anos 1920, marcava tantos gols que o prêmio de artilheiro do Campeonato Espanhol recebeu o seu nome, ao passo que o maior vencedor do prêmio era Telmo Zarra, outro atacante do Athletic, que o conquistou seis vezes nas décadas de 1940 e 1950. O lendário Alfredo Di Stéfano ganhou

o Pichichi cinco vezes nos anos 1950, mas era um jogador de múltiplas qualidades, mais do que um centroavante de fato, e era argentino, não espanhol. O pequeno Quini também venceu o prêmio cinco vezes pelo Sporting Gijón e pelo Barcelona entre os anos 1970 e 1980, mas fez apenas oito gols pela seleção. Mais tarde, o mexicano especialista em bicicletas Hugo Sánchez também foi artilheiro cinco vezes nos anos 1980. Na segunda metade do século xx, apenas o seu companheiro de Real Madrid, Emilio Butragueño, pode ser considerado um centroavante espanhol genuinamente de nível internacional. Mas nem mesmo Butragueño era um prolífico marcador de gols: só fez mais de quinze no Campeonato Espanhol uma vez. A Espanha simplesmente nunca tinha podido contar com um homem-gol ao estilo de Gerd Müller, da Alemanha, ou Gary Lineker, da Inglaterra.

Portanto, apesar da felicidade de Aragonés por ter três grandes goleadores à sua disposição, a situação era absolutamente atípica. Os times italianos, por exemplo, estavam acostumados a jogar com três atacantes por dentro; os espanhóis, não, e com o tempo acabariam deixando de escalar centroavantes, simplesmente. A inspiração para esse movimento veio de um futebolista que atuava na Espanha — mas não era espanhol — e popularizou a função do falso 9.

O incrível período de Leo Messi como o maior jogador do planeta se estendeu para muito além dessa era particular, mas as temporadas entre 2008 e 2012 testemunharam sua explosão, de um promissor atacante pelos lados do campo a um eficiente centroavante. Antes de 2008/09, Messi havia marcado 42 gols pelo Barcelona. Ao final da temporada 2011/12, já contava 253, e se tornara o maior artilheiro da história do clube.

Faz sentido que as percepções a respeito do papel de centroavante na Espanha tenham sido transformadas por um argentino. Se o estilo holandês é inquestionavelmente a maior influência contemporânea sobre a identidade do futebol espanhol, as ligações do país com a Argentina também são relevantes. A conexão se iniciou em 1921, quando uma seleção espanhola composta basicamente por jogadores do País Basco fez uma excursão por Argentina, Uruguai e Brasil, e voltou para casa encantada com o estilo de jogo atraente, de paciência e posse de bola, dos anfitriões, o que deu início à adoração espanhola pelo futebol sul-americano.

Mais tarde, em 1947, aconteceu uma excursão à Espanha extremamente

influente de um excelente time do San Lorenzo, que dominou os adversários exibindo um futebol de técnica e habilidade. Os campeões argentinos derrotaram os maiores clubes do país antes de destruir a seleção nacional por um placar agregado de 13 × 6 em dois jogos. “Houve um antes e um depois no futebol espanhol, uma divisão marcada pela visita do San Lorenzo”, disse Jaume Olive, treinador da base do Barcelona citado por Jimmy Burns no livro La Roja. “O campeão argentino deixou uma marca profunda, de um futebol elaborado de passes curtos e triangulações, que contrastava com a ligação direta usada na Espanha, onde falar sobre tática era considerado uma heresia. Os argentinos acreditavam em valorizar a posse de bola e a estratégia, enquanto os espanhóis só conseguiam responder com ‘fúria’ e algum improviso.”

Em teoria, a influência argentina deveria ter se diluído depois que jogadores estrangeiros foram barrados em LaLiga, em 1962, uma resposta precipitada ao fato de a Espanha ter ficado na lanterna de seu grupo na Copa do Mundo. A medida, no entanto, teve efeito oposto ao desejado, já que os chamados oriundos — estrangeiros com raízes espanholas — ainda eram permitidos, e a maioria vinha da Argentina. Uma investigação posterior mostrou que mais de 75% desses jogadores não tinham, na realidade, qualquer laço familiar com a Espanha, e que a falsificação de documentos havia se tornado fato corriqueiro, o que levou ao fim do banimento em 1973 — e propiciou, inclusive, a chegada de Cruyff ao país. Durante esses onze anos, porém, a Espanha efetivamente proibiu a vinda de jogadores de outros países da Europa, mas continuava repleta de argentinos.

A figura mais importante era Alfredo Di Stéfano, que assinou com o Real Madrid bem debaixo do nariz do Barcelona em 1953, ganhou duas Bolas de Ouro e foi o maior craque do Real na conquista das cinco Copas dos Campeões da Europa seguidas entre 1956 e 1960. Num período em que mudar de seleção ainda não era proibido, Di Stéfano representou Argentina, Colômbia e Espanha, dependendo de onde ficava o clube pelo qual estava atuando, mas, enquanto a maioria de suas partidas internacionais ocorreu com a camisa espanhola, seu estilo era inconfundivelmente sul-americano.

“Ele revolucionou os nossos conceitos sobre o jogo”, disse seu companheiro no Real, Vicente Miera, citado na biografia de Di Stéfano escrita por Ian Hawkey. “Estávamos acostumados a um futebol dividido em setores: defensores preocupados com a marcação dos atacantes, meios-campistas

organizadores e sem muita liberdade criativa, e um centroavante que esperava a bola chegar até ele. Alfredo jogava no campo todo e finalizava bem. Quando chegou, ele era um camisa 9. Pensávamos que permaneceria sempre na frente, esperando os passes. Não. Rapidamente vimos que recuava para trocar passes e contribuía para a organização do time. Era realmente impressionante como ele fazia coisas diferentes, a maneira como pensava."

Nos anos posteriores, o carinho espanhol pelo futebol argentino passou a se justificar principalmente pelo simples fato de os sul-americanos serem mais bem-sucedidos. Entre 1978 e 1990, a Argentina chegou a três finais de Copa do Mundo e venceu duas, enquanto a Espanha chegou apenas uma vez às quartas de final. Era natural, portanto, que um país mais vitorioso, que falava espanhol e exportava constantemente seus talentos para a Espanha passasse a ser tão admirado. Enquanto isso, o atacante argentino Jorge Valdano, que brilhou dentro de campo e depois comandou o Real Madrid como treinador, tornou-se o grande filósofo do futebol espanhol: um pensador idealista e extremamente respeitado, que desde sempre advogou em favor de um jogo atraente. Seu compatriota César Luis Menotti, o treinador que simbolizava o futebol ofensivo na Argentina, e que treinou Barcelona e Atlético de Madrid nos anos 1980, era outro ideólogo do esporte. Assim como Valdano, ressaltava a importância da expressão individual e de uma identidade futebolística positiva.

Também houve Diego Maradona, o maior jogador dos anos 1980, que chegou ao Barcelona em 1982 por uma cifra recorde na época e viveu duas agitadas temporadas no Camp Nou antes de seguir para o Napoli, em outra transferência que bateu o recorde mundial em termos de valores. A performance de Maradona no Barça oscilou bastante, mas sua influência sobre o futebol mundial era enorme. A adoração pelo camisa 10 e por sua função em campo (a de enganche, "gancho" em espanhol) é maior na Argentina do que em qualquer outra parte do mundo. A importância do enganche definiu o futebol argentino, que historicamente sempre se preocupou em desenvolver um estilo de jogo diferente do praticado por seus colonizadores espanhóis e pelos ingleses, introdutores do jogo no país. Enquanto o futebol europeu era considerado exageradamente sistematizado, os argentinos sempre se orgulharam de seu individualismo e espontaneidade. No livro que escreveu sobre a história do futebol argentino, Jonathan Wilson relaciona esse sentimento à "explosão da autoconfiança

cultural e criatividade dos anos 1920, que também inspiraram a ascensão do tango". Tipicamente, o camisa 10 era um pibe, um garoto pobre e mal vestido que desenvolvia suas habilidades jogando futebol de rua e se recusava a submeter seu instinto natural às ordens de treinadores. Tinha que ser um gênio talentoso, não um produto do estudo sistematizado, e idealmente seria alguém pouco desenvolvido fisicamente, ótimo no drible e canhoto.

Essa imagem já era cultivada muito antes de Maradona, que não criou o estereótipo, mas se encaixou perfeitamente nele. Maradona é tão amado em sua terra natal não apenas por ter sido o melhor jogador do mundo, mas porque era estereotipicamente muito argentino, perfeitamente adequado à interpretação do que é o camisa 10 em seu país, e por ter levado a lenda do enganche adiante, até as futuras gerações. Nas décadas de 1990 e 2000, o desespero do futebol argentino por descobrir o "novo Maradona" era equiparável à determinação espanhola por importá-lo. Todo sério candidato a receber essa etiqueta acabou em LaLiga: Ariel Ortega e Pablo Aimar no Valencia, Javier Saviola e Juan Román Riquelme no Barcelona. E depois, claro, veio Messi.

A mudança de Messi de Rosario para Barcelona se tornou, compreensivelmente, o maior conto de fadas do futebol moderno. Messi era um garoto extraordinariamente talentoso, mas recebeu um diagnóstico de deficiência hormonal que exigia um tratamento caríssimo para acelerar seu crescimento, caso quisesse ter chances de se tornar um atleta profissional. Seu primeiro clube, o Newell's Old Boys, decidiu que não podia pagar essa conta e, em meio à crise financeira do país, a família de Messi se voltou para fora. O Barcelona ouvira falar do potencial do garoto e, depois de certa hesitação dos executivos do clube, o diretor do time profissional, Charly Rexach, decidiu sozinho que o traria. O contrato foi rascunhado e assinado apressadamente em um guardanapo de restaurante. Aos treze anos de idade, Messi se vinculou ao Barcelona.

Mesmo assim, ele se manteve argentino. Não morava com os outros jogadores em La Masia, mas com sua família, que imigrou para a Espanha. Sua futura esposa, Antonella, era uma amiga da infância em Rosario, e a grande comunidade argentina em Barcelona teve papel fundamental em sua criação. Sua dieta era tipicamente argentina, com muita carne vermelha, e seus amigos mais próximos nos primeiros dias na equipe principal eram

latino-americanos, não espanhóis. E, apesar de a seleção espanhola, como era inevitável, ter ficado interessada em contar com seu futebol, Messi nunca hesitou em seu compromisso de representar La Albiceleste, não La Roja.

Em termos futebolísticos, Messi também era tipicamente argentino, obcecado por jogar como camisa 10 e, enquanto outros jovens eram ensinados a idolatrar Guardiola, ele venerava Maradona. Messi vira seu herói de perto uma vez, aos seis anos de idade, na estreia de Maradona pelo Newell's Old Boys em 1993, quando divertiu os torcedores fazendo embaixadinhas no intervalo. Maradona tinha tudo: era um goleador implacável, um driblador voraz e um grande criador de chances de gol, tudo em um só jogador, e exigia ser escalado entre as linhas de meio de campo e de ataque. Era exatamente assim que Messi queria atuar.

Já em sua chegada ao Barcelona, Messi começou a introduzir novos conceitos. Rodolfo Borrell, influente técnico das divisões de base do Barça, que depois foi trabalhar no Liverpool e se juntou a Pep Guardiola no Manchester City, relembra que soube de Messi pelo xerox de uma matéria num jornal argentino que usava termos como gambeta (drible) e enganche. O futebol argentino criara palavras específicas para movimentos e posições que ainda não eram comuns na Espanha, e Messi mais tarde ensinaria ao futebol espanhol o valor dos dois conceitos.

Messi era um jovem tímido das categorias de base do clube e só falava quando alguém lhe perguntava algo. Quando a pergunta era "em qual posição você joga?", a resposta era sempre "enganche", um termo que deixava os companheiros confusos. Havia também um problema de ordem tática. O Barcelona costumava usar em todas as suas categorias jovens um 4-3-3 que não oferecia lugar para um camisa 10, de modo que Messi era escalado para atuar pelos lados do campo. Ele odiava jogar pela esquerda, mas tolerava jogar pela direita porque podia cortar para dentro mantendo a bola colada ao pé canhoto. Curiosamente, mesmo quando os treinadores da base do Barcelona decidiam usar o 3-4-3, com um losango no meio de campo, abrindo a possibilidade para que Messi atuasse como camisa 10, era o jovem Cesc Fàbregas quem costumava ocupar essa posição. O primeiro a usar Messi centralizado foi Tito Vilanova — que viria a se tornar assistente de Pep Guardiola e, mais tarde, seu substituto — quando o argentino tinha quinze anos de idade. Na ocasião, no entanto, Vilanova colocou Messi para

jogar como camisa 9, antecipando sua futura posição sob o comando de Guardiola.

Mas, o que era significativo, atuando pelas seleções de base da Argentina, Messi costumava ser colocado em sua posição preferida, como camisa 10. Para os argentinos, essa era obviamente sua função — ele era inquestionavelmente um enganche e, apesar de ter sido educado na Europa e ser mais rápido que os camisas 10 arquetípicos, como Riquelme, continuava um argentino do ponto de vista do estilo. A maior evidência disso eram seus dribles incessantes, aprendidos nas ruas de Rosário, e não nos campos de La Masia. "Para mim, era difícil passar a bola. Eu sempre me esquecia de fazer isso", relembrou Messi em uma entrevista para a revista argentina El Gráfico. "Aos poucos, comecei a jogar mais para o time, mas não facilitei as coisas para eles, porque sempre fui cabeça-dura. O Barcelona me ensinou muitas coisas, mas nunca tentou mudar o meu estilo."

Messi se tornou o jogador mais jovem a vestir a camisa da equipe principal do Barça, em outubro de 2004, e o mais jovem a marcar um gol pelo time, em outubro de 2005. Seu primeiro gol teve assistência de Ronaldinho — minutos depois de uma jogada idêntica entre os dois que acabou com o bandeirinha anulando o gol equivocadamente por impedimento — e o melhor jogador do mundo na época acabou se tornando o mentor do jovem Lionel, apesar da rivalidade entre Brasil e Argentina. Ronaldinho, assim como Messi (e Rivaldo antes deles), era um camisa 10 que havia sido deslocado para o lado no 4-3-3 do Barcelona, e portanto Messi passou a jogar essencialmente como um espelho do brasileiro, atuando pela direita enquanto Ronaldinho dominava o lado esquerdo. O argentino começou a jogar regularmente na temporada 2005/06 e não demorou a indicar, mesmo que de maneira reservada, seu desejo de jogar centralizado. "Não estou dizendo ou sugerindo ou concordando que temos diante de nós um novo Maradona", disse seu treinador, Frank Rijkaard, em 2005. "Prefiro dizer que temos o novo Messi. (…) Ele tem uma categoria inata que lhe permite jogar em várias posições, apesar de ele acreditar que, no fim das contas, vai jogar pelo meio." Essa transição, no entanto, teria que esperar, e Messi terminou a temporada 2005/06 de maneira decepcionante, ficando fora da decisão da Champions League porque Rijkaard acreditava que ele não tinha se recuperado completamente de uma lesão.

Na temporada 2006/07, Messi progrediu sensivelmente, chegando a marcar

três gols no empate em 3 × 3 contra o Real Madrid, e depois replicou os dois gols mais lendários de seu grande ídolo em menos de dois meses, primeiro copiando a famosa arrancada de Maradona, que driblou meio time inglês na Copa do Mundo de 1986, em um gol extraordinário contra o Getafe, e revivendo a "Mão de Deus" contra o Espanyol. Curiosamente, foi esse gol de mão, combinado à sua incrível habilidade para o drible e à capacidade goleadora cada vez mais evidente, que sugeriu que a Argentina finalmente havia encontrado o novo Maradona. Indicando a passagem de bastão, os jornalistas argentinos começaram então a procurar "o novo Messi".

Mas a temporada 2007/08 acabou em frustração, prejudicada por uma série de lesões, preocupações a respeito da dieta de Messi e a sensação de que Ronaldinho, cada vez mais indisciplinado e morando a três casas de distância do argentino, havia se tornado uma má influência. Aconteceu, contudo, um fato significativo no empate do Barcelona por 1 × 1 contra o Sevilla em fevereiro, quando Messi foi posicionado no meio do trio de ataque pela primeira vez, com Thierry Henry pela esquerda e Giovanni dos Santos pela direita. Messi jogou bem, mas não o Barcelona, e o experimento não voltou a ser repetido por Rijkaard.

Enquanto isso, a seleção espanhola seguia usando atacantes tradicionais — só que agora apenas dois em vez de três. Raúl, o garoto de ouro do futebol espanhol por uma década e capitão nos quatro anos anteriores, foi deixado de lado por Luis Aragonés depois de uma derrota surpreendente por 3 × 2 para a Irlanda do Norte, em setembro de 2006. Os torcedores espanhóis ficaram revoltados com a derrota, mas ainda mais furiosos pela saída subsequente de Raúl, e ainda que a Espanha tenha se classificado de forma relativamente tranquila para a Eurocopa de 2008, a questão continuava sendo debatida. A casa de Aragonés apareceu pichada com mensagens a favor de Raúl e, quando o elenco chegou à estação de Málaga para um amistoso contra a França, foi recebido por um grupo de torcedores cantando o nome do atacante e balançando sua camisa com o número 7. Mas Raúl, ainda jogando bem pelo Real Madrid, nunca mais voltaria a vestir a camisa da Espanha. A seleção seguira em frente, e Aragonés iniciou a Eurocopa num 4-4-2 com Villa se movimentando por trás de Torres, que jogava centralizado.

Na realidade, mesmo uma formação com dois atacantes ainda parecia pouco natural na seleção, cujos jogadores estavam acostumados a jogar no 4-2-3-1

ou no 4-3-3 por seus clubes. Torres e Villa, no entanto, tinham excelente entrosamento — jogavam juntos desde a seleção sub-21 e suas esposas eram grandes amigas. Quando a Espanha goleou a Rússia por 4 × 1 na estreia da Eurocopa de 2008, Villa marcou três vezes e fez questão de celebrar cada um de seus gols ao lado de Torres — mesmo o terceiro, que aconteceu quando Torres já havia sido substituído e estava sentado no banco de reservas. A parceria era genuína, e ambos marcaram na vitória por 2 × 1 contra a Suécia, mesmo que a atuação da equipe tenha ficado abaixo do esperado. Contra a Itália, nas quartas de final, Aragonés usou os dois juntos mais uma vez, mas a seleção italiana não teve grandes problemas e a partida terminou sem gols, com a Espanha se classificando nos pênaltis.

Há, porém, males que vêm para o bem, e isso aconteceu aos 34 minutos do confronto semifinal, mais uma vez contra a Rússia, quando Villa saiu machucado. Pode parecer estranho sugerir que uma lesão que tirou de campo o artilheiro da competição tenha aumentado as chances de sucesso da Espanha, mas a substituição forçada transformou o jogo de passes da equipe, e os espanhóis controlaram totalmente o jogo depois da saída de Villa para a entrada de Fàbregas, que deu duas assistências na vitória por 3 × 0. "Villa está lesionado e não sei se vai jogar a final", declarou Aragonés após a vitória. "De todo modo, jogamos melhor hoje com um atacante do que com dois." Foi o momento em que a ficha caiu. Villa ficou de fora da final, de modo que Fàbregas seguiu como meia-atacante. Torres, que era forçado a cair pelos lados quando jogava com Villa, começou a servir de referência no ataque, como fazia muito bem no Liverpool, tendo mais liberdade para explorar os espaços entre zagueiros e laterais adversários, e foi justamente disparando pelo corredor direito que ele marcou o gol do título sobre a Alemanha. Ao longo de toda a Eurocopa de 2008, a Espanha pareceu mais efetiva, até mesmo mais espanhola, com apenas um jogador no ataque. Além de controlar melhor o ritmo do jogo, a equipe marcou um gol a cada 75 minutos jogando com uma dupla de atacantes, ao passo que anotou um a cada 34 minutos quando contou com o centroavante solitário.

Enquanto isso, Guardiola era nomeado técnico no Barcelona e imediatamente vendeu Ronaldinho, o que fez Messi herdar a camisa 10. Mas Messi e Guardiola tinham uma relação curiosa. O argentino, ao contrário de outros jogadores formados em La Masia, não nutria uma adoração especial pelo novo chefe. Para ele, Guardiola era apenas mais um treinador, embora Pep tenha ganhado pontos com o comandado quando

interferiu na disputa entre Messi e a direção do clube a respeito das Olimpíadas de 2008. O argentino queria muito jogar o torneio, mas o Barça não era obrigado a liberá-lo e recusou o pedido da seleção argentina. Guardiola, lembrando-se da própria experiência olímpica em 1992, ficou do lado do jogador, e Messi foi para a China — onde formou um temível quarteto de ataque ao lado de Juan Román Riquelme, Ángel Di María e Sergio Agüero, ganhando a medalha de ouro em Pequim. Mais importante, Guardiola havia conquistado a confiança de Messi.

Ainda que o novo técnico tenha reconhecido seu talento imediatamente, o fato é que Messi não era um típico jogador guardiolista, especialmente porque driblava demais. Os dribles de Messi eram clássicos — os adversários iam ficando para trás enquanto ele avançava em direção ao gol —, mas Guardiola preferia outro tipo de condução de bola, que deslocasse os oponentes de suas posições como forma de abrir buracos na defesa a serem explorados com passes. Guardiola, por exemplo, acreditava que o famoso gol de Messi contra o Getafe, no qual ele passou por meio time adversário, foi consequência de um padrão ofensivo ruim; Messi recebeu a bola longe demais do gol e acelerou em direção ao ataque de maneira muito direta porque seus companheiros estavam mal posicionados e, portanto, não podiam ajudá-lo. Em seu livro Barça, Graham Hunter relembra algumas das instruções de Guardiola para o time B do Barcelona na temporada 2007/08: "Não quero que todos vocês tentem driblar como Messi! Passem, passem e passem de novo! Passem com precisão, movimentem-se bem e deem mais um passe!". Mas Messi era impossível de controlar e jogava do seu jeito. "Ele é um jogador puramente intuitivo, e por isso precisa ter liberdade", admitiu Guardiola.

Em geral, considera-se que a decisão de colocar Messi na função de falso 9 foi tomada antes da viagem do Barcelona ao Santiago Bernabéu para o confronto contra o Real Madrid, no último mês da primeira temporada sob o comando de Guardiola. Na realidade, ela aconteceu na primeira vitória da campanha, a goleada por 6 × 1 sobre o Sporting Gijón, ainda na terceira rodada. Como de costume, Samuel Eto'o iniciou o jogo centralizado e Messi pela direita, mas os dois inverteram o posicionamento aos dez minutos de jogo, confundindo a defesa do Sporting e provocando grande estrago para o time rival. O fato mais peculiar, portanto, foi Guardiola ter mantido Eto'o por dentro e Messi pela direita ao longo de quase toda a temporada 2008/09. Ao que parece, ele preferiu ter a carta do falso 9 na manga para os jogos

que decidiriam títulos.

A viagem para enfrentar o arquirrival, oito meses depois do triunfo em Gijón, certamente se encaixava nessa categoria de jogo: o Barcelona estava quatro pontos à frente do Real, restando cinco rodadas — com uma vitória dos madrilenhos, o campeonato ganharia nova vida, enquanto a vitória do Barça basicamente decidiria o título. Ao estudar os vídeos da dupla de zaga de pouca mobilidade do Real, formada por Fabio Cannavaro e Christoph Metzelder, na noite anterior à partida, Guardiola de repente resolveu que era hora de liberar Messi para jogar centralizado. Foi claramente uma decisão de última hora, já que o time não tinha treinado daquela forma, e o técnico então telefonou para seu camisa 10 pedindo que ele viesse até seu quarto para que pudessem ver vídeos da defesa adversária em ação. Messi teria dado risada ao ouvir a ideia, e Guardiola acredita que isso aconteceu porque ele achou o plano arriscado e imaginou que ficaria muito isolado, mas pode-se suspeitar também que o riso tenha se devido à impressão de Messi de que a mudança era óbvia e deveria ter acontecido muito antes.

De qualquer forma, o plano era esse. Pouco antes do jogo, Guardiola se reuniu com Xavi, Iniesta e Messi, pedindo para que dominassem o meio de campo ao criar situações de três contra dois em cima de Lassana Diarra e Fernando Gago. Foi exatamente o que aconteceu. Em uma vitória por 6 × 2 que na prática encerrou a disputa pelo título, Messi marcou duas vezes, criou a jogada do gol de Henry a partir de sua posição entre as linhas e ajudou o Barça a dominar completamente o meio de campo. Os zagueiros do Real não tinham ideia de como pará-lo. "Nossa estratégia simplesmente não previa persegui-lo até o meio de campo", disse mais tarde um atônito Metzelder. Messi estava fazendo contra o Real Madrid o que Di Stéfano já havia feito jogando pelo próprio Real.

Essa variação tática não foi vista novamente até a final da Champions League, contra o Manchester United, no fim do mesmo mês. Mais uma vez, Guardiola começou com Messi na direita e Eto'o centralizado, mas estava combinado que os dois inverteriam suas posições depois de dez minutos, com o objetivo de confundir a defesa adversária. Funcionou perfeitamente, e o Barcelona venceu por 2 × 0; Eto'o abriu o placar cortando da direita para dentro, e Messi selou o triunfo com uma cabeçada executada da posição tipicamente ocupada pelo centroavante. "Nas finais, Andrés, Xavi, Busquets e eu sempre nos aproximamos para ter superioridade numérica,

controlar a bola e o jogo", explicou Messi. Ele era tão meio-campista quanto atacante, o verdadeiro camisa 10 que sempre desejara ser.

Guardiola recebeu os louros pela inovação tática, mas os créditos devem ser compartilhados. Tito Vilanova, seu assistente, já havia usado Messi no ataque das categorias de base. Frank Rijkaard, seu antecessor, tinha testado o craque argentino centralizado. Diversos treinadores da seleção argentina o utilizaram como camisa 10. E, mais importante que tudo isso, o próprio Messi sempre insistira que seu destino era jogar por dentro. Usá-lo como atacante centralizado no 4-3-3 do Barcelona, com Henry e Eto'o pelos lados, era efetivamente o mesmo que usá-lo como enganche em um 4-3-1-2 tipicamente argentino, apenas com os atacantes jogando mais abertos. Para os europeus, ele era um falso 9; para os sul-americanos, um verdadeiro camisa 10.

E qualquer um imaginaria que esse tinha sido o fim da história: Messi encontrara sua posição. Mas Guardiola ainda considerava a ideia simplesmente uma alternativa tática útil, porque, imediatamente após a tríplice coroa conquistada pelo Barça, ele fez a contratação mais polêmica de sua carreira como treinador: o sueco Zlatan Ibrahimović. O valor da transferência, 59 milhões de libras, não era apenas um recorde na história do clube, mas também envolveu a ida de Samuel Eto'o para a Inter de Milão como parte do acerto. Muitos questionavam se Ibrahimović era realmente um atacante melhor que Eto'o — especialmente se valia 59 milhões de libras a mais —, mas a comparação mais relevante não era a respeito da qualidade dos dois jogadores, mas de seu estilo. Eto'o era um velocista que tinha a mobilidade necessária para jogar pelos lados, enquanto Ibrahimović era um centroavante puro. A intenção de Guardiola não era jogar com um falso 9, mas com um clássico 9, e o treinador chegou a descrever Ibrahimović como "um pivô".

Com Messi retornando para o lado direito, o início de Ibrahimović no Barcelona foi excelente. Ele se tornou o primeiro jogador na história do clube a marcar gols nos cinco primeiros jogos disputados — incluindo duas cabeçadas que mostravam o novo potencial do time para um jogo mais direto. Em seguida, após ficar de fora de algumas partidas por uma lesão na coxa, voltou como reserva contra o Real Madrid. Seis minutos depois de entrar em campo, fez o gol da vitória no clássico. Na segunda metade de sua única temporada no clube, no entanto, as coisas se deterioraram de maneira

repentina, e ele e Guardiola romperam a ponto de não se falarem mais. O foco da cobertura midiática eram as questões pessoais entre ambos, alimentadas pela fantasiosa autobiografia — escrita por um ghost-writer — de Zlatan, que se referia a Guardiola como "meu inimigo" e "um covarde sem espinha dorsal".

Na realidade, as disputas se originavam de questões táticas e, mais especificamente, das exigências de Messi, que queria o time escalado em função dele. Inicialmente, o argentino registrou sua inquietação enviando uma mensagem de texto a Guardiola durante a viagem de ônibus depois de uma partida fora de casa; embora diferentes fontes tragam versões divergentes sobre o conteúdo exato, há concordância geral sobre o sentido da mensagem: "Bom, vejo que não sou mais tão importante para o time". Mais tarde, os dois conversaram pessoalmente, e Messi foi explícito ao exigir ser escalado por dentro, dizendo ao treinador que "colocasse os outros pelos lados".

Esse movimento trouxe consequências inevitáveis para Ibrahimović, e criou um problema que Guardiola não conseguiu resolver. Determinado a acalmar Messi, ele tentou de tudo para manter o centroavante sueco no time titular. Primeiro, um 4-2-3-1 com Messi por trás de Zlatan, que acabou prejudicando o tradicional jogo de passes do Barça no meio de campo; depois, com Ibrahimović aberto pela direita no 4-3-3, o que simplesmente não se encaixava com o tipo de jogo do sueco.

O caminho mais óbvio era retornar Messi para o lado direito e manter Ibrahimović na frente. Foi exatamente o que Pep fez nas duas partidas da famosa eliminação sofrida para a Internazionale de Mourinho nas semifinais da Champions League, provavelmente seu maior erro tático em quatro anos à frente do Barça. Os zagueiros da Inter, Lúcio e Walter Samuel, já tinham idade avançada e ficariam aterrorizados diante da possibilidade de enfrentar Messi como falso 9, com os velocistas Pedro Rodríguez e Bojan Krkić pelos lados. Em vez disso, atuaram mais confortavelmente contra Ibrahimović, que teve duas péssimas atuações diante de seu antigo clube. A visão de Guardiola chamando o sueco para dar instruções táticas enquanto Mourinho se aproximava para provocá-los é a imagem definitiva da passagem de Ibrahimović pelo clube catalão. "Eu não tinha uma relação com o técnico", Ibra declarou após sua ida para o Milan. "Ele mal olhava para mim. Messi queria jogar centralizado e conseguiu."

A saída de Ibrahimović em 2010 foi compensada pela chegada de Villa, que havia passado o período entre as temporadas tabelando com Xavi, Iniesta, Busquets e Pedro na conquista da Copa do Mundo pela Espanha. Pelo segundo grande torneio consecutivo, entretanto, ficou evidente que a seleção espanhola era mais perigosa quando usava só um atacante, em vez de dois. Vicente del Bosque já havia reconhecido a dificuldade de manter a dupla de ataque convencional, mas seguia com a intenção de usar os dois jogadores no time titular, então passou a jogar com Villa aberto no 4-2-3-1.

O problema que se apresentava, porém, tinha mais a ver com os indivíduos do que com a tática adotada. Torres perdera boa parte da temporada anterior por conta de lesões e ainda sofria com um problema no menisco. Ele simplesmente não conseguiu atuar em alto nível durante a Copa. Participou de todas as partidas da Espanha, mas não completou noventa minutos em nenhuma — e não fez gols ou deu assistências. Mais tarde, em um documentário sobre o título, o atacante admitiu ter tomado injeções de analgésicos para poder disputar a Copa do Mundo, mesmo depois de alertado de que a prática poderia prejudicar o restante de sua carreira. É uma revelação importante, pois Torres passou a ser apenas uma sombra do jogador que havia sido antes, e nunca recuperou sua velocidade e confiança. Depois de marcar 56 gols nos campeonatos nacionais que disputou nas três temporadas anteriores à Copa do Mundo de 2010, conseguiu apenas 57 nas oito temporadas seguintes, até deixar a Europa para encerrar a carreira no Japão. Mesmo assim, Del Bosque insistiu nele até a semifinal, quando decidiu substituí-lo por Pedro, que foi jogar aberto para permitir que Villa passasse a ser o centroavante. A Espanha teve, contra a Alemanha, sua melhor atuação na Copa e, pelo segundo grande torneio em sequência, uma mudança na semifinal — a troca de dois atacantes por apenas um, dessa vez com Villa e sem Torres — ajudou a seleção espanhola a alcançar a decisão.

No Barcelona, depois de ter jogado bem na seleção ao lado de seus novos companheiros, Villa inevitavelmente se encaixou melhor que Ibrahimović. Mas o problema, se é que algo desse tipo pode ser considerado um problema em qualquer circunstância, era a presença de Messi. Quando Villa assinou com o Barça, ouviu que jogaria centralizado no ataque. Ele até jogou ali em sua estreia e fez um gol na vitória por 3 × 0 sobre o Racing Santander, e na segunda partida revezou com Bojan, jogando ora pela esquerda, ora por dentro, mas o resultado foi desastroso: uma derrota surpreendente por 2 × 0 para o Hércules, que acabara de chegar da segunda divisão, num jogo em

que Villa pareceu desconfortável tendo que atuar de costas para o gol contra uma defesa bastante fechada.

Guardiola precisava reformular sua equipe, então decidiu fazer uma mudança para a partida seguinte, contra o Panathinaikos, pela Champions League, usando sua linha de ataque "ideal" pela primeira vez: Messi, Villa e Pedro. Messi como falso 9, Villa cortando para dentro da esquerda e Pedro vindo da direita. O Barça venceu por 5 × 1, e Messi, jogando centralizado, comandou o show. Marcou dois gols e poderia ter feito mais, já que acertou as duas traves e o travessão, além de ter perdido um pênalti. Seu segundo gol foi, provavelmente, a melhor demonstração possível do papel do falso 9. Recebendo a bola a trinta metros do gol, com dez jogadores do Panathinaikos protegendo a entrada da área, Messi arrancou, tabelou com Xavi e depois com Pedro, e então finalizou. O jogo clássico de um toque do Barcelona combinado com a verticalidade de Messi pelo meio.

O trio de ataque se repetiu no jogo seguinte pelo Campeonato Espanhol, 2 × 1 sobre o Atlético de Madrid, em uma das vitórias taticamente mais significativas da era Guardiola. Ele queria ter um defensor na sobra contra a perigosa dupla de ataque rival formada por Diego Forlán e Sergio Agüero, de modo que fez Busquets recuar para atuar como terceiro zagueiro. A movimentação de Messi vindo participar do jogo mais atrás, portanto, significou que ele se tornava o terceiro meio-campista, garantindo que o Barça controlasse o jogo. Dependendo do posicionamento de Busquets e dos laterais, o Barcelona variava entre um 4-3-1-2 e um 3-4-1-2, as duas formações que predominavam no futebol argentino, ambas construídas ao redor de um enganche. O melhor sistema de jogo para o Barça, então, parecia óbvio, com Messi centralizado e Villa aberto pela esquerda, e não na posição que lhe havia sido prometida. A recomendação de Messi para que o técnico "colocasse os outros pelos lados" tinha sido seguida à risca. Assim como Henry, Eto'o e Ibrahimović, agora era Villa quem jogava fora de sua posição preferida.

A partida mais divertida do Barcelona em 2010/11 foi a vitória em casa, em novembro, sobre o Villarreal, um time de jogo maravilhosamente fluente, provavelmente o único adversário a chegar ao Camp Nou disposto a ter mais posse de bola que o Barça. O resultado foi uma partida emocionante, disputada em alta rotação e taticamente fascinante, em parte porque o Villarreal também jogava sem um centroavante fixo. Apesar de adotar um

4-4-2 no papel, sua dupla de ataque era formada por Giuseppe Rossi e Nilmar, dois jogadores de muita mobilidade, que continuamente caíam pelas pontas, criando espaços para que os meias abertos, Santi Cazorla e Cani, se movimentassem de fora para dentro. Era uma forma alternativa de atuar sem um centroavante fixo e, tanto naquela noite quanto no restante da temporada, o futebol do Villarreal mereceu elogios dos próprios jogadores do Barça. "Não me lembro de uma partida tão intensa, de jogar contra um adversário tão forte quanto esse Villarreal", afirmou Guardiola mais tarde. "É um time precioso. (…) O modo como jogam, o modo como pressionam. Foi o time que mais nos fez sofrer."

Ainda assim o Villarreal saiu derrotado, e o segundo gol do Barça veio depois de mais uma extraordinária sequência de duas tabelinhas protagonizadas por Messi, desta vez ainda mais simples, mas ainda mais brilhante, do que contra o Panathinaikos. Ao receber a bola fora da área, com sete jogadores adversários entre ele e o gol — e apenas um companheiro, Pedro —, Messi acelerou de repente, fazendo o "um-dois" com Pedro duas vezes, em velocidade impressionante: Messi passa, Pedro devolve, Messi passa, Pedro devolve e Messi finaliza encobrindo o goleiro quase sem ângulo e com o pé direito, o menos bom. Pedro não tinha se movido, fazendo o papel de "parede" da forma mais literal possível, enquanto os três toques de Messi aconteceram em três zonas completamente diferentes: à frente do meio de campo do Villarreal, depois entre as linhas de meio-campo e defesa, e por fim às costas dos defensores. Messi iniciou a jogada, costurou os passes e finalizou o lance: um camisa 8, um camisa 10 e um camisa 9, tudo em um jogador só, em questão de segundos, quase desafiando qualquer tipo de descrição tática.

O argentino era um atacante completo. Existem essencialmente apenas três coisas que um jogador pode fazer quando está com a bola: driblar, chutar ou passar, e Messi era excelente em todas as três. Na temporada 2010/11, suas estatísticas de dribles foram inacreditáveis: ele passou pelos adversários 186 vezes, mais de uma centena além do que qualquer outro driblador em LaLiga, demonstrando de certa forma como o conceito do drible era praticamente estranho ao jogo espanhol. Continuou muito prolífico em termos de gols também, marcando 31 vezes em 31 partidas como titular, mas sua evolução mais significativa, depois de ter passado a jogar centralizado, foi no aspecto da criação: Messi foi o líder de assistências no Campeonato Espanhol, com dezoito, sendo onze delas

enfiadas de bola pelo meio da defesa rival, para companheiros em velocidade. Ninguém no campeonato conseguiu mais que quatro.

Esse tipo de lance acabou se tornando um clássico desse Barcelona: Messi recebia a bola entre as linhas rivais, atraía os zagueiros e então encontrava um passe em profundidade para Villa ou Pedro, que corriam de fora para dentro para receber a bola nas costas da defesa. Na famosa goleada por 5 × 0 no clássico contra o Real Madrid, ele deu duas assistências para Villa dessa forma, e ficou feliz em se tornar uma espécie de coadjuvante por uma noite, interrompendo uma sequência de nove partidas em que vinha marcando gols. Sua relação com Villa e Pedro era excelente: eles podiam não ser individualmente tão talentosos quanto seus predecessores Henry, Eto'o e Ibrahimović, ou como os atletas que os sucederam, Alexis Sánchez, Neymar e Luis Suárez, mas funcionavam perfeitamente ao lado de Messi no sistema do Barcelona.

A temporada 2010/11 terminou com o título do Barça na Champions League. A vitória por 3 × 1 sobre o Manchester United na final foi muito mais convincente do que a de 2 × 0 dois anos antes, com Messi propiciando ao time espanhol absoluto controle do jogo. "Tínhamos que decidir como jogar taticamente contra o Barcelona por causa das infiltrações de Villa e Pedro, e o fato de eles não terem um centroavante complicava o planejamento", disse Ferguson. "Os dois jogadores pelos lados eram muito melhores do que Henry e Eto'o nessas infiltrações."

Os companheiros de Messi tentavam, até certo ponto, rotulá-lo como um autêntico produto barcelonista. "Ele é argentino, mas é como se fosse daqui", declarou Xavi. Gerard Piqué trouxe uma visão mais equilibrada: "Ele chegou com um estilo muito individualista, ao qual o Barcelona ajudou agregar o aspecto coletivo do jogo". A história mais intrigante, porém, não é a da influência do Barça sobre Messi, mas a de Messi sobre o Barça. É óbvio que a forma como ele utilizava conceitos argentinos, como o enganche e a gambeta, teve papel fundamental no desenvolvimento do jeito de jogar do Barcelona.

A temporada seguinte foi difícil, com Villa lesionado, Pedro passando por um período complicado e os recém-chegados Fàbregas e Alexis Sánchez incapazes de compreender as instruções táticas de Guardiola. Mas Messi teve a melhor fase de sua carreira em termos de artilharia: marcou

inacreditáveis 73 gols em sessenta partidas disputadas. As atuações mais entusiasmantes e taticamente fascinantes daquele time aconteceram logo no início da campanha, particularmente quando Guardiola usou Fàbregas próximo de Messi em algo que se parecia com um 3-3-4, com a dupla se revezando entre os papéis de camisa 10 e camisa 9, retomando o entrosamento que existia entre eles desde as categorias de base. O Barcelona jogava, na prática, com dois falsos 9.

O técnico da Espanha Vicente del Bosque, enquanto isso, vivia um dilema em relação ao ataque da seleção pouco antes da Eurocopa de 2012, já que Villa estava machucado. Ele decidiu convocar Fernando Torres, ainda fora de forma, Fernando Llorente, do Athletic Bilbao, e Álvaro Negredo, do Sevilla, que detalhou as diferenças de estilo com precisão. "Torres é rápido e se movimenta muito", disse Negredo, "Llorente tem porte e força (…) e eu tento participar mais do jogo, tabelar e estar no lugar certo, na hora certa." Três centroavantes distintos à disposição de Del Bosque: um velocista, um pivô e um atacante do tipo associativo que sabia marcar gols.

Mas o sucesso de Messi no Barcelona havia redefinido o futebol, a ponto de se passar a considerar absolutamente aceitável jogar sem centroavante. Antes da partida de estreia na Eurocopa, Del Bosque imaginou que os defensores italianos, mais tradicionais, prefeririam uma disputa mais física contra um centroavante convencional e, portanto, deixou Torres, Llorente e Negredo de fora. Em vez deles, usou Fàbregas como falso 9, como ele vinha jogando ocasionalmente no Barcelona. Às vezes, Fàbregas ainda trocava de posição com David Silva, que iniciou pelo lado direito no 4-3-3.

A seleção não tinha treinado nesse sistema, de modo que a decisão foi bastante surpreendente para os próprios jogadores e, como era de se prever, eles controlaram a posse à frente e ao redor da defesa italiana, mas sem poder de infiltração. Silva dava passes curtos e para trás quando recebia em posições onde Messi viraria e tentaria driblar, enquanto Fàbregas recuava demais. Mas o gol de empate espanhol foi um bom exemplo das intenções daquela formação: Silva, o mais avançado dos espanhóis naquele momento, recebeu centralizado entre as linhas italianas e fez um passe em infiltração para que Fàbregas, que chegava em velocidade, de fora para dentro, num movimento tipicamente associado a Villa e Pedro no Barça, finalizasse com categoria. Foi um gol típico de um falso 9. Aliás, o simples fato de existir um "gol típico de um falso 9" já dizia muito sobre a influência de Messi.

Torres foi titular nos dois jogos seguintes, em que a Espanha venceu a Irlanda e a Croácia, mas Fàbregas retornou na vitória por 2 × 0 sobre a França nas quartas de final, quando os movimentos do ataque espanhol já eram mais fluidos e mais eficientes na tentativa de furar a defesa rival, apesar da falta de um centroavante. "Estamos jogando com três atacantes", insistiu Del Bosque após aquela vitória. "Iniesta, Fàbregas e Silva." Eles claramente não eram atacantes — eram meios-campistas —, o sentido do termo na Espanha é que havia mudado.

Negredo foi uma surpresa na escalação para a semifinal contra Portugal, mas não foi bem e acabou substituído por Fàbregas aos dez minutos do segundo tempo, o que aumentou a qualidade do jogo de passes espanhol. E, assim como havia acontecido na Eurocopa de 2008, o impacto positivo da entrada de Fàbregas durante a semifinal o fez iniciar a final como titular, liderando o ataque na famosa vitória por 4 × 0 sobre a Itália. Ele jogou mais avançado do que em partidas anteriores, empurrando os defensores para trás ao tentar corridas às suas costas, em vez de recuar para jogar curto o tempo todo; não foi exatamente um falso 9, apenas um meia escalado no ataque com instruções para explorar os espaços por trás da defesa. "Eles podem até não atuar com centroavantes no papel, mas causam muitos problemas mesmo assim", lamentou o técnico italiano, Cesare Prandelli.

Essa forma de jogar marcava o clímax lógico do processo de transformação vivido pelo futebol espanhol, que vinha se afastando dos centroavantes tradicionais. Os espanhóis haviam usado três deles quando foram eliminados da Copa do Mundo de 2006, utilizaram dois durante a maior parte da Eurocopa de 2008, mudaram para apenas um na Copa do Mundo de 2010 e terminaram a Eurocopa de 2012 sem nenhum. A influência de Messi sobre o futebol espanhol era totalmente contraditória: ele quebrava todos os recordes pela quantidade de gols que marcava, enquanto inspirava a Espanha — e outros países — a jogar sem um goleador.

15

El Clásico

Pode parecer estranho considerar que um único confronto seja parte fundamental da identidade futebolística de todo um país, mas o clássico entre Barcelona e Real Madrid — El Clásico — foi, durante a era espanhola de dominação, a própria definição do futebol europeu, um jogo que encapsulava todos os grandes debates do mundo do futebol.

Era Pep versus José, Messi versus Ronaldo, posse de bola versus contra-ataque. E, assim como havia popularizado o futebol de posse e o falso 9, a Espanha também promoveu esse modelo de grande embate entre os dois maiores clubes de um país. De uma hora para outra, os alemães passaram a chamar o confronto entre Bayern de Munique e Borussia Dortmund de Der Klassiker, e os franceses remodelaram o duelo entre psg e Marseille como Le Classique. Na realidade, nada se comparava ao clássico original, que atraía consistentemente a maior audiência de tevê do mundo para uma partida de futebol.

Isso se devia, em parte, ao fato de nenhum outro grande campeonato europeu ser tão dominado por dois clubes. Não só porque 33% dos espanhóis torcem para o Real Madrid e 26% para o Barcelona — enquanto nenhum outro clube tem mais de 5% de apoio —, mas também porque quase todos aqueles que não torcem diretamente para Barça ou Real têm alguma preferência entre os dois. Uma pesquisa mostrou que apenas 11% de todos os torcedores espanhóis não têm favorito no confronto.

Mas o formato atual de El Clásico, como o grande definidor da temporada, é um conceito relativamente recente. As tensões entre os dois clubes se iniciaram antes da Primeira Guerra Mundial e aumentaram bastante quando o Real contratou Alfredo Di Stéfano, que interessava ao Barcelona, em 1953. No entanto, entre 1960 e 1990, o Barça venceu o Campeonato Espanhol apenas duas vezes, menos que o Atlético de Madrid — considerado então o maior rival do Real — e o mesmo número de vezes que Athletic Bilbao e Real Sociedad. O Barça era apenas um dos tantos desafiantes no caminho do Real. Entre 2008 e 2012, porém, antes do ressurgimento do Atlético, houve um inquestionável duopólio em LaLiga,

parcialmente por causa do dinheiro das cotas de tevê, distribuído de maneira escandalosamente desequilibrada. Em 2011/12, o terceiro colocado, Valencia, terminou o campeonato mais próximo da zona de rebaixamento do que dos dois grandes: vinte pontos acima dos rebaixados e trinta atrás do vice-campeão.

É claro que o embate entre Barcelona e Real Madrid sempre teve significado extra pelas questões políticas. O Barça não é o único representante do movimento que pede a independência catalã, nem a Catalunha é a única região espanhola dada a arroubos de sentimento nacionalista, mas a noção de rebeldia política se tornou parte indissociável da identidade do clube, assim como o compromisso com o futebol de posse de bola; até mesmo um telespectador casual é capaz de identificar os gritos de "independència" quando o cronômetro do Camp Nou marca 17 minutos e 14 segundos de jogo (uma alusão ao ano de 1714, quando o Exército da Catalunha foi derrotado no cerco a Barcelona) e de notar as faixas que declaram que "Catalunha não é Espanha".

Nesse sentido, o futebol criou uma situação interessante, pois a Catalunha era a Espanha — ou melhor, a Espanha era catalã. A seleção nacional não era mais a Fúria, havia deixado de ser dominada por clubes do País Basco ou baseada no brilho individual das grandes estrelas, como sempre acontece no Real Madrid. Em vez disso, entre 2008 e 2012, tudo girava ao redor da posse de bola paciente representada por Xavi Hernández, Sergio Busquets, Cesc Fàbregas, Gerard Piqué, Carles Puyol, Jordi Alba, Andrés Iniesta, David Villa e Pedro Rodríguez — nove atletas fundamentais que jogavam pelo Barcelona, os seis primeiros sendo igualmente catalães. A Espanha se estabeleceu como a melhor seleção da Europa, e o Barcelona, como o melhor clube do continente, utilizando ambos a mesma filosofia e os mesmos jogadores.

Isso tudo foi muito difícil para o Real Madrid: o clube da realeza, o clube da capital, o clube da Espanha. Conforme ressalta Jimmy Burns em seu livro sobre a história do futebol espanhol, La Roja, durante os anos de seca da seleção o Real "ajudou a projetar uma imagem de sucesso espanhol no exterior, convertendo-se no maior produto de exportação de Franco. (…) O Real Madrid era o representante da melhor faceta do futebol da Espanha, (…) jogando de maneira mais criativa e ofensiva do que qualquer outro clube do planeta".

Mas e agora? Esses dois clubes, como Xavi destacou certa vez, estão sempre "em lados opostos da mesma balança" e, assim como o Barça havia respondido à superioridade técnica do Real nos anos 1960 adotando um futebol de força e velocidade, passara a ser a vez de o clube da capital assumir a mesma estratégia. Ao se afastar de um futebol mais técnico, o maior clube da Espanha acabou se tornando menos espanhol.

Foi impressionante a rapidez com a qual se estabeleceu o domínio do Barcelona. Em 2007/08, o Real venceu seu segundo título seguido do Campeonato Espanhol em uma campanha absolutamente dominante que incluiu duas vitórias sobre o próprio Barça. A segunda foi particularmente memorável pela "guarda de honra" que os jogadores barcelonistas foram forçados a oferecer aos rivais antes do confronto no Bernabéu. Samuel Eto'o e Deco haviam, convenientemente, recebido cartões nas rodadas anteriores e estavam suspensos, evitando a humilhação, mas seus companheiros não tiveram como escapar. O time do Barcelona primeiro aplaudiu os campeões do Real e depois perdeu o jogo por 4 × 1. O capitão catalão, Puyol, declarou que foi o pior momento de sua carreira. Na metade de 2008, o clube anunciou Pep Guardiola como treinador. Mais importante no contexto da rivalidade de El Clásico foi o nome que os dirigentes não escolheram: José Mourinho.

O primeiro duelo durante a era de domínio espanhol aconteceu em dezembro de 2008 e ficou mais marcado por um evento ocorrido na semana anterior. Enquanto o Barcelona de Guardiola ganhava frente na ponta da tabela, o Real Madrid estava em péssima forma, chegando a perder três vezes em quatro partidas — sendo que a única vitória foi por 1 × 0 em um jogo fraco contra o Recreativo de Huelva, que viria a ser rebaixado. Depois da terceira derrota, por 4 × 3 contra o Sevilla, o alemão Bernd Schuster, treinador da equipe madridista, fez uma declaração surpreendente quando perguntado sobre a viagem a Barcelona, na semana seguinte. "Estou menos preocupado com esse jogo do que com qualquer outro", explicou. "Vencer no Camp Nou é impossível. O Barcelona está atropelando todo mundo. É impossível derrotá-los. É o ano deles." O Real Madrid era claramente o azarão, mas descrever um jogo de vida ou morte como um jogo de morte certa era uma estratégia suicida. Schuster foi demitido.

De forma igualmente surpreendente, o Real anunciou Juande Ramos, que havia sido demitido pouco tempo antes pelo Tottenham Hotspur, na

lanterna da Premier League. A equipe foi a Barcelona e perdeu por 2 × 0, mas jogou melhor que o esperado, e o ponta holandês Royston Drenthe chegou inclusive a desperdiçar uma chance cara a cara com o goleiro quando o placar ainda marcava 0 × 0. Os gols do Barça, marcados por Eto'o e Lionel Messi, saíram nos sete minutos finais. "Considerando as circunstâncias, estamos satisfeitos", disse o capitão Raúl González. Uma declaração absolutamente compreensível, mas que também enfatizava a inferioridade do Real. Juande Ramos evidentemente não seria uma solução de longo prazo para o clube, mas seu trabalho de recuperação foi excepcional: depois da derrota para o grande rival, o Real venceu dezessete dos dezoito jogos seguintes, apenas empatando com o Atlético de Madrid por 1 × 1 no caminho. O Real, assim, estava a apenas quatro pontos do líder quando recebeu o Barça no segundo turno, no Bernabéu, um jogo que acontecia num momento desfavorável para os barcelonistas, no intervalo entre as duas partidas semifinais da Champions League contra o Chelsea. A corrida pelo título estava aberta.

Ramos tentou anular as melhores qualidades do Barcelona. Adotando um 4-2-3-1 para espelhar o triângulo de Guardiola no meio de campo, acabou escalando dois laterais esquerdos: Gabriel Heinze, que originalmente era zagueiro, tinha a missão de acompanhar Messi, enquanto Marcelo atuava como uma espécie de ala defensivo para cuidar das subidas de Daniel Alves.

Mas esse acabou sendo, claro, "o jogo de Messi" — a primeira vez que o argentino era usado como falso 9 desde a primeira vitória de Guardiola como técnico do time. Ele marcou dois gols, e o Real simplesmente não conseguiu equilibrar a partida. Thierry Henry também marcou duas vezes, e os zagueiros Puyol e Piqué fecharam a contagem na histórica vitória por 6 × 2. Foi a primeira vez que um dos times marcou seis vezes em El Clásico. O Barcelona praticamente vencia o Campeonato Espanhol naquela noite, já que a diferença aumentou para sete pontos com apenas quatro rodadas por serem disputadas. Nenhuma das duas equipes voltou a ganhar qualquer partida da liga até o fim da campanha: o Real desistiu e o Barça se concentrou nas copas para completar a tríplice coroa. Aquele já era considerado um time histórico.

O novo diretor esportivo do clube merengue, Jorge Valdano, resumiu a situação. "Precisamos recolocar o Real no seu lugar de direito. Precisamos tentar remover o Barcelona de sua posição dominante", disse. A questão era

menos vencer que superar o Barça, de modo que o Real respondeu da maneira mais típica possível. Florentino Pérez, o arquiteto por trás da antiga política dos galácticos, foi eleito para mais um mandato como presidente do clube e imediatamente abriu o cofre para ir atrás de grandes estrelas. O Real Madrid concluiu a transferência mais cara da história — quebrando o recorde estabelecido pelo próprio clube oito anos antes, na vinda de Zidane — ao trazer Kaká do Milan. Dois dias depois, quebrou o recorde mais uma vez ao tirar Cristiano Ronaldo do Manchester United. Pérez também gastou enormes quantias em Karim Benzema, do Lyon, e Xabi Alonso, do Liverpool, considerado uma contratação estratégica para ajudar a manter a identidade do clube como grande expoente do futebol praticado por espanhóis. Álvaro Arbeloa, Álvaro Negredo, Raúl Albiol e Esteban Granero também chegaram. Foi, na época, a janela de transferências mais cara da história.

O Barcelona, para sermos justos, também gastou muito dinheiro em Zlatan Ibrahimović, Maxwell e Dmytro Chygrynskiy, mas se beneficiou mais pela promoção de Pedro ao elenco profissional e pela decisão de Guardiola de escalar Busquets em vez de Yayá Touré. Os dois atletas não haviam custado um centavo ao Barcelona, o que deu a deixa para que os jornalistas catalães redefinissem a rivalidade como cantera (categorias de base) versus cartera (carteira mesmo, de dinheiro). Era uma simplificação, mas não absolutamente incorreta — o Real era essencialmente um agrupamento de indivíduos bastante caros, enquanto o Barça era uma equipe coesa. "O Barcelona joga um futebol melhor", Ronaldo admitiu. "Mas só porque eles jogam juntos há mais tempo."

Em meio a toda a gastança, passou quase despercebido o fato de o Real também ter trazido um novo treinador: Manuel Pellegrini, ex-comandante do Villarreal — o Real Madrid, de qualquer forma, sempre foi muito mais definido por seus jogadores do que por seus treinadores. No primeiro El Clásico com Pellegrini no comando, em novembro de 2009, o time da capital estava na liderança, um ponto à frente do rival catalão. O jogo foi promovido como um grande encontro entre Cristiano Ronaldo e Ibrahimović, já que os dois também fariam seu primeiro clássico. Por conta de lesões, porém, Ronaldo só jogou os primeiros 65 minutos e Ibrahimović, os últimos quarenta. O português teve uma boa chance na metade do primeiro tempo depois de grande jogada de Kaká — as duas maiores contratações se combinando bem —, mas Víctor Valdés salvou com os pés. A

conclusão de Ibrahimović, mais tarde, resultou no gol da vitória, com o Real sendo incapaz de marcar mesmo atuando contra dez adversários por meia hora, após a expulsão de Busquets.

Pelo segundo ano consecutivo, o Real Madrid saía feliz com uma derrota honrosa no Camp Nou, quase reduzindo o próprio papel ao de um destemido azarão. Pellegrini gabou-se de que "nunca viu o Barça criar tão pouco", enquanto Valdano se declarou "satisfeito", e o jornal Marca, conhecido por sempre apoiar o time merengue, sugeriu que o placar "teve gosto de vitória". Reações no mínimo curiosas, já que a derrota fez o Real perder a liderança.

No segundo clássico da temporada 2009/10, em abril, as duas equipes estavam empatadas na tabela — e o Real tinha 100% de aproveitamento em casa. A briga pelo título estava absolutamente aberta, e portanto, assim como na temporada anterior, era o momento perfeito para que Guardiola introduzisse mais uma surpresa tática. Ele se preocupava com o risco de Marcelo voltar a bloquear as subidas de Dani Alves, então usou o brasileiro como atacante pela direita no 4-3-3, com Messi como falso 9, Pedro pela esquerda e Ibrahimović no banco. Pellegrini, por sua vez, tentou dominar o meio de campo com um losango: Xabi Alonso por trás de Fernando Gago e Marcelo, enquanto Rafael van der Vaart jogava mais adiantado, no apoio à dupla de ataque formada por Cristiano Ronaldo e Gonzalo Higuaín. Porém, apesar da teórica desvantagem numérica no meio, três jogadores contra quatro, o Barça seguiu controlando o jogo naquele setor.

A chave, mais uma vez, foi Messi, que, como sempre, recuou para assumir uma posição no meio, ocupando Alonso. Ao mesmo tempo, o Real foi surpreendido com Dani Alves jogando avançado como ponta, e não lateral, e em vez de o então lateral-esquerdo Arbeloa fazer a marcação de Dani, foi Marcelo — à esquerda do losango — quem tentou acompanhá-lo. Isso significou que ninguém dava combate a Xavi, permitindo uma vez mais que ele dominasse a partida. O primeiro gol ilustrou bem esses movimentos, com Messi recuando até o meio de campo e tocando de lado para Xavi, posicionado com vinte metros de espaço entre as linhas. O espanhol devolveu de cavadinha por cima da defesa para que o argentino dominasse e tocasse na saída do goleiro.

No intervalo, Guardiola reformatou o time, retornando Dani Alves para a

lateral, o que permitiu a Marcelo jogar mais adiantado, mas ainda não estava claro quem deveria acompanhar Xavi; com dez minutos jogados no segundo tempo, o espanhol recebeu a bola mais uma vez completamente livre no meio de campo, esperou Pedro acelerar e enfiou a bola por trás da defesa para a precisa finalização do atacante. O 2 × 0 selou o jogo, e o Barcelona passava a ser favorito ao título. Poderia ter sido uma vitória até mais tranquila, pois Xavi conseguiu deixar Messi mais duas vezes na cara do gol, mas Iker Casillas evitou o pior em ambos os lances. Xavi teria registrado quatro assistências dentro do Bernabéu pelo segundo ano consecutivo.

Mesmo terminando o Campeonato Espanhol com 96 pontos, a maior pontuação de sua história, o Real demitiu Pellegrini depois de uma única temporada em que o técnico recebeu críticas duríssimas nas páginas do Marca. Florentino Pérez queria mais, e havia um candidato óbvio para o cargo: José Mourinho. Os torcedores do Real já tinham começado a apoiá-lo: a Inter de Mourinho eliminara o Barcelona nas semifinais da Champions League adotando uma estratégia notoriamente negativa, que incluiu, nas palavras do próprio português, "deliberadamente entregar a bola ao adversário" — derrota que impediu o Barcelona de se tornar o primeiro clube a conquistar o torneio em duas temporadas consecutivas no atual formato. Mais do que isso, a final daquele ano aconteceria no Bernabéu, e os torcedores merengues não podiam suportar a ideia de ver o grande rival celebrando uma conquista histórica no seu estádio. Mourinho, provocando o Barcelona ao mesmo tempo em que se valorizava para os futuros empregadores, falou seguidas vezes sobre a "obsessão" do clube catalão em conquistar a Champions League em pleno Bernabéu. Ele ainda estava furioso por ter sido preterido dois anos antes, e agora se posicionava como o treinador anti-Barça, exatamente a razão pela qual o Real Madrid se sentia tão seduzido.

Afinal de contas, o Real geralmente não aprecia treinadores tão intensos, exigentes e poderosos quanto Mourinho, optando por figuras mais tranquilas, como Vicente del Bosque anteriormente, ou Carlo Ancelotti e Zinedine Zidane mais tarde. No clube merengue, o poder tradicionalmente pertence ao presidente e aos jogadores; o treinador é quase um intermediário descartável. Mas dessa vez seria diferente. Mourinho exigiu controle sobre quase todos os aspectos do clube — e Pérez concordou. "O galáctico deste ano é José Mourinho", anunciou o presidente.

A chegada de Mourinho marcou também outra transformação no Real, um clube tradicionalmente preocupado em praticar um futebol atraente. A essa altura, o português já era reconhecido no mundo todo como um treinador defensivo, depois de suas passagens por Chelsea e Inter, e, embora tenha prometido ser mais proativo para manter a torcida feliz, não se importava se o futebol de seu time seria divertido de assistir — na cabeça de Mourinho, o mais importante era vencer, e ele não tinha a menor paciência para a obsessão espanhola com a posse de bola. Mais tarde, Cruyff o criticaria por ser um "treinador de títulos, não de futebol". A resposta foi simples. "Obrigado, gostei disso", disse o português.

O Real Madrid imediatamente se tornou um time de jogo menos elaborado, menos preocupado com a posse de bola e menos espanhol. O clube se despediu de dois jogadores que estavam no Bernabéu havia quinze anos: o célebre atacante Raúl, considerado lento demais para um jogo de contra-ataques, e Guti, um armador também lento. Na sequência, o Real trouxe dois alemães que haviam impressionado na Copa do Mundo de 2010 justamente pela capacidade para contra-atacar: o talentosíssimo meia criativo Mesut Özil e o vigoroso e dinâmico volante Sami Khedira. Chegaram também o versátil meia-atacante canhoto Ángel Di María, o veloz ponta-direita Pedro León e o zagueiro Ricardo Carvalho, que tinha jogado sob o comando de Mourinho tanto no Porto quanto no Chelsea. O Barcelona havia popularizado um jogo de paciência e técnica, mas Mourinho priorizaria a força e a velocidade. O Real Madrid, outrora o maior símbolo do futebol espanhol, acabaria se tornando, na prática, um time português: o treinador era Mourinho, o grande astro, Cristiano Ronaldo, e o jogador que melhor personificaria o espírito do time em El Clásico, Pepe.

Se antes o futebol português era considerado divertido, técnico e de espírito ofensivo, a essa altura já passara a ser visto de maneira mais negativa, em parte graças à abordagem tática ultracautelosa de Mourinho no período em que comandou a Inter de Milão, onde conquistou a tríplice coroa em 2009/10. Tinha sido ele o primeiro a usar a expressão "estacionaram o ônibus", em 2004, ridicularizando a estratégia tática exageradamente defensiva de um adversário, mas agora era o próprio Mourinho quem passava a personificar essa ideia. A campanha de Portugal na Copa do Mundo de 2010, sob o comando de Carlos Queiroz, também teve viés bastante defensivo — a seleção não tomou gols em três das quatro partidas,

mas também deixou de marcar em três oportunidades antes de ser eliminada pela Espanha. Portugal havia se tornado, mais do que nunca, anti-Espanha.

De sua parte, o Barcelona parecia genuinamente entusiasmado pelo desafio imposto por Mourinho. Xavi afirmou que a chegada do português "motivaria o Barça ainda mais", e Guardiola acreditava que Mourinho o faria "um treinador melhor — é importante que ele trabalhe na Espanha por ser um dos melhores do mundo. Ele fará todos nós melhores". Todos se prepararam para um duelo de titãs entre o Barcelona de Guardiola e o Real de Mourinho. Até Arrigo Sacchi descreveu a situação como "ter dois Picassos vivendo numa mesma época". A Espanha era campeã do mundo, o Campeonato Espanhol era o centro do futebol mundial, e a intensidade de El Clásico chegara a um nível incomparável. "Não importa se você tem dez, cinquenta ou cem anos de idade", anunciou o El País. "Você nunca viveu nada parecido com o que estamos vivendo agora."

O campo de batalha estava armado. Os meios-campistas do Barcelona eram instruídos a desacelerar o jogo quando retomavam a bola, para que o time tivesse tempo de se organizar na formação correta. O Real, por sua vez, apostava no contra-ataque, era compacto e excelente nas transições, sem ser excessivamente defensivo, um híbrido perfeito entre o estilo de Mourinho e a abordagem mais valorizada pelos torcedores do clube. Mais importante do que isso, o time da capital iniciou a campanha com dez vitórias e dois empates, chegando ao Camp Nou em novembro — para o primeiro clássico de Mourinho — um ponto à frente do Barça. Mourinho orientou seus jogadores a permitir que o time da casa dominasse a posse de bola, mantendo, no entanto, uma linha de defesa relativamente alta; não seria uma tentativa de competir de peito aberto, mas a equipe tampouco recuaria demais. Esse meio do caminho, porém, resultou na maior humilhação da carreira do treinador português: Barcelona 5 × 0 Real Madrid.

Assim como Pellegrini, Mourinho tinha muito receito das ultrapassagens de Daniel Alves pela direita e, portanto, inverteu seus pontas. Ronaldo não podia passar o jogo inteiro acompanhando o lateral adversário e foi jogar pelo lado direito, enquanto Di María, mais disciplinado, tentou conter Dani Alves. Essas mudanças, contudo, prejudicaram a fluência dos contra-ataques do Real. Mas foi outro problema — um problema bastante familiar — que provocou os maiores estragos: como parar Xavi? A maioria das

pessoas esperava que Mourinho fosse deixar Özil no banco para levar um volante extra a campo, mas ele optou por manter no time seu meia criativo, enquanto ao mesmo tempo lhe pedia que marcasse Xavi individualmente. Essa certamente não era a especialidade do alemão, e Xavi demonstrou inteligência ao buscar posições mais avançadas no campo, onde sabia que Özil ficaria desconfortável para acompanhá-lo — o espanhol marcou o primeiro gol do jogo posicionado quase como centroavante. Pedro fez 2 × 0, e Mourinho voltou atrás em suas duas grandes decisões pré-jogo: Ronaldo retornou para a esquerda, onde era mais perigoso, e Özil foi sacrificado para a entrada de Lassana Diarra, um volante marcador. Era Mourinho admitindo que tinha errado em suas escolhas táticas.

Ele sabia que seu time não podia recuar muito porque os jogadores do Barça ficariam mais do que felizes mantendo tranquilamente a posse de bola no meio de campo. O Real, portanto, adotou uma linha defensiva ainda mais avançada, mas ficou exposto atrás, e Messi, em sua já costumeira função de falso 9, deu dois passes perfeitos em profundidade que resultaram em dois gols de Villa. O Barcelona fechou o placar praticamente fazendo troça do rival, marcando o quinto gol nos acréscimos pelos pés do obscuro ponta Jeffrén Suárez, que ficou tão surpreso depois de marcar que não sabia direito como comemorar. Gerard Piqué, por sua vez, garoto de Barcelona cujo avô havia sido vice-presidente do clube, certamente tinha boa ideia do que fazer para celebrar.

Enquanto seus companheiros se abraçavam no banco de reservas, Piqué levantou a palma da mão aberta em direção à torcida, mostrando os cinco dedos. Os torcedores fizeram o mesmo gesto, em retribuição. Era La Manita (a mãozinha), uma referência à maneira como o Barça festejara a vitória por 5 × 0 sobre o Real em 1994. "O gesto ecoou mais do que o resultado em si", escreveu o Marca.

Na verdade, aquela era a terceira vez nas últimas décadas que o Barcelona conseguia derrotar o Real por esse placar. O primeiro 5 × 0 aconteceu em 1973, pouco depois da chegada de Cruyff como jogador, e o segundo foi em 1994, com Cruyff como treinador. Uma vitória por 4 × 0 sobre o Real Madrid de Mourinho teria sido célebre, mas o 5 × 0 tornou o evento inesquecível, definidor de uma era, e parte de uma trinca memorável — formada pelo time de Michels e Cruyff, o time de Cruyff e Guardiola e, por fim, o time de Guardiola e Xavi, conectando as figuras mais influentes da

história do clube através das gerações. “Mantenham os pés no chão”, disse Guardiola a seus jogadores quando retornaram ao vestiário, tentando disfarçar a euforia. “Mas o que vocês acabaram de fazer foi espetacular pra caralho.” O presidente do Real, Florentino Pérez, descreveu aquele como “o pior jogo da história do Real Madrid”.

Para a sorte de Mourinho, ele tinha quatro meses para se preparar para o próximo confronto contra o Barcelona, aquele que seria apenas o primeiro de uma série de quatro encontros entre as duas equipes no espaço de dezoito dias — um período incrível, intenso e cheio de ação. Em 16 de abril, o jogo da volta pelo Campeonato Espanhol; em 20 de abril, a final da Copa do Rei; em 27 de abril, a primeira partida da semifinal da Champions League; e em 3 de maio, o confronto que definiria a equipe finalista da competição mais importante do continente. Nas oito temporadas anteriores, os dois clubes não haviam se encontrado em nenhuma copa, jogando apenas duas vezes por temporada na liga. Agora, enfrentariam-se quatro vezes em dezoito dias, numa série de embates extremamente táticos que acabariam decidindo as três competições. “Quando dois times se enfrentam tantas vezes, é como nos playoffs do basquete”, explicou Guardiola, na biografia escrita por Guillem Balague. “A gente faz uma coisa, eles respondem com outra, tentam dar a resposta (…) As suposições, as mudanças, a preparação, as trocas de jogadores entre os jogos, a tentativa de adivinhar qual formação eles vão usar, como podemos surpreendê-los — é isso que torna as coisas especiais, é o que dá sentido a tudo.” Era um duelo que colocava frente a frente os dois treinadores mais reverenciados do mundo do ponto de vista da tática.

O primeiro duelo, pelo Campeonato Espanhol, no Bernabéu, foi o aperitivo antes do prato principal. O Barça estava oito pontos à frente do Real e, mesmo jogando contra dez adversários durante o segundo tempo por causa da expulsão de Raúl Albiol, ficou satisfeito com o empate por 1 × 1, com gols de pênalti convertidos por Messi e Ronaldo. O ponto mais importante, no entanto, foi a escolha de Mourinho para o meio de campo: dessa vez ele optou por deixar Özil de fora e adotou o que chamava de “triângulo de alta pressão”, com Pepe jogando como cabeça de área por trás de Khedira e Xabi Alonso. Muito embora Pepe já tivesse atuado nessa posição pela seleção portuguesa, ele era essencialmente um zagueiro, de modo que a opção de Mourinho tinha sido, sem qualquer pudor, injetar força física extra no meio de campo. Pepe foi o melhor do jogo, formando um paredão à frente da defesa e negando a Messi a liberdade que ele havia tido no 5 × 0. O

Barcelona essencialmente confirmava o título com o empate, mas pareceu que Mourinho já havia entregado os pontos na disputa do campeonato e queria usar a partida apenas como preparação para os outros três clássicos.

Quatro dias depois, os dois times se reencontraram em Valencia para a primeira final de copa entre os dois em 21 anos. Mourinho mais uma vez usou um 4-3-3, mas nessa ocasião Ronaldo foi jogar centralizado no ataque, com Di María e Özil — que fez grande partida — atuando pelos lados. O trio de meio de campo foi o mesmo, porém com uma diferença fundamental: Mourinho os posicionou de forma distinta, com Pepe não mais se restringindo à proteção da defesa, mas executando uma função de área a área, o que permitiu a Alonso jogar mais recuado, ligando o ataque com seus passes longos. Pepe tinha a missão de pressionar Xavi, o maior carrasco do Real nos jogos anteriores, e também subiu ao ataque para oferecer perigo ao gol rival, chegando a cabecear uma bola na trave. Mais uma vez, foi o jogador-chave da partida: uma verdadeira máquina de pressionar e a completa antítese da filosofia espanhola de acomodar múltiplos armadores no meio de campo.

Os dois times implementaram estratégias absolutamente contrastantes, e os dois "gols" do jogo funcionaram como um bom resumo. O Barcelona pensou que tinha vencido depois de uma de suas jogadas típicas, com Messi recebendo a bola como falso 9, driblando dois adversários e acertando o passe em infiltração para Pedro, que finalizou com frieza depois de sua já famosa corrida de fora para dentro — mas o auxiliar levantou a bandeira e o jogo permaneceu empatado em 0 × 0. Na prorrogação, o Real marcou o gol da vitória em um ataque típico de seu modelo de jogo: uma bola rápida pela ponta, um cruzamento na área e uma cabeçada potente de Ronaldo. Foi, literal e simbolicamente, um gol anti-Barça. O Real havia conquistado a Copa do Rei, cujo troféu acabou seriamente danificado quando, no desfile de comemoração em Madri, Sergio Ramos acabou derrubando-o do alto do ônibus, que em seguida passou por cima do objeto. O que logo fez surgirem mais piadas sobre "estacionar o ônibus".

De repente, o momento era favorável ao Real, e Mourinho se sentiu encorajado. Ele afirmou que o Barcelona pareceu "psicologicamente cansado" na final, e ressaltou com convicção suas objeções ao estilo espanhol. "Aqui, as pessoas pensam que bom futebol é só manter a posse da bola. É um pensamento limitado. Acredito que há muitas outras formas de

jogar bem, como tendo organização defensiva, solidariedade, capacidade de absorver pressão e fechar os espaços enquanto se está preparando um contra-ataque ao mesmo tempo. Na minha opinião, o Real fez uma grande partida porque demonstrou todas essas qualidades."

A tensão entre Mourinho e Guardiola havia se transformado em hostilidade nua e crua. Depois da derrota na Copa do Rei, Guardiola mencionou o gol anulado de Pedro e o fato de o futebol ser decidido por pequenos detalhes. Ele não estava contestando a decisão em si, mas numa coletiva de imprensa poucos dias antes da primeira partida das semifinais da Champions League, no Bernabéu, Mourinho fez questão de zombar do treinador catalão por reclamar de uma decisão correta da arbitragem. A declaração enfureceu Guardiola, que depois respondeu num raivoso discurso em outra coletiva que ficou célebre. "Amanhã, às 20h45, nos veremos em campo", vociferou Guardiola. "Ele já venceu a batalha fora de campo. Nela, esteve à frente durante toda a temporada. (…) Nessa sala de imprensa, ele é a porra do chefe, é quem manda em tudo. Eu não quero competir com ele nessa arena, nem por um segundo."

Os jogadores do Barcelona disseram mais tarde que a resposta de Guardiola foi brilhante, mas uma derrota no jogo seguinte poderia tê-la transformado em seu "momento Kevin Keegan".[2] Olhando com algum distanciamento, o discurso provavelmente teve impacto mínimo na partida pela Champions, mas confirmou que Mourinho havia perturbado Guardiola, o qual reservadamente já falava em pedir demissão ao final da temporada. Ele não estava desfrutando daquela série de El Clásicos, que mais tarde descreveria como "imensamente difícil, de muita tensão; muito intensa e muito cansativa".

O primeiro jogo, no Bernabéu, foi feio e de disputas muito acirradas, com as duas equipes se dedicando mais a cometer faltas — e a reclamar das faltas marcadas — do que a jogar futebol. O Real Madrid não pressionou tanto na marcação quanto na final da Copa do Rei, o que enfureceu Ronaldo, que jogava novamente como único atacante. Em uma ocasião, ele tentou freneticamente fechar sozinho os espaços contra três jogadores do Barça, percebeu que nenhum companheiro o acompanhava, desistiu e reclamou de maneira melodramática. O Real se concentrou em jogar recuado e bloquear os caminhos do Barça, o que novamente envolveu Pepe dedicado a marcar Xavi individualmente; e, com Iniesta machucado e fora do jogo, o Barcelona

apresentou pouca criatividade. O primeiro tempo terminou sem gols.

O incidente crucial da partida aconteceu após uma hora de jogo e envolveu o principal homem do plano madridista: Pepe. Ele investiu com energia na tentativa de ganhar uma disputa de bola e depois, no embalo, entrou com muito vigor, e atrasado, em uma dividida com Daniel Alves. Recebeu o cartão vermelho direto. À beira do gramado, Mourinho olhou para o quarto árbitro, deu uma piscadela sarcástica e fez o sinal de positivo com a mão, dizendo "Parabéns" em sua direção, e acabou igualmente expulso do jogo. Com dez homens em campo, o Real viu seu planejamento colapsar, porque Xavi deixou de receber marcação direta — e o 4-4-1 dava à equipe de Madri inferioridade numérica no meio de campo. O Barcelona acelerou o ritmo e Messi abriu o placar depois de um cruzamento de Ibrahim Afellay, que havia entrado no decorrer da partida.

A verdade é que, até aquele momento, Messi vinha atuando de forma muito discreta na sequência de clássicos, mas a três minutos do fim do jogo criou o grande momento dessa série de partidas excessivamente disputadas e cheias de provocações: uma arrancada magnífica depois de ter recebido a bola entre as linhas do Real, passando por quatro adversários antes de finalizar com o pé direito. Um gol incrível, mas que certamente não teria acontecido se o Real ainda contasse com onze jogadores em campo; o espaço entre os quartetos de defesa e de meio de campo era tão grande porque, antes, o time tinha se acostumado a jogar com um cabeça de área entre eles. A saída de Pepe havia custado muito ao Real — muito embora o cartão vermelho pareça ter sido uma inevitável consequência das instruções dadas por Mourinho, que exigia que o volante lutasse com todas as suas armas em cada pedaço do campo onde se encontrasse.

Nesse ponto, os acontecimentos de dentro de campo já tinham passado a ser menos discutidos do que as falas inflamadas de Mourinho nas coletivas de imprensa, e foi depois dessa partida que se ouviu o famoso discurso do "Por quê?" do treinador português, em que ele afirmou que o Barcelona vinha sendo sempre favorecido pelas arbitragens. Mais intrigante foi sua sugestão de que "a minha estratégia não teria permitido que nós perdêssemos". Seus ares de certeza não eram tão convincentes, mas apenas quatro meses depois de ter sido destruído por 5 × 0 no Camp Nou, Mourinho parecia estar compreendendo cada vez melhor como parar o Barça.

Precisando reverter um 2 × 0 e sem Pepe, suspenso, o Real teve poucas chances no jogo da volta. A partida terminou 1 × 1 e não contou com lances marcantes. Pedro abriu o placar, Marcelo empatou e o Real não deu a impressão de que conseguiria uma virada. O jogo de ida tinha definido o confronto, de acordo com a maioria dos observadores — inclusive Mourinho. A partida, no entanto, ganhou significado mais amplo, inspirando o título Prepárense para perder para o impressionante relato em livro do jornalista Diego Torres, do El País, acerca dos métodos de Mourinho no Real. No livro, Torres afirma que Mourinho reuniu os jogadores antes do jogo da volta e, mesmo tendo de reverter um 2 × 0, estimulou-os a jogar de maneira cautelosa e buscar um 0 × 0. Dessa forma, ele poderia atribuir a eliminação exclusivamente às decisões da arbitragem. A ideia teria dividido os jogadores; alguns entenderam a opção, outros ficaram furiosos. Zinedine Zidane, que trabalhava no clube e era próximo de muitos atletas, contradisse o treinador, sugerindo que os jogadores do Real "deveriam tentar vencer o Barcelona — nós somos o Real Madrid, e o Real Madrid sempre vai a campo para vencer". Surgiam sérios problemas no vestiário. Ronaldo estava cada vez mais frustrado pelas táticas de Mourinho, já que, em dois anos jogando pelo Real, só vencera uma Copa do Rei.

Esse título de Copa, aliás, significou que o Real Madrid enfrentaria o Barcelona mais duas vezes pela Supercopa da Espanha, já na abertura da dramática temporada 2011/12 do futebol espanhol. Na primeira partida, no Bernabéu, Mourinho repetiu o time titular que havia sido humilhado por 5 × 0, como se os quatro jogos seguidos da segunda metade da temporada anterior tivessem servido para corrigir pouco a pouco os erros táticos da equipe, dando a ele a confiança necessária para demonstrar que sua ideia inicial poderia funcionar. O Real foi ousado e proativo; Karim Benzema atacava constantemente as costas da defesa, Ronaldo jogou pela esquerda e causou muitos problemas a Dani Alves. O time madrilenho dominou, e o Barça só se salvou, empatando em 2 × 2, em razão de dois belos gols em jogadas individuais de Villa e Messi.

O Barça acabou se sagrando campeão da Supercopa ao vencer o jogo da volta por 3 × 2, em uma partida absolutamente dominada por Messi. Ele deu a assistência para Iniesta abrir o placar aos quinze minutos, depois de uma jogada em que recebeu a bola na linha de meio de campo, livrou-se de dois adversários e fez a enfiada perfeita pelo meio da defesa. Ronaldo

empatou cinco minutos mais tarde, desviando um cruzamento quase na pequena área, mas Messi tabelou com Piqué ainda antes do intervalo e desempatou com um toquinho por cobertura na saída de Casillas. A dez minutos do fim, Benzema deixou o placar agregado em 4 × 4 ao completar para a rede depois de um bate-rebate que se seguiu a uma cobrança de escanteio, mas Messi fez o gol da vitória no final do jogo, tabelando novamente, dessa vez com o recém-chegado Adriano, e batendo de primeira com o pé esquerdo — para incendiar o Camp Nou, que viveu uma das maiores celebrações já vistas depois de partidas semiamistosas. Não havia confronto entre esses dois times que não fosse de vida ou morte.

A equipe madrilenha perdeu a cabeça com o gol sofrido no final, o que resultou nos incidentes mais feios dessa série cada vez mais amarga de El Clásicos, quando Marcelo deu uma tesoura por trás em Fàbregas bem à frente dos bancos de reserva. O brasileiro foi expulso e desapareceu no túnel que leva aos vestiários, mas deixou para trás um cenário de caos: uma briga generalizada que envolveu os outros 21 jogadores em campo, a maioria dos reservas, muitos membros das comissões técnicas e alguns homens não identificados, bem-vestidos, que estavam por perto. O árbitro tentava achar um espaço no meio da confusão enquanto procurava outros atletas para expulsar. Villa foi um deles, o goleiro reserva do Barça, José Pinto, outro, e o quarto expulso foi Özil, que acabou sendo conduzido ao vestiário por um generoso Marcelo, de volta ao campo para tentar acalmar a bagunça que havia começado. "A culpa não foi deles", disse Gerard Piqué. "Só estavam cumprindo ordens." O momento mais grave da confusão foi a atitude de Mourinho, que aproveitou a oportunidade para atravessar o campo na direção do auxiliar do Barça, Tito Vilanova, e, chegando de lado, enfiar-lhe o dedo no olho. Uma agressão covarde que não havia sido precedida de qualquer provocação — e pela qual Mourinho demorou um ano para se desculpar.

A essa altura, a tensão entre os jogadores dos dois times — e em particular aqueles que jogavam juntos na seleção — chegou a seu ápice. Vicente del Bosque ficou muito preocupado, especialmente com a imagem que mostrou Xavi e Casillas, amigos de longa data, responsáveis por unir o elenco da seleção, discutindo rispidamente dentro do campo. Mais tarde, Casillas telefonou para Xavi e se desculpou por sua participação no tumulto, admitindo não ter percebido como a entrada de Marcelo tinha sido feia. A amizade dos dois, aliás, irritava Mourinho, a ponto de ele brigar com

Casillas — que fez 167 jogos pela seleção — e barrá-lo para passar a escalar Diego López — que tinha jogado apenas uma vez pela Espanha. Os jogadores mais experientes da seleção conseguiram por pouco manter o grupo unido, ainda que os jogadores do Barcelona tenham ficado surpresos com a conduta antidesportiva de Xabi Alonso nos clássicos e tivessem reservas em relação a Álvaro Arbeloa, o jogador mais leal a Mourinho no vestiário do Real Madrid.

Houve uma longa espera até o primeiro El Clásico da temporada 2011/12, na metade de dezembro, quando se pôde testemunhar possivelmente o plano tático mais avançado de Guardiola em quatro anos à frente do Barcelona. A vitória por 3 × 1 foi particularmente impressionante porque o Barça saiu perdendo aos trinta segundos de jogo, quando o Real subiu a marcação e o goleiro Victor Valdés errou um passe. Benzema marcou o gol mais rápido da história do clássico.

Guardiola adotou uma estratégia que — assim como em muitos de seus planos para grandes jogos — incluía uma mudança de formação depois de dez minutos de partida. O Barça iniciou em um 4-3-3 bem próximo de sua formação mais tradicional, com Iniesta aberto pela esquerda, Messi na direita e o novato Alexis Sánchez na frente. Mas, de repente, o time se transformou radicalmente. Messi passou a atuar como camisa 10, o que provocou um efeito cascata em relação ao restante do time. Daniel Alves se adiantou para se tornar um ponta pela direita, Puyol assumiu a lateral, Piqué mudou do lado esquerdo para o direito da zaga e — de forma ainda mais impressionante — Busquets recuou para uma espécie de função híbrida: ora volante, ora zagueiro.

Foram vários os benefícios para o time. Busquets encontrou mais espaço ao se afastar de Özil e conseguiu iniciar melhor as jogadas, mantendo-se ainda em boa posição para marcar o alemão quando necessário. Ronaldo, jogando pelo lado esquerdo do ataque, passou a ter de enfrentar Puyol e Piqué quando tentava conduzir a bola em direção ao gol rival. Daniel Alves ofereceu muito perigo pela direita do ataque e criou a jogada do fundamental terceiro gol, marcado de cabeça por Fàbregas, depois que Sánchez e Xavi já haviam virado o jogo. Uma verdadeira aula magna de tática, com o Barça vencendo no Bernabéu ao utilizar uma formação quase indecifrável. Aquela foi, no entanto, a única partida que o Real não venceu em uma sequência de 22 jogos até a metade da temporada. O clube da

capital estava no comando da liga, mas ainda tinha dificuldades para derrotar o Barcelona.

Houve ainda dois clássicos "extras" quando o sorteio colocou os dois clubes frente a frente nas quartas de final da Copa do Rei, em janeiro. Foram confrontos estranhos. O Real mais uma vez abriu o placar cedo no Bernabéu — dessa vez com Ronaldo — e competiu bem com a bola rolando, mas teve muitos problemas para se defender nas bolas paradas e sofreu a virada com gols de Puyol e Abidal. O time, então, sentiu a necessidade de atacar no jogo da volta e dominou o primeiro tempo, novamente fazendo excelente marcação por pressão, mas perdendo chances de gol. Pedro marcou no contra-ataque e, depois, Daniel Alves acertou um chutaço de longe para fazer 4 × 1 no placar agregado. O Real reagiu marcando duas vezes no segundo tempo, com Ronaldo e Benzema, e ficando a apenas um gol de eliminar o rival. Não aconteceu, mas, mesmo assim, o time havia dominado o jogo e já sentia a confiança necessária para encarar o Barcelona de frente.

Três meses depois, o Real Madrid retornou ao Camp Nou para o jogo que decidiria o título da liga, com quatro pontos à frente do Barcelona na tabela. Guardiola acreditava que sua equipe precisava vencer — um empate não seria suficiente porque o Barça certamente não conseguiria tirar quatro pontos de diferença restando apenas quatro jogos para o fim do campeonato. Para o Barcelona, era tudo ou nada; para o Real, um empate bastava. E, quando o empate é suficiente, Mourinho em geral joga por ele e consegue obtê-lo.

Num certo sentido, porém, o empate não era suficiente. Verdade que colocaria o Real muito perto do título, mas ao mesmo tempo era sacramentar o fato de que o time não vencera um único confronto contra o maior rival em seis clássicos disputados na temporada 2011/12 — dois pela liga, dois pela Copa do Rei e dois pela Supercopa. E a missão de Mourinho em Madri não era apenas fazer o Real vencer, mas também derrotar o Barcelona — não somente na tabela de classificação, mas em campo. Sem uma vitória sobre o Barcelona, o Real carregaria a sina do "valentão da rua", só pisando nos mais fracos.

O Barça, a essa altura, estava se desfazendo. Guardiola havia se desentendido com vários jogadores, incluindo Fàbregas e Piqué, e para esse

clássico fundamental apostou suas fichas em dois jovens de La Masia, Thiago Alcântara e Christian Tello, num 3-3-1-3 que ele próprio admitia ser bastante arriscado, a menos que seu time controlasse inteiramente El Clásico, o que estava se tornando cada vez mais difícil para o Barcelona.

Mourinho empregou seu 4-2-3-1 padrão. Özil, que muitas vezes ficava de fora do clássico ou jogava aberto na ponta, foi escalado centralizado, como mais gostava de atuar. Ronaldo, normalmente usado como centroavante por sua dificuldade em voltar para marcar, foi escalado pela esquerda, também sua posição preferida. Depois de pressionar no início, o Real recuou, mas não tanto quanto a Inter de Mourinho havia feito dois anos antes. Em vez disso, a defesa continuou fazendo uma agressiva linha de impedimento, como na derrota por 5 × 0 — só que dessa vez faltava ao Barcelona a capacidade de infiltração às costas da defesa rival. Daniel Alves foi escalado como ponta, mas ofereceu pouco perigo, enquanto Tello se movimentou bem, porém finalizando muito mal. Messi foi contido pelos adversários; um dos zagueiros do Real, Pepe ou Sergio Ramos, podia persegui-lo até o meio de campo, enquanto o outro se mantinha na cobertura, mas nenhum dos jogadores do Barcelona tirou proveito dos espaços criados.

Durante todo o período em que Guardiola esteve no comando do Barcelona, seu time foi considerado vulnerável principalmente a dois tipos de investidas rivais: as bolas paradas e os contra-ataques. E foi assim que o Real marcou seus gols, conseguindo sua vitória definitiva, de manual, contra o Barça. Khedira fez o primeiro depois de uma confusão na área que se seguiu a um escanteio cobrado pela direita, e o Real se manteve à frente no placar durante a maior parte do jogo. Vindo do banco, Alexis Sánchez empatou com um gol ainda mais confuso, mas o Real Madrid confirmou a vitória dois minutos depois, num clássico contra-ataque. Özil abriu pela direita, recebeu a bola e fez a enfiada para Ronaldo na corrida; ele ajeitou para a direita, endireitou o corpo e bateu na saída de Victor Valdés. O Barcelona estava derrotado — na disputa pelo título e no campo.

Aquele foi essencialmente o fim da era Guardiola no Barça. Três dias depois, o time foi eliminado nas semifinais da Champions League pelo Chelsea, ex-clube de Mourinho, que replicou a abordagem da Inter em 2010 sem qualquer pudor. Mais três dias se passaram até que Guardiola anunciasse sua decisão de deixar o clube ao fim da temporada, uma escolha recebida com genuína tristeza na Espanha e em todo o mundo do futebol.

Pep Guardiola estava absolutamente exausto depois de quatro anos no comando do Barcelona e, em particular, depois de dois anos travando uma verdadeira guerra contra o Real Madrid de Mourinho, uma guerra que ele acreditava ter perdido. A comparação das fotos de Pep em sua chegada e em sua despedida do Camp Nou é impressionante. Ele envelheceu uma década, e sua postura se tornou claramente mais soturna. Não tinha desfrutado de sua última temporada no Barça e declarou ter "em sua maioria, memórias ruins" dos clássicos, a despeito do incrível 6 × 2, do glorioso 5 × 0 e da vitória por 3 × 1 obtida com o mais ousado sistema tático que ele já havia implementado em sua carreira.

Todos apontaram o dedo para Mourinho como o responsável pela saída de Guardiola, considerada um golpe não apenas para o Barcelona, mas para o futebol espanhol como um todo. "Mourinho fez mais mal do que bem; ele estragou o futebol espanhol", declarou Iniesta. Isso, claro, soava como música para os ouvidos do português. "Sim, estraguei o futebol espanhol", disse ele. "Por ter sido o treinador que acabou com o domínio do Barcelona."

---

2 O ex-treinador do Newcastle fez um discurso irritado por conta de algumas declarações de Sir Alex Ferguson, dizendo que adoraria ser campeão em cima do Manchester United, mas deixou o título da temporada 1995/96 da Premier League escapar nas últimas rodadas. (N.T.)

Transição: Espanha — Alemanha

Nos primeiros torneios de seleções no século xxi, os alemães chegavam com um elenco pouco talentoso e um futebol de mentalidade defensiva, e sempre caíam cedo, recebendo pouca simpatia dos demais, ou alcançavam as fases decisivas sendo elogiados essencialmente por sua resiliência e tenacidade. A Bundesliga, enquanto isso, era considerada uma liga secundária na Europa.

Então, de repente, tudo isso mudou. A seleção alemã foi a mais entusiasmante da Copa do Mundo de 2010, marcando quatro gols contra a Austrália, a Inglaterra e a Argentina. A eliminação aconteceu na semifinal para a Espanha, que viria a ser campeã, mas a Alemanha fez duas vezes mais gols que a seleção de Vicente del Bosque. Era uma seleção renovada, jovem, estimulante, e de forma quase imediata o mundo do futebol passou a especular que a Eurocopa de 2012 seria o torneio de sua consagração: assim que seus jovens conseguissem dois anos a mais de experiência em alto nível, eles destronariam os espanhóis.

Algumas semanas antes da Copa da África do Sul, contudo, o Bayern de Munique tinha chegado à final da Champions League, dominando a Inter de Milão de José Mourinho, mas perdendo por 2 × 0. Depois da derrota, o presidente do Bayern, Uli Hoeness, preferiu olhar para o futuro. "Não podemos entrar em desespero", disse. "Afinal, Munique vai receber a final da Champions League em 2012, então há muitos sonhos para sonhar." Desde dois anos antes, 2012 já estava marcado para ser o ano do início da era de domínio alemão.

Na realidade, não foi tão fácil. O Bayern realmente chegou à final da Champions League daquele ano em seu próprio estádio, mas foi derrotado de forma quase inexplicável pelo Chelsea, mesmo com 35 finalizações contra nove, e vinte escanteios contra apenas um. Enquanto isso, a seleção alemã parecia estar no ponto para a revanche contra a Espanha na final da Eurocopa de 2012, mas surpreendentemente acabou perdendo para a Itália na semifinal.

Foi preciso esperar, então, até a temporada 2012/13 para que o momento da

ascensão alemã efetivamente se concretizasse. O ponto de virada veio em duas noites de meio de semana, já no fim de abril, pelas semifinais da Champions League. Na terça-feira, o Bayern conseguiu uma impiedosa goleada por 4 × 0 sobre o Barcelona, o time que havia dominado completamente o futebol europeu nas quatro temporadas anteriores. "O bastão foi passado para o Bayern de Munique", definiu o The New York Times. Na quarta-feira, o Borussia Dortmund goleou o Real Madrid por 4 × 1. Era "mais uma evidência da transição a caminho do domínio alemão no futebol europeu", de acordo com a BBC.

O líder do Campeonato Alemão havia humilhado o líder do Campeonato Espanhol e, logo depois, o então campeão alemão havia humilhado o então campeão espanhol. "Alemanha 8 × 1 Espanha: Bayern e Dortmund atropelando pela Europa!", publicou o Bild. "O Bayern de Munique e o Borussia Dortmund apresentaram cartões de visita de primeira grandeza em nome do futebol alemão", disse o presidente da Federação Alemã, Wolfgang Niersbach, numa metáfora que pareceu, por si só, bastante germânica. "Todos viram que a Alemanha é um grande centro do futebol na Europa. Isso se aplica à Bundesliga, aos clubes e, claro, à seleção nacional. Agora podemos sonhar com uma final totalmente alemã em Wembley." Os dois times completaram o serviço nos jogos de volta, na Espanha, e a final da Champions seria, de fato, Bayern versus Dortmund.

Pela primeira vez na era moderna do jogo, o futebol dos clubes alemães passava a ser verdadeiramente admirado por sua qualidade dentro de campo. Antes, a cobertura positiva girava ao redor do fato de os clubes serem de propriedade de suas torcidas, dos ingressos baratos ou da incrível atmosfera nos estádios, mas agora era o futebol praticado que passava a ser protagonista. A Alemanha tinha a infraestrutura necessária para o desenvolvimento dos melhores talentos e contava com treinadores capazes de derrotar os melhores do continente. O Bayern venceu o Dortmund em Wembley e fechou sua tríplice coroa para, em seguida, contratar Pep Guardiola, o treinador mais venerado da Europa, indicando o início de um domínio duradouro.

Um ano depois, na Copa do Mundo de 2014, a Espanha foi eliminada na fase de grupos. A Alemanha conseguiu provavelmente a maior vitória da história das Copas ao derrotar o anfitrião Brasil por 7 × 1 na semifinal, e depois se sagrou campeã, batendo a Argentina. O resto da Europa passou

então a buscar inspiração na Alemanha, um ecossistema futebolístico dominado por ataques rápidos e marcação agressiva, com a completa reinvenção do que se entendia por “futebol alemão”.

parte 6
Fußball
2012 - 2016

16

Verticalidade

Durante décadas, às vésperas de qualquer torneio internacional, a Alemanha era descrita por todos os comentaristas com o mesmo clichê de sempre: um time eficiente. Era essencialmente uma referência à capacidade de sua seleção de atingir as fases finais dos torneios de maneira fria, quase mecânica; os alemães não tinham a equipe mais técnica, mas acabavam encontrando um caminho para avançar.

A seleção alemã mais moderna passou a ser bem diferente: habilidosa, técnica e divertida de assistir. Mas, mesmo assim, o velho clichê ainda funcionava. Em meio à crescente frustração em relação à obsessão espanhola por manter a posse de bola sem entrar na defesa adversária, a Alemanha exibia um nível similar de qualidades técnicas, mas utilizava a posse de maneira simplesmente mais… eficiente. A derrota por 1 × 0 para a Espanha na Copa do Mundo de 2010 viu o confronto estilístico entre as duas novas nações dominantes do futebol europeu: era o tiquitaca versus o contra-ataque.

Isto dito, não seria razoável afirmar que o futebol alemão representava o oposto do futebol espanhol. Não era uma situação comparável ao futebol defensivo dos italianos suplantando o jogo ofensivo dos holandeses nos anos 1990, por exemplo, porque os treinadores e jogadores alemães consideravam os espanhóis suas maiores inspirações. "A Espanha sempre foi o nosso modelo", explicou o técnico da seleção, Jögi Low, à revista 11 Freunde, em 2012. "Estou totalmente convencido de que não é mais possível vencer títulos jogando feio. Nos últimos anos, evoluímos muito na nossa forma de jogar e agora temos a velocidade e a criatividade que nos permitem estar perto do Brasil ou da Espanha em termos de estilo de jogo. Antes, precisávamos compensar com fibra e vontade de vencer." Meios-campistas como Mesut Özil e Toni Kroos ostentavam qualidade técnica equivalente à dos meias espanhóis, e os dois foram parar no Real Madrid, após terem sido continuamente especulados como reforços do Barcelona. Xavi Hernández declarou que Kroos "joga de um jeito que me faz lembrar muito de mim mesmo: ele é meu sucessor em campo".

Ainda assim, no universo do futebol tecnicamente rico, os estereótipos das escolas alemã e espanhola eram muito diferentes. O Barcelona de Xavi conscientemente rejeitava a possibilidade de contra-atacar quando recuperava a bola, preferindo manter a posse. Pep Guardiola falava na "regra dos quinze passes", explicando que uma sequência de longas combinações era necessária para que seus jogadores se organizassem na estrutura posicional correta.

O futebol alemão, por outro lado, constituía-se essencialmente como um futebol de transições. Quase todas as equipes da Bundesliga eram capazes de recuperar a bola na defesa e contra-atacar em velocidade de maneira eficiente, transformando defesa em ataque rapidamente. Estatísticas da empresa Opta mostram que aconteciam muito mais gols de contra-ataque na Alemanha do que na Espanha. Entre 2012 e 2016, um conjunto de cem partidas na Bundesliga produzia, em média, trinta gols em contra-ataques, enquanto em LaLiga eram apenas dezenove. Esses números contabilizam apenas os lances em que o contra-ataque foi finalizado em gol, claro. Outros gols foram marcados em bolas paradas conquistadas a partir de contra-ataques, ou quando os times pressionavam para recuperar a bola na frente depois de ter avançado no campo contra-atacando.

O amor do futebol alemão pelo contra-ataque se tornou particularmente evidente na famosa vitória do Bayern sobre o Barcelona por 7 × 0 no placar agregado, em 2013. O time de Jupp Heynckes tinha o segundo maior percentual de posse de bola no continente durante a temporada, atrás apenas do Barcelona, e os debates pré-jogo, portanto, especulavam se o Barça finalmente registraria menos de 50% de posse na partida, algo que não acontecia havia mais de trezentos jogos, desde maio de 2008, pouco antes da chegada de Guardiola. No fim, a posse não foi um fator relevante. O Barcelona teve a bola por 63% do tempo em Munique e por 57% no segundo jogo, no Camp Nou, porque o Bayern simplesmente não tentou prevalecer na troca de passes, preferindo dominar o jogo nos aspectos em que de forma estereotípica o Barça era mais vulnerável: força física, bolas paradas e contra-ataques. O Bayern era capaz de se impor trocando passes em relação a praticamente qualquer rival, mas contra o Barcelona seus jogadores foram "somente" mais decididos, mais fortes, mais rápidos e melhores. O time de Heynckes não chegou a aperfeiçoar um estilo particular de jogo tanto quanto o Barça, mas era uma equipe verdadeiramente completa, capaz de vencer jogos de diferentes maneiras.

Os dois primeiros gols do Bayern no jogo de ida saíram de bola parada, finalizadas pelos fortes atacantes Thomas Müller e Mario Gómez. Quanto mais o Barcelona avançava o time em busca de um gol fora de casa, mais perto ficava de cair na armadilha do time alemão, que atacava de maneira feroz pelos lados do campo com a rápida dupla formada por Arjen Robben e Franck Ribéry. O holandês marcou o terceiro gol vindo pelo lado direito, surpreendendo a defesa espanhola ao driblar para fora antes de finalizar com o pé esquerdo, enquanto Thomas Müller completou um contra-ataque pela esquerda para fazer o quarto. "Eles eram fisicamente muito fortes", disse Xavi após o jogo. "Na verdade, eles foram superiores. Não criamos chances. É um resultado terrível."

Heynckes, por sua vez, ficou maravilhado com a inteligência tática demonstrada por seu time. "Os fatores decisivos foram a organização da equipe e a disciplina tática. Jogamos muito bem defensivamente, todos se dispuseram a guardar posição na defesa... nós sabemos fazer isso e atacar, já que temos muita criatividade e qualidade na frente. Se temos espaço, sabemos como usá-lo." Os jogadores de ataque no time alemão, em especial Ribéry e Robben, não se incomodavam por ter que defender durante longos períodos, e adoravam disparar para explorar os espaços vazios. Em Munique, o Bayern havia atraído o Barça para em seguida atacar as costas de sua defesa, e repetiu a mesma proposta no Camp Nou. Robben recebeu um lançamento longo em diagonal de David Alaba, cortou para dentro como sempre e, já na grande área, chutou com curva no canto oposto. Depois, Ribéry entrou em cena, descendo pela esquerda e cruzando em duas oportunidades, primeiro com Piqué tentando o corte desesperadamente e colocando a bola no próprio gol, e mais tarde com Müller cabeceando na segunda trave. Sete a zero em dois jogos.

Ribéry e Robben eram pontas à moda antiga, dribladores, o tipo de jogador que o Barcelona deixou de lado para passar a usar um falso 9 e dois atacantes abertos, que arrancavam em diagonal para atacar as costas da defesa. Os pontas do Bayern se tornaram a personificação da filosofia de jogo do time nesse período, desde o primeiro minuto de Robben em campo, entrando no intervalo na vitória por 3 × 0 sobre o Wolfsburg em 2009. O holandês marcou dois gols, ambos no contra-ataque, ambos com assistência de Ribéry e ambos comemorados apontando para seu novo parceiro. O segundo foi particularmente memorável, pois o ataque se iniciou na entrada da área de defesa do Bayern e foi construído com os dois pontas trocando

passes em alta velocidade, sem que os defensores do Wolfsburg conseguissem acompanhá-los — e sem que os companheiros do próprio Bayern tentassem fazê-lo. Era um alerta sobre a ameaça que eles viriam a representar; o Bayern atacaria predominantemente usando esses dois jogadores, dessa maneira, durante toda a década seguinte. Os dois craques do contra-ataque haviam passado por diversos clubes antes, frustrando seus treinadores e tendo dificuldades para realizar seu potencial, mas o futebol alemão era mais apropriado para Ribéry do que o francês ou o turco, e muito mais apropriado para Robben do que o inglês ou o espanhol.

Como o Bayern focava seu jogo em manter a posse de bola, constituía uma espécie de anomalia na Bundesliga. Na temporada da tríplice coroa, a equipe registrou 87% de acerto nos passes, enquanto todos os outros times da Bundesliga ficaram entre 71% e 81%. O Bayern foi o time do contra-ataque quando enfrentou o Barcelona, mas todos os rivais domésticos se tornavam times de contra-ataque quando enfrentavam o Bayern, o que ilustrava bem a diferença entre o estilo espanhol que havia dominado os quatro anos anteriores e o estilo alemão que vinha ganhando cada vez mais influência.

O maior rival do clube de Munique nesse período foi o Borussia Dortmund, que viveu um período de supremacia na Bundesliga durante dois anos sob o comando de Jürgen Klopp. Era um time muito diferente. Enquanto o gosto do Bayern por estrelas e disputas internas rendera ao clube o apelido de "fc Hollywood" nos anos 1990, o Dortmund era visto como um clube à moda antiga, apoiado por torcedores da classe trabalhadora e que confiava no espírito de luta e na atmosfera criada em seu estádio para ter sucesso. Enquanto o Bayern podia contratar qualquer superastro já "pronto", inclusive os melhores jogadores do próprio Dortmund, o time de Klopp era repleto de talentos locais, como Marcel Schmelzer e Mario Götze, que atuavam ao lado de contratações pontuais vindas de ligas menores, como Shinji Kagawa e Robert Lewandowski. Eles formavam um coletivo maior que a soma de suas partes, graças à inteligência tática de Klopp e à capacidade para unir jogadores e torcedores do clube.

A parte mais fundamental da filosofia de Klopp era o chamado Gegenpressing — que exploraremos mais tarde —, mas o contra-ataque do Dortmund também era fenomenal, e a transformação do time, que terminou na quinta colocação em 2009/10 e foi campeão na temporada seguinte, teve

como principal fator justamente a adoção de um jogo mais verticalizado: Vertikalspiel, como a imprensa alemã chamava. “Começamos a colocar um foco muito, muito maior em passes verticais”, admitiu Klopp no meio da temporada de seu primeiro título.

A diferença entre o Bayern e o Dortmund se evidenciava na comparação entre seus jogadores de lado de campo. Ribéry e Robben eram atletas de nível internacional; Kevin Grosskreutz e Jakub Błaszczykowski, apenas jogadores esforçados, mais conhecidos pela intensidade do que pela qualidade técnica de seu jogo. No sistema de Klopp, os pontas atuavam mais como meios-campistas abertos do que como pontas, e fechavam para se aproximar dos companheiros mais centralizados. Embora fossem capazes de driblar, preocupavam-se mais com as corridas sem a bola em que exploravam os espaços deixados pelos laterais adversários, criando opções de passes verticais e tomando boas decisões em velocidade. “Somos taticamente muito disciplinados e tentamos levar a bola ao ataque a partir de uma base estruturada sólida”, explicou o zagueiro Mats Hummels. “Mas isso é o que a maioria dos times tenta fazer. O que temos de diferente é nossa paixão genuína. Estamos realmente a fim de jogar desse jeito.”

Conceitos desse tipo, como motivação, paixão e desejo, são muitas vezes considerados uma alternativa à abordagem tática do jogo, mas Klopp assegurava que tais qualidades servissem para incrementar seu enfoque tático, e sua presença agitada à beira do campo passou a simbolizar o Dortmund, um time que fazia tudo com grande intensidade e comprometimento. “Queremos deixar a torcida feliz, atuar nos jogos de uma maneira reconhecível”, declarou Klopp em sua chegada a Dortmund. Ele se manteve fiel às suas palavras. Os jornalistas falaram em “futebol heavy metal” ou “futebol com o pé no acelerador”, sempre buscando metáforas relacionadas a velocidade, barulho e caos organizado.

Se o Bayern se espelhava abertamente no modelo do Barcelona, Klopp se posicionava como a alternativa. “O time do Barcelona dos últimos quatro anos, com aquela serenidade… Desculpem, não é para mim”, brincou ele. “Se esse time do Barcelona dos últimos quatro anos tivesse sido o primeiro que vi quando tinha quatro anos de idade, eu teria ido jogar tênis. Gosto de futebol brigado, não de futebol sereno; dias de chuva, campos pesados, todo mundo com a cara suja, e depois os jogadores vão para casa e não conseguem jogar futebol pelas próximas quatro semanas. Nosso Borussia é

isso.” Mais tarde, Klopp falaria com admiração sobre a marcação por pressão do Barcelona, mas com a bola ele queria algo diferente. Era o Dortmund, não o Bayern, quem representava o novo futebol alemão, e o melhor exemplo do jogo de contra-ataque praticado por eles veio na lendária vitória por 5 × 2 sobre o Bayern na final da Copa da Alemanha em 2012.

A final foi um jogo de disputas ríspidas, caracterizada por erros defensivos. O goleiro do Bayern, Manuel Neuer, teve uma noite particularmente ruim, e os dois times marcaram em pênaltis cometidos por faltas desastradas e desnecessárias. Mas o título veio com o Dortmund atuando em sua versão mais pura, com Lewandowski no comando à frente e Kagawa caindo pelos lados para encontrar espaços de onde iniciava os contra-ataques, enquanto Grosskreutz e Błaszczykowski disparavam pelas pontas. Mais tarde, Klopp seria forçado a fazer mudanças táticas para surpreender o Bayern, e a chegada de Marco Reus, um ponta veloz e goleador, combinada ao desenvolvimento do jovem Mario Götze, traria mais qualidade ao time. Porém, assim como acontece com toda banda de heavy metal, o melhor Dortmund foi o que se viu logo no início de sua trajetória.

O triunfo do Dortmund na final da Copa foi uma perfeita exibição do conceito de transição, termo que tinha se tornado popular alguns anos antes, mas era particularmente importante para a ideologia do futebol alemão. A transição ofensiva acontece quando o time recupera a posse de bola, e a defensiva tem início quando a posse é perdida. O Dortmund era especialmente bom no primeiro tipo.

Na final, Grosskreutz e Błaszczykowski foram fundamentais nessas transições ofensivas. O Bayern dominou a posse, portanto durante a maior parte do jogo os atletas mais abertos do Dortmund se mantiveram dentro de seu próprio campo, ajudando os laterais a marcar Ribéry e Robben. Então, quando a construção de jogo do Bayern era interrompida e o Dortmund recuperava a bola, os dois partiam em disparada. Ambos eram excelentes em pressentir que uma transição estava prestes a ser iniciada, e começavam sua aceleração antes que os laterais rivais conseguissem perceber o perigo, explorando os espaços às costas da defesa e dando opções para passes verticais. Enquanto isso, Kagawa aperfeiçoava o papel do camisa 10, movendo-se nos corredores criados entre o meio e as pontas do campo.

Dois gols do Dortmund foram especialmente memoráveis. Com o time de Klopp já vencendo por 2 × 1, Robben tentou uma virada de jogo para Ribéry, que foi interceptada pelo lateral-direito Łukasz Piszczek. Outros jogadores teriam simplesmente chutado a bola o mais longe possível, mas ele tocou calmamente de cabeça para Błaszczykowski, recebeu de volta e acertou um longo lançamento para Lewandowski, que ajeitou para Kagawa e continuou correndo para receber o passe de volta do japonês, em profundidade, e finalizar na saída de Neuer. Em doze segundos, o Dortmund foi de uma interceptação em sua defesa para a marcação de um gol, com o um-dois na defesa, um passe vertical, outro um-dois no ataque e uma finalização de primeira.

O gol que efetivamente acabou com o jogo, aumentando a vantagem para 4 × 1, nasceu de outro contragolpe veloz. Grosskreutz bloqueou um chute de Schweinsteiger e a bola sobrou para Sebastian Kehl. O volante tocou para Kagawa, que já acelerava por trás dos volantes do Bayern e investia contra os zagueiros, expostos em razão da posição avançada dos laterais bávaros. Kagawa ganhou terreno com a bola, desacelerou um pouco para esperar a chegada de Grosskreutz pela esquerda e lhe passou a bola. Então, com Lewandowski inteligentemente mudando de direção para ocupar o corredor oposto e assegurar que o Dortmund explorasse os espaços de ambos os lados da dupla de zaga adversária, Grosskreutz encontrou o polonês, que bateu com força no canto. O plano de jogo do Dortmund havia sido executado de maneira impecável, e Lewandowski depois ainda faria seu terceiro gol no jogo.

O Bayern não conseguiu lidar bem com a derrota. Heynckes disse que o Dortmund não teve muitas chances e Philipp Lahm insistiu que o Bayern tinha sido superior no primeiro tempo. Mas a análise de Kehl, o capitão do Dortmund, foi mais precisa. Ele explicou como seu time "esperou as chances de sair no contra-ataque e acabou merecendo a vitória". Klopp, de maneira incomum, pareceu não saber o que dizer. "Fomos gelados e marcamos uns gols maravilhosos", conseguiu articular. "Simplesmente não tenho palavras para descrever o que nosso time fez hoje, para descrever meus sentimentos. Veremos nos próximos anos se alguém será capaz de fazer mais do que nós fizemos nesta temporada." O Dortmund acabava de conseguir a dobradinha, vencendo a Copa da Alemanha e a Bundesliga — esta, com pontuação recorde.

Em termos de individualidades, o talento mais brilhante dessa geração alemã também era reconhecido por sua eficiência em contra-ataques. A campanha da Alemanha na Copa do Mundo de 2010, quando a seleção alcançou as semifinais, foi iluminada pelas atuações do extraordinário Mesut Özil, um jogador diferente de qualquer outro formado na Alemanha em muitos anos, mas também, e talvez mais importante, diferente de qualquer jogador formado na Espanha no mesmo período. Özil não era um armador de jogadas que atuava recuado, como Xavi, ou um jogador que conduzia a bola entre as linhas adversárias, como David Silva, mas um criador de contra-ataques, que se destacava quando recebia a bola em velocidade, muito parecido com Kagawa na função criada por Klopp para ele no Dortmund.

Na Copa de 2010, Özil tinha se saído especialmente bem nos momentos em que a Alemanha já estava à frente no placar, quando os adversários precisavam sair para o jogo e deixavam espaços na defesa. Significativamente, suas três assistências no torneio foram para o quarto gol no 4 × 0 sobre a Austrália, o quarto gol no 4 × 1 contra a Inglaterra e o quarto gol no 4 × 0 em cima da Argentina. Todas aconteceram com Özil caindo pelo corredor esquerdo e tocando para alguém no meio finalizar a jogada. Ele era a nova cara do futebol alemão: jovem, rápido, técnico e com histórico de imigrante. Apesar de ter nascido na Alemanha, até os quatro anos de idade só falara turco, que era também o único passaporte que manteve até decidir jogar pela seleção alemã — escolha que dividiu opiniões na família. Ele mesmo admitia que sua qualidade técnica e criatividade não eram exatamente típicas dos jogadores alemães. "Minha técnica e gosto pela bola é o lado turco do meu jogo", explicou. "A disciplina, a atitude e a vontade de dar tudo dentro de campo é a parte alemã."

A excelente capacidade de movimentação de Özil sem a bola explicava-se em parte por seu posicionamento no Werder Bremen, onde atuava como camisa 10 no vértice superior de um losango de meio de campo, tendo liberdade para cair pelos lados e trocar de posição com Aaron Hunt e Marko Marin. Ele reproduziu esse estilo em suas performances pela seleção, e também no Real Madrid, onde chegou em 2010. José Mourinho às vezes é criticado por não apreciar jogadores de brilho técnico, mas, assim como havia extraído o melhor de Deco no Porto, e de Wesley Sneijder na Inter, a fase mais brilhante da carreira de Özil aconteceu sob seu comando no time de Madri.

Ainda que ocasionalmente fosse reposicionado mais aberto ou sacado do time nos clássicos contra o Barcelona, Özil era fundamental no 4-2-3-1 do Real, sendo responsável por uma série de assistências para Cristiano Ronaldo e amado por Mourinho exatamente por ser tão perigoso nos contra-ataques. Foi uma bola do alemão em profundidade para Ronaldo no Camp Nou, em 2012, que efetivamente selou a única conquista de Campeonato Espanhol por Mourinho, ao passo que sua movimentação do centro para os lados do campo costumava deslocar de posição os volantes adversários e abria espaços para seu compatriota Sami Khedira — outro meio-campista alemão contratado pelo Real por suas atuações na Copa do Mundo de 2010 — avançar ao ataque. De fato, o meio de campo do Real sob o comando de Mourinho ilustrava muito bem o contraste futebolístico entre Espanha e Alemanha: os alemães Özil e Khedira se sentiam absolutamente confortáveis nos contra-ataques, enquanto o espanhol Xabi Alonso jogava mais recuado e se encarregava de ditar o jogo com seus passes. Com Lassana Diarra, o típico carregador de água francês, no banco, o time podia contar com todos os estilos.

Embora Özil tenha continuado a dar muitas assistências depois de sua ida para o Arsenal em 2013, ele nunca voltou a ser tão efetivo, em parte porque a construção de jogadas no time inglês era mais lenta. Os desempenhos de Özil pela Alemanha, no entanto, continuaram excelentes, e ele foi escolhido o melhor jogador da seleção nos anos de 2011, 2012, 2013, 2015 e 2016 — o ano faltante da sequência ressalta que sua melhor forma não coincidiu com o título mundial conquistado no Brasil. Foi titular da seleção desde sua estreia, em 2009, até a Copa do Mundo de 2018, quando declarou que não aceitaria mais as convocações porque "aos olhos de Grindel [presidente da Federação Alemã] e seus apoiadores, sou alemão quando vencemos, mas imigrante quando perdemos". Em sua resposta, Grindel admitiu: "Eu poderia ter tomado posições mais claras e permanecido ao lado de Mesut Özil. Deveria ter sido mais claro com minhas palavras. Ataques como os acontecidos são completamente inaceitáveis".

Toda a carreira de Özil na seleção se desenrolou sob o comando de Löw, um treinador que imediatamente reconheceu a aptidão do meia para o estilo que pretendia implementar, um futebol de mentalidade ofensiva e ataques bastante verticais. Muitas vezes se disse que Löw foi fortemente influenciado pelo tempo que passou no Stuttgart, onde a verticalidade nos passes e a velocidade eram priorizadas. "Eu desenvolvi um estilo ofensivo,

uma combinação entre passar e correr, recuperar a bola e rapidamente contra-atacar", confirmou ele.

Em 2010, Löw declarou que o futebol era um esporte "definido por uma sucessão de sprints", uma interpretação muito diferente da abordagem espanhola, ainda predominante. Quando perguntado, na Eurocopa de 2012, se ainda acreditava na tese, Löw descreveu sua filosofia de maneira mais minuciosa. "É assim agora, mais do que nunca", explicou. "O ritmo do jogo aumentou. Os jogadores correm muito hoje em dia, e a maneira tradicional de interpretar esse fato é a de que o time que mais corre é o que vence. Nossa análise, no entanto, mostra que essa visão é superficial demais. Nosso foco agora está nos detalhes dos sprints dos jogadores, onde acontecem, como são feitos e em qual direção. Em termos emocionais, arrancadas para frente têm conotação bem melhor do que corridas para trás. Se você está correndo para frente, esquece o quanto já correu e a velocidade que precisou desenvolver. Não dói tanto quanto correr para trás." Sua seleção tinha à disposição uma série de jogadores que adoravam correr para frente, com o incrivelmente veloz Marco Reus, do Borussia Mönchengladbach e o estilo extremamente verticalizado de André Schurrle, do Bayer Leverkusen, funcionando como boas opções ofensivas.

As atuações da seleção alemã na Eurocopa de 2012 foram mais equilibradas do que na Copa do Mundo de 2010, em parte porque os adversários passaram a recuar mais, impedindo os contra-ataques da equipe. Na fase de grupos, a vitória por 1 × 0 contra Portugal veio com um gol de cabeça marcado por Mario Gómez, o típico centroavante à moda antiga, que também marcou os dois gols na vitória por 2 × 1 sobre a Holanda, quando a Alemanha conseguiu dominar o jogo com a superioridade obtida no meio do campo, rodando inteligentemente seu trio de meios-campistas.

O gol que selou a terceira vitória na fase de grupos, um 2 × 1 sobre a Dinamarca, foi mais alinhado com a nova filosofia alemã. Lars Bender, meio-campista que atuou como lateral-direito em sua estreia como titular da seleção, interceptou uma bola na entrada da própria área e iniciou seu avanço. A Alemanha trocou passes com perfeição e Gómez, de costas para o gol, acionou Khedira, que avançou vinte metros com a bola. Özil, que tinha começado a jogada no corredor direito, fez uma de suas típicas arrancadas laterais em direção ao corredor esquerdo, simultaneamente criando o melhor ângulo de passe para seu companheiro de Real Madrid, Khedira, e

abrindo espaço para a corrida de Bender; ele, então, recebeu a bola, desacelerou um pouco e acertou um de seus clássicos passes rasteiros em diagonal, encontrando o próprio Bender, que finalizou com calma depois de ter corrido oitenta metros em velocidade. Aquilo era o futebol alemão: um contra-ataque rápido construído com a roubada de bola, as arrancadas em velocidade, os movimentos inteligentes e os passes verticais.

A vitória por 4 × 2 nas quartas de final, contra a Grécia, teve mais a ver com o jogo de posse de bola, e a derrota subsequente, por 2 × 1 para a Itália, na semifinal, levou a questionamentos a respeito das táticas de Löw, depois de ele ter decidido alterar radicalmente seu sistema de jogo a fim de tentar anular o maravilhoso Andrea Pirlo, com o tiro saindo pela culatra. A Alemanha, no entanto, estava no caminho certo. A entrevista de Özil para o jornal alemão Die Welt depois da eliminação foi particularmente reveladora. Ele rejeitou as reclamações sobre uma suposta pouca motivação dos jogadores, negou que faltassem líderes no elenco, detonou as críticas relacionadas ao centro de treinamentos da seleção e riu das especulações sobre o futuro de Löw. A Alemanha sabia que estava construindo algo positivo, e comprovou isso dois anos mais tarde, no Brasil.

Nem tudo, porém, foi tranquilo para os alemães durante a Copa do Mundo de 2014. A seleção chegou ao torneio com vários problemas de lesões, que levaram inclusive à ausência de seu mais perigoso jogador de ataque, Marco Reus. Löw parecia não ter certeza sobre a formação ideal e fez alterações significativas no time ao longo do torneio. Alguns sustos aconteceram na vitória por 2 × 1 na prorrogação sobre a Argélia, nas oitavas de final, quando a linha defensiva alemã esteve lenta e muito vulnerável aos contra-ataques, e também na final vencida por 1 × 0, igualmente na prorrogação, quando a Argentina criou as melhores chances. Tudo isso foi amplamente esquecido, porém, em razão de dois fatos. Primeiro, a Alemanha saiu campeã. E além disso, eliminou o Brasil, anfitrião do torneio, com um 7 × 1 na semifinal.

A comissão técnica alemã havia chegado à conclusão, antes do Mundial, de que a manutenção da posse e a marcação por pressão muito intensa seriam difíceis de praticar no Brasil por causa das condições climáticas e, portanto, considerou que jogar no contra-ataque seria preferível. “Sabíamos que a defesa brasileira se desorganizaria rapidamente”, explicou Löw em Das Reboot, livro de Raphael Honigstein. “Pretendíamos defender bem,

recuperando a bola rapidamente ou quebrando a primeira onda de pressão, pois sabíamos que o Brasil muitas vezes se dividiria em duas partes: ataque e defesa. As oportunidades apareceriam dessa forma", adicionou o capitão Lahm. Funcionou perfeitamente.

O placar de 5 × 0 ao final do primeiro tempo havia sido construído quase inteiramente pela exploração de uma zona específica, as costas do lateral-esquerdo Marcelo. Levou apenas quatro minutos para que essa opção se tornasse evidente, quando Marcelo se adiantou para fechar os espaços de Müller em um arremesso lateral, e depois ficou perdido duas vezes no mesmo lance, quando Khedira e o próprio Müller fizeram ultrapassagens às suas costas; um erro no domínio, no entanto, impediu que Klose encontrasse o companheiro de ataque. Três minutos mais tarde, Marcelo estava novamente em posição avançada demais quando a Alemanha iniciou outro ataque, com Müller cruzando para Özil, que passou para Khedira, mas o chute atingiu seu companheiro, Toni Kroos.

Mais quatro minutos se passaram e Marcelo tentou uma pedalada no ataque, mas acabou perdendo a bola para Müller, que mais uma vez arrancou para o ataque pelo lado direito, com Khedira a seu lado. Nessa jogada, Marcelo conseguiu excelente recuperação, desarmou os rivais e levantou a mão, reconhecendo o erro. Do escanteio resultante, porém, saiu o primeiro gol dos alemães. O lance fazia lembrar as goleadas germânicas sobre a Inglaterra e a Argentina, em 2010, quando o primeiro gol de cada jogo também saiu de bola parada, depois de contra-ataques — as finalizações foram de Klose e Müller, respectivamente. E os dois mostraram sua importância mais uma vez contra o Brasil. Klose bloqueou David Luiz e criou o espaço para que Müller concluísse para o gol.

Os dois atacantes representavam a velha eficiência alemã. Klose tomou o posto do brasileiro Ronaldo como o maior goleador da história das Copas do Mundo, e Müller havia sido artilheiro da Copa do Mundo de 2010. Nenhum dos dois era particularmente elegante, mas ambos exibiam inquestionável faro artilheiro em jogos pela seleção. Klose tinha desempenho razoável ao longo das temporadas, mas aparecia muito bem com a camisa da Alemanha; Müller era desengonçado e de estilo confuso, mas sempre foi devastador nos grandes jogos. A Alemanha havia conseguido juntar os dois tipos de eficiência, a velha e a nova.

Apesar de Marcelo ter criado um lance de perigo na área adversária, forçando Lahm a um corte de carrinho, ele foi pego constantemente fora de posição nas transições. Aos catorze minutos, bloqueou Müller fazendo uma falta proposital para evitar a tabela com Khedira. Aos dezenove, mais uma vez perdeu a bola e a Alemanha contra-atacou, mas o passe de Kroos para Müller foi forte demais. "Os espaços eram maiores do que contra times defensivos", explicou Müller diplomaticamente mais tarde; e ninguém era melhor em explorar espaços do que os alemães.

Com 22 minutos jogados, Marcelo mais uma vez foi pego no contrapé no início de um contra-ataque alemão, e o cruzamento de Müller na primeira trave foi interceptado e saiu pela linha lateral. A partir do arremesso, a Alemanha trocou passes rápidos, empurrando Marcelo para dentro da área; o lateral-esquerdo recuou demais e permitiu que Müller recebesse em posição legal. A já familiar combinação alemã funcionou mais uma vez, e Müller tocou de calcanhar para Klose, que precisou finalizar duas vezes para ampliar o placar.

A porteira tinha sido aberta. Özil, que havia iniciado pela esquerda do trio de ataque, sentiu que o espaço era maior no lado oposto; caiu pela direita e começou um contra-ataque com Lahm, que fez a ultrapassagem e cruzou para Kroos aumentar para 3 × 0. "O time brasileiro ficou em choque quando marcamos o segundo e o terceiro", relembrou Löw. "Era possível sentir isso dentro do campo." A Alemanha conseguiu contra-atacar também pelo meio seguidas vezes. Khedira tocou para Kroos, que fez 4 × 0, e Özil rolou para Khedira marcar o quinto.

No intervalo, a Alemanha sentiu pena do Brasil. Não havia a intenção de humilhar ainda mais os anfitriões, e o mais importante para os titulares era preservar energia para a final, de modo que o time passou a defender com muita gente e a atacar pouco. "Sabíamos que tínhamos que manter o foco, sem tentar humilhá-los", afirmou o zagueiro Mats Hummels.

Mas, aos quinze minutos do segundo tempo, Löw trocou o veterano Klose, de 36 anos, por André Schurrle, que provavelmente havia sido o atacante mais perigoso da Bundesliga em lances de contra-ataque durante a brilhante temporada de 2012/2013, em que jogou pelo Bayer Leverkusen, antes de uma campanha mais tímida pelo Chelsea no ano seguinte. Se os companheiros estavam satisfeitos com os cinco gols, Schurrle viu a

oportunidade de tentar cavar uma vaga no time para a final e marcou o sexto e o sétimo, até que Oscar diminuiu a diferença no final, um gol que não serviu nem como consolação. Foi a maior derrota do Brasil na história das Copas do Mundo, mas foi também um grande triunfo do contra-ataque alemão. O Brasil havia dominado a posse, ocupado mais o terreno de jogo e finalizado mais, enquanto a Alemanha tinha se mantido mais recuada e explorado os espaços em velocidade. Tinha sido eficiente até demais. Özil se desculpou com David Luiz ao apito final pela vitória com aquela margem de gols, enquanto Bastian Schweinsteiger declarou que preferiria ter vencido por 2 × 0.

Schürrle ofereceu contribuição igualmente fundamental ao entrar em campo como substituto na final, arrancando pela esquerda para cruzar para Mario Götze, que marcou o gol do título da Copa do Mundo contra a Argentina de Lionel Messi. O quarto título mundial da Alemanha. O 7 × 1, no entanto, é que ficará para sempre marcado na história.

Na Bundesliga, enquanto isso, foi a cultura futebolística alemã que se viu desafiada pela chegada de Pep Guardiola como treinador do Bayern, em 2013. Ele assumiu logo depois da conquista da tríplice coroa por Jupp Heynckes, e sua contratação era a maior evidência da repentina ascensão do futebol alemão em termos de reputação, apesar de também ter levantado dúvidas sobre o futuro da filosofia futebolística do Bayern. Guardiola era considerado por muitos um idealista que só conseguia jogar no tiquitaca. Todos esperavam que o Bayern abandonasse o 4-2-3-1 para adotar o 4-3-3, e parecia que ele teria dificuldades para incorporar Ribéry e Robben a seu esquema de jogo, já que o estilo espanhol favorecia atacantes abertos que exploravam os espaços às costas da defesa, em detrimento de pontas dribladores. A verdade, no entanto, era um pouco mais complexa.

Guardiola estudou profundamente o futebol alemão durante seu ano sabático em Nova York e chegou a Munique obcecado pela ameaça que os contra-ataques representavam na Bundesliga. Sua abordagem de jogo no Barcelona sempre dependeu de uma estrutura posicional bem organizada com a bola, mas ele acabou se tornando ainda mais rigoroso na Alemanha e enfatizava repetidamente a necessidade de o Bayern manter a posse até conseguir se posicionar da maneira correta, o que impediria que surgissem buracos passíveis de serem explorados pelos adversários em contra-ataques. Seu Barcelona não perdeu muitas vezes, mas as derrotas costumavam

acontecer quando a defesa do time ficava exposta a rápidos contragolpes. “Só quero que os jogadores iniciem as jogadas avançando juntos por alguns metros para que, se perdermos a bola, o adversário não tire vantagem da nossa descompactação”, explicou na pré-temporada. “Todo time na Alemanha é capaz de contra-atacar antes que você possa respirar e, se perdermos nossa unidade, eles conseguem contragolpear e criar chances.” De brincadeira, ele se referiu à Alemanha como “Kontraland”, a “terra dos contra-ataques”.

Esse era um tema ao qual o treinador catalão voltava recorrentemente. Em Guardiola Confidencial, Martí Perarnau conta os bastidores da primeira temporada de Guardiola na Baviera. Segundo o livro, a razão mais comum para os testes e inovações táticas de Pep era a tentativa de prevenir contragolpes. Depois de uma vitória sobre o Hannover, Guardiola foi informado de que o técnico rival, Mirko Slomka, havia declarado que qualquer equipe alemã era capaz de executar um contra-ataque perfeito em onze segundos. Guardiola discordou. “Acho que é ainda mais rápido do que Mirko diz. Essa liga é impressionante em termos de contra-ataques. Na Espanha, há times que criam problemas com seus contra-ataques, mas nunca vi nada igual à Bundesliga, pelo número de equipes capazes de contra-atacar de forma tão efetiva e veloz.” A regra dos quinze passes de Guardiola se tornou mais importante do que nunca, e ele passou a fazer seguidos experimentos com formações defensivas incomuns para garantir que seu time estivesse sempre preparado para uma transição defensiva rápida. Nesse sentido, a obsessão alemã pelo contra-ataque só reforçou a predileção de Guardiola pelo jogo de posse espanhol.

Sob outra perspectiva, a abordagem de Guardiola em relação ao jogo também mudou bastante. Ele tentou inicialmente levar seu modelo do Barça para o novo clube — e suas duas primeiras contratações ressaltaram essa ideia. A primeira foi Götze, vindo do Dortmund em uma transferência polêmica e escolhido para exercer a função de falso 9 cumprida por Messi; a segunda foi um meio-campista do próprio Barcelona, Thiago Alcântara — jogador formado em La Masia que fez várias partidas pelo time principal, participando inclusive da vitória sobre o Santos, a preferida de Guardiola pelo clube em razão do incomum esquema 3-7-0 que levou a campo. Os dois atletas pareciam preparados para ser a cara do novo Bayern, mas ambos sofreram com lesões importantes no primeiro ano de clube. Götze completou os noventa minutos de jogo em nove partidas da Bundesliga, e

Thiago em somente oito. Os dois jogadores que deveriam ser os principais símbolos da transformação do Bayern sob o comando de Guardiola acabaram, portanto, como personagens apenas periféricos.

Sem poder contar com Götze, o Bayern acabou utilizando Mario Mandzukic com mais frequência do que Guardiola esperava; um centroavante de força e à moda antiga, conhecido por sua capacidade no jogo aéreo. Guardiola nunca havia empregado um atacante desse tipo no Barcelona — exceto pela tentativa malsucedida com Zlatan Ibrahimović, que ainda assim era consideravelmente mais criativo. De forma surpreendente, o veterano Claudio Pizarro, centroavante de 35 anos, também foi bastante usado e marcou dez gols na Bundesliga.

Thomas Müller, por sua vez, tinha sido escalado no meio de campo durante a pré-temporada, mas Guardiola não aprovou seu nível de disciplina tática e passou a colocá-lo no ataque. Mandzukic deixou o clube depois de uma única temporada e foi substituído por outro reforço vindo do Dortmund: Lewandowski, um atacante mais técnico, capaz de participar mais da construção das jogadas, mas que também era alto e muito bom no jogo aéreo. O polonês marcou treze gols de cabeça em suas duas temporadas sob o comando de Pep. O Bayern, portanto, passou a jogar muito frequentemente com um atleta alto e forte no ataque, o que significou o afastamento de Guardiola do modelo espanhol de jogo que ele mesmo havia popularizado. "Quando cheguei a Munique, pensei que poderia mais ou menos transferir o jogo do Barça para o Bayern, mas o que fiz na realidade foi casar as duas abordagens", admitiu Guardiola. "Eu trouxe a filosofia do Barcelona e a adaptei ao Bayern."

A transformação ficou clara desde a primeira partida de Guardiola na Bundesliga: uma vitória confortável, ainda que de pouco brilho, sobre o Borussia Mönchengladbach, por 3 × 1, que terminou com Guardiola reclamando das lentas transições defensivas do Bayern. "Nem sempre pressionamos bem, e demos tempo demais ao Gladbach. Os contra-ataques deles não foram controlados e, quando perdemos a bola, nem sempre retornamos rapidamente às posições corretas." Mais surpreendente, porém, foi o jogo do Bayern com a bola. Embora os zagueiros Jerôme Boateng e Dante tenham tentado sair jogando por baixo em tiros de meta, deram também muitos chutões para a frente, na direção de Mandžukić. Buscaram com igual frequência os lançamentos em diagonal para os pontas, já que o

Bayern queria fazer a bola chegar o mais rápido possível a Ribéry e Robben. Esses dois, ao lado de Lahm, foram os melhores jogadores do time naquela noite, um bom indicativo do que viriam a ser seus desempenhos ao longo das três temporadas com Guardiola.

Ribéry e Robben não foram deixados de lado por Guardiola, como muita gente tinha imaginado antes. Pelo contrário, passaram a dominar o time. "Quem são os nossos caras que ninguém consegue parar? São os das pontas, Ribéry e Robben", explicou Guardiola no livro de Perarnau. No entanto, em vez de um posicionamento mais recuado para acelerar o jogo nos contra-ataques, Guardiola queria seu time jogando bastante adiantado, permitindo que a aceleração de seus pontas não durasse mais do que quatro ou cinco segundos. "Se jogarmos com a linha defensiva bem alta, posicionando nossos zagueiros onde normalmente estariam os meios-campistas, limitamos a capacidade do adversário de dobrar a marcação sobre nossos pontas. Faremos toda jogada se transformar numa situação de um contra um, na qual os nossos jogadores são os melhores. Eles também sabem cruzar muito bem e temos grandes finalizadores para converter essas chances criadas. No Barça, Messi destruía os adversários pelo centro. No Bayern, Ribéry e Robben farão isso pelos lados."

Era uma mudança significativa na forma de Guardiola pensar. Antes, ele destacava que driblar era ineficiente na maior parte do tempo, um artifício mais apropriado para deslocar os adversários de posição com o objetivo de superá-los com um passe. De certa forma, a ênfase nos cruzamentos era igualmente inesperada, mas o que se via era um novo Guardiola. "Eu tenho que me adaptar ao Bayern, mas o Bayern tem que se adaptar ao meu trabalho também", disse ele. Juntos, eles criaram um jeito novo de jogar, que parecia, claro, um híbrido entre os modelos espanhol e alemão. A ideia geral era que o Bayern deveria ser paciente ao trabalhar a bola no meio de campo e mais vertical no terço final. Espanhol antes, alemão depois.

O Bayern foi campeão da Bundesliga na primeira temporada de Guardiola terminando dezenove pontos à frente do Dortmund, mas não conseguiu repetir o título da Champions League. No grande palco continental, o time teve problemas para se defender dos contra-ataques, oscilando no início das oitavas de final contra o Arsenal, quando Özil, como era típico de seu estilo, desestabilizou as linhas da defesa bávara, e nas quartas de final, quando surpreendentemente se mostrou vulnerável à velocidade de Danny Welbeck

contra um péssimo Manchester United, que só conseguiria terminar em sétimo na Premier League daquele ano. Então veio o desastre na semifinal, quando o Real Madrid conseguiu vencer por 5 × 0 no placar agregado dos dois jogos, mais uma vez explorando os contra-ataques. Karim Benzema aproveitou uma grande jogada, construída com muita verticalidade, e só empurrou para o gol no 1 × 0 em Madri. "A posse de bola é inútil quando se está dando muitas chances ao adversário", reclamou a lenda do Bayern, Franz Beckenbauer, que trabalhou como comentarista no jogo. "Temos que estar felizes pelo Real só ter conseguido marcar um gol."

Então, no jogo de volta, o Bayern desmoronou. Guardiola adotou um 4-2-4 muito agressivo e disse a seus jogadores antes da partida: "Vocês são alemães, então ajam como alemães e ataquem!", mas o Bayern saiu goleado por 4 × 0. Na realidade, o time perdeu por 4 × 0 para o Real de forma quase idêntica à de sua vitória por 4 × 0 sobre o Barcelona no ano anterior. Duas bolas paradas, ambas com gols de Sergio Ramos, abriram a porteira, Cristiano Ronaldo e Gareth Bale arrancaram no contra-ataque para marcar o terceiro, e Ronaldo acertou uma cobrança de falta por baixo da barreira para fazer o quarto.

Em termos de identidade, esse Real Madrid 5 × 0 Bayern no placar agregado foi um pouco confuso. O time espanhol venceu o alemão, mas o Bayern jogava um futebol bastante espanhol sob o comando de Guardiola, enquanto o Real ainda era considerado o anti-Barça, o rei dos contra-ataques e, portanto, jogava em um estilo mais próximo do germânico. Tanto a vitória por 7 × 0 do Bayern sobre o Barcelona no ano anterior quanto a derrota por 5 × 0 do Bayern para o Real Madrid aprofundaram a sensação de que o jogo de contra-ataques verticais levava a melhor sobre o tiquitaca, independentemente de o Bayern ter saído vitorioso ou derrotado. A abordagem de Guardiola passava a ser abertamente questionada. "Entendo que esse estilo de jogo não faz parte da cultura do futebol alemão", contou Guardiola a Perarnau mais tarde. "Entendo mesmo. Na Alemanha, os clubes gostam de jogar de maneira muito diferente da minha. E não há dúvidas de que as pessoas preferem a forma como o Dortmund ou o Real jogam." A frase era significativa, pois colocava o Real Madrid ao lado do Borussia Dortmund em termos de estilo.

Em sua segunda temporada, Guardiola pôde escalar um meio de campo totalmente espanhol — Javi Martínez permaneceu no clube, Thiago brilhou

nos momentos em que esteve fisicamente apto a jogar e Xabi Alonso chegou do Real Madrid para atuar na posição que o próprio Guardiola havia ocupado tão bem enquanto jogador. Toni Kroos fez o caminho inverso, saindo de Munique rumo a Madrid, enquanto Bastian Schweinsteiger foi vendido ao Manchester United um ano depois. Dois meios-campistas pratas da casa, campeões do mundo pela seleção, haviam saído, e uma faixa foi colocada em frente ao centro de treinamentos do Bayern reclamando que a identidade do clube estava sendo destruída, ao passo que o antecessor de Guardiola, Heynckes, salientou que o Bayern precisava garantir que o alemão permanecesse como "a principal língua do clube".

Ainda assim, os espanhóis abraçaram sem reservas o novo ambiente e estavam determinados a se adaptar à Bundesliga. "Vim para cá com o objetivo de me tornar alemão", explicou Thiago. "Preciso me tornar mais forte e resiliente." Alonso falou sobre sua admiração pelo estilo alemão, que era mais físico e rápido que o de LaLiga e o fazia se lembrar de seus dias na Premier League. No Real Madrid, ele ficou conhecido pelos lançamentos longos em diagonal, mas seu foco principal no Bayern eram os passes verticais pelo chão que quebravam as linhas de defesa dos adversários, chegando direto aos atacantes. O Bayern venceu a Bundesliga mais uma vez, mas foi eliminado da Champions League de novo nas semifinais — agora pelo Barcelona, ex-clube de Guardiola. No Camp Nou, Messi marcou dois gols maravilhosos para pôr o Barça à frente e, quando o Bayern subiu ao ataque em busca do gol fora de casa, Neymar escapou no contragolpe e basicamente decidiu o confronto.

Na terceira e última temporada de Guardiola em Munique, o Bayern já não competia contra o Dortmund de Klopp, mas contra o Dortmund de Thomas Tuchel, que havia se estabelecido como técnico promissor no Mainz, ex-clube de Klopp, e teve impacto considerável no Borussia. Tuchel representava melhor do que ninguém a "polinização cruzada" que tinha existido entre Espanha e Alemanha: acreditava firmemente no jogo de paciência de Guardiola com a posse da bola, mas deu continuidade à abordagem enérgica, cheia de ação e intensidade que herdara de Klopp.

O primeiro duelo entre o Bayern de Guardiola e o Dortmund de Tuchel foi uma batalha tática fascinante, que acabou em vitória de 5 × 1 do time de Munique. A marcação por pressão prevaleceu no jogo todo e ambos os times, notavelmente, usaram um losango no meio de campo: o Bayern

adotou um 3-3-1-3 e o Dortmund, um 4-3-1-2. Foi um confronto tipicamente alemão, baseado na manutenção de um bloco compacto e na pressão agressiva no meio de campo. Nenhum dos times conseguiu vantagem nessa zona, e a saída passou a ser recorrer a bolas longas que vencessem por cima a marcação rival. Hummels, zagueiro do Dortmund, começou a tentar longas diagonais na direção de Pierre-Emerick Aubameyang, e gradualmente o Bayern percebeu que essa era realmente a melhor abordagem para o jogo.

O problema é que os atacantes do Dortmund estavam marcando muito bem David Alaba e Jérôme Boateng, os dois defensores mais criativos do Bayern, deixando Javi Martínez livre entre eles. Guardiola, portanto, inverteu dois defensores. Martínez foi jogar pela direita e Boateng ficou centralizado, onde conseguiu mais tempo e espaço com a bola para demonstrar sua capacidade para fazer passes longos para o ataque.

Boateng usou muito bem a liberdade recém-adquirida, fazendo excelente lançamento para Thomas Müller, que abriu o placar. No primeiro minuto do segundo tempo, fez um passe quase idêntico, dessa vez para Lewandowski, que não desperdiçou e marcou o 3 × 1, acabando com as chances do time de Tuchel. As circunstâncias eram memoráveis: um time treinado por Guardiola recorrendo, com sucesso, a bolas longas de seu zagueiro mais recuado, direcionadas a seus atacantes grandalhões. A mais perfeita representação, claro, de um futebol vertical. Será que Guardiola alguma vez pensou que faria uma alteração tática trocando o posicionamento de dois zagueiros com a finalidade de usar melhor as bolas longas? Provavelmente não, mas ele havia se tornado um treinador muito diferente na Alemanha.

Quarenta e oito horas depois da vitória do Bayern sobre o Dortmund, Guardiola jantou com Tuchel, apenas os dois em um restaurante, analisando a partida e discutindo ideias táticas. Essa atitude, por si só, já parecia bastante alemã: a cooperação entre rivais em busca de benefícios mútuos. A conversa simbolizou uma espécie de síntese entre os modelos espanhol e alemão. Guardiola tinha tornado o jogo alemão mais técnico, mas o futebol na Alemanha fizera Guardiola adotar um jeito de jogar mais vertical.

17

Gegenpressing

Como o contra-ataque era parte fundamental do futebol alemão, as equipes da Bundesliga eram constantemente avaliadas com base em sua velocidade nas transições ofensivas e defensivas. A própria ideia de transição, no entanto, havia se tornado consideravelmente mais complexa por conta da importância dada ao mais novo conceito surgido no futebol europeu: o Gegenpressing. Que na essência significa a tentativa de um time de retomar a posse de bola o mais rapidamente possível após ter sido desarmado, apesar de diversas variações possíveis.

Para compreender a ascensão do Gegenpressing, primeiro é preciso contemplar a própria natureza do estilo tradicional de futebol na Alemanha, único país que conseguia ser mais obcecado do que a Itália pelas ideias de marcação individual e uso do líbero. O maior jogador alemão de todos os tempos, Franz Beckenbauer, considerado o pioneiro na função do líbero com mentalidade ofensiva, começou a carreira no meio de campo e depois recuou com o objetivo de armar os ataques desde a defesa. O líbero italiano, a princípio, era puramente um defensor, enquanto o líbero alemão usava sua liberdade para subir ao ataque a partir de uma zona em que dificilmente seria marcado. Beckenbauer era o gênio em um time alemão que, no mais, jogava de forma mecânica, funcional e entediante.

A final da Copa do Mundo de 1974 colocou Beckenbauer, vencedor da Bola de Ouro em 1972, frente a frente com Johan Cruyff, vencedor do prêmio em 1973. Capitães de suas seleções, eram os dois melhores jogadores do mundo e, em essência, guiaram a evolução dos estilos futebolísticos de seus países nas duas décadas seguintes: a marcação individual com o líbero na Alemanha e a marcação por pressão com linha de impedimento da Holanda. Os alemães (e Beckenbauer) saíram vitoriosos daquela final; portanto, enquanto muitos se apaixonavam pelo Futebol Total da Holanda, a Alemanha seguiu com seu estilo próprio.

Mais contemporaneamente, a estrela da seleção alemã costumava ser seu líbero. Lothar Matthäus começou no meio de campo, mas passou a atuar como líbero na Copa do Mundo de 1994. As grandes atuações de Matthias

Sammer no título alemão da Eurocopa de 1996 o levaram a ser votado o melhor jogador do torneio. Com a lesão de Sammer, Matthäus voltou à função na Copa do Mundo de 1998 e ainda atuou num estranho papel entre defensor e meio-campista durante a Eurocopa de 2000, aos 39 anos de idade. Era um futebol que não evoluía. Jens Nowotny, do Bayer Leverkusen, foi um clássico líbero alemão na virada do século, mas também sofreu com lesões, abrindo caminho para que seu companheiro de clube Carsten Ramelow desempenhasse a função na Copa do Mundo de 2002, quando a Alemanha chegou à final. Até mesmo o brilhante Michael Ballack, meia e fazedor de gols, disparado o melhor jogador alemão na década de 2000, tinha começado como líbero, e muitos achavam que terminaria a carreira nessa posição também. Quando Ballack estava prestes a se aposentar, no entanto, o futebol alemão já havia finalmente abandonado esse modelo.

Em razão do compromisso com a utilização do líbero ao longo da década de 1990, o estilo alemão era taticamente o mais distinto — ou antiquado — da Europa. "A liga que se diferencia de todas as outras é a alemã", disse o treinador da Inter, Roy Hodgson, em 1997. "Se você visse uma partida entre dois times da Inglaterra, Itália, Espanha ou França, não soubesse de onde eram, não pudesse ouvir a língua que falavam e o jogo acontecesse na Venezuela, você não saberia qual era o time inglês, qual era o italiano, o francês ou o espanhol. Mas você saberia se houvesse em campo um time alemão, já que eles jogam num estilo próprio. Até hoje usam marcação individual e um líbero." Conforme demonstrava o futebol italiano da época, marcar por zona com uma linha de impedimento era necessário para pressionar nas posições mais avançadas e dominar as partidas.

Três equipes da Bundesliga alcançaram as quartas de final da Champions League em 1998. Todas as três usavam o sistema de defesa com marcação individual e um líbero, enquanto os outros cinco times jogavam com uma linha de quatro e defendiam por zona. O melhor exemplo no futebol moderno do jogo clássico alemão foi o sensacional título da Grécia na Eurocopa de 2004, quando o treinador germânico Otto Rehhagel, representante da velha guarda, empregou o antigo sistema ao comandar o time grego, em contraste absoluto com as outras quinze seleções, que usavam quatro defensores em linha. "Os gregos provocaram enorme surpresa voltando ao passado e reciclando artes perdidas no tempo", descreveu o relatório técnico da Uefa. "Ainda veremos se Rehhagel apontou o caminho de volta para o futuro." O inesperado triunfo grego, no entanto,

veio em um torneio curto de seis jogos, e aquele estilo ultradefensivo foi detestado por todo o continente. Ao mesmo tempo, o futebol alemão vivia uma importante revolução tática.

As histórias sobre o futebol na Alemanha muitas vezes creditam a chegada da linha de quatro defensores, da marcação por zona e no campo de ataque a um episódio do programa Das aktuelle Sport-Studio de dezembro de 1998, do qual participou Ralf Rangnick, o técnico do fascinante time do Ulm, que disputava a segunda divisão. Rangnick explicou ali as virtudes de seu sistema de marcação por zona, o qual permitia que seu time pressionasse agressivamente. Foi amplamente rebatido por figuras proeminentes no futebol alemão, tanto por agir como se os outros técnicos fossem meros ludistas[3] quanto por colocar ênfase demais na parte tática do jogo. "Todo esse papo sobre sistema não faz sentido", disse Beckenbauer. "Outros jogadores simplesmente são mais capazes do que os nossos com a bola. Não faz diferença se com quatro na defesa, por zona ou com líbero."

Mas Rangnick ajudou a popularizar um movimento contracultural no futebol alemão. Dentro de poucos anos, a maioria das equipes da Bundesliga e a seleção nacional passaram a jogar com uma linha de quatro atrás defendendo por zona. A carreira de Rangnick como treinador foi inconsistente, mais impressionante por sua capacidade em levar times da segunda para a primeira divisão do que por seus trabalhos na Bundesliga, mas esse não é o ponto. Conforme observa Raphael Honigstein em Das Reboot, "Rangnick pode nunca ter ganhado um título, mas ganhou a discussão". A influência foi tão grande que ele próprio se arrepende de ter revelado seus segredos tão abertamente.

O outro alemão que também propôs abertamente o uso da marcação por pressão se chamava Jürgen Klopp. Sua filosofia como treinador foi formatada pela experiência enquanto atleta do Mainz, jogando na segunda divisão alemã durante os anos 1990, sob o comando de Wolfgang Frank — assim como Rangnick, um raro exemplo de alemão discípulo de Sacchi —, cuja influência se tornaria evidente apenas mais tarde, quando vários de seus comandados iniciaram carreiras bem-sucedidas como técnicos. "Assistimos quinhentas vezes ao mesmo vídeo chato de Sacchi fazendo exercícios defensivos, usando bastões, sem a bola, com Paolo Maldini, Franco Baresi e Demetrio Albertini", Klopp relembrou. "Costumávamos achar que, se os adversários fossem melhores, a gente perderia de qualquer

forma. Depois daquilo, aprendemos que tudo é possível. Podemos vencer adversários melhores usando a parte tática do jogo a nosso favor."

Frank treinou o Mainz entre 1995 e 1997 com bastante sucesso. Quando partiu, o time voltou a jogar no velho estilo alemão e passou dificuldades, de modo que ele foi recontratado em 1998 por mais dois anos. Após sua segunda saída, o time sofreu novamente uma queda de rendimento e o clube pediu que Klopp — ainda jogando como defensor pela equipe — assumisse o comando. Seu foco foi recolocar em prática o sistema de marcação por zona e no campo de ataque de Frank e, a partir daí, realizou um trabalho memorável de sete anos à frente do clube. Chegou a levar o Mainz à Bundesliga, mas foi rebaixado de novo e deixou o cargo depois de não conseguir o acesso pela segunda vez. Mas sua reputação foi crescendo gradualmente, em parte por seu excelente trabalho como comentarista na tevê. Na metade de 2008, Klopp foi contratado pelo Borussia Dortmund, um gigante em declínio que passava por dificuldades financeiras e havia terminado na décima terceira colocação da Bundesliga, que conta com dezoito equipes, com a defesa mais vazada do campeonato. Três anos depois, Klopp e o Borussia Dortmund se tornariam campeões.

O time dirigido por Klopp era jovem e cheio de energia, capaz de sufocar os rivais com intensidade espantosa. Usava uma linha de defesa alta, com a dupla de zaga formada por dois novatos de apenas dezenove anos: Mats Hummels e Neven Subotic. O 4-2-3-1 se transformava essencialmente em um 4-4-2 quando o time não tinha a posse, formação que Klopp considerava "o sistema mais eficiente para jogar sem a bola e o mais fácil de implementar por oferecer rotas de corrida mais simples". A ênfase em correr era fundamental.

Era a época em que a Europa havia se apaixonado pelo jogo de posse do Barcelona de Guardiola, mas Klopp — como se registrou anteriormente — achava aquele futebol um pouco tedioso. O que ele mais admirava era o comprometimento do Barça em recuperar a posse. "É extraordinário como esse time está avançado no campo quando recupera a bola", Klopp se maravilhava. "E eles conseguem fazer isso porque todos os jogadores participam da pressão. Acho que Messi é o que mais recupera a posse quando a perde. Se perde a bola, ele dá combate já no momento em que o adversário se prepara para sair jogando e logo consegue recuperá-la. Os jogadores pressionam como se não houvesse amanhã, como se a parte mais

divertida do futebol fosse quando o adversário tem a bola. E o efeito disso é, para mim, a maior conquista desse time, o melhor exemplo que já vi no futebol." Um belo resumo da obsessão alemã pelas transições. O mundo inteiro amava a maneira como o Barcelona mantinha a posse de bola, mas Klopp estudava o que o time fazia quando a perdia.

O foco na recuperação imediata da posse mudou a forma como o futebol de transição era visto. Como se explicou no Capítulo 10, na discussão sobre a ênfase dos portugueses nas transições, os cursos de treinadores normalmente descrevem o futebol moderno como uma série de quatro etapas que fluem continuamente em ciclos: a fase ofensiva, a transição defensiva, a fase defensiva e a transição ofensiva. Nos novos tempos, contudo, o objetivo da transição defensiva passava a ser recuperar a bola o mais rápido possível para retornar à fase ofensiva, efetivamente criando um atalho dentro do ciclo. Às vezes, era possível assistir ao Barcelona por 45 minutos sem ver uma única vez a equipe na formação de fase defensiva.

Klopp bebeu dessa fonte e passou a falar sobre a ideia usando um termo específico: Gegenpressing. A tradução literal seria "contrapressão". O nome original, porém, às vezes é mal compreendido. A contrapressão não está para a pressão como o contra-ataque está para o ataque. A questão não é a de se contrapor a uma pressão, mas de pressionar o contra-ataque adversário.

Havia duas diferenças cruciais na forma como Klopp e Guardiola colocavam a ideia em prática, o que significa que o treinador do Dortmund deve realmente ser considerado um autêntico revolucionário. Primeiro, o Barça de Guardiola pressionava o tempo todo simplesmente porque não queria ficar um segundo sequer sem a bola. "Sem a posse, somos um time desastroso, horrível, então precisamos ter a bola", explicava o treinador catalão. Era uma tática defensiva, uma maneira mais proativa de defender para que a equipe não precisasse defender de forma tradicional. O Barcelona recuperava a bola e a mantinha sob controle por longos períodos, organizando os jogadores na melhor formação para atacar.

Já o Dortmund de Klopp era diferente. A equipe tinha muita solidez sem a posse, e recuar o bloco de marcação, na verdade, casava com seu estilo de contra-ataques. Mas usava o Gegenpressing porque Klopp acreditava na prática como uma excelente tática ofensiva. "Imagine o número de passes

necessários para deixar o camisa 10 na posição certa, de onde ele pode dar a assistência genial", refletiu Klopp mais tarde. "O Gegenpressing permite que o time recupere a bola mais perto do gol, a apenas um passe de uma grande chance de marcar. Nenhum meia criativo no mundo supera uma boa situação de Gegenpressing. Por isso o conceito é tão importante." Barcelona e Dortmund tentavam recuperar a bola rapidamente, mas por razões completamente diferentes.

Em segundo lugar, os jogadores de Guardiola pressionavam os adversários de maneira ordenada, com um jogador apertando o portador da bola e outros bloqueando as linhas de passe. O time de Klopp era menos calculista e mais radical, acumulando jogadores ao redor de quem tinha a bola, quase como um enxame intimidador. Por isso, os meios-campistas pelos lados — em geral Kevin Grosskreutz e Jakub Błaszczykowski — fechavam por dentro. O desenho da equipe era pensado para fazer pressão assim que fosse desarmado, o que só era possível se, coletivamente, o time fosse capaz de comprimir os espaços rapidamente. Enquanto outros treinadores estavam preocupados com a compactação vertical, aproximando as linhas de marcação, Klopp se preocupava igualmente com a compactação horizontal, criando um time estreito na defesa, e o Dortmund muitas vezes recuperava a posse ao conseguir encaixotar os adversários contra a linha lateral.

Muitas vezes, o Gegenpressing era combinado com a marcação por pressão mais convencional quando o adversário tentava sair jogando com a bola pelo chão. Em geral, o Dortmund mantinha o bloco em altura média, deixando os zagueiros adversários livres e iniciando a pressão quando a bola chegava aos laterais ou aos meios-campistas. Raramente o time fazia marcação por pressão no campo todo, porque isso incentivava os rivais a usarem a bola longa. Mesmo que essa circunstância fosse bem-vinda, pois interrompia a construção das jogadas, o que Klopp realmente queria era que o time adversário fizesse a saída pelo chão e caísse em sua armadilha. A combinação de marcação por pressão, Gegenpressing e contra-ataques foi essencialmente o que permitiu ao time desbancar o Bayern e chegar ao bicampeonato da Bundesliga nas temporadas 2010/11 e 2011/12.

O exemplo clássico dessa nova abordagem se viu na crucial vitória por 3 × 1 sobre o próprio Bayern em fevereiro de 2011, resultado que praticamente garantiu o primeiro título da sequência para o Dortmund. Saindo com a bola pelo chão no tiro de meta, o zagueiro do time bávaro Holger Badstuber

recebeu o passe, virou o corpo e tocou para Bastian Schweinsteiger. Assim que o volante alemão dominou, porém, foi pressionado pelos dois lados por Grosskreutz e Lewandowski, e entrou em pânico. Tentou se livrar da bola, mas "furou" e ela tocou em seu pé de apoio, sobrando para Grosskreutz, que acelerou em direção ao ataque e tocou para Lucas Barrios marcar. Schweinsteiger teve um jogo desastroso. Se o meio-campista mais adorado do futebol alemão não dava conta da intensidade do Dortmund, que chance tinham os outros jogadores da Bundesliga?

Um gol mais típico ainda do Gegenpressing aconteceu na vitória por 2 × 1 sobre o Arsenal, pela Champions League, em 2013. Marco Reus conduziu pela esquerda e tentou um passe para Lewandowski, que se movimentava por dentro, mas a bola foi parar direto nos pés de Mikel Arteta, na entrada da área. Arteta tocou de primeira para seu colega de meio de campo, Aaron Ramsey, e o Dortmund entrou em modo de combate. Lewandowski abafou Ramsey pela frente, Reus veio por trás e Henrikh Mkhitaryan fechou da direita para o meio, congestionando aquela zona. Os volantes do Dortmund se adiantaram para exercer ainda mais pressão. Ramsey se viu, do nada, cercado por três camisas listradas de amarelo e preto: Reus, Lewandowski e Mkhitaryan. O primeiro conseguiu o desarme, o segundo ficou com a bola e passou-a para o terceiro, que anotou o gol.

Em apenas seis segundos, o Dortmund perdeu a posse, recuperou a bola e marcou, com os três jogadores mais perigosos do seu ataque se associando na entrada da área. Três defensores do Arsenal já haviam começado a se adiantar, iniciando a transição ofensiva, e se viram completamente fora de posição. O chute de Mkhitaryan, inclusive, saiu exatamente da posição que havia sido ocupada pelo lateral Kieran Gibbs, do Arsenal, apenas seis segundos antes. Quando seu time recuperou a bola, Gibbs esperava um contra-ataque e abriu para a lateral, mas o Gegenpressing do Dortmund matou o contragolpe antes que ele se iniciasse — uma contrapressão. "O melhor momento para recuperar a bola é imediatamente depois de perdê-la", Klopp reiterou. "O adversário ainda está tentando se orientar, procurando o melhor passe. Ele terá sido obrigado a tirar os olhos do jogo para fazer o desarme ou a interceptação e terá gasto energia. As duas coisas o deixam vulnerável."

A combinação do pressing praticado pelo Dortmund logo depois de perder a bola com a intensidade de seus jogadores dava a impressão, às vezes, de que

a equipe tinha um homem a mais em campo, e nesse jogo no Emirates Stadium essa sensação foi sustentada pelas estatísticas de distância percorrida. Os jogadores do Arsenal correram, somados, 106,3 km, enquanto os do Dortmund correram 117,8 km. A diferença de 11,5 km foi exatamente a distância percorrida por Grosskreutz, que jogou como lateral-direito e muitas vezes apareceu sem marcação fazendo ultrapassagens na direita do ataque.

Os dados de distância percorrida eram frequentemente enfatizados porque o Dortmund parecia ter uma reserva infinita de energia. Na vitória sobre o Olympique de Marselha, na rodada anterior da Champions League, Klopp havia dito: "Precisávamos nos esforçar muito hoje, e encontraríamos dificuldades se tivéssemos corrido alguns quilômetros a menos". Ele tinha estabelecido uma meta para seus jogadores: se conseguissem percorrer, juntos, 118 km ou mais em nove partidas de uma sequência de dez, ganhariam três dias a mais de folga na parada de inverno do calendário futebolístico alemão. Os jogadores não atingiram o objetivo, mas Klopp generosamente garantiu ao elenco o descanso extra, pelo esforço empreendido por todos. Mais tarde, o próprio Klopp diria que seus jogadores melhoraram quando passaram a correr menos e a ênfase maior na manutenção da posse de bola fez o jogo do time se tornar menos frenético. As estatísticas de distância percorrida, por si sós, não diziam muita coisa, mas, depois de alguns anos de supremacia espanhola e de todo crédito dado aos números de posse de bola, o novo domínio alemão trazia um novo foco de atenção: a extensão do terreno de jogo que os times eram capazes de cobrir.

O Dortmund de Klopp, no entanto, foi vítima do próprio sucesso. A marcação por pressão combinada ao Gegenpressing era tão incrivelmente eficiente, e os dois títulos alemães trouxeram tanto respeito dos torcedores de outras equipes e inspiraram tantos treinadores, que várias equipes da Bundesliga cada vez mais passaram a incorporar os princípios daquele time. Os jogos do Campeonato Alemão ganharam ainda mais intensidade, pois um número crescente de equipes começou a tentar marcar o adversário em posições avançadas do campo.

O maior problema para o Dortmund, porém, foi que o Bayern de Munique se tornou um dos times inspirados por sua filosofia. O time da Baviera conseguiu tirar Mario Götze, Robert Lewandowski e Mats Hummels de

Dortmund, mas talvez mais importante tenha sido o “roubo” do próprio conceito de Gegenpressing, depois que Jupp Heynckes e a equipe técnica do clube concluíram que sua prática era a maior diferença entre as duas equipes. Após duas temporadas — 2010/11 e 2011/12 — em que se sentiu sufocado pela intensidade e capacidade do rival para recuperar a bola, o Bayern deu a resposta em 2012/13, conquistando a tríplice coroa e todos os títulos subsequentes da Bundesliga ao longo da era de domínio alemão. Klopp reclamou abertamente que sua abordagem havia sido replicada de maneira muito direta. “Eles fizeram conosco aquilo que os chineses fazem na indústria”, lamentou, referindo-se ao fechamento de fábricas na região de Ruhr, na Alemanha. “Veem o que os outros estão fazendo, copiam e depois seguem pelo mesmo caminho, mas com mais dinheiro.”

Essa tendência ficou especialmente evidente em 2012/13, a temporada em que os dois times se encontraram na final da Champions League, pois o pressing do Bayern já tinha se tornado consideravelmente mais intenso. Quem liderava a linha de ataque era Mario Mandzukic, não apenas um centroavante forte, mas também muito batalhador, apoiado de perto por Toni Kroos, jogador de técnica invejável, mas com 1,83m de altura e boa capacidade física. Eles marcavam a saída de bola adversária com grande obstinação e recebiam a ajuda constante de Schweinsteiger e Javi Martínez.

O Gegenpressing do Bayern era diferente do praticado pelo Barcelona ou pelo próprio Dortmund. Não se baseava em fechar as linhas de passe ou sufocar adversários com um enxame de jogadores em áreas específicas do campo, mas na marcação individual em posições mais avançadas. Era um time de bastante imposição física, que muitas vezes recuperava a bola rapidamente após desarmes e duelos individuais, em vez de interceptações. A dupla de pontas Franck Ribéry e Arjen Robben também contribuía, e, assim como acontecia com Messi no Barcelona, a intensidade do Bayern se tornava mais evidente quando seus jogadores pelos lados, supostamente frágeis, envolviam-se na pressão. “Quando eu recupero a bola, ninguém liga”, disse Schweinsteiger a Ribéry. “Mas quando você dá um carrinho o estádio inteiro vibra.” A marcação por pressão de ambas as equipes foi crucial para que elas alcançassem a final europeia em 2013.

Na primeira das fases eliminatórias da Champions, o Bayern viajou a Londres para enfrentar o Arsenal e pressionou incessantemente. Uma onda de pressão logo no início forçou o time inglês a dar um chutão para frente;

os alemães ganharam a segunda bola e iniciaram um ataque que terminou com Toni Kroos, livre de marcação, batendo de fora da área para abrir o placar da vitória por 3 × 1.

Nas quartas de final, o Bayern enfrentou a campeã italiana, a Juventus, e mais uma vez a marcação alta foi fundamental logo no início do confronto. O primeiro gol alemão saiu com menos de trinta segundos em um chute de longe de David Alaba que contou com um desvio e bastante sorte, mas o time alemão já tinha conseguido recuperar a bola duas vezes no campo de ataque. Mandzukic era uma máquina de pressionar. Um exército de um homem só atormentando os três zagueiros da Juve o tempo todo, até recuar para manter a formação do time compacta. A energia do centroavante permitia que o meio de campo alemão pudesse se concentrar em dobrar a marcação sobre Andrea Pirlo, que pareceu afobado e se precipitou várias vezes ao longo do jogo. Placar final: 2 × 0 para o Bayern. "Sou o primeiro a admitir que não estou satisfeito com a minha atuação", disse Pirlo mais tarde. "Cometi muitos erros em uma partida muito importante, e isso é decepcionante. Agora temos que analisar por que demos tantos passes errados." A análise traria uma conclusão simples: a Juventus não estava preparada para a intensidade da pressão do Bayern. Vale registrar que, no jogo da volta, o time italiano impôs um ritmo muito mais acelerado e passou a jogar com marcação mais agressiva, complicando a vida dos alemães nos primeiros minutos. No entanto, a equipe de Heynckes soube navegar na tempestade e venceu por 2 × 0 em Turim.

E então veio a famosa vitória por 7 × 0 sobre o Barcelona no placar agregado da semifinal, na qual os contra-ataques e o perigo nas bolas paradas fizeram companhia à intensa pressão sobre cada atleta rival quando o Barça tentava sair jogando a partir dos tiros de meta. O melhor jogador do Bayern nesse aspecto foi um espanhol: Javi Martínez, considerado um elegante volante armador à época de sua passagem pelo Athletic Bilbao, mas transformado num trator capaz de fazer de tudo em campo, impondo-se fisicamente, em sua primeira temporada no Bayern. "Sou o mais alemão dos jogadores espanhóis", brincava o camisa 8 do time bávaro.

Na partida de ida, Martínez marcou Andrés Iniesta e roubou a bola várias vezes. Foi o jogador que tentou mais desarmes no jogo e fez o dobro de faltas do segundo colocado no mesmo quesito. "Javi tem um potencial físico

espetacular", disse Sergio Busquets após o jogo, ainda em estado de choque. "Está em todos os lugares do campo e recupera a bola onde quer que esteja. É o pulmão do time." Em um lance já nos minutos finais, Iniesta precisou parar Martínez com falta, sem qualquer pudor, quando o compatriota passou correndo com a bola a seu lado, o que demonstrava o nível de desespero do Barça em relação à disparidade física entre as duas equipes.

A campanha do Dortmund até a final foi menos convincente. O time de Klopp eliminou o Shakhtar Donetsk nas oitavas de final e teve muitas dificuldades contra o Málaga de Manuel Pellegrini, empatando em 0 × 0 fora de casa e precisando de dois gols de zagueiros nos acréscimos para vencer em casa por 3 × 2. No entanto, de novo o aspecto mais impressionante do jogo do Dortmund foi a marcação por pressão, e o time teve azar de não ter vencido o primeiro jogo, na Andaluzia.

Na sequência veio o confronto pelas semifinais com o Real Madrid, adversário que o Dortmund já havia enfrentado duas vezes na competição. No primeiro duelo, ainda na fase de grupos, a vitória por 2 × 1 do time alemão tinha demonstrado perfeitamente sua vantagem sobre os espanhóis. O time de José Mourinho não subiu a marcação para pressionar e não lidou bem com a estratégia do adversário, que, como era típico, deixava os zagueiros do Real livres e iniciava a pressão assim que a bola chegava ao meio de campo. O primeiro gol do Dortmund foi característico: Pepe progrediu com a bola, tentou um passe para Özil, mas errou. Sebastian Kehl se antecipou para interceptar e tocou de primeira para Lewandowski, que atacou o espaço deixado por Pepe e marcou. O Real empatou logo depois com um gol em jogada mais vertical: passe de Mesut Özil para Cristiano Ronaldo, entrando às costas da defesa. O lateral-esquerdo Marcel Schmelzer fez um belo gol da entrada da área para definir o placar no segundo tempo, mas o time alemão deveria ter vencido mais confortavelmente. Ficou claro que o Real passara a sofrer mais depois da saída de Sami Khedira, ainda no primeiro tempo; o meio-campista alemão tinha começado muito bem. De então em diante, Özil passou a ser o único jogador capaz de enfrentar o ritmo intenso imposto pelo Dortmund. De todos os atletas do Real, apenas os dois alemães se mostraram preparados para o jogo frenético proposto pelo time da casa. No segundo encontro pela fase de grupos, o Dortmund ia garantindo mais uma vitória por 2 × 1, até que Özil acertou linda cobrança de falta no último minuto, numa rara ocasião na qual pôde bater uma falta com Ronaldo ainda em campo.

O Real, portanto, tivera oportunidade de sobra de se preparar para enfrentar a intensidade do Dortmund na semifinal, mas ainda assim foi destruído quando os dois times se encontraram pela terceira vez na Champions. Depois do primeiro minuto no Westfalenstadion, Ronaldo já tinha saído com bola e tudo pela lateral porque estava sendo perseguido por dois jogadores do time alemão, Luka Modric já havia sido desarmado e Xabi Alonso, recorrido a um chutão depois de sofrer com a pressão rival. O Real Madrid parecia assustado, tentando bolas longas mais ou menos na direção do atacante Gonzalo Higuaín, enquanto Mourinho gesticulava para que seus jogadores se acalmassem. Aos oito minutos, Lewandowski marcou depois do cruzamento de Mario Götze da esquerda, mas o Real empatou pouco antes do intervalo após passe errado de Hummels para trás. A bola chegou a Higuaín, e o argentino deixou Ronaldo sem goleiro para igualar o placar.

O padrão do jogo era claro, com a intensidade do Dortmund permitindo ao time controlar o início de cada um dos tempos, até seus jogadores se cansarem e o Real conseguir responder. O início do segundo tempo teve mais três gols de Lewandowski — aos 5, 10 e 22 minutos — que efetivamente mataram o jogo. A partida do atacante polonês, autor dos quatro gols da classificação de sua equipe, deve estar entre as maiores atuações da história da Champions League, mas o meio-campista Ilkay Gündogan foi absolutamente crucial para ditar o ritmo do jogo naquela noite. Subindo para pressionar agressivamente, recuperando a bola e então avançando em direção ao ataque, ele representou à perfeição o estilo germânico. Assim como Martínez na noite anterior pelo Bayern, Gündogan jogava com a camisa 8, e essa parecia ser uma nova especialidade do futebol alemão, a versão moderna do volante que joga de uma área à outra, função que Khedira — ofuscado nesse jogo contra o Dortmund — exercia pela seleção alemã.

O Real Madrid tentou uma reação perto do fim da partida, mas não conseguiu reduzir a diferença e o placar final ficou nos 4 × 1. “Foi uma exibição incrível do meu time”, sorriu Klopp. “Nos primeiros 25 minutos, fomos excelentes. Patinamos um pouco e deixamos que eles voltassem para o jogo, mas conversamos no intervalo e pedi que os jogadores voltassem a jogar da maneira como haviam feito no início. Eles conseguiram e fomos muito melhores.”

“O time deles foi muito melhor”, admitiu Mourinho. “Eles venceram os duelos individuais, foram mais organizados e se sobressaíram física e mentalmente. O placar saiu de 1 × 1 para 4 × 1 em pouquíssimo tempo. (…) Perdemos a posse da bola facilmente e não soubemos lidar com as transições e a velocidade deles no contra-ataque.” É raro ver dois treinadores dando explicações tão precisas. Klopp descreveu o fluxo da partida, Mourinho se ateve aos detalhes. No segundo jogo, em Madri, o Dortmund perdeu por 2 × 0, mas mesmo assim se classificou para a final alemã em Wembley.

O Borussia Dortmund era o time preferido dos torcedores neutros, especialmente depois da notícia de que o Bayern já havia fechado a contratação de Mario Götze para a janela de transferências seguinte — convenientemente, ele ficou fora da final por lesão. Klopp capitalizou em cima do status de time preferido do público na decisão. “Depende do tipo de história que o espectador neutro quer ouvir”, disse. “Se respeita a história do Bayern e o quanto o clube venceu desde os anos 1970, pode torcer para eles. Mas, se quer uma história nova e especial, precisa apoiar o Dortmund. Acredito que, neste momento do futebol, é preciso estar do nosso lado.” Um certo exagero e uma declaração possivelmente arrogante, mas bastante típica de Klopp. E muitos concordaram.

Quando dois times do mesmo país se encontram em palcos europeus, o jogo costuma ser lento e desgastante. Mas, com as duas equipes habituadas a exercer forte pressão e a praticar um ritmo de jogo alucinante, essa foi uma final intensa, veloz, disputada “lá e cá” — jogada exatamente como um confronto da Bundesliga, uma das melhores decisões da história da Champions League.

Assim como contra o Real Madrid, o time de Klopp começou extremamente bem, fazendo as primeiras seis finalizações do jogo e forçando Neuer a realizar pelo menos duas ótimas defesas. A marcação por pressão impedia o Bayern de trabalhar a bola desde a defesa, de modo que os zagueiros Jérôme Boateng e Dante simplesmente trocavam passes laterais. O Dortmund foi melhor, mas não conseguiu transformar seu domínio em gols e, como costumava acontecer, caiu de rendimento depois de 25 minutos. O Bayern melhorou no fim do primeiro tempo e criou perigo em bolas paradas.

O Dortmund conseguiu uma nova explosão de energia no início do segundo

tempo, mas nos estágios finais do jogo o Bayern foi se tornando mais dominante. Robben, que havia começado na posição clássica na ponta direita, inverteu o posicionamento com Thomas Müller e passou a jogar por dentro, usando sua velocidade para explorar a linha defensiva alta do Dortmund. O Bayern conseguiu encontrar espaços às costas da defesa adversária seis vezes no segundo tempo, todas com Robben. Em uma delas, ele deu a assistência para Mandzukic abrir o placar. O Dortmund empatou com um gol de pênalti marcado por Gündogan depois de uma entrada desastrada de Dante em Reus, mas o Bayern, e Robben, continuavam atacando. Müller driblou o goleiro Roman Weidenfeller e tocou para o holandês, mas o zagueiro Neven Subotic cortou de forma milagrosa.

O gol estava maduro e, aos 44 minutos do segundo tempo, Robben finalmente protagonizou o momento decisivo que faltava em sua carreira até aquele ponto. Ele pegou uma bola solta na entrada da área depois que Ribéry tentou um passe de calcanhar, carregou pelo meio da defesa do Dortmund e a rolou lentamente para o gol na saída de Weidenfeller. "No final, estávamos um pouco cansados e o Bayern tirou vantagem", admitiu o zagueiro Hummels. Klopp concordou. "Os quinze minutos finais foram muito difíceis depois de uma temporada extenuante."

Esse era o problema inevitável de um estilo que exigia tanta energia: a exaustão. Conforme ressalta Jonathan Wilson em seu livro A Pirâmide Invertida, times famosos por praticar um jogo baseado na pressão sobre o adversário só se mantêm bem-sucedidos durante três anos: o Dynamo de Kiev de Viktor Maslov, nos anos 1960, o Ajax de Rinus Michels e Stefan Kovács, nos anos 1970, e o Milan de Arrigo Sacchi, nos anos 1980, são os exemplos clássicos. É possível adicionar à lista o Barcelona de Guardiola, que venceu três vezes LaLiga e duas vezes a Champions League antes de cair muito de produção na quarta temporada, e também o Borussia Dortmund de Klopp, que iniciou sua estratégia de pressão ultraintensa em 2010, ganhou duas vezes a Bundesliga e chegou à final da Champions League, mas caiu muito de rendimento depois. O Dortmund se cansava no fim dos jogos e no fim das temporadas, e também se cansou na parte final da passagem de Klopp pelo clube.

A temporada seguinte, 2013/14, ainda foi boa para o time, que terminou em segundo lugar na Bundesliga — atrás do Bayern de Guardiola — e chegou às quartas de final da Champions League, mas 2014/15 foi um verdadeiro

desastre. O Dortmund chegou a frequentar a zona de rebaixamento no campeonato nacional na metade da temporada e, mesmo com o time se recuperando e terminando na sétima colocação, Klopp se despediu ao término da campanha. De qualquer maneira, sua influência sobre o futebol alemão pelo desenvolvimento do Gegenpressing foi considerável, como ressaltado mais tarde por Rangnick, aquele que iniciou a obsessão alemã com a marcação por pressão em um programa de tevê. "Chegou a hora do jogo das transições radicais, em que os times correm para frente rapidamente ao recuperar a bola e, quando a perdem, tentam imediatamente fazer o Gegenpressing", explicou. "Essa evolução nos levou a muito mais disparadas em velocidade. O número de arrancadas e corridas em uma partida aumentou dramaticamente. Em termos de atleticismo e dinâmica, o futebol se tornou um jogo completamente diferente."

Enquanto isso, o Bayern começou a pressionar de forma ainda mais agressiva sob o comando de Guardiola. Ele adiantou a linha defensiva em alguns metros e passou a treinar seus jogadores a correrem para frente — e não para trás — quando o time perdia a bola, num Gegenpressing de quatro segundos antes de todos retornarem a um bloco mais baixo. O treinador espanhol ficou particularmente impressionado com o nível de esforço empreendido por Mandzukic e Müller, seus dois principais atacantes. "A marcação que realizam é brutal", afirmou em sua primeira temporada na Baviera. "Se você pedir que Müller faça uma diagonal de quarenta metros cruzando o campo, ele a fará em velocidade máxima, voltará a se posicionar e repetirá aquilo mais cem vezes se necessário."

Em uma liga na qual a marcação por pressão já era a norma, Guardiola também desenvolveu táticas para anulá-la. Recuar o cabeça de área para uma saída de três junto com os zagueiros, em busca de superioridade numérica na construção das jogadas contra os dois atacantes rivais, era algo que ele já fazia no Barcelona com Sergio Busquets, mas a ideia se tornou ainda mais indispensável na Alemanha. Às vezes, era difícil saber se o Bayern jogava com uma linha de três ou de quatro atrás, já que Philipp Lahm e, mais tarde, Xabi Alonso conseguiam fazer a transição do meio para a defesa de maneira absolutamente fluida.

O primeiro confronto de Guardiola contra o Dortmund pela Bundesliga, em novembro de 2013, acabou 3 × 0 para o time de Munique. O volante Javi Martínez — que depois se tornaria zagueiro — chegou a jogar como

segundo atacante, e o Bayern usou bolas longas para que ele e Mandzukic disputassem pelo alto, buscando evitar os problemas causados pelo pressing do Dortmund na final da Champions League. Em vez de tentar passar pelo meio da pressão, Guardiola pretendeu superá-la pelo alto. Era uma abordagem surpreendente vinda dele, e mais tarde seu Bayern tentaria gradualmente quebrar a pressão dos adversários com mais estilo, especialmente depois da chegada de Alonso.

A seleção alemã, claro, atuava de maneira similar. Jürgen Klinsmann, treinador que, na prática, tinha dado início ao novo estilo de jogo alemão na preparação para a Copa do Mundo de 2006, falava sempre sobre a "recuperação imediata da bola", enquanto seu ex-auxiliar e depois sucessor no comando da equipe, Joachim Löw, recorria à expressão "recuperação ativa da bola". A Alemanha não empregou uma pressão tão agressiva no Mundial de 2014, mas a tática se mostrou fundamental em determinadas ocasiões. O exemplo mais significativo veio no quarto gol da goleada por 7 × 1 sobre o Brasil. Menos de um minuto depois do terceiro, os brasileiros tentaram sair jogando de trás e, partindo do meio de campo, Kroos disparou por 25 metros para desarmar Fernandinho, trocar passes com Khedira e marcar.

Ao longo dos dois anos seguintes, a marcação por pressão e o Gegenpressing se espalharam pelos clubes da Europa, mas mantiveram-se relativamente raros nos torneios internacionais de seleções. A Eurocopa de 2016 foi uma competição entediante e de pouca criatividade, com quase todos os times recuando para dentro do próprio campo para aguardar os ataques adversários. A Alemanha, no entanto, tentou resistir ao padrão. No duelo das quartas de final contra a Itália, que os alemães venceram nos pênaltis, o time de Löw mudou a formação para conseguir pressionar a saída de bola italiana em uma situação de três contra três. A Alemanha também encarou a França marcando alto na semifinal e dominou a partida, mas perdeu por 2 × 0 em erros individuais de seus defensores.

A temporada 2015/16 foi a primeira da Bundesliga depois da saída de Klopp. Muito embora ele logo tenha rumado para o Liverpool, levando seu Gegenpressing para a Premier League, não passou a existir menos pressing no Campeonato Alemão. O outro revolucionário do futebol germânico, Rangnick, dirigia o RB Leipzig, clube de ascensão mais rápida pelas divisões de futebol do país, que também chegou à elite com um estilo de alta

pressão e ritmo intenso. Em sua temporada de estreia na primeira divisão, o Leipzig terminou na segunda colocação sob o comando de Ralph Hasenhüttl, depois que Rangnick se tornara diretor esportivo.

A influência de Klopp era evidente em relação à maioria dos times alemães. "O Gegenpressing se tornou uma instituição alemã, e Klopp, a referência para incontáveis treinadores", escreveu Tobias Escher em Vom Libero zur Doppelsechs, seu livro sobre a história tática do futebol alemão. "Hoje em dia, todos os times da Bundesliga usam o Gegenpressing. (…) Klopp desenvolveu o novo padrão que testemunhamos em quase todos os campos alemães. Em 2015/16, pelo menos dez dos dezoito times da Bundesliga jogavam no estilo de Klopp."

A maior prova do legado de Klopp é o fato de a palavra alemã Gegenpressing — e não a tradução para cada idioma — ter passado a ser usada ao redor da Europa. Todos estão, portanto, conscientes da origem do conceito e de que, pela primeira vez desde que Beckenbauer redefiniu a função do líbero, o futebol alemão foi responsável por uma verdadeira inovação tática.

3 O ludismo foi um movimento de trabalhadores ingleses do ramo da tecelagem em protesto à mecanização do trabalho no século

xix

. Na cultura popular inglesa, o ludista é alguém que nega a tecnologia.

18

Reinvenção

Diferentemente das outras seleções alemãs que conquistaram a Copa do Mundo, quase todas elas com algum grande destaque individual, o time de 2014 era um grupo harmonioso e igualitário. Apontar um único grande herói seria difícil.

Encerrada a final, havia pelo menos seis candidatos. Os jornalistas encarregados das manchetes colocaram Mario Götze em evidência — afinal, foi ele quem fez o gol do título —, mas o rosto que mais aparecia nas fotos era o do capitão Philipp Lahm, que levantou o troféu. O verdadeiro líder na final foi Bastian Schweinsteiger, responsável por impedir Messi de exercer sua influência entre as linhas. No geral, Toni Kroos foi o jogador mais consistente da seleção ao longo do torneio, enquanto Thomas Müller acabou como artilheiro do time, com cinco gols. O goleiro Manuel Neuer ficou em terceiro na votação da Bola de Ouro, atrás apenas da dupla de sempre, Messi e Cristiano Ronaldo.

Duas circunstâncias importantes ligavam essas seis estrelas alemãs. A primeira era óbvia: Götze, Lahm, Schweinsteiger, Kroos, Müller e Neuer jogavam pelo Bayern de Munique. Mas existia um outro aspecto mais significativo em termos de estilo. O sucesso germânico na Copa de 2014 veio graças à reinvenção do futebol praticado no país; os alemães afastaram a reputação de time entediante e mecânico ao jogar de maneira inventiva e ofensiva, e esses seis atletas eram mestres na arte da reinvenção.

Aquela era a segunda Copa do Mundo consecutiva na qual Pep Guardiola exercia influência decisiva sobre o elenco campeão. Em 2010, seis dos onze titulares da Espanha na final haviam jogado a temporada anterior pelo Barcelona de Guardiola. Em 2014, seis dos onze titulares da Alemanha haviam jogado a temporada anterior pelo Bayern de Guardiola. Sob sua liderança, muitos dos atletas do Bayern viram suas carreiras se transformarem. O técnico da seleção, Joachim Löw, era um estudioso da tática que formulava soluções inteligentes para problemas estratégicos, mas o tempo limitado de treinamento com o grupo de atletas da seleção o impedia de transformar seus jogadores da mesma forma que os treinadores

de clubes, como Guardiola, faziam. Como o seu Bayern venceu a Bundesliga três vezes seguidas com folga, o catalão teve a chance de empreender experimentos táticos bastante ousados, o que acabou criando mais opções para a seleção, já que muitas vezes um jogador-chave de repente se via atuando com tranquilidade em uma posição completamente diferente. Nem toda a versatilidade posicional do elenco alemão era consequência do trabalho de Guardiola, mas seu impacto foi inegável.

A Alemanha derrotou a Argentina na decisão apesar de ter sofrido com uma série de lesões de jogadores de meio de campo. A começar por Sami Khedira, vetado às vésperas do jogo e substituído por Christoph Kramer, um jovem que estreara pela seleção em um amistoso pouco antes do torneio e que, na final, iniciava pela primeira vez um jogo oficial com a camisa da Alemanha. Mas ele não chegou sequer ao intervalo da partida, prejudicado por uma pancada na cabeça após um choque com o zagueiro argentino Ezequiel Garay aos quinze minutos de jogo. Permaneceu em campo apesar do impacto, e a gravidade do problema só ficou mais clara quando, depois de mais quinze minutos, Kramer perguntou ao árbitro Nicola Rizzoli: "Juiz, esta é a final?". Rizzoli informou Schweinsteiger, que conversou com o banco, e Kramer acabou substituído.

Seu substituto, André Schürrle, era um atacante que jogava pelos lados, de modo que a Alemanha precisou mudar de formação e Mesut Özil passou a atuar centralizado, formando o meio de campo com Schweinsteiger e Toni Kroos. Com isso, a Alemanha perdeu em imposição física, sem Khedira e Kramer — como já havia acontecido em relação aos irmãos gêmeos Lars e Sven Bender, que ficaram fora da Copa do Mundo por lesão. O sempre excelente Kroos fez um jogo ruim e contou com a sorte quando seu péssimo recuo de cabeça para Neuer foi parar nos pés de Gonzalo Higuaín, que, mesmo sem marcação, chutou para fora. Com tudo dando errado, coube a Schweinsteiger se tornar a liderança física, fazendo de tudo dentro de campo.

Primeiro dos seis heróis alemães, o meio-campista do Bayern teve atuação fantástica. Ele mandou no jogo, deu mais passes certos do que qualquer outro jogador e fez duas intervenções cruciais para frear Messi, interceptando um cruzamento do argentino e depois cortando uma enfiada de bola para Ezequiel Lavezzi. Schweinsteiger dominou a zona à frente da defesa, mesmo tendo recebido um cartão amarelo aos trinta minutos de

jogo, e forçou Messi a buscar a bola pelos lados ou mais recuado. O alemão terminou a final ensanguentado depois de um choque de cabeça com Sergio Agüero, e o acidente serviu para amplificar sua imagem de herói. Seria muito difícil, no entanto, imaginar uma atuação como essa em sua primeira Copa do Mundo, na Alemanha, em 2006.

Antes, Schweinsteiger era visto de maneira muito diferente. Apesar de talentoso, não tinha interesse algum em treinar duro ou levar o futebol a sério em seus primeiros anos como profissional. Reportagens sobre suas roupas, cortes de cabelo ou escolha de carros ofuscavam suas performances em campo. Ele era um ponta inconsistente que geralmente jogava pelo lado direito no Bayern e pela esquerda na seleção, e que às vezes conseguia bons passes e cruzamentos, mas exercia pouca influência no rumo das partidas e parecia distante de realizar seu potencial.

Tudo isso mudou completamente quando o Bayern anunciou Louis van Gaal como treinador, em 2009/10. O holandês queria pontas de verdade, mas ainda acreditava na capacidade de Schweinsteiger, e passou a escalá-lo no meio de campo ao lado do combativo Mark van Bommel. Seu futebol se transformou; ele lia muito bem o jogo, posicionava-se de maneira inteligente e ditava o ritmo do time. "A maior mudança para mim foi finalmente poder jogar na minha melhor posição", explicou o atleta na época. "Sempre tive dificuldades com os treinadores que acreditavam que outros jogadores — como Jens Jeremies, Niko Kovac, Owen Hargreaves e Michael Ballack — eram mais talhados para jogar nessa posição. Então sou grato a Van Gaal." A ausência do lesionado Ballack na Copa do Mundo de 2010 permitiu a Schweinsteiger se tornar o principal meio-campista da seleção, formando uma ótima parceria com Khedira. Löw se referia a ele como o "líder emocional" da equipe.

Sua mudança de posição coincidiu com a mudança de atitude; com mais responsabilidade dentro de campo, veio igualmente maior responsabilidade fora dele. Alguns — brincando, mas talvez nem tanto — atribuíram essa transformação à chanceler alemã, Angela Merkel, que se sentou nas tribunas ao lado de Schweinsteiger, suspenso, durante um jogo da Eurocopa de 2008. "Ela me disse para não repetir as mesmas idiotices", revelou ele, referindo-se à expulsão contra a Croácia. "Quando a chanceler manda fazer uma coisa, você tem que fazer." O jornal alemão Die Zeit publicou uma série de tirinhas mostrando os dois trocando cartas de amor, e eles se

abraçaram de maneira calorosa depois do título mundial em 2014.

Tinha sido Löw, no entanto, o pioneiro na utilização de Schweinsteiger no meio de campo. Em 2007, o treinador surpreendeu a todos quando o escalou por dentro na partida contra o País de Gales, pelas eliminatórias da Eurocopa de 2008. Compondo um quarteto que, exceto por ele, não tinha nada de especial, com Marcell Jansen, Thomas Hitzlsperger e Roberto Hilbert, Schweinsteiger foi o melhor em campo, controlando as ações do time. Foi preciso esperar mais dois anos até que a mudança fosse replicada no Bayern, mas a decisão de Löw em 2007 marcou o início de sua jornada de amadurecimento até se tornar um dos melhores meios-campistas do mundo. Uma troca de posição mudou tudo e, ainda que tenha ocorrido bem antes do início da era de domínio alemão, fez o "líder emocional" da seleção se tornar uma referência para os companheiros como atleta que havia se reinventado.

Mas alguns companheiros de Schweinsteiger não estavam apenas reinventando a si mesmos — estavam reinventando as próprias posições no futebol. No caminho rumo ao título de 2014, o jogo mais nervoso da Alemanha foi, surpreendentemente, o das oitavas de final contra a Argélia, uma equipe que combinou organização defensiva, pressão coordenada e velocidade na frente. Os argelinos fizeram grande partida contra os alemães, empregando uma estratégia baseada em contra-ataques que quase decidiu o confronto.

A seleção argelina fechava os espaços dos meios-campistas adversários, povoando a zona central do campo, e depois fazia lançamentos longos para o centroavante Islam Slimani, que seguidas vezes ganhou dos zagueiros Shkodran Mustafi e Per Mertesacker na velocidade. A Argélia não esperava, no entanto, ter de enfrentar uma das maiores atuações de um goleiro na história das Copas do Mundo, apesar de Manuel Neuer não ter realizado quase nenhuma defesa. Suas participações mais decisivas foram jogando como líbero; no total, ele tocou na bola vinte vezes fora da própria área. Assim, transformou-se no segundo herói alemão na Copa do Mundo de 2014.

Os exemplos anteriores de exibições extravagantes de goleiros em Copas do Mundo sempre pareceram mais ostentação do que qualquer outra coisa. O erro bizarro do colombiano René Higuita contra Camarões na Copa de

1990 logo vem à mente. Mas, apesar de Neuer quase ter sido batido algumas vezes em suas intervenções, nas quais deixava o gol vazio, no fim suas tomadas de decisão foram perfeitas. Mais tarde, ele riu da expressão "goleiro-líbero" por nunca tê-la ouvido antes, mas passou a ser o garoto-propaganda dessa função.

Goleiros alemães quase nunca haviam sido inovadores. Sepp Maier, o excelente goleiro do Bayern nos anos 1960 e 1970, tinha começado a carreira como atacante e, portanto, sabia jogar com a bola no pé, mas a cena mais memorável envolvendo um goleiro da seleção alemã no limite da área é a da duríssima entrada de Harald Schumacher sobre o francês Patrick Battiston na semifinal da Copa do Mundo de 1982. Fora esse episódio, os goleiros alemães sempre refletiram a filosofia geral do futebol de seu país: sólidos, funcionais e à moda antiga.

O ponto de virada veio às vésperas da Copa do Mundo de 2006, quando o treinador Jürgen Klinsmann teve que escolher entre Oliver Kahn, do Bayern, e Jens Lehmann, do Arsenal, ambos com 36 anos. Kahn era titular do Bayern havia uma década, tinha sido eleito o melhor jogador da Copa do Mundo quatro anos antes (apesar de ter falhado no primeiro gol de Ronaldo na final) e já contava 84 jogos pela seleção. Lehmann tinha representado a Alemanha em campo apenas 29 vezes, passara por vários clubes europeus e era considerado instável. Existia entre eles uma amarga rivalidade. O lendário Sepp Maier, treinador de goleiros da seleção, posicionou-se a favor de Kahn, e isso enfureceu Klinsmann, que substituiu Maier por Andreas Köpke, goleiro alemão no título da Eurocopa de 1996. Era uma mudança significativa, já que Köpke, Klinsmann e Löw concordavam em escalar Lehmann no lugar de Kahn como titular, e o novo preparador de goleiros explicou que se tratava de uma decisão essencialmente tática. "Ambos têm capacidade extraordinária como goleiros, mas estamos convencidos de que Lehmann se encaixa melhor na nossa filosofia de jogo", disse. Lehmann era melhor saindo da área para interceptar passes, enquanto Kahn ficava mais preso à linha do gol.

"Kahn disse uma vez que, para se concentrar, passou a olhar apenas para a bola durante os jogos", lembrou Lehmann. "Foi então que entendi por que ele não tinha antecipado e lidado mais rapidamente com tantas situações nos jogos. Quem olha só para a bola sabe onde ela está, mas não onde estará." A Alemanha estava deixando de ser uma equipe reativa para se

tornar mais proativa, e Lehmann era o homem certo para jogar no gol. Ele terminou a Copa do Mundo de 2006 como uma das estrelas da seleção alemã depois de defender a cobrança decisiva de Esteban Cambiasso na disputa de pênaltis das quartas de final, contra a Argentina. Kahn se aposentou da seleção imediatamente, o que significou que Lehmann se manteve como o titular da meta alemã na Eurocopa de 2008, quando a Alemanha chegou à final. Da Copa de 2010 em diante, o camisa 1 da Alemanha seria Neuer.

Foi uma transição tranquila, já que Lehmann era o camisa 1 do Schalke enquanto Neyer ascendia nas categorias de base. "Jens sempre foi uma referência para mim", declarou Neuer. "Jogou pelo Schalke, e sempre me impressionou tanto pela forma como atuava quanto por seu carisma. Ele é um goleiro ofensivo. Eu costumava chegar cedo nos jogos em casa para vê-lo se aquecer. Ele era inovador e fazia exercícios que eu nunca tinha visto." Mais tarde, Neuer disse que Lehmann foi "de certa forma, um goleiro revolucionário", e que tinha "o estilo mais moderno entre os goleiros europeus". O outro grande ídolo de Neuer, claro, foi Edwin van der Sar, o primeiro goleiro-líbero de verdade na era moderna.

Neuer passou cinco anos como goleiro do Schalke, chamando a atenção de todos quando o clube atingiu as semifinais da Champions League, em 2011, antes de se transferir para o Bayern. Essa é uma fronteira que poucos jogadores ousam cruzar, e aproximadamente 6 mil torcedores bávaros protestaram contra sua contratação na Allianz Arena, com cartazes que diziam "Neuer não!". Mas ele rapidamente conquistou a nova torcida com suas excelentes atuações — debaixo das traves e, cada vez mais, fora da área.

Neuer sempre foi considerado um goleiro agressivo, mas a chegada de Guardiola ao clube em 2013/14 abriu espaço para que se tornasse ainda mais proativo. A linha defensiva do Bayern passou a jogar mais adiantada do que antes, posicionando-se em média a 43,5 metros do próprio gol, enquanto na temporada anterior ela se colocava a 36 metros da meta, o que já significava uma linha bastante arrojada. Enquanto o Bayern construía suas jogadas no campo adversário, Neuer continuamente ajustava seu posicionamento em relação à bola e à linha de defesa, movendo-se para a frente e para trás junto com os defensores. Às vezes, ele se mantinha quinze metros à frente da própria área, e sua confiança com a bola nos pés

produziu momentos realmente memoráveis.

Numa partida contra o Hertha Berlim, Neuer saiu da área e cortou o lançamento com um toque de cabeça por cima do atacante adversário, depois deixou a bola quicar e ainda ajeitou calmamente para Jérôme Boateng. Em outro jogo contra o mesmo adversário, estava tão distante da área que cobrou um arremesso lateral depois de um lançamento longo que saiu pelo lado do campo. Com frequência, driblava um rival que o pressionava usando o "giro Cruyff", e em 2014, contra o Eintracht Frankfurt, produziu um lance incrível quando o lateral-esquerdo Juan Bernat recuou uma bola na altura de sua cintura e Neuer, instintivamente, girou o corpo e tocou de primeira para Xabi Alonso, com o calcanhar. Ele não era um goleiro comum. Löw chegou a afirmar que poderia jogar tranquilamente no meio de campo; Miroslav Klose dizia que Neuer poderia ser atacante na segunda divisão, embora o próprio goleiro tenha reconhecido que a quarta divisão seria mais realista.

Neuer, porém, não era imune a erros e às vezes seu estilo parecia arriscado demais. Na derrota do Bayern por 4 × 0 para o Real Madrid, em 2014, ele errou o tempo de bola duas vezes ao sair da área, permitindo que Gareth Bale e depois Cristiano Ronaldo pudessem chutar a quarenta metros de distância com o gol vazio. A finalização de Bale passou por cima e a bola de Ronaldo quicou perto da trave. Outro incidente similar, contra o Wolfsburg, resultou em um chute de Josuha Guilavogui do meio de campo, que bateu na trave enquanto Neuer observava do campo de ataque. Em geral, no entanto, tudo acabava bem.

A atuação contra a Argélia na Copa do Mundo de 2014 segue sendo a mais célebre de Neuer, com quatro momentos particularmente decisivos. No início do jogo, a Argélia tentou um lançamento longo para Slimani, no corredor esquerdo. Neuer, que já estava fora da área, arrancou para disputar a bola, mas o atacante conseguiu chegar primeiro e dar um toque para o lado. Slimani ajeitou o corpo para chutar meio sem ângulo; Neuer, porém, recuperou terreno suficiente para conseguir bloqueá-lo com um carrinho, ainda fora da área.

Essa jogada deu o tom da partida. Mais tarde, quando Mertesacker tentou desarmar Slimani desesperadamente e a bola sobrou, Neuer disparou novamente para fora da área, em direção ao meio-campista argelino Sofiane

Feghouli e ao zagueiro Boateng, que apostavam corrida para alcançar a bola. O goleiro chegou antes e afastou o perigo com um carrinho lateral. Depois, uma bola lançada em diagonal para Slimani, que tentava continuamente explorar as costas da defesa alemã, forçou Neuer a mais uma vez abandonar o gol, desta vez para um corte espetacular de peixinho. A dois minutos do fim do tempo regulamentar, ele fez mais um corte de carrinho, evitando um avanço rápido de Feghouli.

O conceito do goleiro que sai da área para cobrir os espaços às costas da defesa não era novo, mas Neuer fazia a função com muito desprendimento. O carrinho em Slimani, por exemplo, aconteceu com o goleiro correndo em direção ao próprio gol, isto é, se pareceu mais com um clássico carrinho de zagueiro, um último recurso, que com a contribuição mais esperada de um goleiro de perfil agressivo, que encara a jogada de frente. "Há anos o meu estilo é esse que usei aqui", ele explicou após o triunfo alemão. "Foi a atenção global de uma Copa do Mundo que propiciou uma plataforma totalmente diferente. Nossa partida contra a Argélia fica na memória porque tive que sair da área para jogar na linha muitas vezes." Neuer também indicou que seu posicionamento avançado se justificava porque os dois zagueiros alemães, Mustafi e Mertesacker, não eram particularmente rápidos, e que o campo molhado o ajudara, já que os passes longos ganhavam velocidade ao tocar na grama e as bolas ficavam mais para ele.

"Se um time tenta empurrar os adversários para trás e seus defensores sobem, isso significa que o time todo vai ao campo de ataque, e é óbvio que o goleiro precisa subir junto", disse Löw. "Se um jogador rival consegue fazer um lançamento de sessenta metros, a gente precisa de um goleiro que saiba jogar fora da área. Neuer tem a mesma capacidade técnica que os outros dez. Tem ótima noção de espaço e de distâncias."

Apesar de o futebol alemão não contar com uma grande linhagem de goleiros-líberos, essa evolução foi provavelmente mais significativa na Alemanha do que em qualquer outro lugar. Afinal, o país sempre foi obcecado por seus líberos construtores de jogadas, extintos quando seus times passaram a adotar a defesa em linha e com avanço sincronizado para deixar o ataque rival em impedimento. Köpke, preparador de goleiros da seleção, foi perguntado se já tinha visto alguém melhor do que Neuer para cobrir os espaços por trás da defesa. "Apenas Beckenbauer, talvez", respondeu. Um jornal alemão publicou, depois da partida contra a Argélia,

uma imagem na capa com a fusão dos rostos de Neuer e Beckenbauer. O posicionamento agressivo do goleiro, portanto, pode ser considerado tanto a reinvenção da função de líbero quanto a da posição de goleiro.

O próprio Beckenbauer, entretanto, mostrou-se menos entusiasmado. "Eu não diria que ele é um líbero melhor do que eu", declarou, mal-humorado. "Sim, Neuer nos salvou em algumas situações, como um jogador de linha faria, mas cautela não foi sua preocupação. Em duas situações ele teve sorte de chegar na bola no momento exato. Se tivesse chegado um pouco atrasado, poderia ter sido expulso. Prefiro que ele permaneça debaixo do gol contra a França." Um bem acabado lembrete da abordagem à moda antiga, conservadora, que o futebol alemão havia deixado para trás. Mais tarde, muitos consideraram que Neuer teve sorte de não ser punido pelo choque com Gonzalo Higuaín na final, quando saiu até a beirada da grande área para socar a bola após um lançamento.

O posicionamento de Neuer se tornou parte tão fundamental do modo como seu time jogava que influenciou na opção de seu técnico entre diferentes formações. De modo geral, Guardiola se sentia mais confortável escalando um zagueiro a mais contra atacantes perigosos; três zagueiros contra uma dupla de atacantes, ou uma linha de quatro defensores ao encarar três homens de frente. Isso mudou por causa de Neuer. Em sua segunda temporada, o Bayern de Guardiola foi enfrentar o Barcelona na semifinal da Champions League e iniciou a partida adotando uma formação incrivelmente arrojada. Contra o trio de ataque mais temido do continente, formado por Leo Messi, Luis Suárez e Neymar, usou uma defesa formada apenas por Boateng, Rafinha e Medhi Benatia.

Em temporadas anteriores, Guardiola certamente teria usado a linha de quatro defensores nessa situação. Mas passou a considerar que Neuer oferecia segurança suficiente à defesa, permitindo ao Bayern pressionar em zonas mais avançadas com sete de seus jogadores contra sete rivais durante os primeiros minutos de jogo. O Barça usou um número incomum de bolas longas, e Neuer teve que sair de sua área duas vezes para funcionar como líbero. Guardiola não manteve esse sistema de jogo incomum por muito tempo e recuou Bernat para compor uma linha de quatro aos quinze minutos — e o Bayern perdeu por 3 × 0 com três gols marcados na parte final da partida, incluindo o memorável gol de Messi encobrindo Neuer com uma cavadinha. A maneira como o Bayern iniciou o jogo, no entanto,

demonstra como Guardiola considerava Neuer um décimo primeiro jogador de linha, o que lhe permitia reduzir o número de defensores em campo.

À frente de seu goleiro, Guardiola continuou usando zagueiros pouco convencionais. No Barcelona, ele havia transformado o volante Javier Mascherano em jogador de defesa, e às vezes usava Yaya Touré ou Sergio Busquets no miolo da zaga, explicando que, como seu time dominava a posse e sua defesa jogava perto do meio de campo, um zagueiro no Barça equivaleria a um volante em outras equipes. No Bayern, fez algo parecido com Javi Martínez, mas também converteu o versátil e enérgico Joshua Kimmich em defensor, ao passo que os laterais Bernat, Lahm, Rafinha e David Alaba foram muitas vezes deslocados para atuar mais centralizados.

Esses laterais também passaram por outra importante revolução. Ao chegar à Alemanha, Guardiola se viu comandando a melhor dupla de laterais do mundo: Lahm pela direita e Alaba pela esquerda. Ambos eram capazes de cumprir todas as funções de jogadores da posição, defendendo bem os espaços nos lados do campo e fazendo ultrapassagens por fora em velocidade no ataque, permitindo que Arjen Robben e Franck Ribéry cortassem para dentro. Mas ambos também eram muito mais talentosos do que a média com a bola nos pés.

Jamie Carragher, ex-defensor do Liverpool, declarou certa vez que ninguém de fato quer acabar jogando como lateral; que alguém nessa posição era um zagueiro que havia fracassado ou um ponta que não tinha dado certo. Lahm e Alaba, no entanto, eram casos um pouco diferentes. Eles haviam fracassado — se é que essa é a palavra correta — como meios-campistas. Lahm costumava jogar por dentro em seus anos nas categorias de base do Bayern, enquanto Alaba foi transformado em lateral por Van Gaal já tardiamente em seu processo de desenvolvimento. Quando foi emprestado ao Hoffenheim, atuava no meio de campo, onde também jogava regularmente pela seleção da Áustria. Em qualquer outro clube da Bundesliga, tanto Lahm quanto Alaba possivelmente acabariam jogando no meio, mas o Bayern tinha tanto talento reunido naquela região do campo que os dois acabaram se tornando laterais. Mesmo assim, o nível altíssimo de inteligência tática que exibiam abriu novas possibilidades para Guardiola.

A formação dos times de Guardiola depende das regras complexas que ele

agrega à filosofia do Jogo de Posição. Pep divide o campo em diferentes seções, formando visualmente uma espécie de tabuleiro, e busca evitar que muitos jogadores ocupem uma mesma linha, tanto horizontal quanto verticalmente, quando o time tem a bola. Isso evita passes previsíveis para o lado, permite movimentações mais fluidas e faz os jogadores se distribuírem de maneira uniforme no campo, facilitando a pressão caso percam a posse. Uma regra de ouro diz que o lateral e o ponta nunca devem estar posicionados na mesma linha vertical, e isso normalmente significa que, quando o lateral sobe por fora, o ponta se move para dentro. Guardiola, porém, inverteu essa ideia.

Como a maioria de seus experimentos táticos na Alemanha, a iniciativa surgiu por conta de sua determinação em se proteger de contra-ataques. No futebol moderno, passou a ser comum ver times de muita posse de bola avançando os dois laterais simultaneamente até a altura da última linha da defesa adversária e alargando o campo. Mas o arranjo se mostrava desastroso quando a bola era perdida; muitas vezes, passava a existir um buraco de cinquenta metros entre zagueiro e lateral, oferecendo-se muito espaço para o rival explorar os corredores e contragolpear. Os laterais, avançados e abertos demais para terem qualquer esperança de voltar a tempo, não conseguiam impedir a investida. Portanto, em vez de fazer seus laterais ultrapassarem os pontas o tempo todo, Guardiola decidiu trazê-los para dentro, transformando-os em meios-campistas posicionados de ambos os lados do volante à frente da defesa. Assim, se a bola era perdida, os cinco jogadores de retaguarda do Bayern — os quatro defensores mais o cabeça de área — estariam juntos e solidamente agrupados, permitindo ao adversário espaço por fora, mas não entre eles.

Nenhum outro time tinha laterais capazes de jogar assim. Lahm e Alaba ficavam à vontade mesmo recebendo a bola de costas para o ataque, uma situação completamente diferente de receber a bola aberto, com a visão completa do campo. Um aspecto bastante peculiar, porém, era o hábito do Bayern de empregar jogadores capazes de jogar bem tanto na posição central do meio de campo quanto na lateral-esquerda. Em uma vitória por 1 × 0 sobre a Inter de Milão em fevereiro de 2011, Van Gaal iniciou o jogo com o brasileiro Luiz Gustavo na lateral e Danijel Pranjic no meio de campo, mas inverteu os dois depois de cinco minutos por alguma questão tática que não ficou muito clara. Antes disso, entre 2002 e 2009 — com um hiato de um ano pelo empréstimo do jogador ao Santos —, o time alemão

contou com o incrível Zé Roberto, que também jogava confortavelmente como volante ou lateral. Quando Zé Roberto foi para o Hamburgo, passou a atuar ocasionalmente como um lateral-esquerdo que fechava por dentro para se tornar mais um meio-campista centralizado, um movimento que pareceu bizarro à época, mas que de algum modo antecipava a função que seu ex-clube "inventaria" com Guardiola.

Antes de começar a estruturar o time dessa maneira revolucionária, Guardiola já havia usado Lahm como um volante convencional no início de sua primeira temporada na Alemanha. A ideia gerou certa celeuma, já que Lahm passara a última década na lateral — às vezes na direita e às vezes na esquerda —, mas nunca centralizado. Na pré-temporada, ele foi usado como uma espécie de camisa 8, com a missão de participar ativamente do ataque e da defesa, como costumava fazer pelos lados. Na Supercopa contra o Borussia Dortmund, no entanto, foi escalado para jogar como cabeça de área propriamente dito, posição que exige mais disciplina posicional e responsabilidade para conduzir o jogo de um lado a outro. Era uma transformação drástica, de uma posição dinâmica pelas beiradas do campo para uma mais estática pelo centro, mas Guardiola afirmou que seu novo capitão era "talvez o jogador mais inteligente que já treinei".

Lahm passou a exercer várias funções diferentes. No primeiro encontro entre Guardiola e Jürgen Klopp, uma vitória por 3 × 0 do Bayern sobre o Borussia Dortmund, começou o jogo como cabeça de área, foi jogar mais adiantado no meio de campo e terminou como lateral. Um comentarista chegou a brincar que o capitão do Bayern era um — respire fundo — "verteidigende Mittefeldgflügelstürmer", termo em alemão para "defensor-meia-ponta-atacante". Ele era um jogador universal, capaz de fazer ultrapassagens em velocidade ou ditar o ritmo do jogo no meio de campo. "O futebol mudou, e hoje em dia é difícil encontrar jogadores que não atuem em mais de uma posição", constatou Lahm. "Os jogadores modernos são muito flexíveis. Se pensarmos em dez ou quinze anos atrás, eram muitos os jogadores altos e fortes, mas hoje isso só é verdade para goleiros, zagueiros e talvez para o centroavante. Todos os outros são basicamente meios-campistas." Chegar a isso, claro, havia sido um dos principais objetivos de Guardiola no Barcelona.

A função de Alaba era diferente. Embora estivesse acostumado a jogar no meio de campo pela seleção austríaca, não foi escalado nessa posição por

Guardiola em sua primeira temporada, sendo mantido como lateral-esquerdo — pelo menos no papel. Pouco a pouco, no entanto, ficou claro que Alaba não fazia tantas ultrapassagens como na época em que era comandado por Jupp Heynckes, e começava a fechar por dentro quando o time tinha a bola. Ao fazer isso, arrastava o ponta-direita adversário para uma área mais central do campo e abria espaço para Franck Ribéry receber a bola um pouco mais recuado, longe da marcação do lateral rival.

Guardiola passou a colocar essa ideia em prática com cada vez mais frequência ao longo da temporada. Lahm em algumas ocasiões foi escalado numa função híbrida — meio lateral, meio volante. "Jupp era incrível e nos fez jogar muito bem, mas nossos adversários passaram a conhecer a forma como gostávamos de atuar", disse Lahm. "Agora jogamos de maneira um pouco diferente, e isso é bom. Para os laterais, é muito importante porque temos permissão para chegar ao ataque da forma que nos parece melhor a cada momento. Podemos ir por dentro ou por fora, e temos liberdade quase total para chegar à frente."

Quando aconteceu a vitória por 4 × 0 sobre o Schalke, em setembro de 2013, já era óbvio que os laterais do Bayern deveriam ser considerados parte do bloco de meio de campo, e não de defesa. Nessa partida, Lahm foi o cabeça de área, com Rafinha e Alaba a seu lado, e o desenho da equipe foi efetivamente um 2-3-4-1. Tanto Rafinha quanto Alaba tinham liberdade para jogar por dentro quando necessário, fazendo ultrapassagens por fora ocasionalmente.

Mas a versão mais radical desse sistema apareceu na vitória por 3 × 1 sobre o Manchester United, pelas quartas de final da Champions League. Guardiola tinha ficado decepcionado com a formação da equipe na fase anterior, quando a defesa esteve muito exposta aos contra-ataques do Arsenal, e prendeu mais os dois laterais, Lahm e Alaba. Eles passaram a jogar sempre por dentro, formando os dois vértices laterais de um losango, com Toni Kroos na base e Mario Götze mais à frente. Robben e Ribéry cobriam, sozinhos, os corredores laterais, enquanto Thomas Müller e Mario Mandzukic formavam a dupla de ataque. Era um sistema de jogo fora do comum, que Guardiola descreveu ao elenco como um 2-3-3-2 quando anunciou qual seria o time titular — um dia antes do normal, já que seria necessária uma preparação mental extra para absorverem o sistema e colocá-lo em prática. Mas a formação fazia pleno sentido lógico: o Bayern

contaria com qualidade de passe no meio de campo mesmo com as ausências de Thiago Alcântara e Bastian Schweinsteiger, enquanto seus velozes pontas teriam mais espaço pelos lados.

Em campo, contudo, o jogo do Bayern teve pouca intensidade, e melhorou quando Rafinha entrou no lugar de Götze, passando Lahm definitivamente para o meio de campo. Um belo chute de Patrice Evra no ângulo tinha dado ao Manchester United de David Moyes uma surpreendente vantagem no placar, mas Müller, Mandzukic e Robben garantiram a vitória do Bayern. É difícil afirmar que qualquer um dos gols tenha sido resultado direto da formação incomum utilizada pelo time, mas o Bayern manteve domínio quase completo do jogo e não correu risco nos contra-ataques.

Segundo o relato de Martí Perarnau, entretanto, Guardiola celebrou a vitória de maneira especial, abrindo uma garrafa de champanhe, justamente porque havia usado um sistema tão pouco usual. A atuação não foi mais dominante do que a maioria das pessoas esperava e também não veio com goleada — em um confronto entre o campeão disparado da Bundesliga e um time que terminaria na sétima posição da Premier League —, mas Guardiola estava radiante porque havia conseguido aprimorar sua estratégia e ajudado a criar uma posição quase inteiramente nova sem perder qualidade na equipe. "Minha compreensão das funções de um lateral mudaram na Alemanha", reiterou ele mais tarde. "Não penso mais neles como alas de ultrapassagem, mas como meios-campistas, e isso me dará espaço para desenvolver jogadores de meio de campo muito diferentes daqueles que tive no passado."

Era uma resposta direta aos contra-ataques velozes que dominavam a Bundesliga, mas o homem que havia vencido o Campeonato Alemão pouco antes de Guardiola não ficou totalmente convencido. "Os alemães têm dificuldade de entender essa ideia", disse Jupp Heynckes. "Os dois zagueiros ficam isolados, com os laterais ao lado de Kroos. É um movimento que o futebol alemão considera um pouco chocante." Guardiola sempre adorou surpreender outros treinadores.

Na seleção alemã, Löw não tentou copiar os laterais de Guardiola, mas replicou o posicionamento de Lahm — o terceiro herói — como primeiro meio-campista à frente da defesa, função que desempenhou nos quatro primeiros jogos da Alemanha na Copa do Mundo de 2014. É verdade que o

atleta não foi tão bem assim nessa posição, e tanto Lahm quanto o time melhoraram depois que ele passou a jogar na lateral-direita. Porém, com vários problemas físicos prejudicando o meio de campo alemão durante o torneio, a versatilidade de Lahm fez sua seleção superar um período potencialmente desastroso, e isso não teria sido possível sem o trabalho e os experimentos de Guardiola no Bayern.

O quarto herói foi Toni Kroos. Guardiola tinha transformado radicalmente seu posicionamento no time, já que Kroos passara a temporada 2012/13 jogando como camisa 10, chegando ao ataque em apoio ao centroavante do Bayern. Pep mudou a formação de meio de campo e, assim, inverteu a posição de Kroos, que passou a jogar como volante armador, por trás dos outros meios-campistas e não à frente deles — na função que o próprio Guardiola exercia tão bem quando ainda jogava. "Ao longo dos anos, fui recuando pouco a pouco — e tudo bem por mim", contou Kroos.

Poucos atletas eram capazes de atuar tão bem em todas as posições do meio de campo, e Kroos jogou, de certa forma, entre as duas posições durante a Copa de 2014. Em um meio de campo que mudou e sofreu alterações seguidas vezes, ele foi a única constante, e se tornou o jogador alemão mais consistente ao longo do torneio, combinando a capacidade de passe desde a saída de bola com eventuais chegadas ao ataque. Suas atuações o levaram ao Real Madrid, onde se saiu maravilhosamente bem como primeiro homem de meio de campo e depois como camisa 8.

No ataque, uma situação interessante se desenrolou. A Alemanha tinha passado a divulgar a lista de suas convocações de maneira nada convencional, dividindo os convocados em três seções em vez de quatro: goleiros, defensores e meios-campistas/atacantes. A distinção entre as duas últimas categorias, universalmente aceita, havia desaparecido. Afinal de contas, o elenco alemão contava às vezes com apenas um atacante de ofício: Miroslav Klose. Portanto, ele competia por uma vaga no time titular com outros jogadores que eram considerados meios-campistas, como Thomas Müller e Mario Götze. Era um contexto que fazia lembrar a declaração de Vicente del Bosque de que David Silva, Andrés Iniesta e Cesc Fàbregas eram atacantes. Nas duas seleções europeias mais dominantes da época, os atacantes de verdade estavam quase extintos.

Artilheiro da Alemanha na Copa do Mundo de 2014 e, portanto, o quinto

herói da conquista, Müller era o jogador mais fascinante do elenco. Mais do que simplesmente versátil, era um atleta impossível de categorizar: ficava no meio do caminho entre as posições de meia-atacante, atacante pelo lado direito e centroavante. “Não gosto de ser classificado como atacante. Não me vejo como um”, protestava ele. “Gosto de participar do jogo atrás do meio de campo adversário, que é onde consigo causar mais estragos ao outro time. Sou um misto entre atacante e meia.” Guardiola considerava Müller quase impossível de treinar porque seu jogo era absolutamente instintivo, e o próprio Müller disse ao técnico que ficava mais confortável em campo quando não tinha nenhuma responsabilidade, o que era simplesmente inviável no Jogo de Posição de Guardiola.

Müller não era suficientemente disciplinado para jogar no meio de campo e não tinha repertório o bastante para jogar aberto. Complicado entender exatamente no que ele era bom, além de marcar gols — e, mesmo assim, quando jogava como centroavante, parecia desconfortável, pois não conseguia fazer as chegadas à área vindo de trás, sua marca registrada. “Thomas é um jogador nada ortodoxo e é impossível prever sua movimentação”, disse Löw. Ninguém compreendia Müller completamente, e a melhor descrição de seu papel foi dada por ele mesmo.

“É difícil encontrar jogadores com um estilo similar ao seu. Consegue pensar em um?”, Müller foi perguntado em uma entrevista para o Süddeutsche Zeitung. “Não. De certa forma, sou um jogador único”, respondeu. “Existem pontas que são parecidos, e também atacantes, mas o que eu sou?” O entrevistador pressionou: “Então. Müller é o quê?”, e a persistência foi premiada. “Hmmm, bom, eu sou o quê? Sou um Raumdeuter? Isso, um Raumdeuter. Dá uma boa manchete, né?”

E não apenas uma boa manchete. O termo Raumdeuter [intérprete de espaços] passou a definir uma função tática completamente nova. Alguns anos depois, o Football Manager, jogo de computador bastante popular, já passava a oferecer cinco opções para classificar os jogadores que atuam pelos lados do campo: extremo, meio-campista aberto, pivô pelos lados, ponta-armador ou Raumdeuter. Müller havia definido, e nomeado, a própria função. A língua alemã é famosa por contar com diversas palavras, geralmente substantivos compostos, que descrevem conceitos que em outras línguas costumam precisar de uma frase completa. Agora, o alemão cunhava um termo para definir o atacante móvel, versátil e goleador que

gosta de chegar à área, mas não de estar sempre nela.

O Raumdeuter da seleção começou voando na Copa do Mundo de 2014, marcando logo três gols no jogo de estreia, contra Portugal. No fim, ganhou a chuteira de prata como vice-artilheiro da competição (anotou cinco gols), um complemento interessante para a chuteira de ouro que havia recebido quatro anos antes. Assim como Neuer, que agora era renomado como goleiro-líbero, e Lahm, que personificava o lateral que jogava por dentro no modelo de Guardiola, Müller ajudou a construir uma revolução tática sutil.

Finalmente, temos o sexto herói: Mario Götze. A essa altura, muitos já acreditavam que ele se tornaria um dos melhores jogadores do mundo, tendo sido a primeira contratação de Guardiola para o Bayern porque, em teoria, poderia se tornar seu novo Messi. Antes, no Borussia Dortmund, Götze havia jogado como meia-atacante, mas Guardiola queria convertê-lo em um falso 9. A carreira de Götze no Bayern não foi bem-sucedida: ele sofreu com lesões subsequentes, retornou ao Dortmund depois da saída de Guardiola do time de Munique em 2016, e acabou não sendo convocado por Löw para a Copa do Mundo de 2018.

Mas a determinação do treinador espanhol em transformá-lo em um falso 9 foi fundamental em 2014. Götze já havia algumas vezes sido essencial nessa função — o mais memorável de seus bons momentos veio quando abriu o placar em seu retorno a Dortmund como jogador do Bayern, a primeira vez que Guardiola o usou como falso 9 —, de modo que Löw tinha a opção de usá-lo na frente. Em três partidas da Copa de 2014, ele começou no ataque ao lado de Müller e Mesut Özil, com os três sempre trocando de posições para confundir a marcação adversária. Götze acabou perdendo a vaga de titular quando Löw decidiu voltar a empregar um camisa 9 clássico, Klose.

Aos 36 anos de idade, no entanto, Miroslav Klose não aguentaria os 120 minutos da final contra a Argentina, então Löw recorreu a Götze. "Eu disse a ele: 'Ok, mostre ao mundo que você é melhor que o Messi e pode decidir a Copa'", relembrou Löw depois. "Falei isso a ele. Sempre tive um bom pressentimento quanto a Götze. Ele é um iluminado e pode atuar em qualquer posição no ataque." Götze jogou como atacante pelo meio e, a sete minutos do fim da prorrogação, recebeu o cruzamento de André Schürrle, dominou no peito e decidiu a partida com um voleio de pé esquerdo — o seu pé "ruim".

Do ponto de vista técnico, foi um belíssimo gol, mas suas origens "táticas" é que são notáveis. Guardiola havia criado a função do falso 9 para Messi no Barcelona, foi para o Bayern e levou Götze ao clube para que se tornasse o novo Messi. Aí Löw o coloca na final da Copa do Mundo contra a Argentina de Messi, o desafia a provar que era melhor do que o argentino e ele marca o gol da vitória jogando justamente na posição em que atuava por influência do próprio Messi.

Em 2012, todos tinham esperado que a Alemanha fosse superar a Espanha e se tornar a nação dominante no futebol europeu graças à influência espanhola sobre o jogo alemão. Não foi exatamente assim que aconteceu. Em 2014, porém, os alemães deixaram a Espanha para trás e derrotaram os argentinos — graças à influência hispano-argentina sobre seu jogo de ataque.

Transição: Alemanha — Inglaterra

O ano de 2016 trouxe o título mais improvável da história da primeira divisão inglesa, quando o Leicester City de Claudio Ranieri, de forma extraordinária, superou os favoritos e conquistou a Premier League. Antes do início da temporada, as casas de apostas pagavam 5 mil para 1 pelo título do Leicester.

Foi uma história incrível, um feito verdadeiramente inimaginável que atraiu a admiração do mundo todo. Mas também foi a prova de que a Premier League precisava urgentemente ser repensada. Os grandes clubes, com suas folhas salariais de valores muito mais altos que os do azarão Leicester, tinham falhado porque seus treinadores não corresponderam às expectativas — e a performance ruim dos times ingleses nas competições europeias também sugeria que eles iam ficando para trás.

Um a um, contudo, os maiores técnicos da Europa começaram a desembarcar na Inglaterra. O primeiro foi Jürgen Klopp, bicampeão da Bundesliga, que chegou ao Liverpool no início de 2015/16. O alemão, com seu jeito apaixonado e intenso, sempre pareceu perfeito para o Liverpool, e demonstrou que era o homem certo para o cargo em uma dramática vitória por 4 × 3 sobre o Borussia Dortmund, seu ex-clube, nas quartas de final da Europa League, confronto que terminou com placar agregado de 5 × 4.

Àquela altura, já havia sido confirmada a chegada à Inglaterra do catalão que vencera três vezes o Campeonato Espanhol, três vezes o Campeonato Alemão e duas vezes a Champions League: Pep Guardiola. Ele deixaria o Bayern de Munique para se juntar a Klopp na Premier League, atraído pelo Manchester City por conta da presença de alguns antigos companheiros de Barcelona na alta hierarquia do clube inglês. Os dois treinadores que tanto haviam feito para tornar a Bundesliga fascinante passariam a competir entre si na Inglaterra.

Guardiola repetiria também sua velha rivalidade de El Clásico com José Mourinho. Demitido do Chelsea na metade de 2015/16, o português estava no comando do Manchester United. Sua reputação tinha sido abalada

depois da saída de Stamford Bridge, mas Mourinho ainda contava com oito títulos nacionais em quatro países diferentes, além de dois troféus da Champions League, em seu currículo.

O Chelsea, por sua vez, assinara com Antonio Conte, três vezes campeão da Serie A com a Juventus e, aparentemente, um bom nome para um clube que se preocupava menos com estilo do que seus rivais e cuja torcida se contentava em comemorar vitórias na base da estratégia e da inteligência.

Arsène Wenger seguia no Arsenal, Mauricio Pochettino fazia um grande trabalho no Tottenham e Ronald Koeman, tricampeão da Eredivisie, tinha deixado o Southampton para comandar o Everton. Era o mais variado e auspicioso grupo de treinadores que a Premier League jamais vira, e não seria possível para o Leicester repetir seu incrível título.

Enquanto o time de Ranieri venceu a Premier League com 81 pontos, os dois campeões seguintes somaram 93 e 100. O feito do Leicester não pode ser diminuído, mas o nível havia subido consideravelmente graças à chegada dos melhores treinadores do continente. Na temporada 2018/19, o declínio do futebol alemão e o novo predomínio inglês já eram evidentes: quatro dos oito times nas quartas de final da Champions League disputavam a Premier League, e três deles haviam eliminado equipes alemãs nas oitavas. Somando os placares, um agregado de 17 × 3.

Esse período de dominação inglesa seria diferente dos períodos holandês, italiano, francês, português, espanhol e alemão. Não se baseava na promoção de um estilo inglês próprio, mas na influência dos vizinhos de continente sobre o futebol jogado na Inglaterra. Para aqueles que haviam acompanhado o futebol europeu de perto nos 25 anos anteriores, portanto, a Premier League passava a oferecer uma série de estratégias e histórias bastante familiares.

parte 7
2016 - 2020
FOOT
BALL

19

A mistura

Em 2016, a Inglaterra havia se tornado a casa do mais impressionante grupo de treinadores em toda a Europa, mas nenhum deles tinha nascido no país. Era impossível, portanto, afirmar que o retorno da Premier League a um lugar de destaque representava a ascensão de um estilo inglês; do mesmo modo, aliás, era cada vez mais difícil concluir se ainda existia um "estilo inglês" que pudesse ser identificado no mais alto nível do futebol.

Ao redor do continente, o jogo praticado pelos ingleses é visto de maneira muito clara. Os italianos se referem aos árbitros que deixam o jogo correr e não punem entradas duras como "árbitros ingleses". Eric Abidal, ex-defensor do Barcelona, disse certa vez sobre Andrés Iniesta: "Ele sempre me livra de qualquer problema. Você dá a ele o pior passe possível, um 'passe inglês', e sabe que ele vai conseguir dominar a bola mesmo assim". Até na própria Inglaterra, um técnico de "estilo inglês" é um sujeito antiquado que não sai do básico, evita elaborações táticas muito profundas, exige chegadas firmes e prefere lançamentos longos para o ataque. Na metade da década de 2010, entretanto, nenhum dos melhores treinadores da Premier League praticava esse estilo, e mesmo a segunda divisão era cada vez mais dominada por estrangeiros que implementavam um estilo de futebol menos físico e mais técnico.

Mas um pequeno grupo de treinadores ainda permanecia na Premier League representando o velho jogo inglês. Sam Allardyce iniciou esse período no comando da seleção nacional, mas durou apenas um jogo no cargo e foi demitido depois de ser filmado afirmando que as regras da Federação Inglesa sobre transferências de jogadores podiam ser contornadas. Mais tarde, ele assumiu o Crystal Palace e o Everton, mas sua fama ainda se deve a suas primeiras passagens pelo Bolton e pelo Blackburn: dois clubes do noroeste da Inglaterra, sem muita grife, que conseguiam ser competitivos graças ao jogo de ligação direta de Allardyce. Ele havia sido, na verdade, um dos treinadores mais inovadores da Premier League no uso das ferramentas da ciência do esporte, mas sempre no sentido de aperfeiçoar seu estilo antiquado de jogo.

Outro treinador da velha guarda era Tony Pulis. Ele, que é galês e não inglês, dirigia o West Brom em 2016, mas também tinha se tornado mais conhecido por um trabalho anterior, no Stoke City, que até passou a ser chamado de "o novo Bolton" quando subiu para a Premier League em 2008. Pulis não dava a mínima para a posse de bola, e seu Stoke era famoso pela dependência dos arremessos laterais de Rory Delap, a ponto de propositalmente fazer lançamentos longos para o lado do campo com a intenção de que o adversário jogasse a bola pela lateral, permitindo o perigoso cruzamento de Delap com as mãos. O Stoke fazia muitos gols de bola parada, era cheio de jogadores altos e ficou conhecido como o time mais físico da Premier League. "Não dá para dizer que é futebol. Está mais para rúgbi com goleiros", disparou Arsène Wenger sobre a imposição física do Stoke nas bolas paradas. Em 2016, Pulis tentava replicar o mesmo estilo no West Brom, às vezes escalando quatro zagueiros na defesa. Na outra ponta do campo, o centroavante Salomón Rondón fez três gols de cabeça em uma vitória por 3 × 1 sobre o Swansea City — apenas a segunda vez que alguém conseguiu esse feito na história da Premier League, e uma ótima ilustração do estilo preferido de Pulis.

Havia também Sean Dyche, do Burnley, que tinha conseguido um segundo acesso à Premier League em 2016, sobreviveu à primeira temporada na elite e, na temporada seguinte, terminou na sétima posição com um elenco repleto de jogadores ingleses. Ele também representava o futebol inglês tradicional. O Burnley repetia o roteiro cumprido pelo Bolton de Allardyce e pelo Stoke de Pulis, jogando com lançamentos longos em direção ao ataque, defendendo dentro da própria área com muitos chutes bloqueados no último instante e sem nenhum interesse pela posse de bola. "É um mito que apareceu há uns cinco anos essa ideia de que a posse vence jogos", riu Dyche depois de uma vitória sobre o Liverpool no início da temporada 2016/17.

O Burnley de Sean Dyche teve a pior estatística de acerto de passes da primeira divisão em suas duas primeiras temporadas na Premier League, mas em 2018/19 foi "superado" nesse aspecto pelo Cardiff City de Neil Warnock, outro que gostava de lançamentos longos e procurava tirar proveito das bolas paradas. "O que você quer enquanto torcedor? Quer ver finalizações ao gol ou quer ver passes para o lado na altura do meio de campo?", comentou sobre as críticas a seu estilo. O Cardiff havia conseguido subir à primeira divisão acertando apenas 57% dos passes, um

número baixíssimo mesmo para os parâmetros da segunda divisão inglesa.

Dyche e Warnock eram, portanto, dois dos únicos quatro treinadores ingleses na Premier League em 2018/19. O Crystal Palace de Roy às vezes jogava um futebol ofensivo e sempre tinha pontas dribladores, mas Hodgson ainda era considerado um treinador conservador com pouco interesse pela posse. "Muito do tempo de posse de bola acaba ficando a cargo dos jogadores da defesa, ou deles e dos meios-campistas", disse Hodgson em sua passagem como treinador da seleção. "Então eu não acho que estatísticas, especialmente estatísticas de posse de bola, sejam tão importantes."

O único treinador inglês que optava por um futebol realmente ofensivo, vistoso e técnico era Eddie Howe, no Bournemouth, que se mantinha como exceção à regra. Allardyce, Pulis, Dyche e Warnock representavam a ideia clássica do estilo inglês, mas o principal papel deles no desenvolvimento do futebol na Inglaterra era o de protestar contra a popularidade cada vez maior do jogo de posse e reclamar de qualquer tentativa de reprimir entradas mais duras.

Há muitas razões que explicam a obsessão inglesa com um futebol de ligação direta e duelos físicos. O clima no país certamente ocupa um lugar relevante na discussão. Das sete maiores nações do futebol europeu, a Inglaterra tem o maior volume de chuvas e de vento, o que afeta a trajetória da bola e deixa os campos lamacentos demais para um jogo de passes curtos. Mesmo que todos os gramados da Premier League sejam impecáveis hoje em dia, o efeito dos terrenos irregulares sobre as categorias de base não pode ser ignorado.

O impacto do rúgbi — esporte que surgiu como dissidência do futebol e com ele mantém certas similaridades — também explica, pelo menos em parte, a faceta mais física do jogo inglês. O rúgbi é um esporte de máximo contato, e seus torcedores enfatizam o tempo todo como o jogo é duro em comparação com o futebol, que por sua vez sentiu a necessidade, na Inglaterra, de provar sua masculinidade ao exaltar divididas e entradas duras mais do que qualquer outra nação europeia. Enquanto isso, o rúgbi se tornou o esporte de inverno padrão nas escolas particulares, transformando o futebol em um jogo essencialmente "das classes trabalhadoras", o que não é o caso em outros lugares da Europa. O futebol passou a ser olhado de cima para baixo, considerado indigno do conhecimento científico ou acadêmico. Ainda há um

sentimento de anti-intelectualismo arraigado no futebol inglês, e até pouco tempo atrás os treinadores eram avaliados, basicamente, por suas capacidades de motivação e gestão de grupo, mais do que pelas qualificações táticas.

Talvez mais importante que tudo isso tenha sido a influência de Charles Hughes no pensamento tático inglês. Ele foi diretor-técnico na Federação Inglesa nos anos 1970 e fazia uso seletivo de estatísticas que enfatizavam o valor do jogo de lançamentos longos, ressaltando a importância de se colocar a bola na área do adversário, em "posições de máxima oportunidade", uma ideia que influenciou os treinadores a pedir que seus jogadores mandassem a bola para a área o mais rápido possível. As teorias de Hughes foram adotadas de maneira literal demais — para azar do futebol inglês —, mas algumas faziam sentido. Ele destacava, por exemplo, a importância da marcação por pressão.

O foco de Hughes nos chutões em direção à área adversária, e na recuperação da bola nessa parte do campo quando possível, demostrava que o futebol inglês era mais voltado à conquista de território do que à posse de bola, outro traço comparável às estratégias do rúgbi. Em 1990, Hughes ainda se recusava a admitir a importância da posse, dizendo que "o futebol mundial vem caminhando na direção estratégica errada há mais ou menos trinta anos", uma afirmação impressionante e, infelizmente, típica da ideologia futebolística da Inglaterra. Desde então, o futebol inglês alternou períodos de estagnação e tentativas desesperadas de recuperar o terreno perdido, mas a inovação nunca veio — ao menos não na era moderna — de dentro da própria Inglaterra.

Nenhum treinador inglês venceu a primeira divisão do país desde que Howard Wilkinson triunfou com o Leeds em 1991/92, na última temporada antes do início da Premier League — e, mais importante, na última temporada antes da mudança na regra do recuo para o goleiro. O Leeds de Wilkinson jogava na base da ligação direta e teve dificuldades com a novidade. "Antes, o goleiro John Lukic pegava a bola com as mãos e chutava diretamente para o ataque", relembrou o meio-campista Steve Hodge. "Com a mudança na regra, Lukic tinha que lançar do chão e a bola não ia tão longe. Criávamos menos perigo porque ela não chegava mais, diretamente ou depois de algum desvio de cabeça, à entrada da área adversária, ficava pipocando no meio de campo. Além disso, os outros times

começaram a avançar e forçar Lukic a chutar rapidamente.” É incrível que o simples fato de o goleiro não conseguir mais chutar tão longe tenha causado tantos problemas ao campeão nacional, mas a hipótese não causa estranhamento se considerarmos o estilo de jogo do futebol inglês. O Leeds caiu até a décima sétima colocação na temporada seguinte e, mais de um quarto de século depois, a Premier League ainda busca seu primeiro técnico campeão nascido na Inglaterra.

E qual é o estilo inglês atual? Bem, ele se manteve relativamente sem mudanças nas últimas décadas, enquanto a primeira divisão passou a ser dominada por estrangeiros — primeiro jogadores, depois treinadores e, por fim, donos de clubes. O futebol inglês simplesmente não tem produzido atletas ou técnicos suficientemente bons para dissuadir os grandes clubes da ideia de buscar talentos fora do país. Por outro lado — o que também é prejudicial —, os ingleses tradicionalmente relutam em se aventurar em terras estrangeiras, preferindo reclamar sobre a falta de oportunidades em casa. Isso não apenas travou seu desenvolvimento, mas também significou menores chances de o estilo inglês ser apreciado em outras partes do mundo. É claro que os constantes fracassos da seleção em torneios internacionais — normalmente mais por problemas táticos do que pela ausência de talento individual — também não ajudaram a promover o futebol inglês, enquanto uma Premier League multinacional foi se tornando extraordinariamente popular ao redor do mundo.

A partir de 2016/17, portanto, enquanto o clássico futebol inglês era praticado apenas por times de meio de tabela ou que lutavam contra o rebaixamento na Premier League, as grandes equipes do campeonato representavam estilos que haviam definido cada uma das outras escolas futebolísticas da Europa nos 25 anos anteriores. Cada período de dominação — holandês, italiano, francês, português, espanhol e alemão — era representado pelo treinador de um dos sete times mais fortes da liga.

O período holandês, que aconteceu entre 1992 e 1996, tinha como símbolo a figura de Ronald Koeman, o excelente zagueiro-artilheiro que sabia o que fazer com a bola nos pés no Barcelona de Johan Cruyff e na seleção holandesa. Ele havia pendurado as chuteiras em 1997, e a partir de 2016 treinou o Everton, depois de ter trabalhado como auxiliar na Holanda e no Barcelona e assumido o comando de Ajax, psv e Feyenoord em seu país natal, vencendo três vezes a Eredivisie, além de ter treinado também o

Valencia e o Benfica.

No início, Koeman usou o modelo holandês clássico: linha de defesa adiantada, marcação agressiva por pressão e saída de bola pelo chão. Ele havia chegado à Premier League em 2014/15 como substituto de Mauricio Pochettino no Southampton, terminando na sétima colocação em sua primeira temporada e em sexto na segunda, a melhor campanha do clube em trinta anos. Sua capacidade para incrementar o desempenho do sistema defensivo, como esperado, foi particularmente impressionante. Seu Southampton teve a segunda melhor defesa da Premier League em 2014/15, levando apenas um gol a mais do que o Chelsea. A diferença era que o time campeão, treinado por José Mourinho, defendia-se dentro do próprio campo, enquanto a equipe de Koeman empregava a linha de impedimento típica dos holandeses.

Koeman fez um grande trabalho com Toby Alderweireld, zagueiro belga formado no Ajax e que estava emprestado ao clube. Toby teve dificuldades para jogar em um Atlético de Madrid de mentalidade defensiva, mas a abordagem de Koeman no Southampton o revitalizou. Alderweireld foi parar no Tottenham de Pochettino, então Koeman foi buscar um holandês para substituí-lo: Virgil van Dijk, que explicou os benefícios de jogar sob o novo comandante. "Ele era um grande jogador", afirmou Van Dijk sobre seu treinador. "Nunca o vi jogar ao vivo, mas assisti vídeos e ouvi histórias. Posso aprender muito com ele." Van Dijk evoluiria tanto que viria a se tornar o melhor zagueiro da Premier League.

O início de Koeman no Everton, na temporada 2016/17, foi positivo, com treze pontos conquistados nas primeiras cinco partidas. Ele usava dois pontas dribladores, Yannick Bolasie e Kevin Mirallas, e tinha provavelmente a melhor dupla de laterais ofensivos da Premier League, Séamus Coleman e Leighton Baines. A defesa se mantinha adiantada, com o goleiro Maarten Stekelenburg — que começou nas categorias de base do Ajax e atuou na equipe principal sob o comando de Koeman — funcionando como goleiro-líbero. Koeman muitas vezes relacionava seu estilo como técnico ao que havia aprendido de Cruyff. "Ainda hoje, às vezes, preciso tomar uma decisão e tento imaginar o que ele faria ou que tipo de decisão tomaria. Ele é uma enorme inspiração", declarou durante sua primeira temporada no Everton, quando levou o clube à sexta colocação no campeonato.

Um exemplo ainda mais relevante da influência de Cruyff se dava no Manchester City, que passou a ser comandado por Pep Guardiola — antigo companheiro de Koeman na defesa e de quarto nas concentrações do Barcelona. Vinte e cinco anos depois, Koeman e Guardiola colocavam o estilo holandês em prática na Premier League, e Koeman copiava algumas sessões de treino de Guardiola. "Conheço Ronald muito bem e tenho grande respeito por ele enquanto jogador, treinador e ser humano", disse Guardiola. "Aprendi com ele. Ao longo dos anos, falamos muito sobre o jogo e como acreditamos que deve ser jogado. Há muitos pontos sobre os quais concordamos."

Guardiola insistia que seu time saísse jogando pelo chão desde a defesa, no clássico estilo cruyffista, e sua primeira grande decisão no Manchester City foi informar o goleiro Joe Hart, titular da seleção inglesa, de que ele não fazia parte dos planos porque seu jogo com os pés não era suficientemente bom. Para seu lugar, Guardiola contratou Claudio Bravo, do Barcelona, já acostumado a jogar como goleiro-líbero. Bravo era o típico goleiro do "modelo Cruyff": atuava muito adiantado e ficava bastante à vontade com a bola nos pés, mesmo que não fosse tão bom defendendo embaixo das traves. Em determinada altura da difícil primeira temporada de Pep, o chileno havia sofrido catorze gols em 22 chutes no alvo. John Stones, zagueiro trazido do Everton, era um caso similar: bom com a bola nos pés, mas aparentemente lhe faltavam qualidades defensivas naturais. Tanto Stones quanto o volante brasileiro Fernandinho jogavam às vezes numa posição híbrida entre a defesa e o meio de campo, revezando-se entre os dois posicionamentos. Era uma função incomum, mas lembrava a maneira como Van Gaal utilizava Frank Rijkaard no Ajax e como o próprio Guardiola atuava pelo Barcelona com Cruyff, recuando para cobrir Koeman.

Se a manutenção de uma linha de defesa adiantada e a saída de bola pelo chão eram conceitos quase puramente holandeses no início dos anos 1990, já tinham passado a ser considerados padrão para qualquer clube que sonhasse com o título na Inglaterra. Um bom exemplo podia ser visto no Tottenham Hotspur, treinado pelo argentino Mauricio Pochettino, cujo estilo favorito de jogo se inspirava na filosofia holandesa, como no caso de Guardiola. Sua maior influência era o compatriota Marcelo Bielsa — que também chegaria à Inglaterra mais tarde para treinar o Leeds —, um nome que Guardiola coloca ao lado de Cruyff e Juanma Lillo como uma de suas referências no papel de técnico. Pochettino havia treinado o Southampton

antes de Koeman e se concentrado em implementar imediatamente um jogo de pressão no campo de ataque, com linha defensiva muito agressiva, o que explicava por que Koeman se ajustara tão bem ao clube.

Chegando ao Tottenham em 2014/15, Pochettino formou a melhor dupla de zaga da competição, com Alderweireld jogando ao lado de seu parceiro de seleção belga, Jan Vertonghen. Apesar de não serem holandeses, ambos foram formados no Ajax e jogaram juntos no time principal, de modo que tinham ótimo entrosamento e compreensão profunda sobre como defender perto do meio de campo. Passou a existir quase literalmente uma linha defensiva do Ajax jogando na Premier League, já que Pochettino decidiu usar um terceiro zagueiro e foi buscar o colombiano Davinson Sánchez, também proveniente do clube holandês.

Enquanto isso, Guardiola exibia outro clássico conceito holandês: a amplitude total com os pontas. Era de certa forma um movimento inesperado. No Barcelona, ele havia usado atacantes pelos lados que se infiltravam às costas da defesa para receber bolas em profundidade. No Bayern, empregara pontas de pé trocado — um canhoto na direita e um destro na esquerda —, que cortavam para o meio e chutavam de longa distância. No Manchester City, no entanto, passou a usar o destro Raheem Sterling pela direita e o canhoto Leroy Sané pela esquerda, jogando bem abertos, avançando por fora constantemente para cruzar bolas rasteiras na pequena área. Com essa tática, o City marcou muitos gols, finalizados pelo ponta do lado oposto ou pelo maior artilheiro da história do clube, Sergio Agüero.

Koeman, no entanto, durou só uma temporada completa no Everton, e nos primeiros meses de sua segunda temporada já era difícil identificar muita influência holandesa na maneira como o time jogava. Depois de deixar o clube inglês, ele foi anunciado como treinador da seleção da Holanda com a missão de mudar a sorte de seu país natal, que deixara de se classificar tanto para a Eurocopa de 2016 quanto para a Copa do Mundo de 2018. Apesar da falta de talento no setor de frente, Koeman começou bem, em parte pelo surgimento de dois novos prodígios do Ajax: Matthijs de Ligt e Frenkie de Jong, dois defensores/meios-campistas que impressionavam pela tranquilidade com a bola. Os holandeses seguiam produzindo defensores que sabiam jogar, parecidos com o próprio Koeman.

De volta à Premier League, a era italiana, que durou de 1996 a 2000, estava representada por Antonio Conte, treinador do Chelsea. Ele havia sido um meio-campista trabalhador, capitão da Juventus durante o período de domínio italiano. Conte se aposentou em 2004 depois de treze temporadas na Vecchia Signora e passou os dois anos seguintes estudando para sua qualificação como treinador de futebol em Coverciano. Sua dissertação ganhou o título de "Considerações sobre o 4-3-1-2 e o uso analítico do vídeo". Depois de treinar o Arezzo, o Bari, a Atalanta e o Siena, Conte retornou à Juventus em 2011 para comandar a equipe principal. A essa altura, o clube de Turim era uma espécie de gigante decaído. Por causa do escândalo do Calciopoli, a Juve havia sido rebaixada à segunda divisão em 2006, e pouco a pouco voltava à metade de cima da tabela da Serie A. Conte chegou logo depois de o clube amargar a sétima colocação por duas temporadas consecutivas. Sob seu comando, no entanto, a Juventus foi tricampeã italiana — com o primeiro título sendo conquistado de forma invicta.

Depois de ter começado adotando um 4-4-2 com pontas agressivos, Conte mudou para um 3-5-2 na metade de sua temporada de estreia na Juve, trazendo de volta o padrão da Serie A do fim dos anos 1990, quando as linhas de três na defesa se restabeleceram como a norma em relação às linhas de quatro. Conte podia contar com três zagueiros excelentes: os agressivos marcadores Andrea Barzagli e Giorgio Chiellini ao lado da excelência técnica de Leonardo Bonucci. Não era exatamente um catenaccio baseado na marcação homem a homem, mas os italianos ainda defendiam com mais encaixes individuais que o restante dos europeus, e Bonucci jogava, na prática, como líbero. Em 2014, Conte assumiu a seleção italiana e utilizou a mesma formação — com os mesmos zagueiros da Juventus. A Itália foi uma das duas equipes que usaram três zagueiros na Eurocopa de 2016, inclusive na performance mais fascinante do torneio do ponto de vista tático, na vitória por 2 × 0 que eliminou a Espanha, campeã da edição anterior, nas oitavas de final. Depois da eliminação para a Alemanha nos pênaltis, Conte foi imediatamente trabalhar no Chelsea a partir da temporada 2016/17.

No clube inglês, ele tentou inicialmente empregar um 4-3-3 defensivo, que o próprio Chelsea havia usado durante a primeira passagem de José Mourinho pelo clube. Jogando assim, o time começou com três vitórias, mas empatou com o Swansea, perdeu para o Liverpool em casa e foi para o

intervalo na partida contra o Arsenal perdendo por 3 × 0, o que levou Conte a trocar de sistema, para um 3-4-3. “Aquela decisão transformou nossa temporada”, relembrou mais tarde o técnico. Não foi o suficiente para mudar o placar no Emirates, mas o italiano manteve a mesma formação na rodada seguinte. A partir de então, o Chelsea venceu treze jogos seguidos, disparando da oitava colocação para a liderança. Ao final da competição, o Chelsea de Conte se sagrou campeão com 93 pontos, a segunda maior pontuação da história da Premier League na época.

A defesa com três zagueiros não era o plano original de Conte, mas duas contratações cruciais permitiram que ele jogasse dessa forma. A chegada de Marcos Alonso, que jogava como ala-esquerdo na Fiorentina, deu a Conte uma opção de ultrapassagem por aquele lado, e dessa forma o lateral-esquerdo anterior, César Azpilicueta, foi deslocado para o lado direito da zaga, exibindo um nível de versatilidade defensiva que qualquer treinador italiano admiraria. O surpreendente retorno de David Luiz, depois de duas temporadas no psg, também foi positivo para a defesa com três homens. O brasileiro nunca foi convincente como zagueiro convencional, mas atuou muito bem na posição em que Bonucci jogava. Tinha a inteligência para ler bem o jogo e cobrir os espaços às costas dos outros zagueiros, e também sabia conduzir a bola à frente e fazer bons lançamentos em diagonal. “O zagueiro centralizado deve ser mais tático, precisa pensar mais, encontrar o posicionamento correto e comandar os avanços e recuos da defesa no campo”, explicou Conte, essencialmente descrevendo um líbero.

Os adversários que usavam uma linha de quatro não conseguiam lidar com o 3-4-3 de Conte. Tinham dificuldades especialmente com o jogo do Chelsea pelos lados do campo, onde Pedro Rodríguez ou Willian, pela direita, e o brilhante Eden Hazard, pela esquerda, começavam abertos mas flutuavam para dentro, deslocando de posição os laterais adversários. Com isso, os dois alas, Victor Moses e Marcos Alonso, tinham espaço de sobra para explorar em ultrapassagens. O Chelsea efetivamente atacava com cinco jogadores — esse quarteto mais o centroavante Diego Costa —, o que sobrecarregava os quatro defensores do adversário. Com três zagueiros e dois volantes, o time também mantinha uma formação sólida para se proteger dos contra-ataques.

Com o tempo, os outros times perceberam que a melhor forma de anular o 3-4-3 do Chelsea era jogando no mesmo 3-4-3, com o enfrentamento direto

dos alas. A primeira derrota do Chelsea utilizando essa formação veio justamente contra o Tottenham, que espelhou o sistema e, à medida que mais equipes começavam a jogar nessa formação, um maior número delas passava a repetir a mesma fórmula. Na temporada anterior da Premier League, em 31 ocasiões uma equipe tinha iniciado a partida com três zagueiros, ao passo que em 2016/17 foram 130 vezes — destas, apenas oito nas primeiras seis rodadas, antes de Conte adotar o 3-4-3 no Chelsea.

Essas oito situações nas primeiras seis rodadas foram significativas. O Everton de Koeman iniciou a temporada jogando dessa forma — e ele havia se acostumado a jogar com três zagueiros quando entrava em campo pelo Barcelona, claro. Os outros dois treinadores que usaram três zagueiros eram compatriotas de Conte que tinham ajudado a repopularizar a ideia na Serie A. Francesco Guidolin havia feito um excelente trabalho na Udinese usando um 3-5-2 e agora treinava o Swansea. Walter Mazzari levara o Napoli à disputa do título com o 3-4-3 e repetia o sistema no Watford. O sucesso de ambos na Serie A veio antes que Conte começasse a usar os três zagueiros, e tinha ajudado a trazer essa forma de jogar de volta aos campos italianos. Agora, os dois reforçavam a influência italiana sobre a Premier League.

Foi Conte, no entanto, quem serviu de verdadeira inspiração com seu 3-4-3. "Começamos a temporada com outro sistema, mas eu notei que em algumas circunstâncias não tínhamos o equilíbrio ideal", explicou ele. "Por essa razão, mudei para o 3-4-3. Sempre soube que aquele elenco podia jogar nessa formação. Na minha cabeça, essa sempre foi uma possibilidade. Eu conhecia as características dos jogadores e, por isso quando falei com o clube sobre os planos para a temporada, essa era uma alternativa."

O Chelsea se tornou o primeiro time a vencer o Campeonato Inglês usando três zagueiros desde o Everton, em 1962/63. A flexibilidade tática de um treinador italiano acabou com o predomínio da linha de quatro defensores que já durava meio século. "Talvez algumas pessoas não entendam o que Antonio fez na Premier League", disse Guardiola, confessando sua admiração. "Ele introduziu uma forma diferente de atacar, com cinco na defesa, um outro sistema. Muitos times, até o Arsenal, precisaram imitar muitas coisas para tentar jogar assim. Taticamente, ele é um mestre. Acho que Conte vai deixar algo para o futebol inglês — estou certo disso."

A frase “até o Arsenal” foi certeira, já que Conte não conseguiu conquistar um segundo título em sua primeira temporada ao ser derrotado pelo rival na final da Copa da Inglaterra, com os Gunners usando um 3-4-3 claramente inspirado nas ideias do italiano. Arsène Wenger havia passado mais de mil partidas usando a defesa com quatro homens, mas se sentiu compelido a espelhar o sistema do Chelsea, e foi assim que conseguiu triunfar em Wembley.

Wenger, claro, representava o período de domínio francês, acontecido entre 2000 e 2004. A essa altura, muitos aspectos de sua metodologia de trabalho, absolutamente revolucionária quando chegou à Inglaterra nos anos 1990, haviam se tornado padrões bem estabelecidos ou mesmo ultrapassados. Pouco a pouco, portanto, o Arsenal foi ficando para trás, até a saída do francês em 2018, depois de 22 anos no comando. Mas uma forte influência francesa ainda era sentida no setor de ataque do Arsenal. Wenger concretizou as duas transferências mais caras da história do clube em seu último ano. O primeiro a chegar foi Alexandre Lacazette, do Lyon, atacante completo e muito talentoso que sabia recuar para participar do jogo ou explorar o espaço às costas da defesa; o segundo foi Pierre-Emerick Aubameyang, vindo do Borussia Dortmund. Embora Aubameyang jogasse pela seleção do Gabão, seguindo os passos de seu pai, era nascido e criado na França, e representava o típico atacante francês moderno e absurdamente veloz.

Ao chegar ao Arsenal, Lacazette foi perguntado sobre o legado de outros atacantes franceses no clube: Nicolas Anelka, Sylvain Wiltord e, principalmente, Thierry Henry. “Anelka e Wiltord jogaram um pouco antes do meu tempo. Eu era muito novo quando eles estavam no auge”, respondeu. “De Henry sempre fui fã, claro, então segui sua carreira de perto. Ele sempre foi uma grande referência para mim.”

Aubameyang era mais parecido com Henry, especialmente pelo fato de jogar partindo do lado esquerdo, cortando para dentro e finalizando no canto oposto. Era, portanto, perfeitamente apropriado que ele usasse a camisa 14 que foi de Henry. Depois de um belo gol de Aubameyang na vitória por 4 × 2 sobre o Tottenham, seu companheiro de time, Aaron Ramsey, ressaltou as similaridades. “Ele faz isso nos treinamentos o tempo todo”, disse o galês. “Coloca sempre a bola no canto, e usa a velocidade. Me lembra muito das finalizações que Henry fazia.” Wenger também comparou

os dois, mas por causa da “qualidade de suas infiltrações”.

Em geral, Wenger preferiu, durante sua última década no Arsenal, meios-campistas com capacidade de armação jogando mais recuados, em vez de cabeças de área mais defensivos. Mas o carregador de água francês era representado na Premier League por N’Golo Kanté. Ele apareceu no extraordinário título do Leicester em 2015/16, quando ganhou fama por sua reserva inesgotável de energia, e chegou ao Chelsea em 2016/17 para jogar de maneira parecida, tornando-se o primeiro jogador a vencer dois títulos seguidos da Premier League por clubes diferentes e sendo, em ambas as campanhas, o líder do campeonato em desarmes e interceptações. “Preciso prever se um ataque do nosso time vai dar errado e o que precisa ser feito para evitar o contra-ataque”, explicou ele. “É importante sempre pensar no que pode acontecer, tanto ofensiva quanto defensivamente.”

O jogo de Kanté com a bola era correto, mas não tão incisivo, e ele raramente chegava ao ataque, já que era o clássico domestique francês, satisfeito em realizar o trabalho duro, assim como seus compatriotas Didier Deschamps e Claude Makélélé faziam pelo Chelsea e pela França. Na seleção, Deschamps usou Kanté como seu cabeça de área no título mundial de 2018. Makélélé, por sua vez, frequentemente ressaltava a qualidade de seu sucessor. “As pessoas falam na ‘posição Makélélé’, mas eu estou velho e já é hora de começar a chamar de ‘posição Kanté’. N’Golo merece.”

Kanté foi escolhido pela pfa [Professional Footballers Association — Associação dos Jogadores de Futebol Profissionais da Inglaterra] como o melhor jogador da temporada em 2016/17 e se tornou bastante popular no futebol inglês precisamente porque era excelente nos desarmes, uma qualidade mais valorizada na Inglaterra do que em qualquer outro lugar. Quando passou a jogar mais adiantado com o sucessor de Conte, Maurizio Sarri, houve muita repercussão dentro do clube pelo fato de ele não estar mais desarmando tanto.

O Leicester substituiu Kanté por outro francês, Nampalys Mendy, que já tinha jogado com Claudio Ranieri no Monaco. “Na primeira vez que encontrei Ranieri, ele me chamou de ‘novo Makélélé’”, relembrou o jogador. Ranieri, agora, queria que ele se tornasse o novo Kanté. Mais tarde, Mendy passou a jogar ao lado de Wilfred Ndidi, que tinha estatísticas de recuperação de bola do nível de Kanté, liderando a Premier League em

número de desarmes em 2017/18. A essa altura, já era relativamente incomum ver um time da Premier League com dois volantes puramente defensivos, mas o Leicester passara a ser treinado pelo francês Claude Puel. Ele havia sido um cabeça de área bastante combativo no Monaco de Wenger, e seguia sendo um entusiasta do modelo francês, escalando múltiplos ladrões de bola no meio de campo.

A era portuguesa, de 2004 a 2008, era representada por uma figura familiar: José Mourinho. Ele retornou ao futebol inglês para treinar o Chelsea em 2013, foi campeão inglês em sua segunda temporada e acabou demitido no meio de um período de resultados desastrosos em 2015/16. Depois, reapareceu como treinador do Manchester United. Seus times continuavam a jogar de maneira mais defensiva do que aquele antigo Porto e, em sua primeira temporada em Old Trafford, ele garantiu a segunda melhor defesa da Premier League, levando apenas 29 gols em 38 partidas. Mas o United marcou somente 54 gols, enquanto as cinco equipes que terminaram acima do clube na tabela fizeram pelo menos 77.

Mourinho manteve a eficiência nas copas. Ele venceu primeiro a Copa da Liga e depois a Europa League, com uma vitória por 2 × 0 sobre o Ajax na final, quando previsivelmente deixou o time holandês ficar com a bola e jogou no contra-ataque. A segunda temporada foi melhor que a primeira. O United foi vice-campeão inglês e, mesmo muito distante do campeão Manchester City na classificação final, evitou a festa do título do rival no Etihad Stadium depois de ir para o intervalo perdendo por 2 × 0 e conseguir virar o jogo surpreendentemente para 3 × 2 no segundo tempo, o que forçou o time de Guardiola a esperar mais um pouco antes de colocar as mãos na taça.

Mas esse episódio resumiu perfeitamente o que Mourinho havia se tornado: o anti-Guardiola, em vez de algo verdadeiramente positivo. Mais uma vez, ele foi demitido na metade de sua terceira temporada, o mesmo estágio em que tinha brigado com jogadores importantes no Real Madrid e depois no Chelsea — situação repetida no Manchester United. O que fez lembrar a famosa frase de Béla Guttmann, que tanto influenciou o futebol português durante os anos 1950 e 1960: "A terceira temporada é fatal".

Mas existiam outras influências portuguesas na Premier League. Marco Silva comandou o Hull City, depois o Watford e então o Everton, e

enfatizava que treinadores como ele só recebiam oportunidades por causa do sucesso inicial de Mourinho. “Ele teve um impacto fantástico para os treinadores portugueses quando surgiu”, explicou Silva. “Alcançou sucesso fantástico no Chelsea, na Inter de Milão e no Real Madrid. Isso abriu portas enormes para que os portugueses viessem trabalhar fora. Portugal teve ótimos treinadores no passado também, mas em sua maioria trabalhando no próprio país. José mudou isso.”

Um dos óbvios discípulos de Mourinho era Nuno Espírito Santo, o goleiro reserva do Porto campeão da Champions League — e primeiro cliente da carreira de Jorge Mendes. Ele conduziu o Wolverhampton Wanderers de volta à Premier League em 2017/18 e conseguiu uma posição confortável no meio da tabela logo na temporada de estreia na primeira divisão. Espírito Santo usou suas conexões com Jorge Mendes para contratar uma série de jogadores portugueses e chegou a usar sete compatriotas em uma mesma partida da Premier League.

Foi o primeiro ex-jogador de Mourinho a atuar como treinador na elite inglesa, mas vários outros membros de comissões técnicas do Special One já haviam feito o mesmo. André Villas-Boas era o analista dos adversários de Mourinho e foi treinar o Chelsea e o Tottenham. Brendan Rodgers, que treinou o Swansea, o Liverpool e o Leicester, atribui boa parte de sua formação futebolística ao trabalho ao lado de Mourinho na primeira passagem do português pelo Chelsea. Enquanto isso, Steve Clarke, ex-auxiliar de Mourinho, comandou o West Bromwich Albion. Os dois maiores símbolos daquele primeiro Chelsea do português, John Terry e Frank Lampard, começaram a carreira de treinadores na segunda divisão e logo passaram a ser considerados possíveis candidatos ao comando do próprio Chelsea — Lampard viria a treinar a equipe entre 2019 e 2021. Também vale notar que diversos técnicos incorporaram os princípios da periodização tática em seu processo de treinamento, mais um legado de Mourinho na Inglaterra.

Um a um, os representantes das primeiras quatro eras de dominação foram deixando a Premier League.

Ronald Koeman foi demitido do Everton em outubro de 2017, Conte e Wenger saíram de seus clubes ao final da temporada 2017/18 e Mourinho se despediu do Manchester United em dezembro de 2018. Duas eras seguiam

representadas: a espanhola e a alemã. E, claro, a Premier League tinha passado a ser dominada pelo Manchester City de Pep Guardiola e pelo Liverpool de Jürgen Klopp.

É difícil avaliar o impacto de Guardiola sobre a Premier League a partir de 2016, uma vez que o Campeonato Inglês já havia sido fortemente influenciado pelo domínio futebolístico do Barcelona e da Espanha muitos anos antes de sua chegada. Vários treinadores tinham decidido jogar um futebol mais baseado na posse de bola, e as estatísticas de retenção de posse contam bem essa história. Nos dez anos entre 2003/04 e 2013/14, o índice médio de acerto de passes na Premier League subiu de 70% para 81%. Mais da metade desse aumento de 11% se verificou em um período de três temporadas: entre 2009/10 e 2011/12, justamente a etapa de maior supremacia do Barcelona e da Espanha. Os principais clubes ingleses já tentavam, de diferentes formas, replicar o modelo do Barcelona: saída de bola pelo chão, construção mais paciente das jogadas de ataque, jogadores mais técnicos no meio de campo e, ocasionalmente, o uso de um falso 9. Além disso, David Silva, Santi Cazorla, Cesc Fàbregas e Juan Mata aportaram na Premier League para introduzir a criatividade espanhola nos clubes ingleses.

Mas o estilo de Guardiola não era puramente espanhol. Para começar, porque o modelo espanhol que ele tinha ajudado a definir já vinha bastante influenciado pelo futebol holandês. Usava pontas bem abertos e insistia em sair jogando com a bola de pé em pé desde a defesa. Ainda mais importante do que isso, porém, Guardiola havia passado os três anos anteriores na Bundesliga e admitia que suas crenças tinham sido modificadas radicalmente. Ao tentar importar a filosofia do Barcelona para o Bayern, acabou precisando encontrar um meio-termo entre os estilos espanhol e alemão. E transferiu esse modelo ao Manchester City.

Desde seu início na Inglaterra, Guardiola usou uma formação que seria inimaginável sob o comando de seu antecessor, Manuel Pellegrini, que geralmente usava um 4-2-3-1 com David Silva, um meia de toque refinado, e Kevin De Bruyne, mais vertical, como parte do trio posicionado atrás de Sergio Agüero. Lesões tinham impedido que Silva e De Bruyne começassem muitas partidas juntos sob o comando de Pellegrini, mas o City nunca pareceu confortável com os dois em campo — o time sacrificava a amplitude e se tornava mais previsível. Quase ninguém, no entanto,

criticava as posições em que os dois meias eram escalados; a maioria dos treinadores teria feito o mesmo.

Guardiola, não. Ele mudou completamente a formação de meio de campo, empregando um 4-3-3 que havia sido sua formação-base tanto no Barcelona quanto no Bayern. Assim, Fernandinho se tornou o cabeça de área único, função que nunca desempenhara antes. "Acho que Fernandinho pode jogar em dez posições diferentes", disse Pep antes de iniciar sua primeira campanha na Premier League. "Ele tem qualidade para jogar em qualquer lugar. É rápido, inteligente, agressivo e bom pelo alto." Escalá-lo à frente da defesa significou, para Guardiola, tomar uma decisão que soava familiar: barrar Yaya Touré. Assim como havia preferido Sergio Busquets em 2010, ele agora preferia Fernandinho em 2016.

Touré também não foi utilizado nas posições mais avançadas. Em vez disso, Guardiola passou a usar Silva e De Bruyne juntos por dentro, onde tinham a responsabilidade de ditar o ritmo do jogo, deixando de contribuir de maneira determinante apenas quando o time chegava ao ataque. Essa decisão criou um trio de meio de campo altamente técnico, mais do que qualquer outro já visto na Premier League. Havia dúvidas se eles conseguiriam aguentar as demandas físicas do futebol inglês, onde as entradas são mais duras, os campos são mais pesados e o calendário de fim de ano, com jogos no Natal e no Ano Novo, deixa os jogadores exaustos. Mas Guardiola não abriria mão de suas ideias.

Era uma abordagem com sabor de verdadeira novidade. Silva e De Bruyne, acostumados a receber a bola de lado ou de costas entre as linhas, passaram a jogar de frente, trocando passes no meio de campo. Os dois se transformaram e começaram a representar a mistura dos estilos espanhol e alemão em Guardiola. Silva era o puro meia espanhol, muito técnico, e fazia lembrar Andrés Iniesta, desviando dos adversários na corrida e dando o passe decisivo antes da assistência, não a assistência em si.

De Bruyne era belga, não alemão, mas havia atuado por três temporadas na Bundesliga antes de chegar ao City, com excelente desempenho em um Wolfsburg que jogava no contra-ataque. Inclusive, mesmo com o Bayern de Guardiola se sagrando campeão alemão com dez pontos à frente do Wolfsburg em 2014/15, De Bruyne foi eleito o melhor jogador do campeonato. Seu jogo era mais verticalizado e intenso do que o de Silva, e

seus passes mais perigosos eram muitas vezes cruzamentos, não enfiadas de bola. “É uma função diferente”, o belga reconheceu. “Uma pequena mudança, mas tudo bem. Nosso técnico tem suas próprias ideias táticas. Agora não jogo como camisa 10, mas como uma espécie de ‘8 livre’, me movimentando por todos os lados.” De Bruyne, assim como Thomas Müller, deu o nome perfeito para a própria função em campo: o “8 livre”.

Com Silva e De Bruyne chegando ao ataque, Guardiola se preocupava em não deixar o meio de campo exposto, e às vezes repetia a tática que tinha utilizado no Bayern de Munique, trazendo os laterais para dentro. Mas a ideia não funcionou com os jogadores que tinha à disposição em sua primeira temporada, e o time quase ficou fora da zona de classificação para a Champions League.

Na segunda temporada de Guardiola, no entanto, a abordagem funcionou muito melhor. O lateral-direito Kyle Walker foi trazido do Tottenham Hotspur, mas em vez de fazer ultrapassagens o tempo todo, passou a ficar mais preso, formando um trio de defesa. Benjamin Mendy deveria avançar pelo outro lado, mas perdeu a maior parte da temporada 2017/18 por lesão. Sem um lateral-esquerdo para substituí-lo, Guardiola recorreu ao enérgico meio-campista Fabian Delph, que, claro, ficava muito mais confortável vindo da lateral para jogar mais centralizado. O meia-atacante Oleksandr Zinchenko também passou a ser usado como lateral-esquerdo, e até o brasileiro Danilo, lateral-direito, chegou a atuar daquele lado. Eles faziam o movimento de fechar o meio de campo para cobrir os espaços deixados pelos dois meias na função de “8 livre”, enquanto o ponta Leroy Sané se mantinha aberto pela esquerda dando amplitude. O City também incrementou sua qualidade técnica na frente e atrás. Sergio Agüero começou a sair mais da área, trocando mais passes com os companheiros, enquanto o recém-chegado goleiro Ederson representou significativa melhora em relação a Bravo.

Muitos ainda duvidavam de que Guardiola fosse capaz de vencer a Premier League com um estilo tão técnico, mas o Manchester City alcançou um patamar inédito em 2017/18. Foi a primeira vez que um time chegou a cem pontos na primeira divisão do Campeonato Inglês. A equipe também registrou o melhor ataque da história, marcando 106 gols, além de ter vencido dezenove das primeiras vinte partidas. A única exceção foi o empate por 1 × 1 contra o Everton de Koeman, quando o City teve um jogador

expulso ainda no primeiro tempo. Na prática, Guardiola venceu a Premier League antes mesmo do Natal e, portanto, o questionamento deixou de ser a respeito da capacidade de seu time para ser campeão e passou a ser sobre a possibilidade de um título invicto e do triunfo também na Champions League.

O City não conseguiu nem uma coisa nem outra. Os dois feitos foram impedidos pelo mesmo adversário: o Liverpool de Klopp. Os Reds conseguiram uma vitória por 4 × 3 pela Premier League em janeiro de 2018, encerrando a sequência invicta do rival, e mais tarde eliminaram o City nas quartas de final da Champions, com um impressionante placar agregado de 5 × 1. Os dois confrontos foram relativamente parecidos. O Liverpool começava muito forte e dominava os momentos iniciais do jogo, renovando sua intensidade logo depois do intervalo, mas o City crescia pouco a pouco, passando a jogar melhor na parte final de cada tempo. Na vitória por 4 × 3, o Liverpool marcou seu primeiro gol aos nove minutos da etapa inicial e ampliou a contagem aos 14, 16 e 23 do segundo tempo. O City empatou aos quarenta minutos do primeiro tempo e diminuiu aos 39 e aos 45 da etapa final. Já na primeira partida pelas quartas de final da Champions League, o time de Klopp executou uma blitz na primeira meia hora e abriu 3 × 0. O jogo resumiu bem a diferença entre as duas equipes. O City construía com a posse da bola e cansava os adversários durante o jogo, assim como o Barcelona de Guardiola. O Liverpool contava com uma forte explosão inicial de energia — porém insustentável —, como o Dortmund de Klopp.

O treinador alemão havia chegado ao Liverpool em outubro de 2015 e imediatamente tentara implementar seu estilo de intensa pressão num empate sem gols contra o Tottenham. Tinha usado todas as suas sessões de treinamento até então para praticar a marcação por pressão, e como resultado, apesar de conseguir recuperar a bola rapidamente, o Liverpool não sabia o que fazer com ela depois. Em sua área técnica, Klopp celebrava de maneira teatral a cada desarme no campo do adversário, ressaltando sua insistência em recuperar a posse de bola o mais rápido possível. “Estou feliz porque, nos primeiros vinte minutos, pressionamos e fomos muito agressivos”, disse depois de sua estreia na Premier League. “Houve um pouco de afobação quando recuperávamos a bola, porque nosso ritmo estava um pouco agitado demais.”

Assim como no Dortmund, Klopp deixou de lado os volantes puramente

marcadores e passou a usar jogadores capazes de ir e voltar, como Jordan Henderson, que podia subir e pressionar os jogadores rivais em vez de simplesmente proteger a defesa. O futebol inglês passou a usar o termo Gegenpressing e Klopp — que ganhara fama na Alemanha comentando na tevê — foi ao programa Monday Night Football da Sky Sports, um ano depois de chegar à Premier League, para detalhar sua interpretação do conceito. Ele se tornou novamente comentarista de tevê por uma noite, movimentando figuras em uma tela digital para demonstrar como seu centroavante precisava se posicionar e se movimentar para forçar o adversário a dar passes para um lado, onde seus companheiros poderiam encaixotar o lateral. Gráficos mostravam estatísticas para comprovar que o Liverpool liderava o campeonato em número de corridas em velocidade e desarmes por jogo. "Nenhum meia criativo no mundo supera uma boa situação de Gegenpressing", reiterou Klopp.

Nas duas primeiras temporadas de Klopp, o Liverpool costumava ir muito bem em jogos grandes contra adversários técnicos, quando podia pressioná-los até submetê-los a seu jogo. A primeira grande vitória do alemão foi um 4 × 1 sobre o Manchester City de Manuel Pellegrini — mas os Reds tinham perdido por 2 × 1 para o Crystal Palace, em casa, na semana anterior. Essa era a tônica da equipe. Contra rivais que jogavam na base da ligação direta, o time de Klopp era incapaz de marcar pressionando e recuperar a bola no campo de ataque, e sua construção de jogadas não saía suficientemente elaborada de modo a furar defesas muito fechadas. O time também tinha dificuldades para se defender em situações simples de jogo e tomava muitos gols de bola parada.

Gradualmente, o Liverpool evoluiu e se tornou mais do que um time de intensidade e pressão. A eficiência no contra-ataque melhorou muito com a chegada de dois atacantes que jogavam pelos lados: Sadio Mané e Mohamed Salah, artilheiro da Premier League em sua primeira temporada. A equipe foi ficando mais paciente e propositiva com a bola, quebrando as marcações adversárias com inteligentes combinações de passe. A defesa também melhorou demais graças à chegada do zagueiro mais caro do mundo, Virgil van Dijk. Dois erros do goleiro Loris Karius custaram ao Liverpool o título da Champions League em 2018, mas a contratação do brasileiro Alisson resolveu os problemas no gol. Na temporada 2018/19, o Liverpool estava pronto para se tornar um sério candidato ao título inglês e, apesar de continuar iniciando as partidas com intensidade impressionante, a

pressão sobre o rival já não era sua única qualidade de destaque.

A melhora do Liverpool com a posse de bola apontava para a influência de Guardiola sobre o trabalho de Klopp, e o melhor exemplo disso foi a incorporação do atacante Roberto Firmino. O brasileiro havia chegado como meia-atacante, em tese para dar assistências aos homens de frente, Christian Benteke e Daniel Sturridge. Mas Benteke foi deixado de lado e depois vendido, enquanto Sturridge perdeu a posição de titular. Firmino se tornou o falso 9 do Liverpool, o equivalente de Leo Messi nos Reds. "Existem muitos tipos de atacantes", explicou Klopp. "Roberto é um jogador muito ofensivo, então é um atacante. Todos me perguntam: 'E o Firmino? Precisamos de um atacante de verdade!', mas Roberto é um atacante. Muitos jogadores de frente têm 1,60 m. Veja Lionel Messi, o que ele é? Firmino sabe jogar e sabe fazer gols, é flexível e está em grande forma. Quando ele chega à área, as coisas acontecem." Depois de usar a camisa 11 em suas duas primeiras temporadas pelo Liverpool, Firmino adotou o número 9, um reflexo de sua mudança de posicionamento. Ele também passou a marcar mais gols de dentro da área e a dar o primeiro combate na marcação por pressão, além de recuar para participar do jogo no meio de campo.

Um gol do Liverpool, marcado em fevereiro de 2019 na vitória por 3 × 0 sobre o Bounemouth, ilustrou à perfeição a filosofia de Klopp. Três jogadores do Liverpool — Mané, Naby Keita e Andy Robertson — cercaram Jordon Ibe perto da linha lateral. Mané desarmou, Keita ficou com a bola e Robertson criou a jogada de perigo com um passe pelo alto para o meio-campista Gini Wijnaldum, que se infiltrou e encobriu o goleiro com a parte externa do pé direito. Wijnaldum tinha encontrado espaço porque Firmino estava posicionado entre as linhas e deslocara de posição o zagueiro Steve Cook. O gol exemplificou as duas principais características do Liverpool de Klopp: a intensa marcação por pressão para recuperar a bola rapidamente e a inteligência de seu falso 9 para criar espaços para os companheiros.

Os dois treinadores que concorriam ao título, Guardiola e Klopp, tinham influenciado um ao outro, e ambos empregavam algum tipo de mescla entre os modelos espanhol e alemão. Mas os dois foram igualmente forçados a se adaptar ao estilo inglês, e Guardiola parecia genuinamente perplexo com o foco dado às bolas paradas. "Entendi o futebol inglês quando vi o Swansea

enfrentar o Crystal Palace. Nove gols na partida, oito de bola parada", constatou Pep de forma bem-humorada, na metade de sua primeira campanha. "É preciso controlar esse aspecto do jogo, e somos incapazes de fazer isso no momento. Oito gols de bola parada — escanteios, faltas, arremessos laterais. Esse é o futebol inglês e eu preciso me adaptar, porque nunca tive essa experiência antes. Claro que há escanteios em outros lugares, mas não com tanta influência no jogo."

Guardiola também falou com desdém sobre as entradas duras que via. "Não sou treinador de carrinhos. Eu não treino carrinhos", resmungou após uma derrota por 4 × 2 para o Leicester. "O que quero é tentar jogar bem e fazer gols. Pra que carrinhos?"

Uma questão muito importante, porém, envolvia a chamada "segunda bola", quando a posse não está com nenhum dos dois times. "Muitas vezes a bola fica mais no ar do que na grama, então preciso me adaptar", admitiu Guardiola. "Estive em Munique e falei com Xabi Alonso sobre a Premier League. Ele me disse: 'Você precisa se adaptar. É a segunda bola! A segunda bola!'. E é verdade, é preciso realmente se adaptar à segunda bola — e à terceira e à quarta. Nunca foquei muito nisso porque no Barcelona, e na Espanha em geral, os jogadores tentam jogar mais ou menos dentro de uma cultura. É por isso que venceram a Copa do Mundo, a Eurocopa, várias vezes a Champions League, a Europa League, toda hora, todo ano. Na Alemanha o jogo era mais físico, mas não como aqui. Os times são mais altos, mais fortes, mais físicos ainda, e é preciso se adaptar e construir a partir disso."

Depois de vencer o Arsenal por 2 × 1 em dezembro de 2016, Guardiola declarou que havia trabalhado especificamente a segunda bola nos treinamentos — mesmo antes de um confronto com um time bastante técnico. "Nos últimos três dias, passamos duas horas e meia treinando a segunda bola e funcionou. É parte do jogo aqui. O time tem que estar compacto para ganhar a segunda bola, e nos últimos dois jogos melhoramos muito nesse aspecto."

Klopp, por sua vez, já havia declarado seu amor pelo "estilo inglês" quando trabalhava na Alemanha, mas também se surpreendeu com a realidade da Premier League — particularmente em relação às condições climáticas e ao jogo físico. "O jogo inglês não é mais rápido que o alemão. Talvez os

jogadores façam algumas arrancadas a mais, mas o estilo aqui é diferente, em parte por causa do clima", explicou. "O vento pode ser extremamente forte na Inglaterra. Não estamos acostumados a isso na Alemanha, e é preciso simplificar as coisas. Jogadores que não são do Reino Unido precisam se acostumar com o vento e, consequentemente, também preciso adaptar meu estilo de jogo. E há muito mais disputas pela segunda bola aqui. Os árbitros ingleses não se parecem muito com seus colegas alemães."

Essa fala dava pistas da irritação de Klopp com a agressividade das tentativas de desarme na Inglaterra, algo que ficou claro quando o Liverpool venceu o Burnley de Sean Dyche em dezembro de 2018 por 3 × 1, mas perdeu por vários meses o defensor Joe Gomez, que teve a perna fraturada. "Ganhamos a partida, mas as entradas foram duras desde o início. Aqueles carrinhos naquele campo molhado… Realmente acho que o árbitro deveria ter interferido antes", reclamou Klopp. "Há um risco enorme de lesão. Foi bastante duro. O cara chega na bola, ótimo, mas é como no boliche, porque pega o jogador também. Aconteceu quatro ou cinco vezes."

Dyche, representante da antiga escola inglesa, respondeu. "Achei que a precisão de algumas entradas foi incrível", declarou, antes de defender o estilo tradicional de jogo ainda respeitado na Inglaterra. "É preciso pegar a bola, é preciso duelar fisicamente com esses caras. Não acho que muitos torcedores no nosso país gostariam de ver um jogo sem disputas como essas." Era uma suposição bem razoável, especialmente na comparação com torcedores alemães ou espanhóis. Estrangeiros que chegam à Inglaterra com um estilo puramente técnico — sejam jogadores como Cristiano Ronaldo ou treinadores como Pep Guardiola — são encorajados a se tornarem mais firmes. O futebol inglês certamente não quer banir do país esse tipo de talento, mas de fato exige que se adaptem ao novo entorno.

Porém, enquanto a imposição física, as tentativas de desarme, as bolas paradas e as segundas bolas se mantêm como a abordagem preponderante entre os times que lutam contra o rebaixamento, essa filosofia foi completamente abandonada no patamar mais elevado do jogo. E, embora ainda tenha dificuldades para formar treinadores de primeira linha, o futebol inglês foi capaz de desenvolver uma ótima geração de jovens jogadores talentosos. Na Copa do Mundo de 2018, a Inglaterra chegou até as semifinais, melhor resultado desde o início da Premier League.

O treinador Gareth Southgate, alçado ao cargo quase por acidente depois da saída de Sam Allardyce pela porta dos fundos, concentrou-se em selecionar jogadores de boa técnica, muitos ainda jovens e que haviam atuado sob seu comando na seleção sub-21. Southgate não era considerado um técnico de ponta quando assumiu — tirando a seleção sub-21, seu único trabalho à frente de um clube tinha sido no Middlesbrough uma década antes, rebaixado da Premier League, com o técnico demitido ainda no início da campanha na segunda divisão. Mas seu estilo equilibrado o transformou em um improvável herói nacional e gerou uma nova onda de otimismo ao redor da seleção nacional. Era fácil identificar a influência dos melhores técnicos da Premier League na estratégia de Southgate.

A Inglaterra usou uma formação incomum para sua seleção na Copa do Mundo de 2018: um 3-5-2, algumas vezes descrito como 3-3-2-2. No gol, Southgate repetiu a decisão de Guardiola ao barrar Joe Hart — titular em boa parte das eliminatórias —, excluindo-o não apenas do time titular, mas da lista de convocados. Em seu lugar, escolheu Jordan Pickford, do Everton, reconhecido por seu jogo com os pés e lançamentos precisos para os atacantes.

Na defesa, a Inglaterra usou três zagueiros pela primeira vez em um grande torneio desde a época em que Southgate ainda jogava. Essa escolha seria quase inimaginável algumas temporadas antes, mas a influência de Conte transformara a Premier League, e quase todos os maiores clubes do país haviam experimentado esse tipo de formação no passado recente. Gary Cahill, do Chelsea, titular como zagueiro pela esquerda no 3-4-3 de Conte, foi convocado, mas Southgate preferiu colocar em campo Harry Maguire, do Leicester. John Stones, que evoluíra sob o comando de Guardiola no Manchester City, jogava na sobra e levava a bola à frente com qualidade. Seu companheiro de clube, Kyle Walker, que era lateral e às vezes fechava por dentro para formar um trio de zaga no City, foi o zagueiro pela direita. Antes, era visto apenas como um lateral-direito de perfil ofensivo, de modo que é muito difícil imaginar que poderia ter sido escalado nessa posição sem o trabalho de Guardiola.

Kieran Trippier e Ashley Young foram os alas — no lugar da dupla mais óbvia, que seria formada por Kyle Walker e Danny Rose —, sobretudo pela qualidade de ambos nas bolas paradas. Formavam, portanto, o setor mais inglês do time. Inclusive, dos onze gols feitos pela Inglaterra no torneio, seis

saíram de faltas ou escanteios e outros três foram marcados de pênalti.

O setor de meio de campo também refletiu os avanços vistos na Premier League. Jordan Henderson foi o cabeça de área, função que nunca havia exercido até a chegada de Klopp ao Liverpool. A seu lado, jogaram Dele Alli, do Tottenham, e Jesse Lingard, do Manchester United; ambos eram considerados jogadores mais ofensivos, meias-atacantes no 4-2-3-1, em vez de meios-campistas propriamente ditos. Mas a abordagem voltada para a técnica implementada por Guardiola no Manchester City mudara as percepções sobre o trio de meio de campo, e Alli e Lingard jogaram, portanto, na função do "8 livre" — para usar a expressão cunhada por De Bruyne —, constantemente atacando as costas da defesa adversária. No ataque, Harry Kane foi o artilheiro da Copa do Mundo, mas seu papel principal com a bola rolando era abrir espaços para Raheem Sterling, já atuando confortavelmente como centroavante, depois de ter jogado nessa função com Guardiola em algumas oportunidades.

Foi fácil sentir empolgação com a campanha inglesa na Copa do Mundo, mas a realidade é que a seleção só venceu a Tunísia, o Panamá e a Suécia, empatou com o bom time da Colômbia — passando de fase nos pênaltis, o que não era comum para os ingleses — e perdeu para os melhores adversários: Croácia e duas vezes para a Bélgica. A vitória subsequente, porém, por 3 × 2 sobre a Espanha na estreia da Liga das Nações se mostrou ainda mais promissora, com Kane, Sterling e Marcus Rashford fazendo boas combinações nos lances de contra-ataque para colocar um 3 × 0 no placar ainda no primeiro tempo. A Inglaterra demonstrou inteligência tática e velocidade para contra-atacar, enquanto uma entrada de Eric Dier em Sergio Ramos logo no início do jogo — que lhe valeu um cartão amarelo — agradou os tradicionalistas. "Jogo bonito? Não. Que venha o pitbull inglês, precisamos de um pouco disso também", foi a análise resumida de Sean Dyche na semana seguinte. "Quase todos os comentários foram de que a entrada de Dier mudou o jogo. Uma entrada dura? Pode isso ainda? A gente ouve a toda hora que quatrocentos passes mudam um jogo. Quem se lembra da última vez que alguém escreveu sobre uma entrada mudando o rumo de uma partida? Quem sabe talvez agora comece uma revolução para deixarem a gente voltar a tentar roubas bolas."

Aquele, no entanto, foi um incidente isolado, e a Inglaterra tinha de fato caminhado em direção a um futebol mais técnico e ofensivo. Nos últimos

anos, tem havido um óbvio esforço para definir precisamente como os ingleses devem jogar. A Federação Inglesa lançou “O DNA da Inglaterra”, um conjunto de diretrizes que indicam “a filosofia de jogo e de treinamento dos times ingleses”.

O documento enfatiza que o foco na marcação por pressão, como identificada no modelo alemão, é “uma parte importante do DNA inglês”, enquanto também acena ao estilo espanhol ao afirmar que “os times ingleses tentam dominar a posse de bola”. O futebol inglês passou a formar um grande número de pontas habilidosos, perigosos no um contra um, como é o caso com as categorias de base portuguesas, e a seleção pode igualmente contar com atacantes super velozes, à moda francesa. Também há referências no documento sobre a necessidade de “adotar diferentes estilos e formações”, algo típico da escola italiana de Coverciano, além da afirmação de que “os goleiros ingleses terão um papel-chave” na manutenção da posse de bola, um legado deixado pela filosofia holandesa.

O “DNA inglês” é essencialmente uma síntese do estilo europeu moderno de futebol, mais do que algo genuinamente inovador. Mas na ausência de treinadores locais que pensem de maneira progressista, isso é o máximo que o futebol inglês pode ser: um espelho do resto da Europa, um importador de ideias. Vale a pena recordar a declaração de Charles Hughes em 1990, quando disse que o mundo do futebol estava se movendo na direção errada fazia trinta anos. Hoje, o futebol inglês deixou de ignorar as três décadas mais recentes de futebol estrangeiro; em vez disso, tem tomado esse período como inspiração na busca por sua própria identidade.

Epílogo

De certa forma, talvez hoje as identidades futebolísticas importem menos do que nunca. Após 25 anos sem que um clube conquistasse a Champions League duas vezes seguidas, o Real Madrid de Zinedine Zidane venceu três títulos em sequência, entre 2016 e 2018.

Era difícil decifrar a identidade daquele time, e ela tinha pouco a ver com o estilo de qualquer nação específica. Não era uma equipe particularmente espanhola, e tampouco refletia o modelo mais adotado no país de origem de seu treinador, como havia acontecido com o Barcelona de Cruyff, que parecia holandês, e o Real Madrid de Fabio Capello, que parecia italiano. Zidane era francês, mas seu estilo de jogo mudara consideravelmente quando ele atuou na Itália e, posteriormente, na Espanha.

Os jogadores daquele Real Madrid, do mesmo modo, também provinham de lugares variados. O goleiro era costa-riquenho, e a defesa, formada por nomes da Espanha, da França e do Brasil. O trio de meio de campo contava com um brasileiro, um croata e um alemão, enquanto no ataque havia um português, um francês e, a depender da preferência tática de Zidane, um galês ou um espanhol. Esse talvez tenha sido, entre os times da elite do futebol na era moderna, o mais cosmopolita, mas, considerando o sucesso em sequência na Champions League, os torcedores do Real não se queixavam do fato de a equipe não representar o estilo espanhol — ou qualquer outro estilo.

Acompanhar futebol, porém, não é apenas contabilizar troféus. As torcidas cantam sobre as glórias do passado, mas também sobre a história de seu clube e aquilo que lhes dá orgulho. Esses sentimentos se manifestam, pelo menos em parte, quando torcedores desejam ver seus times jogando de uma maneira que respeite suas tradições — uma identidade que claramente é influenciada pelo país onde o clube está sediado.

Mesmo o mais dogmático filósofo do futebol moderno, Johan Cruyff — cuja visão sobre o jogo foi abraçada ao redor do continente —, acreditava que os times deveriam refletir suas localizações geográficas. “A melhor maneira de

melhorar não é copiando o que acontece na Espanha ou na Itália, mas olhando primeiro para si mesmo. E olhar para si mesmo significa distinguir suas habilidades e cuidar de suas fraquezas. Não dá para exigir que um alemão jogue como um holandês ou um italiano", disse ele. "Não posso chegar, como holandês que sou, na Inglaterra ou na Itália, e jogar o futebol que mais me agrada. Não. Você joga futebol como a torcida quer que você jogue."

E o que é crucial: a Uefa propaga uma crença essencial na heterogeneidade dos estilos. "A missão da Uefa no trabalho de base se apoia na crença fundamental de que o futebol é para todos", declarou a entidade que comanda o futebol europeu em 2018. "Além disso, considerando que a força do futebol está em sua base popular, a Uefa acredita na importância de preservar as identidades locais, regionais e nacionais." Existe a intenção declarada de que os times representem suas raízes e mantenham uma diversidade de estilos.

Essa diversidade não é importante apenas no sentido futebolístico. O futebol é, para milhões de pessoas ao redor da Europa, a melhor oportunidade de conhecer mais sobre os próprios vizinhos. Seja o tema da conversa o liberalismo holandês, o multiculturalismo francês ou a independência catalã, o futebol — e os estilos futebolísticos — muitas vezes oferece uma introdução a esses assuntos. É por isso que funciona como uma janela para outras culturas e uma ferramenta valiosa. O futebol europeu coloca os países do continente frente a frente como rivais, mas apenas por noventa minutos. Num sentido maior, faz muito mais para uni-los em um mesmo propósito.

Agradecimentos

Foi muito agradável trabalhar, pela segunda vez, com Jack Fogg e todos na HarperCollins. Agradeço a Mark Bolland, Simon Gerratt e Alan Cracknell pela atuação crucial nos bastidores, a Simeon Greenaway por mais uma ilustração genial de capa, e a Orland Mowbray e Josie Turner pelos esforços de marketing e publicidade. Obrigado ao meu agente literário Chris Wellbelove por me encorajar a iniciar um segundo livro logo depois do lançamento do primeiro.

Eu me sinto em dívida com várias pessoas, muitas das quais nunca conheci pessoalmente, pelo gigantesco trabalho de pesquisa que este livro demandou. Ahmed Abdel-Hamid contribuiu imensamente assistindo a dezenas de partidas e elaborando análises detalhadas. Sou muito grato por sua ajuda.

Também precisei de muito apoio com traduções. A seção italiana foi a mais complicada. Alessandro Pugliese, Steve Mitchell e Gregory Caltabanis compuseram brilhantes resumos das temporadas da Serie A, enquanto Jan Mazza forneceu traduções de entrevistas. Will Beckman pesquisou muito — e simplesmente sabia muito também. Jack Unwin liberou o acesso ao melhor arquivo de revistas Football Italia que podia ser encontrado em Londres. E London Kim me entregou um dossiê incrivelmente detalhado sobre a Juventus da metade da década de 1990.

Priya Ramesh ajudou com a seção holandesa em troca de alguns copos de cerveja em uma apresentação da banda Wolf Alice, e Ali Maxwell "aproveitou" suas férias de verão ao mergulhar em livros sobre o futebol francês em busca do verdadeiro significado da "função Makélélé". Tiago Estêvão me fez entender o futebol português, e Rob Hunt traduziu algumas entrevistas. Lewis Ambrose traduziu alguns textos-chave do alemão.

Agradeço a Jack Lang, Ruper Cane, Duncan Alexander, Tom Williams, Rupert Fryer, Luke Lacey, Mark Sadler e Rob Fielder pelas respostas a diversas perguntas. Jamie Cutteridge transportou cerca de cem edições da revista World Soccer de Poole até um jogo do Kingstonian. O vídeo da

música “Hard to Explain”, da banda The Strokes, trouxe a inspiração para o formato em flashback da seção inglesa do livro.

A bibliografia traz uma lista completa de fontes, mas é preciso destacar os trabalhos de David Winner, Tom Kundert, Guillem Balague, Graham Hunter, Martí Perarnau e Raphael Honigstein, que escreveram livros definitivos sobre países-chave ou times citados aqui. Também aprendi muito com Rene Maric e Adin Osmanbasic, duas pessoas que ajudaram a elevar de maneira significativa o nível das análises táticas na internet.

Gostaria igualmente de dar crédito àqueles que cobriram o futebol europeu ao longo dos anos: James Richardson e a Football Italia apresentaram um mundo diferente para muitos de nós, enquanto Simon Kuper, David Goldblatt, Gabriele Marcotti, Andy Brassell e Jonathan Wilson também foram grandes inspirações. Foi um enorme prazer revisitar trinta anos de edições da revista World Soccer, uma fonte incrível que, nos tempos que precederam a internet, era essencialmente o único lugar onde se podia conhecer mais sobre o futebol do exterior.

Obrigado a todos aqueles a quem já agradeci em meu livro anterior, mais ou menos pelas mesmas coisas, muito embora meus pais mereçam menção especial por todo o apoio moral que me deram, e por terem uma impressora que funciona. Obrigado também a todos do The Totally Football Show por permitirem que eu interrompesse minhas participações, com duas ausências de um mês inteiro cada para que pudesse terminar o livro.

Por fim, gostaria de agradecer imensamente a todos os que fizeram críticas, sugestões e comentários ao meu primeiro livro, The Mixer. Foi fantástico ler os reviews na Amazon e no Goodreads, além dos posts com a hashtag no Instagram, e ter a chance de ver quais foram as partes mais destacadas na edição digital da obra. Se não fossem os elogios ao livro anterior, eu não teria passado mais dois anos fazendo pouca coisa além de escrever este aqui.

Bibliografia

livros

agnew, Paddy. Forza Italia. Londres: Ebury, 2006.

ancelotti, Carlo. Il mio albero di Natale. Milão: Rizzoli, 2013.

ancelloti, Carlo. Liderança tranquila. Campinas: Editora Grande Área, 2018.

auclair, Philippe. Thierry Henry. Londres: Macmillan, 2012.

balague, Guillem. Pep Guardiola. Londres: Orion, 2012.

balague, Guillem. Messi, Londres: Orion, 2013.

balague, Guillem. Ronaldo. Londres: Orion, 2016.

ball, Phil. Morbo. Londres: WSC Books, 2001.

barend, Fritz. Ajax, Barcelona, Cruyff. Londres: Bloomsbury, 1998.

bergkamp, Dennis. Stillness and Speed. Londres: Simon & Schuster, 2013.

bliss, Dominic. Erbstein. Londres: Blizzard Books, 2014.

borst, Hugo. O, Louis. Londres: Yellow Jersey Press, 2014.

brassell, Andy. All or Nothing. Oxford: Trafford, 2006.

burke, Greg. Parma. Londres: Gollancz, 1998.

burns, Jimmy. Barça. Londres: Bloomsbury, 2000.

burns, Jimmy. La Roja. Londres: Simon & Schuster, 2012.

caioli, Luca. Ronaldo: A obsessão pela perfeição. Rio de Janeiro: Editora QualityMark, 2014.

cameron, Colin. Football, Fussball, Voetbal. Londres: BBC, 1995.

condò, Paolo. Duellanti. Milão: Baldini + Castoldi, 2016.

cox, Michael. The Mixer. Londres: HarperCollins, 2017.

cruyff , Johan. A autobiografia. Campinas: Editora Grande Área, 2020.

dauncey, Hugh & hare, Geoff. France and the 1998 World Cup. Londres: Frank Cass, 1999.

della pietra, Ray & rinaldi, Giancarlo. Football Italia. Londres: Virgin, 1993.

desailly, Marcel. Capitaine. Paris: Stock, 2002.

digby, Adam. Juventus. Huddersfield: Ockley Books, 2015.

djorkaeff, Youri. Snake. Paris: Éditions Grasset, 2006.

duff, Alex & panja, Tariq. Football's Secret Trade. Chichester: John Wiley & Sons, 2017.

dugarry, Christophe. Le foot. Paris: Éditions Hugo & Cie, 2009.

eriksson, Sven-Göran. Sven. Londres: Headline, 2013.

escher, Tobias. Vom Libero zur Doppelsechs. Reinbek, Rowohlt: Taschenbuch, 2016.

ferguson, Sir Alex. My Autobiography. Londres: Hodder & Stoughton, 2015.

fieldsend, Daniel. A escola europeia. Campinas: Editora Grande Área, 2018.

fitzpatrick, Richard. El Clásico. Londres: Bloomsbury, 2012.

foot, John. Calcio. Londres: HarperCollins, 2006.

fort, Patrick & philippe, Jean. Zidane. Paris: Éditions de l'Archipel, 2017.

franck, Dan. Zidane. Paris: Éditions Robert Laffont & Plon, 1999.

glanville, Brian. The Story of the World Cup. Londres: Faber & Faber, 2014.

goldblatt, David. The Ball Is Round. Londres: Penguin, 2007.

gullit, Ruud. How to Watch Football. Londres: Penguin, 2016.

hawkey, Ian. Di Stéfano. Londres: Ebury, 2016.

hesse, Uli. Tor!. Londres: WSC Books, 2002.

hesse, Uli. Bayern. Londres: Yellow Jersey Press, 2016.

honigstein, Raphael. Das Reboot. Londres: Yellow Jersey Press, 2015.

honigstein, Raphael. Klopp. Campinas: Editora Grande Área, 2019.

hunter, Graham. Barça. Campinas: Editora Grande Área, 2018.

hunter, Graham. Spain. Escócia: BackPagePress, 2013.

ibrahimović, Zlatan. Eu sou Zlatan. Santos: Realejo, 2017.

iniesta, Andrés. The Artist: Being Iniesta. Londres: Headline, 2016.

jankowski, Timo. Successful German Soccer Tactics. Maidenhead: Meyer & Meyer, 2015

king, Jeff. Bobby Robson’s Year at Barcelona. Londres: Virgin, 1997.

kormelink, Henny. Louis van Gaal and the Ajax Coaches. Pennsylvania: Reedswain, 1997.

kundert, Tom. A Journey through Portuguese Football. Lisboa: Chiado, 2013.

kundert, Tom. The Thirteenth Chapter. Lisboa: Chiado, 2017.

kuper, Simon. Football Against the Enemy. Londres: Orion, 1994.

kuper, Simon. The Football Men. Londres: Simon & Schuster, 2007.

lahouri, Besma. Zidane: une vie secrète. Paris, Flammarion, 2008.

lawrence, Amy. Invincible. Londres: Penguin, 2014.

leboeuf, Frank. Destin, quand je te tiens. Flammarion, 2002.

lehmann, Jens. Der Wahnsinn liegt auf dem Platz. Colônia: Verlag Kiepenheuer, 2010.

lizarazu, Bixente. Lizarazu. Paris: Grasset, 2007.

lourenço, Luís. José Mourinho. Stockport: Dewi Lewis, 2004.

lowe, Sid. Fear and Loathing in La Liga. Londres: Yellow Jersey Press, 2013.

lyttleton, Ben. Twelve Yards. Londres: Bantam Press, 2014.

lyttleton, Ben. Edge. Londres: HarperCollins, 2017.

makélélé, Claude. Tout Simplement. Paris: Éditions Prolongation, 2009.

marcotti, Gabriele. Capello. Londres: Transworld, 2010.

martin, Simon. Sport Italia. Londres: I.B. Taurus, 2011.

meijer, Martin. Guus Hiddink. Londres: Random House, 2006.

meijer, Martin. Louis van Gaal. Londres: Ebury, 2014.

michels, Rinus. Teambuilding. Leeuwarden: Uitgeverij Eisma, 2001.

montague, James. The Billionaires Club. Londres: Bloomsbury, 2017.

neveling, Elmar. Jürgen Klopp. Londres: Ebury, 2016.

özil, Mesut. Die Magie des Spiels. Colônia: Bastei Lübbe, 2017.

perarnau, Martí. Guardiola confidencial. Campinas: Editora Grande Área, 2015.

perarnau, Martí. Pep Guardiola: A evolução. Campinas: Editora Grande Área, 2017.

petit, Emmanuel. À fleur de peau. Paris: Éditions Prolongations, 2008.

pires, Robert. Footballeur. Londres: Yellow Jersey Press, 2004.

pirlo, Andrea. Penso Quindi Gioco. Milão: Mondadori, 2013.

ramsay, Arnaud. Laurent Blanc. Paris: Éditions Fetjaine, 2012.

reng, Ronald. Matchdays. Londres: Simon & Schuster, 2013.

rinaldi, Giancarlo. I Classici del Calcio. Dumfries: Rinaldi, 2015.

rivoire, Xavier. Arsène Wenger. Londres: Aurum Press, 2007.

rouch, Dominique. Didier Deschamps. Paris: Edition 1, 2001.

rühn, Christov. Le Foot. Londres: Abacus, 2000.

sacchi, Arrigo. Calcio totale. Milão: Mondadori, 2006.

saha, Louis. Thinking Inside the Box. Kingston upon Thames: Vision, 2012.

seban, Alexandre. Les bleus à l’Euro. Paris: De Boeck Supérieur, 2016.

siguero, Santiago. Zinedine Zidane. Madri: Al Poste, 2015.

theiner, Egon & schlammerl, Elisabeth. Trapattoni. Dublin: Liberties Press, 2008.

thuram, Lilian. 8 Juillet 1998. Paris: Anne Carrière, 2004.

torres, Diego. The Special One. Londres: HarperCollins, 2014.

totti, Francesco. Mo je faccio er cucchiaio. Milão: Mondadori, 2006.

trapattoni, Giovanni. Coaching High Performance Soccer.

Pennsylvania: Reedswain, 1999.

trezeguet, David. Bleu ciel, Paris. Hugo Sport, 2016.

vella, Christian. Roger Lemerre. Paris: Éditions du Félin, 2002.

vialli, Gianluca. The Italian Job. Londres: Transworld Press, 2006.

vieira, Patrick. Vieira. Londres: Orion, 2006.

wahl, Grant. Football 2.0. Escócia: BackPagePress, 2018.

williams, Tom. Do You Speak Football?. Londres: Bloomsbury, 2018.

wilson, Jonathan. The Outsider. Londres: Orion, 2012.

wilson, Jonathan. A pirâmide invertida. Campinas: Editora Grande Área, 2016.

wilson, Jonathan. Angels with Dirty Faces. Londres: Orion, 2016.

winner, David. Brilliant Orange. Londres: Bloomsbury, 2000.

zauli, Alessandro. Soccer: Modern Tactics. Michigan: Data Reproductions, 2002.

jornais

AS

A Bola

Bild

Corriere dello Sport

Daily Mail

Daily Telegraph

De Telegraaf

Die Zeit

El País

Guardian

Het Laatste Nieuws

Independent

L’Équipe

La Gazzetta dello Sport

La Nación

La Repubblica

Marca

Mundo Deportivo

O Jogo

Record

Sport

Süddeutsche Zeitung

The Times

revistas

11 Freunde

Blizzard

Champions

El Gráfico

Football Italia

FourFourTwo

France Football

Soccer Laduma

World Soccer

websites

bbc.co.uk

bdfutbol.com

espnfc.co.uk

footballia.net

football-lineups.com

kassiesa.home.xs4all.nl

portugal.net

skysports.com

spielverlagerung.com

whoscored.com

wikipedia.com

youtube.com